

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

5



1995
OEIRAS

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 5 • 1995



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
1995

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS
Volume 5 • 1995 **ISSN: 0872-6086**

COORDENADOR E
RESPONSÁVEL CIENTÍFICO – João Luís Cardoso
PREFÁCIO – Isaltino Morais
CAPA – João Luís Cardoso
FOTOGRAFIA – Autores assinalados
DESENHO – Bernardo Ferreira, salvo os casos
devidamente assinalados
PRODUÇÃO – Luís Macedo e Sousa
CORRESPONDÊNCIA – Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho
de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras
2780 OEIRAS

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E
REVISÃO DE PROVAS – João Luís Cardoso
MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO – Sogapal, Lda.
DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

PREFÁCIO

Interesso-me pessoalmente, de há muito, pelos trabalhos desenvolvidos pelo Prof. Doutor João Luís Cardoso no âmbito da Arqueologia do Concelho de Oeiras. Em Agosto de 1986 visitei, pela primeira vez, as escavações então ainda quase no começo, no povoado pré-histórico de Leceia, por ele dirigidas. Pude, então, aperceber-me da importância e responsabilidade que os Municípios detêm na investigação, valorização e aproveitamento do Património Arqueológico, manancial que se encontra, salvo honrosas exceções, carecido de medidas urgentes de salvaguarda. O decisivo impulso que, desde então, aquelas escavações conheceram, mercê da determinação daquele arqueólogo, mas também dos apoios prestados pela Câmara Municipal de Oeiras e pelo IPPAR, consubstanciou-se em milhares de materiais arqueológicos recolhidos, adequadamente divulgados desde as desprezíveis palestras aos alunos das escolas do Concelho, até às comunicações a reuniões internacionais e publicações em revistas de nomeada. O bom acolhimento que tais iniciativas tiveram junto dos Municípios, estiveram, ainda, na origem da criação, por minha proposta, em Outubro de 1988, do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras, ao tempo um dos primeiros a ser organizado a nível autárquico.

A Arqueologia é uma área muito exigente quanto à dedicação pessoal e à solidez científica por parte de quem a pratica de forma consequente. Ciente dessa realidade, e porque a protecção e valorização deste Património passa não apenas pelo seu estudo, adequado e credível, mas, sobretudo, pela apresentação pública dos resultados obtidos, promovi a criação de uma série especializada, os “Estudos Arqueológicos de Oeiras”, destinada à publicação dos estudos que, nesse âmbito, viessem a ser preparados por elementos do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras. Assumia-se, desta forma, a Câmara Municipal de Oeiras, não apenas como estrutura

de resposta às necessidades dos seus munícipes, mas ainda, como importante agente motivador e formador nesta área, como bem prova a intensa actividade desenvolvida pelo Centro de Estudos Arqueológicos.

É assim que, naturalmente, vem a lume o quinto número da série, o qual se deve, como os anteriores, ao Prof. Doutor João Luís Cardoso, que a este Projecto meteu ombros e incansavelmente alimenta, com o seu trabalho persistente e continuado. É, aliás, o seu labor, caracterizado pela procura incessante de novas vias para a investigação arqueológica, que explica a diversidade dos temas tratados neste volume, o primeiro da série sem carácter monográfico, para os quais recorreu a especialistas de diversas áreas científicas, estabelecendo com eles relações de trabalho profícuas, cujas vantagens seria supérfluo enaltecer.

Do Paleolítico inferior à Alta Idade Média, esta obra constitui valioso repositório de estudos, nalguns casos metodologicamente inovadores, como o dedicado à petrografia dos materiais de pedra polida, ou à metalografia de um pequeno lingote de cobre, materiais em ambos os casos provenientes de Leceia, ou ainda os relativos ao estudo da avifauna ou da cronologia absoluta daquele povoado pré-histórico de primeira grandeza no contexto da Arqueologia Peninsular. A análise monográfica de materiais recolhidos naquele *ex-libris* oeirense, e que, pelas suas características, justificavam estudo detalhado, constitui o núcleo do volume, completado por outros contributos do espaço concelhio. Contudo, as actuais fronteiras administrativas eram desconhecidas das gerações pretéritas, que ocuparam esta privilegiada região ribeirinha do Tejo e do Oceano. Justifica-se, deste modo, a inclusão de estudos relativos a área geográfica alargada, afirmando-se os “Estudos Arqueológicos de Oeiras”, na penúria do panorama editorial arqueológico nacional, como publicação de índole regional. Os vinte e três artigos publicados documentam tal opção, colocando o Município a que presido entre aqueles que, no País, mais consequentemente tem promovido um programa editorial nesta área, cujo interesse não se esgota na viabilização de novas e mais fortes relações dos Municípios com o seu território, para se projectar a nível nacional e internacional.

É, pois, com satisfação pessoal, e em nome da Câmara Municipal de Oeiras, que felicito o Prof. Doutor João Luís Cardoso, agradecendo, igualmente, a todos os especialistas que, com o seu trabalho, enriqueceram este volume.

O Presidente,



Isaltino de Morais

ÍNDICE

	Pág.
G. ZBYSZEWSKI, J. L. CARDOSO, M. LEITÃO & C. T. NORTH A jazida paleolítica do Reduto de Renato Gomes Freire (Alto da Barra) – Oeiras . . .	11
J. L. CARDOSO & G. ZBYSZEWSKI Três jazidas paleolíticas do Complexo Basáltico de Lisboa: Damaia, Venteira e Casal da Barroca (Amadora)	23
J. L. CARDOSO & G. ZBYSZEWSKI Jazida paleolítica de Vargem Marinho (Sintra)	39
J. L. CARDOSO Novas escavações na gruta da Ponte da Lage (Oeiras). Revisão dos materiais paleolíticos	49
J. L. CARDOSO Materiais arqueológicos inéditos das grutas de Carnaxide (Oeiras)	67
J. L. CARDOSO Para o conhecimento da agricultura no concelho de Oeiras: do Neolítico ao Período Romano	87
J. L. CARDOSO, M. LEITÃO, J. NORTON, O. DA VEIGA FERREIRA & C. T. NORTH O santuário calcolítico da gruta do Correio-Mor (Loures)	97
J. L. CARDOSO & A. BARROS E CARVALHOSA Estudos petrográficos de artefactos de pedra polida do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). Análises de proveniências	123
J. L. CARDOSO & F. BRAZ FERNANDES Estudo arqueometalúrgico de um lingote de cobre de Leceia (Oeiras)	153
L. GOURICHON & J. L. CARDOSO L'avifaune de l'habitat fortifié chalcolitique de Leceia (Oeiras, Portugal)	165
M. TELLES ANTUNES & J. L. CARDOSO Ictiofauna do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras)	187
J. L. CARDOSO Ossos de cetáceo utilizados no calcolítico da Estremadura	193

ÍNDICE (continuação)

	Pág.
J. L. CARDOSO & M. TELLES ANTUNES Dentes de tubarões miocénicos em contextos pré-históricos portugueses. Estudo comparado dos materiais de Leceia (Oeiras)	199
J. L. CARDOSO Os ídolos falange do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). Estudo comparado	213
J. L. CARDOSO Possíveis pontas de seta calcólicas de osso do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras)	233
J. L. CARDOSO Cerâmicas decoradas a pente, do Calcolítico pleno de Leceia (Oeiras) e da Penha Verde (Sintra)	243
J. L. CARDOSO Símbolos sexuais do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras)	251
A. M. MONGE SOARES & J. L. CARDOSO Cronologia absoluta para as ocupações do Neolítico final e do Calcolítico inicial do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras)	263
J. L. CARDOSO & J. R. CARREIRA O povoado pré-histórico de Montes Claros (Lisboa). Resultados das escavações de 1988	277
J. L. CARDOSO Os mamíferos no quotidiano romano. Algumas reflexões a propósito dos restos de Conimbriga	299
J. L. CARDOSO, G. CARDOSO & M. F. GUERRA A necrópole tardo-romana e medieval de Talaíde (Cascais). Caracterização e integração cultural. Análises não destrutivas do espólio metálico	315
J. L. CARDOSO Arqueologia, turismo e Poder Local: o exemplo do concelho de Oeiras	341
J. L. CARDOSO Relatório das actividades desenvolvidas no decurso de 1993, 1994 e 1995	349
Dos Jornais	373
Das Revistas	375

Estudos Arqueológicos de Oeiras,
5, Oeiras, Câmara Municipal, 1995, pp. 11-21

A JAZIDA PALEOLÍTICA DO REDUTO DE RENATO GOMES FREIRE (ALTO DA BARRA) – OEIRAS

G. Zbyszewski⁽¹⁾; J.L. Cardoso⁽²⁾; M. Leitão & C.T. North

1 – INTRODUÇÃO

A existência de um nível de depósitos de praia quaternária em S. Julião da Barra é de há muito conhecida. Com efeito, na Carta Geológica dos Arredores de Lisboa (folha 3 - Cascais), na escala de 1/50000, publicada em 1935 (CHOFFAT, 1935) assinala-se um pequeno retalho detrítico na parte ocidental do esporão onde se ergue a fortaleza, no limite entre os concelhos de Oeiras e de Cascais.

Mais tarde, BREUIL & ZBYSZEWSKI (1945, p. 241) referem-se ao depósito plisto-cénico de São Julião da Barra, incluindo-o no conjunto de praias tirrenianas que acompanham o litoral oceânico desde o Guincho até à barra do Tejo. Na altura em que o observaram, encontrava-se exposto um corte produzido pela lavra de um areiro, já então abandonado. A sucessão estratigráfica respectiva comportava na base níveis de areias finas argilosas, sobrepostas por depósitos de areias grosseiras e seixos, com abundantes elemento basálticos (p. 246), os quais forneceram duas peças

⁽¹⁾ *Academia das Ciências de Lisboa e Instituto Geológico e Mineiro. Rua da Academia das Ciências, 19, 2.º, Lisboa.*

⁽²⁾ *Professor da Universidade Nova de Lisboa e Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras - Câmara Municipal de Oeiras. Sócio efectivo da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Associação Profissional de Arqueólogos.*

talhadas, recolhidas “in situ”. Uma delas, uma lasca acheulense, não rolada, foi determinante para a atribuição ao Tirreniano do depósito em causa. Com efeito, a altimetria a que este se desenvolve, a cerca de 20 m de altitude, é comparável com a de outros depósitos que, ao longo da costa portuguesa, têm sido atribuídos ao Tirreniano.

O depósito ainda observado por H. Breuil e G. Zbyszewski nos inícios da década de 1940 desapareceu; entretanto, no decurso das obras de construção do complexo habitacional do Alto da Barra, no início da década de 1970, novos cortes foram executados, pondo a descoberto extensas frentes de depósitos detríticos, essencialmente grosseiros. Data dessa época a recolha dos exemplares agora estudados, alguns deles “in situ”, pelos signatários deste trabalho M.L. e C.T.N. e J.L.C.

Por se tratar de zona presentemente muito alterada na sua morfologia primitiva, em consequência da construção do referido complexo habitacional, a qual arrasou ou tornou inacessíveis os depósitos plistocénicos a novas colheitas de materiais arqueológicos – adicionando valor aos disponíveis – e ainda por ser um dos raros locais da região que forneceu peças paleolíticas “in situ”, julgamos que o respectivo estudo se justifica.

Saliente-se, ainda, que se trata da única estação do concelho de Oeiras, do Paleolítico inferior e médio, não relacionada com o rico conjunto de ocorrências do Complexo Basáltico de Lisboa, tão bem representado nesta região (Cardoso *et al.*, 1992).

2 – DESCRIÇÃO DOS MATERIAIS

Série I – Acheulense superior – Peças com ligeiro desgaste

Seixos raspadores

– Um pequeno seixo de quartzito. Reverso, metade esquerda e base do anverso de superfície primitiva. Bordo direito do anverso retocado em raspador subrectilíneo. Extremidade superior arredondada, truncada, com 2 negativos de lascas. Arestas com pequeno desgaste e ligeira eolização (Fig. 1, n.º 1).

Dimensões: 62 mm x 45 mm x 30 mm

– Um seixo raspador de quartzito, de grande formato, com superfície primitiva ocupando o reverso bem como a metade inferior e o centro do anverso. Anverso afeiçãoado por lascas subverticais em raspador convexo unifacial (Fig. 1, n.º 2).

Dimensões: 108 mm x 81 mm x 49 mm

Série II – Acheulense superior - Peças quase sem desgaste

Calotes de seixo

– Um calote de seixo de quartzito com reverso de superfície primitiva. Anverso de plano de separação com retoques nos bordos em mais de metade da periferia. Parte inferior do bordo direito com fractura accidental.

Dimensões: 80 mm x 70 mm x 37 mm

– Uma calote de seixo de quartzito com reverso de superfície primitiva. Anverso com negativos de lascas tiradas a partir dos bordos. Vestígios de retoques no bordo direito (Fig. 1, n.º 4).

Dimensões: 66 mm x 57 mm x 30 mm

Núcleos poliédricos

– Três fragmentos de núcleos poliédricos de quartzito. Um deles mostra um dos bordos afeiçoado num gume convexo, ziguezagueado.

Dimensões do maior: 75 mm x 80 mm x 50 mm

Dimensões do menor: 45 mm x 40 mm x 38 mm

– Dois fragmentos de núcleos poliédricos de sílex. O maior mostra um dos bordos afeiçoado em raspador. O menor, de técnica tayacense, apresenta retoques em dois bordos.

Dimensões do maior: 36 mm x 40 mm x 29 mm

Dimensões do menor: 44 mm x 31 mm x 17 mm

Raspadeira nucleiforme

– Um pequeno fragmento de seixo de quartzito com a maior parte do anverso e base do reverso de superfície primitiva. Anverso retocado no bordo direito e na extremidade superior, afeiçoada em raspadeira nucleiforme. Reverso com 4 ou 5 negativos de lascas ocupando a maior parte daquela face.

Dimensões: 34 mm x 40 mm x 20 mm

Raspador transversal rectilíneo

– Uma lasca achatada de quartzito com reverso de plano de separação. Anverso em maior parte de superfície primitiva. Extremidade superior com vestígios de retoques em raspador transversal rectilíneo.

Dimensões: 49 mm x 46 mm x 14 mm

Raspadores simples convexos

- Oito raspadores simples convexos sobre lascas de quartzito e uma de quartzito.
Dimensões do maior: 64 mm x 44 mm x 21 mm
Dimensões do menor: 35 mm x 25 mm x 15 mm

Raspadores duplos convergentes

- Uma lasca de quartzito acastanhado com reverso de plano de separação, bolbo e plano de percussão de superfície primitiva. Anverso com metade inferior de superfície primitiva e extremidade superior afeiçãoada em gume triangular com vestígios de retoques e aspecto de raspador duplo convergente.

Dimensões: 54 mm x 40 mm x 18 mm

- Duas lascas de quartzito com superfície primitiva ocupando a totalidade do reverso numa e a metade esquerda na outra. Reverso com aresta longitudinal encostada ao bordo esquerdo. Ambos os bordos apresentam-se retocados em raspadores duplos convergentes na lasca mais pequena e em raspadores duplos convexos na lasca maior, com talhe bifacial.

Dimensões da maior: 45 mm x 32 mm x 14 mm

Dimensões da menor: 39 mm x 30 mm x 12 mm

- Um fragmento de sílex esbranquiçado com reverso de plano de separação convexo-côncavo e com vestígios de superfície primitiva. Anverso com 3 negativos de lascas principais. Bordo lateral direito convexo. Bordo lateral esquerdo convexo na metade superior e com truncatura na metade inferior. Extremidade superior em ponta triangular ligeiramente arredondada, com vestígios de retoques em raspador duplo convergente.

Dimensões: 62 mm x 45 mm x 20 mm

Raspadores duplos subrectilíneos

- Uma lasca estreita e alongada de quartzito com reverso de plano de separação e aresta longitudinal encostada ao bordo direito. Anverso ligeiramente convexo na parte central. Bordos laterais com ligeiros retoques bifaciais, afeiçãoados em raspadores duplos subrectilíneos. Extremidade superior com negativo de lasca ligeiramente côncavo.

Dimensões: 57 mm x 34 mm x 25 mm

- Uma lasca achatada, estreita e alongada, de sílex. Reverso de plano de separação com retoques na extremidade superior em raspador transversal inclinado para a esquerda. Anverso na maior parte coberto pelo cortex. Bordos laterais afeiçãoados em raspadores duplos subrectilíneos. Base retocada, inclinada para a direita.

Dimensões: 75 mm x 37 mm x 19 mm

Raspador duplo subrectilíneo e côncavo

– Uma lasca de sílex castanho-avermelhado. Reverso de plano de separação com vestígios de bolbo e de plano de percussão na parte inferior do bordo direito, fortemente convexo. Parte superior do mesmo bordo afeiçoada em raspador côncavo. Base convexa truncada inclinada para a esquerda. Bordo lateral esquerdo retocado em raspador subrectilíneo ligeiramente convexo. Extremidade superior triangular arredondada, com vestígios de retoques. Anverso convexo. Bordo direito com negativo côncavo alongado, de cima até à base convexa e truncada. Bordo esquerdo com gume irregular côncavo. Extremidade superior triangular retocada. Aresta longitudinal inclinada para direita, acompanhando o bordo direito.

Dimensões: 42 mm x 30 mm x 10 mm

Raspador duplo convexo

– Uma lasca pentagonal achatada de sílex com reverso de plano de separação. Vestígios de bolbo e de plano de percussão facetado na base, estreita, com pequenos retoques, na parte inferior do bordo direito e na extremidade superior, triangular e larga. Bordo direito do anverso com gume triangular retocado e bordo esquerdo em raspador convexo. Extremidade superior triangular retocada.

Dimensões: 30 mm x 25 mm x 7 mm

Raspador duplo convexo e convexo-côncavo

– Uma lasca pentagonal achatada de sílex. Reverso de plano de separação com vestígios de bolbo e de plano de percussão na parte inferior do bordo esquerdo. O ângulo entre os planos de percussão e de separação é muito aberto lembrando os do “Clactonense”. Bordo direito do reverso com gume triangular. Bordo esquerdo truncado, côncavo na parte superior e convexo na parte inferior. Anverso ligeiramente convexo. Base subrectilínea. Bordo lateral direito com gume convexo. Bordo esquerdo triangular com forte saliência central separando uma parte côncava na metade superior de outra, subrectilínea, com vestígios de pequenos retoques na parte inferior. Extremidade superior em ponta triangular afilada.

Dimensões: 42 mm x 43 mm x 12 mm

Percutor

– Uma metade estreita e alongada de seixo de quartzito. Bordo direito do anverso subrectilíneo, de clivagem. Bordo esquerdo e maior parte do reverso de superfície primitiva. Metade superior do anverso e extremidade superior do reverso com algum trabalho de regularização e com lascamentos produzidos pelas percussões. O objecto foi utilizado como percutor.

Dimensões: 90 mm x 49 mm x 49 mm

Lascas retocadas diversas

– Cinco lascas retocadas de sílex, uma delas de técnica tayacense.

Dimensões da maior: 30 mm x 22 mm x 10 mm

Dimensões da menor: 22 mm x 13 mm x 8 mm

Série III – Acheulense superior – Peças com arestas vivas ou ligeira eolização

Seixo com extremidade superior em ponta

– Um pequeno seixo de quartzito com a superfície primitiva ocupando a totalidade de uma das faces e a maior parte da outra. Reverso trabalhado na extremidade superior, afeiçoada em ponta afilada e com gume inclinado para direita.

Dimensões: 51 mm x 29 mm x 18 mm

Calotes de seixo

– Uma pequena calote de seixo de quartzito com reverso de superfície primitiva e anverso com forte saliência central, atravessada por aresta longitudinal separando o anverso em duas partes cobertas por alguns negativos de lascas tiradas a partir dos bordos.

Dimensões: 43 mm x 35 mm x 27 mm

– Uma calote de seixo de quartzito alongada com reverso em maior parte de superfície primitiva. Bordo direito com larga truncatura que vem juntar-se à da base, convexa. Anverso irregular devido à natureza da rocha. Aresta longitudinal acompanhando o bordo direito, com gume retocado convexo. Bordo esquerdo com gume também convexo. Extremidade superior em larga raspadeira convexa bem retocada. (Fig. 1, n.º 5).

Dimensões: 77 mm x 61 mm x 34 mm

Núcleos

– Três fragmentos de núcleos de quartzito com vestígios de retoques num dos bordos.

Dimensões do maior: 40 mm x 25 mm x 26 mm

Dimensões do menor: 26 mm x 20 mm x 15 mm

Raspadores simples convexos

– Um seixo de quartzito com reverso e base do anverso de superfície primitiva. Bordo esquerdo do anverso afeiçoado em raspador convexo por 2 grandes negativos. Bordo direito com truncatura. Extremidade superior triangular.

Dimensões: 70 mm x 56 mm x 34 mm

– Uma lasca de quartzito com reverso de plano de separação côncavo e bordo inferior com alguns retoques em raspador convexo. Anverso com aresta longitudinal encostada ao bordo direito. Bordo esquerdo afeiçoado em raspador simples convexo. Extremidade superior em ponta triangular irregular.

Dimensões: 38 mm x 33 mm x 14 mm

– Uma pequena lasca de quartzito. Reverso com dois negativos e bordo esquerdo truncado. Anverso com bordo direito subrectilíneo de truncatura e bordo esquerdo afeiçoado em raspador convexo por pequenos negativos de lascas subverticais.

Dimensões: 30 mm x 22 mm x 9 mm

Raspador duplo convergente com extremidade superior em ponta

– Uma lasca de quartzito com reverso de plano de separação. Anverso em maior parte de superfície primitiva. Bordo esquerdo convexo e metade superior do bordo direito subrectilíneo, ligeiramente côncava, afeiçoados em raspadores duplos convergentes com ponta triangular afilada na extremidade superior (Fig. 1, n.º 3).

Dimensões: 55 mm x 60 mm x 20 mm

Raspadores duplos subrectilíneos com extremidade superior em raspadeira

– Uma pequena lasca sílex castanho-avermelhado. Reverso de plano de separação. Anverso convexo, com extremidade superior em raspadeira. Bordos laterais retocados subrectilíneos. Base inclinada para a esquerda.

Dimensões: 21 mm x 15 mm x 9 mm

Raspadores duplos convexos

– Uma lasca subtriangular de quartzito com reverso de plano de separação. Base de superfície primitiva, subrectilínea, inclinada para a esquerda. Extremidade superior em ponta subtrapezoidal, ligeiramente retocada. Anverso com aresta longitudinal central. Bordos laterais convexos com ligeiros retoques em raspadores duplos convexos. A forma lembra exemplares do Paleolítico superior ou do Mesolítico.

Dimensões: 28 mm x 18 mm x 9 mm

Furador

– Um fragmento de quartzito com reverso e parte central do anverso planos. Bordos laterais e base do anverso com truncaturas subverticais. Extremidade superior afeiçoada em furador afilado.

Dimensões: 35 mm x 47 mm x 28 mm

Lâminas

– Uma lasca de sílex alongada, aparentada às lâminas. Reverso de plano de separação. Anverso com secção transversal subtrapezoidal. Bordo direito subrectilíneo. Bordo esquerdo convexo. Base truncada transversalmente. Extremidade superior inclinada para a esquerda com vestígios de pequenos retoques.

Dimensões: 30 mm x 18 mm x 6 mm

– Uma lasca de sílex cinzento, estreita e alongada, aparentada às lâminas, muito irregular devido à natureza da rocha. Reverso de plano de separação muito irregular. Anverso com aresta longitudinal central. Bordos também irregulares, um deles subrectilíneo e outro convexo-côncavo.

Dimensões: 54 mm x 22 mm x 14 mm

Lascas retocadas diversas

Cinco lascas com vestígios de retoques. Uma delas possui plano de percussão facetado e outra plano de percussão de superfície primitiva.

Dimensões da maior: 41 mm x 35 mm x 11 mm

Dimensões da menor: 22 mm x 14 mm x 7 mm

– Uma lasca achatada de quartzito. Reverso de plano de separação com vestígios de 2 bolbos e plano de percussão na base. Anverso com base ligeiramente rectilínea e retocada. Extremidade superior em raspador largo subrectilíneo, ligeiramente convexo. Bordos laterais convexos com alguns retoques. Anverso com vestígios de lascas tiradas a partir de todos os bordos.

Dimensões: 41 mm x 35 mm x 12 mm

Lasca residual

– Uma lasca achatada de sílex acastanhado. Reverso de plano de separação, bolbo e plano de percussão liso num dos bordos. Anverso irregular com 3 pequenos negativos de lascas principais e outros mais pequenos.

Dimensões: 26 mm x 24 mm x 9 mm

Os resultados do estudo analítico-descritivo podem ser sumarizados no QUADRO I.

QUADRO I – Distribuição tipológica dos artefactos

Material de quartzito	I	II	III
Seixo com extremidade superior em ponta			1
Seixos raspadores	2		
Calotes de seixos		2	2
Núcleos poliédricos e fragmentos		3	3
Raspadeiras nucleiformes		1	
Raspador transversal subrectilíneo		1	
Raspadores simples convexos		8	3
Raspadores duplos convergentes		3	
Raspador duplo convergente com extremidade superior em ponta			1
Raspador duplo subrectilíneo		1	
Raspador duplo convexo			1
Percutor		1	
Furador			1
Lascas retocadas diversas			1
Lascas residuais			
Material de sílex			
Núcleos poliédricos		2	
Raspador e raspadeira			1
Raspador duplo convergente		1	
Raspador duplo subrectilíneo		1	
Raspador duplo subrectilíneo e côncavo		1	
Raspador duplo convexo		1	
Raspador duplo convexo e convexo-côncavo		1	
Lâminas			2
Lascas retocadas diversas		5	5
Lasca residual			1
Totais	2	32	22

3 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerado o QUADRO I, verifica-se que a Série I está representada apenas por dois seixos raspadores de quartzito, a Série II por 32 exemplares dos quais 20 de quartzito e 12 de sílex e a Série III por 22 exemplares dos quais 13 de quartzito e 9 de sílex.

A Série II caracteriza-se pela presença dos seguintes instrumentos:

- 1 raspadeira nucleiforme de quartzito
- 1 raspador transversal subrectilíneo de quartzito

3 raspadores duplos convergentes de quartzito
1 raspador duplo subrectilíneo de quartzito
1 percutor de quartzito
2 núcleos poliédricos de sílex
1 raspador duplo convergente de sílex
1 raspador duplo subrectilíneo de sílex
1 raspador duplo subrectilíneo e côncavo de sílex
1 raspador duplo convexo de sílex
1 raspador duplo convexo e convexo-côncavo de sílex.

Por seu turno, a Série III caracteriza-se pela presença dos seguintes instrumentos:

1 seixo de quartzito com extremidade superior em ponta
1 raspador duplo convergente de quartzito com extremidade em ponta
1 raspador duplo convexo de quartzito
1 furador de quartzito
1 lasca retocada e 2 residuais de quartzito
1 raspador e raspadeira de sílex
2 lâminas de sílex
1 lasca residual de sílex.

Finalmente, verifica-se que o número de raspadores simples convexos é maior na Série II (8 exemplares) que na Série III (3 exemplares), predominando largamente os exemplares sobre seixos rolados quartzíticos, disponíveis no local, ao contrário do sílex, sobretudo usado na jazidas do Complexo Basáltico de Lisboa existentes na zona, mais para Norte e Nordeste.

BIBLIOGRAFIA

BREUIL, G. & ZBYSZEWSKI, G (1945) – Contribution à l'étude des industries paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la géologie du Quaternaire. 2 – Les principaux gisements des plages quaternaires du littoral d'Estremadura et des terrasses fluviales de la basse vallée du Tage. *Comunic. Serv. Geol. Port.*, 26, p. 1-662.

CARDOSO, J.L.; ZBYSZEWSKI, G. & ANDRÉ, M.C. (1992) – O Paleolítico do Complexo Basáltico de Lisboa. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 3, p. 1-645.

CHOFFAT, P. (Coord., 1935) – *Carta Geológica dos Arredores de Lisboa na escala de 1/50000* (folha 3 - Cascais). Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa.

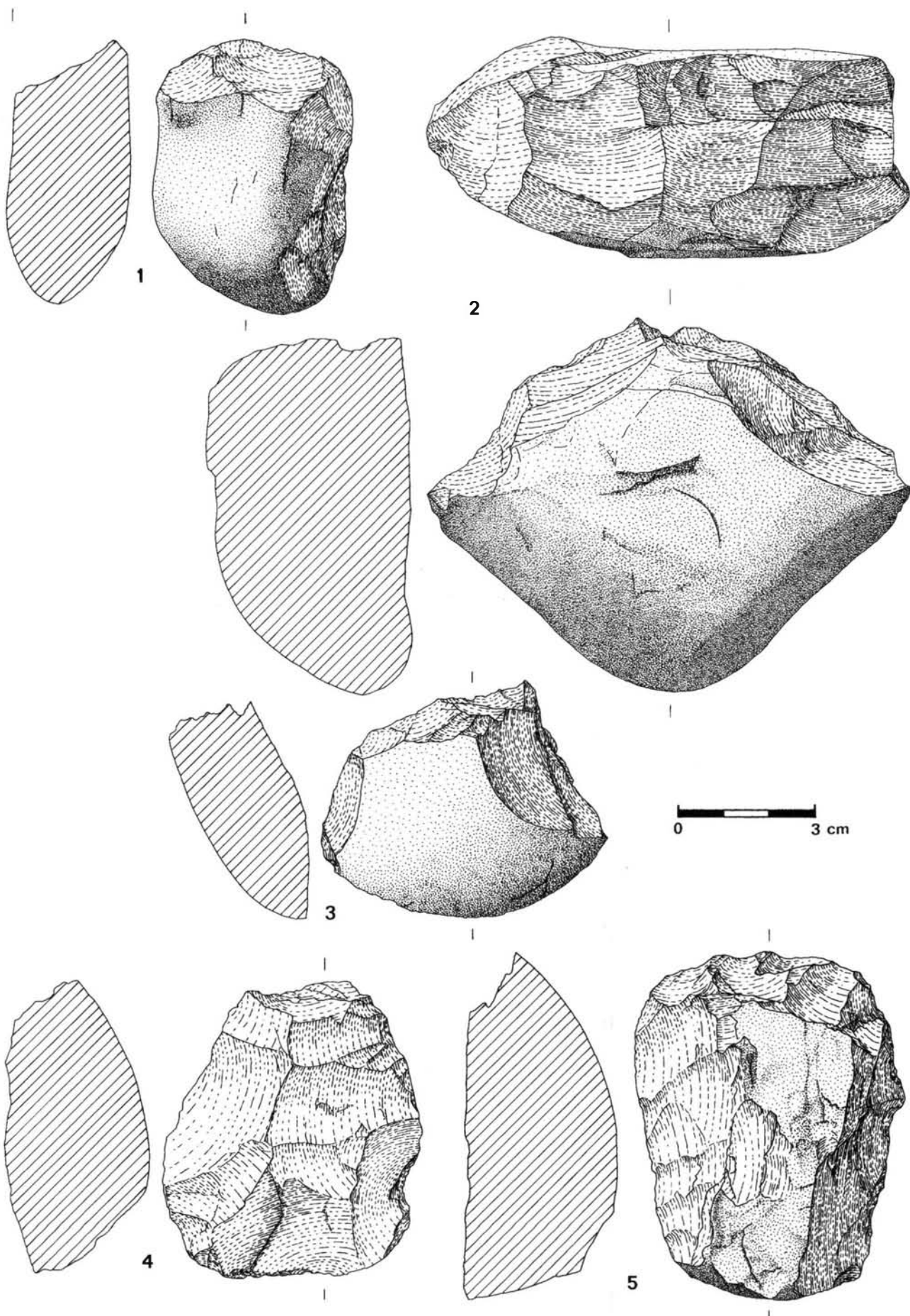


Fig. 1 – Materiais paleolíticos do Reduto de Renato Gomes Freire (Alto da Barra, Oeiras).

Estudos Arqueológicos de Oeiras,
5, Oeiras, Câmara Municipal, 1995, pp. 23-37

TRÊS JAZIDAS PALEOLÍTICAS DO COMPLEXO BASÁLTICO DE LISBOA: DAMAIA, VENTEIRA E CASAL DA BARROCA (AMADORA)

João Luís Cardoso⁽¹⁾ & Georges Zbyszewski⁽²⁾

1 – INTRODUÇÃO. ASPECTOS METODOLÓGICOS

Os materiais cujo estudo agora se apresenta fazem parte das colecções do Museu do Instituto Geológico e Mineiro, a quem foram oferecidos pelo Eng. M. Alves Costa, que, na região da Amadora, procedeu nas décadas de 1930 e 1940 à colheita de abundantes materiais paleolíticos. Com efeito, na área adjacente da actual cidade, mercê destes e doutros investigadores locais, de que cabe salientar J. Ollivier, a quantidade e importância dos elementos recolhidos foi tal, que este último considerou justificada a criação do termo “Paleolítico da Amadora”, para descrever o conjunto do espólio paleolítico referido (OLLIVIER, 1951). Contudo, a distribuição das jazidas alarga-se geograficamente, tanto para Este como para Oeste ou para Norte e Sul daquela que foi, justamente, considerada, a área nuclear de achados, sempre em estreita dependência da geomorfologia e características geológicas – daí a designação, mais abrangente, de Paleolítico do Complexo Basáltico de Lisboa – cuja identidade e especificidade foi demonstrada recentemente (CARDOSO *et al.* 1992), em

⁽¹⁾ *Professor da Universidade Nova de Lisboa e Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras. Sócio efectivo da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Associação Profissional de Arqueólogos.*

⁽²⁾ *Academia das Ciências de Lisboa e Instituto Geológico e Mineiro.*

estudo de conjunto dedicado às mais importantes jazidas desta região. As três que agora se estudam, situam-se na zona nuclear dos achados. Como já antes fizemos notar (CARDOSO *et al.*, 1992, p. 27), tal concentração não se poderá confundir com uma mancha única. Há, com efeito, locais onde se reconhecem escassos ou nenhuns artefactos, contrastando com outros, onde aqueles são abundantíssimos, o que justificou a judiciosa observação de J. FONTES (1912, p. 13), um dos pioneiros do estudo de tais indústrias: “Não são vestígios de uma grande estação, mas caracterizadas estações com instrumentos típicos. São efectivamente pouco afastadas umas das outras, mas por isso, como à primeira vista pareceria, não implica que formem uma única. Se assim fosse, não se compreenderia o encontrarem-se, por exemplo, instrumentos em abundância em A-da-Maia, e nenhuns no espaço que medeia entre esta e a do Casal das Osgas”. Isto, não obstante as lavouras que, desde a Pré-história, mas com especial intensidade do Período Romano aos nossos dias, têm remexido os solos, favorecendo uma dispersão artificial dos artefactos, além das acções naturais que, no decurso dos tempos produziram remobilizações difíceis de quantificar (especialmente a acção da gravidade e o transporte em torrentes de lama). De facto, trata-se, invariavelmente de materiais de superfície, ou jazendo a pequena profundidade, sempre na camada de solo arável. Desta forma, a seriação destas indústrias em termos diacrónicos só será possível tendo em consideração a sua tipologia e estado físico, ou seja, a pátina. Foi com estes critérios que BREUIL & ZBYSZEWSKI (1942) consideraram os materiais paleolíticos do Complexo Basáltico de Lisboa subdivididos em seis séries sucessivas, as quais constituem, obviamente, uma partição artificial de uma sucessão contínua, denunciando a frequência ininterrupta desta unidade geopedológica natural por gerações e gerações de bandos de caçadores-recolectores.

Deste modo, a constituição de grupos de artefactos com base no seu estado físico, só terá significado se baseado em um número mínimo, representativo do ponto de vista estatístico, por forma a se ultrapassarem as limitações devidas a casos particulares. Preconizámos anteriormente um número mínimo de cem peças (CARDOSO *et al.*, 1992, p. 31) como susceptível de assegurar aquele desiderato. Como então assinalámos, se há limitações à aplicação do método, há também factores que podem facilitar (e acrescentaremos, validar) a sua utilização. A existência de peças com diferentes pátinas, resultantes da reutilização e re-afeiçoamento em épocas sucessivas, pode constituir bom auxiliar para a confirmação da sequência geral estabelecida, atendendo à fácil coloração que os artefactos adquirem, quando em contacto com os solos basálticos, ricos em óxidos e hidróxidos de ferro. Assim se explicam as pátinas muito escuras, do castanho-chocolate ao quase negro, acompanhadas de intensa eolização e rolamento, nas séries mais antigas (do Acheulense antigo) até às peças esbranquiçadas, não coloridas, dos tempos pós-Paleolíticos, passando pelas colorações castanho-avermelhadas ou amareladas, do Paleolítico médio, com brilho mais

ou menos intenso devido à eolização. Como bem salientou M. HELENO (1956, p. 246), “pode-se argumentar que o seu (de Breuil) critério de classificação, baseado nas pátinas e no desgaste, nem sempre oferece segurança (...).

Mas não se pode negar que a grande soma de observações e materiais colhidos convergentes e concordantes, dão ao edifício uma estrutura segura e racional e um amplo horizonte”. Por outras palavras, a justificação dada, há mais de meio século, por BREUIL & ZBYSZEWSKI (1942, p. 32) para a utilização do método das séries, no estudo de materiais líticos de superfície – constituindo as vastas séries de artefactos paleolíticos dos arredores de Lisboa um campo privilegiado de aplicação do método – é matéria perfeitamente válida e actual: “Dans un milieu sub-aérien donné, tous les cailloux taillés abandonnés par l’homme à la surface du sol ont subi, au cours des âges, les mêmes actions naturelles, thermiques et mécaniques, à moins d’avoir été protégés de ces actions par des dépôts plus récents qui les auraient recouverts. On peut donc, avec une certaine précision, établir la succession approximative des industries, suffisamment écartées dans le temps, d’un gisement sub-aérien, d’après leur état d’usure et leur patine”.

A estação de A-da-Maia, ou modernamente, da Damaia, foi descoberta que em simultâneo e independentemente por V. Correia e J. Fontes, que dela deu uma pequena notícia (FONTES, 1912), atribuindo-lhe, então, maior importância que a outras, descobertas na mesma altura: Casal das Osgas, Quinta de Salregos, Quinta de Alfragide de Baixo e a estação de “Ao pé da estrada de Queluz a Ajuda”. O autor reconhece a presença de artefactos de diversas épocas, do Acheulense, Mustierense e, mesmo do Magdalenense (o que não confirmámos no presente estudo).

Por seu turno, as estações do Casal da Barroca e de Venteira não são mencionadas no ano de 1912, nem por FONTES (1912) nem por CORREIA (1912). O seu descobrimento deve ter-se efectuado em época ulterior, porém antes de 1932, data em que são inventariadas por PAÇO (1932). O mesmo autor, na revisão daquele inventário volta a referir-se-lhe (PAÇO, 1940). Porém, os respectivos materiais mantiveram-se inéditos, tal como aconteceu com os da Damaia. Este facto, e as comparações que, doravante, são viabilizadas pela publicação do estudo de conjunto referido anteriormente (CARDOSO *et al.*, 1992), incluindo os materiais mais importantes desta notável região paleolítica, justificaram a apresentação deste trabalho.

2 – A MATÉRIA-PRIMA

O QUADRO I resume a distribuição dos tipos mais importantes de matéria-prima pelas jazidas estudadas.

A esmagadora maioria dos instrumentos é de sílex, matéria-prima que, pelas suas

privilegiadas características – facilidade de lascagem e dureza – justificaria abastecimento e ulterior transporte para as zonas destas jazidas, onde tal matéria-prima não existe. Documenta-se, assim, um interessante aspecto, ainda não devidamente valorizado antes do trabalho de síntese já referido (CARDOSO *et al.*, 1992), da economia e abastecimento de matérias-primas estratégicas, por parte destas comunidades do Paleolítico, especialmente no Paleolítico médio.

QUADRO I – Distribuição da matéria-prima

		Quartzo (%)	Sílex (%)	Quartzito (%)
Damaia	Série I	1 (0,1)	7 (4,5)	2 (1,3)
	Série II	0 (0)	33 (21,3)	8 (5,2)
	Série III	0 (0)	61 (39,4)	9 (5,8)
	Série IV + V	0 (0)	33 (21,3)	1 (0,6)
Venteira	Série I	0 (0)	0 (0)	1 (0,8)
	Série II	0 (0)	18 (13,8)	0 (0)
	Série III	0 (0)	65 (50)	1 (0,8)
	Série IV + V	0 (0)	44 (33,8)	0 (0)
Casal da Barroca	Série I	0 (0)	3 (4,5)	1 (1,3)
	Série II	0 (0)	16 (21,3)	2 (5,2)
	Série III	0 (0)	65 (39,4)	9 (5,8)
	Série IV + V	0 (0)	4 (21,3)	1 (0,6)

3 – AS INDÚSTRIAS

Os três conjuntos objecto deste estudo possuem interesse desigual. O mais importante, pelo número de peças, corresponde à estação da Damaia, onde se recolheram 154 peças. Na Venteira, obtiveram-se, em três locais próximos uns dos outros, 131 exemplares. Finalmente, o Casal da Barroca forneceu 107 artefactos.

Procurando uniformização na análise destes três conjuntos, tendo em vista a obtenção de elementos susceptíveis de comparação, consideraram-se as seguintes quatro séries gerais, com base sobretudo na patine e na tipologia:

- Série I – Acheulense antigo e médio;
- Série II – Acheulense superior e Mustierense;
- Série III – Mustierense (subdividida em duas sub-séries, III a e III b);
- Série IV + V – Paleolítico superior e pós-Paleolítico.

A Série I integra exemplares de sílex de coloração castanha-escura, muito eolizados, por vezes com arestas boleadas por rolamento. A Série II corresponde a exemplares menos eolizados, com brilho e arestas menos gastas. A Série III é caracterizada por peças com muito brilho e arestas pouco gastas. Por último, as Séries IV e V possuem peças com arestas vivas, sem coloração nem eolização.

Considerando a distribuição tipológica da utensilagem pelas quatro séries gerais descritas, obtiveram-se os resultados, resumidamente apresentados nos QUADROS 2 a 4 para as três estações paleolíticas em apreço.

Considerando a distribuição da utensilagem por séries verifica-se que são, sempre, as séries correspondentes ao Mustierense (ou ao Paleolítico médio, se se preferir uma designação mais abrangente) as melhor representadas. Trata-se de valores que oscilam entre 72% (Casal da Barroca) e 44,9% (Damaia), passando por 50,8% (Venteira). As percentagens indicadas – consideradas representativas, dado o número de peças recolhidas em quaisquer das jazidas ser, sempre, superior a 100 – encontram-se subavaliadas, atendendo a que a Série III integra, também, utensílios de idade Mustierense.

Estes resultados estão conformes às conclusões obtidas no estudo de conjunto já antes citado (CARDOSO *et al.*, 1992). Com efeito, o auge da ocupação paleolítica dos terrenos basálticos dos arredores de Lisboa ter-se-á verificado no Acheulense Superior e Mustierense, embora a região fosse já povoada desde o Pré-Acheulense, há seguramente mais de um milhão de anos (CARDOSO & PENALVA, 1979; CARDOSO, 1995).

A análise da distribuição tipológica da utensilagem pelas cinco séries gerais estabelecidas conduz-nos às seguintes conclusões gerais:

- os bifaces e “unifaces” acantonam-se, apenas, nas séries mais antigas, acheulenses, estando representados somente em Damaia, por escassos exemplares;

- os núcleos poliédricos, correspondentes a técnica de talhe anterior à levallois, são ainda mais escassos que os bifaces e unifaces: apenas dois exemplares em Damaia e um em Venteira. No primeiro caso, são de época mustierense; o último, pertence já ao Paleolítico superior, atestando a sobrevivência de tal técnica, a qual persistiu em épocas muito mais modernas;

- os núcleos mustierenses ou aparentados, além de escassos exemplares levallois, estão, igualmente, mal representados (3 exemplares em Damaia, 1 em Venteira – encosta para Casal do Choupo); todos eles pertencem às séries mustierenses, demonstrando que se trata de técnica de talhe especialmente utilizada nessa época;

- não estão representados seixos afeiçoados, embora estejam presentes produtos de debitação deles obtidos. Trata-se de exemplares quartzíticos, disponíveis localmente, onde constituíram os últimos testemunhos de níveis detríticos plio-quaterná-

QUADRO II – Damaia. Distribuição da utensilagem

	SÉRIES					
	I	II	IIIa	IIIb	IV	V
Bífaces	1	4	1			
Unífaces		1				
Núcleos e raspadeiras nucleiformes	1		3			2
Núcleos poliédricos				2		
Núcleos discoidais mustierenses				3		
Raspadeiras		1		1		
Raspadeiras nucleiformes				1		
Raspadores e raspadeiras				1		
Raspadores simples convexos	1	1	3	1		
Raspadores simples convexo-côncavos	1	1				
Raspadores simples convexo-côncavos com extremidade em ponta triangular					1	
Raspadores simples côncavos				1		
Raspadores duplos convergentes	1	1	2	3	1	1
Raspadores duplos subrectilíneos		2				
Raspadores subrectilíneos e convexos		3	3	2	1	2
Raspadores duplos subrectilíneos e côncavos			1			
Raspadores duplos subrectilíneos e convexo-côncavos	1	4	1		1	1
Raspadores duplos subrectilíneos côncavos e convexos		1				
id. com extremidade superior em ponta aburilada			1			
Rasp. duplos convexos e subrectilíneo-convexos			1			
Raspadores duplos convexos		2	2	1	2	1
Raspadores duplos convexos e côncavos		6		4	1	1
Raspadores duplos convexo-côncavos			2	1	2	
Rasp. duplos convexo-côncavos e convexos	1	3	2	3	2	2
id. com extremidade superior em furador		1				
Raspadores duplos convexo-côncavos e côncavos		1				
Rasp. duplos convexos com extrem. sup. em ponta triangular				2	4	
Lascas retocadas com extremidade superior em ponta	2					
Lascas retocadas em toda a periferia		8	7	2	1	1
Pontas		1				
Lâminas			1	3	1	1
Lascas retocadas diversas	1		5	3		
Lascas não retocadas						4
Totais	10	41	34	36	18	16

QUADRO III – Venteira. Distribuição da utensilagem

	SÉRIES				
	I	II	IIIa	IIIb	IV
Calotes de seixo	1			1	
Núcleo poliédrico					1
Raspador simples subrectilíneo					1
Raspador simples convexo				2	
Raspador transversal			1		
Raspador transversal denticulado com bordos laterais convexos e côncavos		1			
Raspadores duplos convergentes		3		4	2
Raspadores duplos subrectilíneos			1	1	2
Raspadores duplos subrectilíneos e convexos			1		2
Raspadores duplos subrectilíneos e côncavos		1	1		
Rasp. duplos subrectilíneos e convexo-côncavos				1	1
Raspadores duplos convexos			4	5	1
Rasp. duplos convexos com extremidade em ponta			5		
Raspadores duplos convexos e côncavos		3		3	
Rasp. duplos convexos e côncavos com extremidade em furador				1	1
Raspadores duplos convexos e convexo-côncavos		2		4	2
Raspadores duplos convexo-côncavos				1	1
Rasp. duplos convexo-côncavos com extremidade em ponta				1	
Raspadores duplos convexo-côncavos e côncavos				5	
Raspadores duplos côncavos					1
Lâminas					3
Lascas retocadas em toda a periferia		7	6	7	4
Lascas retocadas diversas				2	
Totais	1	18	18	40	20

Encosta fronteira a Venteira junto da linha férrea		
	IIIb	IV
Raspadores duplos convexos e convergentes	1	1
Raspador duplo subrectilíneo		1
Raspadores duplos convexos		2
Raspadores duplos convexos e côncavos		3
Raspadores duplos convexo-côncavos	1	
Raspadores duplos convexos e convexo-côncavos		2
Totais	2	9

QUADRO III (continuação) – Venteira – Encosta para Casal do Choupo

	SÉRIES		
	IIIa	IIIb	IV
Núcleos mustieróides		1	
Raspadores simples convexos		1	
Raspadores duplos subrectilíneos		1	
Raspadores duplos subrectilíneos e convexos			2
Raspadores duplos subrectilíneos e convexo-côncavos			1
Raspadores duplos convexos			1
Raspadores duplos convexo-côncavos			2
Raspadores duplos convexos e côncavos		1	2
Raspadores duplos triangulares e convexos com extremidade em ponta	1		
Lascas retocadas em toda a periferia			1
Lascas retocadas diversas			1
Totais	1	4	10

Parte inferior da encosta da Venteira junto da estrada de Sintra		
	III	IV
Raspador simples subrectilíneo	1	
Raspador duplo subrectilíneo e convexo		1
Raspador duplo convexo		1
Raspadores duplos convexos e convexo-côncavos		2
Lascas retocadas em toda a periferia		1
Totais	1	5

rios, relacionados com altos níveis de estacionamento marinho (CARDOSO & PENALVA, 1979; CARDOSO, 1995);

– os raspadores simples e duplos constituem as categorias mais abundantes de artefactos. Estão representados em todas as séries das três jazidas. São mais abundantes os raspadores duplos, nos diversos tipos em que se podem desdobrar: convergentes, convexos, convexo-côncavos, rectilíneos, etc. Trata-se de um tipo de artefactos cuja manufactura era favorecida pela boa qualidade da matéria-prima disponível: o sílex. A morfologia, sempre idêntica, destas peças, que correspondia à funcionalidade idealmente delas pretendida, manteve-se inalterada desde o Mustierense até épocas pós-paleolíticas;

QUADRO III – Casal da Barroca. Distribuição de utensilagem

	SÉRIES				
	I	II	IIIa	IIIb	IV
Raspadeiras nucleiformes				1	
Raspadeiras e raspadores				1	
Raspadores simples convexos		5		2	
Raspadores simples côncavos			2		
Raspadores transversais		2		1	
Raspadores duplos convergentes		1	13	4	
Raspadores duplos subrectilíneos e convexos			5	3	1
Raspadores duplos subrectilíneos e convexo-côncavos				1	1
Raspadores duplos subrectilíneo-convexos e convexo-côncavos			1		
Raspadores duplos convexos	1	1	4	4	
Raspadores duplos convexos e convexo-côncavos			4	3	1
Raspadores duplos convergentes convexos e côncavos				1	
Raspadores duplos convexos e côncavos	1	4	8	3	
Raspadores duplos convexo-côncavos	1	3			1
Raspadores duplos convexo-subrectilíneos e convexo-côncavos	1				
Raspadores duplos concâvos			1		
Lâminas		2			
Pontas				2	
Tarières (Trados)			2		
Lascas retocadas em toda a periferia				6	7
Totais	4	18	42	32	4

– outros grupos tipológicos – pontas, raspadeiras, furadores – ou não se encontram representados ou apresentam-se documentados por escassos exemplares, desprovidos de interesse comparativo;

– enfim, como seria de esperar, as lâminas concentram-se nas séries mais recentes, a partir do Mustierense.

4 – CONCLUSÕES

A conclusão geral extraída do estudo comparado da distribuição do instrumental lítico nas três estações em causa é a de que existe homogeneidade em tal distribui-

ção; por outras palavras, a evolução diacrónica da distribuição tipológica nos três casos não evidencia assimetrias. Tal situação, reforçando as conclusões antes obtidas (CARDOSO *et al.*, 1992, p. 200), vem acentuar o carácter uniforme das jazidas de superfície paleolíticas dos terrenos basálticos dos arredores de Lisboa, validando a designação então adoptada: a de Paleolítico do Complexo Basáltico de Lisboa, constituindo uma das concentrações mustierenses mais notáveis do todo peninsular.

Infelizmente, as limitações inerentes à própria amostragem – antigas colheitas, não exaustivas nalguns casos, desprezando sobretudo lascas sem trabalho – impedem a aplicação de métodos de análise tipológica mais “finos”, designadamente sobre a técnica de lascamento.

As três estações paleolíticas cujos materiais damos neste trabalho a conhecer inscrevem-se na zona nuclear de achados, a qual tem vindo a ser progressivamente ocupada por urbanizações. Foi o que aconteceu com os três locais em questão. Desta forma, o estudo de tais materiais, hoje só possível pela análise de colecções outrora recolhidas, reveste-se de interesse adicional – além do que advém da caracterização arqueológica – por constituir registo de testemunhos desaparecidos de presenças de comunidades que habitaram, desde o Paleolítico inferior arcaico, uma das regiões mais densamente povoadas, na actualidade, do nosso País.

Outro aspecto digno de realce respeita à demonstração, já documentada noutros locais, de um abastecimento de matéria-prima, a partir de fontes regionais; com efeito, na zona onde as três jazidas se implantam, não se encontra disponível o sílex, matéria-prima largamente dominante. Teriam de ser percorridos alguns quilómetros para que, nos afloramentos calcários a Norte da Amadora, do Cenomaniano superior, se obtivessem nódulos siliciosos susceptíveis de serem aproveitados, por transformações efectuadas no local de extracção ou no de utilização: questão interessante, que o presente estudo veio demonstrar, no seguimento de considerações anteriores (CARDOSO *et al.*, 1992).

BIBLIOGRAFIA

- BREUIL, H. & ZBYSZEWSKI, G. (1942) – Contribution à l'étude des industries paléolithiques du Portugal e de leurs rapports avec la géologie du Quaternaire. Les principaux gisements des deux rives de l'estuaire du Tage. *Comunic. Serv. Geol. Port.*, 23, p. 1-369.
- CARDOSO, J.L. (1995) – As mais antigas presenças humanas na Estremadura. Palestra proferida nos *I Cursos Internacionais de Verão de Cascais* (Câmara Municipal de Cascais / Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa). Museu-Biblioteca Condes de Castro Guimarães, Junho de 1994. Cascais. Actas, p. 85-116. Câmara Municipal de Cascais.

- CARDOSO, J.L. & PENALVA, C. (1979) – Vestígios de praia calabriana com indústrias da “Pebble Culture” no Alto de Leião – Paço de Arcos. *Bol. Soc. Geol. Port.*, 21 (2/3), p. 185-196.
- CARDOSO, J.L.; ZBYSZEWSKI, G. & ANDRÉ, M.C. (1992) – O Paleolítico do Complexo Basáltico de Lisboa. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 3, p. 1-645.
- CORREIA, V. (1912) – O Paleolítico em Portugal. Estado actual do seu estudo. *O Arqueólogo Português*, 17, p. 55-69.
- FONTES, J. (1912) – Subsídios para o estudo do Paleolítico Português. *O Arqueólogo Português*, 17, p. 22-41.
- HELENO, M. (1956) – O Professor Henri Breuil. *O Arqueólogo Português*, S. II, 3, p. 239-246.
- OLLIVIER, J. (1951) – Industries anciennes du Paléolithique d'Amadora. *O Arqueólogo Português*, S. II, 1, p. 63-82.
- PAÇO, A. do (1932) – Carta paleolítica e epipaleolítica de Portugal. *Trabalhos da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, 1. Reedição em *Trabalhos de Arqueologia de Afonso do Paço*, 1, p. 121-143 (Lisboa, 1970), Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa.
- PAÇO, A. do (1940) – Revisão dos problemas do Paleolítico, Mesolítico e Asturiense. *Actas do I Congresso do Mundo Português* (Lisboa, 1940), 1, p. 129-158.

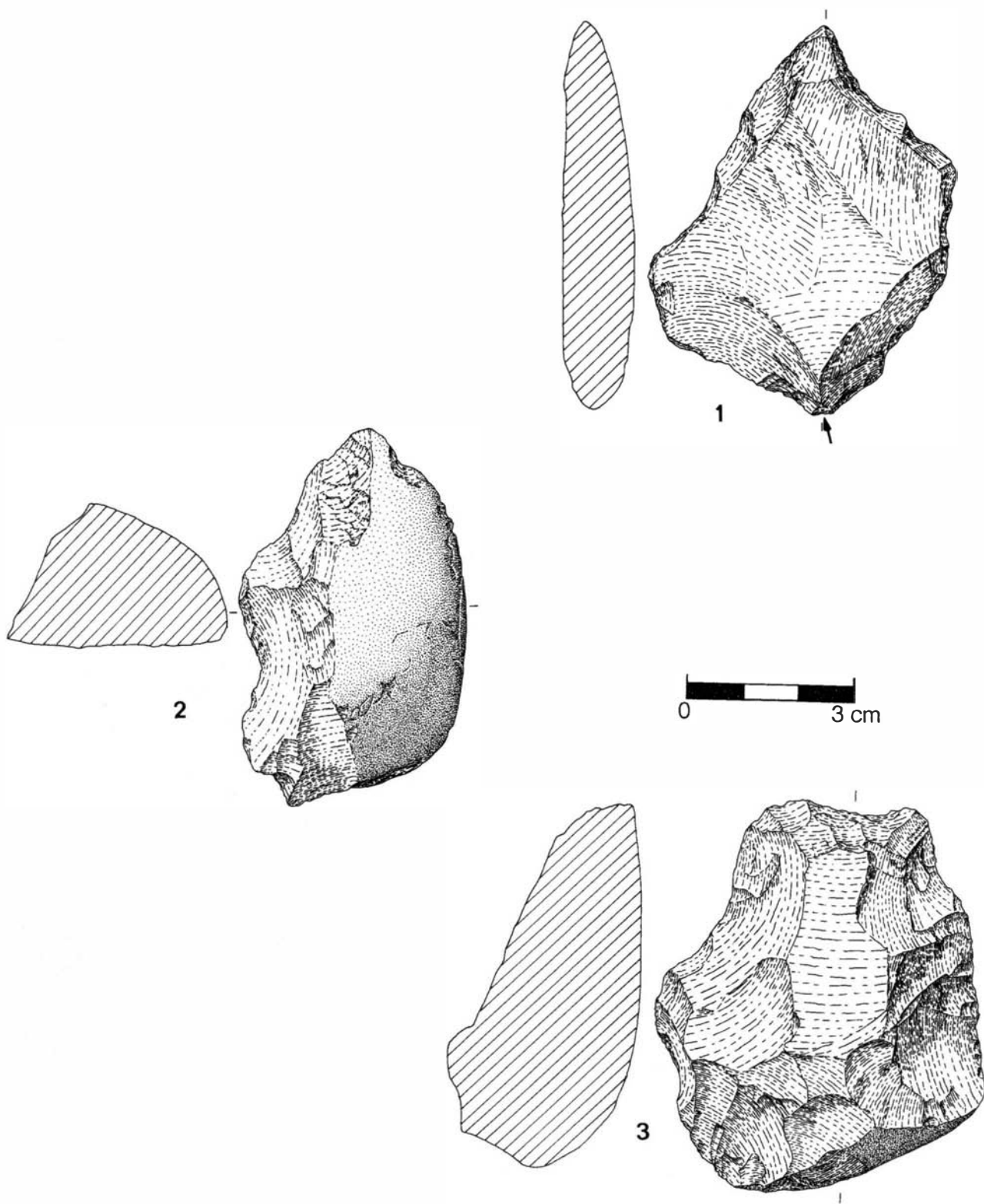


Fig. 1 – Peças da jazida paleolítica de Damaia: 1 - Lasca de quartzito afeiçoada em ponta. Acheulense antigo e médio (Série I); 2 - Lasca sobre seixo de quartzito afeiçoada em raspador simples denticulado. Acheulense superior (Série II); 3 - Raspador duplo convexo-côncavo sobre calote de seixo, achatada. Mustierense (Série III a).

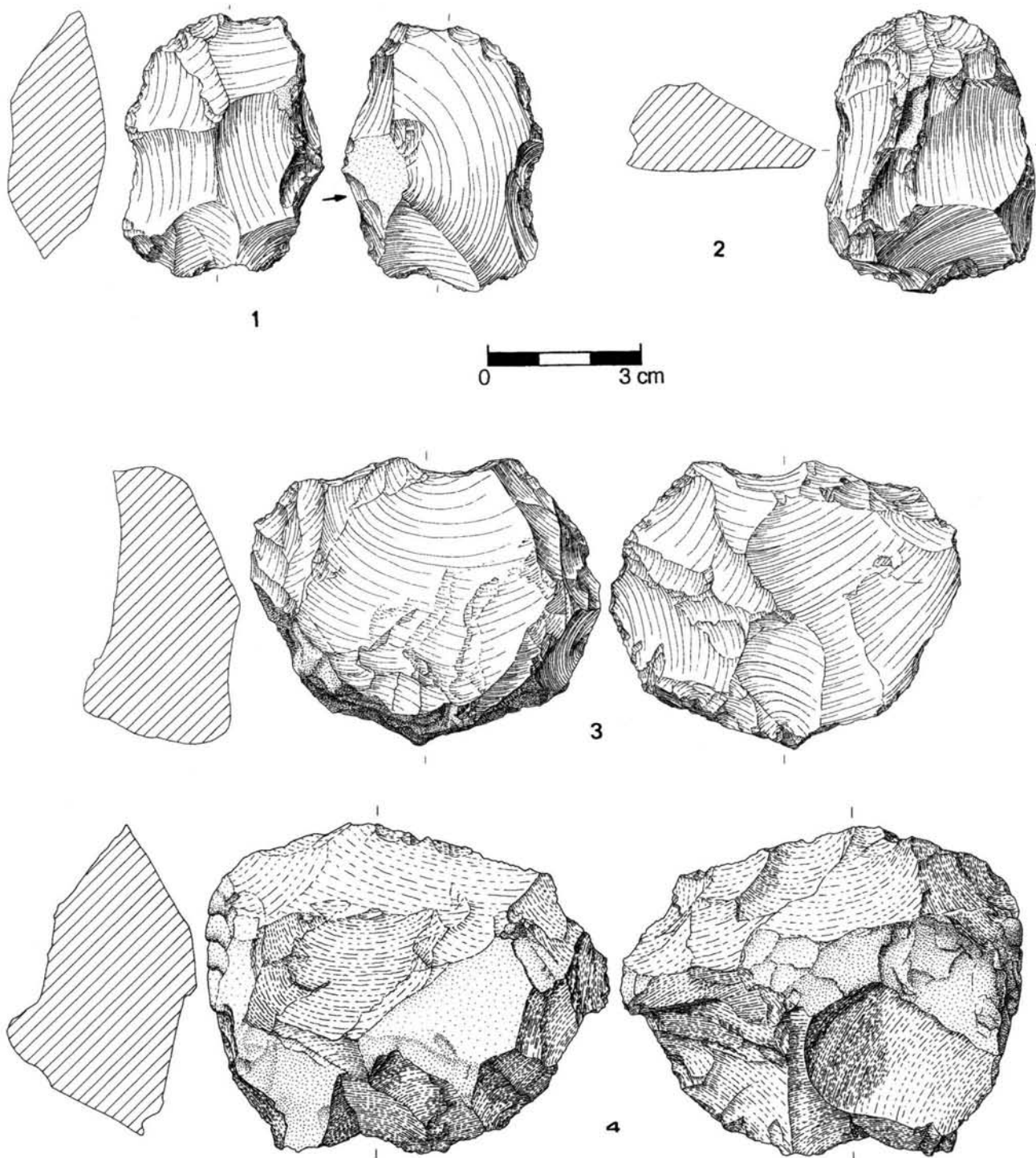


Fig. 2 – Peças da jazida paleolítica de Damaia: 1 - Núcleo mustierense de sílex. Mustierense (Série III b); 2 - Raspadeira sobre lasca de sílex. Mustierense (Série III b); 3 - Núcleo levallois de sílex, achatado. Mustierense (Série III a); 4 - Núcleo mustierense de sílex. Mustierense (Série III b).

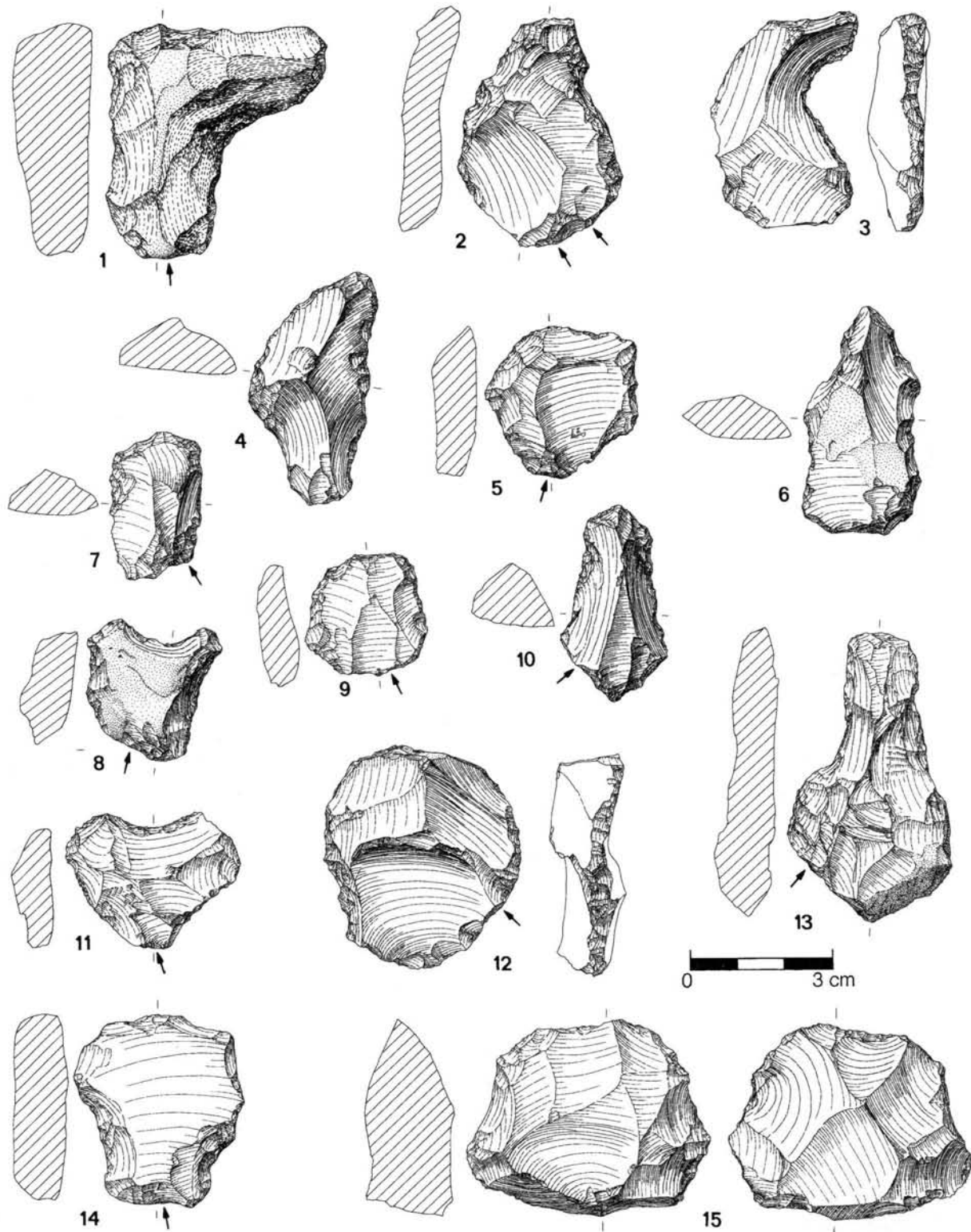


Fig. 3 – Peças da jazida paleolítica de Venteira: 1 - Raspador duplo retilíneo-côncavo sobre lasca de quartzito. Acheulense superior e Mustierense (Série II); 2 - Raspador duplo convergente sobre lasca de sílex. Mustierense (Série III a); 3 - “Encoche” lateral sobre lasca de sílex. Mustierense (Série III b); 4 - Raspador duplo convergente dissimétrico sobre lasca de sílex. Mustierense (Série III b); 5 - Raspador sub-discóide retocado em toda a periferia. Paleolítico superior e pós-paleolítico (Série IV); 6 - Furador de bordos denticulados sobre lasca de sílex. Acheulense superior e Mustierense (Série II); 7 - Raspadeira sobre lasca de sílex. Mustierense (Série III a); 8 - Raspador transversal côncavo sobre lasca de sílex. Mustierense (Série III b); 9 - Raspador sub-discóide, retocado em toda a periferia. Mustierense (Série III a); 10 - Raspador duplo convergente espesso sobre lasca de sílex. Mustierense (Série III b); 11 - Raspador transversal côncavo sobre lasca de sílex. Mustierense (Série III a); 12 - Raspador sub-discóide, com desenvolvida frente em raspadeira, sobre lasca de sílex. Mustierense (Série III a); 13 - Raspador duplo côncavo-subretilíneo sobre lasca espessa de sílex. Acheulense superior e Mustierense (Série II); 14 - Raspadeira sobre lasca de sílex retocada em toda a periferia. Acheulense superior e Mustierense (Série II); 15 - Núcleo mustierense de sílex (Venteira – encosta para Casal do Choupo). Mustierense. (Série III b).

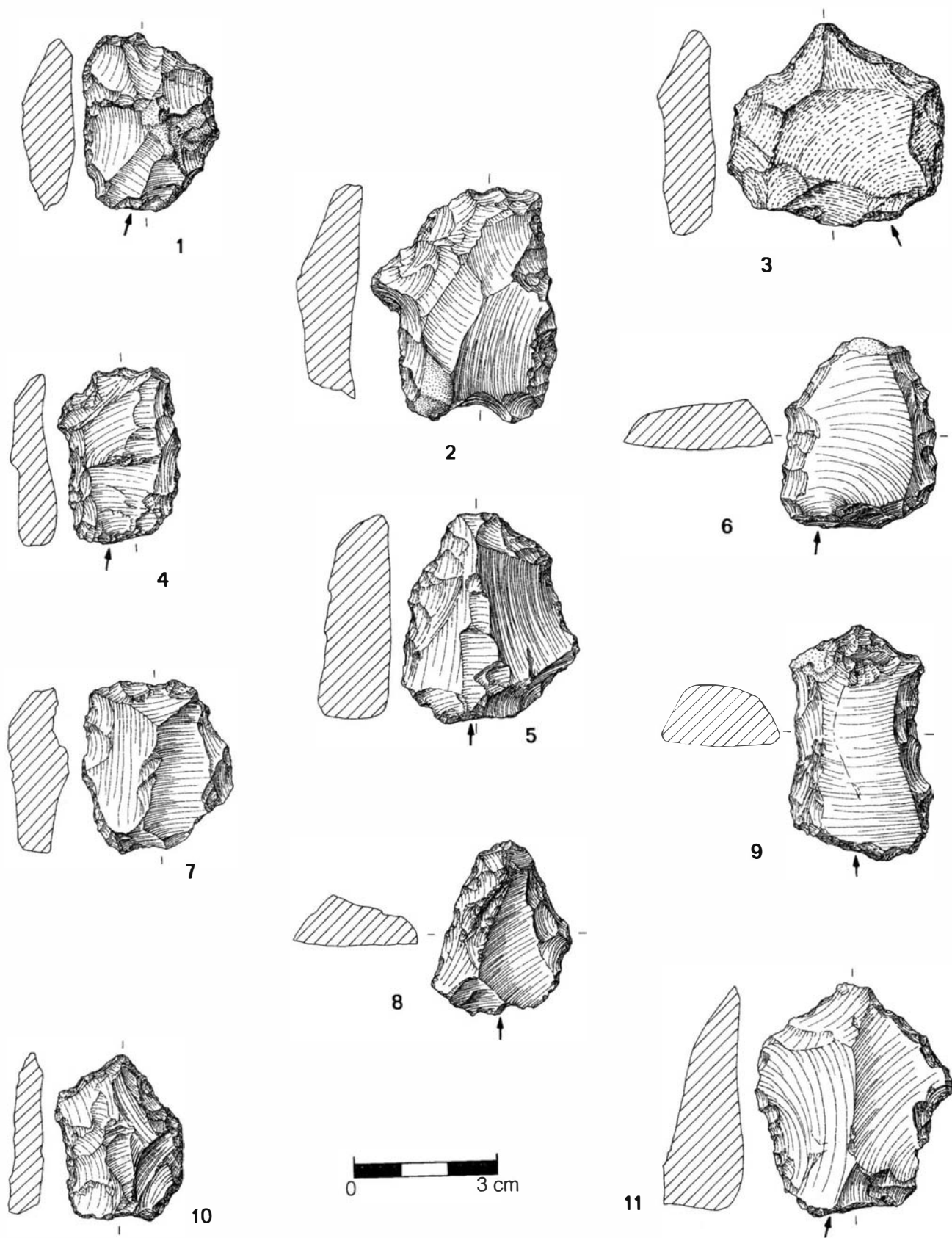


Fig. 4 – Peças da jazida paleolítica de Casal da Barroca: 1 - Raspador duplo rectilíneo-convexo, sobre lasca de sílex. Mustierense (Série III a); 2 - Raspador duplo convexo-côncavo, com ponta lateral, sobre lasca de sílex. Mustierense (Série III a); 3 - Ponta sobre lasca, de quartzito. Acheulense superior e Mustierense (Série II); 4 - Denticulado sobre lasca de sílex. Mustierense (Série III a); 5 - Raspador duplo convergente sobre lasca de sílex. Mustierense (Série III a); 6 - Raspador duplo convexo sobre lasca de sílex. Mustierense (Série III b); 7 - Raspador retocado em toda a periferia sobre lasca de sílex. Mustierense (Série III b); 8 - Raspador duplo convergente sobre lasca de sílex. Mustierense (Série III b); 9 - Raspador duplo côncavo, sobre lasca de sílex. Acheulense superior e Mustierense (Série II); 10 - Ponta sobre lasca de sílex. Mustierense (Série III a); 11 - Raspador duplo convergente sobre lasca de sílex. Mustierense (Série III b).

Estudos Arqueológicos de Oeiras,
5, Oeiras, Câmara Municipal, 1995, pp. 39-47

JAZIDA PALEOLÍTICA DE VARGE MARINHO (SINTRA)

João Luís Cardoso⁽¹⁾ & Georges Zbyszewski⁽²⁾

1 – INTRODUÇÃO

No âmbito da revisão sistemática das colecções de materiais paleolíticos das jazidas dos arredores de Lisboa, pertencentes ao Museu do Instituto Geológico e Mineiro, localizámos pequeno conjunto com indicação de ter sido recolhido na zona de Varge Marinho, topónimo assinalado na Carta Militar de Portugal na escala de 1/25000 (folha n.º 430, Oeiras, edição de 1970) como “Casal de Vaz Marinho”, cerca de 800 m a Oeste da extrema mais setentrional do Concelho de Oeiras já pertencente ao concelho de Sintra. É provável que se trate de corruptela do antropónimo “Vaz Meirinho”.

Trata-se de materiais de sílex e de quartzito num total de quinze exemplares, cujo bom recorte tipológico sugere terem sido resultado de colheitas seleccionadas. Não representam, pois, a totalidade da utensilagem potencialmente disponível no terreno. Porém, a sua caracterização vem alargar o número das jazidas recentemente revistas da região (CARDOSO *et al.*, 1992), constituindo uma das ocorrências mais ocidentais do conjunto paleolítico do Complexo Basáltico de Lisboa (Figs. 1 e 2), entidade com características próprias, como naquele estudo tivermos oportunidade de verificar e demonstrar. Por tal motivo nos decidimos à preparação da presente nota.

⁽¹⁾ *Professor da Universidade Nova de Lisboa e Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras. Sócio efectivo da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Associação Profissional de Arqueólogos.*

⁽²⁾ *Academia das Ciências de Lisboa e Instituto Geológico e Mineiro.*

As peças em causa foram recolhidas outrora pelo Professor Joaquim Fontes, que ao Paleolítico dos arredores de Lisboa dedicou vários estudos pioneiros (FONTES, 1910; 1912 a,b,c; 1913; 1918). O principal labor deste arqueólogo centra-se entre 1910, logo a seguir à sua importante descoberta do Casal do Monte, a primeira das estações paleolíticas que viriam depois a ser localizadas nesta região, e o final da segunda década do século. É, pois, lícito, admitir que as recolhas em Varge Marinho tenham sido efectuadas nessa época. De facto, A. do Paço apresenta em 1932 um primeiro inventário das estações paleolíticas dos arredores de Lisboa, atribuindo a Varge Marinho, grafada como “Varge Meirinho”, o número 129 (PAÇO, 1932). O mesmo autor apresenta, mais tarde, revisão daquele inventário (PAÇO, 1940), fazendo corresponder a Varge Marinho o número 83.

Do ponto de vista geomorfológico trata-se de terrenos com ondulação suave, propícios à circulação de grupos de caçadores, contrastando com os relevos mais ásperos dos calcários cretácicos envolventes. Este facto, e também as boas condições de tais terrenos em reterem água perto da superfície, favorecendo desta forma a presença de caça – incluindo grandes mamíferos – constituíram razões determinantes para a abundância de indústrias paleolíticas nesta vasta unidade geológica, que, da região de Oeiras, contornando a capital, atinge a zona de Loures. Foram, pois, razões ecológicas que determinaram a preferência do homem do Paleolítico inferior e médio por tais zonas, então provavelmente ocupadas por savana.

2 – DESCRIÇÃO DOS MATERIAIS

Seguiu-se a metodologia adoptada em trabalhos anteriores, privilegiando a tipologia e a pátina superficial das peças na respectiva seriação cronológico-industrial. Tal procedimento não é isento de limitações, como tivemos, por diversas vezes, oportunidade de salientar (ver crítica em ZBYSZEWSKI & CARDOSO, 1978; CARDOSO *et al.*, 1992). Em particular, torna-se desaconselhado em casos que correspondem a conjuntos numericamente limitados, como acontece em Varge Marinho. Com efeito, “um número reduzido de peças, por hipótese inferior a 100, não confere representatividade à constituição de séries com base na patina. Os casos particulares que assumiriam demasiada influência (em conjuntos pequenos) diluem-se, quando integrados em grandes números” (CARDOSO *et al.*, 1992, p. 31).

Em consequência, não poderíamos dar demasiada importância às séries que, eventualmente, viessem a ser definidas no caso em apreço, conferindo-lhes tão somente, o significado de orientação geral, na organização da utensilagem em termos diacrónicos.

Tendo presentes tais considerações, o pequeno conjunto em apreço foi organizado e descrito privilegiando os aspectos tipológicos respectivos.

2.1 – Raspadores

2.1.1 – Raspadores duplos convexos

– Uma lasca de quartzito com reverso de plano de separação e vestígios de pequenos retoques nos bordos. Anverso com aresta longitudinal central, côncava do lado esquerdo. Bordos laterais com pequenos retoques em raspadores duplos convexos. Extremidade superior retocada, com pequena ponta triangular afiada e extremidade inferior triangular, arredondada, também com retoques.

Dimensões: 53 mm x 32 mm x 14 mm (Fig. 3, n.º 6)

– Uma lasca de quartzito. Reverso com alguns pequenos retoques em raspador convexo no bordo lateral direito. Bordo lateral esquerdo com retoques em raspador convexo, relativamente achatado, com largo negativo de lasca na parte central. Anverso com base plana; vestígios de superfície primitiva, inclinada para a esquerda na parte inferior e vestígios de pequeno bolbo de percussão na sua parte central. Bordos com pequenos retoques em raspadores convexos. Extremidade superior em ponta triangular ogival.

Dimensões: 62 mm x 45 mm x 18 mm (Fig. 3, n.º 7)

2.1.2 – Raspadores duplos convexo-côncavos

– Uma lasca alongada de quartzito, com reverso de plano de separação. Base afeiçoada em raspadeira convexa com ponta triangular no bordo direito e com 2 pequenos bolbos gêmeos. Anverso com aresta longitudinal central. Secção transversal sub-triangular. Bordo esquerdo com alguns retoques em raspador côncavo e bordo direito com metade inferior convexa e metade superior convexo-côncava. Extremidade superior com pequenos retoques em raspadeira convexa com vestígios de superfície primitiva do lado direito. Base espessa, ligeiramente inclinada para a direita.

Dimensões: 57 mm x 41 mm x 19 mm.

– Uma lasca sublosangular, espessa, de sílex acastanhado. Reverso de plano de clivagem. Anverso fortemente convexo, com aresta longitudinal central, irregular. Bordo lateral direito retocado em raspador convexo na metade superior e em raspador côncavo na metade inferior. Bordo esquerdo com metade inferior em raspador

convexo e metade superior com forte concavidade. Extremidade superior em ponta afiada, fortemente encurvada para a esquerda.

Dimensões: 57 mm x 38 mm x 25 mm.

– Uma lasca achatada de sílex esbranquiçado-acastanhado. Reverso subrectangular de plano de separação com vestígios de pequenos retoques nos bordos. Uma das extremidades é afeiçãoada em pequeno raspador transversal convexo. Anverso com aresta longitudinal central. Secção transversal subtriangular achatada. Bordo superior em raspador transversal subrectilíneo. Bordo lateral direito com alguns retoques em raspador ligeiramente convexo. Bordo lateral esquerdo com retoques em raspador convexo na parte superior e côncavo na metade inferior.

Dimensões: 43 mm x 33 mm x 12 mm (Fig. 3, n.º 2).

2.1.3 – Raspadores duplos convergentes

– Uma lasca de sílex acastanhado com reverso de plano de separação. Bordos laterais com alguns retoques. Extremidade superior em ponta triangular. Anverso fortemente convexo na parte central, com aresta longitudinal irregular. Bordos laterais convexos em raspadores duplos convergentes. Extremidade superior em ponta triangular afiada. Base arredondada com retoques em raspadeira convexa.

Dimensões: 60 mm x 42 mm x 23 mm (Fig. 3, n.º 5).

– Uma pequena lasca de sílex acastanhado. Reverso de plano de separação com bolbo de percussão na base. Bordo lateral direito convexo, com vestígios de pequenos retoques. Bordo lateral esquerdo com forte saliência no terço inferior e com concavidade mais recente. Extremidade superior em ponta triangular afiada. Anverso com bordo esquerdo convexo, retocado e bordo direito subtriangular, com saliência na parte inferior. Base arredondada com vestígios de retoques irregulares. Extremidade superior em ponta triangular. O objecto tem a forma de raspador duplo convergente.

Dimensões: 37 mm x 34 mm x 14 mm.

– Uma lasca de sílex acastanhado. Reverso de plano de separação com bolbo e plano de percussão facetado, na base. Bordo lateral direito convexo com pequenos retoques. Bordo esquerdo subtriangular, com alguns retoques na parte superior. Anverso de plano de separação côncavo. Bordo esquerdo retocado em raspador convexo e bordo direito com vestígios de retoques, sobretudo na metade inferior. Extremidade superior do objecto em forma de raspador duplo convergente com retoques na parte central.

Dimensões: 46 mm x 40 mm x 13 mm.

– Uma pequena lasca achatada de sílex acastanhado. Reverso de plano de separação com vestígios de bolbo e de plano de percussão, retocado em pequena raspadeira na extremidade inferior. Anverso retocado em toda a periferia em raspador duplo convergente. Extremidade superior em ponta aburilada, entre duas pequenas concavidades.

Dimensões: 33 mm x 26 mm x 8 mm (Fig. 3, n.º 1).

2.1.4 – Raspadores duplos rectilíneos

– Uma lasca estreita e alongada de quartzito, aparentada às lâminas e de secção transversal subtriangular. Reverso de plano de separação, com bolbo e com plano de percussão de superfície primitiva na base, inclinada para a esquerda. Ligeiros retoques na extremidade superior. Anverso com aresta longitudinal central. Base inclinada para a direita. Bordos laterais retocados. Bordo esquerdo em raspador subrectilíneo. Bordo lateral direito com pequena concavidade na parte central. Extremidade superior formando pequeno gume transversal com faixa de superfície primitiva do lado direito.

Dimensões: 87 mm x 38 mm x 23 mm (Fig. 3, n.º 8).

2.2 – Raspadores simples

2.2.1 – Raspadores simples convexos

– Um fragmento nucleiforme espesso de sílex acastanhado, de forma triédrica. Uma das faces, com 3 ou 4 negativos de lascas, pouco inclinados, acompanha a outra face, muito espessa, subvertical. A terceira face, convexa, tem um dos bordos retocado em raspador simples denticulado, subrectilíneo, ligeiramente convexo.

Dimensões: 53 mm x 38 mm x 30 mm.

2.2.2 – Raspadores simples côncavos

– Um pequeno fragmento de sílex acinzentado com reverso plano. Anverso convexo com um dos bordos laterais afeiçãoado em raspador côncavo, entre duas pontas retocadas e com faixa de cortex acastanhado no bordo oposto.

Dimensões: 25 mm x 17 mm x 14 mm.

2.3 – Raspadeiras

– Uma lasca de sílex cinzento-acastanhado, retocada em raspadeira em ambas as faces. Anverso ligeiramente convexo com bordo lateral direito e extremidade supe-

rior afeiçoada em raspadeira convexa. Bordo esquerdo com ligeira fractura longitudinal, subvertical, alongada. Base com faixa de cortex castanho. Reverso aplanado com retoques nos bordos laterais e na extremidade superior, larga. Base mais estreita, com alguns pequenos retoques.

Dimensões: 40 mm x 30 mm x 13 mm.

– Uma lasca subrectangular espessa, de sílex castanho-avermelhado, com reverso de plano de separação. Anverso de secção transversal subtrapezoidal. Bordo esquerdo estreito e alongado com cortex. Parte central relativamente plana. Bordo lateral direito com retoques em raspador subrectilíneo, ligeiramente convexo na parte central. Bordo superior afeiçoado em raspadeira transversal convexa. Bordo inferior ligeiramente inclinado para a esquerda e com alguns retoques em raspadeira convexa.

Dimensões: 53 mm x 37 mm x 18 mm (Fig. 3, n.º 3).

2.4 – Percutores (grupo dos diversos)

– Um percutor de sílex acastanhado em forma de bola e com vestígios de muitas percussões. Esta peça pode ser mais recente.

Dimensões: 54 mm x 56 mm x 55 mm.

3 – CONCLUSÕES

O estudo tipológico do conjunto lítico de Varge Marinho permite afirmar que se trata de associação homogénea, atribuível ao Paleolítico médio (Mustierense). Com efeito, estão presentes artefactos em tudo idênticos aos que integram as mais características associações, representadas em terrenos do Complexo Basáltico de Lisboa, mais a Oriente, na região da Amadora. Pela uniformidade industrial, é de referir como mais próxima a estação do Campo de Aviação da Amadora (ZBYSZEWSKI & CARDOSO, 1985), onde também só se identificou um conjunto atribuível, tal como este, ao Mustierense.

Outro aspecto a salientar diz respeito à natureza da matéria-prima utilizada.

Em quinze peças, apenas duas são executadas em fragmentos de seixos de quartzo; todas as outras são de sílex. Esta observação é compatível com os resultados obtidos no estudo de conjunto sobre estas estações, já citado (CARDOSO *et al.*, 1992). Com efeito, enquanto na região de Oeiras, onde o Complexo Basáltico de Lisboa contacta com os afloramentos de calcários duros do Cenomariano, ricos em nódulos de sílex de onde se extraía a matéria-prima, a mais abundante na transformação em utensílios, na região da Amadora-Carnaxide aqueles afloramentos situa-

vam-se mais longe, justificando o recurso mais frequente a outras rochas, que não o sílex; enfim, na extremidade oriental da distribuição destas indústrias, já no concelho de Loures, a bordadura dos terrenos do Complexo Basáltico de Lisboa é ocupada por depósitos detríticos grosseiros (Complexo de Benfica), onde predominam os seixos de quartzo filoneano mal rolados. Justifica-se, assim, o grande declínio verificado no sílex, face à importância que adquirem as peças de quartzo. Estes factos ilustram, de forma expressiva, a importância determinante das características geológico-litológicas dos terrenos na natureza da matéria-prima utilizada nas diversas sub-regiões que constituem esta grande mancha paleolítica, que outrora se desenvolvia nos arredores da capital.

BIBLIOGRAFIA

- CARDOSO, J.L.; ZBYSZEWSKI, G. & ANDRÉ, M.C. (1992) – O Paleolítico do Complexo Basáltico de Lisboa. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 3, p. 1-645.
- FONTES, J. (1910) – Estação paleolítica do Casal do Monte. *O Arqueólogo Português*, 15, p. 93-96.
- FONTES, J. (1912a) – Subsídios para o estudo do Paleolítico português. *O Arqueólogo Português*, 17, p. 22-41.
- FONTES, J. (1912b) – Estação paleolítica do Casal da Serra. *Revista de História*, 8, p. 5-8.
- FONTES, J. (1912c) – Contribution à l'étude de la Période Paléolithique en Portugal. *Compte-Rendu 7ème Congrès Préhistorique de France* (Nîmes, 1911), p. 137-145.
- FONTES, J. (1913) – Note sur le Moustérien au Portugal. *Compte-Rendu 8ème Congrès Préhistorique de France* (Angoulême, 1912), p. 342-350.
- FONTES, J. (1918) – Instruments paléolithiques dans la collection de préhistoire du Service Géologique. *Comunic. Serv. Geol. Port.*, 12, p. 1-16.
- PAÇO, A. do (1932) – Carta paleolítica e epipaleolítica de Portugal. *Trabalhos da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, 1. Republicado em *Trabalhos de Arqueologia de Afonso do Paço*, 1 (1970), p. 121-143. Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa.
- PAÇO, A. do (1940) – Revisão dos problemas do Paleolítico, Mesolítico e Asturiense. *Actas do Congresso do Mundo Português*, 1, p. 129-158.
- ZBYSZEWSKI, G. & CARDOSO, J.L. (1978) – As indústrias paleolíticas de Samouco e sua posição dentro do conjunto quaternário do baixo Tejo. *Comunic. Serv. Geol. Port.*, 63, p. 547-609.
- ZBYSZEWSKI, G. & CARDOSO, J.L. (1985) – O paleolítico do antigo Campo de Aviação da Amadora. *Arqueologia*, 12, p. 56-70.



Fig. 1 – Paleolítico do Complexo Basáltico de Lisboa. Zona nuclear das estações (seg. OLLIVIER, 1951).

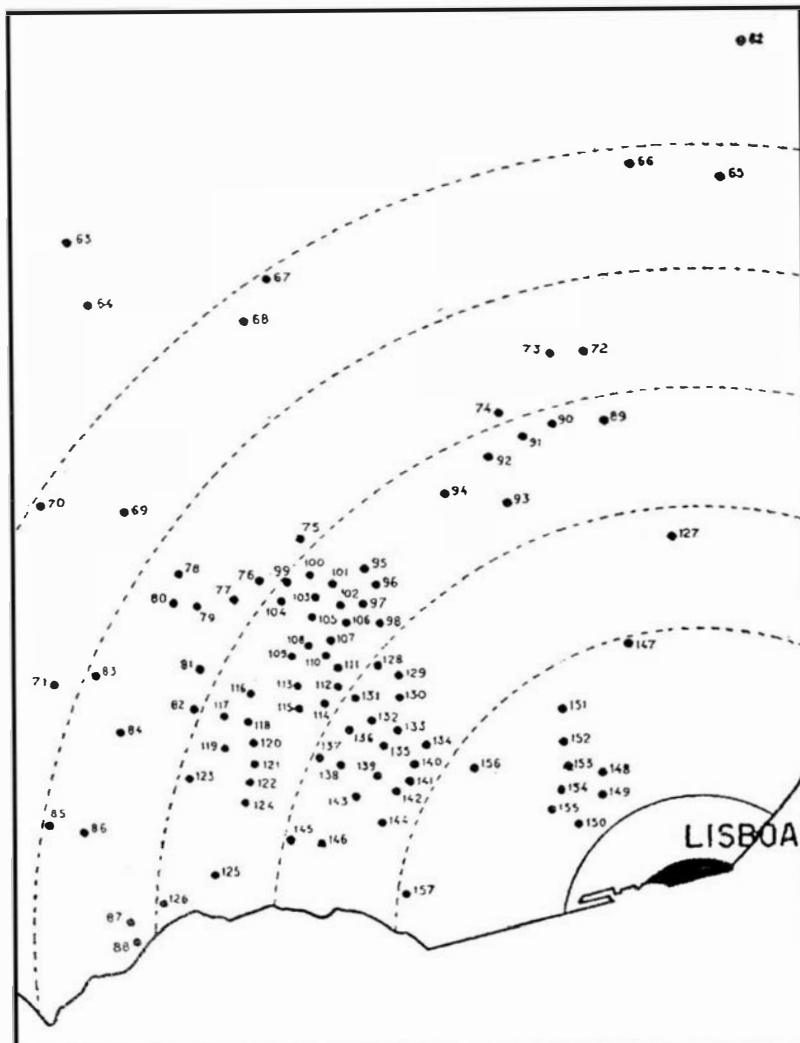


Fig. 2 – Paleolítico do Complexo Basáltico de Lisboa. Cartografia das estações. À de Varge Marinho corresponde o n.º 83 (seg. PAÇO, 1940).

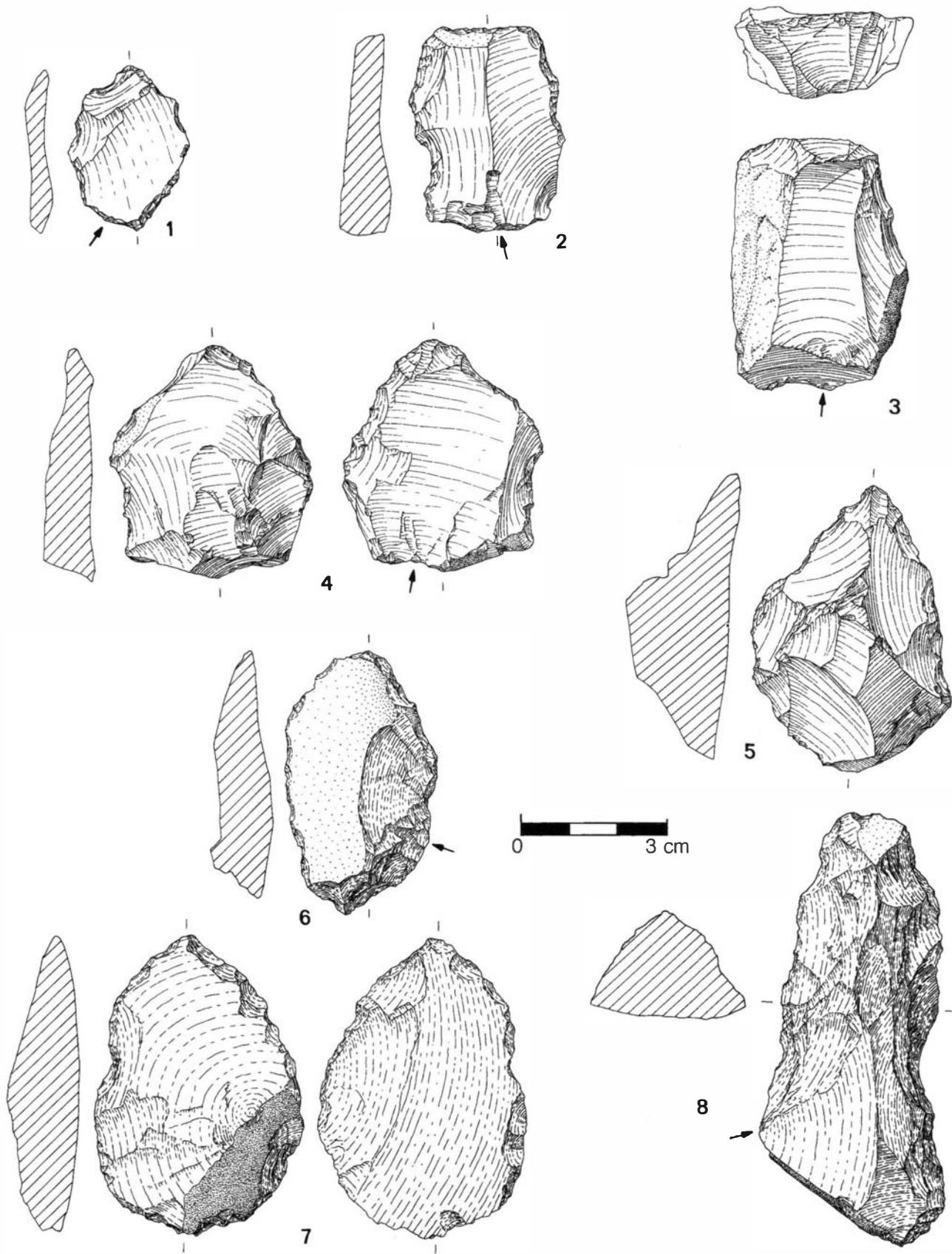


Fig. 3 – Artefactos mustierenses de Varge Marinho (Sintra).

Estudos Arqueológicos de Oeiras,
5, Oeiras, Câmara Municipal, 1995, pp. 49-66

NOVAS ESCAVAÇÕES NA GRUTA DA PONTE DA LAGE (OEIRAS). REVISÃO DOS MATERIAIS PALEOLÍTICOS

João Luís Cardoso⁽¹⁾

1 – ANTECEDENTES

A gruta da Ponte da Lage (Fig. 1), a cerca de 2 km a Norte de Oeiras, é uma cavidade cársica existente em pequena cornija de calcários duros e sub-cristalinos, do Cenomaniano, profundamente fracturados (Fig. 2), a qual acompanha o curso da ribeira da Lage, ao longo da sua encosta esquerda. Situa-se logo a montante da ponte que atravessa a ribeira, junto da povoação da Lage; a sua abertura, orientada para poente, e a curta distância do leito da ribeira, possui a forma de um arco abatido, cuja regularidade sugeriu afeiçoamento no Neolítico ou Calcolítico (Fig. 1), épocas em que o local foi utilizado como necrópole.

As primeiras referências e publicação de materiais arqueológicos exumados na gruta da Ponte da Lage deve-se a Estácio da VEIGA (1889, p. 128, 129; 1891, p. 38, 149 e Est. XVII, n.ºs 12 a 14). O autor declara que as escavações foram efectuadas pela “Comissão Geológica”, não descendo, porém, a detalhes quanto ao ano ou autor das mesmas.

Nessas primeiras referências, além da menção a numerosos materiais de sílex, de

⁽¹⁾ *Professor da Universidade Nova de Lisboa. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras. Sócio efectivo da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Associação Profissional de Arqueólogos.*

cerâmica (lisa e ornamentada) e de pedra polida, o autor valoriza a presença de alguns artefactos de cobre, que representa, no âmbito da demonstração da existência de uma Idade do Cobre, assunto a que se dedicou e de grande relevância, na altura. Por outro lado, a ocorrência de alguns ossos humanos, levou-o a atribuir à cavidade carácter sepulcral.

Os materiais mantiveram-se durante largas décadas inéditos, na sala de Pré-História dos Serviços Geológicos de Portugal.

Em 1941/42, aquando a permanência de H. Breuil em Portugal, parte do espólio lítico (atribuído por ele ao Paleolítico) foi objecto de estudo detalhado (BREUIL & ZBYSZEWSKI, 1942, p. 211 e seg.).

Em 1957, o espólio arqueológico é revisto e publicado, primeiro de forma muito sumária (ZBYSZEWSKI *et al.*, 1957a), depois procurando maior pormenorização (ZBYSZEWSKI *et al.*, 1957b). Nesses trabalhos, os autores declaram não terem encontrado apontamentos das explorações; porém, a data que indicam para a realização das mesmas – 1895 – é inexacta, dado em 1889 Estácio da Veiga já ter visto os materiais então exumados. Com efeito, uma peça (Fig. 8) possui etiqueta de papel, com letra manuscrita da época, dizendo:

30 de Maio 79
Furna da ponte
da Lage * 11 m
prof. 0,50 Oeiras

que é concludente quanto à data de realização dos trabalhos. A causa próxima destes, terá sido a realização da 9.ª Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Históricas, realizado no ano seguinte em Lisboa. Carlos Ribeiro, Director da então Secção dos Trabalhos Geológicos de Portugal e um dos principais intervenientes no Congresso, de que foi Secretário-Geral, terá ordenado a exploração de diversas grutas, entre as quais a da Ponte da Lage, com o objectivo de obter elementos arqueológicos susceptíveis de serem apresentados aos congressistas. O seu falecimento, em 1882, impediu que aqueles fossem por ele devidamente estudados.

Os trabalhos de exploração da gruta só foram retomados em 1958 (VAULTIER *et al.*, 1959). O interior da cavidade, que se encontrava muito entulhado, foi então totalmente limpo, tendo-se verificado que o depósito arqueológico tinha já sido totalmente removido, à “excepção da pequena câmara final” (p. 111). Nessa campanha, ao longo da galeria principal, verificou-se a existência de uma delgada camada estalagmítica tendo-se encontrado abaixo desta camada uma outra concrecionada com muitos carvões e alguns sílex lascados paleolíticos de tipo “mustieróide” (*idem, ibidem*) a qual foi totalmente removida. Desta forma, os trabalhos incidiram junto da entrada,



Fig. 1 – A entrada da gruta na actualidade (Setembro de 1993). Foto de B. Ferreira.



Fig. 2 – Aspecto da Zona circundante da entrada da gruta, tapada pelas duas pessoas do centro. Fot. de meados da década de 1940, de G. Zbyszewski.

onde ainda subsistia testemunho intacto da camada superior, pós-paleolítica, tendo-se ali reconhecido uma pequena sepultura individual, com espólio neolítico, cujo estudo constitui o fulcro da referida publicação. Na verdade, os despojos humanos recolhidos no século XIX ultrapassavam largamente os correspondentes a esta sepultura. Foram recentemente estudados (CARDOSO *et al.*, 1991).

Em Setembro de 1993 retomámos os trabalhos de campo na estação. A campanha que então dirigimos, visava, sobretudo, averiguar a real importância da câmara final, já antes mencionada, designadamente quanto à possibilidade de ainda conter depósitos arqueológicos. Em complemento, pretendia-se verificar o efectivo esgotamento da galeria principal e no que ao depósito inferior, abaixo da aludida camada estalagmítica, dizia particular respeito. A divulgação destes trabalhos, bem como a revisão, sistemática e exaustiva, então empreendida, dos materiais exumados por Carlos Ribeiro e atribuídos por BREUIL & ZBYSZEWSKI (1942) ao Paleolítico, estiveram na origem deste estudo. Com efeito, tais materiais, no conjunto dos que constituem o espólio da jazida, eram os que mais careciam de estudo e revisão, pelo que foi por eles que iniciámos tal tarefa, a ser desenvolvida ulteriormente com o estudo dos elementos neolíticos e calcolíticos (coleções do Instituto Geológico e Mineiro).

Agradecemos ao Prof. M. M. Ramalho a autorização concedida para o respectivo estudo.

2 – TRABALHOS REALIZADOS, RESULTADOS OBTIDOS

Antes das escavações de 1993, a gruta encontrava-se pejada de detritos que para ali eram continuamente atirados. Os trabalhos iniciaram-se, pois, pela limpeza da cavidade, atingindo-se o solo da escavação de 1958 em toda a extensão da galeria principal (Fig. 3), cuja planta tinha sido anteriormente levantada (ZBYSZEWSKI *et al.*, 1957, Fig. 1). Verificou-se que aquele nível correspondia, salvo excepções pontuais, ao substracto geológico, constituído por calcários duros do Cretácico (Cenomaniano). Deste modo, a escavação, nessa zona, limitou-se ao aprofundamento de pequenas cavidades existentes no substracto, ainda eventualmente colmatadas por depósitos arqueológicos. A parte mais importante dos trabalhos consistiu na exploração do sector terminal da galeria, comunicante com a câmara referida anteriormente. Porém, aí, os depósitos eram essencialmente constituídos por “terra rossa”, resultante da alteração dos calcários encaixantes, e muito pobres de restos arqueológicos. O aprofundamento e alargamento desse sector permitiu a observação directa do fundo da cavidade, a qual corresponde a pequeno nicho, desprovido de interesse arqueológico (Fig. 4). Os trabalhos realizados vieram demonstrar, assim, o esgotamento desta estação arqueológica.

No respeitante ao espólio recolhido, a sua escassez e mau recorte tipológico é

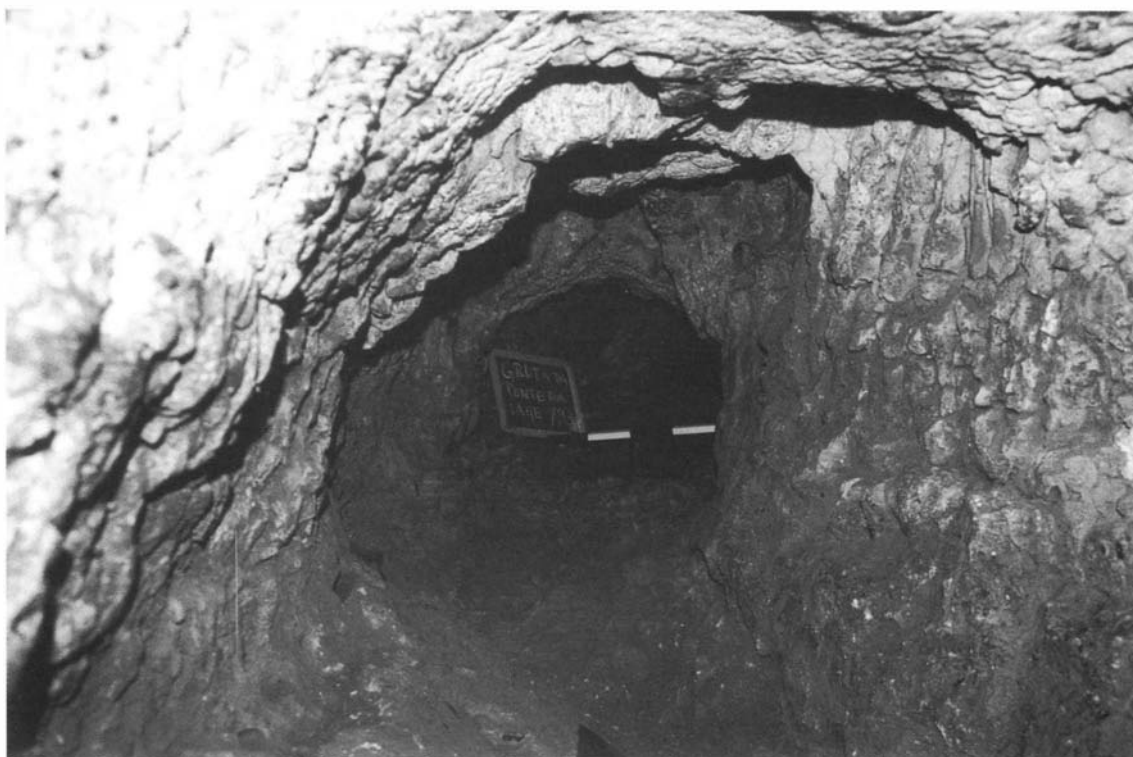


Fig. 3 – Gruta da Ponte da Lage. Vista dos trabalhos de escavação e limpeza, de 1993, na zona central da galeria principal. Foto de B. Ferreira.

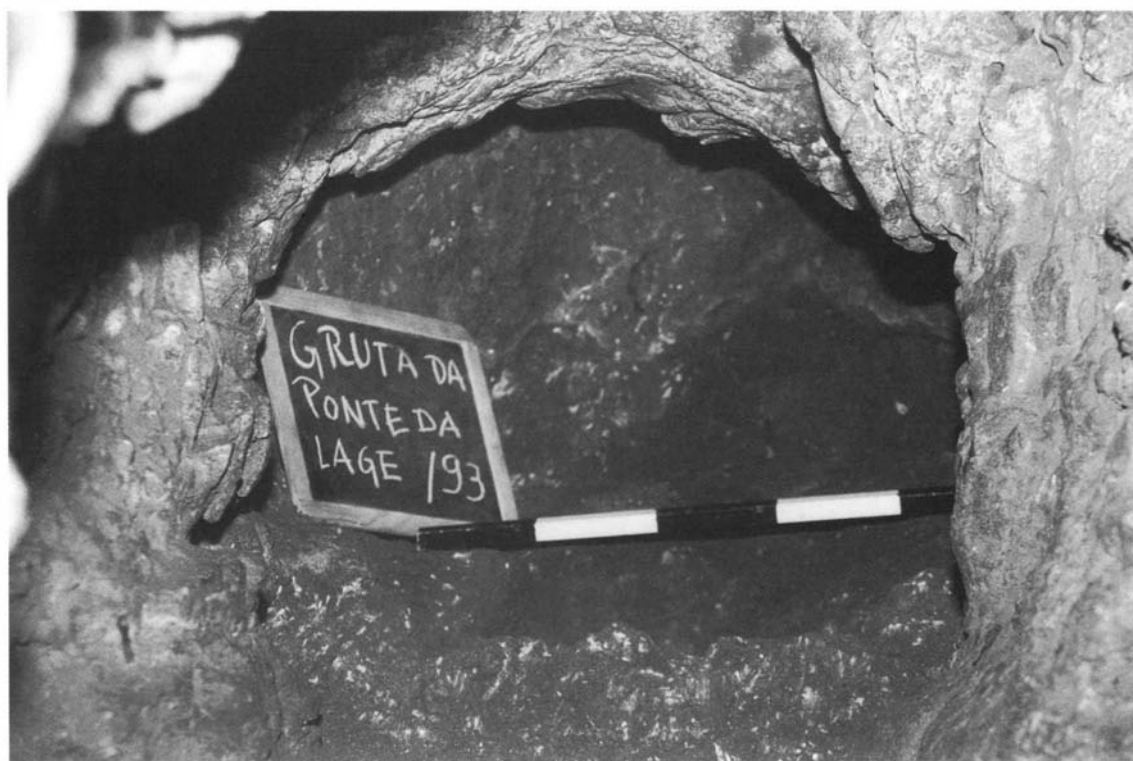


Fig. 4 – Gruta da Ponte da Lage. Vista da escavação da zona distal da galeria principal. Foto de B. Ferreira.

uma constante. Dos depósitos avermelhados, argilo-margosos, da galeria principal, provêm alguns produtos de debitação, atípicos, de sílex, de mistura com alguns fragmentos de cerâmicas pré-históricas, entre os quais um exemplar campaniforme inciso.

O intenso remeximento que caracteriza tais depósitos, é consubstanciado pela ocorrência de materiais modernos, de mistura com os referidos (moedas, louças, vidros, etc.). De destacar um rádio incompleto, de grandes dimensões de gato bravo (*Felis sylvestris* Schreber), sem dúvida de época plistocénica, talvez coevo da ocupação paleolítica da cavidade.

De facto, a intensa mineralização que evidencia, com manchas de óxidos de manganês, à superfície, é indício da idade que lhe foi atribuída; trata-se do primeiro testemunho da fauna plistocénica recolhido na gruta, apesar do meio ser propício à conservação de tais restos.

Em consequência do que foi dito, não nos foi possível confirmar a sequência estratigráfica observada em 1958 (VAULTIER *et al.*, 1959, p. 113; ROCHE, 1964, p. 19); de baixo para cima, tal sequência era constituída, seguindo os referidos autores, pelas seguintes camadas:

- 1 – substrato geológico, constituído por calcários do Cenomaniano;
- 2 – camada terrosa e ferruginosa, muito concrecionada, colmatando as irregularidades do substrato, formando em certos locais uma placa estalagmítica; contém algumas lascas atípicas (espessura máxima de 0,20 m);
- 3 – camada terrosa e avermelhada, com materiais neolíticos e estruturas sepulcrais da mesma época (espessura de 0,10 m);
- 4 – terras cinzentas ou negras, superficiais, com materiais campaniformes e mais modernos.

No conjunto descrito, as peças atribuídas por BREUIL & ZBYSZEWSKI (1942) ao Paleolítico provêm das camadas 2 e 3, atendendo à pátina e restos do depósito primitivo, pontualmente aderente à sua superfície.

3 – ESTUDO DOS MATERIAIS PALEOLÍTICOS

Os materiais estudados foram anteriormente inventariados por BREUIL & ZBYSZEWSKI (1942). Deste modo, dispensamo-nos de fornecer nova listagem deles, sem embargo da valorização das peças mais significativas.

H. Breuil subdividiu os materiais por ele atribuídos ao Paleolítico em diversas séries, “dont l'état physique, comme la morphologie, tranchent complètement avec l'ensemble énéolithique” (BREUIL & ZBYSZEWSKI, 1942, p. 212).

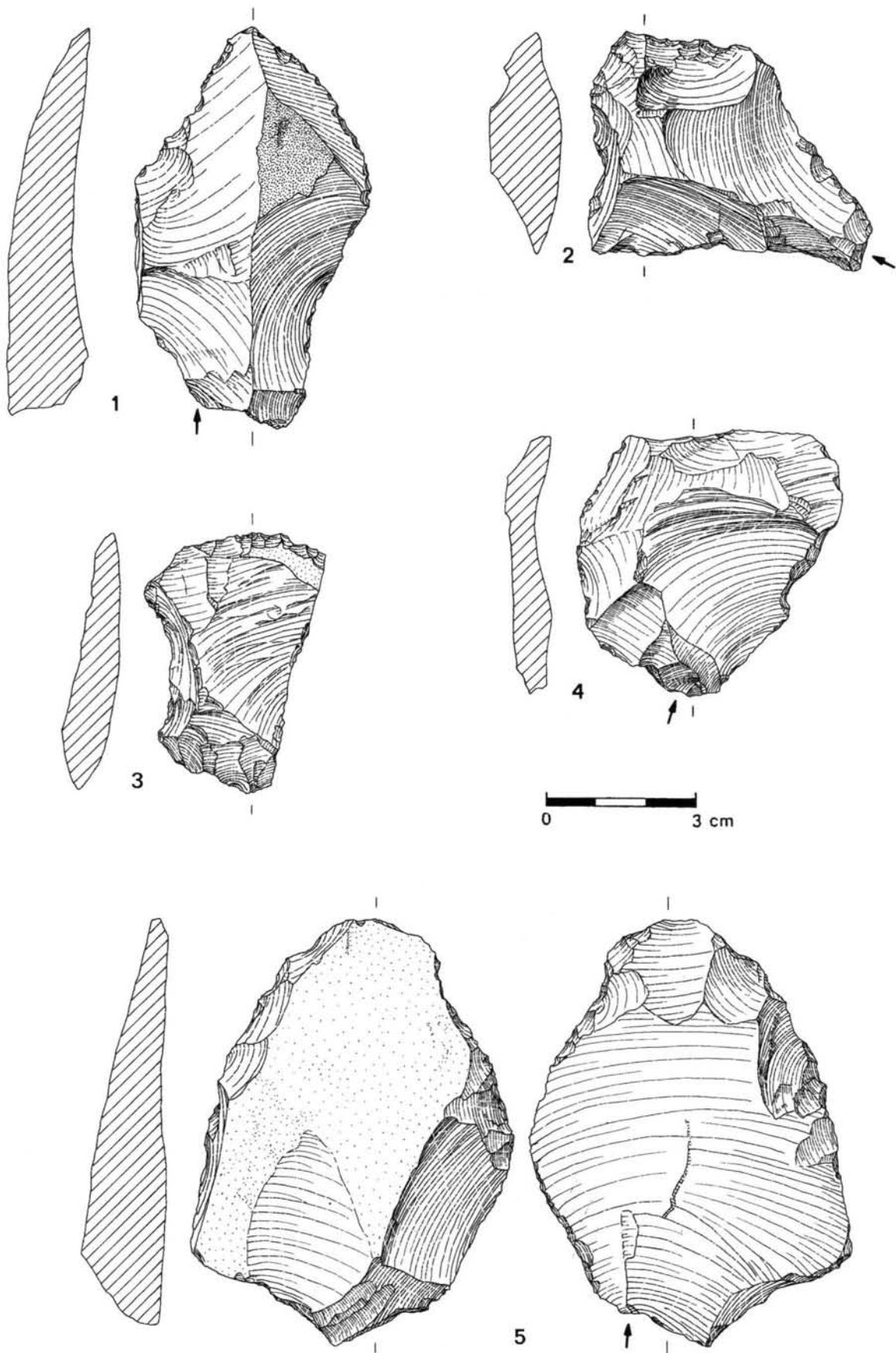


Fig. 5 – Gruta da Ponte da Lage. Indústrias de sílex (Mustierense).

A série mais antiga foi considerada mustierense. É constituída por 13 peças, das quais se representam cinco na Fig. 5. Trata-se, como se pode verificar, de uma indústria de grandes lascas de sílex, predominando os raspadores. Está presente o talhe “levallois”. No conjunto, os materiais não contrastam com o pouco que se conhece das indústrias do Paleolítico médio das grutas da região da Baixa Estremadura, designadamente com os materiais recolhidos na gruta do Correio-Mor – Loures (ZBYSZEWSKI *et al.*, 1987). São também comparáveis às séries homólogas das estações de ar livre do Complexo Basáltico de Lisboa (CARDOSO *et al.*, 1992). A escassez de materiais, bem como o desconhecimento das condições que presidiram à sua colheita não aconselham outras considerações, de carácter estatístico, que seriam, nestas circunstâncias, falaciosas.

Os materiais do Paleolítico superior foram divididos por H. Breuil em três conjuntos, a saber:

- o primeiro, suposto do Solutrense;
- o segundo, atribuível ao Magdalenense;
- o último, considerado próximo do Mesolítico.

Vejamos a composição de cada um deles.

O grupo do Solutrense integraria um fragmento de folha de loureiro, figurada pelos autores (BREUIL & ZBYSZEWSKI, 1942, Est. I, n.º 8). Na verdade, trata-se de fragmento de peça foliácea, das vulgarmente designadas por “elementos de foice” ou “foicinhas” (Fig. 6, n.º 4), de retoque bifacial cobridor, idêntica a tantas outras recolhidas no povoado pré-histórico de Leceia (CARDOSO, 1989, Fig. 101; CARDOSO, 1994, Figs. 100 e 102) e, como estas, de idade Calcolítica ou, quando muito, do fim do Neolítico.

O segundo artefacto figurado por BREUIL & ZBYSZEWSKI (1942, Est. I n.º 17) foi atribuído à série solutrense talvez pelas características da pátina que exhibe; contudo, tendo a anterior, exactamente o mesmo aspecto superficial idade neolítica ou calcolítica, não há razão para não considerarmos também a mesma cronologia para esta. Trata-se de um furador sobre lâmina ligeiramente inclinado, idêntico aos recolhidos em contextos calcolíticos da região, como no povoado de Leceia (Fig. 6, n.º 1).

O grupo do Magdalenense integraria doze lâminas “d’aspect plus ou moins magdalénien” (*op. cit.*, p. 215). Entre elas, as da Fig. 7, n.ºs 10, 18 e 19. Trata-se de três peças pouco características e de pátinas diversas; podem ser mais recentes, especialmente a figurada com o n.º 10, de pátina muito ténue, com retoques marginais descontínuos em ambos os bordos laterais. Outras lascas ou lâminas, desprovidas de retoques, ou com retoques muito marginais, representam-se na Fig. 7, n.ºs 3, 5, 6, 8, 13, 14 e 16; são, igualmente, atípicas.

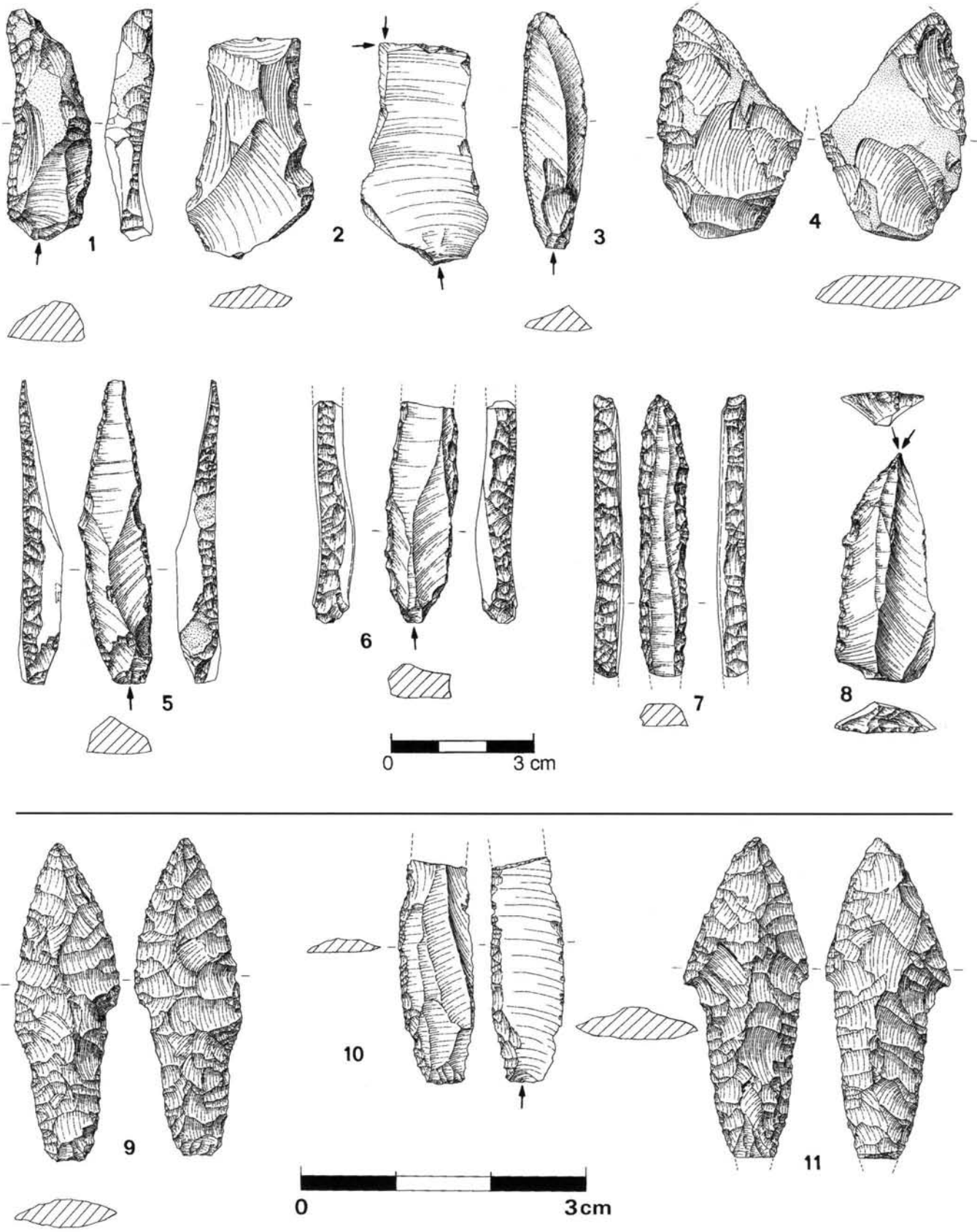


Fig. 6 – Gruta da Ponte da Lage. Indústrias de sílex (Paleolítico superior, salvo n.ºs 1, 4 e 7). o n.º 5 é da gruta do Furadouro (serra de Montejunto), o n.º 7 é de Vale de Lobos (Belas) e o n.º 9 da gruta das Salemas (Loures).

De entre as lâminas retocadas, os autores referem uma raspadeira em “bout de lame” reproduzida neste trabalho na Fig. 7, n.º 4. Trata-se de artefacto cuja parte útil foi afeiçãoada na extremidade proximal da lasca, o que provocou a ablação do talão e do bolbo de percussão. Tal como outros, é exemplar perfeitamente compatível com época pós-paleolítica, à qual se deverá reportar; o mesmo se poderá dizer de um microdenticulado sobre lâmina (Fig. 7, n.º 11).

Dentro desta série supostamente magdalenense, os autores integram, ainda, uma ponta incompleta de La Gravette, típica, neste trabalho representada na Fig. 6, n.º 6. É perfeitamente comparável a exemplar inédito, encontrado, aparentemente, isolado na gruta do Furadouro (serra de Montejunto) e pertencente às colecções do actual Instituto Geológico e Mineiro (Fig. 6, n.º 5). Na Fig. 6, n.º 7, representa-se uma lâmina também inédita de bordos abatidos, obtidos por retoque abrupto, terminando em ponta de furador distal, espesso, que não deve confundir-se com os exemplares anteriores. A sua época é calcolítica (colecções do Instituto Geológico e Mineiro, proveniente de Vale de Lobos – Sintra).

Uma lâmina finamente trabalhada, sobretudo ao longo do bordo esquerdo, por retoque contínuo, deverá ser integrada no Paleolítico superior (BREUIL & ZBYSZEWSKI, 1942, Est. I, n.º 15); neste trabalho reproduz-se na Fig. 6, n.º 3. O mesmo deverá suceder com dois buris diedros, sendo o da Fig. 6 n.º 3 um buril de ângulo; ambos são sobre lasca. O segundo é um buril de eixo “parfaitement typique” (*op. cit.*, p. 217), no dizer dos autores (Fig. 6, n.º 8), tendo a extremidade proximal sido afeiçãoada em raspadeira, com pequena proeminência central. A ponta burilante mostra indícios de utilização, representados por microlevantamentos de lascas, no decurso do trabalho (Fig. 9).

O terceiro grupo de peças é considerado, pelos autores, próximo do Mesolítico. É constituído apenas por oito peças, predominando a debitagem laminar. Trata-se de um conjunto homogéneo, constituído por um sílex cinzento-claro, de pátina lustrosa. Das oito peças referidas, neste trabalho figuram-se sete (Fig. 6, n.º 10; Fig. 7, n.ºs 1, 2, 7, 12, 15 e 17). Algumas não exibem trabalho. Das que o atestam, uma lâmina (Fig. 7, n.º 17) mostra retoques marginais, curtos e descontínuos, correspondendo a microdenticulado. Uma outra, possui indícios de utilização, ao longo de ambos os bordos laterais, bem como intenso desgaste, por fricção, no reverso da ponta (Fig. 7, n.º 15). As microfotografias, obtidas ao microscópio electrónico de varrimento, evidenciam, com efeito, um trabalho perfurante por pressão, do qual resultou microlevantamentos em ambas as faces do artefacto, a partir da sua extremidade distal (Fig. 10, n.ºs 1 a 4). Trata-se, pois, de uma lâmina utilizada como furador. Outra lâmina possui boleamento pelo uso ao longo de ambos os bordos laterais (Fig. 7, n.º 7).

A peça que ostenta trabalho mais apurado é uma lamela Dufour, representada na

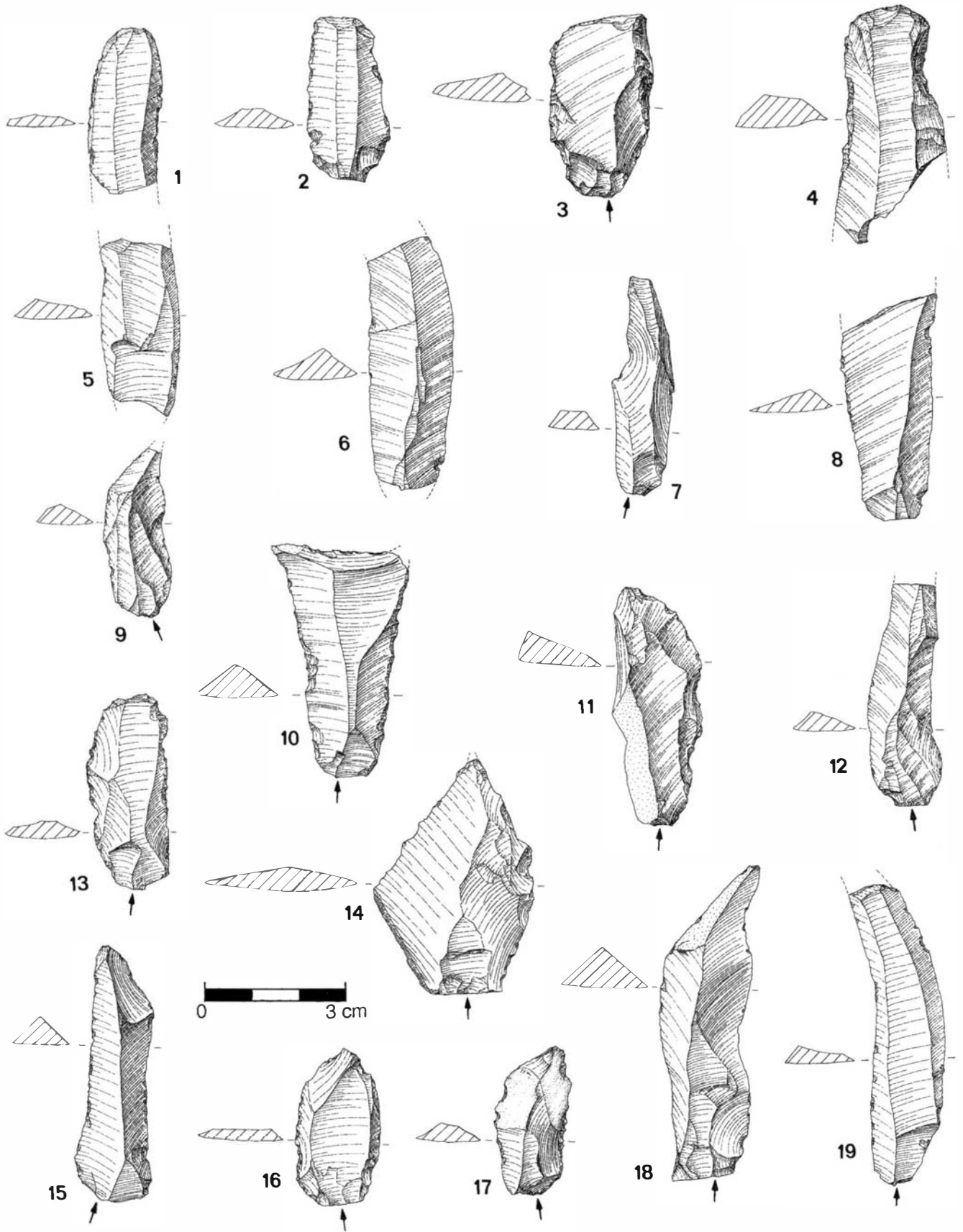


Fig. 7 – Gruta da Ponte da Lage. Indústrias de sílex (atribuíveis globalmente ao Paleolítico superior).

Fig. 6, n.º 10. Possui retoque contínuo semi-abrupto em ambos os bordos laterais, num deles por levantamentos inversos.

Enfim, há peças que, pela tipologia, poderão ser consideradas neolíticas ou calcolíticas, como a lâmina com microdenticulado num dos bordos laterais e entalhe inverso no oposto, cuja extremidade distal se encontra ocupada por truncatura oblíqua retocada (Fig. 7, n.º 2).

4 – DISCUSSÃO, CONCLUSÕES

No conjunto dos materiais descritos por BREUIL & ZBYSZEWSKI (1942), há alguns cuja integração em época paleolítica é indubitável. Foram estes materiais que conduziram ZILHÃO (1987, p. 39) à conclusão de que «a única coisa que se pode dizer a respeito destes materiais é que eles documentam a existência de uma ocupação solutrense e que, à falta de qualquer indicação positiva da existência de outras ocupações do Paleolítico superior, a única atitude correcta, até prova em contrário, é a de atribuir a essa ocupação a globalidade dos materiais das três “séries”» (de Breuil & Zbyszewski).

Considerando a tipologia das peças mais características, verifica-se que, tanto as pontas de La Gravette como as lamelas Dufour, além do Solutrense, ocorrem em outros conjuntos industriais do Paleolítico superior; em conformidade, a conclusão de J. Zilhão só poderia basear-se em dois artefactos, incluídos por Breuil e Zbyszewski na sua “série solutrense” – “um fragmento de folha de loureiro e uma outra peça que, segundo a ilustração (Planche II*, n.º 17), nos parece uma ponta de face plana e não um “perfurador inclinado à esquerda” como propõem os autores” (ZILHÃO, 1987, p. 39). Porém, o pretenso fragmento de folha de loureiro corresponde, na verdade, como atrás se disse, a porção de uma lâmina ovóide de retoque cobridor, do Neolítico final ou do Calcolítico; quanto à hipotética ponta de face plana, trata-se, na verdade, de um furador, como correctamente foi classificado por Breuil e Zbyszewski. Uma simples visita às colecções, expostas no Museu do Instituto Geológico e Mineiro e acessíveis a qualquer visitante, teria bastado ao autor para evitar os inconvenientes decorrentes de classificações apressadas... e erradas... O autor menciona, ainda, uma “pequena gravette” (p. 39), que não será mais do que a redução de exemplar de que, na mesma estampa, se reproduz a face oposta (o anverso), à escala de 1/1 (ver BREUIL & ZBYSZEWSKI, 1942, Pl. I, n.º 16 e 16a e Fig. 6, n.º 6 deste trabalho). Por outras palavras: a atribuição ao Solutrense, da totalidade das

* Trata-se de gralha; o capítulo concernente a gruta de Ponte da Lage, do trabalho citado, tem apenas uma estampa. Em conformidade deve ler-se I e não II.

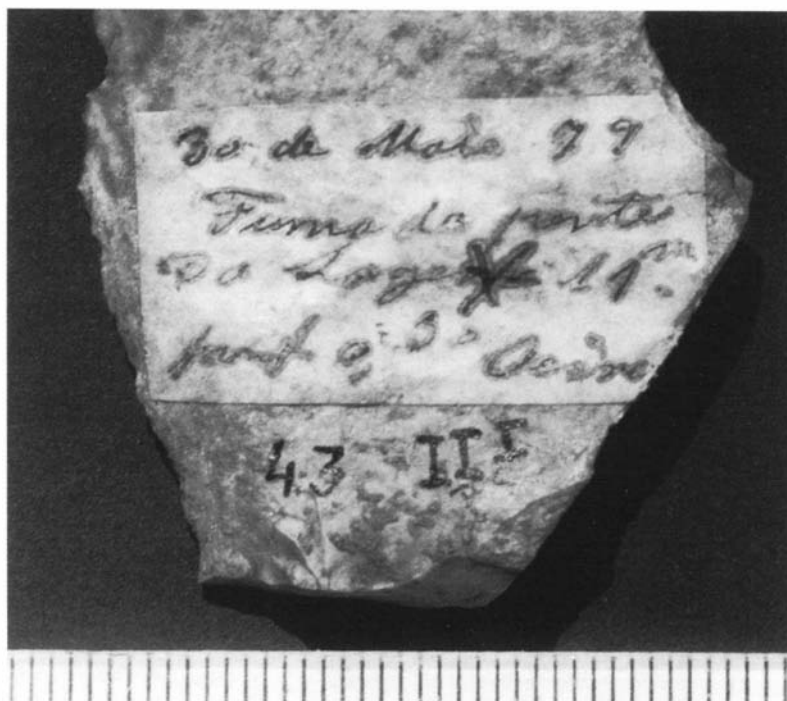


Fig. 8 – Pormenor do reverso da peça Fig. 7, n.º 14, ostentando etiqueta manuscrita que indica a data da primeira exploração da gruta. Foto de J. L. Cardoso. Escala em mm.

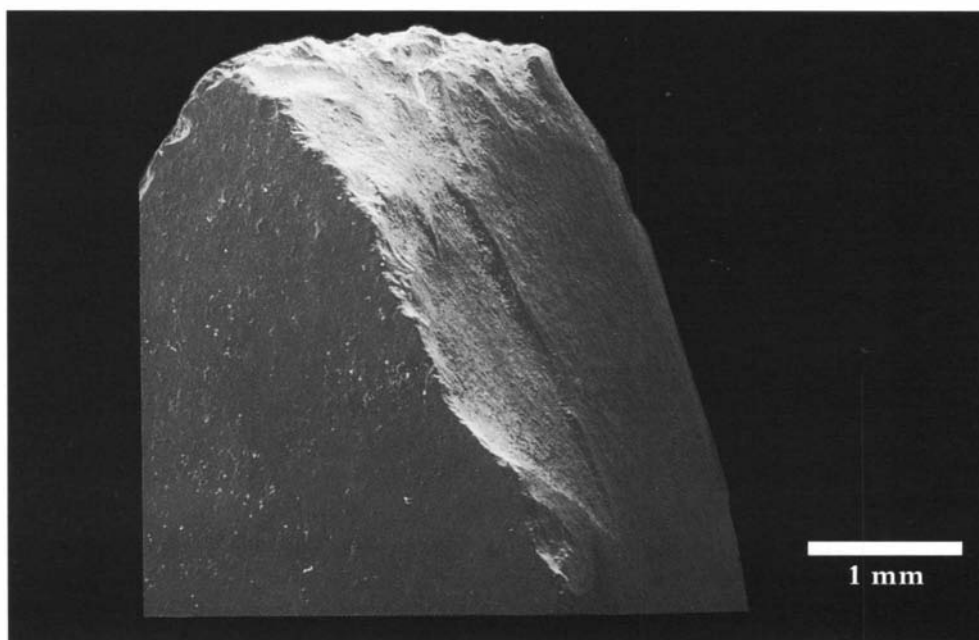


Fig. 9 – Pormenor da frente activa do buril diedro da Fig. 6, n.º 8, visto do lado esquerdo. Foto de J. Pais ao microscópio electrónico de varrimento existente no Departamento de Ciências da Terra da FCT/UNL.

peças paleolíticas da Ponte da Laje baseou-se em dois artefactos muito mais modernos. Queremos com isto dizer que não partilhamos da atribuição ao Solutrense de, pelo menos, uma parte do conjunto paleolítico da estação em apreço? Pelo contrário.

Procurando na publicação dedicada à revisão dos materiais pós-paleolíticos exumados, deparámos com artefacto de tipologia solutrense, uma bela ponta de cuidado trabalho bifacial, pedunculada, de sílex acinzentado, não considerada por Breuil no seu estudo com Zbyszewski, mas posteriormente reproduzida (VIANA *et al.*, 1957, Est. III, n.º 13). Estes autores classificam-na como instrumento neolítico ou calcolítico, designando-o, simplesmente como “ponta de seta pedunculada, com aletas rudimentares”. Na verdade, tal classificação desculpa-se pelo facto de só posteriormente se terem recolhido em Portugal artefactos idênticos, aquando da escavação da gruta das Salemas – Loures, como a ponta recolhida “in situ” na camada solutrense (ROCHE *et al.*, 1962, Fig. 4, n.º 1). A tipologia de tais pontas é inconfundível com a de qualquer ponta de seta neolítica tornando mais gravosa a omissão de J. Zilhão, até por constituir, por ironia, a única peça susceptível de apoiar a cronologia Solutrense por ele pretendida (mas com falsos argumentos) para todo o conjunto... Na Fig. 6, n.ºs 9 e 10 representam-se ambos os exemplares. A idade paleolítica deste artefacto teria sido reconhecida, aliás, por O. da Veiga Ferreira, que o reuniu ao conjunto dos artefactos daquela época, nas colecções do Museu do Instituto Geológico e Mineiro. Trata-se, sem embargo, de um tipo bastante raro nos inventários solutrenses, caracterizado por duas “crans”, opostas e incipientes, ocupando cerca de metade do comprimento das peças definindo, deste modo, um pedúnculo espesso e robusto e duas aletas laterais muito discretas. Os artefactos pedunculados que mais se aproximam, na bibliografia francesa compulsada, apesar do seu maior tamanho, provêm de Laugerie-Haute – Dordogne (KELLY, 1955, Fig. 8, em especial o n.º 5), sem contudo, se poderem reportar ao mesmo tipo, dadas as maiores dimensões destes últimos.

Por outro lado, a peça pedunculada da gruta de Ponte da Lage aproxima-se das menores folhas de loureiro do Solutrense de Badegoule (32 mm; 36 mm), igualmente pedunculadas, conquanto diferentes: o pedúnculo, sempre mais curto e menos volumoso, é obtido pelo estreitamento da metade inferior da peça, mediante intersecção dos bordos côncavos, sem chegarem a constituírem verdadeiras “cran” (CHEYNIER, 1949, Fig. 71, n.ºs 2, 4).

Sem embargo, a estreita afinidade da ponta da gruta da Ponte da Lage com 3 exemplares de Salemas atesta o elevado grau de standardização que tais artefactos atingiram no Solutrense superior da Estremadura, onde são conhecidos, pelo menos, seis tipos diferentes de pontas de arremesso, correspondendo a agora em estudo a uma verdadeira ponta de flecha pedunculada (ZILHÃO, 1994, p. 127), com estreitas afinidades com exemplares do Solutrense superior de fácies levantina, como é evidenciado pelo exemplar de Parpalló, figurado por FULLOLA (1994, Fig. 4, n.º 4).

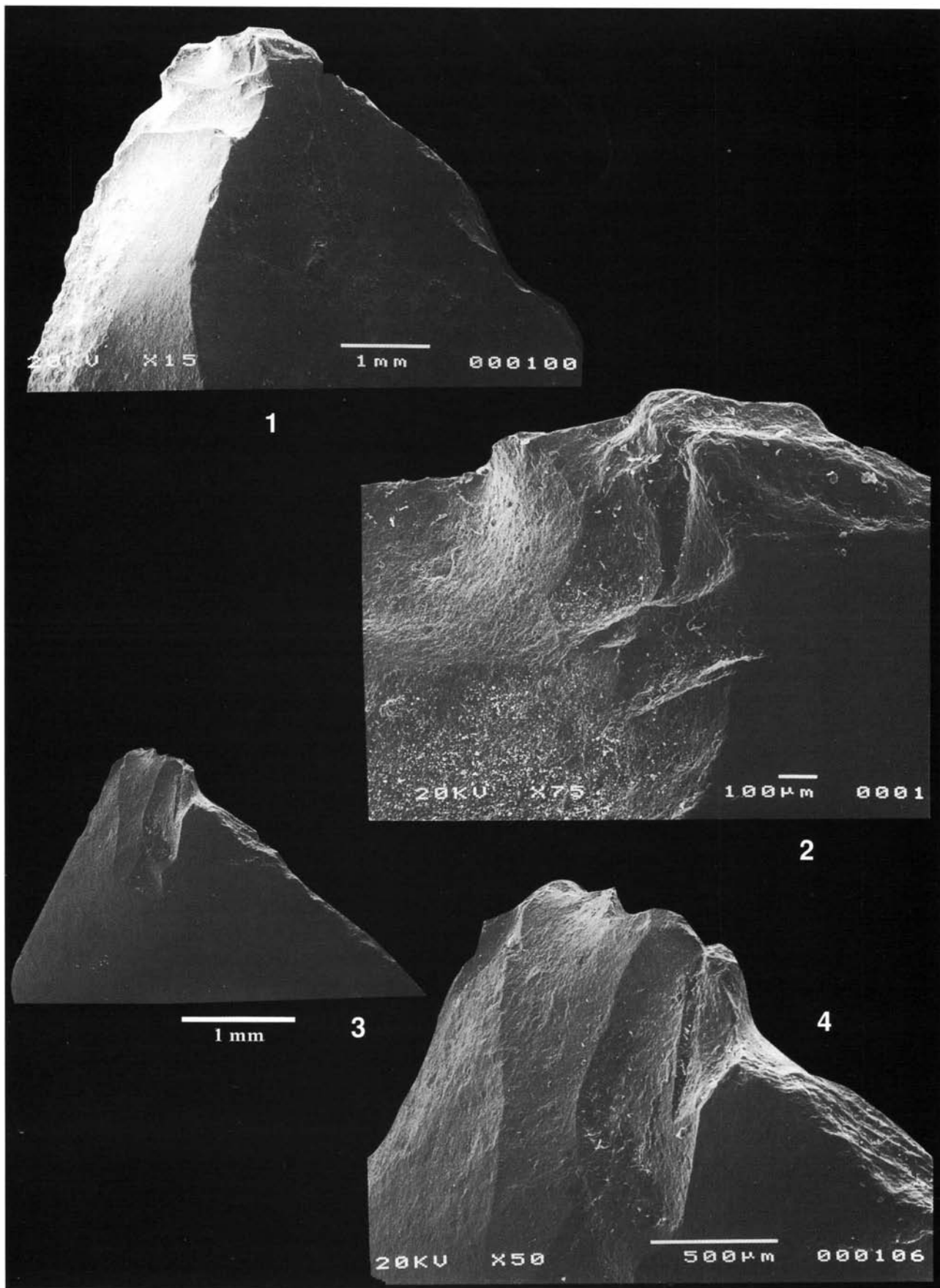


Fig. 10 – 1 e 2 - Pormenor do anverso da extremidade distal da lâmina da Fig. 7, n.º 15, evidenciando pequeníssimos levantamentos de lascas devidos à utilização; 3 e 4 - pormenor do reverso da extremidade distal do mesmo artefacto, evidenciando microlevantamentos de pressão devidos à utilização como furador ou ponta penetrante. Fotos de J. Pais ao microscópio electrónico de varrimento existente no Departamento de Ciências da Terra da FCT/UNL.

*

*

*

Em conclusão, no conjunto estudado por Breuil da gruta de Ponte da Lage, há peças que, indubitavelmente, pertencem ao Paleolítico superior; além de um conjunto de produtos de debitage laminares, são, sobretudo, de destacar, uma porção anterior da ponta de La Gravette, dois buris diedros e um fragmento de lamela Dufour os quais não são, no entanto, suficientes para uma atribuição mais rigorosa adentro o Paleolítico superior. Foi a incorrecta atribuição de um fragmento de lâmina oval de retoque bifacial cobridor (Fig. 6, n.º 4), a um fragmento de folha de loureiro, por Breuil e Zbyszewski em 1942, bem como uma lasca esquirolosa “semblable à celles enlevées dans la fabrication des feuilles de laurier par percussion appuyée” (*idem*, p. 215), além de um furador distal inclinado sobre lâmina (Fig. 6, n.º 1), que estiveram na origem das sucessivas afirmações sobre a existência de um conjunto de idade solutrense na gruta; FERREIRA (1962) declara, com efeito, que das quatro peças que integram o conjunto solutrense daqueles dois autores, “duas são seguramente de trabalho solutrense” (p. 230): trata-se do pretense fragmento de folha de loureiro e do furador, já mencionados. Também ROCHE (1964, p. 19), considera provada a existência de tal conjunto, constituído por “3 pièces typiquement solutréennes, dont un fragment de feuille de laurier à retouches bifaciales”, concluindo: “on peut affirmer raisonnablement qu’il y a eu à Ponte da Lage un ou plusieurs niveaux du Paléolithique supérieur, dont un, au moins, est solutréen” (p. 20), conclusão com que estamos plenamente de acordo, mas não pelas razões apontadas. O mesmo comentário é extensível ao estudo de ZILHÃO (1987).

A ponta de flecha pedunculada da gruta de Ponte da Lage, reveste-se, em consequência, de importância determinante na atribuição ao Solutrense de, ao menos, um momento da presença do homem do Paleolítico superior na cavidade, integrável no seu fácies mediterrânico ou levantino, ao qual correspondem outras ocorrências em grutas da Baixa Estremadura (Furninha, Casa da Moura e Salemas). Com efeito, a associação estratigráfica deste raro tipo de ponta solutrense a pontas de Parpalló típicas encontra-se documentada na gruta das Salemas – Loures (ROCHE *et al.*, 1962, Fig. 4), além da sua ocorrência na jazida epónima (FULLOLA, 1994, Fig. 4, n.º 4), reforçando assim as suas relações com aquele fácies, na proporção inversa do número de referências a artefactos mais ou menos comparáveis, de época Solutrense, de outras áreas geográficas, peninsulares ou de além-Pirinéus (CHEYNIER, 1949; KELLEY, 1955).

BIBLIOGRAFIA

- BREUIL & ZBYSZEWSKI, G. (1942) – *Contribution à l'étude des industries paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la Géologie du Quaternaire. 1 – Les principaux gisements des deux rives de l'ancien estuaire du Tage*, p. 211-218. *Comunic. Serv. Geol. Port.*, 26, 369 p.
- CARDOSO, J.L. (1989) – *Leceia. Resultados das escavações realizadas – 1983-1988*. Câmara Municipal de Oeiras, 146 p.
- CARDOSO, J.L. (1994) – *Leceia, 1983-1993. Escavações do povoado fortificado pré-histórico*. Estudos Arqueológicos de Oeiras (número especial), 164 p.
- CARDOSO, J.L. & CARDOSO, G. (1993) – *Carta Arqueológica do Concelho de Oeiras*. Estudos Arqueológicos de Oeiras, 4, 126 p.
- CARDOSO, J.L.; CUNHA, A. Santinho & AGUIAR, D. de (1991) – *O Homem pré-histórico no concelho de Oeiras. Estudos de Antropologia Física*. Estudos Arqueológicos de Oeiras, 2, 85 p.
- CHEYNIER, A. (1949) – *Badegoule. Station solutréenne et proto-magdalénienne*. Archives de l'Institut de Paléontologie Humaine, 23, 230 p.
- FERREIRA, O. da Veiga (1962) – O Solutrense em Portugal. *26.º Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências – 7.ª Secção* (Porto, 1962), p. 229-234.
- FULLOLA y PERICOT, J. M.^a (1994) – El Solutrense en la región mediterránea y Andalucía. *Férvedes*, 1, p. 105-118. Museo de Prehistoria e Arqueología de Villalba (Lugo).
- KELLEY, H. (1955) – Pointes à pédoncules du Solutréen français. *Bull. Soc. Préhistorique Française*, 52 (1/2), p. 45-56.
- ROCHE, J. (1964) – Le Paléolithique supérieur portugais. Bilan de nos connaissances et problèmes. *Bull. Soc. Préhistorique Française*, 61(1), p. 11-27.
- ROCHE, J.; FRANÇA, J. Camarate; FERREIRA, O. da Veiga & ZBYSZEWSKI, G. (1962) – Le Paléolithique supérieur de la grotte de Salemas (Ponte de Lousa). *Comunic. Serv. Geol. Port.*, 46, p. 187-207.
- VAULTIER, M.; ROCHE, J. & FERREIRA, O. da Veiga (1959) – Novas escavações na Gruta de Ponte da Lage (Oeiras). *Actas do I Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa, 1958), 1, p. 111-115.
- VEIGA, S.P.M. Estácio da (1889, 1891) – *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, 3, p. 128-129 e 4, p. 38, 149 e Est. III. Imprensa Nacional. Lisboa.

- ZBYSZEWSKI, G.; VIANA, A. & FERREIRA, O. da Veiga (1957a) – Nota sobre a Gruta de Ponte da Lage (Oeiras) e a “tholos” do Monge (Sintra). *23.º Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências – 7.ª Secção* (Coimbra, 1956), p. 189-191.
- ZBYSZEWSKI, G.; VIANA, A. & FERREIRA, O. da Veiga (1957b) – A gruta pré-histórica de Ponte da Lage (Oeiras). *Comunic. Serv. Geol. Port.*, 38(2), p. 389-400.
- ZILHÃO, J. (1987) – *O Solutrense da Estremadura portuguesa. Uma proposta de interpretação paleoantropológica*. *Trabalhos de Arqueologia – DA/IPPC*, 4, 94 p.
- ZILHÃO, J. (1994) – La séquence chrono-stratigraphique du solutréen portugais. *Férvédes*, 1, p. 119-129. Museo de Prehistoria e Arqueoloxía de Villalba (Lugo).

Estudos Arqueológicos de Oeiras,
5, Oeiras, Câmara Municipal, 1995, pp. 67-86

MATERIAIS ARQUEOLÓGICOS INÉDITOS DAS GRUTAS DE CARNAXIDE (OEIRAS)

João Luís Cardoso⁽¹⁾

1 – INTRODUÇÃO

As grutas de Carnaxide tornaram-se precocemente conhecidas, no seguimento da descoberta ocasional de uma delas, em inícios do século XIX, à qual se associou, imediatamente, uma crença religiosa, das mais interessantes que, no nosso País, se encontram relacionadas com estações arqueológicas. A imediata publicidade que se deu do facto, associada a uma rápida adesão popular garantiu, deste modo, uma generalização imediata do culto, de cariz mariano, e conduziu à construção do templo existente junto do rio Jamor, décadas volvidas, sob cuja capela-mor se localiza a referida gruta.

Os acontecimentos que conduziram àquela descoberta foram relatados na altura em que ocorreram, tendo sido publicados, nesse mesmo ano de 1822, dois folhetos, anónimos, atribuído o 1.º a Frei Cláudio da Conceição, por Figanière (*Bibliographie histor. portug.*, p. 258). O segundo será, forçosamente, do mesmo autor, pois que nele assume a autoria do outro (p. 32).

⁽¹⁾ *Professor da Universidade Nova de Lisboa e Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras. Sócio efectivo da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Associação Profissional de Arqueólogos.*

MEMORIA
DE HUMA LAPA,
DESCOBERTA NO DIA 28 DE MAIO DE 1822
NA RIBEIRA DE JAMOR,
FREGUEZIA DE CARNAXIDE,
E OS MAIS ACONTECIMENTOS QUE DEPOIS
SE LHE SEGUIRÃO.



L I S B O A :
NA IMPRENSA NACIONAL;
ANNO 1822.

Fig. 1 – Frontispício de um dos Folhetos atribuídos a Frei Cláudio da Conceição (CONCEIÇÃO, 1822 b).

Eis a descrição dos factos como é relatada no segundo folheto (p. 3, cujo frontespício se reproduz na Fig. 1): “Nas margens do Rio Jamor (...), descobrio o accaso huma rara maravilha da natureza. Succedeo no dia 28 de maio de 1822 (...), andarem sete rapazes nadando no dito Rio, quando vendo hum melro, o quizerão apanhar; porém fugindo este, descobrirão hum coelho, que fugindo-lhe, se metteo em uma tóca: cuidarão logo os rapazes em o apanhar, fazendo que huma cadella entrasse pela tal tóca, o que fez com violencia por ser o buraco muito pequeno (...). Tendo estes trabalhado por apanhar o coelho até ao meio dia, e não o podendo conseguir, vendo que tocava á Missa (...), taparão a tóca, deixando dentro o coelho, e a cadella, e forão ouvir Missa á sua Freguesia de S. Romão de Carnaxide.

Voltando da Missa, trouxerão huma lanterna, e huma vella; e cavando mais, fizeram o buraco tão grande, que o tal Nicolão pôde entrar dentro com a lanterna sózinho; e achando huma casa, gritou pelos outros, que também entrarão: levantarão huma laje que virão, procurando o coelho, e acharão debaixo da laje duas caveiras, e espalhados pela casa varios ossos de corpo humano, dos quaes se encheo depois hum cesto, e hum lenço, que levou o Juiz de Fóra de Oeiras, e outros estão por varias casas, que os levirão outras muitas pessoas. Acharão tambem varios pedaços de louça, e algumas pedras lisas e redondas. Finalmente apanhando o rapaz Nicolão o coelho, o trouxe para sua casa muito contente, e nella o conservou até o dia 3 de Junho, em que elle mesmo o foi entregar a S. M. o Sr. D. João VI, na companhia de Francisco Xarola, que igualmente lhe levou huma pedra das achadas, e que parecia ser rara: o que tudo S. M. benignamente acceitou.” A descrição é clara, no respeitante à natureza arqueológica dos achados. O autor passa de seguida à descrição da gruta, a qual despertou logo muito interesse por parte da população, “que de toda a parte concorria a vêr aquella raridade” (p. 7). Estavam, pois, criadas as condições no imaginário popular para que em torno da descoberta se associasse o milagre e, com ele, o culto cristão. Logo correu a notícia da aparição, “na concavidade da rocha, que fica à mão esquerda de quem entra, deitada sobre huma pedra (...), huma pequena Imagem de Nossa Senhora da Conceição, com hum manto de seda muito velho, côr de obrêa desmaiada, e huma espiquilha de prata à roda já muito velha, cujo manto estava pegado à pedra” (*op. cit.*, p. 7, 8).

Como refere L. CHAVES (1917, p. 71), “o culto principiou logo e, ao local acorreu D. Miguel, depois do conhecido desastre no trem atrelado pelas mulas “malhadas”, em que o rei quebrou uma perna”.

Nas Figs. 2 a 6 reproduzem-se registos historiando as circunstâncias que conduziram ao achado e alusivos ao culto mariano que se lhe succedeu. Este é, na verdade, um dos mais expressivos exemplos portugueses de relação entre o aparecimento da imagem de Nossa Senhora e recinto subterrâneos. Outros se poderiam citar (CHA-



VERDADEIRO RETRATO DA MILAGROZA
IMAGEM DE N. S. DA CONCEIÇÃO DA ROCHA
 Descoberta em 31 de Maio de 1822 nas margens do Rio de
 Jamor; Casal da Rocha Piquexia de S. Romão de Carnaxide,
 de Termo de Oeiras. Transferida p.^a a Sé de Lisboa em 5 de
 Agosto de 1822 a onde presentemente he venerada.
 ORA.^o S.^t Card. Patriarca cond. 150 dias de Indulg.^a a q.^o rezar
 3 S. Rainhas diante desta Milagrosa Imagem.

Na Fabrica de An.^o Joaq.^o Ribeiro na Rua da Padaria N.^o 17

Fig. 2 – Ex-voto (“registro”) alusivo a Nossa Senhora da Conceição da Rocha.

VES, 1917, p. 71), como a Senhora da Arrábida, a Senhora do Cabo e a Senhora da Nazaré.

VASCONCELLOS (1980, p. 611), salienta a importância da devoção da Senhora da Rocha de Carnaxide no próprio povoamento da região envolvente; aquela não cessou até à actualidade, culminando, por impulso decisivo de Tomás Ribeiro, cerca de 1886 que lhe dedicou poema, reproduzido em VASCONCELLOS (1896, p. 241), com a conclusão do imponente templo que actualmente se ergue no lugar, à guarda da Real Irmandade de Nossa Senhora da Conceição da Rocha, que anualmente organiza festividades e edita bem organizado e documentado Programa, de onde se extraíram as reproduções dos *ex-votos* alusivos à Senhora (Programas de 1986, 1990, 1991, 1992 e 1994).

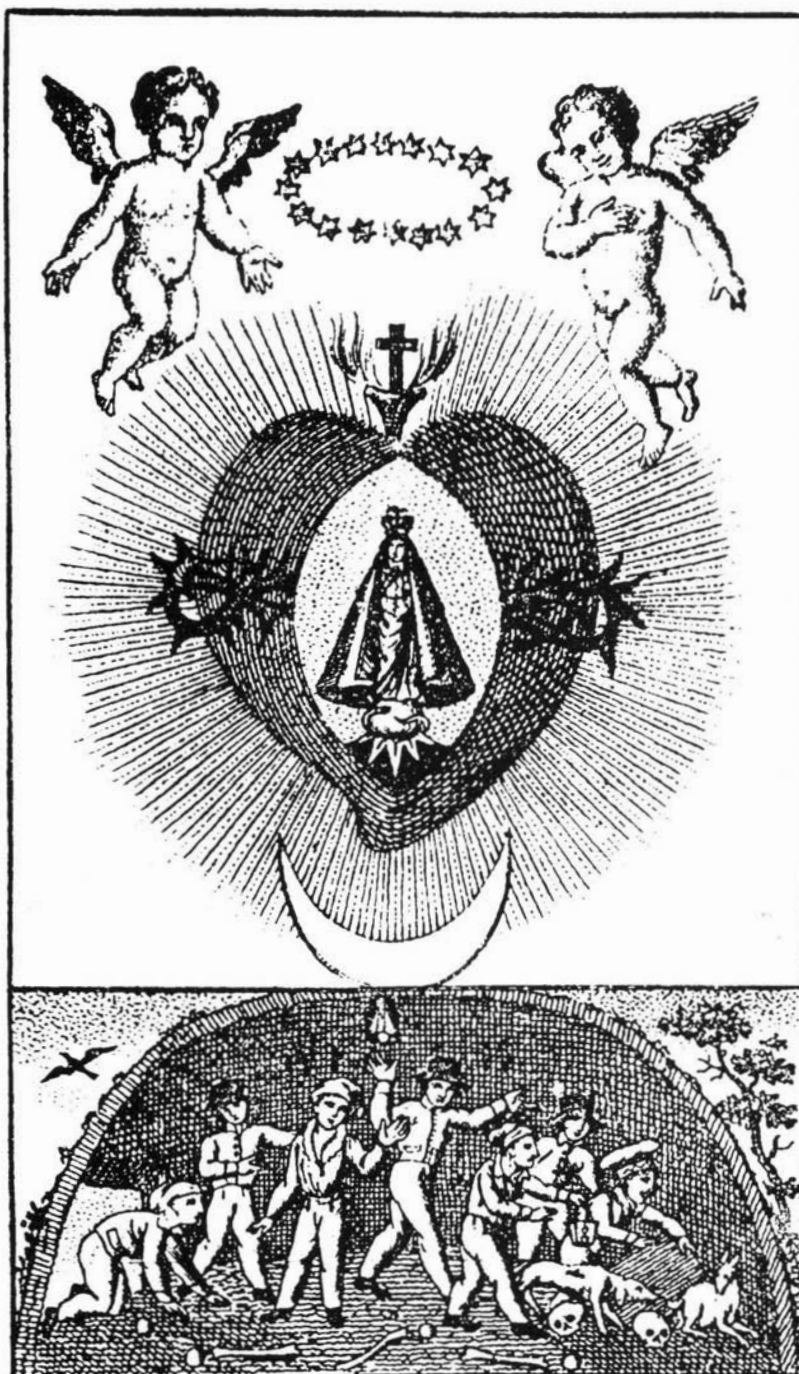
Além da gruta que celebrou o local, VASCONCELLOS (1895, p. 186) menciona a existência de outras nas proximidades, em ambas as margens do rio Jamor, tendo algumas delas fornecido também artefactos pré-históricos, como foi comprovado, por explorações promovidas pela então Comissão Geológica, sob a égide de Carlos Ribeiro (talvez síncronas das por ele realizadas na gruta da Ponte de Lage ou em Leceia). Também Mesquita de Figueiredo procedeu a sondagens em três delas, tendo obtido espólio em duas (*op. cit.*, p. 186).

As explorações na região prosseguiram; nas décadas seguintes, Abílio Roseira recolheu abundante espólio pré-histórico, em povoado pré-histórico situado na encosta sobranceira ao vale e às grutas, actualmente em estudo pelo signatário, conservado no Museu Nacional de Arqueologia.

Em 1950-51, O. da Veiga Ferreira retomou as pesquisas, tanto na área do povoado como em algumas das grutas e abrigos; tal iniciativa foi acompanhada pelo estudo dos materiais recuperados por Carlos Ribeiro (ZBYSZEWSKI *et al.*, 1959) e conservados actualmente no Museu do Instituto Geológico e Mineiro, em Lisboa.

Enfim, em 1958, são apresentados os resultados preliminares das escavações realizadas no povoado e das sondagens sumárias em sete das grutas vizinhas (ANDRADE & GOMES, 1959).

Estas intervenções arqueológicas de campo foram as derradeiras na região de Carnaxide, antes daquelas que nós próprios promovemos e executámos, em 1990, sob a égide do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras – CMO, em pequena faixa incólume da área ocupada primitivamente pelo povoado pré-histórico. Com efeito, a zona arqueológica mais importante, pela concentração de achados à superfície – e onde se realizaram os trabalhos de escavação na década de 1950 – foi intencionalmente coberta por aterro que, na parte terminal, atinge mais de 5 m de espessura, pelo proprietário do terreno, inviabilizando presentemente trabalhos arqueológicos os quais, sem dúvida, trariam novos e importantes elementos. Procuraremos realizá-los num futuro próximo.



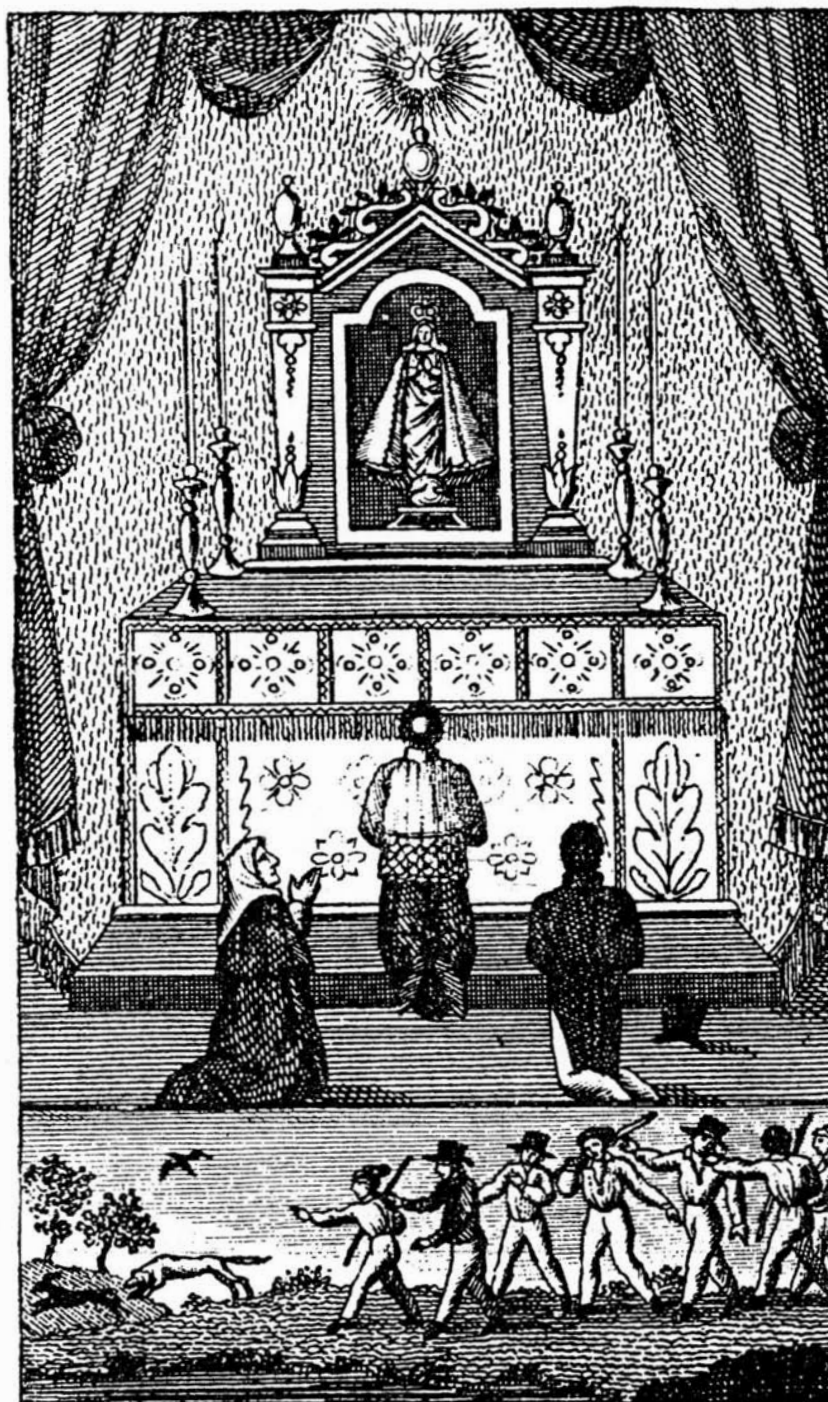
N.S.DA CONCEIÇÃO DA ROCHA.

Fig. 3 – Ex-voto (“registro”) alusivo a Nossa Senhora da Conceição da Rocha.



N. S. DA CONCEIÇÃO DA ROCHA
*Descoberta na Ribeira de Tamor Freg.^a
de Carnachide em 28 de Maio de 1822.*

Fig. 4 – Ex-voto (“registro”) alusivo a Nossa Senhora da Conceição da Rocha.



N. S. DA CONCEIÇÃO DA ROCHA

Fig. 5 – Ex-voto (“registro”) alusivo a Nossa Senhora da Conceição da Rocha.

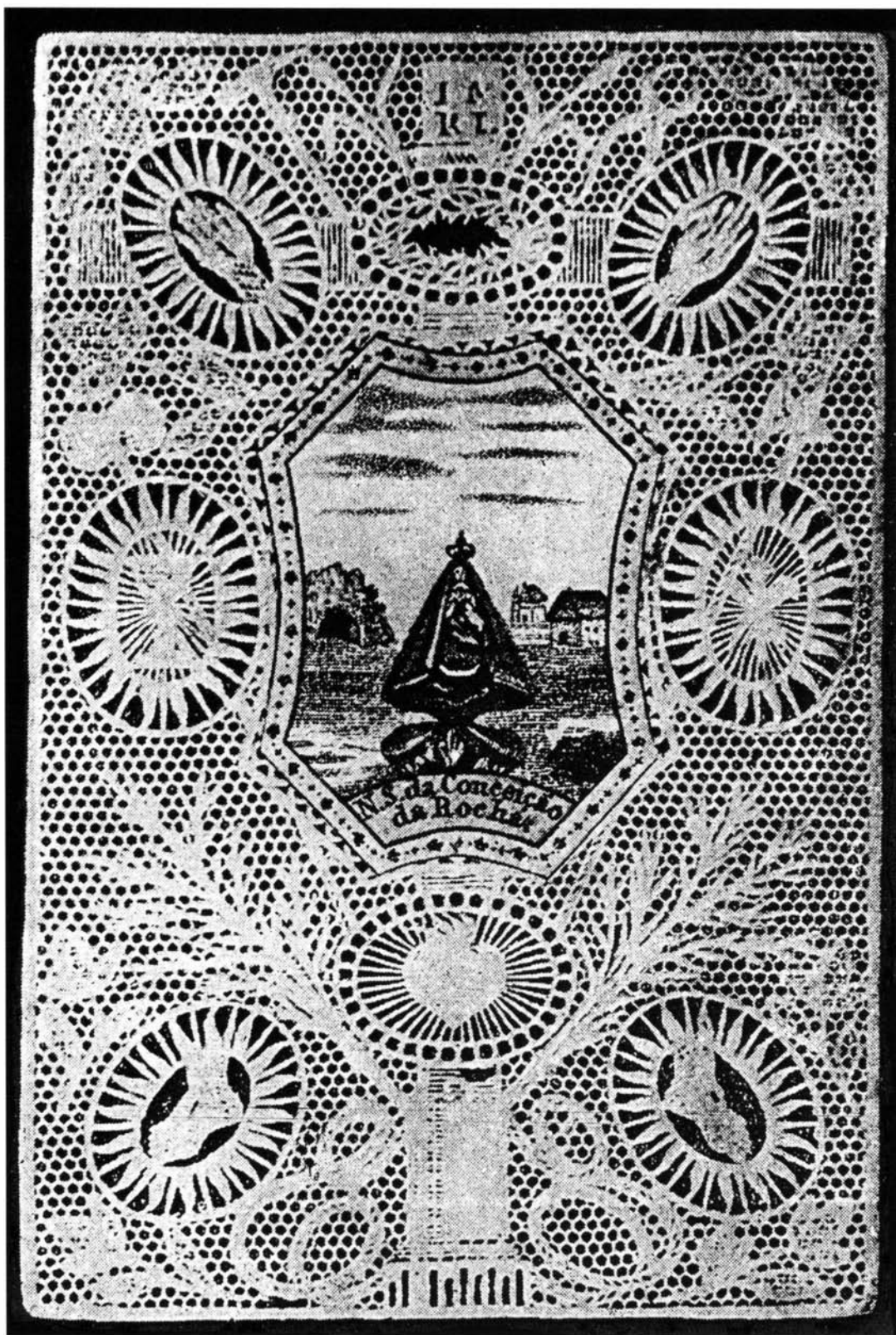


Fig. 6 – Ex-voto (“registro”) alusivo a Nossa Senhora da Conceição da Rocha.

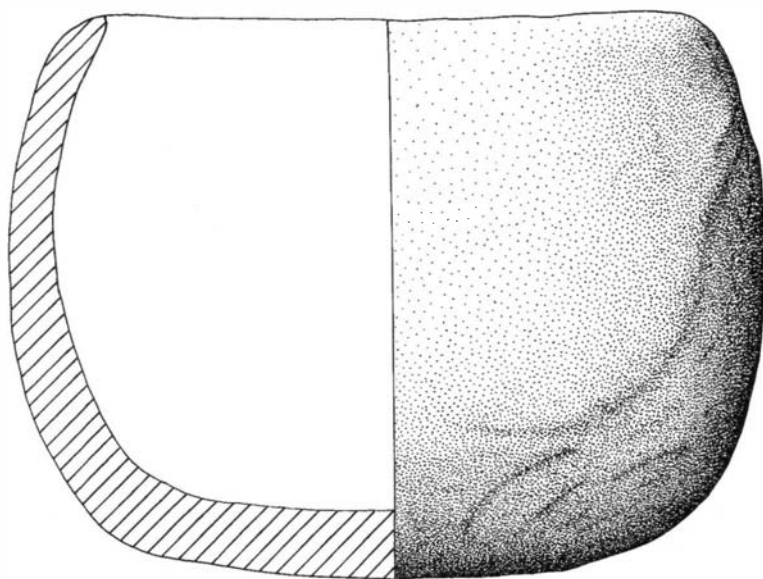
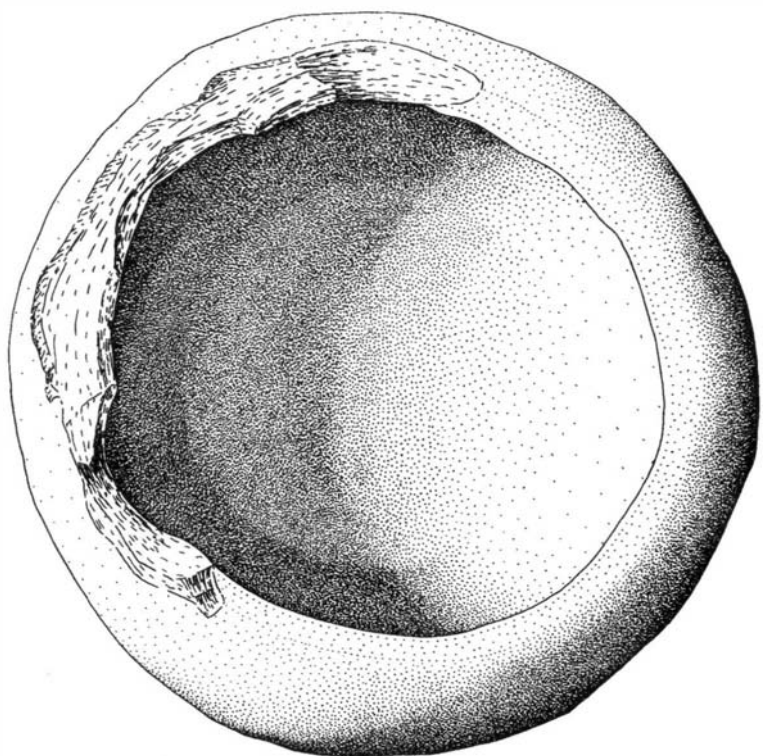


Fig. 7 – Grutas de Carnaxide. Vaso esférico de fundo achatado.

2 – MATERIAIS

Os materiais que serão a seguir estudados conservam-se no Museu Nacional de Arqueologia. Provêm de Carnaxide e não possuem número de inventário. As suas características, designadamente o bom estado de conservação, fazem crer que prove-nham de uma ou mais das grutas atrás referidas e não do povoado, como claramente se conclui do facto de se encontrarem intactos. Duas das peças foram desenhadas por Francisco Valença conforme rubrica do próprio (Fig. 7 e Fig. 8, n.º 1), que trabalhou no Museu de 1920 a 1952 (MACHADO, 1964, p. 102, nota 67); a restante (Fig. 8, n.º 2) ostenta a indicação de ter sido desenhada por JSM, iniciais de João Saavedra Machado, que foi desenhador do Museu de 1912 a 1920 (MACHADO, 1964, p. 64, nota 15). É lícito admitir-mos, tal a coerência do conjunto, que tenham sido integra-das nas coleções do Museu de uma só vez, em ano anterior a 1920. Assim sendo, é provável que resultem das explorações efectuadas em três daquelas grutas por Mesquita de Figueiredo, das quais sabemos que duas deram espólio (embora VAS-CONCELLOS, 1895, p. 186) lhes reporte, apenas, fragmentos de “instrumentos de pedra”. É possível que explorações ulteriores daquele investigador tenham condu-zido a estes achados. Com efeito, A. Mesquita de Figueiredo apresentou, ulterior-mente, em 28 de Outubro de 1900, à 5.ª Sessão Plenária da Sociedade Archeologica Santos Rocha, da Figueira da Foz, comunicação não publicada no respectivo Boletim, mas apenas noticiada por P. Belchior da CRUZ (1901, p. 60), intitulada “Descobertas archeológicas em Lisboa”. Nela fez menção ao “achado de abundantes valvas de *thelis* nas grutas de Carnaxide”, prova de que terá dado continuidade às aludidas explorações. Talvez que as desinteligências, entretanto surgidas, entre Mesquita de Figueiredo e Leite de Vasconcelos, a partir de 1908, referidas pelo segundo com pormenor (VASCONCELLOS, 1915, p. 140 e seg.), tivessem aquele impedido de publicar os materiais exumados, entretanto depositados no Museu diri-gido por Leite de Vasconcelos.

Esta é a hipótese mais credível para explicar a presença destes materiais no Museu Nacional de Arqueologia, até ao presente inéditos; não se vislumbra alternativa, até porque as explorações de Abílio Roseira na zona só se iniciaram na década de 1920, quando João Saavedra Machado já não trabalhava no Museu.

Os materiais em apreço são os seguintes:

1 – Esférico achatado, de bordo reentrante e fundo aplanado. Exemplar inteiro, exceptuando porções junto do bordo. Cerâmica lisa, bem acabada superficialmente, de textura média. Diâmetro máximo – 99 mm; altura máxima – 74 mm (Fig. 7). Possui etiqueta colada no centro do fundo, do lado externo com a menção des. FV.

2 – Pequena taça em calote de bordo simples, levemente marcado, lábio convexo e fundo convexo. Superfície rugosa, mal alisada. Pasta de textura média. Diâmetro

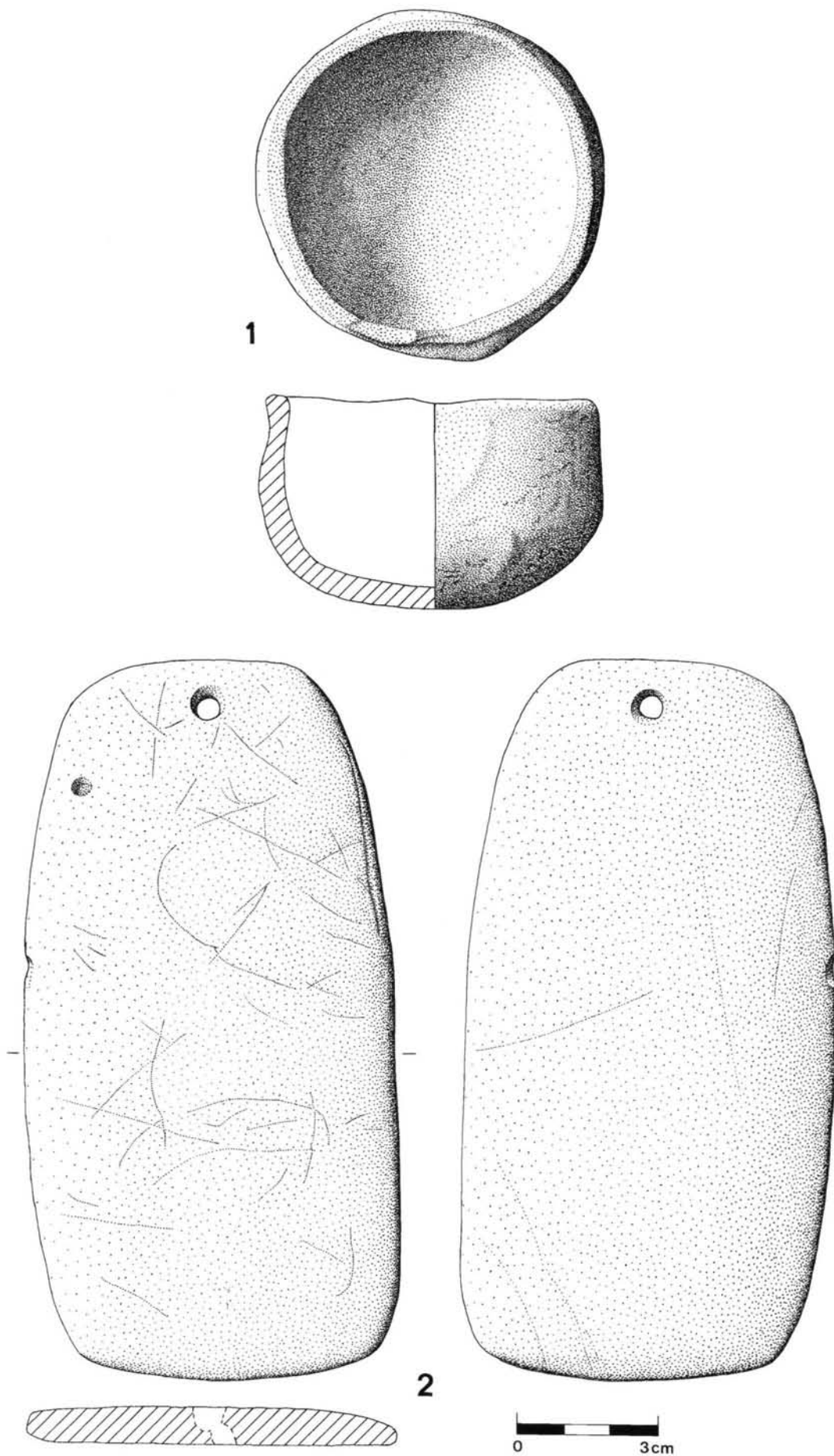


Fig. 8 – Grutas de Carnaxide. Em cima: pequena taça em calote de bordo ligeiramente marcado e lábio convexo; em baixo: placa de xisto lisa.

máximo – 62 mm; altura máxima – 38 mm (Fig. 8, n.º 1). Possui etiqueta colada no centro do fundo, do lado externo, com a menção des. FV.

3 – Placa de xisto acinzentado, lisa de ambos os lados, de bordos laterais bombeados, e de contorno geral quase subrectangular, possuindo a meio do lado de menores dimensões, um furo de secção bicónica. Altura máxima – 130 mm; largura máxima – 67 mm (Fig. 8, n.º 2). Possui escrito a tinta da china, numa das faces, a indicação des. J.S.M.

Os desenhos de Francisco Valença e de João Saavedra Machado não se localizaram, nas pastas dos originais actualmente conservados no Arquivo do Museu Nacional de Arqueologia.

3 – COMPARAÇÕES

Dos três artefactos é, sem dúvida, a placa o que oferece maior interesse. De facto, os dois vasos lisos, integram-se bem nas chamadas “cerâmicas dolménicas”, cuja cronologia remonta, essencialmente, ao Neolítico final, o mesmo se verificando com a placa de xisto. esta apresenta a particularidade invulgar de não ser gravada. Os paralelos encontrados são os seguintes:

– **Anta do Curral da Castelhana (Alcoutim)** – este monumento megalítico forneceu duas placas de xisto lisas, das quais uma tem um furo de suspensão (Fig. 9, n.º 6). Considerando a tipologia dos recipientes cerâmicos a que se encontravam associadas, o seu escavador perfilhou a hipótese de uma sepultura de “pastores megalíticos”, contemporâneos do Calcolítico (GONÇALVES, 1988, Est. 122, 246; GONÇALVES, 1991, p. 342). Assim sendo, às placas de xisto lisas não estará implícita qualquer ideia de arcaísmo, a confirmar-se a cronologia dos recipientes cerâmicos e a serem estes contemporâneos das placas. Não haverá, deste modo, lugar à sobrevalorização da ausência de decoração, a qual se poderá entender, tão-somente, como “epifenómeno”, considerando a notória diversidade de tais ideoartefactos.

– **Cumiada (Silves)** – de uma sepultura do tipo silo, neolítica, provém uma placa em tudo idêntica à de Carnaxide (Fig. 10, n.º 3), publicada por VASCONCELOS (1918, Fig. 29).

– **Palhota (Santiago do Cacém)** – Uma pequena placa lisa, de contorno trapezoidal e desprovida de perfuração provém deste monumento megalítico (Fig. 9, n.º 3); foi paralelizada com homólogas da região de Almería (SOARES & SILVA, 1976/77, p. 148, Est. 6, n.º 70).

– **Gruta I de Palmela** – uma das grutas artificiais desta notável necrópole contém uma placa lisa (Fig. 10, n.º 5) com uma perfuração (LEISNER, 1965 Tf. 96; LEISNER *et al.*, 1961, p. 32).

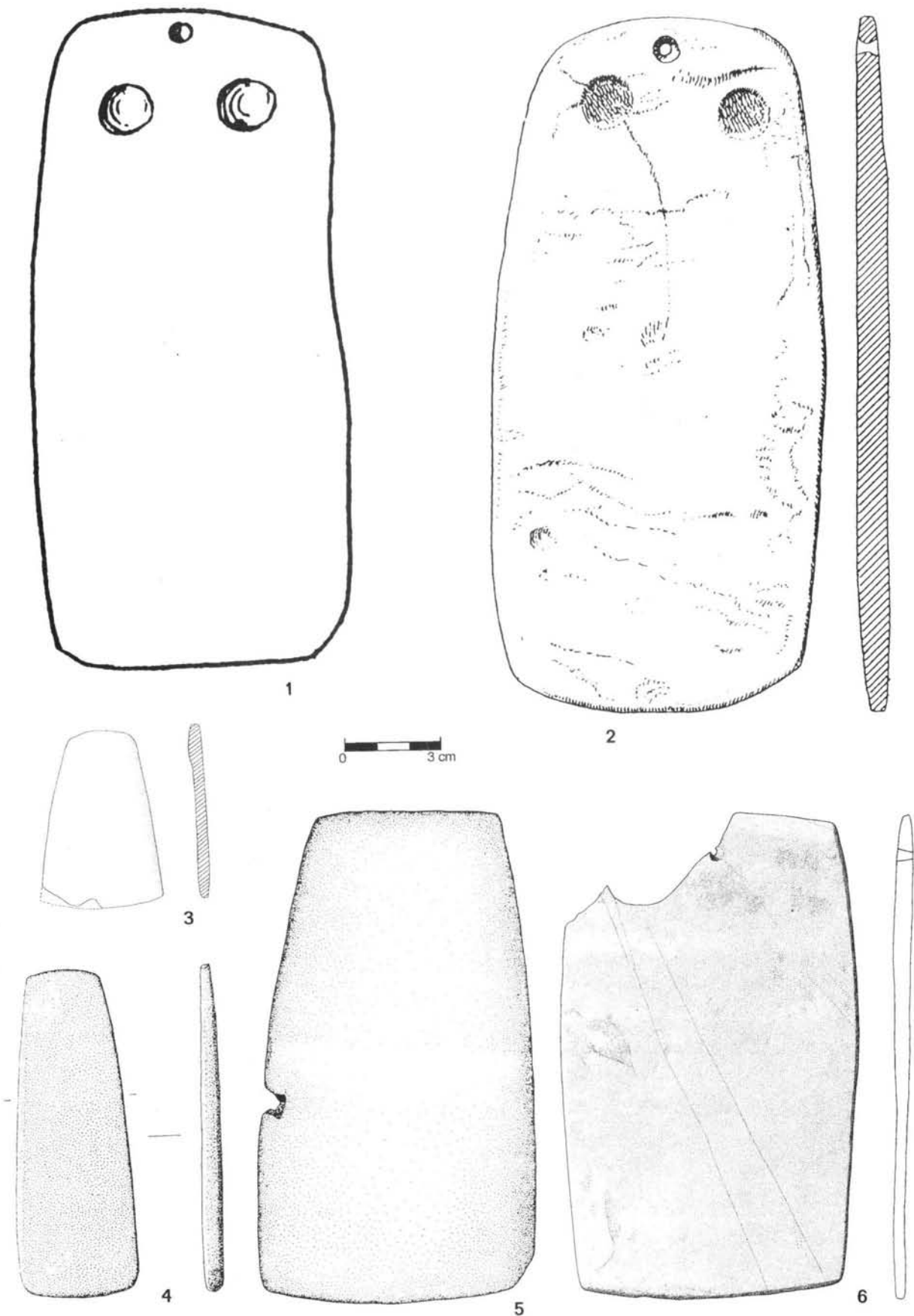


Fig. 9 – Placas de xisto lisas. 1 - da anta da herdade de Portugal, Ponte de Sor; 2 - da sepultura do Cabeço da Arruda 1; 3 - da anta da Palhota, Santiago do Cacém; 4 - da Caverna das Alqueres, Coimbra; 5 - da anta de Lanchas 1, Valência de Alcantara; 6 - da anta do Curral da Castelhana, Alcouthim (1, seg. LEISNER & LEISNER, 1959, Tf. 16; 2, seg. LEISNER, 1965, Tf. 6; 3, seg. SILVA & SOARES, 1976/77, Est. VI; 4, seg. VILAÇA & RIBEIRO, 1994; 5, seg. BUENO RAMIREZ, 1988, Fig. 54; 6, seg. GONÇALVES, 1988, Fig. 122.

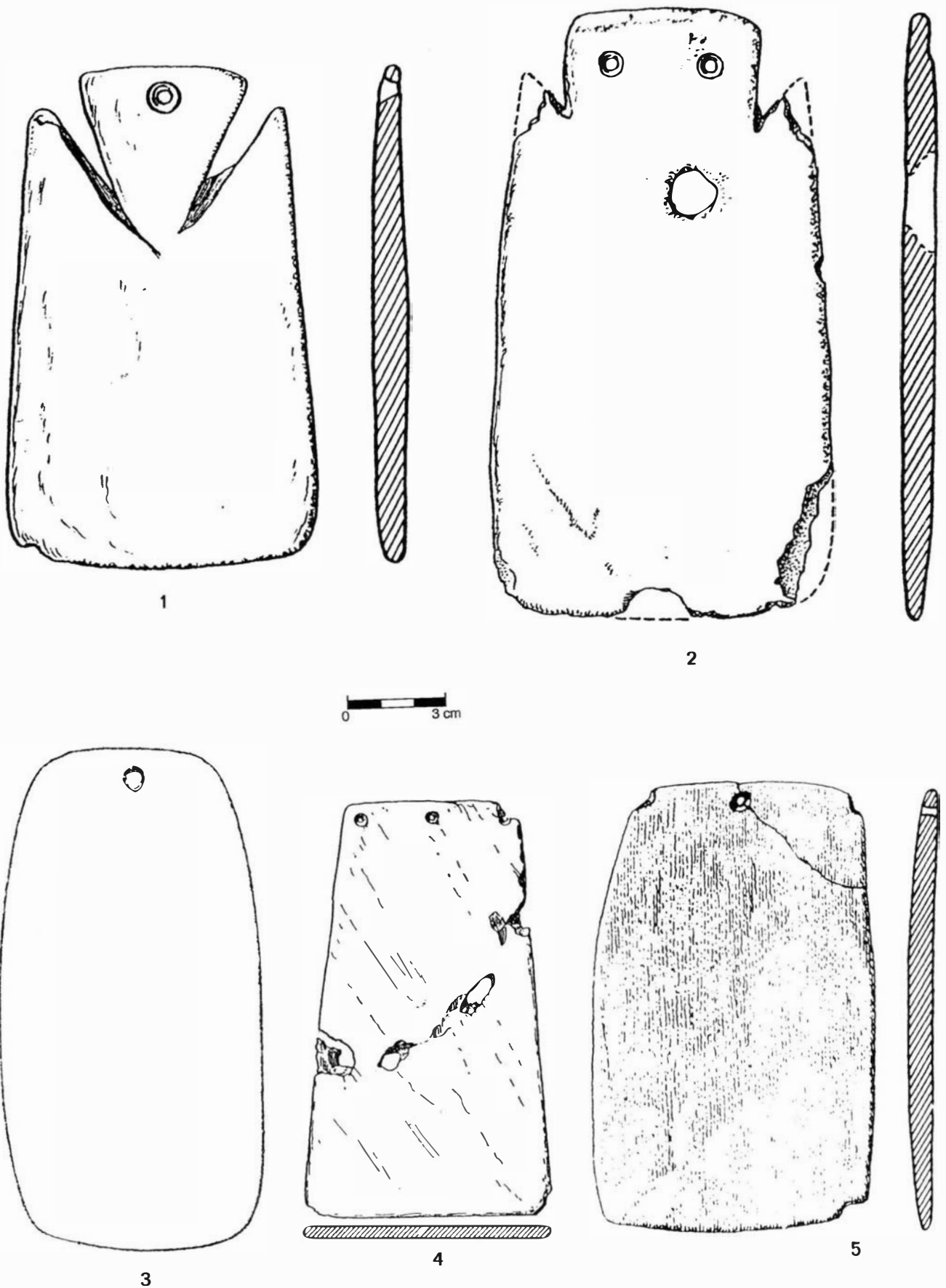


Fig. 10 – Placas de xisto lisas. 1 - do concelho de Marvão, anta desconhecida; 2 - da anta da Marquesa (Marvão); 3 - da sepultura do tipo silo, de Silves; 4 - de anta da região de Granada; 5 - da gruta I de Palmela (1 e 2, seg. LEISNER & LEISNER, 1959, Tf. 4; 3, seg. VASCONCELOS, 1918, Fig. 29; 4, seg. LEISNER & LEISNER, 1943, Tf. 44; 5, seg. LEISNER & LEISNER, 1965, Tf. 96).

– **Cabeço da Arruda 1 (Torres Vedras)** – desta sepultura provém uma placa com duas depressões simétricas no terço superior (LEISNER, 1965, Tf. 6), reproduzida na Fig. 9, n.º 2.

– **Tholos da Praia das Mações (Sintra)** – um exemplar igualmente com duas depressões simétricas no terço superior (GONÇALVES, 1982/83, Fig. 19, n.º 2).

– **Marvão** – de antas da região de Marvão – a anta da Marquesa e outra de localização desconhecida – LEISNER & LEISNER (1959, Tf. 4, n.ºs 5, 11; 6.1) representam dois exemplares lisos, com recorte, individualizando uma “cabeça” pouco marcada, com perfuração (Fig. 10, n.ºs 1 e 2).

– **Crato** – na anta 2 da Herdade da Costa, recolheu-se uma placa lisa, de contorno trapezoidal alongado, de xisto micáceo. O orifício abre-se ao centro da base menor e encontra-se ladeado por duas depressões, situadas um pouco abaixo, de contorno circular, obtidas por picotagem (ISIDORO, 1973, Fig. 15). Simbolizariam dois seios, reforçando a atribuição à divindade feminina de estes artefactos votivos.

– **Ponte de Sor** – das antas das herdades de Portugal ou de Besteiros, LEISNER & LEISNER (1959, Tf. 16, n.º 7,7) reproduzem uma placa lisa com duas depressões simétricas no terço superior (Fig. 9, n.º 1).

Fora do nosso País, as placas de xisto gravadas são pouco abundantes, circunscrevendo-se às regiões fronteiriças de Espanha e às províncias de Almería, Cádiz e Granada:

– **Caverna das Alqueves (Coimbra)** – em escavações recentes (VILAÇA & RIBEIRO, 1994) exumou-se uma pequena placa trapezoidal sem furo de suspensão (Fig. 9, n.º 4).

– **Lanchas I** – dolmen de Valência de Alcântara, que conservava uma “Placa trapezoidal em pizarra grisácea, completamente pulimentada, pero sin ninguna decoración ni agujero de suspensión” (BUENO, 1988, p. 52 e Fig. 53 e 54). O exemplar espanhol (Fig. 9, n.º 5) aproxima-se, pois, do de Palhota, pelo carácter apontado.

– **Alicún** – dos sepulcros megalíticos de Alicún (Granada) encontra-se representada por LEISNER & LEISNER (1943, Tf. 44, n.º 11), uma placa trapezoidal lisa, com três perfurações no lado menor (Fig. 10, n.º 4), aparentemente associada a uma placa gravada com triângulos, a pontas de seta de base profundamente cavada e a um bracelete de *G. glycimerys*. Trata-se de uma das raras ocorrências de placas gravadas em monumentos megalíticos do Sul peninsular.

– **Llano de la Rueda 1** – LEISNER & LEISNER (1943, Tf. 2, n.º 4), figuram exemplar com duas depressões circulares; trata-se de sepultura da província de Almería.

– **Tholos 1 de Los Millares** – LEISNER & LEISNER (1943, Tf. 11, n.º 1) representam placa lisa com três furos de suspensão, de esta sepultura da província de Almería.

– **Loma de las Eras** – da sepultura 1 (Tabernas Almería), LEISNER & LEISNER (1943, Tf. 29, n.º 1) publicam outro exemplar liso.

Os autores referidos assinalam três placas lisas na província de Cádiz, e seis na de Granada (*op. cit.*, Tf. 179). Porém, desconhece-se a tipologia, em pormenor, de tais artefactos, bem como a respectiva matéria-prima, já que a convenção adoptada precisa, apenas, a forma (sub-trapezoidal), com um furo de suspensão (*op. cit.*, Tf. 178).

4 – CONCLUSÕES

Os materiais estudados constituem uma pequena colecção homogénea, no respeitante à cronologia e integração cultural; trata-se, com efeito, de conjunto atribuível ao Neolítico final, de feição dolménica, sendo-lhe, por conseguinte, aplicável cronologia correspondente à 2.^a metade do IV milénio a.C., ou a princípios do milénio seguinte.

A ocorrência de cerâmicas idênticas em grutas naturais é bastante frequente na região da baixa península de Lisboa, tendo nesta região sido esta a forma de sepulcro mais frequente, substituindo, em larga medida, os monumentos dolménicos, aqui bastante escassos. É neste sentido que a expressão “megalitismo em grutas” ganha significado (GONÇALVES, 1992, p. 172).

A utilização funerária das pequenas grutas ou abrigos naturais existentes ao longo das margens do rio Jamor, perto de Carnaxide, esteve certamente relacionada com a existência de um importante povoado pré-histórico, na plataforma que domina este trecho do vale, situado na sua margem esquerda. Com efeito, é importante nesse local a presença de materiais coevos dos agora estudados especialmente documentados pelos característicos bordos denteados. Aliás, a relação entre povoados e grutas naturais utilizadas como necrópoles, foi anteriormente referida (CARDOSO & CARDOSO, 1993, p. 31) estando bem documentada em Carnaxide. Tal relação encontra-se ilustrada por outro exemplo da área de Oeiras. Trata-se do povoado pré-histórico de Leceia, cuja escarpa calcária que o limita do lado oriental possui uma pequena gruta natural utilizada como depósito mortuário secundário (RIBEIRO, 1878; CARDOSO *et al.*, 1991). Enfim, a gruta de Ponte da Lage, foi utilizada como necrópole provavelmente dos habitantes do povoado neolítico das Penas Alvas (CARDOSO & CARDOSO, 1993), situado no alto sobranceiro.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos às seguintes individualidades a colaboração amigavelmente prestada:

- Dr. Francisco Alves, Director do Museu Nacional de Arqueologia, que autorizou o estudo dos materiais de Carnaxide, ali conservados.
- Arq. M. Varela Gomes, a indicação bibliográfica da placa de xisto da Cumiada.
- Eng. João Caninas, as informações relativas às placas lisas da região de Marvão.

– Prof. Doutor Jorge Oliveira, da Universidade de Évora, as indicações sobre as placas lisas da província de Cáceres.

– Dr. Valle de Figueiredo e Sr. João Torres Heitor, da Real Irmandade de N. Sr.^a da Conceição da Rocha.

BIBLIOGRAFIA

BUENO RAMIREZ, P. (1988) – Los dolmens de Valência de Alcântara. *Excavaciones Arqueológicas en España*, Direccion General de Bellas Artes y Archivos. Madrid.

CARDOSO, João Luís & CARDOSO, G. (1993) – Carta arqueológica do concelho de Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (CMO), 4 126 p.

ANDRADE, G.M. & GOMES, J.J.F. (1959) – Estudo preliminar da estação pré-histórica de Carnaxide. *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa, 1958), 1, p. 137-146.

CARDOSO, João Luís & CARDOSO, Guilherme (1993) – Carta arqueológica do concelho de Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 4, 125 p.

CARDOSO, João Luís; CUNHA, A.S. & AGUIAR, D. (1992) – O Homem pré-histórico no concelho de Oeiras. Estudos de Antropologia Física. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 2, p. 1-85.

CHAVES, L. (1917) – Sobrevivências neolíticas em Portugal. Vestígios líticos em concordância ou paralelismo, e na toponímia. *Arquivo da Universidade de Lisboa*, 4, p. 55-81.

CONCEIÇÃO, Frei Claudio da (1822a) – *Descrição de um prodígio raro e descoberto em huma lapa*. Imprensa Nacional, Lisboa.

CONCEIÇÃO, Frei Claudio da (1822b) – *Memoria de huma lapa descoberta no dia 28 de Maio de 1822 na ribeira do Jamor; Freguesia de Carnaxide e os mais acontecimentos que depois se lhe seguirão*. Imprensa Nacional, Lisboa.

CRUZ, P. Belchior da (1901) – Sociedade Archeologica Santos Rocha. *O Archeologo Português*, 6, p. 59-60.

GONÇALVES, J.L.M. (1982/83) – Monumento pré-histórico da Praia das Maças (Sintra). Notícia preliminar. *Sintria*, I-II (1), p. 29-57.

GONÇALVES, V.S. (1988, 1991) – *Megalitismo e metalurgia no Alto Algarve Oriental. Uma aproximação integrada*. Lisboa, INIC/UNIARQ, 2 vol. (Estudos e Memórias).

- GONÇALVES, V.S. (1992) – *Reverendo as antas de Reguengos de Monsaraz*. Cadernos da Uniarq, 2, 264 p., Lisboa.
- SILVA, C. T. & SOARES, J. (1976/77) – Contribuição para o estudo do megalitismo do Alentejo litoral. A sepultura de Marco Branco (Santiago do Cacém). *O Arqueólogo Português*, S. IV, 1, p. 63-88.
- LEISNER, V. (1965) – *Die megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Deutsches Archäologisches Institut, Abteilung Madrid. Madrider Forschungen, Band 1, Tafeln. Berlin, Walter de Gruyter & Co.
- LEISNER, G. & LEISNER, V. (1943) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel*. Erster Teil: Der Süden. Römisch - Germanische Forschungen, Band 17, Tafelband. Verlag von Walter de Gruyter & Co., Berlin.
- LEISNER, G. & LEISNER, V. (1959) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel*. Der Westen. Tafeln. Deutsches Archäologisches Institut, Abteilung Madrid. Walter de Gruyter & Co., Berlin.
- LEISNER, V.; ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da V. (1961) – *Les grottes artificielles de Casal do Pardo (Palmela) et la Culture du Vase Campaniforme*. Memórias dos Serviços Geológicos de Portugal, 8 (N.S.). Lisboa.
- MACHADO, J.L.S. (1964) – Subsídios para a história do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos. *O Arqueólogo Português*, S. II, 5, p. 51-448.
- N/A (1990) – Beve historial da Senhora da Rocha. *Historial & Programa das tradicionais festividades em honra de Nossa Senhora da Conceição da Rocha*, p. 7-13. Carnaxide.
- RIBEIRO, C. (1878) – *Notícia de algumas estações e monumentos pré-históricos. – Notícia da estação humana de Licêa*. Memória apresentada à Academia Real das Sciencias de Lisboa. Tipografia da Academia. Lisboa.
- ISIDORO, A. F. (1973) – Escavações em dólmenes do concelho do Crato (Alto Alentejo) – V. *Trabalhos de Antrop. e Etnol.*, 22 (2), p. 107-124.
- VASCONCELOS, J. L. de (1895) – Gruta da Senhora de Carnaxide. *O Arqueólogo Português*, 1, p. 182-191.
- VASCONCELOS, J.L. de (1896) – Gruta da Senhora de Carnaxide. *O Arqueólogo Português*, 2, p. 241-243.
- VASCONCELOS, J.L. de (1915) – *História do Museu Etnológico Português (1893-1914)*. Imprensa Nacional. Lisboa.

VASCONCELOS, J.L. de (1918) – Pelo Sul de Portugal (Baixo Alentejo e Algarve). *O Arqueólogo Português*, 23, p. 104-138.

VASCONCELOS, J. L. de (1980) – *Etnografia Portuguesa*, 2, p. 611-612. Lisboa, Imprensa Nacional.

VILAÇA, R. & RIBEIRO, J. P. (1994) – Gruta dos Alqueves. *Informação Arqueológica*, 9, p. 53.

ZBYSZEWSKI, G.; VIANA, A. & FERREIRA, O. da V. (1959) – Antigas prospecções arqueológicas realizadas na área de Carnaxide. *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*, 41, (2), p. 114-120.

Estudos Arqueológicos de Oeiras,
5, Oeiras, Câmara Municipal, 1995, pp. 87-96

PARA O CONHECIMENTO DA AGRICULTURA NO CONCELHO DE OEIRAS: DO NEOLÍTICO AO PERÍODO ROMANO⁽¹⁾

João Luís Cardoso⁽²⁾

1 – INTRODUÇÃO

O concelho de Oeiras conserva o registo – embora muito truncado e incompleto – da lenta evolução do homem, tanto técnica como social e económica, denunciada por artefactos, formas de habitar e estruturas correlativas, ao longo de diversas épocas da pré-história, proto-história e Período Romano. Trata-se de vestígios materiais, que podem contribuir, desde que adequadamente interpretados, recuperando toda a informação neles potencialmente contida, para o conhecimento das respectivas comunidades, que ocuparam este território, no decurso dos milénios pretéritos. Esta comunicação pretende caracterizar uma das actividades preponderantes a que aquelas se entregaram, desde os tempos neolíticos e que mais fortemente marcaram o seu quotidiano, bem como a paisagem da região: a agricultura.

⁽¹⁾ *Comunicação apresentada ao 2.º Encontro de História Local do Concelho de Oeiras (Oeiras, Outubro de 1993), revista em Novembro de 1995.*

⁽²⁾ *Professor da Universidade Nova de Lisboa e Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras. Sócio efectivo da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Associação Profissional de Arqueólogos.*

2 – GÉNESE E DESENVOLVIMENTO DA AGRICULTURA NA ÁREA DO CONCELHO DE OEIRAS: O NEOLÍTICO E O CALCOLÍTICO

Os vestígios mais recuados de actividades agrícolas actualmente conhecidos na área do concelho de Oeiras remontam, apenas, ao final do Neolítico; com efeito, desconhecem-se presenças humanas do Neolítico antigo e médio, as quais corresponderiam, por certo, a pequenos núcleos, dispersos pelas encostas e na proximidade de linhas de água, como o rio Jamor, a ribeira de Barcarena ou a da Lage, a extrapolarmos para esta aquilo que se conhece em outras áreas da Estremadura.

No final do Neolítico, que podemos situar entre cerca de 3500 anos a.C. e 2800/2900 anos a.C. de acordo com datações calibradas de carbono 14 obtidas no importante povoado pré-histórico de Leceia, o clima seria um pouco diferente do actual.

O *optimum climaticum* post-glaciário – correspondente ao período Atlântico – com *terminus* cerca de 2800 anos a.C. seria caracterizado por condições temperadas, mais húmidas que as actuais, e também mais quentes, cerca de 2 a 3 °C. Tratava-se, assim, de clima propício ao desenvolvimento de manchas florestais de certa importância, abundantes de recursos (madeira, lenha, veados, ursos, javalis), entremeando espaços abertos, favoráveis ao desenvolvimento de pastagens, com auroques e cavalos selvagens, cujos restos ósseos, bem como os dos animais citados, fazem parte dos inventários arqueológicos de Leceia (CARDOSO, 1989, 1994).

Foi este o ambiente natural que as primeiras comunidades neolíticas até ao presente documentadas na região conheceram, fixadas em esporões rochosos, debruçados sobre férteis vales, como a ribeira de Barcarena (povoado de Leceia) ou o rio Jamor (povoado de Carnaxide).

A escolha destes locais, defendidos por escarpas calcárias, revela as necessidades de protecção sentidas, na época, por estas populações. Tais alterações do povoamento, renunciando as primeiras situações de conflito, exprimem a evolução económico-social resultante, em última análise, da melhoria das tecnologias agrícolas. Tais melhoramentos nos meios de produção, subjacentes, à designada “Revolução dos Produtos Secundários”, consubstanciaram-se, entre outras novidades, pelo aproveitamento da força motriz dos bovídeos na lavoura das terras, possibilitando a introdução do arado, que terá conduzido, a breve trecho, a sensíveis aumentos de produção agrícola e, conseqüentemente, à acumulação de excedentes que careciam de resguardo e protecção. De facto, em Leceia estão bem documentados os restos de bovinos domésticos que, no Neolítico final, são uma das espécies mais frequentes. Por outro lado, a agricultura é uma realidade evidente, pela abundância de moinhos manuais e de lâminas de sílex, utilizadas como elementos de foice. O aumento das quantidades alimentares disponíveis explica, assim, a explosão demográfica que

então se terá verificado e, deste modo, o surgimento de diferenciações intra e inter-comunitárias, decorrentes da competição social então desencadeada.

Assim sendo, a construção dos grandes povoados fortificados, logo no início do Calcolítico – de que Leceia é um dos expoentes – seria a resposta a um ambiente cada vez mais competitivo, devido ao aumento da população, que determinou o próprio crescimento dos povoados, como até então jamais se observara.

Os grandes povoados fortificados calcolíticos, surgem, assim, como a sede de comunidades cada vez mais complexas, e crescentemente diferenciadas. Com efeito, em Leceia é nítida a organização pré-concebida do espaço que viria a ser construído, denotando características proto-urbanas, incluindo a própria higiene e salubridade, competindo a uma certa “elite” a coordenação do trabalho de todos. É, pois, o culminar de um processo com início no Neolítico final e originado pelo aumento de produção proporcionado pelas novas tecnologias agrícolas então introduzidas.

O aumento populacional e a concentração das comunidades em torno de lugares defendidos, concorrentes entre si, trouxe como consequência a redução da área de captação de recursos de cada um deles. Os territórios correspondentes a cada uma das comunidades sofreram, então, o início da sua exploração metódica e sistemática observando-se, assim, os primeiros casos de modificações ambientais em larga escala de origem cultural. As primeiras áreas florestais são sacrificadas, com o objectivo de obtenção de campos agrícolas e de pastagens, o que é sugerido, em Leceia e noutros povoados pré-históricos da região, pela abundância de artefactos de pedra polida para o abate e ulterior trabalho da madeira (machados, enxós). Também os resultados da análise polínica efectuada em sedimentos de Leceia, por João Pais (Universidade Nova de Lisboa), sugerem que os campos envolventes, no Calcolítico inicial, e ao longo do III milénio a.C., seriam escassamente povoados de espécies arbóreas, em consequência, provavelmente, de desflorestação então efectuada, correspondendo a vastas zonas abertas. Neste contexto de férteis terrenos, como são os que ocupam a área adjacente daquele povoado pré-histórico, especialmente na encosta fronteira, e para poente, em direcção a Leião, ocupados por solos basálticos, de classe A, desenvolver-se-ia uma florescente agricultura cerealífera, de sequeiro, bem documentada em Leceia por artefactos e estruturas arqueológicas. Entre os primeiros, são as lâminas ovóides, de retoque cobridor bifacial, conhecidas desde o Neolítico final, que merecem destaque. O brilho que ostentam, frequentemente, ao longo de um dos seus bordos laterais, evidencia o modo de utilização destas peças, dispostas em série ao longo de um suporte de madeira, cuja parte útil – o gume ou lâmina – corresponde ao bordo patinado. Tal brilho seria conferido, essencialmente, pelo corte das hastes das gramíneas, muito duras e abrasivas, por conterem compostos silicatados. A sua abundância, em Leceia, tanto no Calcolítico inicial, como no Calcolítico pleno, a par de mós manuais, para a moagem dos cereais, comprova bem a importância da

agricultura na economia da comunidade ali fixada, ao longo de todo o III milénio a.C. Tal importância encontra-se ainda documentada, neste povoado, por três estruturas até agora sem paralelo em Portugal. Trata-se de empedrados de planta circular, constituídos por lages ajustadas, formando superfícies regulares. As duas estruturas escavadas em 1986 sugeriram a utilização como eiras, visto não evidenciarem arranque de paredes laterais, de alvenaria, ou buracos para a fixação de postes que suportassem as paredes laterais, no caso de estas serem constituídas de elementos vegetais (CARDOSO, 1989, Fig. 74). A escavação da terceira destas estruturas, em 1990, veio confirmar aquela hipótese (CARDOSO, 1994 a, Fig. 62). Com efeito, sobre o empedrado que a constituía, foi espalhada uma camada de gravilha calcária, com a finalidade de regularizar a superfície, especialmente nas zonas de junção entre lages, assegurando, ao mesmo tempo a drenagem pluvial. Uma última camada de argila batida, esbranquiçada e muito dura, assente sobre a anterior, constituía a superfície útil de trabalho, à semelhança do verificado em eiras actuais. Duas destas estruturas denotam acrescentos, em fase ulterior à sua construção, destinados a aumentar a área de trabalho, obtidos no entanto, de maneiras distintas: num caso, adossaram-se algumas lages à estrutura pré-existente, prolongando-a lateralmente; no outro constituiu-se uma coroa circular, a toda a volta da estrutura primitiva. Para além destas estruturas, directamente relacionadas com a prática de culturas cerealíferas de sequeiro, admitimos que o interior de alguns bastiões, fazendo parte integrante do dispositivo defensivo, poderiam ser utilizados como armazéns, rentabilizando, deste modo, a utilização do espaço por eles ocupado, para além do provável aproveitamento secundário como habitações, como se documenta pela presença de lareiras.

Ao longo dos vales, colmatados por aluviões, era provável a existência de um horticultura primitiva, recorrendo, eventualmente, à rega. Está neste caso o sector do vale da ribeira de Barcarena na área adjacente a Leceia, ainda hoje cultivado de hortas e pomares que lhe conferem um aspecto alegre e variado. É, ainda, o registo arqueológico que sustenta tal possibilidade, através da recolha em Leceia de numerosos sachos de pedra polida.

Noutros povoados do Calcolítico da Estremadura, como Vila Nova de São Pedro, além de numerosos grãos de espécies cerealíferas (trigo, cevada), recolheram-se, em silos escavados na rocha, restos incarbonizados de bolota e de fava (PAÇO, 1954). A sua conservação só teria sido possível se se tivesse efectuado, previamente, a respectiva secagem, ao sol. Assim sendo, as estruturas circulares atrás referidas, além da sua utilização no processamento dos cereais, poderiam também ser aproveitadas como superfícies de secagem de produtos hortícolas ou silvícolas (incluindo, neste último caso, a bolota).

A intensa actividade agrícola documentada em Leceia, no decurso do Calcolítico, denota a exploração meticulosa e exaustiva dos recursos disponíveis no território

envolvente, controlado de perto pela população deste arqueossítio; o papel estruturante no povoamento desempenhado por Leceia – sem dúvida um dos aglomerados mais importantes num raio de várias dezenas de km em redor, com uma área construída de cerca de 1 ha, apenas comparável, na Baixa Estremadura ao Zambujal (com cerca de 0,7 ha) e Vila Nova de São Pedro (com área idêntica, de cerca de 1 ha) – era articulado com outros povoados, mais pequenos, não fortificados, aos quais está subjacente um modelo cujas relações específicas entre si estão longe de adequadamente conhecidas.

A concentração de riqueza nestes núcleos fortificados, proporcionada pela actividade agrícola, permitiu o estabelecimento de um importante sistema de trocas, especialmente com o Alentejo, conducente ao aprovisionamento de matérias-primas “estratégicas” indispensáveis às actividades quotidianas, denotando circuitos estáveis e permanentes. Neste contexto, assume papel de relevo a importação em larga escala de rochas duras, anfibolíticas, inexistentes na Estremadura, em que são confeccionados a larga maioria dos objectos de pedra polida (cerca de 2/3 do total, segundo CARDOSO & CARVALHOSA, 1995): machados, enxós, sachos, escopros, etc. O suporte económico assegurado pelos excedentes agrícolas explicam, ainda, a ocorrência em Leceia de matérias-primas sumptuárias, como rochas verdes e marfim, utilizadas em objectos de adorno e de prestígio. Documenta-se, pois, uma comunidade excedentária, aberta francamente ao exterior, privilegiando trocas de produtos, que permitiram e viabilizaram contactos culturais, de base económica, com outros grupos humanos, os quais estiveram na origem da difusão de novas tecnologias – de que a metalurgia do cobre é exemplo paradigmático, como sugerem recentes investigações que a dão como mais antiga nos povoados do sul de Portugal (SOARES, 1993). Tais contactos expressaram-se, outrossim, ao nível, mais abstracto, da superestrutura mágico-religiosa e, portanto, ideológica desta sociedade: a omnipresente divindade feminina – a Deusa Mãe – comum a todas as culturas calcolíticas da bacia mediterrânea, ilustra justamente a intensidade da difusão de conceitos então verificada na referida região.

O agravamento do clima de tensão generalizada a que se assistiu, no decurso do III milénio, na região estremenha – a que alguém chamou de “guerra total” – encontra-se bem documentado em Leceia pelos constantes reforços do dispositivo defensivo (CARDOSO, 1989, 1994). Era evidente o sobressalto permanente em que tais comunidades viviam. Tal situação conduziu ao colapso da estrutura social respectiva, contribuindo para tal, o esgotamento da produção agrícola, devido à sobre-exploração dos terrenos, cada vez mais circunscritos à zona adjacente dos espaços habitados, em consequência da concorrência inter-grupos mencionada.

A nova ordem social que então se impôs, ainda muito insuficientemente conhecida, corporiza a transição do Calcolítico para a Idade do Bronze, na qual se poderão inscrever as derradeiras cerâmicas campaniformes, pertencentes ao “Grupo Inciso”.

É deste modo que se explica, no final do Calcolítico pleno, imediatamente antes da eclosão das cerâmicas campaniformes, a decadência das estruturas defensivas de Leceia, tornando-se o local, progressivamente, em um povoado aberto.

Duas hipóteses se colocam, ao tentar-se explicar o declínio e abandono de grande parte dos povoados da altura, fortificados ou não, nos derradeiros momentos calcolíticos da Estremadura:

1 – A falência da estrutura social, a que conduziu a multiplicação de pequenas comunidades mutuamente independentes e inter-concorrentes, foi acompanhada pelo retorno a povoados abertos, corporizando a desarticulação da sociedade, que antes se caracterizava pela crescente hierarquização e diferenciação sociais; retornava-se, pois, a formas de povoamento vigentes no Neolítico antigo e médio, épocas em que ainda não se evidenciam situações de conflito inter-comunidades, na região da Estremadura; em aparente reforço de tal hipótese, verifica-se que muitos dos locais abandonados desde o Neolítico final, só nestes derradeiros momentos do Calcolítico voltam a ser ocupados.

2 – A desarticulação da estrutura social calcolítica a partir da 2.^a metade do III milénio a.C. seria mais aparente que real. Se, efectivamente, a pulverização de pequenos povoados fortificados, ocupados por comunidades guerreando-se entre si, tinha levado à ruptura do sistema produtivo agro-pastoril, a solução encontrada – em total oposição à hipótese anterior – consistiu no reforço da hierarquização do povoamento, concentrando-se a população em torno de determinados núcleos fortificados mais importantes à escala regional – de que o Zambujal é testemunho, pelos materiais ali exumados, já da Idade do Bronze. Esta última hipótese não explica, contudo, a razão do abandono da fortificação de Leceia – que no decurso do Calcolítico inicial era tão ou mais importante do que qualquer outra – no final do Calcolítico pleno. O certo é que as populações campaniformes, que continuaram a frequentar a plataforma, construíram as suas habitações sobre os derrubes da fortificação calcolítica, e no exterior desta, prova evidente que já não careciam da protecção por ela oferecida. Idêntica observação é válida para Vila Nova de São Pedro, onde os materiais campaniformes ocorrem apenas nos níveis de derrube; ao contrário, no Zambujal prosseguiu a edificação, na época campaniforme, de estruturas defensivas... Talvez a conclusão de momento a tirar seja, tão-somente, a de que cada grande povoado calcolítico teve a sua génese desenvolvimento e ocaso próprios, não se podendo generalizar a realidade observada além do correspondente território sob jurisdição de cada um deles. Atitude prudente, até pela escassez de elementos credíveis actualmente disponíveis, resultantes de escavações recentes.

3 – A AFIRMAÇÃO DA VOCAÇÃO AGRÍCOLA DA REGIÃO: OS TESTEMUNHOS DA IDADE DO BRONZE E DA IDADE DO FERRO

A investigação sobre o povoamento na Idade do Bronze da região da Grande Lisboa só muito recentemente conheceu avanços significativos. Um estudo recente faz a síntese possível dos conhecimentos (CARDOSO, 1994b).

Na região oeirense, dominada por solos basálticos, muito férteis, e com água em abundância, a produtividade era favorecida pelo relevo, correspondendo a extensos campos pouco ondulados. A excelente exposição solar e a proximidade oceânica – funcionando esta como moderador climático – contribuíram também para a elevada rentabilidade cerealífera de tais terrenos.

Assim se explica que, no decurso do Bronze Final, esta região tenha assistido à multiplicação de pequenas estruturas agrícolas, de raiz familiar, através das quais se assegurava a ocupação e aproveitamento, extensivo e intensivo, do solo. No concelho de Oeiras, identificaram-se várias destas unidades, expressivamente designadas por casais agrícolas (MARQUES & ANDRADE, 1974), no decurso da cartografia arqueológica respectiva (CARDOSO & CARDOSO, 1993). A tipologia dos materiais exumados indica fase precoce do Bronze Final, anterior à ocorrência de um dos tipos cerâmicos mais característicos – a cerâmica com ornatos brunidos – de que não se recolheu qualquer exemplar nas estações da Idade do Bronze identificadas. Trata-se, pois, do mesmo momento cultural representado na estação da Tapada da Ajuda (Lisboa), até agora a melhor estudada neste contexto (CARDOSO *et al.*, 1980/81; CARDOSO *et al.*, 1986; CARDOSO, 1987; CARDOSO & CARREIRA, 1993; CARDOSO, 1994d; CARDOSO, 1995).

As datações de radiocarbono ali obtidas situam aquela ocupação no século XIII a.C., ou finais do anterior, sendo, por critérios cronométricos, também integrável no início do Bronze Final.

Nestas encostas, de declive suave, sem condições naturais de defesa, a vida decorreria de forma pacífica, estável e sedentária ao longo do ano. Além da criação de gado, com predominância do bovino, seguida pelos ovi-caprinos (como se verificou na Tapada da Ajuda), avultava a actividade cerealífera, bem demonstrada pelos elementos denticulados de sílex, pertencentes a foices de madeira. Recolheram-se numerosos destes artefactos em diversas estações desta época no Concelho de Oeiras. Tal como os seus antecessores calcolíticos, são evidentes os vestígios deixados pelo corte das hastas das gramíneas: desgaste e brilho, mais ou menos intensos, consoante a duração de utilização. O recurso ao talhe da pedra, expressivamente documentado por estes artefactos, em época tão avançada, justificava-se pela eficiência conseguida com tais foices, que substituiriam, até fase tardia do Bronze final, os seus congéneres metálicos, de bronze, muito mais dispendiosos. Proveniente da Rocanes,

perto do Cacém (Sintra), é de há muito conhecido um molde de arenito para o fabrico de exemplares metálicos (FONTES, 1916), pertencente a fase mais tardia do Bronze Final, o qual ilustra, exemplarmente, o fabrico local de artefactos de bronze, recorrendo a matérias-primas (cobre e estanho) obtidas por troca (através do comércio trans-regional).

O modelo de povoamento disperso e estável evidenciado no decurso do Bronze Final na região a Norte do Tejo, foi determinado pela optimização da exploração agrícola dos férteis terrenos ali existentes. Tais características denotam uma sociedade organizada e já hierarquizada socialmente, cuja classe dirigente se sediaria em um centro mais importante – ainda não localizado – de onde administraria um determinado território, dela tributário. Tal território, de fronteiras bem estabelecidas, asseguraria o abastecimento em produtos alimentares (cereais, carne, leite, legumes) das elites ali instaladas. Trata-se, afinal, de modelo idêntico ao defendido, na mesma época, para o sul de Portugal (PARREIRA, 1983; GOMES, 1993).

No decurso da I Idade do Ferro, tal situação económico-social não se terá alterado substancialmente. Duas estruturas de carácter agrícola, idênticas às do Bronze final, foram escavadas sob direcção do signatário perto de Outurela (CARDOSO, 1987, 1990, 1994c); afastadas de menos de 1 km, denotam o mesmo tipo de povoamento vigente anteriormente na região. Os materiais cerâmicos e outros – de onde avulta uma fíbula anular hispânica – indicam o século VI a.C. ou inícios do seguinte. Tem paralelo em arqueossítio de características idênticas, situado já no vizinho concelho da Amadora (PINTO & PARREIRA, 1978). Tal situação sugere que as inovações tecnológicas trazidas pelos Fenícios, dois séculos antes – a escrita, o ferro, e a roda de oleiro, possibilitando o fabrico de recipientes em série e sob formas perfeitamente padronizadas – terão sido absorvidas pelas populações descendentes das que, pelo menos, desde o Bronze Final, habitavam esta região, não conduzindo a quaisquer alterações ao nível da economia ou da organização da sociedade; os férteis terrenos oeirenses continuaram a ser intensa e extensamente agricultados, com base em uma estrutura social de raiz familiar, sediada em pequenos aglomerados dispersos.

4 – PERÍODO ROMANO – A CONFIRMAÇÃO DA VOCAÇÃO AGRÍCOLA

A economia do Período Romano, na área do concelho de Oeiras, é marcada pela existência de diversas *villae rusticae*, voltadas para o cultivo cerealífero da terra, tal como se verificou no Bronze Final e na Idade do Ferro. Contudo, as condições sociais alteraram-se. Avultam, agora, as propriedades agrícolas de certa dimensão, vocacionadas para a policultura que incluiria, também, o cultivo de pomares e a vinha. Uma ânfora aff. Dressel 30, vinária, do século II-III d.C. foi recolhida perto de Leão, ilustrando a continuidade de tal produção, na região (CARDOSO & CARDOSO, 1993,

Fig. 8, n.º 12). Porém, parece que os férteis terrenos basálticos foram subaproveitados, se atendermos à maior presença de vestígios nos solos calcário-margosos do Cretácico, especialmente da área de Laveiras e entre Porto Salvo, Leão e Oeiras. É, ainda, notória a importância agrícola das veigas, como transparece da concentração de vestígios ao longo da ribeira da Lage (CARDOSO & CARDOSO, 1993) e da ribeira de Barcarena, especialmente no seu troço terminal, perto de Laveiras. A maioria dos materiais são tardios. Estará tal facto em correspondência com o abandono dos grandes centros urbanos, por parte dos que tinham maiores posses, a partir do século III d.C., e a sua fixação no campo?

Na região oeirense, consolidava-se, assim, uma das suas principais características – prevalecente até à actualidade – a forte componente agrícola de uma população sediada em pequenos *vici* e *villae*, onde residirão os fundamentos das modernas povoações do concelho.

BIBLIOGRAFIA

- CARDOSO, J.L. (1987) – No estuário do Tejo, do Paleolítico à Idade do Ferro. *In Arqueologia do Vale do Tejo*, p. 69-81. IPPC/Departamento de Arqueologia. Lisboa.
- CARDOSO, J.L. (1989) – *Leceia. Resultados das escavações realizadas 1983-1988*. Câmara Municipal de Oeiras, 146 p.
- CARDOSO, J.L. (1990) – A presença oriental no povoamento da I Idade do Ferro na região ribeirinha do estuário do Tejo. *Estudos Orientais*, 1, p. 119-134.
- CARDOSO, J.L. (1994a) – *Leceia 1983-1993. Resultados das escavações do povoado pré-histórico*. Estudos Arqueológicos de Oeiras (número especial), 175 p. Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J.L. (1994b) – Investigação arqueológica na área de Lisboa. Os últimos 10 anos: 1984-1993. *Al-Madan*, S. II, 3, p. 59-74.
- CARDOSO, J.L. (1994c) – Comentário ao sítio arqueológico de Outurela (Oeiras). *Catálogo da exposição "Lisboa subterrânea"*. Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, p. 206.
- CARDOSO, J.L. (1994d) – Comentário ao sítio arqueológico da Tapada da Ajuda. *Catálogo da exposição "Lisboa Subterrânea"*. Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, p. 193.
- CARDOSO, J.L. (1995) – O povoado do Bronze Final da Tapada da Ajuda. Catálogo da exposição "A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de poder". Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, p. 48.

- CARDOSO, J.L. & CARDOSO, G. (1993) – Carta arqueológica do concelho de Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 4, p. 1-126. Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J.L. & CARREIRA, J.R. (1993) – Le Bronze final et le début de l'Âge du Fer dans la région riveraine de l'estuaire du Tage. *Actas do I Congresso Mediterrânico de Etnologia Histórica* (Lisboa, 1991). *Mediterrâneo*, 2, p. 193-206.
- CARDOSO, J.L. & CARVALHOSA, A.B. (1995) – Estudos petrográficos de artefactos de pedra polida do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). Análise de proveniências. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 5, p. 123-151.
- CARDOSO, J.L.; ROQUE, J.; PEIXOTO, F. & FREITAS, F. (1980/81) – Descoberta de jazida da Idade do Bronze na Tapada da Ajuda. *Setúbal Arqueológica*, 6/7, p. 117-138.
- CARDOSO, J.L.; RODRIGUES, J.S.; MONJARDINO, J. & CARREIRA, J.R. (1986) – A jazida do Bronze Final da Tapada da Ajuda. *Revista Municipal* (Lisboa), 2.ª Série, 15, p. 13-18.
- FONTES, J. (1916) – Sur un moule pour faucilles de bronze du Casal de Rocanes. *O Arqueólogo Português*, 21, p. 337-342.
- GOMES, M. Varela (1993) – Proto-história do Sul de Portugal. *In Proto-história de Portugal*, p. 99-185. Universidade Aberta, n.º 48. Lisboa.
- MARQUES, G. & ANDRADE, G.M. (1974) – Aspectos da Proto-história do território português. 1 - Definição e distribuição geográfica da Cultura de Alpiarça (Idade do Ferro). *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia* (Porto, 1973), 1, p. 125-148.
- PAÇO, A. do (1954) – Sementes pré-históricas do castro de Vila Nova de S. Pedro. *Anais da Academia Portuguesa de História*, S. II, 5, p. 281-359.
- PARREIRA, R. (1983) – O cerro dos Castelos de S. Brás (Serpa). Relatório preliminar dos trabalhos arqueológicos de 1979 e 1980. *O Arqueólogo Português*, S. IV, 1, p. 149-168.
- PINTO, C.V. & PARREIRA, R. (1978) – Contribuição para o estudo do Bronze Final e Ferro inicial a Norte do estuário do Tejo. *Actas das III Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1977), 1, p. 145-163.

Estudos Arqueológicos de Oeiras,
5, Oeiras, Câmara Municipal, 1995, pp. 97-121

O SANTUÁRIO CALCOLÍTICO DA GRUTA DO CORREIO-MOR (LOURES)*

J.L. Cardoso⁽¹⁾, M. Leitão, J. Norton, O. da Veiga Ferreira & C.T. North

1 – INTRODUÇÃO E TRABALHOS REALIZADOS

A gruta natural do Correio-Mor (a cerca de 1 km W NW de Loures) foi identificada em 1974, na sequência da lavra de uma pedreira que explorava no local, calcários duros do Cretácico (Cenomaniano superior) (ZBYSZEWSKI, 1964). Nos escombros desta primeira, embora fortuita destruição, recolheu o Arq. F. Berger uma pequena placa de xisto gravada, cerâmicas e uma lâmina de sílex. As explosões haviam atingido a gruta em cerca de metade do seu comprimento, seccionando-a longitudinalmente, mas conservando o enchimento adjacente à parede Oeste (Fig. 2).

Contactado um dos signatários (J.N.) levou-se a cabo a exploração metódica do que ainda restava do enchimento arqueológico, sob a égide dos Serviços Geológicos de Portugal. Regularizou-se o corte transversal posto a descoberto pelas explosões e prolongou-se o mesmo até ao chão primitivo da gruta; a recolha duma ponta de pedúnculo lateral solutrense e de artefactos mustierenses “in situ” justificou a necessidade de efectuar trabalhos cuidados e, necessariamente, mais demorados dos inicialmente previstos. Infelizmente, novas explosões, mesmo depois dos proprietários da

* Trabalho coordenado por J.L.C., com base em registos de campo e fotografias de M.L. Escavações de M.L., J.N., O.V.F. e C.T.N.

⁽¹⁾ Professor da Universidade Nova de Lisboa e Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras - Câmara Municipal de Oeiras. Sócio efectivo da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Associação Profissional de Arqueólogos.



Fig. 1 – Gruta do Correrio-Mor (Loures). Localização na Península Ibérica e na Carta Militar de Portugal à escala de 1/25000 (folha de Loures), Serviços Cartográficos do Exército. Lisboa.



Fig. 2 – Gruta do Correio-Mor (Loures). Vista do enchimento, em curso de exploração. Ao centro, o conjunto de ídolos agora estudados. Foto de M. Leitão.



Fig. 3 – Gruta do Correio-Mor (Loures). Vista do topo da acumulação de ídolos. Foto de M. Leitão.

pedreira terem sido oficialmente notificados pelos Serviços Geológicos de Portugal, vieram inviabilizar tal objectivo. Assim, a exploração limitou-se ao retalho do depósito primitivo que ainda subsistia no sector mais próximo da presumível entrada, situada no lado Sul (Fig. 2), talvez inferior a dez por cento do seu volume inicial. No decurso dos trabalhos identificou-se uma sequência arqueológica de larga diacronia, estando representados materiais do Mustierense, Solutrense, Neolítico antigo, Neolítico médio e final (cerâmicas dolménicas), Calcolítico (a que corresponde o altar de ídolos de calcário agora estudado), Idade do Bronze e Idade do Ferro.

2 – CONDIÇÕES DO ACHADO

O conjunto dos ideoartefactos de calcário encontrava-se agrupado em área, cujo eixo maior, embora mal definido, era certamente superior a 70 cm, distância máxima entre as duas peças mais afastadas. O eixo menor ultrapassaria os 40 cm, comprimento da linha que une os extremos em largura das duas peças naquelas condições. O espaço assim definido corresponde a uma depressão, o que explica que umas peças estivessem assentes noutras. A posição do conjunto corresponderia à parte anterior da cavidade primitiva; situar-se-ia em zona onde esta alargaria formando uma sala lateral. Porém, tal observação, é apenas aproximada, atendendo ao desaparecimento de boa parte da gruta, incluindo a própria entrada desta e toda a parede oriental da referida sala e galeria que a prolongava para o interior do maciço rochoso (Fig. 2).

A estratigrafia observada neste sector da jazida foi descrita anteriormente, em parte por reconstituição das peças que se encontravam escorregadas. O nível de “importação” correspondente ao achado dos ideoartefactos que agora se estudam é o terceiro duma sequência da Idade do Ferro ao Mustierense (FERREIRA & LEITÃO, s/d, p. 138) e assentava em nível considerado “dolménico” caracterizado pela ocorrência de cerâmicas lisas. Duas possibilidades se colocam para explicar esta notável concentração de ideoartefactos:

- depósito ritual acumulado em pequena depressão;
- pequeno altar, ou santuário, erigido no interior da cavidade.

A primeira hipótese tem a seu favor o facto dos ídolos se encontrarem uns sobre os outros, em espaço circunscrito. Porém, tratando-se de depósito ritual, seria lícito encontrarmos as peças cuidadosamente arrumadas, situação inerente à elevada importância e carga simbólica que encerravam; o que se verificou aquando da escavação foi bem diferente (Figs. 3-5). Com efeito, era notório o estado não organizado que as peças conservavam entre si. Parece-nos, pois, ser preferível a segunda hipótese fazendo corresponder aos 11 ídolos de calcário um pequeno altar, ou santuário, erigido no interior da gruta. Porém, tal hipótese só poderia ser cabalmente demons-

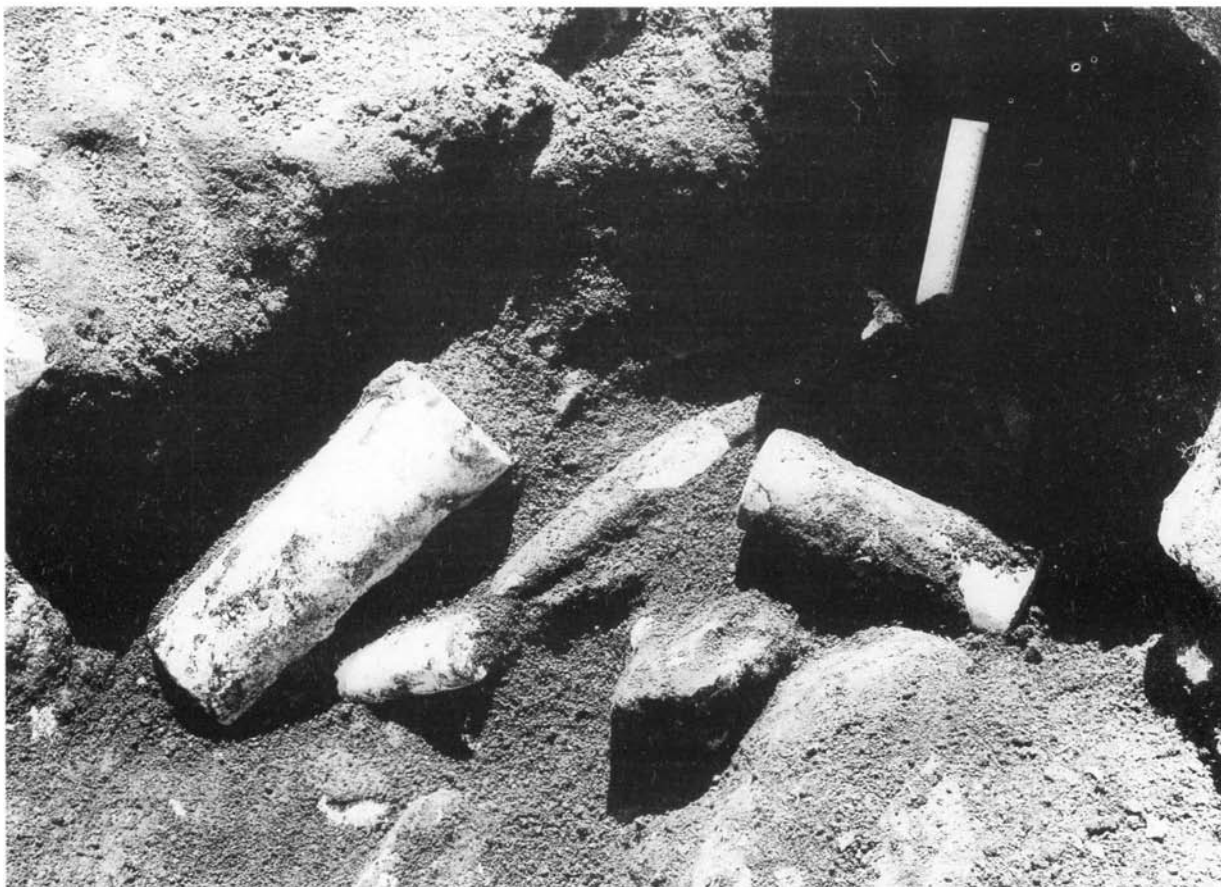


Fig. 4 – Gruta do Correio-Mor (Loures). Vista da acumulação de ídolos (nível intermédio). Foto de M. Leitão.

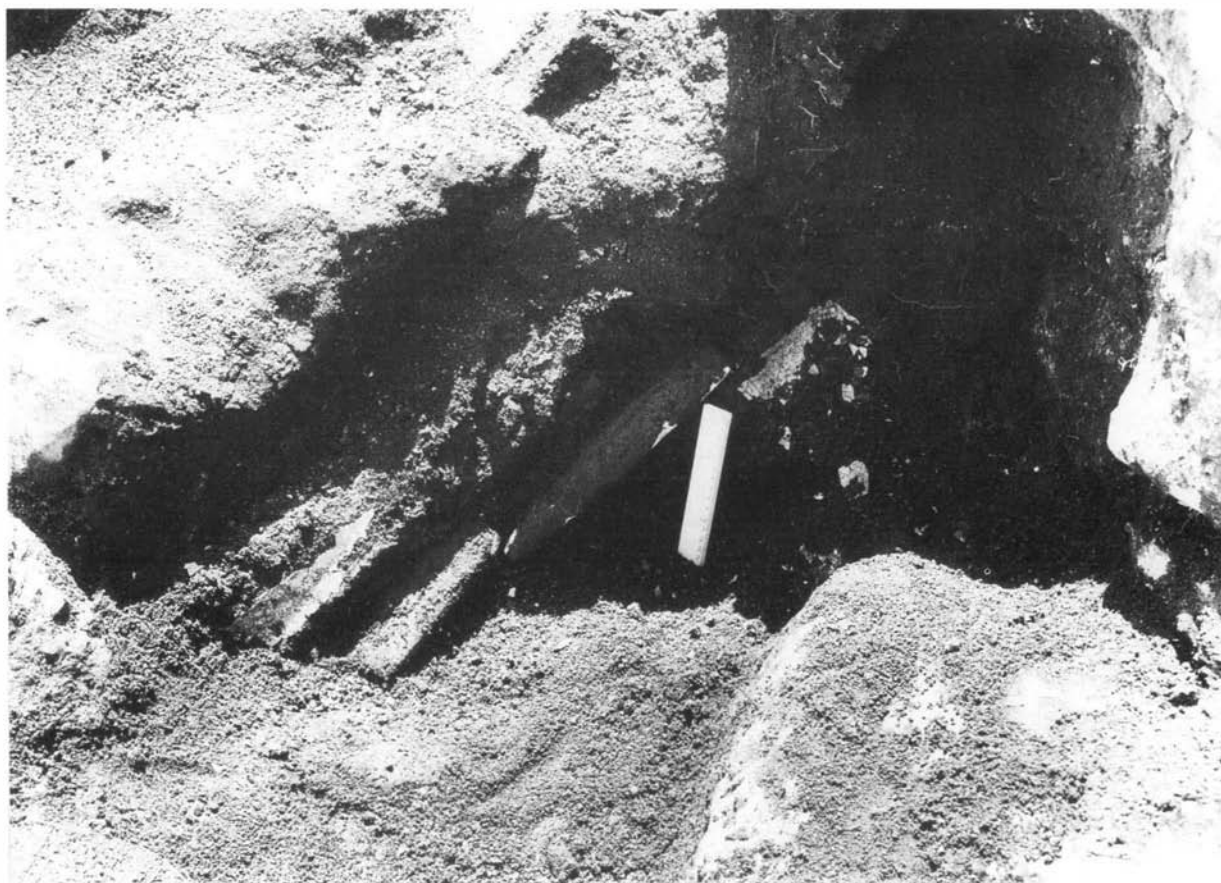


Fig. 5 – Gruta do Correio-Mor (Loures). Vista da acumulação de ídolos (nível inferior). Foto de M. Leitão.

trada através de estudo de pormenor. Desta forma impunha-se tentativa que conduzisse à determinação de cada uma das peças no conjunto. Sendo este o único conjunto fechado e completo conhecido em Portugal com tais características – o que já em si mesmo é um facto do mais alto interesse – uma reconstituição da posição relativa de cada um dos ideoartefactos, teria um alcance acrescido, somando-se à importância de cada uma das peças, vistas isoladamente.

Tal ensaio de reconstituição foi realizado tomando como ponto de partida as observações efectuadas no decurso das escavações, registadas na sequência das três figuras apresentadas (Figs. 3, 4 e 5). Os primeiros ídolos a serem postos a descoberto foram (Fig. 3) o ídolo em forma de peso de balança (Fig. 6), e os três ídolos cilíndricos de maiores dimensões (Fig. 7; Fig. 8, n.º 4 e Fig. 8, n.º 1).

O ídolo em forma de peso de balança e o maior ídolo cilíndrico (Fig. 7) tombaram segundo ângulo ortogonal entre si no pressuposto que estariam de pé, o mesmo se verificando quanto aos dois seguintes (Fig. 3).

Após a remoção do ídolo em forma de peso de balança, apareceu, por debaixo dele, parte do bordo lateral do maior dos três ídolos semicilíndricos, tombado paralelamente ao maior dos três ídolos cilíndricos e para o mesmo lado (Fig. 4) no pressuposto que estaria assente pela extremidade afuselada. Trata-se dum ídolo decorado por conjunto de linhas incisadas paralelas em ambas as extremidades e na parte média (Fig. 9). ao ser retirada, esta peça deixou a descoberto outro ídolo semicilíndrico, um exemplar de tamanho médio decorado como o anterior por linhas incisadas paralelas acrescidas de alto relevo figurando as sobranceiras ou as órbitas dispostas simetricamente à representação vertical do nariz (Fig. 10, n.º 2). A posição seria idêntica à do exemplar anterior.

No nível em que jazia a peça anterior encontrava-se outro ídolo cilíndrico. Trata-se do quarto exemplar, dos cinco encontrados (Fig. 8, n.º 3). A sua orientação é a dos exemplares mais próximos sendo, pois, lícito admitir que terá tombado ao mesmo tempo que aqueles. Por debaixo, encontrou-se o ídolo semicilíndrico mais pequeno dos três recuperados. É exemplar decorado, como os anteriores, por série de linhas incisadas paralelas, no caso correspondendo à parte superior da peça (Fig. 10, n.º 1). A sua posição mal se vislumbra na Fig. 5; terá tombado para o mesmo lado daqueles que o circundavam. Nestas circunstâncias, a maior profundidade a que jazia poderá explicar-se pelo facto de alguns dos anteriores terem, em parte caído sobre ele. Os restantes objectos que faziam parte deste conjunto ritual são:

- o mais pequeno dos ídolos cilíndricos (Fig. 8, n.º 2). A sua posição revela ter tombado no mesmo sentido de todos os outros, exceptuando-se o ídolo em forma de peso de balança (Fig. 6) e um dos ídolos cilíndricos (Fig. 8, n.º 4).
- o “anel” de calcário, possível maça ritual (Fig. 11, n.º 2); tal como a placa curva de calcário (Fig. 11, n.º 1), jazia na periferia do conjunto.

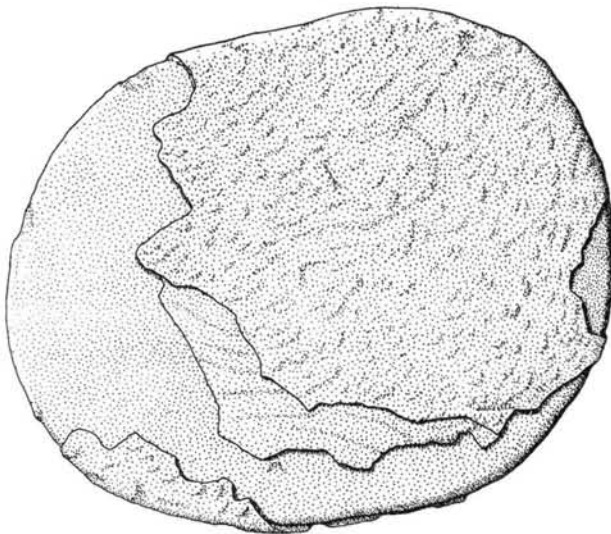
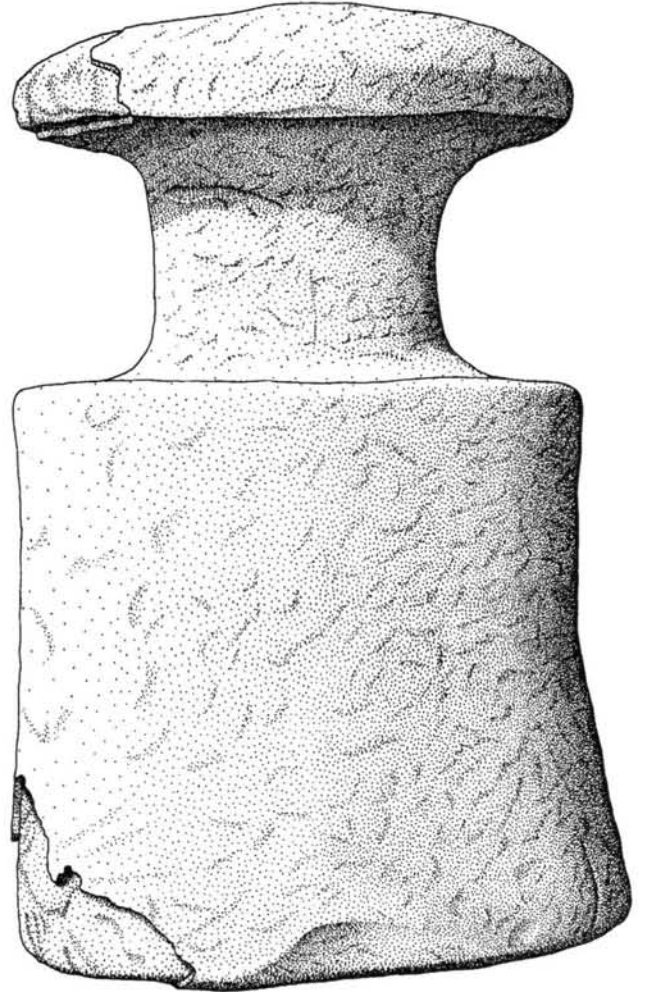
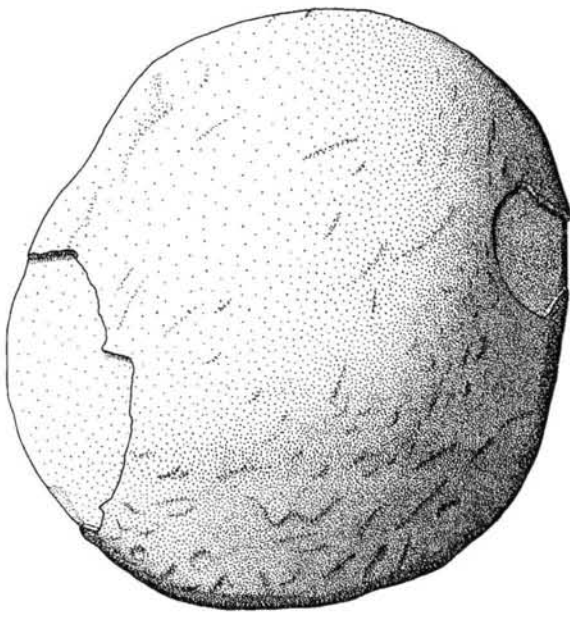


Fig. 6 – Gruta do Correio-Mor (Loures). Ídolo de calcário.

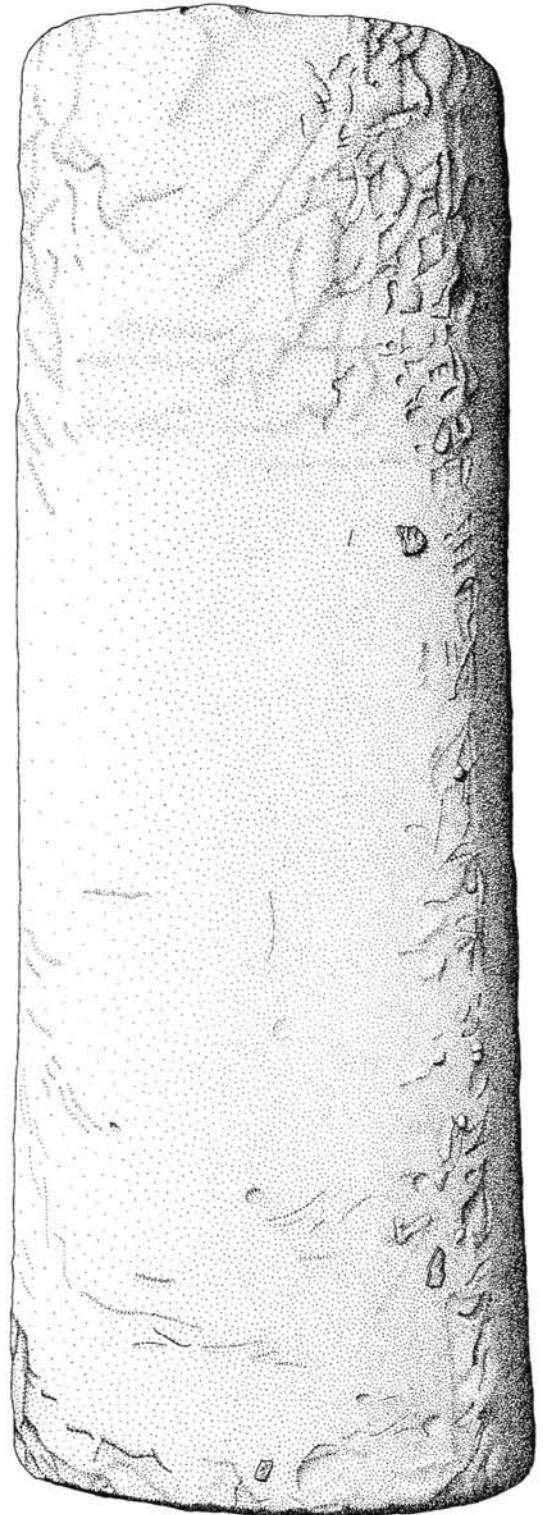


Fig. 7 – Gruta do Correio-Mor (Loures). Ídolo de calcário.

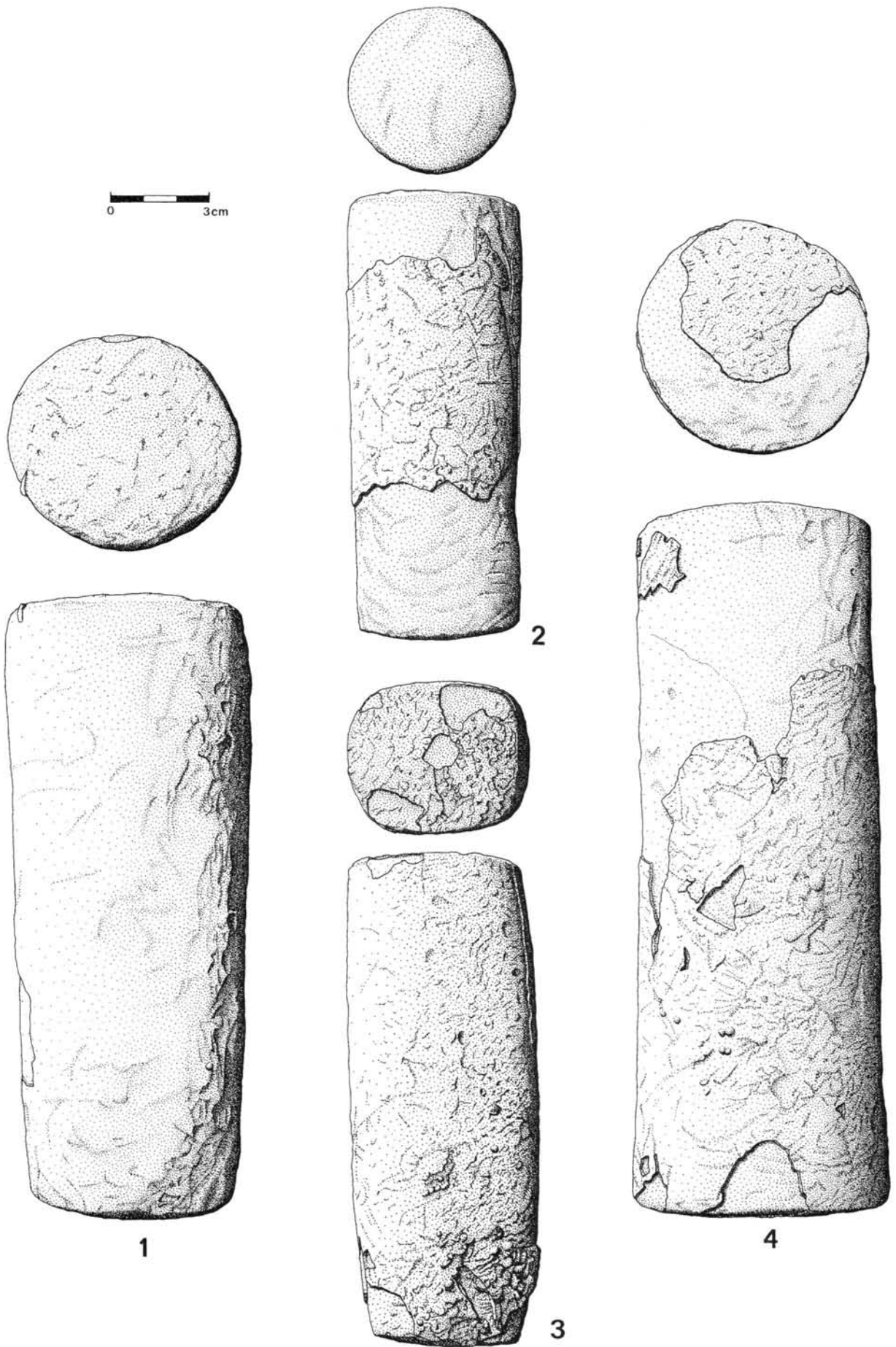


Fig. 8 – Gruta do Correio-Mor (Loures). Ídolos de calcário.

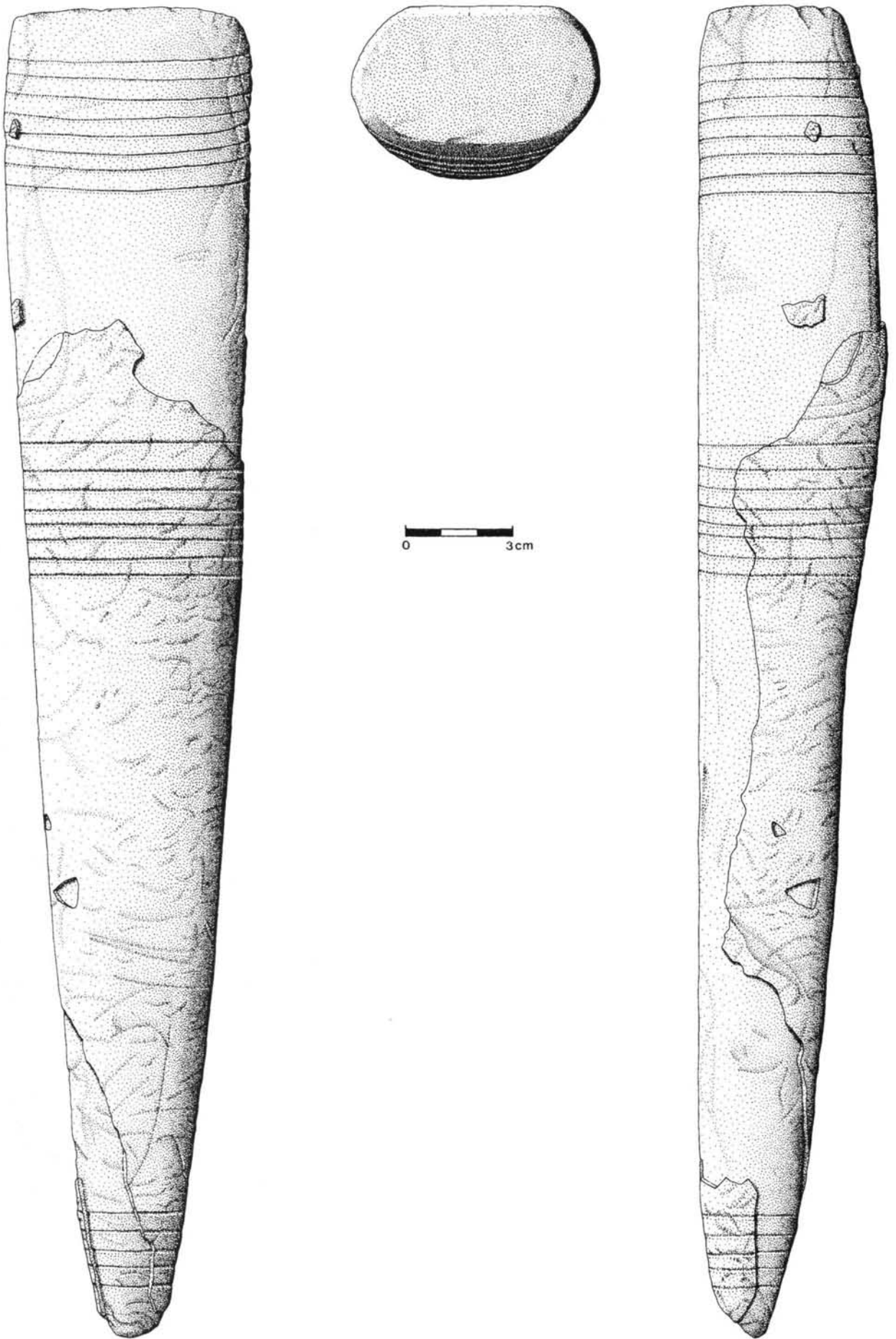


Fig. 9 – Gruta do Correio-Mor (Loures). Ídolo de calcário.

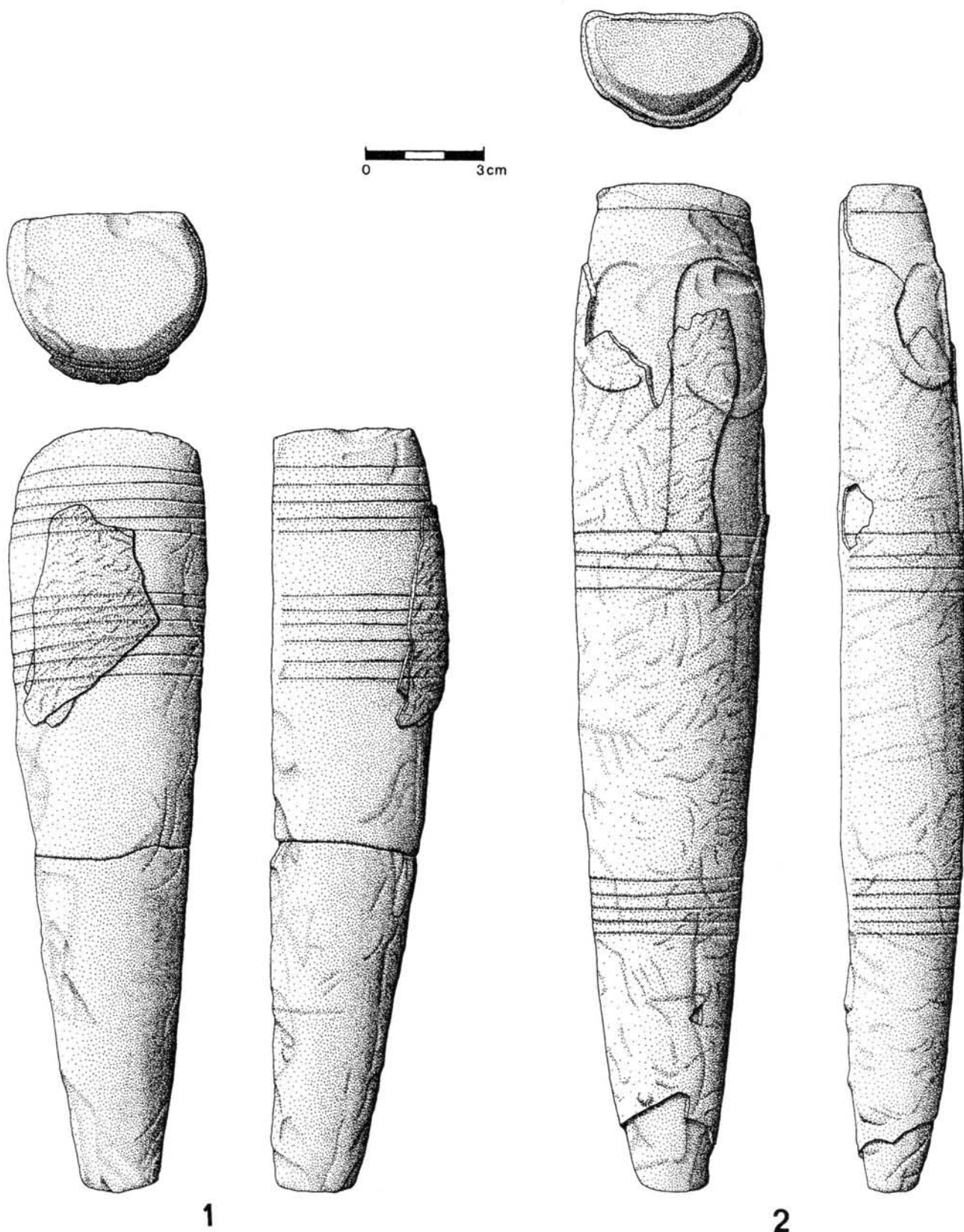


Fig. 10 – Gruta do Correio-Mor (Loures). Ídolos de calcário.

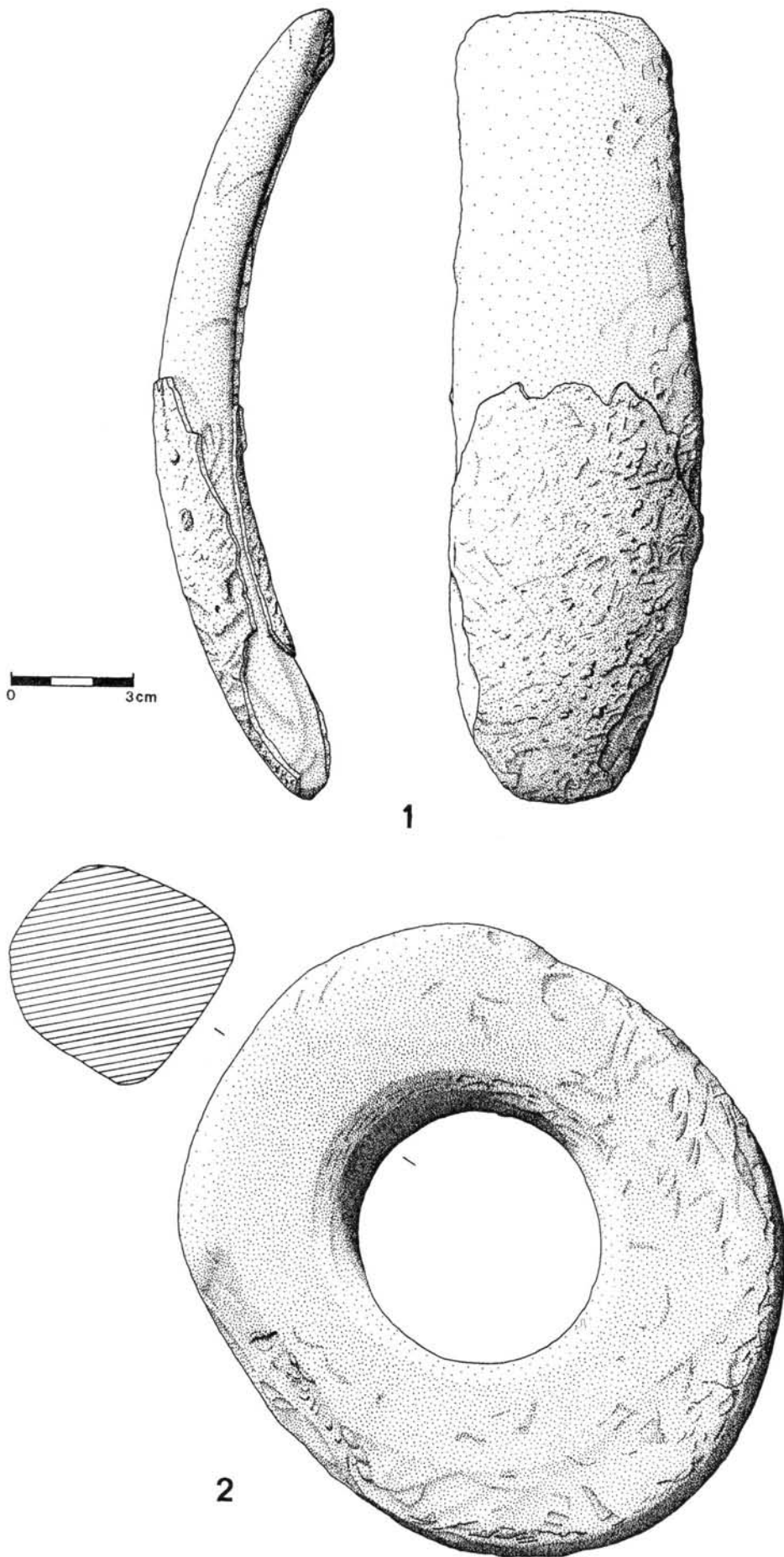


Fig. 11 – Gruta do Correio-Mor (Loures). Ídolos de calcário.

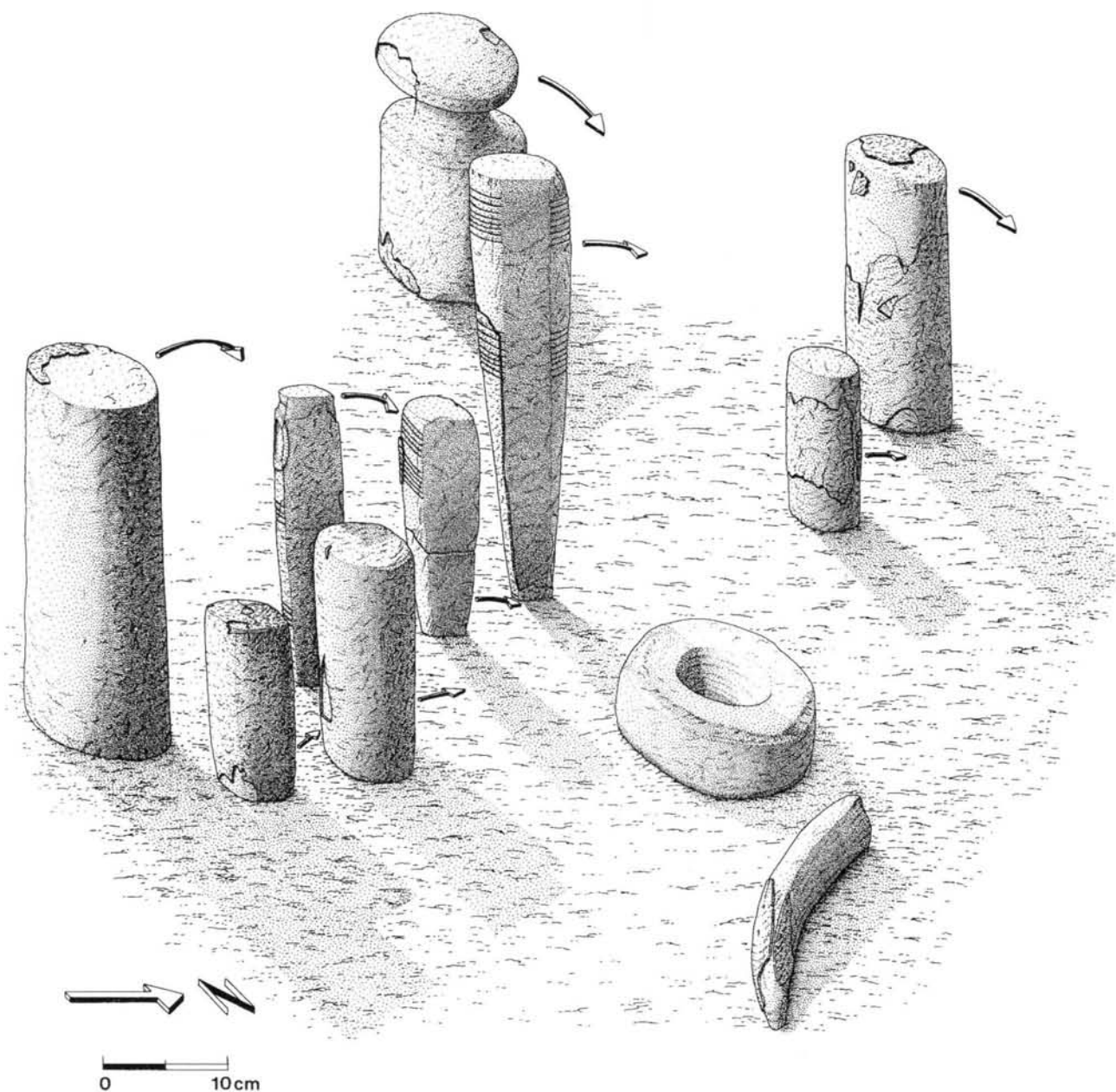


Fig. 12 – Gruta do Correio-Mor (Loures). Reconstituição do altar-santuário, incluindo a direcção e sentido prováveis do tombamento dos ídolos.

3 – INTERPRETAÇÃO

Tentativa de reconstituição da posição original destas peças conduziu à elaboração da Fig. 12 onde se apresenta em esboço os resultados obtidos, que conduziram às seguintes conclusões:

1 – Aceitamos que as peças se encontrariam de pé constituindo um altar e não na horizontal, hipótese que contudo não podemos rejeitar em absoluto.

2 – Os três ídolos semicilíndricos teriam ocupado posição central e encontravam-se alinhados. Trata-se das peças da Fig. 9 e da Fig. 10, n.º 1 e 2.

3 – No conjunto, ídolos cilíndricos e semi-cilíndricos definiriam segmento rectilíneo.

4 – Considerando o lado convexo dos ídolos semi-cilíndricos obviamente o que se encontraria voltado para o observador, concluímos que posição dos três é coerente, já que a convexidade de todos eles evidenciava invariavelmente a mesma orientação.

5 – Considerando a referida orientação podemos concluir que o altar se encontrava voltado para o interior da gruta; a parede em falta, destruída pela pedreira passaria, pois, por detrás do conjunto embora se desconheça o referido afastamento e, portanto, a sua posição exacta no interior da cavidade.

6 – As três peças restantes: o ídolo em forma de peso de balança, o anel (maça ritual) e a placa curva de calcário, dispunham-se respectivamente adiante (a primeira), e atrás as (duas restantes) da linha definida pelas peças referidas. O seu carácter particular conferia-lhes posição especial. A de maior destaque – a peça em forma de peso de balança – foi colocada isoladamente adiante do friso de ídolos cilíndricos e semi-cilíndricos que lhe servia de fundo. É lícito admitir que constituiria o objecto de maior carga simbólica do conjunto, e aquele que maior importância nele detinha, facto aliás nada estranho atendendo que se trata de exemplar único nos inventários portugueses.

4 – COMPARAÇÕES

4.1 – Ao nível do conjunto artefactual

O conjunto de ídolos da gruta do Correio-Mor, é, até o presente, único em território português. Com efeito, jamais se tinha isolado numa escavação associação idêntica a esta; apenas na gruta da Bugalheira (Torres Novas) se encontrou um conjunto constituído por uma dezena de ídolos (falanges de equídeo e bovídeo) afeiçoados por polimento (CARDOSO *et al.*, em publicação). Porém, desconhecemos a real posição de tais peças por se tratar de uma escavação antiga e desprovida de registos. Os seus

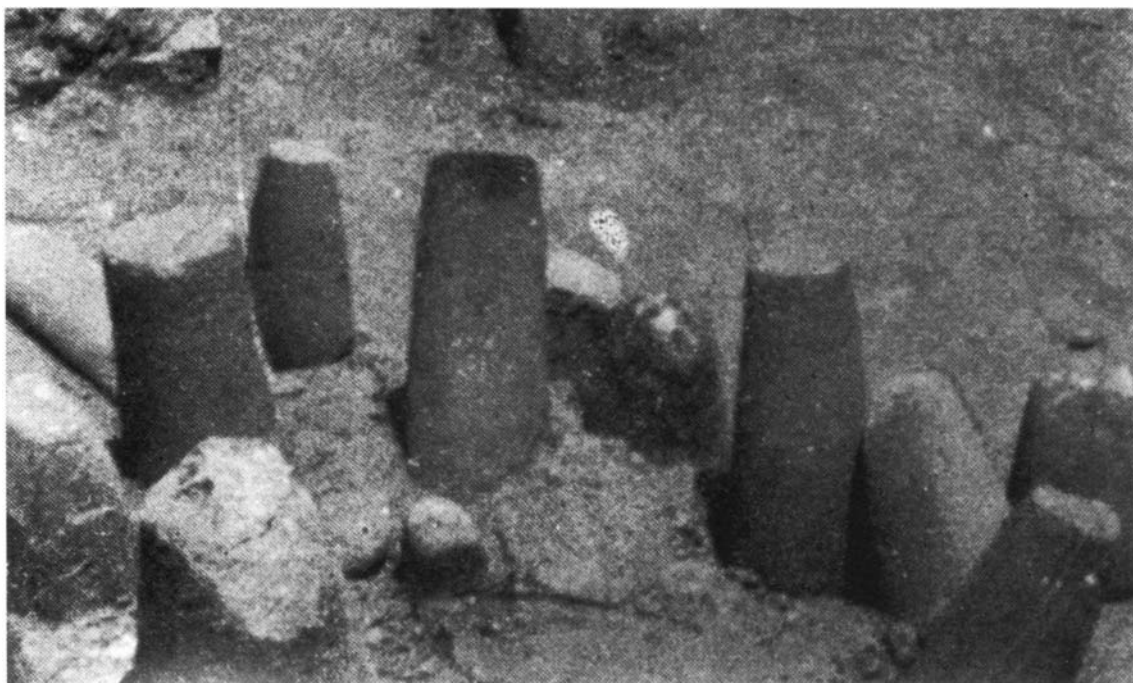


Fig. 14 – Vista parcial do conjunto de bétiles identificado no exterior da sepultura VII = 7 de Los Millares. Segundo ALMAGRO & ARRIBAS, 1963, Lám. CXLVII, C. (Ver Fig. 13).



Fig. 16 – Vista parcial do conjunto de bétiles exumado no exterior da sepultura IX = 5 de Los Millares. Segundo ALMAGRO & ARRIBAS, 1963, Lám. CL, b. (Ver Fig. 15).

autores (PAÇO *et al.*, 1971, p. 36) declaram apenas que todas as falanges não ornamentadas estavam juntas, à esquerda da entrada da gruta.

Em Espanha salienta-se a existência de diversos conjuntos de betilos (ídolos cilíndricos ou cilindróides) cujo significado seria idêntico ao do Correio-Mor, constituindo altares ou pequenos santuários no exterior de diversos monumentos funerários calcolíticos de tipo “tholos”.

O conjunto exumado no exterior da sepultura VII=7 (1955) de Los Millares (ALMAGRO & ARRIBAS, 1963, Lám. XLVII e XLIX) é exemplo dos mais expressivos. Trata-se de uma coleção de doze ídolos predominantemente cilíndricos ou tronco-cónicos agrupados em área restrita com cerca de 1,00 m por 0,80 m (Fig. 13 e 14). Este altar, ou santuário, é idêntico ao exumado no exterior da sepultura IX=5 (1953-55) de Los Millares (ALMAGRO & ARRIBAS, 1963, Lám. LIX a LXI), correspondendo a dezassete ídolos ocupando espaço de contorno ovoide cujo eixo maior media cerca de 1,4 m (Fig. 15 e 16).

Outros exemplos de “tholoi” da província de Almería possuindo agrupamentos de ídolos cilíndricos (betilos) no interior dos recintos mortuários são apresentados por LEISNER & LEISNER (1943). É o caso do conjunto de Loma de Los Liniales 9, com doze ídolos em espaço aproximadamente circular distanciado de 6 m da câmara do “tholos” (Tf. 30) ou o do conjunto exumado no exterior do “tholos” de Cabecito de Aguilar, e dele distanciado 14 m (Tf. 29), reproduzido na Fig. 17, n.º 4. Os exemplos mais complexos em que conjuntos de betilos se encontravam delimitados por estruturas pétreas definindo recintos rectangulares estão representados em Los Millares 16 – situado no exterior e fronteiro à entrada do “tholos” (Tf. 14). Outras estruturas são circulares, em posição adjacente ao limite do tumulus (Tf. 18) como a reproduzida na Fig. 17, n.º 6. Há ainda a referir casos em que conjuntos de bétilos se dispunham no exterior dos *tumulus*, em posição sobre-elevada relativamente ao terreno circundante (Tf. 18 e 22), reproduzidos na Fig. 17, n.ºs 2 e 5.

Concluindo, verifica-se que nos *tholoi* calcolíticos de Los Millares, e em outros, igualmente da província de Almeria, se reconheceram diversas associações de ídolos cilíndricos cujo significado não pode deixar de ser considerado como idêntico ao do exemplo português. Tratar-se-iam, em suma, de pequenos altares ou santuários construídos sempre no exterior dos monumentos funerários, relacionados por certo com as cerimónias fúnebres que ali tiveram lugar.

Ao extremo oposto da Península Ibérica, pertence o dólmen da Parxubeira, San Fins de Eirós, Galiza. Igualmente, no exterior da câmara funerária, foram exumados cinco bétilos e quatro pequenas estelas antropomorfas, integrando um santuário (CASAL, 1988, Fig. 20 a 25 e Lám. VI, VII e XXII). A esta área geográfica pertence, também o dólmen de Dombate, de meados do 3.º milénio AC, correspondente à fase do megalistismo evolucionado galego. Defronte à entrada do corredor, e no exterior

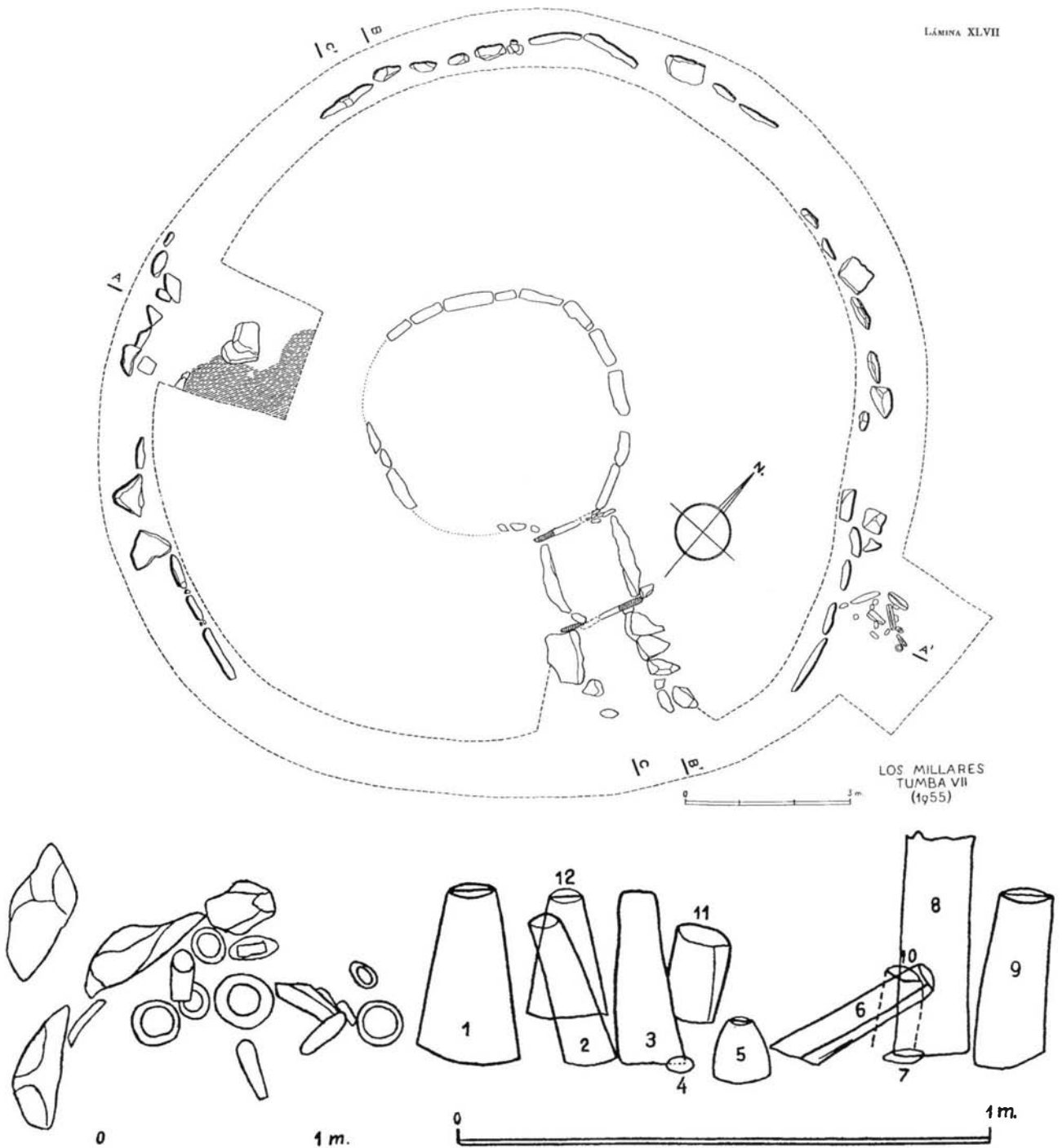


Fig. 13 – Em cima: planta da sepultura VII = 7 de Los Millares, com indicação do local de descoberta dos bétilos. Em baixo: planta da disposição do conjunto de bétilos (à esquerda) e perspectiva da sua implantação no terreno (à direita). Segundo ALMAGRO & ARRIBAS, 1963, Lám. XLVII e XLIX.

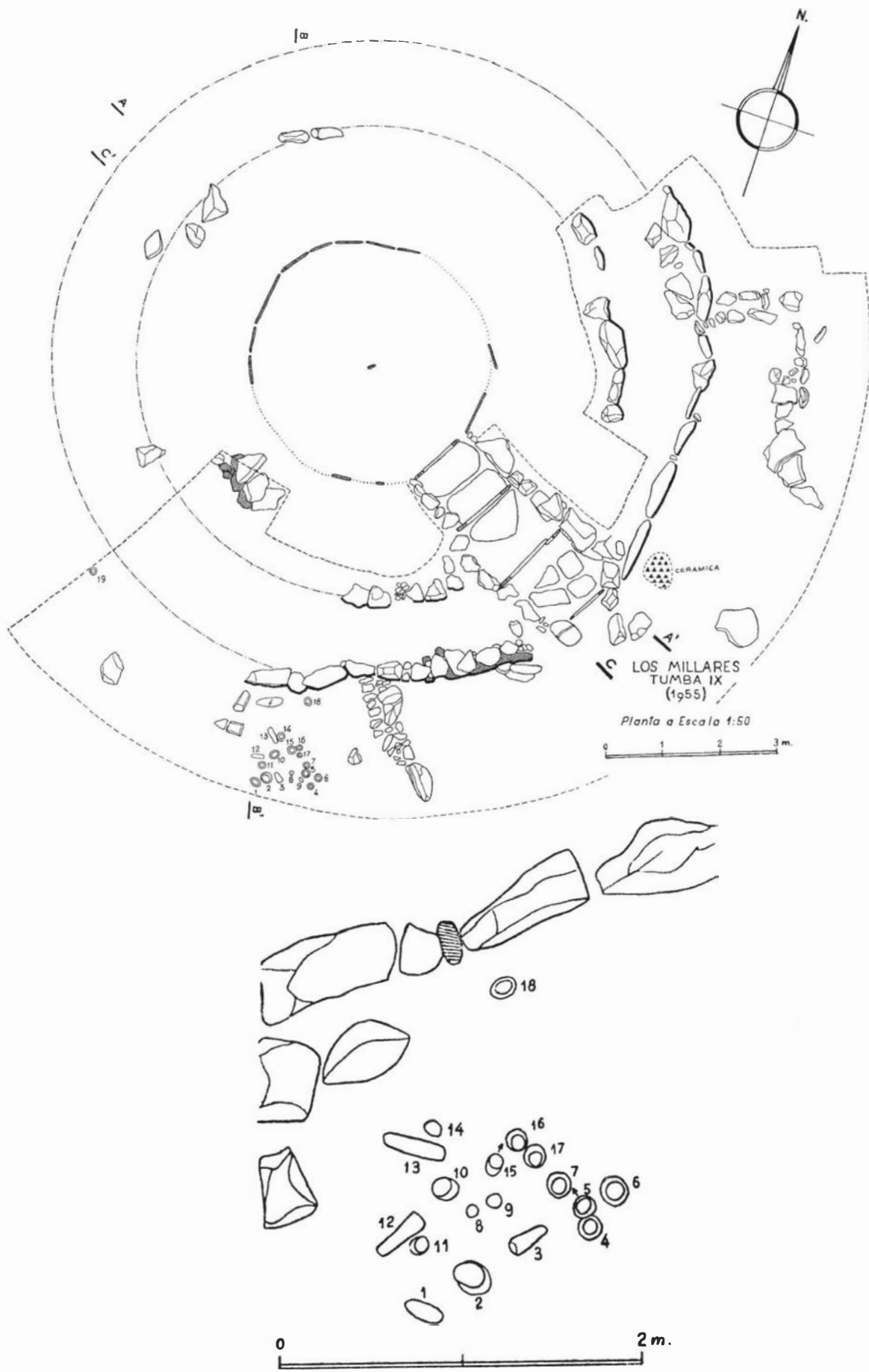


Fig. 15 – Em cima: planta da sepultura IX = 5 de Los Millares, com indicação do local de descoberta dos bétulos. Em baixo: planta da disposição do conjunto de bétulos da referida sepultura. Segundo ALMAGRO & ARRIBAS, 1963, Lám. LIX e LXI.

do *tumulus*, identificaram-se vinte pequenos ídolos, de diversas formas, dispostos verticalmente em fiada rectilínea e mais três, já removidos da sua posição vertical, a pouca distância (BELLO-DIÉGUEZ, 1991, 1992/93, 1994). Um estudo de conjunto sobre a ocorrência e tipologia de tais ídolos no megalitismo do Noroeste peninsular foi recentemente efectuado (VALCARCE, 1993). É evidente a semelhança da disposição dos pequenos ídolos ovóides e cilíndricos de Dombate – bem como a sua cronologia – com o altar ou santuário do Correio-Mor, como se evidencia das Figs. 18 e 19.

4.2 – Ao nível da tipologia das peças

Os 11 ideoartefactos do Correio-Mor distribuem-se pelos seguintes tipos:

- 5 ídolos cilíndricos lisos (Fig. 7 e 8)
- 3 ídolos semi-cilíndricos (Fig. 9 e 10), todos decorados
- 1 placa curva (Fig. 11 em cima)
- 1 maça ritual (Fig. 11 em baixo)
- 1 ídolo em forma de peso de balança (Fig. 6)

Seria ocioso enumerar paralelos para os três primeiros tipos. Trata-se de peças que ocorrem, com frequência, em depósitos funerários do calcolítico da Estremadura. Pelos motivos decorativos, salienta-se um dos ídolos semi-cilíndrico (Fig. 10 à direita). A representação facial, incluindo neste caso sobranceiras e nariz, difere de outros exemplares conhecidos, de Folha de Barradas-Sintra (RIBEIRO, 1880, Figs. 17 e 18), do Dólmen de Casinhos (LEISNER *et al.*, 1969, Pl. 16, n.º 223) e Palmela (LEISNER *et al.*, 1961, pl. III, n.º 22) – além dum exemplar de local desconhecido dos arredores de Lisboa (SANTOS, 1970). É deste último que o exemplar do Correio-Mor mais se aproxima; os motivos arqueados apresentam-se, em ambos, em alto relevo, situação igualmente verificável no exemplar de Folha de Barradas, embora neste os arcos se desenvolvam em posição simétrica, correspondendo a tatuagens faciais infra-orbitais, ao contrário daqueles, em que tais arcos são supraciliares. O exemplar do dólmen de Casinhos caracteriza-se por os dois arcos terem sido obtidos por incisão, reunindo-se ao centro, em forma de V sem deles resultar qualquer linha vertical, correspondente ao nariz presente no exemplar do Correio-Mor e no dos arredores de Lisboa.

A maça ritual de calcário é outra peça quase única em Portugal. Com efeito, parece indubitável tal finalidade por ser notório o cuidado com que a abertura foi afeiçoada, destinada à fixação do cabo de madeira. Os primeiros exemplares estuda-

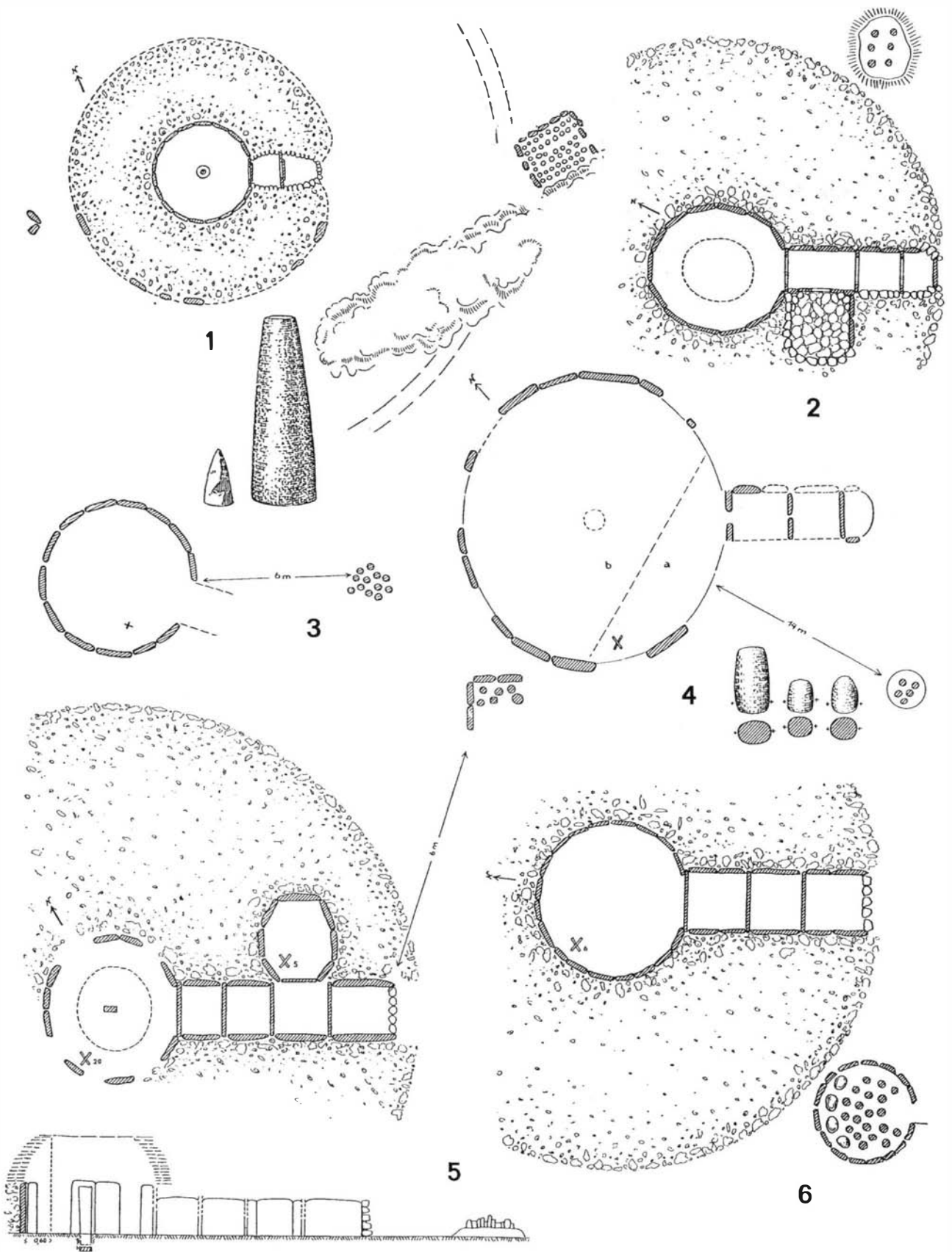


Fig. 17 – Plantas de diversos *tholoi* da província de Almería, possuindo altares ou santuários, na zona externa, constituídos por bétilos. Seg. LEISNER & LEISNER, 1943, respectivamente Tf. 14, 18, 30, 29, 22 e 18.

dos em Portugal (ALBUQUERQUE e CASTRO & FERREIRA, 1967) são de menor tamanho, e mais espessos, conquanto tenham talvez servido ao mesmo fim. Embora mais perfeitos, avultam dois exemplares recolhidos na gruta do Escoural-Montemor-o-Novo (SANTOS, 1971, Est. II), Como comparação citamos a bela peça, embora mais antiga, estudada em França (ARNETTE, 1963). De referir, ainda, os paralelos etnográficos subactuais africanos, que fazem atribuir peças muito semelhantes à do Correio-Mor a acessórios de paus de escavar (*digging-sticks*) ou maças. A primeira utilização encontra-se documentada pelas observações em tribos de bosquímanos da África do Sul, a South African Archaeological Society, usa, precisamente, como emblema, o desenho de um *digging-stick*, com o respectivo anel de pedra. Ao estudar uma colecção de peças desta índole, fazendo parte do espólio do Museu do Dundo, recolhidas no Nordeste angolano, e onde algumas se poderiam confundir com a presente (MARTINS, 1981), são mencionadas as pinturas rupestres sul-africanas reproduzindo mulheres manejando paus com pedras furadas, para cavar, enquanto os homens as usam como maça (*op. cit.* Fig. 3). O autor acrescenta que tipos idênticos têm sido encontrados em diferentes locais, nomeadamente na Europa, Ásia, América do Sul e em toda a África, desde o Egipto até à África do Sul (*op. cit.* p. 38).

Enfim, para o ídolo em forma de peso de balança não conhecemos qualquer paralelo nos inventários calcolíticos portugueses. A sua forma, marcadamente antropomórfica, não deixa dúvidas da figuração humana que pretendeu reproduzir, havendo todavia lugar à dúvida de se tratar da representação da Deusa, atendendo à falta de atributo sexual explícito.

Como escrevemos noutro lugar, “aceitamos que alguns artefactos, especialmente os ideoartefactos, sugiram – tanto pela ideia subjacente, a divindade feminina calcolítica, como pela matéria-prima em que são fabricados – o calcário marmóreo, tão utilizado em ideoartefactos no Mediterrâneo oriental – influências longínquas e indirectas ao nível da super-estrutura mágico-religiosa, oriundas daquela região. Sendo esta rocha tão banal na região estremenha parece haver um *non-sense* em ter sido escolhida para o fabrico de peças com carga simbólica tão marcada. Seria mais lógico que fossem seleccionadas rochas mais raras, como os anfíbolitos, mesmo admitindo que tais objectos valiam pela carga simbólica que encerravam e não pelo valor, raridade ou beleza do seu suporte (CARDOSO, 1994, p. 133). GONÇALVES (1994, p. 191), aceita também a navegação mediterrânica como estando na origem da difusão da “moda” do calcário, ainda que não necessariamente síncrona em diversos domínios geográficos civilizacionais, hipótese com que estamos de acordo. É interessante salientar, como já o fez aquele autor, que a maior riqueza e diversidade das peças de calcário corresponde à Baixa Estremadura. Com efeito, é nesta região, bem como no sul do País, que se observam exemplares de calcário mais elaborados, sofisticados ou raros de que é paradigma o conjunto do Correio-Mor (cinco tipos diferentes em

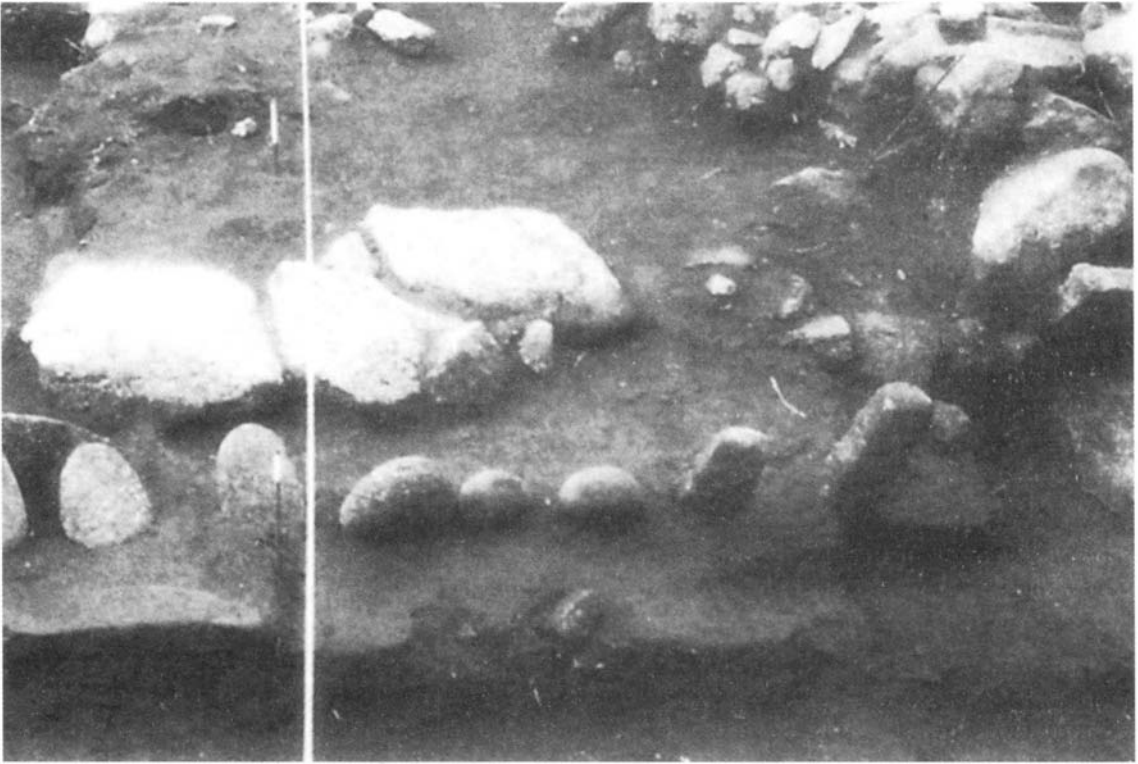


Fig. 18 – Fiada de ídolos exumados no monumento megalítico de Dombate, Galiza (BELLO-DIÉGUEZ, 1992/93, Est. 3, n.º 1).

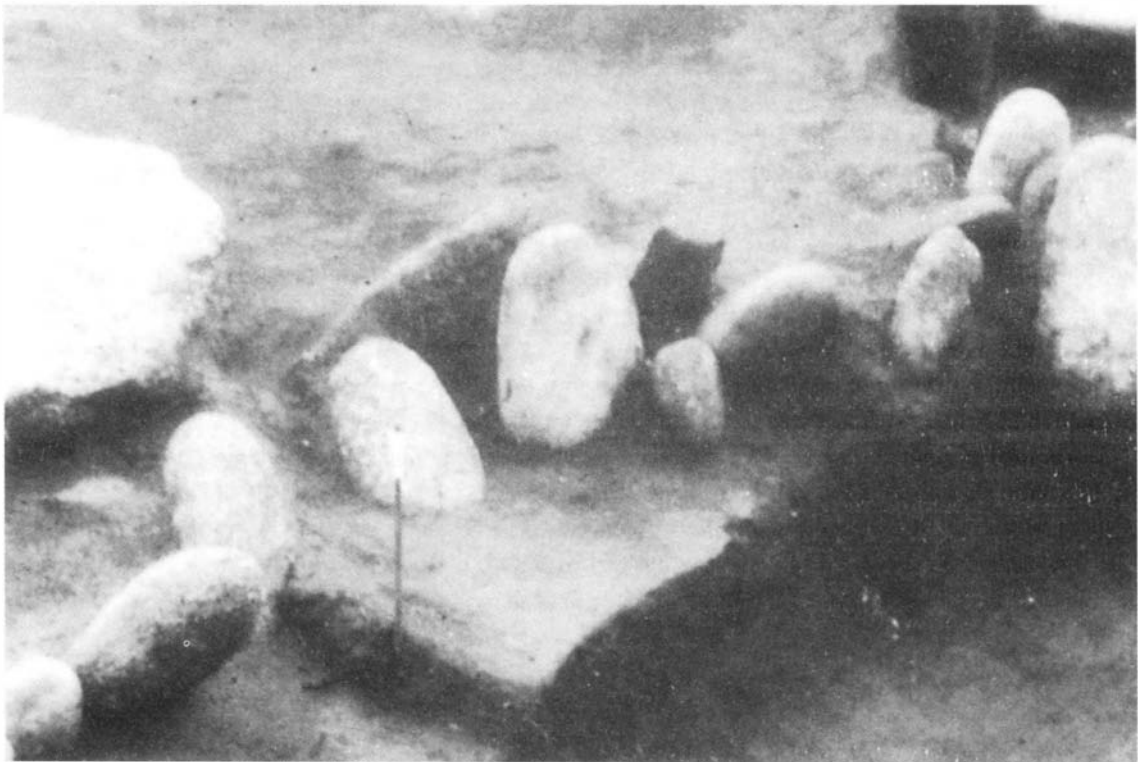


Fig. 19 – Pormenor do conxunto anterior (BELLO-DIÉGUEZ, 1992/93, Est. 3, n.º 2).

11 exemplares e em especial o ídolo em forma de peso de balança). São de facto peças como esta que mais facilmente recolhem paralelos formais em exemplares do Mediterrâneo Oriental (GONÇALVES, 1995).

5 – CONCLUSÕES

Os onze ideoartefactos de calcário encontrados na gruta do Correio-Mor permitiram as seguintes conclusões gerais:

1 – Trata-se do primeiro conjunto de ídolos calcolíticos que, indubitavelmente, se encontravam funcionalmente associados, correspondendo a uma ocorrência concentrada no interior de gruta de carácter sepulcral.

2 – A disposição original das peças foi reconstituída com base nos elementos recolhidos no decurso da escavação. Pondo de parte a hipótese de se tratar de um depósito ritual, acumulando-se umas peças por cima das outras, que, contudo, não podemos excluir em absoluto, consideramos preferencialmente a hipótese de um pequeno santuário ou altar; assim o indica a disposição das próprias peças, implantando-se as mesmas na vertical, ou mesmo ligeiramente enterradas no caso dos ídolos semicilíndricos.

3 – É lícito admitirmos que originalmente o conjunto se encontrava voltado para o interior da sala, embora não saibamos a que distância da parede setentrional da gruta desmontada pela pedreira. As peças dispor-se-iam, “grosso modo”, em segmento de recta, ocupando os três ídolos semi-cilíndricos posição central, ladeados por três ídolos cilíndricos, do lado Este e por outros três do lado Oeste. Os três ideoartefactos de maior raridade, situavam-se atrás e à frente da linha assim definida pelos ídolos cilíndricos e semicilíndricos. Na primeira daquelas posições, figurava uma maça ritual e uma placa curva, cuja função permanece ignorada. A segunda posição, correspondente à situação de máximo destaque, era ocupada isoladamente pelo ídolo em forma de peso de balança, tendo como pano de fundo o friso dos ídolos cilíndricos e semicilíndricos. Podemos, pois, admitir que a esta peça se reservava a maior importância no seio do conjunto, nela se concentrando as atenções.

O facto de ao ídolo em forma de peso de balança corresponder a posição de maior destaque no seio do conjunto não admira; trata-se de peça notável, de nítido recorte antropomórfico, única nos inventários calcolíticos portugueses.

4 – A diversidade patente no conjunto do Correio-Mor é notória: onze exemplares recolhidos distribuem-se por cinco tipos diferenciados. Esta diversidade, que caracteriza os conjuntos sepulcrais da Baixa Estremadura, onde estão presentes bastantes peças únicas de que o exemplo citado é paradigma, esbate-se notavelmente no Algarve onde abundam as peças comuns às mais simples da Estremadura.

5 – Sendo o calcário, invariavelmente, a matéria-prima preferida – apesar da sua abundância na região em causa – para o fabrico de peças de simbolismo tão marcado, somos levados a considerar a hipótese de existir uma razão profunda para tal preferência, sem dúvida resultante de ampla difusão de ideias. Tal hipótese ganha consistência, ao considerarmos as analogias de certas peças estremenhas com outras, de civilizações calcolíticas do Mediterrâneo Oriental, onde, tal como aqui, era aquela a matéria-prima preferida. Tais artefactos inscrever-se-iam, pois, entre os testemunhos, embora de carácter indirecto, da vasta aceitação de certos princípios mágico-religiosos que, oriundos da bacia mediterrânea, teriam atingido esta região periférica, no decurso do 3.º milénio AC. Tais influências, com expressão material nas notáveis semelhanças formais entre áreas geograficamente tão afastadas como o Mediterrâneo Oriental e o Noroeste da Península Ibérica, têm, no altar ou santuário da gruta do Correio-Mor, um dos seus exemplos mais interessantes.

BIBLIOGRAFIA

- ALMAGRO, M. & ARRIBAS, A. (1963) – El poblado y la necropolis megalíticas de los Millares (Santa Fé de Modujar, Almería). *Biblioteca Praehistoria Hispanica*, 3, 263 p. Madrid.
- ARNETTE, S. (1963) – Un disque perforé néolithique. *Objects et Mondes*, t. III, fasc. 2. Paris.
- BELLO-DIÉGUEZ, J.M. (1991) – *Galicia no Tempo*. Ídolos de Dombate. Monasterio de San Martiño Pinario. Santiago de Compostela.
- BELLO-DIÉGUEZ, J.M. (1992/93) – El monumento de Dombate en el marco del megalitismo del Noroeste peninsular. *Portugalia*, Nova Série, 13/14, p. 139-145.
- BELLO-DIÉGUEZ, J.M. (1994) – Dombate, chef-d'oeuvre de l'art mégalithique ibérique. *Archéologia*, 304, p. 54-57.
- CARDOSO, J.L. (1994) – Leceia 1983-1993 – Escavações do povoado fortificado pré-histórico. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, número especial, 164 p. Oeiras.
- CARDOSO, J.L.; GOMES, M. Varela & FERREIRA, O. da Veiga (em publicação) – O conjunto de ídolos falange de equídeo da Lapa da Bugalheira (Torres Novas).
- CASAL, A. Rodriguez (1988) – *La necropolis megalítica de Parxubeira (San Fins de Eirón, Galicia)*. *Campañas arqueológicas de 1977 e 1984*. Monografías Urxentes do Museu, 4, 102 p. A Coruña.
- CASTRO, L. Albuquerque & FERREIRA, O. da Veiga (1967) – Acerca das peças circulares de pedra encontradas no Eneolítico de Portugal. *Rev. Guimarães*, vol. 77, 1-2, p. 103-108. Guimarães.

- FERREIRA, O. da Veiga & LEITÃO M. (s/. data) – *Portugal pré-histórico – seu enquadramento no Mediterrâneo*. Publicações Europa-América. Mira Sintra.
- GONÇALVES, V.S. (1994) – Comentário às peças 141-181. In *Lisboa Subterrânea, catálogo da exposição organizada no Museu Nacional de Arqueologia*, p. 190-191. Lisboa.
- GONÇALVES, V.S. (1995) – *Sítios, “horizontes” e artefactos. Leituras críticas de realidades perdidas*. Câmara Municipal de Cascais.
- LEISNER, G. & LEISNER, V. (1943) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel*. Erster Teil der Süden. Römisch-Germanische Forschungen, Band 17, Walter de Gruyter & Co. Berlin.
- LEISNER, V. ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da Veiga (1961) – *Les grottes artificielles de Casal do Pardo (Palmela) et la Culture du vase campaniforme*. Memória n.º 8 (n.s.), Serviços Geológicos de Portugal. Lisboa.
- LEISNER, V. ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da Veiga (1969) – *Les monuments préhistoriques de Praia das Maças et de Casainhos*. Portugal, Memória n.º 16 (n.s.), Serviços Geológicos de Lisboa.
- MARTINS, J.V. (1981) – Pedras furadas do Nordeste de Angola. *Leba*, 4, p. 37-59. Lisboa.
- PAÇO, A. do, ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da Veiga (1971) – Resultado das escavações na Lapa da Bugalheira (Torres Vedras) *Comunic. Serviços Geológicos de Portugal*, 55, p. 23-47.
- RIBEIRO, C. (1880) – *Notícia de algumas estações e monumentos pré-históricos. II monumentos megalíticos do arredor de Belas*, Memória apresentada à Academia Real das Ciências de Lisboa. Lisboa.
- SANTOS, M. Farinha dos (1970) – Ídolo eneolítico dos arredores de Lisboa *O Arqueólogo Português*, Série III, 4, p. 61-64.
- SANTOS, M. Farinha dos (1971) – Manifestações votivas da necrópole da gruta do Escoural. *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia* (Coimbra 1970), 1, p. 95-96. Coimbra.
- VALCARCE, R. Fábregas (1993) – Las representaciones de bulto redondo en el megalitismo del Noroeste. *Trabajos de Prehistoria*, 50, p. 87-101.
- ZBYSZEWSKI, G. (1964) – *Notícia explicativa da folha 2 (Loures)*. Serviços Geológicos de Portugal. Lisboa.

Estudos Arqueológicos de Oeiras,
5, Oeiras, Câmara Municipal, 1995, pp. 123-151

**ESTUDOS PETROGRÁFICOS DE ARTEFACTOS DE PEDRA POLIDA
DO POVOADO PRÉ-HISTÓRICO DE LECEIA (OEIRAS).
ANÁLISES DE PROVENIÊNCIAS***

J.L. Cardoso⁽¹⁾ & A. Barros e Carvalhosa⁽²⁾

1 – INTRODUÇÃO

Embora há muito se tenha reconhecido a origem exógena da maioria das rochas duras de que são confeccionados os artefactos de pedra polida dos povoados e necrópoles da região estremenha – regra geral designados por “anfíbolitos” – até ao presente não foi efectuado estudo aprofundado de caracterização petrográfica cabal daquelas rochas, susceptível de suportar conclusões quanto à sua origem provável. Esta linha de investigação, no que concerne a estações da Estremadura, foi iniciada, com carácter sistemático, pelo estudo dos artefactos de pedra polida da Lapa do Bugio-Azóia (Sesimbra); da observação, em lâmina delgada, de dois machados e de uma enxó, de conjunto recolhido em associação, verificou-se que a origem mais provável para os machados – feitos de rochas resultantes de metamorfismo de baixo

* Trabalho coordenado por J.L.C., com base em elementos geológicos e petrográficos fornecidos por A.B.C.

⁽¹⁾ Professor da Universidade Nova de Lisboa e Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras - Câmara Municipal de Oeiras. Sócio efectivo da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Associação Profissional de Arqueólogos. Bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian.

⁽²⁾ Geólogo do Instituto Geológico e Mineiro. Rua da Academia das Ciências, 19, 2.º 1200 Lisboa

grau, de composição basalto-andesítica, e de textura granoblástica – seria a faixa vulcano sedimentar, de idade devónica e carbónica de Castro Verde-Grândola, enquanto a enxó corresponde a vulcanito básico, de textura vitrofírica e pós-orogénico. Tal litótipo poderia ser encontrado em corpos filonianos relacionados com a instalação do maciço sub-vulcânico de Sines, de idade neocretácica (CARDOSO *et al.*, 1992, p. 105, 106). Estas conclusões mostram que a generalização da atribuição das referidas rochas duras ao Maciço Hespérico e, designadamente, ao grupo dos anfibolitos, era exagerada e não correspondia à realidade. Haveria de proceder, pois, a estudos detalhados, susceptíveis de conduzirem à identificação dos locais de proveniência das diferentes matérias-primas utilizadas no fabrico de artefactos de pedra polida, de evidente interesse para a caracterização das fontes de aprovisionamento a longa distância de materiais considerados “estratégicos” (CARDOSO, 1994), no quadro da paleoeconomia da formação económico-social do Calcolítico da Estremadura. Foi aquele objectivo que esteve na origem deste estudo, tendo ainda presente o provável aproveitamento de rochas duras, de origem regional, isto é, disponíveis na própria área estremenha, aspecto jamais valorizado até ao presente.

2 – TRABALHOS REALIZADOS

O conjunto dos artefactos de rochas duras de pedra polida, recolhidos em estratigrafia, no povoado pré-histórico fortificado de Leceia (Oeiras), onde um dos signatários (J.L.C.) vem dirigindo escavações arqueológicas em extensão desde 1983 constituía excelente fonte de amostragem. Com efeito, os mais de cem exemplares dali provenientes, permitiam a obtenção de conclusões significativas no respeitante a dois aspectos fundamentais, para além, evidentemente, da caracterização das origens das matérias-primas utilizadas:

- relação entre a petrografia e a tipologia dos artefactos, pretendendo-se averiguar até que ponto os fins funcionais pretendidos condicionavam a escolha de um tipo petrográfico específico;
- eventual variação da natureza das matérias-primas utilizadas ao longo do tempo, objectivo que exigia a existência de numeroso conjunto estratigrafado, como o de Leceia.

Com tal objectivo, seleccionaram-se, em uma primeira fase, vinte e quatro artefactos que, pelas características macroscópicas, fossem susceptíveis de representar o espectro petrográfico correspondente à totalidade do material de Leceia.

Em uma fase mais avançada do estudo, procurou-se caracterizar, sobretudo, os

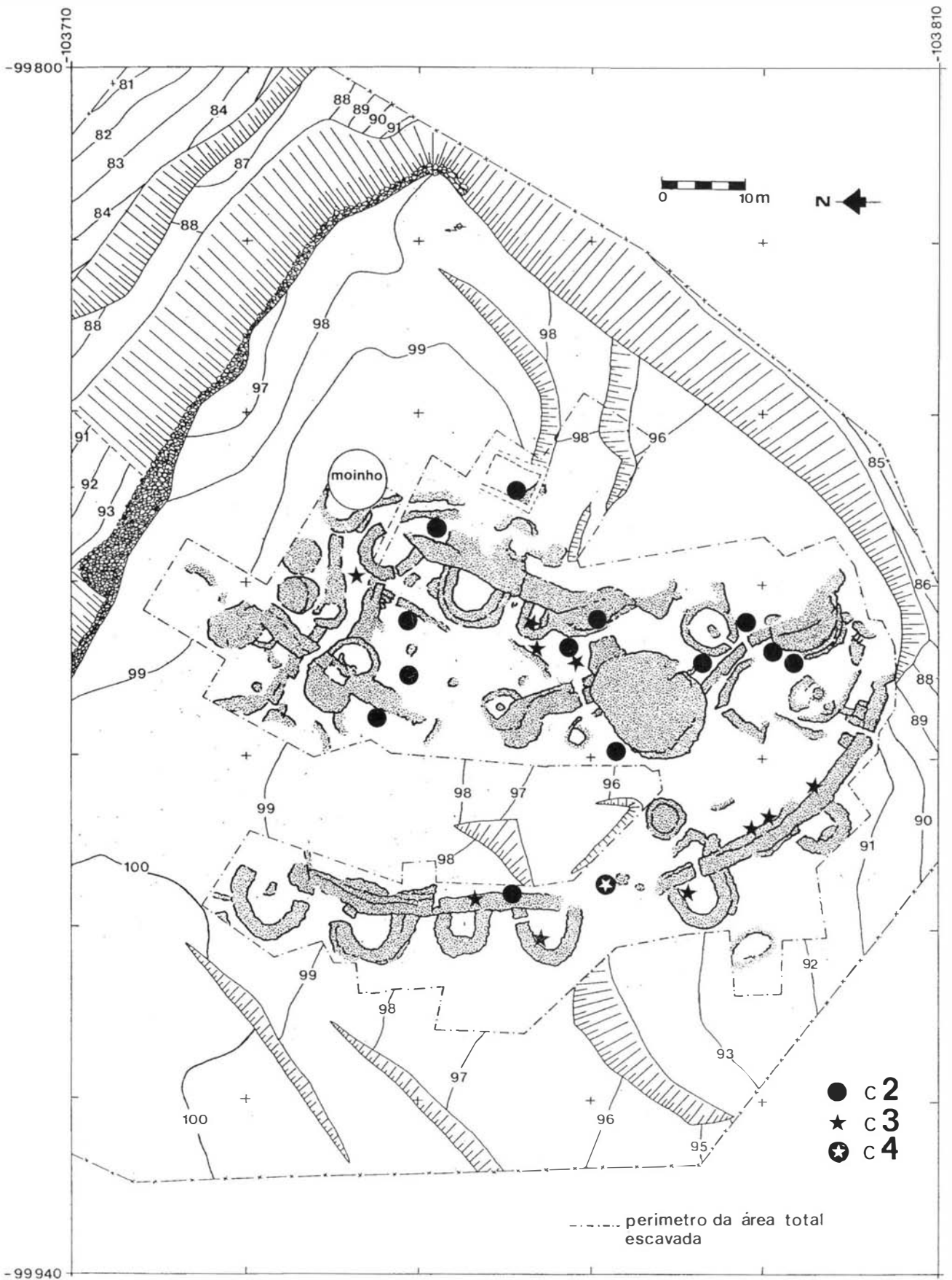


Fig. 1 – Leceia 1983-1995. Planta geral esquemática das principais estruturas, com localização dos materiais de pedra polida estudados. C2 - Calcolítico pleno; C3 - Calcolítico inicial; C4 - Neolítico final.

tipos petrográficos que correspondessem a rochas não anfibolíticas, as quais, embora em minoria, poderiam fornecer interessantes informações quanto a fontes de abastecimento de carácter local ou regional. Para o efeito, entre os cerca de trezentos artefactos de pedra polida de Leceia, conservados no Museu Nacional de Arqueologia, sem indicação estratigráfica, seleccionaram-se quinze que, por exame macroscópico, se incluíam em tipos petrográficos predominantemente não anfibolíticos.

Todos os artefactos foram parcialmente seccionados, segundo direcção transversal ao comprimento, com o objectivo de se obter uma fatia de rocha, conducente à preparação de lâmina delgada adequada à observação no microscópio de luz polarizada, conducente à identificação dos diversos tipos petrográficos presentes.

3 – MATERIAIS ESTUDADOS

O estudo petrográfico dos trinta e nove artefactos seleccionados, cuja localização na área escavada se indica na Fig. 1, conduziu aos seguintes resultados (o número de ordem refere-se ao da respectiva análise:

- 1 – Fragmento de machado de secção oval, totalmente polido (Fig. 2, n.º 3).
Ano e local de recolha – 1990; *Muralha EH* (lado interno).
Camada, integração cultural – Camada 3 - Calcolítico inicial.
Natureza petrográfica – dolerito.
- 2 – Fragmento de machado de secção rectangular, irregularmente polido (Fig. 3, n.º 2).
Ano e local de recolha – 1990; *Muralha EH* (lado interno).
Camada, integração cultural – Camada 3 - Calcolítico inicial.
Natureza petrográfica – traquito.
- 3 – Fragmento de enxó de secção rectangular espalmada, totalmente polida (Fig. 6, n.º 2).
Ano e local de recolha – 1991; *Lareira ER*.
Camada, integração cultural – Camada 4 - Neolítico final.
Natureza petrográfica – Cherte (silexito).
- 4 – Fragmento de machado de secção rectangular totalmente polido, com ligeiro bombeamento das faces (Fig. 2, n.º 4).
Ano e local de recolha – 1991. *Muralha EH* (lado interno).
Camada, integração cultural – Camada 3 - Calcolítico inicial.
Natureza petrográfica – Anfiboloxisto (xisto horneblêndico).

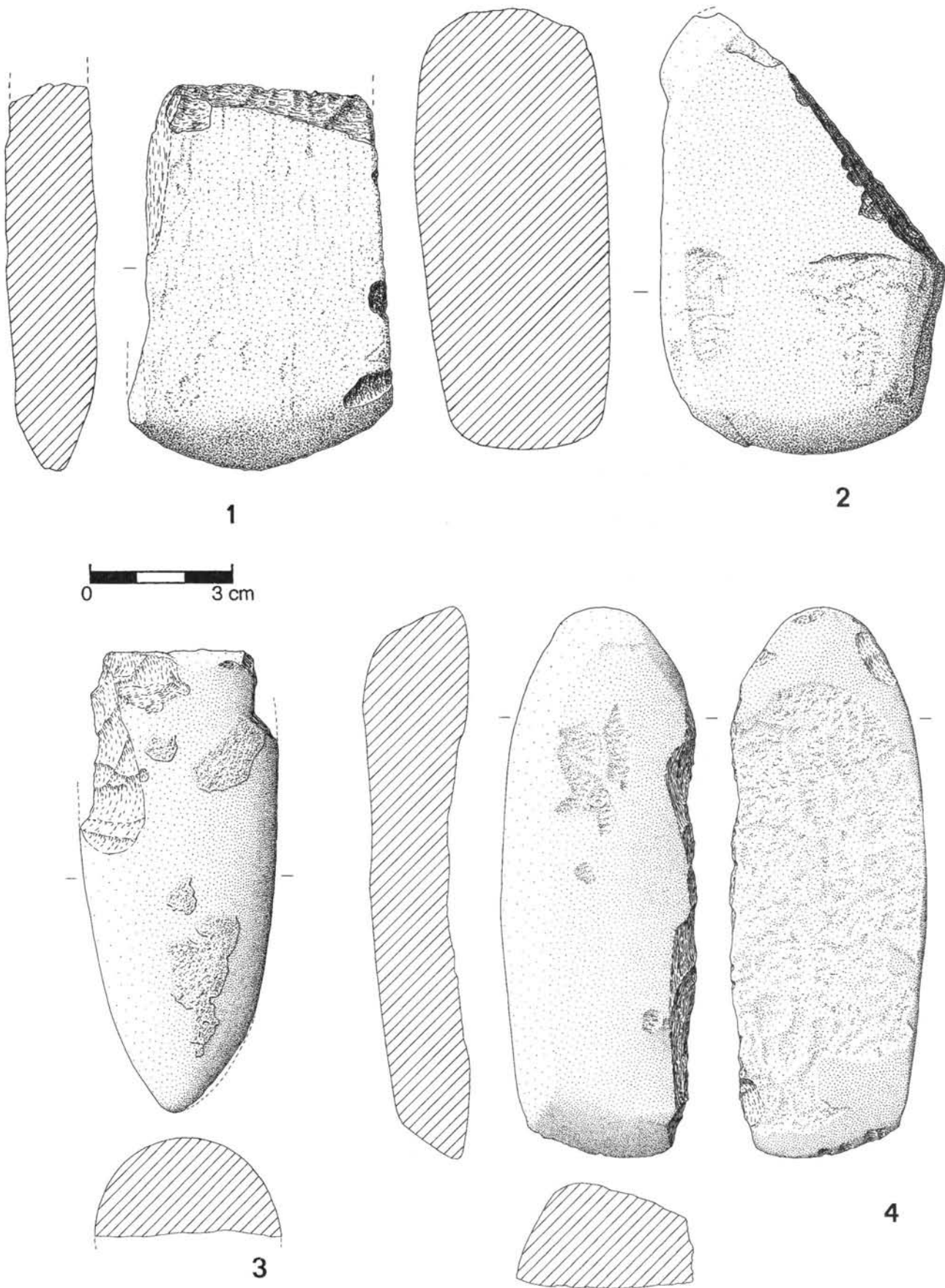


Fig. 2 – Artefactos de pedra polida de Leceia estudados (coleções do CEACO).

Observações – artefacto com duas reutilizações: após as funções de machado, foi utilizado, sucessivamente, como martelo (percutor) e como “plaina”, ou enxó, recorrendo-se, para o efeito, ao polimento parcial da superfície de fractura longitudinal do machado primitivo.

- 5 – Fragmento de machado de secção rectangular totalmente polido (Fig. 4, n.º 4).
Ano e local de recolha – 1990. *Muralha EH* (lado interno).
Camada, integração cultural – Camada 3 - Calcolítico inicial.
Natureza petrográfica – anfiboloxisto (xisto hornebléndico).
Observações – artefacto reutilizado como martelo (percutor).
- 6 – Fragmento de machado de secção rectangular quase totalmente polido (Fig. 4, n.º 1).
Ano e local de recolha – 1988. A Este da *Casa HH*.
Camada, integração cultural – Camada 2 - Calcolítico pleno.
Natureza petrográfica – anfiboloxisto (xisto hornebléndico).
Observações – artefacto reutilizado como percutor; rocha muito negra, de grão fino e densa.
- 7 – Fragmento de machado de secção rectangular, quase totalmente polido (Fig. 4, n.º 2).
Ano e local de recolha – 1987. Lado externo da *Entrada CC2*.
Camada, integração cultural – Camada 2 - Calcolítico pleno.
Natureza petrográfica – anfiboloxisto (xisto hornebléndico).
- 8 – Fragmento de machado de secção rectangular, quase totalmente polido (Fig. 4, n.º 3).
Ano e local de recolha – 1990. A Norte da *Plataforma MM*.
Camada, integração cultural – Camada 2 - Calcolítico pleno.
Natureza petrográfica – anfiboloxisto (xisto hornebléndico).
Observações – rocha negra e compacta.
- 9 – Fragmento de enxó de secção rectangular, achatada, de faces levemente bombeadas (Fig. 4, n.º 4).
Ano e local de recolha – 1989. Lado interno da *Entrada CC2*.
Camada, integração cultural – Camada 3 - Calcolítico inicial.
Natureza petrográfica – andesito (propilitizado).
- 10 – Fragmento de martelo de secção rectangular, quase totalmente polido (Fig. 4, n.º 5).
Ano e local de recolha – 1989. Exterior da *Casa ZZ*.

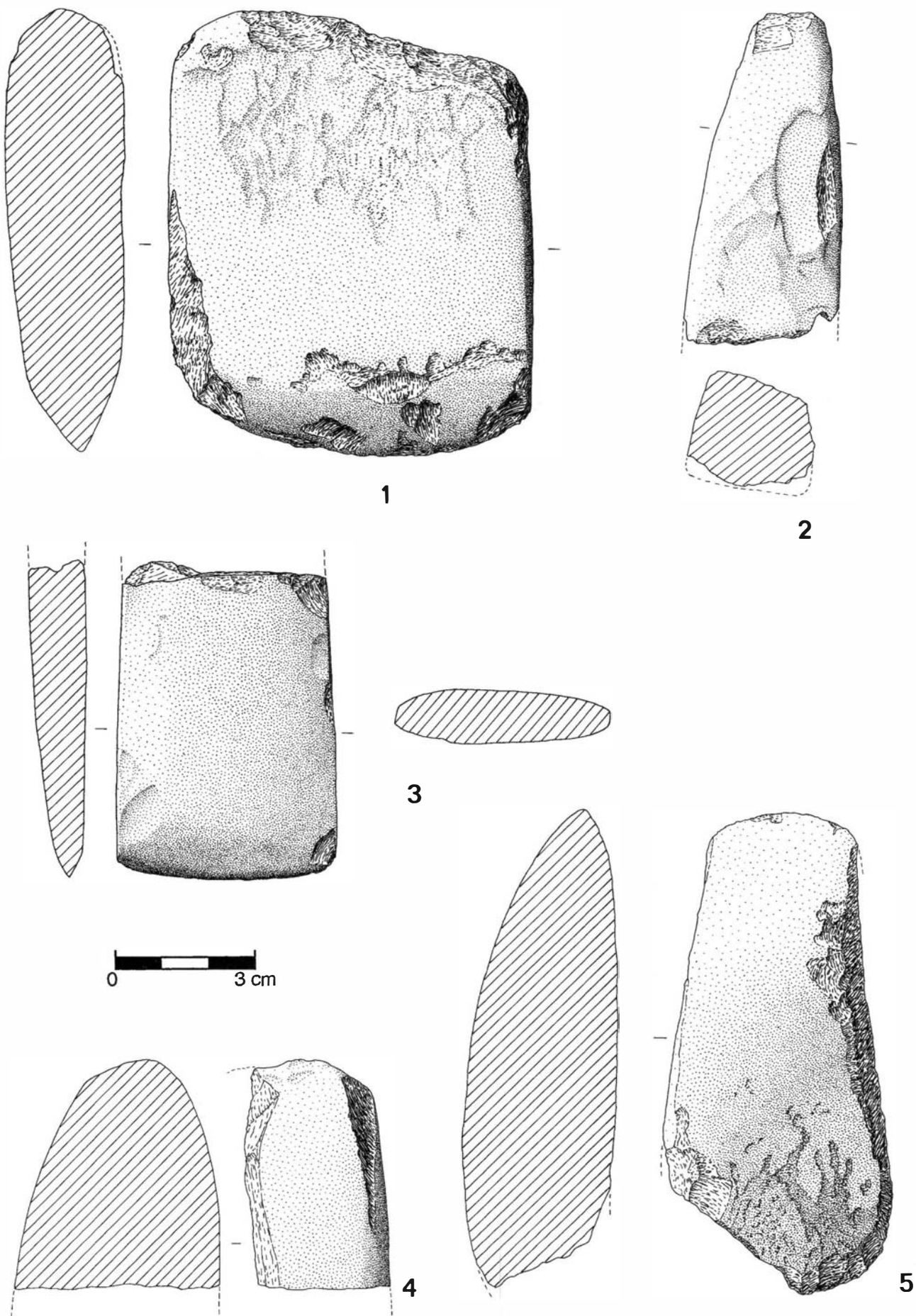


Fig. 3 – Artefactos de pedra polida de Leceia estudados (coleções do CEACO).

- Camada, integração cultural* – Camada 2 - Calcolítico pleno.
Natureza petrográfica – anfiboloxisto (xisto horneblêndico).
Observações – o gume apresenta-se substituído por estreita superfície plana e polida, contrariando a hipótese de reutilização de machado de gume embotado pelo uso. Discussão deste tipo de artefactos em CARDOSO (1989, p. 104 e 1994, Fig. 106).
- 11 – Fragmento de enxó de secção rectangular, totalmente polida (Fig. 4, n.º 6).
Ano e local de recolha – 1990. A Oeste do *Muro XX*.
Camada, integração cultural – Camada 2 - Calcolítico pleno.
Natureza petrográfica – anfiboloxisto (xisto horneblêndico).
- 12 – Fragmento de machado de secção rectangular, quase totalmente polido (Fig. 4, n.º 7).
Ano e local de recolha – 1991. Sector Norte da *Muralha EH*.
Camada, integração cultural – Camada 2 - Calcolítico pleno.
Natureza petrográfica – anfiboloxisto (xisto horneblêndico).
- 13 – Fragmento de enxó de secção lenticular espalmada totalmente polida (Fig. 3, n.º 3).
Ano e local de colheita – 1991. *Bastião EP*.
Camada, integração cultural – Camada 3 - Calcolítico inicial.
Natureza petrográfica – cherte (silexito).
- 14 – Machado de secção rectangular, quase totalmente polido (Fig. 6, n.º 3).
Ano e local de recolha – 1989. A sul da *Casa ZZ*.
Camada, integração cultural – Camada 2 - Calcolítico pleno.
Natureza petrográfica – andesito (microbrecha).
Observações – artefacto reutilizado como martelo (percutor).
- 15 – Escopro de secção rectangular, quase totalmente polido (Fig. 6, n.º 1).
Ano e local de recolha – 1988. *Lageado RR*.
Camada, integração cultural – Camada 2 - Calcolítico pleno.
Natureza petrográfica – anfiboloxisto (xisto horneblêndico).
Observações – rocha negra e compacta.
- 16 – Enxó de secção rectangular espalmada, quase totalmente polida (Fig. 3, n.º 1).
Ano e local de recolha – 1990. *Bastião EI*.
Camada, integração cultural – Camada 3 - Calcolítico inicial.
Natureza petrográfica – anfiboloxisto (xisto horneblêndico).

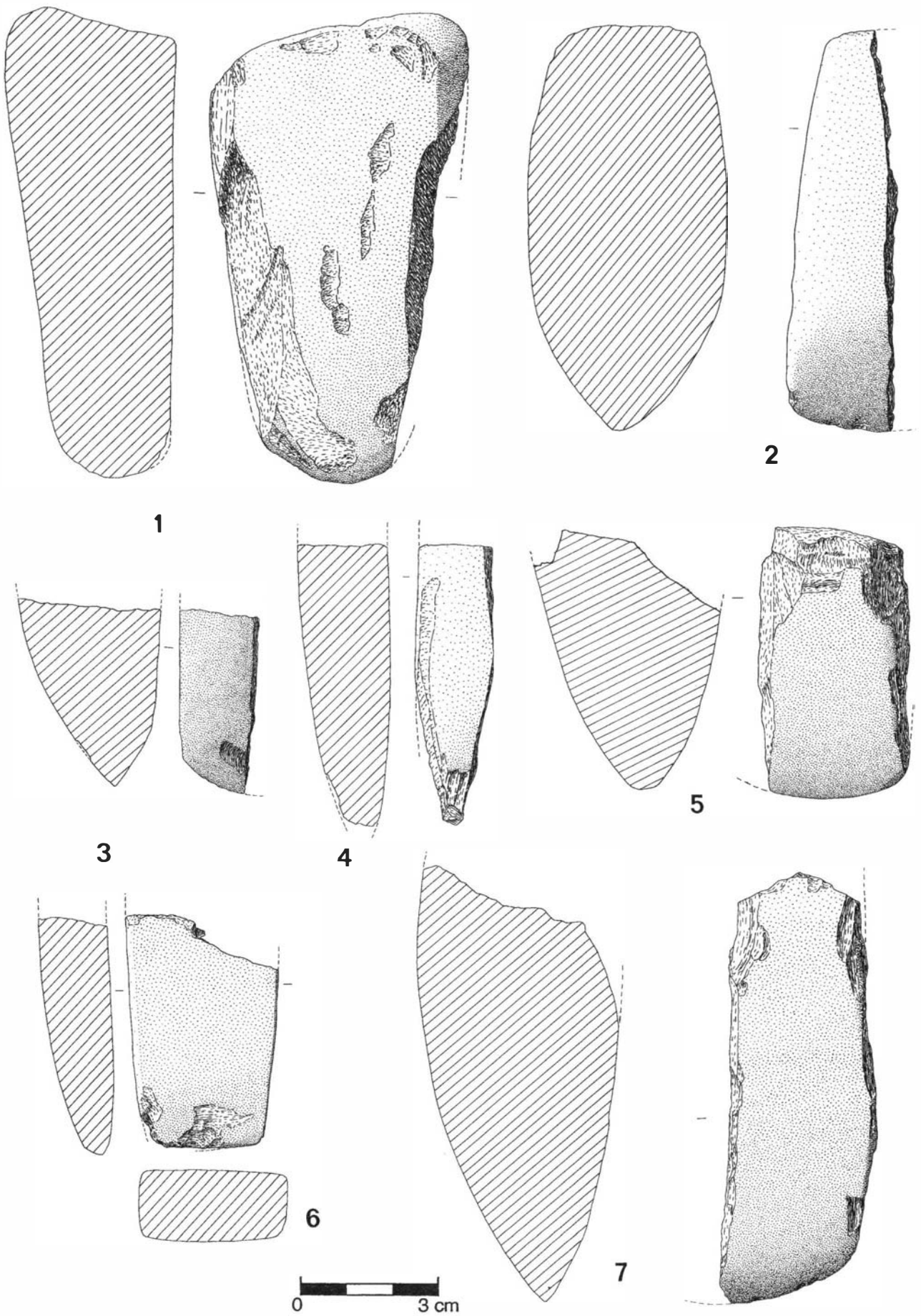


Fig. 4 – Artefactos de pedra polida de Leceia estudados (coleções do CEACO).

- 17 – Fragmento de enxó de secção rectangular espalmada, quase totalmente polida (Fig. 5, n.º 1).
Ano e local de recolha – 1987. *Muralha CC*.
Camada, integração cultural – Camada 2 - Calcolítico pleno.
Natureza petrográfica – xisto argiloso (“shale”).
- 18 – Fragmento de machado de secção rectangular, quase totalmente polido (Fig. 3, n.º 5).
Ano e local de recolha – 1986. Lado interno do *Reforço O2*.
Camada, integração cultural – Camada 3 - Calcolítico inicial.
Natureza petrográfica – anfiboloxisto (xisto horneblêndico).
Observações – Artefacto reutilizado em uma das extremidades como martelo (percutor).
- 19 – Fragmento de enxó de secção rectangular espalmada, totalmente polida (Fig. 5, n.º 2).
Ano e local de recolha – 1988. Lado externo da *Muralha O* a Oeste do *Bastião U*.
Camada, integração cultural – Camada 2 - Calcolítico pleno.
Natureza petrográfica – anfiboloxisto (xisto horneblêndico).
Observações – Ver observações da peça n.º 10.
- 20 – Martelo de secção rectangular achatada, quase totalmente polido (Fig. 5, n.º 3).
Ano e local de recolha – 1984. Lado externo da *Casa E*.
Camada, integração cultural – Camada 2 - Calcolítico pleno.
Natureza petrográfica – anfiboloxisto (xisto horneblêndico).
Observações – ver observações da peça n.º 10.
- 21 – Escopro de secção rectangular, de lados bombeados, quase totalmente polido (Fig. 5, n.º 4).
Ano e local de recolha – 1987. Lado externo da *Estrutura FJ*.
Camada, integração cultural – Camada 2 - Calcolítico pleno.
Natureza petrográfica – anfiboloxisto (xisto horneblêndico).
- 22 – Machado de secção oval polido e picotado (Fig. 6, n.º 5).
Ano e local de recolha – 1990. Lado externo do *Muro XX*.
Camada, integração cultural – Camada 2 - Calcolítico pleno.
Natureza petrográfica – microssienito.
Observações – A tipologia arcaica deste machado sugere cronologia mais antiga que a camada donde provém, o que se poderia explicar por remobilização ulterior ao abandono.

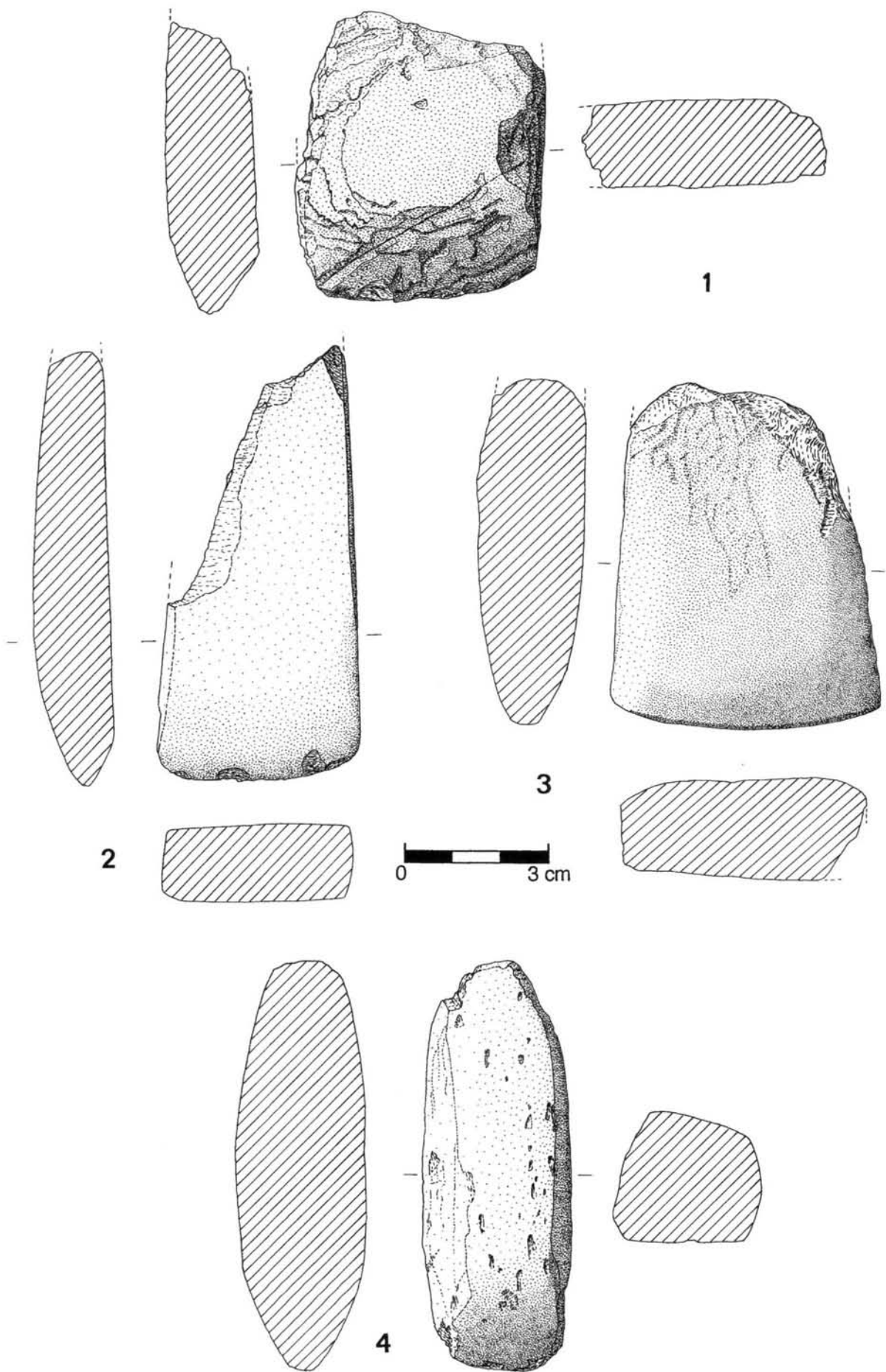


Fig. 5 – Artefactos de pedra polida de Leceia estudados (coleções do CEACO).

23 – Machado incompleto de secção rectangular quase totalmente polido (Fig. 2, n.º 2).

Ano e local de recolha – 1987. *Lageado TT*.

Camada, integração cultural – Camada 3 - Calcolítico inicial.

Natureza petrográfica – anfiboloxisto (xisto horneblêndico).

Observações – artefacto reutilizado em ambas as extremidades como martelo (percutor).

24 – Enxó de secção rectangular espalmada polida quase só no gume (Fig. 2, n.º 1).

Ano e local de recolha – 1987. *Bastião AA*.

Camada, integração cultural – Camada 3 - Calcolítico inicial.

Natureza petrográfica – anfiboloxisto (xisto horneblêndico).

Observações – Trata-se de um verdadeiro “lingote” de rocha, regular e muito sumariamente polido. O artefacto foi reutilizado como martelo (percutor).

Do ponto de vista tipológico e petrográfico, os quinze artefactos seleccionados de rochas essencialmente não-anfibolíticas da colecção do Museu Nacional de Arqueologia, podem descrever-se do seguinte modo:

4073 – Escopro de secção rectangular totalmente polido. Cherte (Fig. 9, n.º 1).

R 29 – Machado ou enxó fragmentada quase totalmente polida. Rocha negra e compacta. Cherte (lidito) (Fig. 9, n.º 2).

4075 – Enxó de secção lenticular totalmente polida. Dolerito olivínico, muito fino (Fig. 9, n.º 3).

4175 – Machado de secção oval, quase totalmente polido, reutilizado como martelo (percutor). Anfiboloxisto (xisto horneblendo-actinolítico) (Fig. 8, n.º 2).

4096 – Escopro de secção rectangular totalmente polido. Rocha muito fina (Fig. 8, n.º 1).

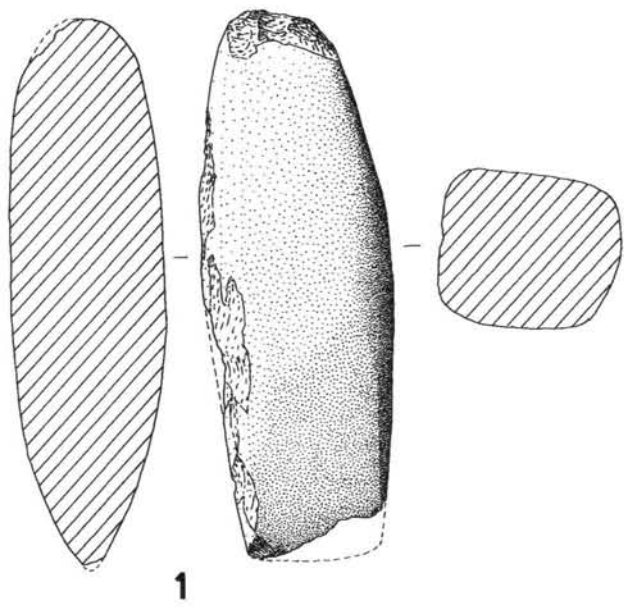
4179 – Machado de secção rectangular deficientemente polido, reutilizado como martelo (percutor). Dolerito olivínico de grão fino (Fig. 7, n.º 3).

R 266 – Fragmento de enxó de secção oval totalmente polida. Anfiboloxisto (xisto horneblendo-actinolítico) (Fig. 7, n.º 4).

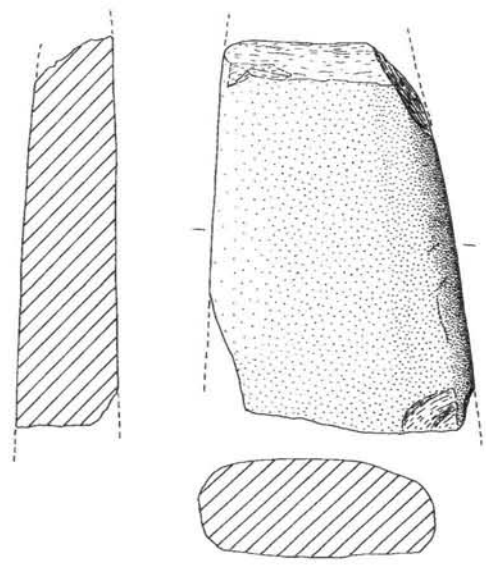
4094 – Machado de secção lenticular, totalmentee polido. Siltito silico-argiloso (rocha chértica) (Fig. 7, n.º 5).

429 – Enxó de secção rectangular achatada, totalmente polida. Pórfiro sienítico (Fig. 6, n.º 2).

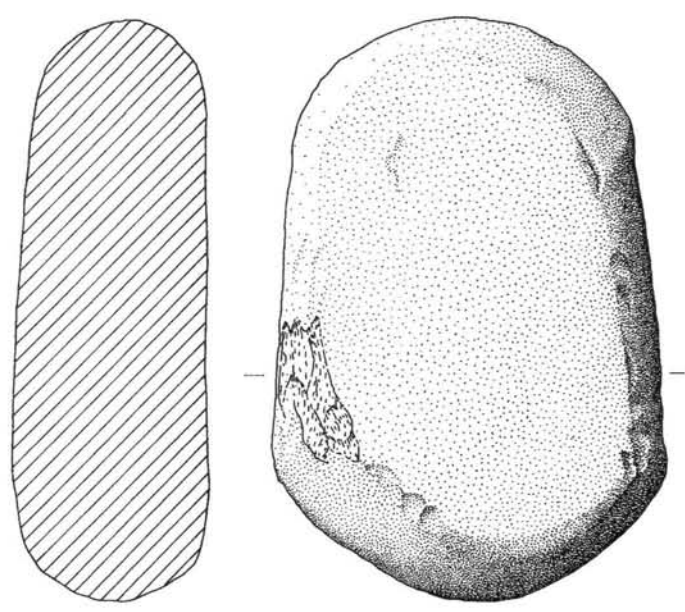
4132 – Machado de secção circular, picotado, apenas com a zona do gume polida. Corneana calcossilicatada (com granada, piroxena, tremolite, esfena, epidoto, quartzo e minério) (Fig. 6, n.º 3).



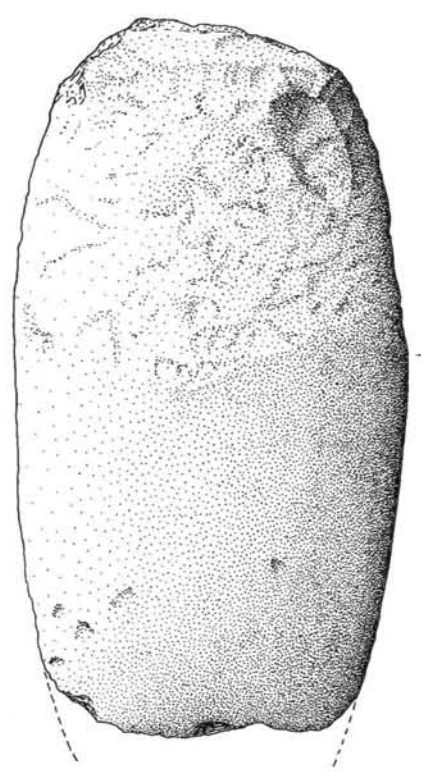
1



2



3



4

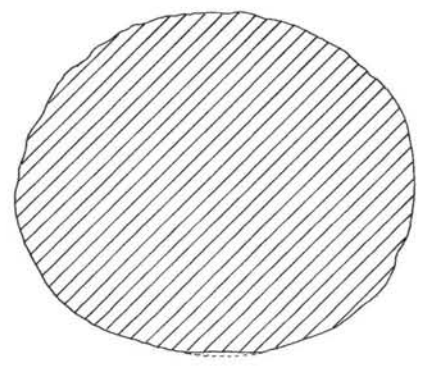


Fig. 6 – Artefactos de pedra polida de Leceia estudados (coleções do CEACO).

4 – Fragmento de machado de secção oval, picotado e polido (na zona do gume). Dolerito augítico com olivina (dolerito olivínico) (Fig. 6, n.º 4).

4103 – Enxó de secção rectangular com os lados bombeados, totalmente polida. Traquito (Fig. 6, n.º 5).

4101 – Fragmento de machado de secção lenticular, totalmente polido. Fibrolite (Fig. 9, n.º 2).

2130 – Machado de secção oval, picotado e polido (na zona do gume), reutilizado como martelo (percutor). Metadolerito (Fig. 9, n.º 3).

4122 – Machado de secção quase circular, quase totalmente polido (com vestígios de picotagem), reutilizado como martelo (percutor). Diorito olivínico de grão fino (Fig. 9, n.º 4).

3.1 – Distribuição por tipos petrográficos

O conjunto dos vinte e quatro artefactos de pedra polida seleccionados entre os exemplares exumados em estratigrafia e considerado como representativo daqueles, do ponto de vista petrográfico, exhibe as seguintes características:

Anfiboloxisto – 16 (66,7%)

Dolerito – 1 (4,2%)

Traquito – 1 (4,2%)

Andesito – 2 (8,3%)

Microssienito – 1 (4,2%)

Cherte – 2 (8,3%)

Xisto argiloso – 1 (4,2%)

Verifica-se, pois, uma nítida predominância do grupo das rochas anfibolíticas, a que corresponde cerca de 2/3 do total das matérias-primas utilizadas. Tal resultado é idêntico ao obtido, por classificação macroscópica, no conjunto dos cerca de 300 artefactos conservados no Museu Nacional de Arqueologia. Podemos, deste modo, concluir, que, em Leceia, o abastecimento de rochas duras era essencialmente constituído por anfibolitos, que correspondem a cerca de 2/3 do total. As restantes rochas utilizadas para o fabrico de artefactos polidos estão representados por tipos petrográficos variados e escassamente representados, de origem ígnea (doleritos, traquitos, andesitos, microssienitos), sedimentar ou metassedimentar (chertes, xistos argilosos), disponíveis em outras áreas geográficas das correspondentes à rochas anfibolíticas.

A heterogeneidade petrográfica adrede o conjunto de rochas não anfibolíticas, justificava análise mais aprofundada, baseada em amostragem mais representativa. Para

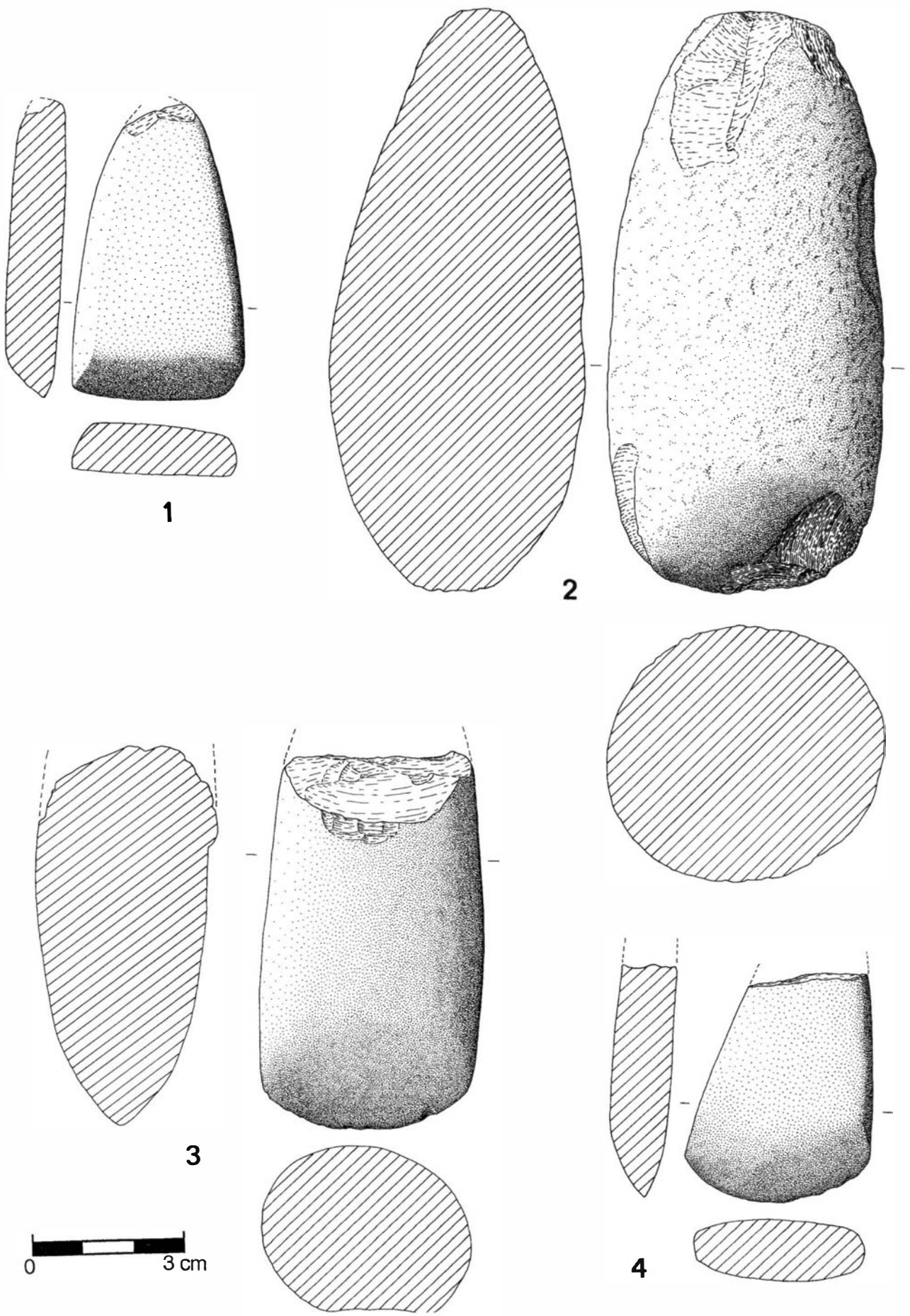


Fig. 7 – Artefactos de pedra polida de Leceia estudados (coleções do Museu Nacional de Arqueologia).

o efeito, dos cerca de 300 exemplares conservados no Museu Nacional de Arqueologia, seleccionaram-se quinze (J.L.C.), que, por observação macroscópica não pareciam corresponder a anfibolitos. Os resultados obtidos foram os seguintes:

- Anfibolitos – 2
- Doleritos olivínicos – 3
- Metadoleritos – 1
- Pórfiro sienítico – 1
- Traquito – 1
- Diorito – 1
- Fibrolite – 1
- Rochas calcossilicatadas – 1
- Chertes e siltitos chérticos – 4.

Este segundo grupo de análises petrográficas permitiu confirmar a presença de rochas já identificadas no primeiro conjunto (doleritos, traquitos, sienitos, chertes), além de outras (dioritos, fibrolites e rochas metamórficas calcossilicatadas).

3.2 – Relação entre a petrografia e a tipologia dos artefactos

Outro aspecto que interessava investigar consistia em saber se haveria relação entre a escolha de um tipo petrográfico preciso e as funções pretendidas, expressas pela tipologia do respectivo artefacto. Os resultados podem sumarizar-se no QUADRO I (excluíram-se desta análise os quinze artefactos seleccionados no Museu Nacional de Arqueologia, por corresponderem, ao contrário dos exemplares estratigrafados, a amostragem não representativa do ponto de vista petrográfico).

QUADRO I – Distribuição dos tipos petrográficos pelos diversos tipos de artefactos reconhecidos (materiais estratigrafados)

	anfíboloxisto	dolerito	andesito	traquito	microssienito	cherte	xisto argiloso
Machados	8	1	1	1	1		
Enxós	4		1			2	1
Escopros	2						
Martelos	2						

A conclusão mais evidente é a da concentração de rochas anfibolíticas em machados, escopros e martelos (pese embora a pouca representatividade numérica destes dois últimos tipos de artefactos) em detrimento das enxós. Por outras palavras, parece evidenciar-se que as funções exigidas às enxós, toleravam rochas mais brandas

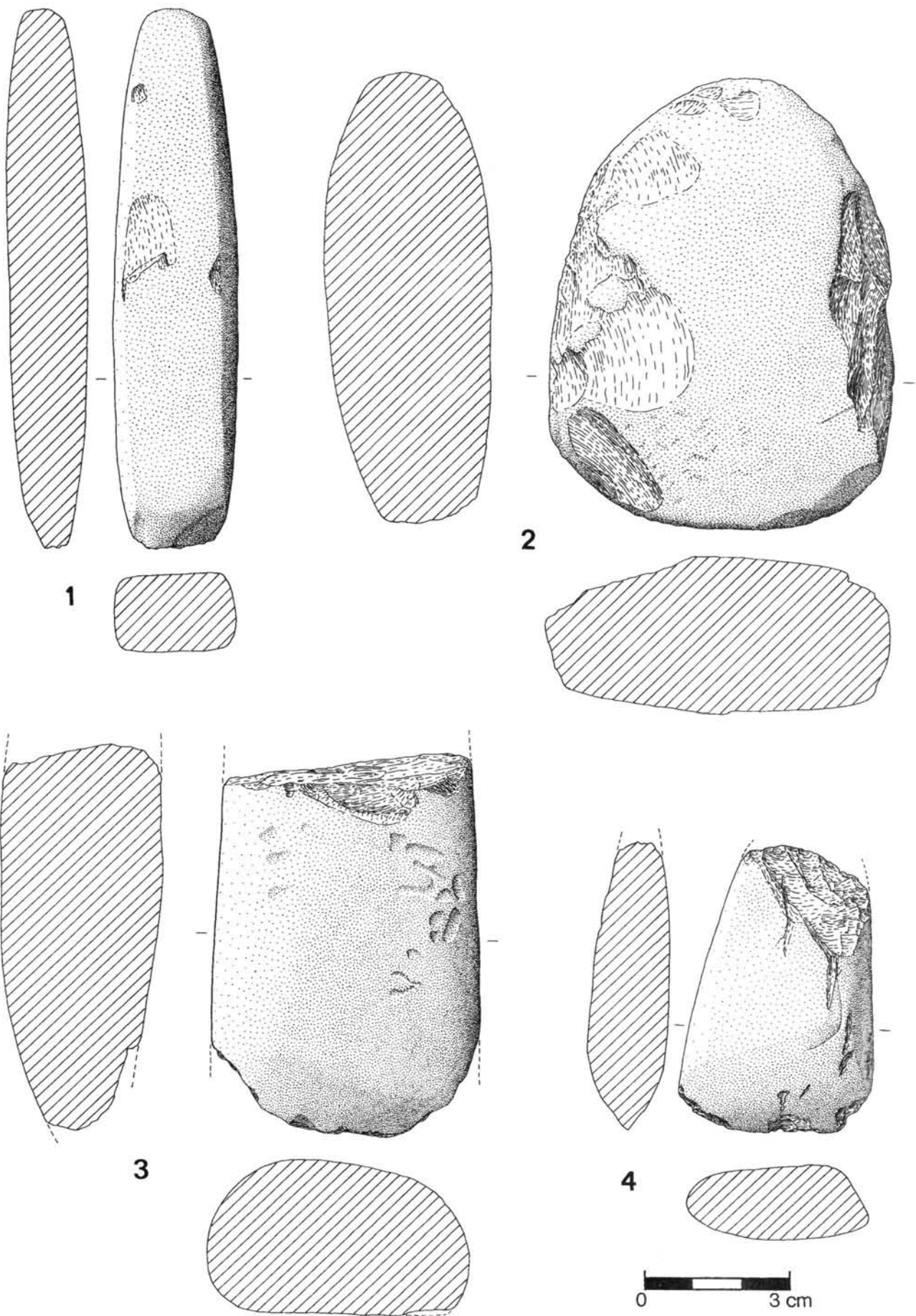


Fig. 8 – Artefactos de pedra polida de Leceia estudados (coleções do Museu Nacional de Arqueologia).

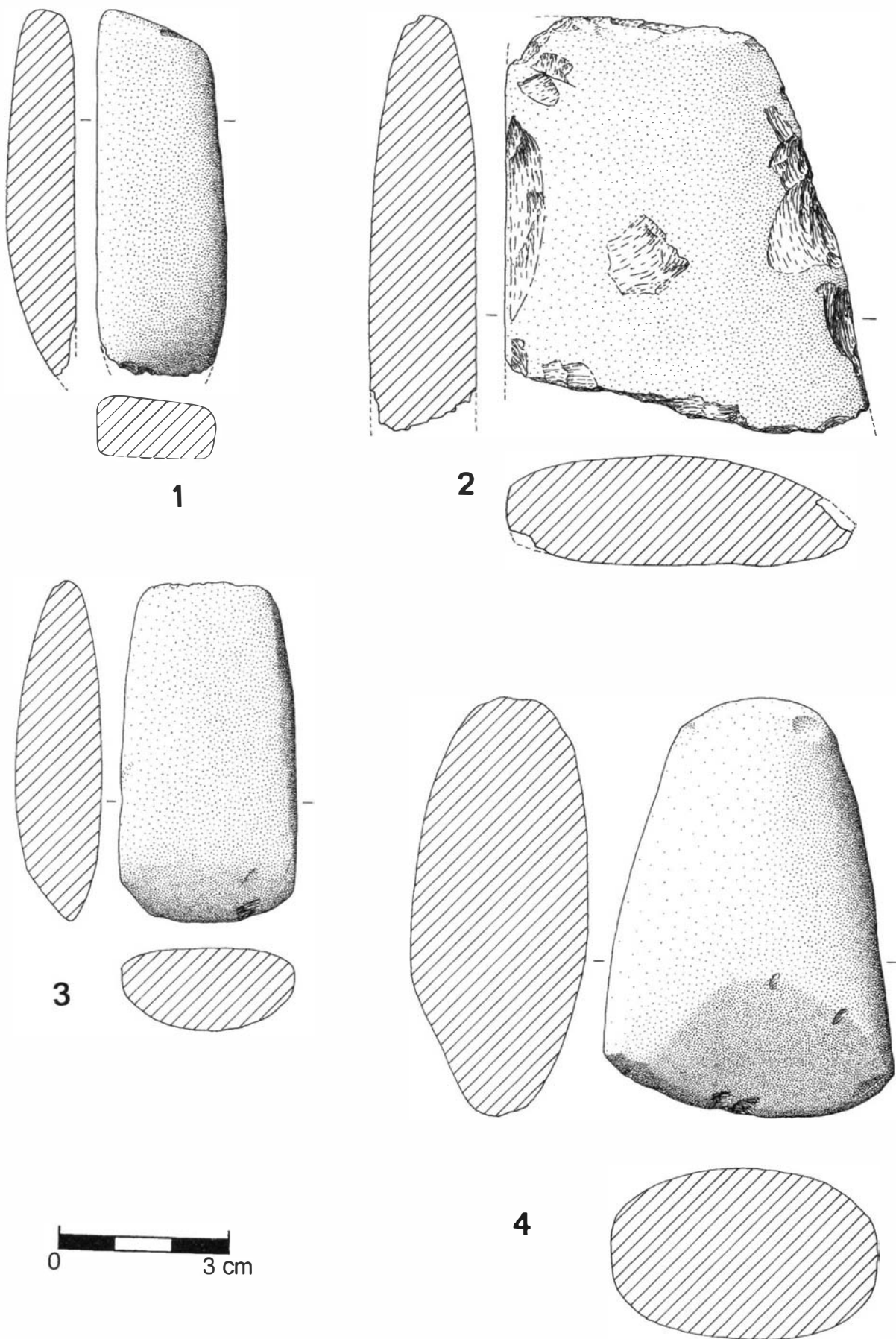


Fig. 9 – Artefactos de pedra polida de Leceia estudados (coleções do Museu Nacional de Arqueologia).

que as correspondentes aos restantes tipos de artefactos, o que parece corroborar conclusões anteriores (LILLIOS & SNYDER, 1994).

No conjunto das rochas não anfíbolíticas, não parece evidenciar-se especial preferência por qualquer delas, no fabrico dos tipos de artefactos considerados, conclusão confirmada pela amostragem obtida no Museu Nacional de Arqueologia.

3.3 – Relação entre a petrografia e a estratigrafia

No conjunto, os artefactos analisados distribuíam-se pelas camadas da seguinte forma:

Camada 4 (Neolítico final) – 1 (cherte);

Camada 3 – (Calcolítico inicial) – 6 (anfíboloxisto); 1 (traquito); 1 (andesito); 1 (dolerito); 1 (cherte);

Camada 2 (Calcolítico pleno) – 10 (anfíboloxisto); 1 (andesito); 1 (xisto argiloso); 1 (microssienito).

A escassa amostragem permite, por ora, conclusões apenas de carácter preliminar, correspondentes às camadas 3 e 2. Considerando os 23 artefactos pertencentes àquelas duas camadas, verifica-se que, em ambas, predomina largamente o anfíboloxisto; porém, a camada 3 caracterizar-se-ia por uma menor incidência de tal tipo petrográfico, ao mesmo tempo que as rochas restantes evidenciam marcada diversidade. A ser assim, poder-se-ia concluir que, do Calcolítico inicial para o Calcolítico pleno – a que corresponde a Camada 2 – se assistiria a uma evolução no sentido da especialização em torno das rochas anfíbolíticas, facto que poderia relacionar-se com uma maior estabilidade das fontes de abastecimento e dos circuitos comerciais a ela associados. Com efeito, a relação entre a petrografia e as fontes de abastecimento mais prováveis, é um dos aspectos mais interessantes a que um estudo desta índole poderia conduzir. Vejamos as conclusões a que de momento, foi possível aceder.

4 – PETROGRAFIA E FONTES DE ABASTECIMENTO

4.1 – Caracteres petrográficos das rochas anfíbolíticas

O grupo litológico largamente predominante é, como atrás se referiu, constituído por rochas anfíbolíticas (metabasitos), que revelaram as seguintes características:

- a) Xistosidade, mais ou menos pronunciada.
- b) Granularidade fina.
- c) Paragénese mineralógica constituída normalmente por hornoblenda verde azu-

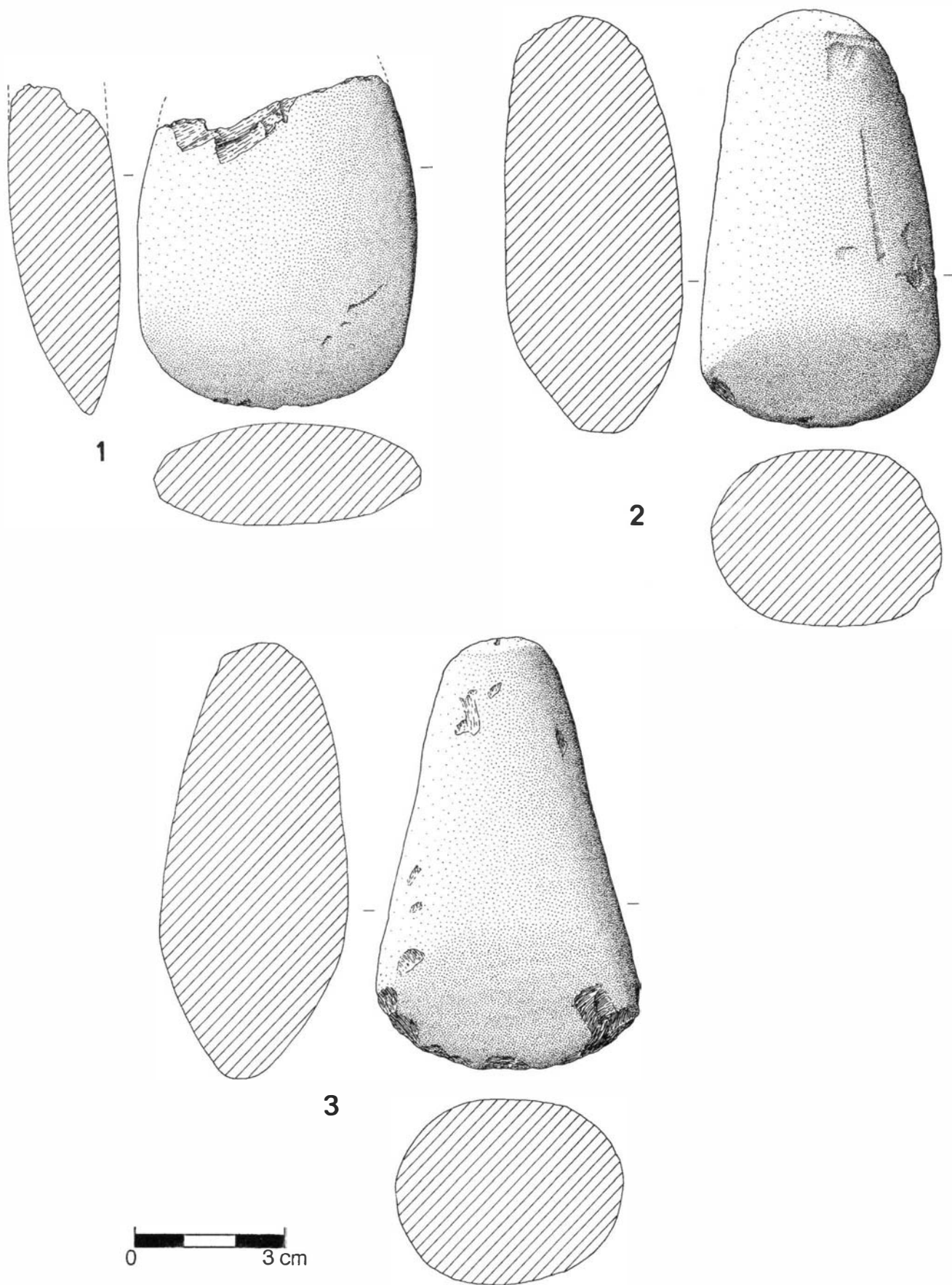


Fig. 10 – Artefactos de pedra polida de Leceia estudados (coleções do Museu Nacional de Arqueologia).

lada \pm actinolite e plagioclase (albite-oligoclase ou oligoclase ácida). Nalguns casos, ocorre subordinadamente o epidoto-zoisite. Acessoriamente, encontrou-se minério opaco, esfena e apatite.

d) Raramente, observa-se a presença de minerais residuais (plagioclase), sugerindo origem ortoderivada (metadoleritos?).

f) Estas rochas são muito semelhantes entre si, diferindo apenas no conteúdo de feldspato.

g) Finalmente, trata-se de rochas epimetamórficas (“low grade amphibolites”, na maior parte da fácies albite-epidoto-anfibolítica), que têm a sua proveniência no soco cristalino hercínico).

Estas rochas representam, como se disse, cerca de 2/3 dos materiais observados. Denotam habitualmente acentuada foliação, sendo constituídas essencialmente por hornblenda em associação com a plagioclase e algum epidoto.

As anfíbolos estão representadas sobretudo pela hornblenda verde azulada, frequentemente acompanhada de actinolite, ocorrendo em prismas alongados com orientação preferencialmente paralela (xistosidade). Por vezes, a hornblenda constitui megablastos que podem estar associados a grânulos de epidoto.

A plagioclase tem normalmente a composição de oligoclase, por vezes sódica. Ocorre em cristais sub-idioblásticos; outras vezes, é anédrica constituindo agregados granoblásticos com o quartzo, ou em grãos intersticiais.

Outros constituintes podem estar presentes em quantidades variáveis, tais como epidoto-zoisite, quartzo e biotite. Além destes, ocorrem subordinadamente a magnetite, ilmenite, pirite, apatite e esfena. A clorite aparece como mineral secundário.

Raramente, verifica-se que estas rochas são metabasitos com características residuais ainda bem patentes, como sejam as hastes de plagioclase substituídas por epidoto e os agregados cloríticos preenchendo vesículas, o que patenteia a origem ortoderivada de algumas destas rochas verdes.

4.2 – Caracteres petrográficos das rochas não anfibolíticas

a) Sedimentos siliciosos (cherte e lidito)

Trata-se de rochas compactas, muito duras, de granularidade extremamente fina, constituídas essencialmente pela associação de quartzo criptocristalino e de calcedónia fibrosa, além de raros elementos de quartzo clástico e óxidos de ferro. Por vezes, contêm subordinadamente escamas de sericite e minerais do grupo das argilas. Estas rochas siliciosas (silixitos) compreendem os chertes (acinzentados) e os liditos

(negros). Estes últimos, mais raros, são chertes escurecidos por pigmentação de matéria orgânica e apresentam, neste caso, laminação irregular.

Quando a rocha contém abundantes clastos de quartzo e, subordinadamente, de feldspato e biotite (cloritizada), destacando-se da matriz criptocristalina siliciosa, trata-se de siltito chértico, o que se verifica num exemplar de material compacto e esverdeado.

b) Xisto argiloso (“shale”)

Rocha pelítica, finamente laminada, branda, de difícil resolução ao microscópio devido à presença, sobretudo, de material argiloso (matriz), a que se associa alguma matéria carbonosa preferentemente em certos leitos (estratificação).

No seio da matriz criptocristalina destacam-se pequeníssimas escamas micáceas (sericite, ilite), alinhadas paralelamente, além de raros grãos de zircão e limonite.

c) Microssienito e traquito

As rochas sieníticas, acinzentadas e amareladas, são do tipo microgranular (microssienito) e do tipo microlítico, de textura fluidal (traquito).

Estes microssienitos, de composição calco-alcalina, são constituídos essencialmente por plagioclase (oligoclase), em cristais alongados ou em megacristais idiomórficos, com disposição entrecruzada, e por feldspato potássico. Os minerais máficos, pouco abundantes, estão representados por uma anfíbola castanha (horneblenda), podendo dar origem a fenocristais, por clinopiroxena verde-pálida a incolor (augite-diopsídica?) e por \pm biotite (cloritizada). Acessoriamente, pode encontrar-se a esfena e minério opaco. A rocha traquítica, também representada, é holofeldspática e alcalina, sendo constituída praticamente por plagioclase (albite) e feldspato potássico (sanidina?).

Algumas das rochas de composição sienítica são fracamente porfíricas (pórfiros sieníticos), quando observados ao microscópio. De coloração cinzento-esbranquiçada, mostram a presença de megacristais de plagioclase e feldspato potássico, que se destacam de matriz microlítica, e feldspática, sendo acompanhados de algumas escamas de mica e lâminas de anfíbola.

d) Andesito e dolerito

As rochas andesíticas são ligeiramente esverdeadas. Apresentam textura de microbrecha e matriz afanítica, holo-hipocristalina. São constituídas essencialmente por plagioclase (andesina) que ocorre habitualmente em hastes subidiomórficas, podendo originar fenocristais, e por minerais máficos, horneblenda verde e clinopiroxena uralitizada. Estas rochas de composição intermédia encontram-se mais ou menos propilitizadas (clorite + epidoto \pm sericite \pm carbonato).

Rochas doleríticas estão também representadas nos materiais utilizados. Trata-se de rochas holocristalinas, microgranulares, contendo hastes e micrólitos grosseiros de plagioclase (labradorite), além de cristais de piroxena (augite); acessoriamente, assinalou-se a presença de apatite, esfena e minério opaco.

Também se verifica a ocorrência de doleritos olivínicos, de textura intergranular e contendo augite (ou augite diopsídica), olivina, labradorite e minério opaco (\pm biotite).

e) Diorito olivínico

Apenas se identificou uma peça de diorito olivínico, constituído por fenocristais de olivina (\pm serpentina), clinopiroxena (augite diopsídica) e de plagioclase em hastes idio-subidiomórficas (andesina 36-38% An), com alguma alteração sericítica. Além disto, observou-se a presença de feldspato alcalino, minério opaco e esfena-leucocoxena.

f) Fibrolite

Apenas um exemplar revelou natureza fibrolítica. Trata-se de massa constituída quase exclusivamente de silimanite fibrosa, com alguns prismas de silimanite, que se designa por fibrolite e que tem origem em pelitos, ricos de alumina, por transformações metamórficas de elevada temperatura.

4.3 – Distribuição e proveniência mais provável das rochas anfibolíticas

Os anfiboloxistos são rochas pertencentes, sem dúvida, ao soco cristalino. Em primeiro lugar, há que procurar saber a localização e distribuição dos afloramentos anfibolíticos mais próximos da estação arqueológica. Em seguida, far-se-á a selecção dos afloramentos de fácies epizonal que, pela semelhança das suas características mineralógicas e texturais, poderiam ter fornecido a matéria-prima. Assim, as áreas do soco cristalino, mais próximas, que teriam contribuído com rochas dessa natureza, referem-se a seguir:

a) *Abrantes* – Para norte, os primeiros anfibolitos conhecidos afloram próximo de Abrantes, atravessando o rio Tejo. Encontram-se intercalados nos xistos da Série Negra (Precâmbrico sup.). A fácies metamórfica é de grau elevado (anfibolítica), isto é, com a paragénese hornblenda verde+andesina. No entanto, também se conhece nalguns afloramentos epizonais, do topo da série precâmbrica, que poderiam eventualmente dar origem a rochas do tipo das encontradas em Leceia.

b) *Ponte de Sor* – Para leste, na região de Ponte de Sor, os anfibolitos estão associados aos xistos da Série Negra, próximo da albufeira de Maranhão (ribeira de Seda).

São de grau médio e baixo, quanto à intensidade do metamorfismo. Também os anfíbolitos e metabasitos do Complexo vulcano-sedimentar de Santo António (Câmbrico), são da mesma fácies metamórfica e com a mesma paragénese mineralógica dos materiais estudados. Em ambos os casos, os afloramentos localizam-se junto ou muito próximo da ribeira de Seda.

c) *Montargil* – Intercalados na série xisto-psamítica (meta) do Câmbrico, ocorrem anfíbolitos nas proximidades de Montargil. Trata-se de xistos verdes (anfíbólicos) e de anfíbolitos maciços. Os afloramentos localizam-se próximo ou junto da albufeira de Montargil (Ribeira de Sor). Aqui há, portanto, rochas semelhantes às de Leceia.

d) *Avis* – Nos xistos do Silúrico conhecem-se intercalações de rochas anfíbolíticas, junto da barragem de Maranhão, tanto em Avis como próximo de Santo António de Alcorrego; trata-se de rochas muito semelhantes às de Leceia.

e) *Montemor-o-Novo* – De entre os chamados “xistos verdes de Silveiras”, próximo da Estação de C.F. de Cabrela e da estrada nacional (Vendas Novas-Montemor), apesar das diferenças texturais e variabilidade das associações mineralógicas, podem encontrar-se rochas com as mesmas características texturais e mineralógicas dos materiais representados em Leceia.

Ainda, nas proximidades de Cabrela, a sul de Vendas Novas, ocorrem xistos anfíbolíticos, associados aos xistos siliciosos da Formação de Pulo do Lobo (Devónico inferior?), com características idênticas aos anteriores.

f) *A sul de Grândola* – Região mais distante onde ocorrem xistos verdes, representando habitualmente metatufos máficos que sofreram deformação e metamorfismo de baixo grau. Trata-se de rochas de natureza espilitica que, devido ao fraco metamorfismo sofrido, apresentam abundantes estruturas e minerais residuais. Este tipo de rochas são bastante diferentes dos materiais anfíbolíticos estudados, pelo que se deverá eliminar esta área como fonte daqueles materiais.

4.4. – Distribuição e proveniência mais provável das rochas não anfíbolíticas

As rochas não anfíbolíticas reconhecidas distribuem-se por três grandes grupos:

4.4.1 – Rochas sedimentares ou metassedimentares

Encontram-se representadas por um exemplar de xisto argiloso e seis rochas chérticas. A origem destas rochas pode ser encontrada, sem dificuldade, nos afloramentos da Bacia Lusitânica Ocidental, de carácter essencialmente carbonatado. É de referir, porém, que rochas chérticas (silexitos) são igualmente conhecidas na borda-

dura ocidental do Maciço paleozóico, na região de Alcácer do Sal-Azinheira de Barros, interestratificadas em xistos e metavulcanitos do Devónico superior.

4.4.2 – Rochas ígneas

Mais do que as anteriores, a petrografia das rochas ígneas denuncia origem ocidental, da própria região onde o povoado se inscreve. Com efeito, tanto doleritos, como dioritos, andesitos, microssienitos e traquitos, distribuem-se em afloramentos bem conhecidos, na região de Sintra-Mafra-Loures, especialmente em massas filonanas encaixadas nos terrenos sedimentares jurássicos e cretácicos, particularmente numerosas na área de influência de instalação do maciço sub-vulcânico de Sintra, de onde poderiam provir todo os tipos petrográficos mencionados (CHOFFAT, 1951).

4.4.3 – Rochas metamórficas

As rochas metamórficas estão representadas por três tipos petrográficos de natureza e origem muito diferentes. O machado do Museu Nacional de Arqueologia com o n.º de inv. 2130 (Fig. 9, n.º 3) é de metadolerito. Poderia ter sido recolhido em algum afloramento da faixa piritosa, ou provir da orla meso-cenozóica. É mais provável a primeira hipótese.

O machado do Museu Nacional de Arqueologia com o n.º inv. 4101 (Fig. 9, n.º 2) é de fibrolite. Trata-se de tipo petrográfico correspondente a metamorfismo de alta temperatura. Um estudo de conjunto sobre artefactos de fibrolite de estações pré-históricas portuguesas foi anteriormente apresentado (FERREIRA, 1953).

Até ao presente, não se conhecem em Portugal massas fibrolíticas susceptíveis de possibilitarem o fabrico de tais artefactos, pelo que é lícito admitir uma ou várias origens peninsulares mais longínquas. A importação desta matéria-prima explicar-se-ia pelas belas tonalidades que possui, depois de polida, sendo desta forma utilizada para o fabrico de peças especiais. Com efeito, a larga maioria dos artefactos de fibrolite conhecidos, não ostenta vestígios de uso, mesmo os recolhidos em povoados como é o caso do de Leceia.

Uma terceira rocha metamórfica corresponde ao machado do Museu Nacional de Arqueologia com o n.º de inv. 4132 (Fig. 6, n.º 3). Trata-se de uma corneana calcossilicatada, rocha metamórfica de contacto oriunda, provavelmente, da faixa metamórfica produzida nos calcários encaixantes do maciço sub-vulcânico de Sintra (xistos do Ramalhão).

5 – DISCUSSÃO

No conjunto, as rochas não anfíbolíticas de Leceia, tanto sedimentares, como ígneas ou metamórficas correspondem a tipos petrográficos essencialmente obtidos na região da baixa Estremadura a sul do paralelo de Mafra.

Tais rochas correspondem a cerca de 30% do total das rochas duras utilizadas em Leceia. As restantes correspondem a rochas anfíbolíticas (anfíboloxistos ou xistos hornbléndicos) de baixo grau de metamorfismo, oriundas do Alentejo, de ambientes e épocas geológicas muito diversas, atrás caracterizadas. Qual a razão que levou à importação maciça de tais rochas por parte dos habitantes calcolíticos da Estremadura? Em primeiro lugar, a dureza e a tenacidade, características mecânicas do material rochoso. Sem dúvida que foram tais características que determinaram a escolha predominante de tipos petrográficos mais brandos para o fabrico de enxós, utensílios cujo uso toleraria rochas não anfíbolíticas, mais do que os machados e os escopros. Os artífices pré-históricos detinham já conhecimentos empíricos apreciáveis sobre o comportamento e características mecânicas das rochas utilizadas. Um dos exemplos mais frisantes de tais conhecimentos é ilustrado pela orientação dos gumes dos artefactos talhados em rochas anisótropas como os anfíbolitos: tais gumes desenvolvem-se sempre perpendicularmente à direcção dos cristais de tais rochas, correspondente, com efeito, à da máxima resistência mecânica, como tivemos oportunidade de evidenciar em enxó anteriormente estudada (CARDOSO, 1984). Por outro lado, a aludida orientação do gume tem a ver com as próprias características anisótropas de tais rochas, as quais determinam a partição em blocos tabulares, alongados e paralelepípedicos. Tais características teriam favorecido o transporte desde as pedreiras, da matéria-prima, sob a forma de verdadeiros lingotes, os quais seriam transformados, nos povoados, em diversos artefactos. Nalguns, há, mesmo, referência à ocorrência de blocos ainda por utilizar (trata-se dos povoados do Outeiro de São Mamede-Óbidos, cujos materiais foram estudados por J. Roque Carreira e dos Perdigões-Reguengos de Monzaraz, em curso de estudo por M. Varela Gomes). Em Leceia, alguns blocos paralelepípedicos de anfíbolito foram transformados, por trabalho muito sumário, em machados ou enxós. Tais blocos podem conservar, em grande extensão, as superfícies de xistosidade originais, as quais por serem planas e regulares, dispensariam afeiçoamento mais cuidado.

É provável, outrossim, que tal “padrão” de partição também tivesse favorecido a preferência pela utilização das rochas anfíbolíticas, face às rochas ígneas da orla ocidental as quais, além de menos duras e tenazes, são menos susceptíveis de proporcionar formas tão regulares.

6 – CONCLUSÕES

Este trabalho é o primeiro que se efectua em Portugal, com base em número significativo de análises petrográficas, dos principais tipos litológicos utilizados para o fabrico de instrumentos de pedra polida, representados em um dos principais povoados calcolíticos fortificados da Estremadura: Leceia, no concelho de Oeiras.

Do ponto de vista geoarqueológico, as principais conclusões obtidas são as seguintes:

1 – A existência de dois grupos litológicos:

a) Um, bastante diversificado, compreendendo rochas provenientes da orla ocidental meso-cenozóica, muito provavelmente numa área que inclui Sintra e arredores, Mafra, Loures e Torres Vedras. Portanto, constata-se a localização proximal dos afloramentos que deram origem a uma parte dos materiais encontrados no povoado de Leceia.

b) O outro grupo, homogéneo, ao contrário do anterior, é constituído por rochas de natureza anfibolítica (anfíboloxistos), que têm a sua origem no soco cristalino, em diversos locais distando pelo menos cerca de 80 a 100 km de Leceia.

2 – Petrograficamente, as rochas anfibolíticas são normalmente anfíboloxistos (xistos hornoblêndicos), de grão fino.

a) Estas rochas caracterizam-se, para além de composição mineralógica relativamente constante, por apresentarem sempre xistosidade, mais ou menos pronunciada, e granularidade fina.

b) Atendendo às suas características, os afloramentos de rochas congéneres mais próximos, situam-se nas áreas de Ponte de Sor, Montargil, Avis, Montemor-o-Novo, e eventualmente, Abrantes.

Por outro lado, a estreita identidade, mineralógica e textural das rochas anfibolíticas utilizadas em Leceia sugere que elas possam ter o mesmo local de origem.

c) É de salientar o facto de a maior parte dos afloramentos referidos se localizarem junto ou próximo de cursos de água.

d) A predominância (cerca de 70%) de rochas anfibolíticas verificada em Leceia, no espectro das rochas duras utilizadas, parece também observar-se em outros conjuntos, oriundos de povoados calcólicos estremenhos. Trata-se de rochas cuja proveniência alentejana é segura, denunciando, deste modo, a existência de fontes de abastecimento e correspondentes rotas comerciais estáveis e permanentes.

Estamos pois perante um dos exemplos mais interessantes em que, em um dado espaço geográfico, durante um intervalo de tempo de quase um milénio (correspondente a boa parte do 3.º milénio a.C.), uma formação económico-social com identidade cultural – correspondente ao Calcólico da Estremadura – se abasteceu massivamente de uma dada matéria-prima “estratégica”, não disponível na região, porém indispensável à sua própria vida quotidiana.

e) A preferência por rochas anfibolíticas pode explicar-se por duas razões principais: a maior dureza e resistência; e a partição em blocos regulares, paralelepípedicos, segundo planos de xistosidade, antecipando já a forma preliminar dos artefactos pretendidos.

f) Confirmando as afirmações de e), verifica-se uma maior incidência da utilização de rochas anfibolíticas em machados e escopros, muitas vezes aproveitando largamente superfícies dos primitivos “lingotes”. Ao contrário, as enxós são, mais frequentemente que os artefactos citados, talhadas em rochas mais brandas, do tipo cherte, naturalmente por corresponderem a actividades menos exigentes quanto à dureza.

3 – Os restantes cerca de 30% de rochas identificadas encontram-se disponíveis na região Norte do Tejo, em aro definido pela serra de Sintra, a Oeste, Mafra, a Norte, e Loures, a Nordeste.

Testemunham uma procura diversificada de materiais susceptíveis de serem utilizados no fabrico de instrumentos de pedra polida, distribuindo-se por rochas sedimentares, ígneas ou metamórficas, muito diferentes quanto à génese, natureza ou propriedades.

4 – Enfim, a relação entre a distribuição estratigráfica e a natureza petrográfica – pese embora a diminuta amostragem utilizada, de 24 peças – sugere que, do Calcolítico inicial para o Calcolítico pleno se terá assistido a uma crescente preferência pela utilização de rochas anfibolíticas. Este facto é explicável por duas ordens de razões: por um lado, pela própria complexificação e afirmação da comunidade calcolítica de Leceia, cujo crescente sobreproduto económico – pela adopção só nesta fase cultural da maioria dos sistemas de produção da chamada “Revolução dos Produtos Secundários” – teria possibilitado o alargamento da rede de trocas estabelecida anteriormente; por outro lado, pela eventual maior estabilidade dos fornecimentos, através de circuitos comerciais mais intensos, mais permanentes e duradouros que os existentes durante o Calcolítico inicial.

AGRADECIMENTO

Ao Senhor Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, Dr. Isaltino Morais, bem como à Fundação Calouste Gulbenkian, por ter proporcionado os meios logísticos e financeiros indispensáveis à realização deste estudo.

Ao Senhor Director do Museu Nacional de Arqueologia, Dr. Francisco Alves, por ter autorizado o estudo petrográfico de materiais de Leceia ali conservados.

Aos colegas Júlio Roque Carreira e Mário Varela gomes, as informações sobre a existência de lingotes anfibolíticos em povoados cuja investigação prossegue a seu cargo.

BIBLIOGRAFIA

- CARDOSO, J.L. (1984) – Breve nota sobre um artefacto pré-histórico encontrado na serra de Sintra. *Arquivo de Cascais*, 5 p. 65-67. Câmara Municipal de Cascais.
- CARDOSO, J.L. (1989) – *Leceia. Resultados das escavações realizadas 1983-1988*. Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J.L. (1994) – Leceia 1983-1993. Escavações do povoado fortificado pré-histórico. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (número especial), 164 p. Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J.L. (1992), com a colaboração de O. Veiga Ferreira, R. Monteiro, F. Guerra, F. Bragança Gil e J. Pais – A lapa do Bugio. *Setúbal Arqueológica*, 9/19, p. 89-225. Museu de Arqueologia e Etnografia da Assembleia Distrital de Setúbal.
- CHOFFAT, P. (1951, obra póstuma) – *Planches et coupes géologiques de la région éruptive au Nord du Tage*. Serviços Geológicos de Portugal. Lisboa.
- FERREIRA, O. da Veiga (1953) – Os instrumentos de fibrolite do Museu dos Serviços Geológicos. *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*, 37 (1), p. 37-44.
- LILLIOS, K. & SNYDER, H. (1994) – Resource selection and grounstone artifacts of the Portuguese Copper Age: a contextual approach to prehistoric technology. Comunicação apresentada ao *59th Meeting of the Society for American Archaeology* (1994).

Estudos Arqueológicos de Oeiras,
5, Oeiras, Câmara Municipal, 1995, pp. 153-164

ESTUDO ARQUEOMETALÚRGICO DE UM LINGOTE DE COBRE DE LECEIA (OEIRAS) *

João Luís Cardoso⁽¹⁾ e Francisco Braz Fernandes⁽²⁾

1 – INTRODUÇÃO

Na campanha de escavações de 1986 realizadas no povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras) recolheu-se um artefacto de cobre em local adjacente à linha defensiva mais interior (a 3.^a), em camada de derrube do Bastião C (Fig. 1). Trata-se da Camada 2, de onde provêm todos os seus homólogos, o que faz crer que a prática da metalurgia só ali tenha sido introduzida no Calcolítico pleno, período cultural representado pela referida camada (CARDOSO, 1994) tendo-se, porém, generalizado rapidamente, como sugere a cerca de centena e meia de artefactos de cobre até agora recolhidos.

O facto de corresponder a objecto volumoso, dos maiores recolhidos na jazida, não obstante ser desprovido de forma definida, susceptível de se lhe poder atribuir qualquer função ou finalidade, justificava estudo mais aprofundado, até porque, sendo o cobre uma substância de grande valor na época e, para mais, desconhecido na região, mal se compreendia a ocorrência de uma importante massa metálica,

* Trabalho coordenado por J. L. C., com base em elementos metalográficos fornecidos por F. B. F.

⁽¹⁾ Professor da Universidade Nova de Lisboa e Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras - Câmara Municipal de Oeiras. Sócio efectivo da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Associação Profissional de Arqueólogos. Bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian.

⁽²⁾ Professor da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa.

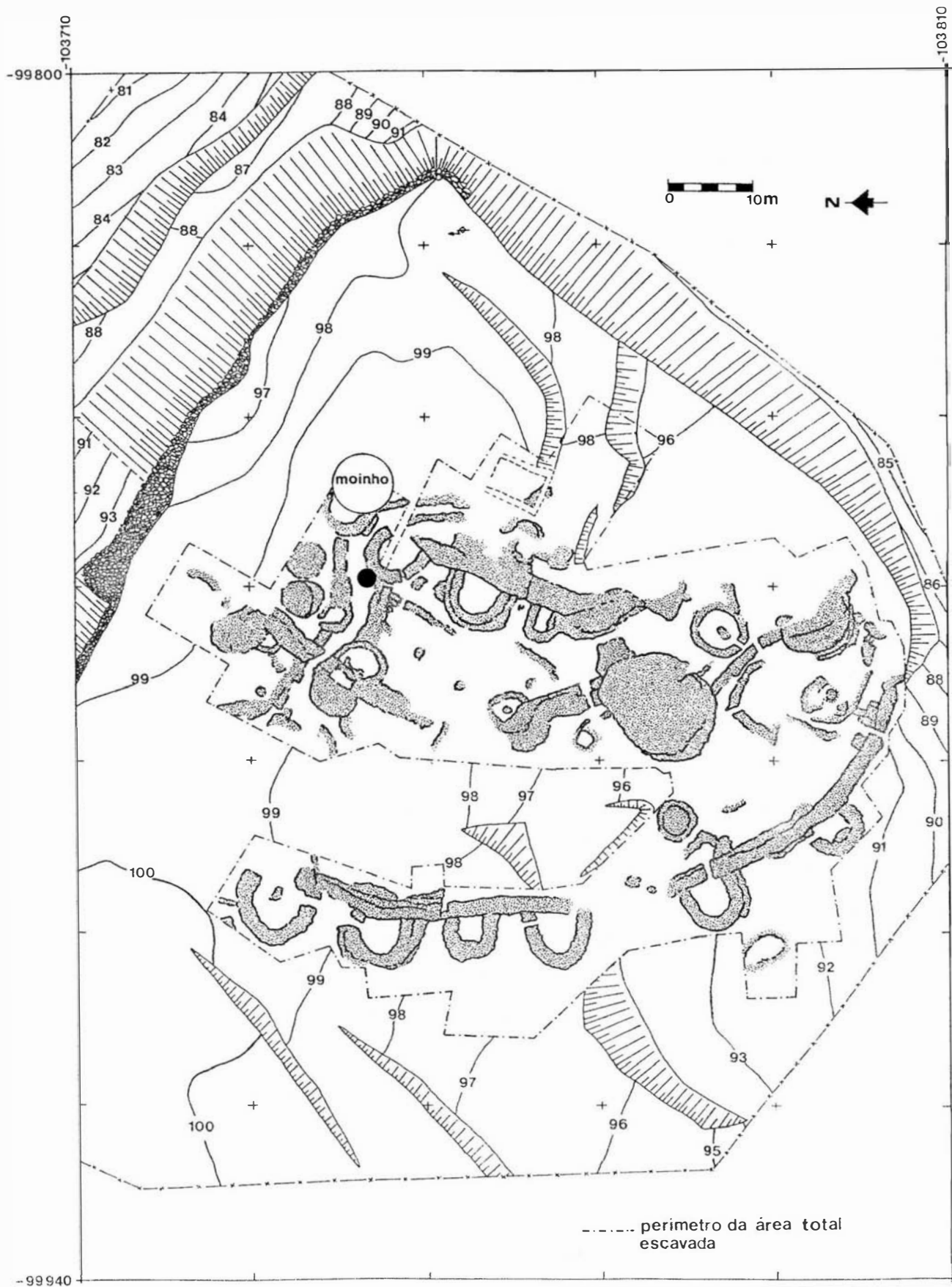


Fig. 1 – Leceia 1983-1995. Planta geral esquemática das principais estruturas, com localização do lingote de cobre estudado.

como esta, aparentemente sem qualquer utilização objectiva. Desta forma, foi solicitado ao segundo signatário que procedesse a análise metalográfica da liga, por forma a obter elementos conducentes à caracterização arqueometalúrgica do artefacto, incluindo a sua finalidade.

Por outro lado, era interessante dispor de elementos sobre a composição da liga, até por poderem constituir indicações acerca do processo de fabrico ou obtenção desta massa metálica. De tal objectivo se encarregou F. Guerra, no Centre Ernest Babelon, CNRS, Orléans, França, no âmbito de trabalho de conjunto sobre o espólio metálico de Leceia, a ser publicado oportunamente.

2 – DESCRIÇÃO DO ARTEFACTO

Trata-se de objecto informe, com o comprimento máximo de 66 mm, a largura máxima de 24 mm e a espessura de 9 mm, possuindo uma concavidade acentuada em um dos bordos laterais, ocupando cerca de um terço da sua extensão (Fig. 1). As superfícies correspondentes às duas faces principais apresentam-se ligeiramente rugosas e irregulares, com pequenas cavidades e sem vestígios de terem sido trabalhadas. Quanto aos bordos, a sua irregularidade é ainda maior, exceptuando-se o bordo maior, o qual evidencia superfícies planas de corte, regulares e profundas, correspondendo à quase totalidade da espessura da peça. Tais cortes, produziram um bordo aproximadamente rectilíneo (Fig. 2).

3 – PREPARAÇÃO DA AMOSTRA

A peça foi submetida a uma preparação que correspondeu o seu seccionamento em três partes. As superfícies planas assim obtidas foram de seguida sujeitas a polimento para observação metalográfica por microscopia óptica. A sequência de operações efectuadas correspondeu a:

- polimento de desbaste grosseiro com lixas de granulometria sucessivamente decrescente (1000, 600, 320, e 180 μm), sempre sob abundante fluxo de água;
- polimento fino com pasta de diamante sobre panos de polimento montados em polideiras rotativas; as granulometrias dos abrasivos utilizados foram, sucessivamente, de 6, 3 e 1 μm ; utilizou-se como lubrificante uma solução aquosa de “teepol”.

No final de cada etapa de polimento, a amostra era cuidadosamente limpa de modo a evitar o transporte de abrasivo mais grosseiro ou de partículas de desbaste para a etapa seguinte de polimento.

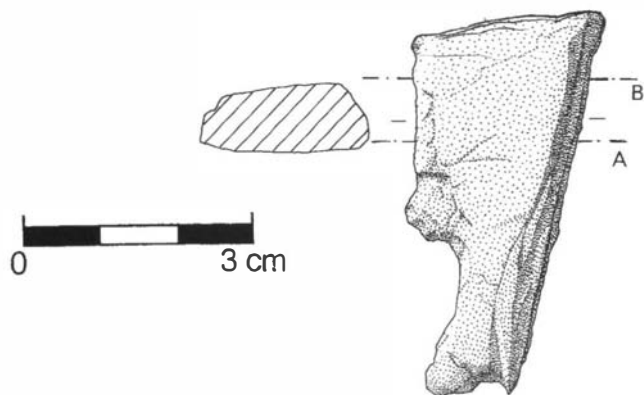


Fig. 2 – Lingote de cobre de Leceia. Em cima: a peça completa, com indicação das secções nela realizadas. Em baixo: pormenores do bordo lateral maior, evidenciando várias “cicatrices” de corte mecânico, sobrepostas, depois de serrada a extremidade superior (secção A). Fotos de J. L. Cardoso.



Fig. 3 – Lingote de cobre de Leceia: Vista da secção A (x100), observando-se dendrites (de cobre?) na parte rica em escória. (Fotos de M. Carriço).

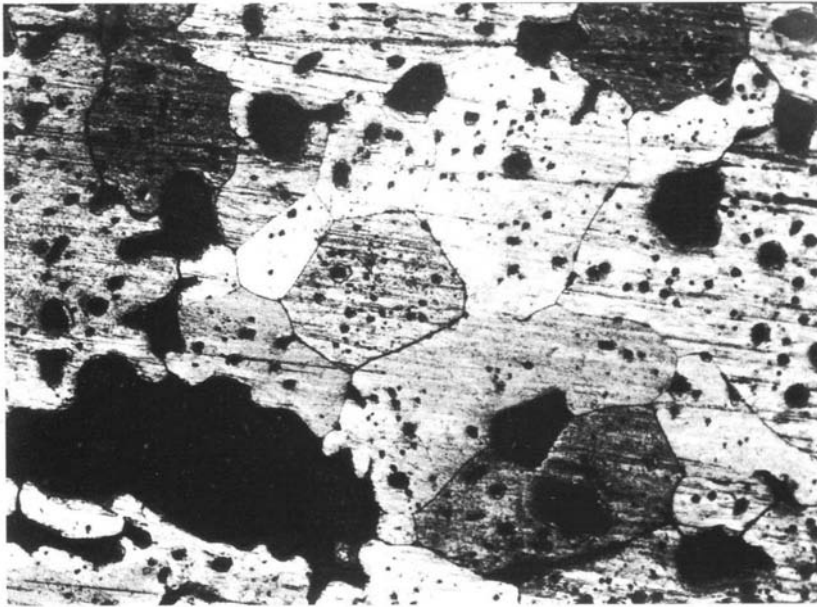


Fig. 4 – Lingote de cobre de Leceia: Vista da secção A (x100), observando-se matriz de cobre de grão grosseiro, com inclusões não metálicas e poros.

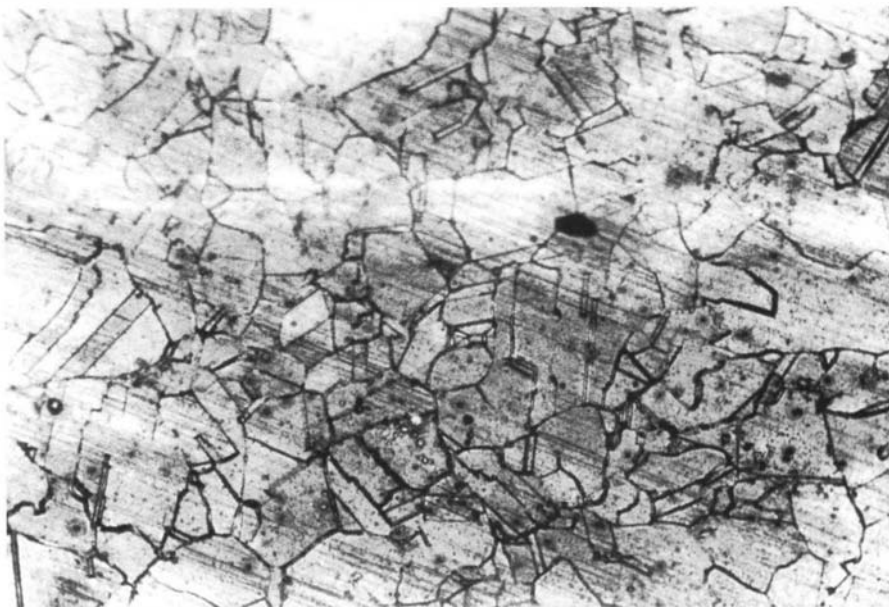


Fig. 5 – Lingote de cobre de Leceia: Estrutura de recristalização (x200), observada na secção B.

A preparação para observação metalográfica terminou com a contrastação química adequada ao material de modo a pôr em evidência a micro-estrutura que se pretendia observar, ao microscópio óptico. No caso presente, foi utilizada uma solução de cloreto férrico em álcool etílico, reagente normalmente aconselhado para ligas de cobre.

4 – MICRO-ESTRUTURA OBSERVADA

A observação por microscopia óptica de reflexão revelou a presença de dois grandes grupos de micro-estruturas (Figs. 3 a 5):

- na secção A pode constatar-se a existência de uma estrutura bruta de solidificação dividida aproximadamente em duas partes iguais (nesta secção). Em uma das metades predominam escórias (Fig. 3); na outra avulta uma matriz metálica de grão muito grosseiro, ainda com algumas inclusões não metálicas disseminadas (Fig. 4);
- na secção B pode observar-se uma estrutura típica de recristalização (Fig. 5). Tal tipo de micro-estrutura terá resultado de um processo de deformação a frio, seguido de um aquecimento a alta temperatura (acima de 550 °C). Esta hipótese é corroborada pelo facto de se observar tendência para o grão da estrutura de recristalização ser mais fino na vizinhança da superfície exterior, a qual, sendo mais fortemente sujeita a deformação (por martelagem?), atingiu uma maior taxa de deformação e, por isso, terá dado origem, durante a recristalização associada ao aquecimento subsequente, a um grão mais fino.

5 – INTERPRETAÇÃO

As observações descritas permitem entrever as seguintes operações, sucessivamente executadas na massa de cobre em estudo:

1 – Uma massa de cobre inicial⁽¹⁾, ainda com bastante escória, terá sido martelada, de forma a isolar a parte mais enriquecida em cobre, separando-a da zona mais impura. Através desta acção mecânica, a fracção mais rica em cobre foi-se deformando plasticamente, enquanto que a zona onde predominaria a escória, mais frágil,

⁽¹⁾ A análise não destrutiva por FNAA permitiu obter uma composição que corresponde a um cobre puro com cerca de 1% de As, mostrando, mais uma vez, que os valores de Pb por vezes observados em ligas idênticas se devem à pátina, assim como à grande interferência com as riscas X do As. Note-se que, por esta técnica, foram detectados 30 ppm de Au, o que é compatível com a hipótese de se tratar de minério oriundo de zona de enriquecimento supergénica de filão ou “chapéu de ferro”.

se fragmentaria, separando-se deste modo da massa inicial. Este tratamento mecânico terá sido feito a frio, presumivelmente com pequenos aquecimentos sucessivos. Tal hipótese é sustentada pelo facto de as deformações a frio conduzirem a um “encruamento” da liga, correspondendo a uma crescente dificuldade de prosseguir a deformação plástica. Os aquecimentos intermédios teriam, precisamente, por finalidade, “amaciar” o material “encruado”, facilitando o prosseguimento da deformação, conducente à concentração da parte mais rica em cobre em um dado volume da peça.

2 – O volume metálico não evidencia, na sua estrutura final, qualquer tratamento mecânico que a tivesse alterado. Desta forma, conserva, de forma muito nítida, estrutura de recristalização própria da liga anteriormente aquecida. Esta última fase de reaquecimento sugere que o objecto em estudo, não tendo sido sujeito ulteriormente a mais nenhum outro trabalho, poderia corresponder à fase inicial de fabrico de um artefacto, entretanto não concluído, ou constituir uma sobra da massa de onde foi preparado um qualquer utensílio, separado desta por corte, cujas marcas são bem nítidas, como atrás se referiu. Ou seja, estaríamos na presença de uma verdadeira fonte de matéria-prima, de onde se extrairiam, sucessivamente, porções necessárias ao fabrico de diversos artefactos. Esta hipótese é corroborada pelo facto de o volume metálico conservar ainda, junto de uma das extremidades, correspondente à secção A, apreciável quantidade de escórias, que ainda não tinham sido eliminadas por martelagem.

3 – Existe uma zona periférica de grão mais fino que pode dar consistência à hipótese de uma significativa deformação antes e/ou durante o aquecimento (responsável pela recristalização); esta hipótese é também apoiada no facto de se observar “prega” de dobragem, provavelmente resultantes de uma operação de corte por cisalhamento. De um e outro lado da cicatriz da prega e relativamente ao interior do objecto, o tamanho do grão varia (mais fino na prega propriamente dita; mais grosseiro do lado interno do volume da peça).

6 – COMPARAÇÃO, DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

A peça de cobre de Leceia, nas vicissitudes por que passou no decurso da sua manufactura e aproveitamento, evidenciadas pela análise metalográfica efectuada, tem estreito paralelo em exemplar de Porto Mourão, povoado calcolítico além-Guadiana (concelho de Moura).

Com efeito, provém daquele arqueossítio artefacto de cobre puro, com a forma de machado plano, com falta do gume. A análise metalográfica efectuada (FERRAZ,

1994), conduziu à conclusão, de que “o artefacto apresenta ainda a estrutura de vazamento” – ao contrário do de Leceia – tendo sido, como neste, objecto de acções mecânicas ulteriores, e de reaquescimento (SOARES *et al.*, 1994).

Desta forma, os autores concluem que é lícito admitir “que o artefacto tenha sofrido um trabalho de forja para retirar o fragmento que falta com o fim de manufacturar um qualquer outro objecto, isto é, estaríamos perante um lingote” (p. 182).

As observações metalográficas realizadas na peça de Porto Mourão são, pois idênticas, às que correspondem à peça em estudo; as conclusões que os autores obtiveram para aquela, encontram-se reforçadas, no caso presente, pelo facto de se evidenciar corte deliberado ao longo de um bordo lateral, com o objectivo de separar porção de metal destinado a aproveitamento. Estaríamos, pois, perante um lingote de cobre, o qual sofreu, no próprio povoado, perda da sua massa inicial, mediante trabalho de forja, tendo em vista o fabrico de artefactos de cobre; esta hipótese é corroborada pela melhoria da liga por martelagem; a parte mais rica em escórias ocupa apenas uma das extremidades da peça.

O pequeno volume desta peça, sugere que as porções dela retiradas se destinariam, sobretudo, ao fabrico de sovelas e punções, que de facto predominam largamente entre os utensílios de cobre de Leceia.

No âmbito das operações metalúrgicas de fundição comprovadas em Leceia por escórias e pingos de cobre, assume especial importância o fragmento de lingote dado agora a conhecer. Este documenta a existência de um comércio do cobre, sob a forma de lingotes, por certo oriundo do Alentejo, dado não se conhecerem ocorrências cupríferas na Estremadura susceptíveis de abastecer de cobre em quantidade os numerosos povoados pré-históricos que aqui se conhecem, como foi admitido por SCHUBART & SANGMEISTER (1987) no caso do Zambujal e, muito menos, justificarem as numerosas peças de cobre – apesar do tamanho ser em geral diminuto – recolhidas em Leceia.

Tais factos apontam para um comércio organizado com o “hinterland” baixo-alentejano, onde aquele metal se encontraria no estado nativo, quer na zona de oxidação superficial de corpos filoneanos, quer nos “chapéus de ferro” dos jazigos cupríferos do SW peninsular. BENSÁUDE (1889, p. 123), declarou, a tal propósito que “on trouve, encore aujourd’hui, après une longue exploitation, du cuivre natif en quantités appréciables comme par exemple aux anciennes mines d’Aljustrel”, possuindo a então Comissão Geológica exemplares de cobre nativo, além de Aljustrel, do Alandroal, Silves, e sobretudo da região de Barrancos. Tais referências foram valorizadas por A. do PAÇO (1955) ao aceitar a hipótese de um comércio do cobre para justificar a abundância de peças quase puras em Vila Nova de S. Pedro; também DOMERGUE (1990) considera que cobres puros poderiam resultar da mineração de cobres nativos, disponíveis não apenas em Aljustrel mas ainda em Riotinto, enquanto

que os cobres arsenicais resultariam sobretudo da mineração de carbonatos de cobre (*op. cit.*, p. 106). FERREIRA (1970, p. 100) tinha já anteriormente defendido tal hipótese, declarando que as ligas de cobre puro, encontradas predominantemente em Vila Nova de S. Pedro resultariam do aproveitamento de cobre nativo, enquanto que “le cuivres des instruments dont le pourcentage en arsenic est grand, a été extrait des carbonates, oxydes ou même des sulfures”.

Discutindo a origem do cobre no caso de Vila Nova de S. Pedro, aquele autor sugere a região de Óbidos (onde Jacinto Pedro Gomes o tinha assinalado), precisando a anterior opinião de A. do PAÇO (1955) que também preferia a hipótese de uma origem regional para aquela matéria-prima no âmbito do abastecimento daquele povoado.

Nas proximidades imediatas de Leceia, a escassos km em linha recta, em Asfamil – Rio de Mouro (Sintra), no mesmo vale e a montante do povoado pré-histórico, estiveram registadas diversas minas de cobre (BOLÉO, 1973). Desconhecemos, porém, a importância e as características de tais minerações, muito menos se seriam viáveis em época calcolítica. Assim, preferimos, até prova em contrário, a hipótese do cobre poder chegar a Leceia em resultado de trocas comerciais com a região alentejana; tal opção é consubstanciada pela já aludida abundância de artefactos de cobre, dificilmente resultante de uma mineração local ou regional; mesmo que esta fosse tecnicamente possível, jamais possibilitaria o importante abastecimento cuprífero evidenciado em Leceia.

Aliás, a existência de importantes rotas comerciais entre a Estremadura e o interior alentejano, encontra-se bem documentada pela notável quantidade de rochas duras, encontradas nos povoados estremenhos, do grupo dos anfíbolitos ou anfíboloxistos, cujos afloramentos mais próximos se situam no Alto e no Baixo Alentejo (CARDOSO, 1994; CARDOSO & CARVALHOSA, 1995). Tais rochas, indispensáveis à manufactura de artefactos de uso quotidiano, constituíam, tal como o cobre, matéria-prima “estratégica” que, pela sua raridade, justificaria um aproveitamento criterioso. Com efeito, em Leceia, não foi até ao presente recolhido nenhum grande machado de cobre, não obstante as mais de 130 peças de cobre já inventariadas; a maioria dos utensílios corresponde, como já se disse, a sovelas e punções, os quais desempenhariam mais vantajosamente, pela sua dureza e resistência, certas funções específicas, que os seus homólogos de osso (CARDOSO, 1994, p. 59). Acresce que a dureza e resistência dos gumes dos machados de cobre puro, seria inferior à dos correspondentes de pedra polida, o que justificará, adicionalmente, a aludida raridade em Leceia. É lícito, pois, entrever nos grandes machados calcolíticos de cobre planos, de contorno sub-rectangular a sub-trapezoidal, verdadeiras peças de prestígio, de função prática bastante limitada ou circunscrita a certos usos (rituais, por exemplo). Não é de excluir, outrossim, como mostra o exemplar de Porto Mourão, que tais

artefactos tivessem sido utilizados, preferencialmente, como verdadeiros lingotes (SOARES *et al.*, 1994, p. 183).

A tal propósito é interessante observar que se conhecem, em diversos povoados pré-históricos estremenhos, entre os quais Zambujal (SANGMEISTER, 1995, Tf. 6) e Leceia, diversos gumes de “machados” cortados e deste modo separados intencionalmente do talão (CARDOSO, 1989, Fig. 108, n.º 13; CARDOSO, 1994, fig. 136); acresce que tais gumes não evidenciam uso que inviabilizasse a continuação da sua utilização, pelo que a sua separação se poderia explicar atribuindo ao machado a função de lingote, e às referidas extremidades, assim destacadas, o significado de porções metálicas destinadas ao fabrico de pequenos artefactos. Só ulteriores observações metalográficas em tais objectos, como as efectuadas na peça em estudo, poderão contribuir para o esclarecimento desta interessante questão da metalurgia primitiva.

Ainda uma observação: num machado plano de cobre, o reavivamento do gume seria vantajosamente conseguido, com benefício de tempo, de energias, e até de matéria-prima, pelo simples polimento, como observámos em verdadeiros instrumentos de cobre (pequenos machados e formões), à semelhança do produzido em homólogos líticos e não por martelagem e, muito menos, por ablação da parte embotada pelo uso.

Concluindo, o artefacto de cobre de Leceia, atribuído a lingote, poderá ser apenas o mais evidente exemplo de tal categoria de peças metálicas; sugerida pela sua forma irregular e marcas de corte que ostenta, tal hipótese viu-se corroborada pela análise metalográfica efectuada.

Sendo os lingotes a forma tradicional de transporte e comércio de matérias-primas estratégicas, a ocorrência deste exemplar vem ilustrar, de forma expressiva, um comércio transregional, entre a Estremadura (onde não são conhecidas ocorrências significativas de tal metal) e o Baixo Alentejo, à semelhança de outras matérias-primas indispensáveis ao quotidiano das populações calcólicas estremenhas, como as mencionadas rochas duras em que são confeccionados boa parte dos artefactos de pedra polida (anfiboloxistos).

Enfim, o lingote de Leceia, a par de outras peças metálicas da mesma estação (gumes de “machados”, pingos, escórias), corrobora o que se sabe acerca da mineração e metalurgia do cobre, no decurso do calcólico, no sul peninsular.

Segundo SOARES *et al.* (1994), citando ROTHENBERG & BLANCO-FREIJEIRO (1981), “a fusão redutora dos minérios era realizada junto às minas (...), sendo o metal transportado para os povoados onde seria transformado em artefactos” (p. 174), afirmação que se encontra plenamente documentada, tanto a nível artefactual (crisóis, instrumentos, escórias e pingos de fundição), como das respectivas estruturas – pequenas lareiras, presentes no Zambujal e em Leceia – em numerosos povoados da Estremadura.

A identificação do lingote de cobre de Leceia vem, deste modo, colmatar lacuna de conhecimento, na medida em que, não obstante a grande quantidade de artefactos metálicos publicados da Estremadura, ainda aqui não tinha sido caracterizada qualquer peça desta índole. No Sul do nosso país, onde os jazigos cupríferos abundam, foram, até ao presente, apenas registadas duas ocorrências: a de Porto Mourão e, anteriormente, com reserva, a de objecto amorfo, de forma indefinida do Cerro do Castelo de Santa Justa (GONÇALVES, 1989, p. 167). Sem dúvida que o prosseguimento da investigação neste domínio, recorrendo a análises metalográficas, virá carrear novos elementos sobre o comércio e transporte do cobre entre os locais de extracção e aqueles onde era transformado, aspecto de evidente interesse para o conhecimento da actividade metalúrgica e das grandes vias comerciais, no contexto calcolítico da Estremadura.

AGRADECIMENTO

Ao técnico José Manuel Carriço, pelo trabalho de preparação metalográfico efectuado. A Guilherme Cardoso, as informações bibliográficas sobre a mina de Asfamil (Sintra).

BIBLIOGRAFIA

- BENSAÚDE, A. (1889) – Notice sur quelques objets préhistoriques du Portugal fabriqués en cuivre. *Comunic. Trab. Geol. Port.*, 2(1), p. 119-124.
- BOLÉO, J. de Oliveira (1973) – *Sintra e seu termo (estudo geográfico)*. 2.ª edição. Câmara Municipal de Sintra.
- CARDOSO, J.L. (1989) – *Leceia. Resultados das escavações realizadas 1983-1988*. Câmara Municipal de Oeiras, 146 p.
- CARDOSO, J.L. (1994) – *Leceia 1983-1993. Escavações do povoado fortificado pré-histórico*. Estudos Arqueológicos de Oeiras (número especial), 164 p.
- CARDOSO, J.L. CARVALHOSA, A & (1995) – Estudos petrográficos de artefactos de pedra polida do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). Análise de proveniências. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 5, p. 123-151.
- DOMERGUE, C. (1990) – *Les mines de la Péninsule Ibérique dans l'Antiquité Romaine*. Collection de l'École Française de Rome, 127.

- FERRAZ, M.T. (1994) – Análise metalográfica do machado plano de cobre proveniente do povoado de Porto Mourão. *In Arqueologia en el torno de Bajo Guadiana* (Huelva, 1994), p. 196-197.
- FERREIRA, O. da Veiga (1970) – La métallurgie primitive au Portugal pendant l'époque chalcolithique. *VI Congreso Internacional de Minería* (Léon, 1970), 1, p. 99-116.
- GONÇALVES, V.S. (1989) – *Megalitismo e metalurgia no Alto Algarve Oriental. Uma aproximação integrada*, vol. 2, 333 p. Lisboa, INIC.
- PAÇO, A. do (1955) – Castro de Vila Nova de S. Pedro VII – Considerações sobre o problema da metalurgia. *Zephyrus*, 6, p. 27-40. Salamanca.
- PAÇO, A. do (1964) – Castro de Vila Nova de S. Pedro. XIV – Vida económica. XV – O problema campaniforme. XVI – Metalurgia e análises espectrográficas. *Anais da Academia Portuguesa da História*, S. II, 14, p. 136-165.
- ROTHENBERG, B. & BLANCO-FREIJEIRO, A. (1981) – *Studies in ancient mining and metallurgy in South-West Spain*. Institute for Archaeo-Metallurgical Studies, 320 p. Londres.
- SANGMEISTER, E. (1995) – Zambujal. Kupferfunde aus den Grabungen 1964 bis 1973. *Madrid Beiträge*, Band 5, Teil 3, p. 1-154. Deutsches Archäologisches Institut. Madrid.
- SCHUBART, H. & SANGMEISTER, E. (1987) – *Zambujal. Povoado fortificado da Idade do Cobre*, 12 p. Câmara Municipal de Torres Vedras.
- SOARES, A.M.M.; ARAÚJO, M.F. & CABRAL, J.M.P. (1994) – Vestígios da prática da metalurgia em povoados calcolíticos da bacia do Guadiana, entre o Ardila e o Chança. *In Arqueologia en el entorno del Bajo Guadiana* (Huelva, 1994), p. 165-200.

Estudos Arqueológicos de Oeiras,
5, Oeiras, Câmara Municipal, 1995, pp. 165-186

L'AVIFAUNE DE L'HABITAT FORTIFIÉ CHALCOLITIQUE DE LECEIA (OEIRAS, PORTUGAL)

L. Gourichon⁽¹⁾ et J.L. Cardoso⁽²⁾

RESUMO

As escavações conduzidas em Leceia por um de nós (J.L.C.), em continuidade desde 1983, permitiram a recolha de um copioso conjunto de artefactos e de ecofactos, cujo estudo se encontra em curso.

Neste estudo apresentam-se os resultados concernentes à avifauna recolhida nas Camadas 4 (do Neolítico final), 3 (do Calcolítico inicial) e 2 (do Calcolítico pleno) no decurso das doze campanhas arqueológicas ali realizadas (até 1994). Identificaram-se onze táxones, sendo de salientar a ocorrência do ganso-patola (*Sula bassana*) em todas as camadas, do fulmar (*Fulmarus glacialis*) e do pigargo (*Haliaeetus albicilla*) na camada 3, que actualmente não frequentam, ao menos usualmente, a região. Do ponto de vista arqueozoológico, discute-se a ocorrência destes e dos restantes taxones identificados – águia (*Aquila* sp.); perdiz vermelha (*Alectoris rufa*); galo (?) (cf. *Gallus gallus*); grou comum (*Grus grus*); pombo das rochas I (*Columba livia/oenas*); corvo (*Corvus corax*); *Alaudidae*; e *Turdidae* – como fontes alimentares ou de matéria-prima para o fabrico de diversos artefactos ósseos, documentados por diversas ocorrências.

⁽¹⁾ *Université Lumière – Lyon 2, France.*

⁽²⁾ *Professor da Universidade Nova de Lisboa. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras. Sócio efectivo da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Associação Profissional de Arqueólogos.*

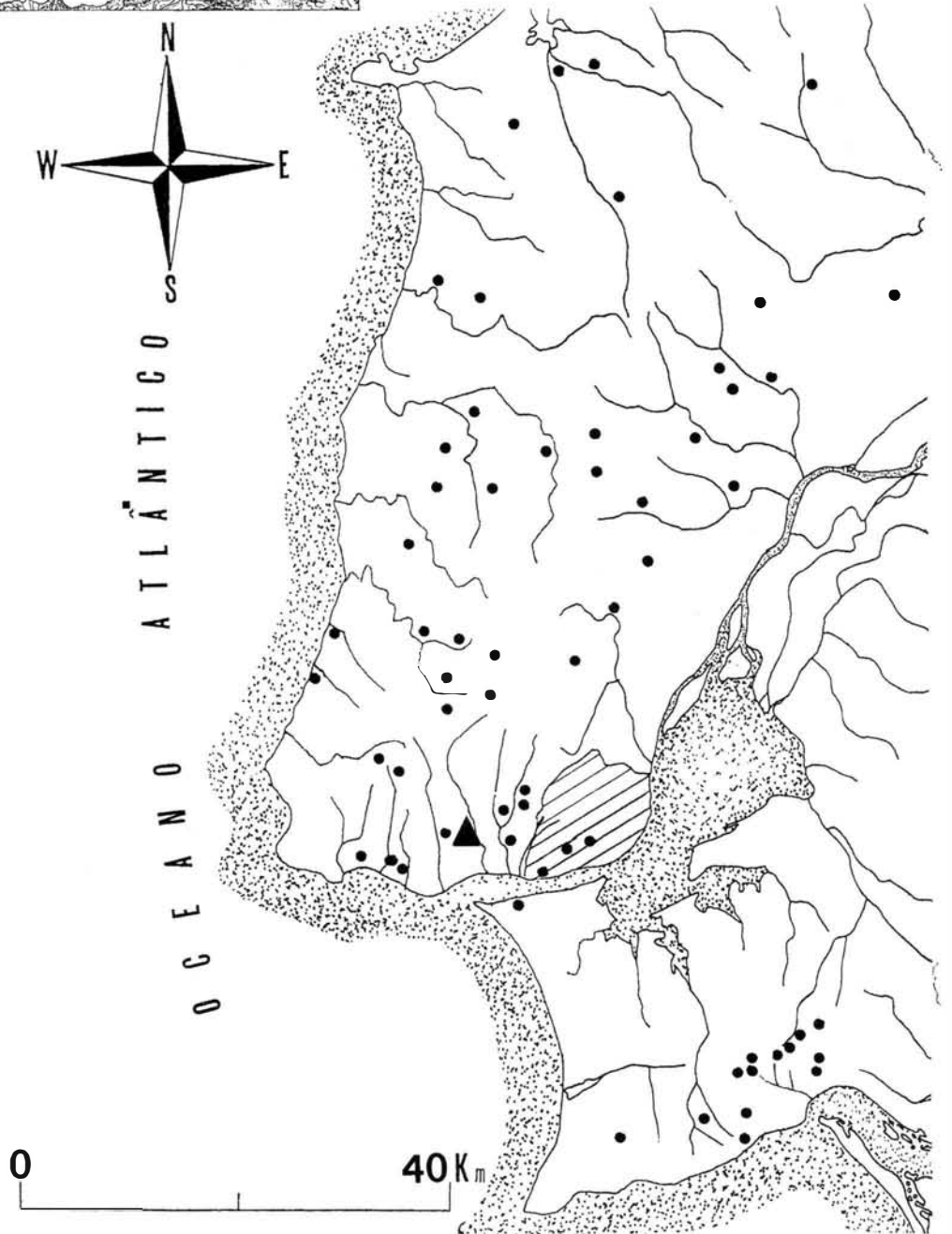


Fig. 1 – Situation de Leceia dans la Péninsule Ibérique et dans l'ensemble des principaux sites chalcolithiques de la région (signalé avec un triangle).

1. INTRODUCTION

Au cours de ces dernières décennies, les investigations sur le Chalcolithique de la région de l'Estremadura portugaise – *grosso modo* le territoire au Nord de l'embouchure du Tage à celle du Sado, au Sud – ont permis de réunir un nombre considérable de données concernant les habitats et les nécropoles.

Ainsi, les fouilles menées dans le site de Leceia depuis 1983 sous la responsabilité de l'un de nous (J.L.C.) ont mis au jour un imposant dispositif défensif, constitué par plusieurs lignes de murailles et de bastions construites au début du Chalcolithique initial (ca. 2800 cal BC). Les structures, reposant sur le substratum géologique ou sur le niveau archéologique le plus ancien – celui du Néolithique final (3300-3000 cal BC) – ont été successivement renforcées, agrandies, voire rasées, au cours de l'occupation du site qui fut définitivement abandonné vers 2200 cal BC.

Les trois phases culturelles identifiées grâce à l'évolution céramologique (Fig. 2) sont les suivantes:

- Phase 1 – Néolithique final (Couche 4) ;
- Phase 2 – Chalcolithique initial (Couche 3);
- Phase 3 – Chalcolithique moyen (Couche 2), avec quelques éléments campaniformes dans la partie la plus haute de cette couche; elle correspond à l'accumulation des matériaux de construction provenant de la fortification, alors hors-service.

Ces observations démontrent l'existence, au cours du troisième millénaire, d'une société bien organisée, explorant méthodiquement la région avoisinante dont le contrôle assurait son propre succès (CARDOSO, 1994a et b). D'un côté, la richesse agricole que ses habitants surent créer et accumuler justifie le fait qu'ils purent détourner une partie importante de la main d'oeuvre pour la construction de la forteresse; de l'autre, l'accumulation de surplus, indispensables au fonctionnement du troc, rendait possible l'acquisition des matières premières nécessaires à leur vie quotidienne.

L'économie d'une telle société reposait essentiellement sur les activités agricoles et sur l'élevage intensif qui lui permettaient de retirer les surplus nécessaires à son propre développement, ainsi que les bases alimentaires indispensables à sa subsistance. Celles-ci étaient complétées par la chasse (sangliers, aurochs, cerfs élaphe, ours, exceptionnellement le cheval), par la pêche (ANTUNES & CARDOSO, 1995) et la collecte de mollusques, dans l'estuaire du Tage, à moins de 4 km au sud du site (Fig. 1).

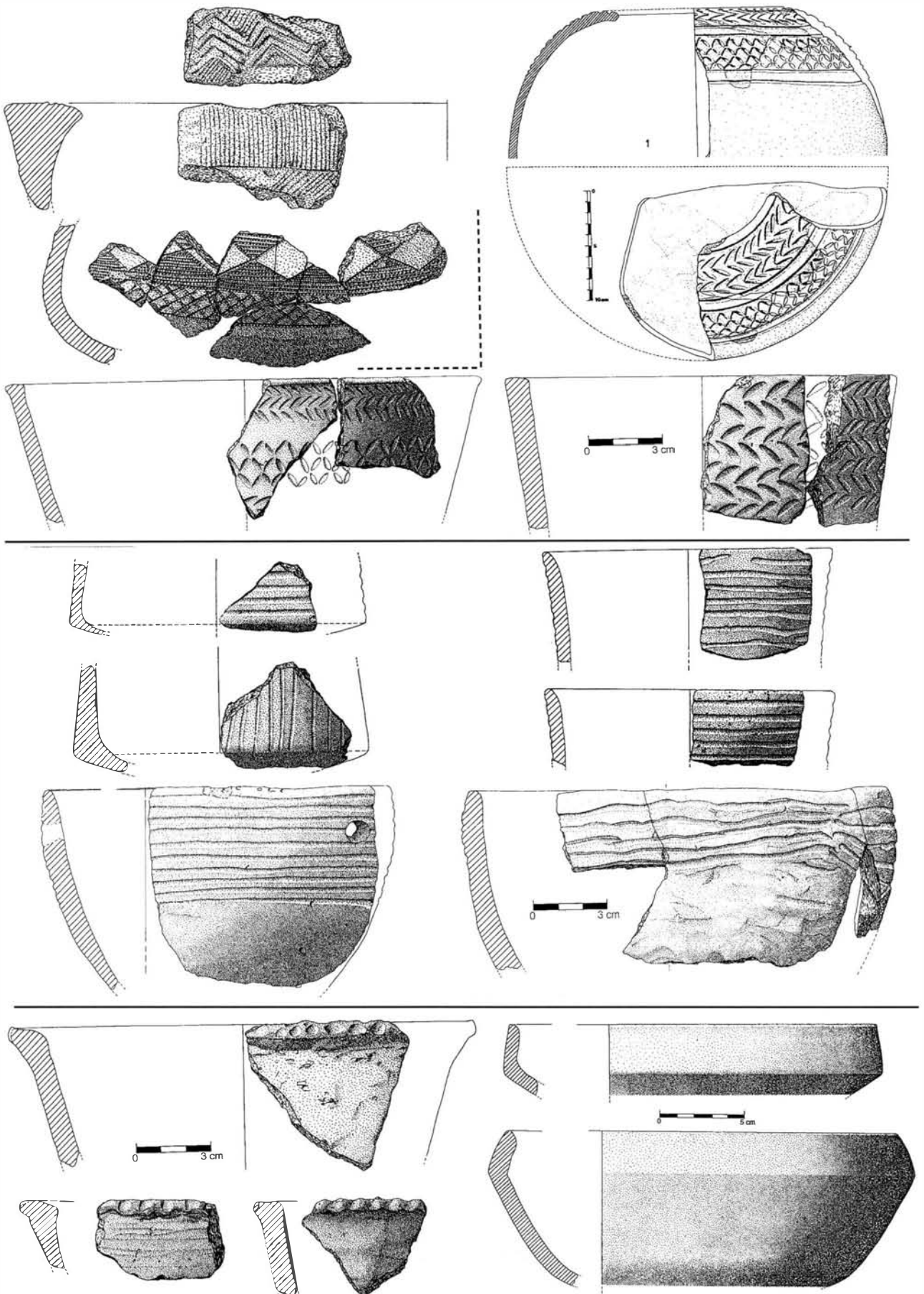


Fig. 2 – Poteries illustratives de chaque phase culturel présente à Leceia. En bas, du Néolithique final, au centre, du chalcolithique initial; en haut, du chalcolithique moyen; en haut, à gauche, du chalcolithique final, période des céramiques campaniformes.

L'analyse des restes d'oiseaux recueillis à Leceia révèle également que l'avifaune ne fut pas négligée. Elle fait ainsi apparaître un nouvel aspect de la maîtrise de l'environnement par cette communauté.

2. ÉTUDE DU MATÉRIEL

Le site de Leceia a livré jusqu'à ce jour un total de 51 restes d'oiseaux, en général très bien conservés, dont 46 ont pu être déterminés. Leur inventaire par couche et par espèce est le suivant (pour la localisation des restes dans l'aire fouillée, voir la Fig. 3):

Couche 4 – Néolithique final

Sula bassana:

- 1 fragment de diaphyse de radius

Corvus corax:

- 1 fémur proximal droit (individu immature)

Couche 3 – Chalcolithique initial

Fulmarus glacialis:

- 1 extrémité distale d'ulna gauche (Fig. 4, n.° 8)

Sula bassana:

- 4 fragments de diaphyse de radius (dont 1 avec traces anthropiques)
- 1 fragment de diaphyse d'ulna (avec traces anthropiques)
- 1 diaphyse d'ulna gauche (avec traces anthropiques)
- 1 extrémité distale de tibiotarse droit (avec traces anthropiques) (Fig. 4, n.° 10)

Haliaeetus albicilla:

- 1 extrémité distale de radius droit (Fig. 4, n.° 9)

Columba livia/oenas:

- 1 carpométacarpe gauche

Alaudidé indéterminé:

- 1 humérus distal gauche

Espèces indéterminées:

- 1 fragment de diaphyse de radius
- 1 fragment de diaphyse d'ulna (avec traces anthropiques)

Couche 2 – Chalcolithique moyen

Sula bassana:

- 1 fragment de prémaxillaire (Fig. 4, n.° 1)
- 1 diaphyse d'humérus (avec traces anthropiques)
- 2 extrémités proximales de radius (avec traces anthropiques)
- 2 extrémités distales de radius
- 1 diaphyse de radius
- 2 ulnas distales (droite et gauche) (Fig. 4, n.° 5)
- 2 carpométacarpes distaux (droit et gauche)
- 1 phalange I alaire droite (Fig. 4, n.° 2)
- 1 tarsométatarse proximal gauche (Fig. 4, n.° 4)

Aquila sp.:

- 1 radius distal gauche

Alectoris rufa:

- 2 coracoïdes gauches
- 1 extrémité proximale de coracoïde droit
- 1 extrémité distale de coracoïde droit
- 2 extrémités proximales d'humérus droit
- 1 fémur distal droit
- 1 extrémité proximale de tibiotarse droit
- 2 diaphyses de tibiotarse gauche

cf. *Gallus gallus*

- 1 diaphyse d'humérus droit (individu immature)
- 1 fémur distal droit (individu immature ?)

Grus grus:

- 1 extrémité proximale de radius droit (Fig. 4, n.° 6)
- 1 extrémité distale de radius gauche (Fig. 4, n.° 7)

Turdidé indéterminé:

- 1 fémur droit
- 1 diaphyse de tibiotarse droit

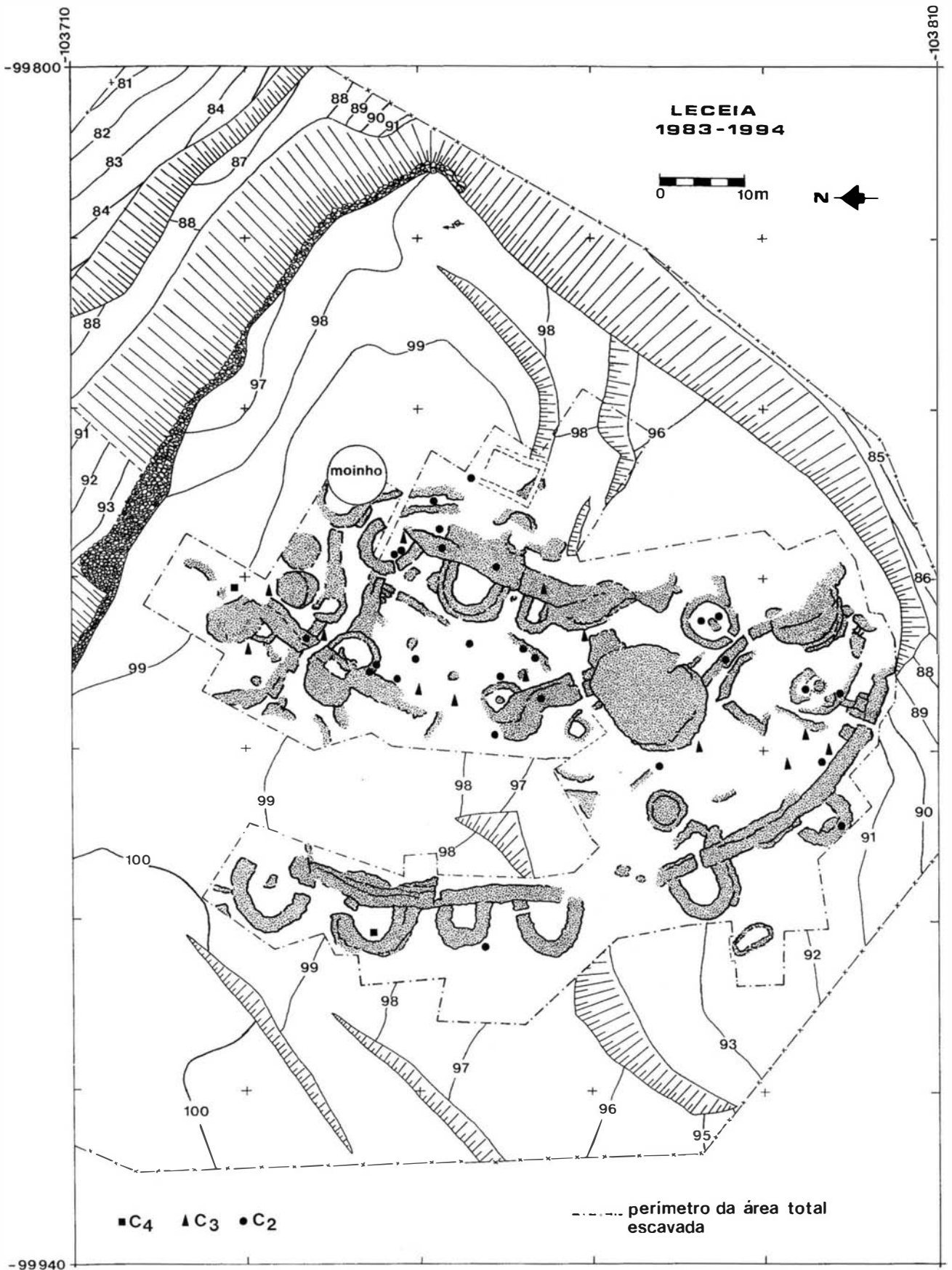


Fig. 3 - Localisation des restes d'oiseau dans l'aire fouillé de Leceia jusqu'à 1994. C4 - Néolithique final; C3 - Chalcolithique initial; C2 - Chalcolithique moyen.

Espèces indéterminées:

- 1 extrémité proximale de radius
- 2 fragments de diaphyses

Niveau archéologique indéterminé

Sula bassana:

- 1 tarsométatarse proximal droit
- 1 tarsométatarse distal droit (Fig. 4, n.° 3)

Columba livia/oenas:

- 1 humérus droit

Bien que peu volumineux, cet assemblage osseux met en évidence une avifaune très variée: 11 taxons y sont représentés. Les oiseaux les plus abondants sont *Sula bassana* (23) et *Alectoris rufa* (10), les autres espèces n'étant signalées que par 1 ou 2 os (TABLEAU 1).

TABLEAU 1 – Répartition des taxons par couche (les chiffres indiquent le nombre de restes, ceux entre parenthèses le nombre minimum d'individus)

TAXONS	Couche 2	Couche 3	Couche 4	Niveau indét.
<i>Fulmarus glacialis</i>		1		
<i>Sula bassana</i>	12(2)	8(2)	1	2
<i>Haliaeetus albicilla</i>		1		
<i>Aquila</i> sp.	1			
<i>Alectoris rufa</i>	10(2)			
Cf. <i>Gallus gallus</i> (probablement remanié)	2(1)			
<i>Grus grus</i>	2(1)			
<i>Columba livia/oenas</i>		1		1
Alaudidae indét.		1		
Turdidae indét.	2(1)			
<i>Corvus corax</i>			1	
Indéterminés	3	2		
TOTAL	32	14	2	3

Compte tenu de la superficie du gisement, de sa durée d'occupation et du nombre total de vestiges osseux recueillis, la faiblesse de cet effectif minimise peut-être l'importance qu'ont pu avoir les oiseaux dans la vie économique des habitants de Leceia. Cependant, l'étude de ces quelques ossements apportent des informations intéressantes du point de vue paléornithologique et paléoenvironnemental d'une part, du fait de la diversité des espèces rencontrées, et du point de vue archéozoologique d'autre part (les oiseaux comme ressources alimentaires et artisanales).

TABLEAU 2 – Répartition des nombres minimaux d'éléments anatomiques (N.M.E.) selon l'espèce et le niveau archéologique

(Pmx: prémaxillaire; Co: coracoïde; Hu: humérus; Ra: radius; Ul: ulna; Ca: carpométacarpe; PhA: phalange alaire; Fé: fémur; Ti: tibia; Ta: tarsométatarse)

Couche 4, du Néolithique final

	Pmx	Co	Hu	Ra	Ul	Ca	PhA	Fé	Ti	Ta
<i>S. bassana</i> <i>C. corax</i>					1			1		
Couche 3, du Calcolithique initial										
	Pmx	Co	Hu	Ra	Ul	Ca	PhA	Fé	Ti	Ta
<i>F. glacialis</i> <i>S. bassana</i> <i>H. albicilla</i> <i>C. livia/oenas</i> Alaudidae indt.				3 1	1 2	1			1	
Couche 2, du Calcolithique moyen:										
	Pmx	Co	Hu	Ra	Ul	Ca	PhA	Fé	Ti	Ta
<i>S. bassana</i> <i>Aquila</i> sp. <i>A. rufa</i> Cf. <i>G. gallus</i> Turdidae indt.	1	4	1 2 1	3 1	2	2	1	1 1 1	3 1	1

3. DISCUSSION

3.1. Les oiseaux et leur habitat

Grâce au complexe écologique estuarien du Tage et à la proximité de milieux très différents tels que la Serra de Sintra, au nord-ouest, et la région plus sèche et dénudée d'Arrabida, de l'autre côté du fleuve, une grande variété de biotopes sont réunis à Leceia. Il n'est donc pas surprenant d'y trouver à la fois des oiseaux de bord de mer (*Fulmarus glacialis*, *Sula bassana*), de bordure d'eau (*Haliaeetus albicilla*), de rochers (*Columba livia*, *Corvus corax*), d'espaces découverts tempérés (*Grus grus*) et méditerranéennes (*Alectoris rufa*).

Exceptés *F. glacialis*, *S. bassana*, et *H. albicilla*, les espèces identifiées sont à présent des hôtes permanents ou saisonniers de cette région.

3.1.1. Trois espèces sédentaires vivant de nos jours au Portugal et communément retrouvées dans les sites holocènes de la Péninsule:

- *Alectoris rufa* (ordre des Galliformes, famille des Phasianidés), la perdrix rouge

La Couche 2 (Chalcolithique moyen) a livré 10 restes osseux d'*Alectoris rufa*, correspondant au moins à deux individus.

Sa distribution géographique couvre actuellement toute l'Espagne et le Portugal, une partie de l'Italie du Nord et de la France, et certaines îles méditerranéennes (GEROUDET, 1978). D'après HERNANDEZ (1993), plus de la moitié des gisements ibériques datant de l'Holocène la signale: c'est l'un des oiseaux les plus courants de cette période.

Les exigences écologiques d'*A. rufa* vont vers les milieux secs, rocailleux ou sablonneux, parsemés d'une végétation buissonnante de faible hauteur (principalement les garrigues, mais aussi les landes sèches et les régions montagneuses de basse et moyenne altitude).

- *Columba livia/oenas* (ordre des Columbiformes, famille des Columbidae), le pigeon biset/colombin

Comme l'ont déjà fait remarquer MOURER-CHAUVIRE (1975, p. 145,146) et VILLETTE (1983, p. 35), la distinction entre *I* et *Columba oenas*, qui sont deux espèces très voisines, est délicate. D'après FICK (1974) qui a établi une fourchette de taille pour chaque os de pigeons actuels, les dimensions de *C. oenas* sont supérieures en moyenne à celles de *C. livia*. Or, les mesures prises sur les deux restes de

Columbidé de Leceia (un humérus et un carpométacarpe) tombent dans les valeurs intermédiaires.

Leur détermination spécifique est donc impossible mais ils pourraient appartenir à *C. livia* qui vit toujours à l'état sauvage au Portugal, où il trouve sur la côte atlantique, des falaises rocheuses propices à la nidification. Il est en outre fréquemment signalé dans les sites archéologiques post-glaciaires (HERNANDEZ, 1993). L'autre espèce ne niche pas sur le front occidental de la Péninsule et affectionne plutôt les régions forestières.

- *Corvus corax* (ordre des Passeriformes, famille des Corvidés), le grand corbeau

Un jeune individu de l'espèce *Corvus corax* est représenté par une extrémité proximale de fémur aux surfaces articulaires incomplètes et érodées.

Son origine stratigraphique, la Couche 4, montre que cet oiseau était présent à Leceia dès les premières occupations humaines, au Néolithique final. Largement répandu en Europe, bien que souffrant toujours des activités humaines, *C. corax* habite une grande variété de milieux, nichant dans les rochers des côtes et des montagnes, localement dans les arbres. Il n'est pas rare de le rencontrer dans les gisements protohistoriques et historiques du Portugal et de l'Espagne, quelquefois en compagnie d'autres espèces de corvidés plus commensales telles que la corneille (*Corvus corone*) et le choucas des tours (*Corvus monedula*).

3.1.2. Une autre espèce fréquentant le Portugal de manière saisonnière, lors de ses quartiers d'hiver:

- *Grus grus* (ordre des Ralliformes, famille des Gruidés), la grue cendrée

Grus grus est matérialisée à Leceia par deux fragments de radius (une extrémité proximale et une extrémité distale). Recueillis dans la Couche 2 et dans le même secteur du gisement (QI), ces ossements appartiendraient vraisemblablement à un seul et même individu.

Ce grand échassier - le plus haut des oiseaux européens - niche aujourd'hui dans les zones boréale, tempérée et steppique du nord de l'Europe et hiverne dans les régions sub-tropicales d'Afrique et d'Asie. Durant cette période de l'année, de la fin du mois d'octobre au mois de mars, il séjourne également dans les provinces espagnoles d'Extremadura et d'Andalucia, et dans les parties adjacentes du Portugal, de préférence dans les espaces découverts (CRAMP & SIMMONS, 1977). Sa présence est donc ici un indicateur de saisonnalité.

Quelques gisements archéologiques de la Péninsule Ibérique ont déjà livré des restes de *G. grus* (HERNANDEZ, 1993). Au Portugal, elle n'a été signalée que dans le site mésolithique de Cabeço da Arruda (Muge) par LENTACKER (1990-91).

3.1.3. Trois oiseaux dont la répartition géographique n'atteint pas aujourd'hui le Portugal (leur passage y est uniquement occasionnel):

- *Sula bassana* (ordre des Pélécaniiformes, famille des Sulidés), le fou de Bassan

Ce grand oiseau marin de la taille d'une oie (87 à 100 cm de longueur), niche maintenant en colonies plus ou moins importantes dans les eaux tempérées de l'Europe du Nord (Islande, certaines îles et côtes de Bretagne, Grande-Bretagne et Norvège). Il fréquente les côtes portugaises seulement de façon passagère (essentiellement des jeunes), lors des dispersions automnales (CRAMP & SIMMONS, 1977), et hiverne en mer.

Les restes de *Sula bassana* étant les plus nombreux à Leceia et ayant été recueillis dans tous les niveaux, sa présence ne peut y être fortuite, d'autant plus qu'elle a déjà été signalée dans plusieurs sites chalcolithiques de la Péninsule: d'une part au Portugal, au Castro do Zambujal et à Rotura; d'autre part en Espagne, à Terrera Ventura et à Los Millares, dans la province d'Almeria, et à Cerro de las Cabezas, dans la province de Sevilla (HERNANDEZ, 1993).

Il semblerait donc qu'elle ait niché plus au Sud de son aire de distribution actuelle durant les périodes post-glaciaires puisqu'elle fut également retrouvée au Portugal sur le site néolithique de Barrosinha (LENTACKER, 1990-91), ainsi que plus récemment, à l'époque romaine, à Quinta do Marim (ANTUNES & MOURER-CHAUVIRE, 1992). Il est difficile dans ce cas d'expliquer la situation de cette espèce à Leceia par des conditions climatiques plus froides; selon nous, l'impact humain au cours de l'histoire est un facteur beaucoup plus probable de sa retraite nordique comme il l'a été déjà évoqué à propos du grand pingouin (*Pinguinus impennis*) auquel ses restes ont été trouvés maintes fois associés (MOURER-CHAUVIRE & ANTUNES, 1991). Aujourd'hui d'ailleurs, de nombreuses observations ornithologiques rapportant l'accroissement récent des colonies de *S. bassana* (CRAMP & SIMMONS, 1977) et son extension méridionale (FERNANDEZ & BAYLE, 1994), tendent à confirmer cette hypothèse.

- *Fulmarus glacialis* (ordre des Procellariiformes, famille des Procellariidés), le pétrel fulmar

Une extrémité distale d'ulna, originaire de la Couche 3 (Chalcolithique initial) appartient à un Procellariidé de grande taille, *Fulmarus glacialis*.

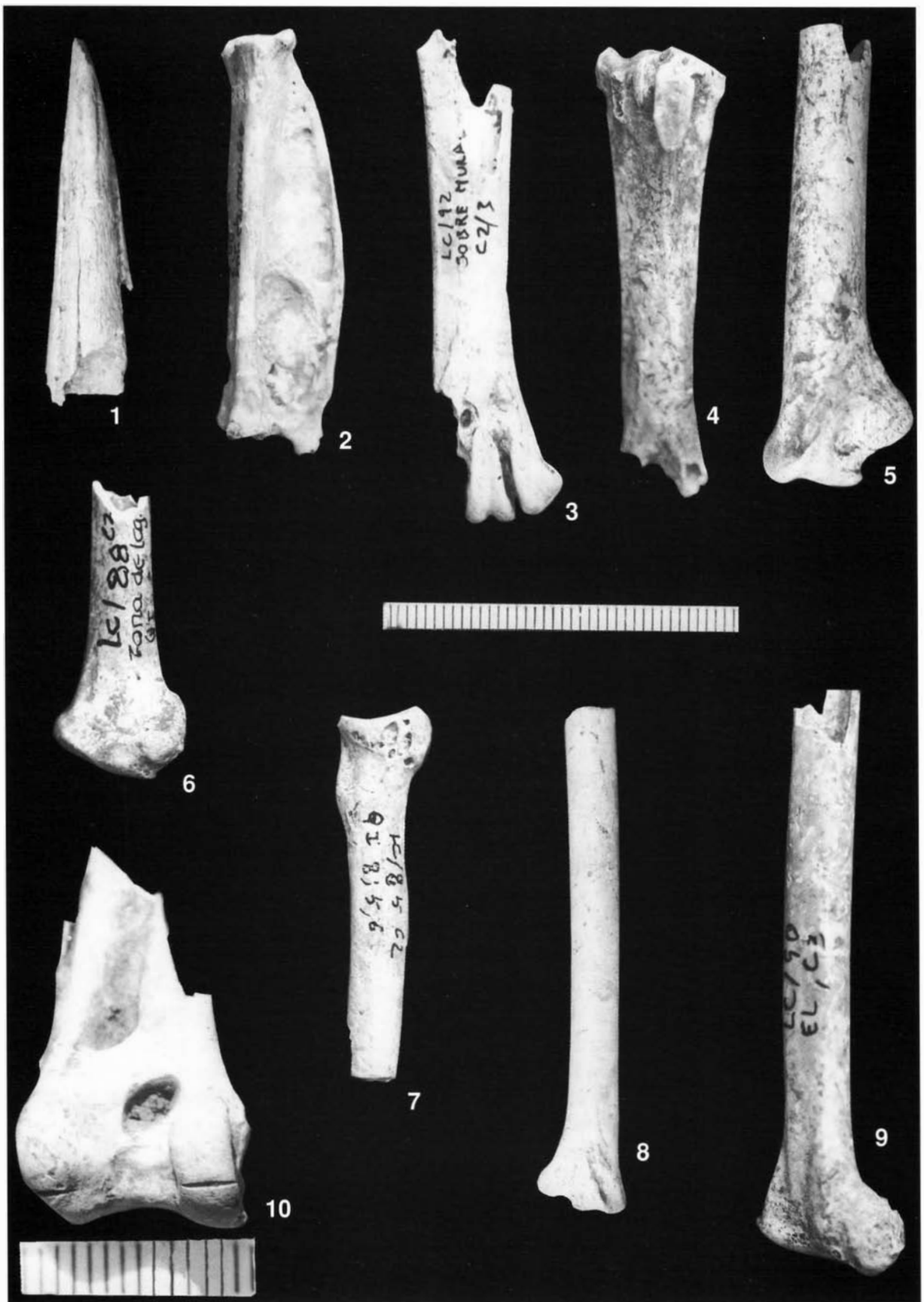


Fig. 4 – Avifaune de Leceia. *Sula bassana*: 1 - prémaxillaire incomplet. Face dorsale; 2 - phalange alaire I; doigt II droit. Face interne; 3 - tarsométatarse droit distal. Face antérieure; 4 - tarsométatarse gauche proximal. Face postérieure; 5 - ulna droite. Face externe. *Grus grus* : 6 - radius droit proximal. Face antérieure; 7 - radius gauche distal. Face palmaire. *Fulmarus glacialis* : 8 - ulna gauche distale. Face externe. *Haliaeetus albicilla* : 9 - radius droit distal. Face anconale. 10 - coups produits par couteau dans l'extrémité distale de tibiotarse droit de *Sula bassana*. Photos de J. L. Cardoso. Échelles en mm.

L'aire de nidification actuelle de cette espèce est exclusivement septentrionale; en Europe, elle concerne l'Islande, la Grande-Bretagne et l'Irlande, les côtes bretonnes et normandes de la France, le littoral de la Norvège, ainsi que l'archipel du Spitzberg. En dehors de la période de reproduction où les individus se réunissent à terre pour former des colonies, le pétrel fulmar vit les trois-quarts de l'année en pleine mer.

Jusqu'ici, dans la Péninsule Ibérique, *F. glacialis* n'a été reconnu que sur le site néolithique d'Herriko Barra, dans le Pays Basque (ELORZA & SANCHEZ, 1993), en association avec d'autres espèces marines, la plupart nichant à présent au-dessus du 45ème parallèle: le puffin des Anglais (*Puffinus puffinus*), la mouette tridactyle (*Rissa tridactyla*), le grand pingouin (*P. impennis*), le pingouin torda (*Alca torda*), le guillemot de Troll (*Uria aalge*), et le macareux moine (*Fratercula artica*). Or, d'après les datations absolues et l'analyse palynologique, l'occupation du site est contemporaine de la période Atlantique (ca. 5 800 BP), et l'étude de la saisonnalité attesterait sa fréquentation au moins à la fin du printemps et au début de l'été. Ces résultats laissent penser que l'avifaune nichait à proximité, sous des conditions climatiques plus chaudes que celles de leur habitat actuel (ELORZA & SANCHEZ, 1993). L'exploitation des oiseaux marins et de leurs oeufs par l'Homme est certainement la principale responsable de la réduction des populations de nombreuses espèces.

La découverte de *F. glacialis* à Leceia est tout à fait exceptionnelle du fait de sa situation géographique. Il pourrait s'agir d'un individu égaré au cours de ses vagabondages pélagiques (de rares visites sont observées aujourd'hui au Portugal), mais sa présence ici signifie peut-être, comme celle de *Sula bassana*, que son domaine s'étendait aux côtes atlantiques du Sud de l'Europe.

- *Haliaeetus albicilla* (famille des Accipitridés), le pygargue à queue blanche

Cette espèce est représentée sur le gisement par une extrémité distale de radius (largeur = 16,9 mm) provenant de la Couche 3.

Haliaeetus albicilla était autrefois largement répandu partout en Europe (VOOUS, 1960). Ce grand rapace (200 à 240 cm d'envergure) est en effet indifférent au climat (qu'il soit continental ou océanique, froid ou chaud), mais il aime particulièrement les bords de mer, les lacs, les grands fleuves, tous les points d'eau où le poisson abonde. Ses restes furent recueillis en Espagne dans le Pléistocène de Gibraltar, dans la grotte de Gorham et à Devil's Tower, et plus près de nous chronologiquement, dans le Chalcolithique de la province de Sevilla, à Cerro de las Cabezas, et au cours du Premier Age du Fer à Soto de Medinilla, dans la province de Valladolid (HERNANDEZ, 1993).

A présent, il a disparu d'une grande partie de l'Europe occidentale, victime de la

pression cynégétique humaine (GEROUDET, 1984; O'CONNOR, 1993), mais il niche encore en Islande, dans le nord et le centre de l'Europe, et en Asie.

H. albicilla est donc signalé pour la première fois dans un gisement portugais, une découverte qui vient de nouveau confirmer sa large distribution géographique continentale dans le passé.

3.1.4. Présence incertaine du coq domestique dans la couche 2 (Chalcolithique moyen):

- Cf. *Gallus gallus* (ordre des Galliformes, famille des Phasianidés), le coq domestique

Cette identification pose le problème de l'introduction de cette espèce d'origine exotique dans la Péninsule Ibérique. En 1992, HERNANDEZ a consacré un bref article sur l'état actuel des investigations sur ce sujet: situées dans le Sud de l'Espagne, les plus anciennes traces indiscutables de *Gallus gallus* datent du Premier Age du Fer et viennent appuyer l'hypothèse de son introduction par les Phéniciens (invalidant en même temps celle d'une dispersion continentale en provenance de l'Europe de l'Ouest). Pourtant, des sites d'époques antérieures – dont le Castro do Zambujal, au Portugal (VON DEN DRIESCH & BOESSNECK, 1976) – ont déjà livré des restes osseux de coq domestique, mais il s'agissait d'intrusions de matériels plus récents (HERNANDEZ, 1992).

En ce qui concerne Leceia, une diaphyse d'humérus et une extrémité distale de fémur abîmées appartenant à un jeune Phasianidé de grande taille furent attribuées, sous toutes réserves, à cf. *G. gallus*. Ces vestiges recueillis dans le niveau archéologique le plus haut (Couche 2) pourraient provenir des couches superficielles remaniées, plus récentes, ce qui expliquerait la patine particulière du fémur, très différente de celle des autres ossements de même origine stratigraphique.

3.2. Les oiseaux et les hommes

La présence de restes aviaires dans un gisement de plein air comme à Leceia amène systématiquement la question de leur origine. L'étude de l'état de fossilisation des ossements, des traces qu'ils peuvent éventuellement porter, de leur identité spécifique, de leur distribution intrasquelettique, des contextes stratigraphique et paléo-synécologique, permet dans une certaine mesure de reconstituer l'histoire de ces vestiges depuis la mort de l'animal à leur découverte.

Pour cela, il est préférable de disposer d'un matériel osseux abondant, ce qui n'est pas le cas à Leceia. Cette rareté provient en grande partie du rôle secondaire qu'ont

joué les oiseaux dans le système économique de l'habitat, mais d'autres facteurs ont aussi une part de responsabilité, aussi minime soit-elle: techniques de fouilles, fragilité des ossements aviaires, comportements culturels des Chalcolithiques et rôle d'éboueur qu'ont joué de tous temps le chien et le porc domestiques.

En se référant aux catégories et aux groupes taphonomiques proposés par GAUTIER (1987) et MORALES (1993), nous avons pu cependant noter quelques observations taphonomiques et proposer certaines interprétations archéozoologiques.

3.2.1. Les oiseaux comme ressources alimentaires

Les principaux indices taphonomiques susceptibles de nous aider à reconnaître la consommation anthropique d'un animal sont la situation stratigraphique de ses vestiges dans un foyer (ou les marques de brûlures) et les traces de décarnisation et de désarticulation.

Parmi les restes étudiés, aucun n'a été brûlé, mais 6 os de *Sula bassana* et un fragment d'ulna d'une espèce indéterminée de grande taille présentent des traces de découpe, de raclage et de polissage. La plupart de ces ossements furent transformés en outils; nous les étudierons dans la partie suivante consacrée à l'artisanat. L'une des pièces (Fig. 4, n.° 10), une extrémité distale de tibiotarse profondément incisée transversalement au niveau des condyles, témoigne d'une activité de boucherie ayant eu pour objectif la désarticulation des pattes.

S. bassana a donc certainement été chassée, entre autres raisons, pour sa viande. On ne peut évidemment pas parler à ce propos de chasse sélective mais cette espèce devait constituer un gibier de choix puisque près de la moitié des restes aviaires recueillis lui appartiennent (23 sur 51). C'est un oiseau de très grande taille parmi les espèces marines (2,5 à 3,5 kg), aisément repérable sur les bords de mer, surtout lorsqu'il se rassemble en colonies pour nicher. Bien que celles-ci soient presque toujours installées dans des endroits difficilement accessibles pour l'homme (côtes rocheuses accidentées, petites îles dénudées...), le fou de Bassan est peu farouche, ce qui rend sa capture relativement commode (TUCK & HEINZEL, 1985). En Ecosse, dans les sites du 4^{ème} millénaire BC au 17^{ème} siècle AD, il est l'espèce la plus communément exploitée pour la nourriture, notamment pour sa graisse (SERJEANTSON, 1988).

Quant aux autres oiseaux identifiés, aucune marque taphonomique d'origine anthropique n'a été relevée sur leurs vestiges. Ainsi, *Alectoris rufa* doit être considérée comme une espèce chassée car sa présence à Leceia ne peut être ni naturelle ni accidentelle (ses restes sont les plus nombreux après ceux de *Sula bassana*). Comme chez la majorité des Galliformes, son mode de locomotion principalement terrestre favorise sa capture. Selon HERNANDEZ (1992), *A. rufa* aurait même été une candi-

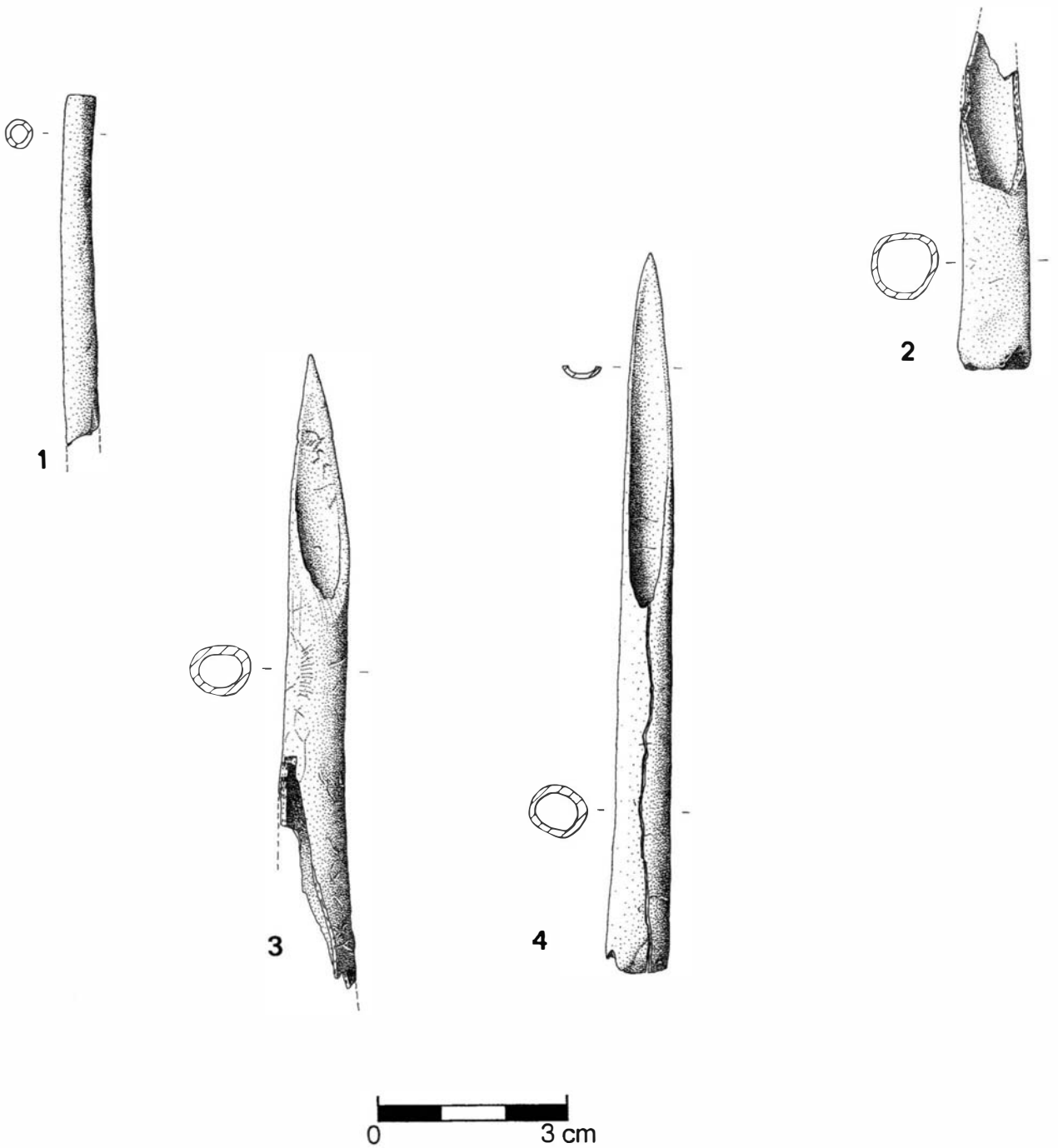


Fig. 5 – Outils en os d'oiseaux de Leceia. 1 - Portion tubulaire. Radius de *Sula bassana* (Lc/90, ext. MM1 C3); 2 - Perçoir ou manche d'outil. Ulna d'espèce indéterminée (Lc/93 interior E H, lado Sul, C3); 3 - Perçoir. Humérus de *Sula bassana* (Lc/87, D, C3); 4 - Perçoir. Ulna de *Sula bassana* (Lc/93, FA, C3).

date potentielle pour la domestication avant l'arrivée de *Gallus gallus* parce qu'elle en présente presque tous les critères adéquats (très prolifique, adaptée aux environnements ouverts, dotée d'un régime granivore et d'un comportement grégaire hiérarchique).

L'origine des espèces de moyenne et grande taille, relativement farouches et bons voiliers, et représentées par un ou deux ossements seulement (*Haliaeetus albicilla*, *Aquila* sp., et *Grus grus*), est difficile à interpréter. Il peut s'agir d'individus chassés de manière opportuniste, occasionnelle, ou bien d'oiseaux retrouvés morts et ramenés sur le site. La même remarque doit être faite pour *Fulmarus glacialis* dont la présence dans le gisement est étonnante même si, peu craintif et de caractère calme et flegmatique, contrairement aux oiseaux précédents, il s'avère facile à attraper (GEROUDET, 1959).

Columba livia et *Corvus corax* sont généralement rangés dans le groupe des espèces commensales. Par conséquent, il est possible ici que leurs vestiges proviennent de cadavres non consommés (le fémur de grand corbeau appartient à un jeune individu), mais cela n'exclut pas obligatoirement que ces oiseaux aient pu être chassés.

3.2.2. Les oiseaux comme ressources artisanales

Sula bassana est un oiseau dont la matière animale fut exploitée à Leceia non seulement pour la nourriture mais également à des fins artisanales.

En effet, 1 humérus, 2 ulnas et 3 radius qui lui ont été attribués présentent des modifications de volume plus ou moins importantes par sciage, raclage et/ou polissage. Un fragment d'ulna d'espèce indéterminée est lui aussi manufacturé (Fig. 5, n.° 2). Bien qu'elles soient pour la majorité incomplètes, ces pièces paraissent avoir été utilisées comme outils. Nous en distinguons deux types:

1 – des perceurs ou poinçons d'un diamètre transversal de 8 à 10 mm.

La diaphyse des ulnas (Fig. 5, n.° 4) et des humérus (Fig. 5, n.° 3) a été sectionnée obliquement de manière à obtenir une pointe effilée, quelquefois transversalement de l'autre côté de la partie active de l'outil, et la surface osseuse raclée et légèrement polie. L'extrémité articulaire naturelle a pu être aussi conservée, comme probablement sur la pièce de la Fig. 5, n.° 3. Ce type d'outil est commun dans tous les niveaux d'occupation du gisement, et très souvent fabriqué à partir de tibias d'ovins et de caprinés (CARDOSO, 1994a, p. 19 et fig. 109-110).

2 – des portions tubulaires à fonction non déterminée.

Trois fragments de radius portent des traces multiples de raclage dans le sens longitudinal que n'explique pas une simple consommation de cette région anatomique. L'une des pièces (Fig. 5, n.° 1) a même été sectionnée transversalement puis polie.

Les principaux segments des ailes (humérus, ulna et radius) de *S. bassana* ont donc intéressé les artisans de Leceia en raison sans doute de leur physionomie caractéristique: une relative robustesse pour un rapport longueur/diamètre important, une forme bien rectiligne et parfaitement tubulaire, ainsi qu'une taille facilitant leur tenue en main.

Cette constatation archéozoologique en amène un autre: 27 restes aviaires sur 51, soit plus de la moitié, sont des fragments provenant de la partie distale des ailes (ulna, radius, carpométacarpe et phalange). Or, en règle générale, les os les plus robustes du squelette de l'oiseau – qui se conservent le mieux – sont le coracoïde et le tarsométatarse. Comme les seules espèces concernées à Leceia par ce phénomène sont de moyenne et de grande taille (*Fulmarus glacialis*, *Sula bassana*, *Haliaeetus albicilla*, *Aquila* sp. et *Grus grus*), nous pensons que les extrémités de leurs ailes ont fait l'objet d'un soin particulier: ou bien ces restes constituaient des réserves de matière première (pour servir à la fabrication d'outils comme elle l'est attestée sur certains os de *S. bassana*, pour l'empennage des flèches, l'ornementation vestimentaire...), ou bien ces parties anatomiques peu charnues étaient gardées entières, avec leurs plumes, comme objets symboliques (trophées, accessoires religieux...). Il est évident que l'interprétation de cette conservation différentielle demanderait une analyse plus poussée des processus taphonomiques qui sont souvent d'une grande complexité, mais envisagées sous un angle culturel, il n'est pas impossible que les quelques hypothèses qui viennent d'être proposées correspondent à la réalité.

4. CONCLUSION

L'étude des restes aviaires du site chalcolithique de Leceia amène à des conclusions intéressantes sur plusieurs aspects concernant le milieu naturel environnant et le rôle des oiseaux dans le quotidien des communautés qui s'y sont succédées pendant plus d'un millénaire.

1. La présence d'un ensemble varié d'espèces s'accorde avec la diversité des biotopes qui ont existé à l'époque et qui existent toujours dans les alentours de la station grâce à la situation géographique originale de cette région.

2. Trois oiseaux ne font plus partie de la faune aviaire du pays: *Fulmarus glacialis*, *Sula bassana*, et *Haliaeetus albicilla*. Comme les deux premiers habitent aujourd'hui des domaines maritimes nord-européens, il semble que leur aire de distribution géographique était autrefois étendue de façon plus accentuée au littoral sud de l'Europe, une hypothèse renforcée par d'autres découvertes archéologiques et qui

concerne également d'autres espèces marines. Le troisième est un grand rapace qui a pratiquement disparu de l'Europe occidentale. La principale responsabilité dans la réduction des populations de ces oiseaux au cours de l'histoire est à mettre sur le compte de la pression cynégétique humaine, quoique autres causes (océanographiques, liées à un éventuel changement des courants maritimes) doivent être aussi considérées.

3. La présence éventuelle du coq domestique à Leceia est indiquée par deux restes qui, du fait de leur mauvais état de conservation, posent problème quant à leur détermination (cf. *Gallus gallus*). Déjà signalée dans le Chalcolithique de la Péninsule Ibérique (mais sous forme de vestiges considérés comme intrusifs dans la majorité des cas), cette espèce d'origine exotique a été récemment considérée comme introduite seulement à partir du Premier Age du Fer (HERNANDEZ, 1992).

4. Les oiseaux les plus abondants sur ce gisement de plein air (*Sula bassana* et *Alectoris rufa*) ont été sans aucun doute chassés. Tous deux présentent un intérêt alimentaire certain et sont de capture relativement aisée. Leur consommation est démontrée au moins pour *Sula bassana* par quelques restes portant des traces de désarticulation et de décarnisation.

5. La présence des espèces de moyenne et grande taille, comme *Fulmarus glacialis*, *Aquila* sp., *Haliaeetus albicilla* et *Grus grus*, peut s'expliquer par un ramassage occasionnel de cadavres d'oiseaux ou plus vraisemblablement par une chasse opportuniste.

6. Du point de vue taphonomique, on constate chez ces espèces (y compris *Sula bassana*) une conservation différentielle particulière caractérisée par la sur-représentation des éléments squelettiques du membre antérieur. L'utilisation des ailes par les habitants de Leceia a été suggérée pour interpréter un tel phénomène: dans un but artisanal (os de morphologie appropriée à la fabrication de certains outils comme l'ont montrée quelques restes de *Sula bassana*, récupération des plumes...) et, éventuellement, dans un but d'ordre symbolique (trophées, accessoires religieux...).

REMERCIEMENTS

Nous tenons à remercier Monsieur le Maire de la Municipalité de Oeiras, Dr. Isaltino de Morais, pour son appui qui a rendu possible ce travail, tant sur le terrain que pour l'étude du matériel au laboratoire, ainsi que Madame C. Mourer-Chauviré,

Directeur de Recherche au CNRS, pour avoir mis à notre disposition toute sa compétence, et pour son soutien constant.

Lionel Gourichon remercie par ailleurs toute l'équipe du Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras pour l'aide précieuse et l'accueil chaleureux qui lui furent offerts lors de son séjour au Portugal.

REFERENCES BIBLIOGRAPHIQUES

- ANTUNES, M.T. & CARDOSO J.L. (1995) – Ictiofauna do povoado pré-histórico de Leceia. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 5, p. 187-192.
- ANTUNES, M.T. & MOURER-CHAUVIRE, C. (1992) – The Roman site (2nd to 5th centuries A.D.) at Quinta do Marim near Olhão (Algarve, Portugal): vertebrate faunas. *Setúbal Arqueológica*, vol. IX-X, p. 375-382.
- CARDOSO, J.L. (1994a) – Leceia 1983-1993. Escavações do povoado fortificado pré-histórico. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, numéro spécial, Oeiras, 164 p.
- CARDOSO, J.L. (1994b) – L'habitat chalcolitique fortifié de Leceia. *Les Dossiers de l'Archéologie*, 198, p. 10-15.
- CRAMP, S. & SIMMONS K.E.L. (eds.) (1977) – *The birds of the Western Palearctic*. Oxford Univ. Press, Vol. I, 722 p., Vol. II, 695 p.
- ELORZA, M. & SANCHEZ, A. (1993) – Postglacial fossil Great Auk and associated avian fauna from the Biscay Bay. *Munibe*, 45, San Sebastian, pp. 179-185.
- FERNANDEZ, O. & BAYLE, P. (1994) – Tentative insolite de nidification du Fou de Bassan *Sula bassana* à Port Frioul (Marseille, Bouches-du-Rhône). *Alauda*, 62 (3), p. 140-143.
- FICK, O.K.W. (1974) – *Vergleichend morphologische Untersuchungen an Einzelknochen europäischer Taubenarten*. Inaug. dissert., Munich, 93 p.
- FITTER, R. & ROUX, F. (1971) – *Guide des Oiseaux*. Selection du Reader's Digest, Paris-Zurich, 494 p.
- GAUTIER, A. (1987) – Taphonomics groups: How and Why ?. *Archaeozoologia*, Vol. I (2), p. 47-52.
- GEROUDET, P. (1959) – *Les Palmidèdes*. Delachaux & Niestlé édit., 2ème édition, Neuchâtel, 284 p.
- GEROUDET, P. (1978) – *Grands Echassiers, Gallinacés, Râles d'Europe*. Delachaur & Niestlé édit., Neuchâtel, 429 p.

- GEROUDET, P. (1984) – *Les Rapaces diurnes et nocturnes d'Europe*. Delachaux & Niestlé édit., 6^{ème} édit., Neuchâtel, 426 p.
- HERNANDEZ CARRASQUILLA, F. (1992) – Some comments on the introduction of domestic fowl in Iberia. *Archaeofauna*, 1, Madrid, pp. 45-53.
- HERNANDEZ CARRASQUILLA, F. (1993) – Catalogo provisional de los yacimientos con aves del Cuaternario de la peninsula iberica, *Archaeofauna* 2, Madrid, pp. 231-275.
- LENTACKER, A. (1990-91) – *Archaeozoologisch onderzoek von Laat-prehistorische vindplaatsen uit Portugal*. Thèse de Doctorat inédite, Univ. de Gand.
- MORALES, A. (1993) – Ornithoarchaeology: the various aspects of the classification of bird remains from archaeological sites. *Archaeofauna*, 2, Madrid, pp. 1-13.
- MOURER-CHAUVIRE, C. (1975) – Les Oiseaux du Pléistocène moyen et supérieur de France. *Doc. Lab. Fac. Sc. Lyon*, n° 64, Lyon, fasc. 1, p. 1-261, fasc. 2, pp. 262-624.
- MOURER-CHAUVIRE, C. & ANTUNES, M.T. (1991) – Présence du Grand Pingouin *Pinguinus impennis* (Aves, Charadriiformes) dans le Pléistocène du Portugal. *Geobios*, 24, Lyon, fasc. 2, pp. 201-205.
- O'CONNOR, T.P. (1993) – Birds and the scavenger niche. *Archaeofauna*, 2, Madrid, pp. 155-162.
- SERJEANTSON, D. (1988) – Archaeological and ethnographic evidence for seabird exploitation in Scotland. *Archaeozoologia*, Vol. II (1/2), pp. 209-224.
- TUCK, G. & HEINZEL, H. (1985) – Guide des oiseaux de mer. *Delachaux & Niestlé édit.*, Neuchâtel, 310 p.
- VILETTE, P. (1983) – Avifaunes du Pléistocène final et de l'Holocène dans le Sud de la France et en Catalogne. *Atacina*, 11, Carcassonne, pp. 1-190.
- VON DEN DRIESCH, A. & BOESSNECK, J. (1976) – Castro do Zambujal. Die fauna. *Studien Über frühe Tierknochenfunde von der Iberischen Halbinsel*, 1, Munich, pp. 43- e suivants.
- VOOUS, K.H. (1960) – *Atlas of European birds*. Nelson edit., Londres, 284 p.

Estudos Arqueológicos de Oeiras,
5, Oeiras, Câmara Municipal, 1995, pp. 187-192

ICTIOFAUNA DO POVOADO PRÉ-HISTÓRICO DE LECEIA (OEIRAS)

M. Telles Antunes⁽¹⁾ & João Luís Cardoso⁽²⁾

1 – INTRODUÇÃO

A raridade de restos ictiológicos, entre os espólios da generalidade das estações arqueológicas, deve-se, nalguns casos, mais às deficiências de recolha ou de conservação, do que à escassez do consumo de pescado, ao menos naquelas que, pela sua posição geográfica, o viabilizassem. Com efeito, a maioria das escavações arqueológicas têm sido efectuadas, apenas, com recurso à crivagem manual de terras, no próprio local dos trabalhos. Assim, é óbvio que todos os restos com dimensões inferiores à da malha usualmente utilizada – 0,5 cm – acabam por se perder.

Porém, a alternativa ideal não seria exequível, ao menos em casos como Leceia: recolher milhares de metros cúbicos de terras, transportá-los para o laboratório e proceder, aí, às morosas operações conducentes à recolha de todos os restos potencialmente existentes, constituiria tarefa obviamente irrealizável, mesmo se tivéssemos no País recursos técnico-científicos à altura.

A estratégia que adoptámos foi a de proceder à recolha integral de sedimentos

⁽¹⁾ *Academia das Ciências de Lisboa. Director do Centro de Estudos Geológicos da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa.*

⁽²⁾ *Professor da Universidade Nova de Lisboa. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras. Sócio efectivo da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Associação Profissional de Arqueólogos.*

apenas nos locais potencialmente mais favoráveis, em particular no enchimento de lareiras conectáveis com recintos habitacionais, os quais perfizeram, apesar da exiguidade de tais estruturas, vários metros cúbicos de terras. O estudo de tais restos, obtidos por triagem à lupa binocular, encontra-se em curso. Os resultados já obtidos evidenciam, outrossim, a vantagem de seguir, sistematicamente, tal critério, especialmente nos locais onde seja propícia a concentração de ecofactos.

Neste trabalho estudam-se apenas os materiais ictiológicos recolhidos manualmente na crivagem de terras, no decurso das escavações dirigidas por um de nós (J.L.C.), desde 1983, neste povoado pré-histórico. Correspondem a 7000 m² de área escavada, cerca de 70% da superfície primitiva do arqueossítio (CARDOSO, 1994). Não se trata, pelas limitações apontadas, de uma amostragem completa; faltam as peças menores.

Os resultados obtidos sugerem algumas conclusões preliminares que justificam divulgação, até pela quase ausência de elementos disponíveis, no nosso País, sobre o assunto.

A identificação taxonómica foi da autoria do primeiro dos signatários. A coordenação esteve a cargo do segundo.

2 – INVENTÁRIO DO MATERIAL

O estudo anatómico dos restos ictiológicos recuperados (cuja localização na área escavada se apresenta na Fig. 1), conduziu à identificação das seguintes espécies:

Sparus aurata L., 1758 (dourada)

Camada 4 – Neolítico final

– 1 premaxilar esquerdo, de adulto (Lc/83, Casa R, C4)

Camada 3 – Calcolítico inicial

– 1 premaxilar esquerdo, correspondente a exemplar de grande porte (Lc/87, Casa Z, C3);

– 3 dentais esquerdos, de adultos, mais ou menos completos (Lc/86, QII, C3; Lc/87, Casa Z, C3; Lc/91, lado N de EH, C3).

Camada 2 – Calcolítico pleno

– 2 premaxilares direitos de adultos incompletos (Lc/86, QII 1 a 3; 1,2, C2; Lc/86, QII 1 a 8; 1,2, C2).

Total de restos – 11.

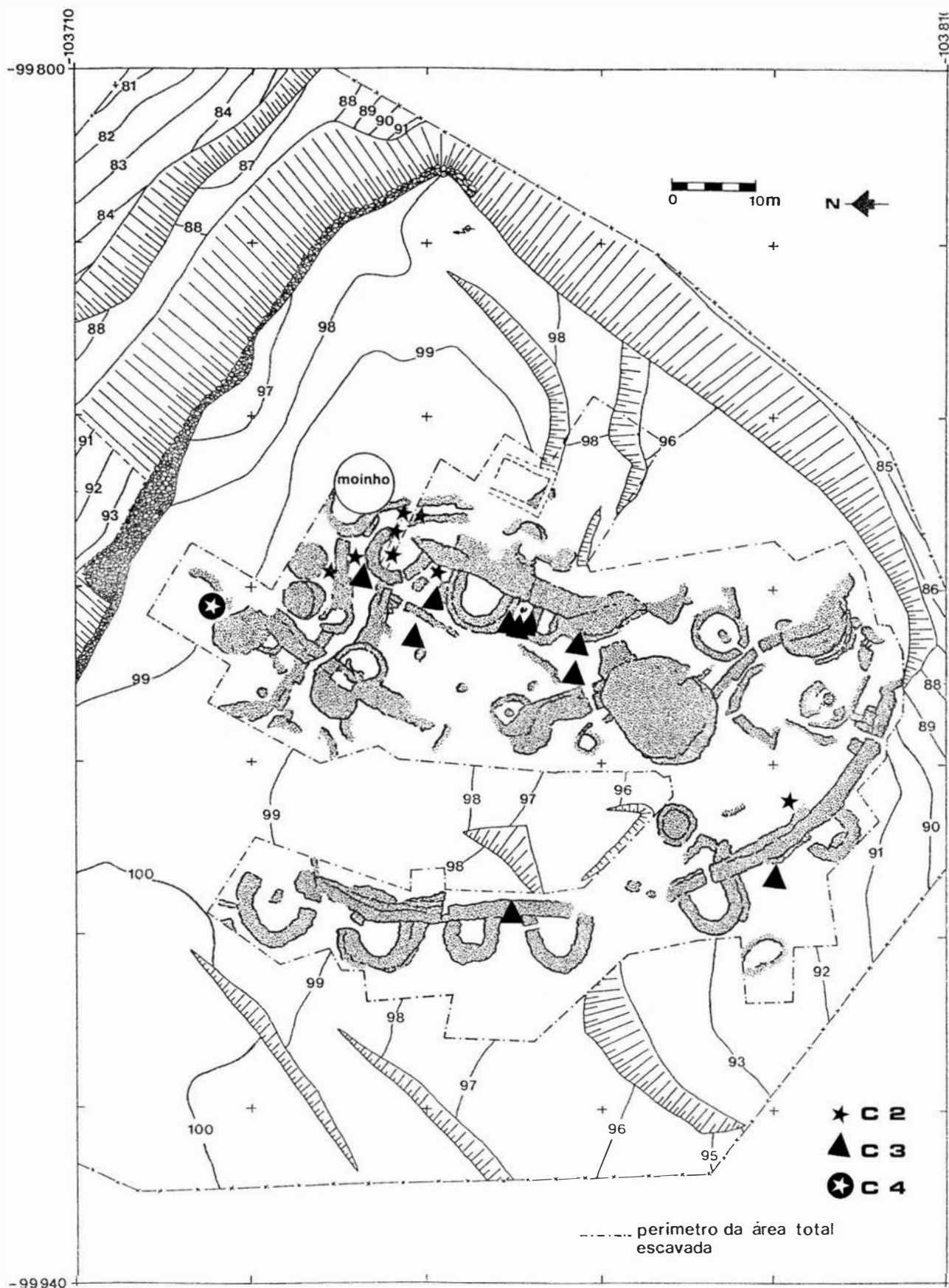


Fig. 1 – Leceia 1983-1995. Planta geral esquemática das principais estruturas, com localização aproximada dos restos ictiológicos exumados. C 2 - Calcolítico pleno; C 3 - Calcolítico inicial; C 4 - Neolítico final.

Pagrus pagrus L., 1758 (pargo)

Camada 3 – Calcólítico inicial

- 3 premaxilares (incompletos) esquerdos de adultos (Lc/85, QII, C3; Lc/88, C3; Lc/90, ext. EH, C3);
- 2 premaxilares (incompletos) direitos de adultos, um deles de grande porte (2 a 3 kg) (Lc/87, Casa Z, C3; Lc/89, int. CC2, C3);
- 1 dental (incompleto) esquerdo de adulto (Lc/86, C3).

Camada 2 – Calcólítico pleno

- 2 premaxilares (incompletos) direitos de adultos (Lc/85, C2; Lc/86, QI, 1 a 8; 1,2, C2);
- 2 premaxilares (incompletos) esquerdos (Lc/85, C2; Lc/90, lageado EL, C2);
- 1 dental direito de adulto, incompleto (Lc/85, C2);
- 1 dental esquerdo de adulto, incompleto (Lc/85, C2).

Total de restos – 12.

Além dos materiais inventariados, recolheram-se numerosas vértebras e dentes isolados, não considerados de momento, pertencentes indiferenciadamente a qualquer das duas espécies identificadas.

3 – DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

Os restos ictiológicos agora estudados repartem-se por duas espécies:

Sparus aurata (dourada); e *Pagrus pagrus* (pargo).

As limitações da recolha explicam a quase exclusiva representação das partes do esqueleto de maiores dimensões ou resistência; ainda assim, crê-se que os resultados são de interesse, na óptica do estudo da distribuição específica dos exemplares capturados de maiores dimensões.

Ambas as espécies identificadas se encontram representadas por número muito próximo de restos; teriam, pois, valor idêntico na dieta alimentar, visto os tamanhos médios respectivos serem semelhantes (dimorfismo talvez mais acentuado no pargo).

A exclusividade destas duas espécies, entre as de médio porte (2 a 5 kg no vivo) não espanta. Com efeito, pertencem à família melhor representada nos inventários pré- e proto- históricos do Sul peninsular (ROSELLÓ, 1989) – área geográfica onde

se integra o povoado pré-histórico de Leceia. Porém, não é absolutamente seguro que constituíssem, na época, a mais importante fonte de pescado; tal abundância poderá, simplesmente, dever-se à maior robustez de tais peças, face às homólogas de outras espécies, mesmo que de porte idêntico, como o robalo (*Dicentrarchus labrax* (L.) e *D. punctatus* (Bloch)). Assim, a preferência dada pelo homem pré – ou proto – histórico na sua captura, e ainda menos, a pesca selectiva (facto referido, para a época fenícia, em Castilho de Doña Blanca, cf. ROSELLÓ & MORALES, 1994, p. 117), não se poderá confirmar para a jazida em causa. No entanto, há factos objectivos que explicam, ao menos, a abundância aqui observada, designadamente as condições favoráveis do biótopo adjacente e as possibilidades tecnológicas para a captura à época disponíveis.

Considerando a preferência da dourada por domínio infralitoral, até cerca de 25 m de profundidade e tolerância por águas salobras (SALDANHA, s/d, p. 162) e do pargo – domínios infra e circalitoral (até cerca de 45 m de profundidade) – conclui-se que ambas as espécies teriam boas condições na região estuarina e no mar aberto adjacente.

Em Portugal, e no que ao Calcolítico diz respeito, apenas se conhece a ictiofauna do povoado do Zambujal – Torres Vedras (DRIESCH & BOESSNECK, 1976). A escassez de tais restos, comparativamente ao total de peças de vertebrados observados (107 versus 146.744), mostra bem que, também neste arqueossítio, as recolhas teriam sido, embora não intencionalmente, selectivas, enfermando de limitações de representatividade idênticas às respeitantes ao espólio agora estudado. No conjunto, o pargo encontra-se representado por 6 restos, enquanto à dourada correspondem 30, discrepância que se torna evidente, quando considerados os resultados obtidos em Leceia, e difícil de entender atendendo às características do litoral oceânico adjacente.

As capturas destas duas espécies requeriam meios tecnológicos rudimentares. Poderiam ser utilizadas redes, tanto nas praias, aproveitando a existência de enseadas, onde o peixe pudesse ficar retido na baixa-mar, como em embarcações primitivas. Poderiam, ainda recorrer à pesca à linha, documentada em Leceia por três anzóis de cobre (CARDOSO, 1989, Fig. 108, n.º 15; CARDOSO, 1994, Fig. 135, n.º 9 e 10). Tal como em outros povoados peninsulares da mesma época, não foram encontrados restos de peixes pelágicos, mesmo daqueles que, pelas dimensões dos materiais ósseos, deveriam estar presentes, caso fossem capturados. Tal facto sugere que a sua pesca, requerendo tecnologias apropriadas, ainda não seria possível (MORALES, 1983).

No contexto da implantação de Leceia, a pesca de rio, na vizinha ribeira de Barcarena, utilizada como meio de comunicação com o estuário do Tejo, seria por certo praticada, tal como acontecia até à década de 1960, de que um de nós (J.L.C.) é

testemunha. A sua importância seria pouco expressiva; as pequenas dimensões e robustez das espécies mais comuns ali existentes, justificam (em parte) a sua não identificação no conjunto agora estudado.

AGRADECIMENTOS

Ao Dr. José Riquelme (Universidade de Granada) pela cedência de bibliografia a um de nós (J.L.C.).

Ao Senhor Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, Dr. Isaltino de Moraes, pelos apoios que tem dispensado ao segundo signatário, sem os quais o estudo integral e pluridisciplinar do espólio arqueológico do povoado pré-histórico de Leceia não seria possível.

BIBLIOGRAFIA

- CARDOSO, J. L. (1989) – *Leceia. Resultados das escavações realizadas 1983-1989*. Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J. L. (1994) – *Leceia 1983-1993. Escavações do povoado fortificado pré-histórico*. Estudos Arqueológicos de Oeiras – CMO (número especial).
- DRIESCH, A. v. d. & BOESSNECK, J. (1976) – Castro do Zambujal. Die Fauna. *Studien über Tierknochenfunde von der Iberischen Halbinsel*, 1, p. 43-95. Munique.
- MORALES, A. (1983) – Fish remains from iberian sites: a general review. *Newsletter for the ICAZ*, 2.
- ROSELLÓ, E. (1989) – *Arqueoictiofaunas ibéricas. Aproximación metodológica y bio-cultural*. Ediciones Universidad Autónoma de Madrid.
- ROSELLÓ, E. & MORALES, A. (1994) – The fishes. In *Castillo de Doña Blanca. Archaeo-environmental investigations in the Bay of Cádiz, Spain (750-500 B.C.)*, E. ROSELLÓ & A. MORALES, eds. BAR International Series, 593, p. 91-142.
- SALDANHA, L. (s/d) – *Fauna submarina atlântica. Portugal Continental. Açores. Madeira*. Publicações Europa-América. Mem-Martins.

Estudos Arqueológicos de Oeiras,
5, Oeiras, Câmara Municipal, 1995, pp. 193-198

OSSOS DE CETÁCEO UTILIZADOS NO CALCOLÍTICO DA ESTREMADURA

João Luís Cardoso⁽¹⁾

1 – INTRODUÇÃO

No decurso das escavações dirigidas pelo signatário no povoado pré-histórico de Leceia, foi recolhido, na campanha de 1990, um fragmento ósseo de grandes dimensões, possuindo profundos entalhes, de ambos os lados. A raridade desta peça, bem como a procura de paralelos, justificou a apresentação desta nota.

2 – CONDIÇÕES DO ACHADO

A peça em causa provém do *locus* (Fig. 1) a Oeste do *Bastião XX*, e da Camada 2, pertencente ao Calcolítico pleno da Estremadura (CARDOSO, 1994).

3 – DESCRIÇÃO

Trata-se de porção proximal de costela de cetáceo; um dos lados, com bordos boleados e erodidos (Figs. 2 e 3), mostra-se rectilíneo, sugerindo ter sido obtido por serragem; o lado oposto, encontra-se fracturado acidentalmente, em parte por

⁽¹⁾ Professor da Universidade Nova de Lisboa e Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras - Câmara Municipal de Oeiras. Sócio efectivo da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Associação Profissional de Arqueólogos.

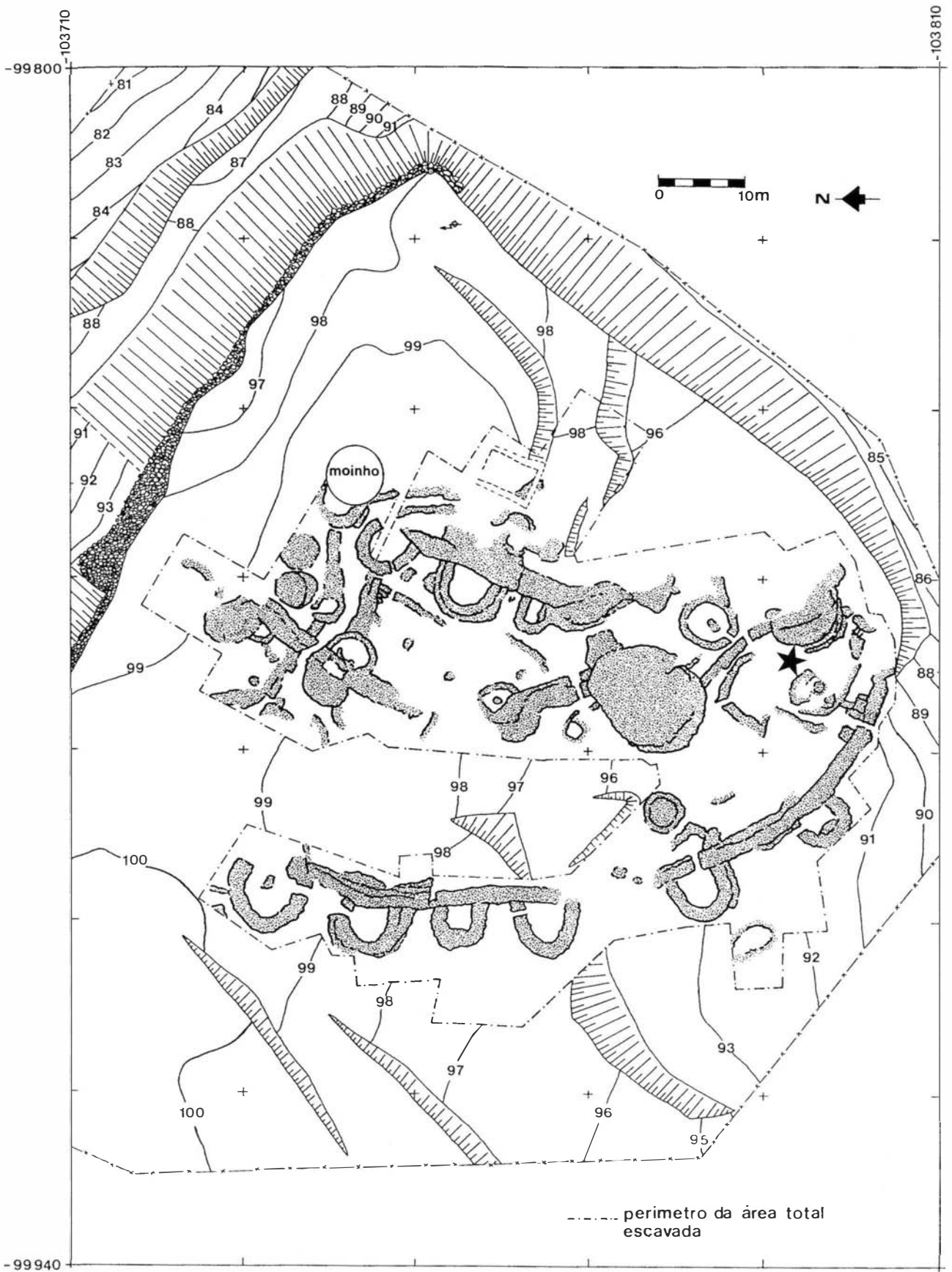


Fig. 1 – Leceia 1983-1995. Planta geral esquemática das principais estruturas, com localização do achado do osso de cetáceo estudado.

impacto recente; porém, uma zona do referido lado conserva a superfície primitiva da peça, permitindo, deste modo, conhecer o seu comprimento original. Ambas as faces, correspondentes às duas tábuas do osso (Figs. 2 e 3), apresentam numerosos e profundos cortes não denunciando qualquer direcção preferencial; torna-se evidente que tais marcas foram produzidas por instrumento cortante, sem dúvida pesado, pois só assim seria possível a profundidade atingida por alguma delas, na tábua óssea. Considerando a camada recolhida, no conjunto da estratigrafia geral definida na estação (CARDOSO, 1989, 1994), torna-se claro que tais marcas poderiam ter sido produzidas tanto por machado de pedra polida como de cobre, actuando como cutelo, muito embora o cobre, na época, fosse ainda muito incipientemente utilizado.

4 – INTERPRETAÇÃO

É evidente que as marcas de corte ostentadas por esta peça não correspondem a nenhuma finalidade em si mesmas; a aleatoriedade e diversidade que evidenciam são apenas consequência de actividades executadas sobre as superfícies das tábuas ósseas, utilizadas, desta forma, como áreas de trabalho dormentes. Independentemente da natureza dos produtos manufacturados, a escolha desta superfície passiva ficar-se-ia a dever à preocupação com a não mutilação do gume dos machados, utilizados no corte, visto o osso ser menos duro do que tais artefactos. Trata-se, por conseguinte, de uma peça de ocasião, sem indícios de trabalho intencional a não ser o seccionamento de ambos os topos; o osso terá sido recolhido numa praia do estuário, em cadáver de cetáceo que tenha acidentalmente dado à costa, como ainda hoje por vezes acontece.

5 – COMPARAÇÕES

Em Portugal, um artefacto com funções idênticas foi assinalado na gruta do Escoural (SANTOS *et al.*, 1990). Trata-se de um fragmento da tíbia de *Equus caballus*. Recolhido no decurso de explorações ali realizadas na década de 1960, as indicações estratigráficas e, sobretudo, a patina e mineralização que ostenta, a par da natureza da espécie a que pertence – muito escassa no Neolítico e Calcolítico – faz crer em época paleolítica. As finas marcas que ostenta, na tábua posterior da diáfise tibial, indicam uma utilização da área passiva recorrendo a lâminas cortantes, por certo de sílex, dando credibilidade à hipótese de que os produtos ali manufacturados fossem peles, ou a produção de tiras de couro. Trata-se, pois, de marcas muito diferentes dos profundos e irregulares golpes patentados na peça de Leceia, correspondendo a impactes cortantes.



Fig. 2 – Osso de cetáceo de Leceia. Vista de uma das faces.



Fig. 3 – Osso de cetáceo de Leceia. Vista da face oposta à da Fig. 2. Observem-se as marcas de corte.

Conquanto não atribuível a bigorna, há ainda, a registar um extensa tábuia óssea, também pertencente a costela de cetáceo, recolhida no povoado pré-histórico de Alpena (Trafaria), com ocupação calcolítica.

Descrita por C. ZBYSZEWSKI (1977), observou-se, no lado utilizado, alisamento intencional, ostentando o outro, conservando a estrutura interior do osso, com os canais de Avers, vários cortes pouco acentuados.

A atribuição da placa a paleta, ou a suporte para o espalhamento de tintas destinadas a pinturas, poderia confirmar-se caso o “resto de corante vermelho observado numa ranhura do reverso” (ZBYSZEWSKI, 1977, p. 194) fosse inquestionavelmente da época da utilização do artefacto, o que não se pode demonstrar; trata-se de achado de superfície, pelo que a idade correspondente é, também, questionável.

6 – CONCLUSÕES

1 – Estuda-se uma peça óssea, do Calcólítico pleno do povoado pré-histórico de Leceia, aproveitando um segmento de costela de cetáceo, seccionada em ambos os topos, por certo recuperada em praia estuarina adjacente.

2 – As profundas, intensas e aleatórias marcas de corte indicam que a peça serviu de suporte ao corte de produtos com machado.

3 – Como elemento de comparação, há apenas a registar uma tíbia, de cavalo, cuja diáfise foi também aproveitada como área de trabalho, porém para finalidade diferente, com indicam as finas marcas conservadas.

4 – A provável paleta do povoado de Alpena (Trafaria), do outro lado do estuário do Tejo, sugere que as populações ribeirinhas pré-históricas aproveitavam o ossos dos cetáceos que, então como hoje, esporadicamente, davam à costa.

BIBLIOGRAFIA

- CARDOSO, J.L. (1989) – Leceia. *Resultados das escavações realizadas 1983-1988*. Câmara Municipal de Oeiras, 146 p.
- CARDOSO, J.L. (1994) – Leceia 1983-1993. Escavações do povoado fortificado pré-histórico. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, número especial. Câmara Municipal de Oeiras, 164 p.
- GOMES, M. Varela; CARDOSO, J.L. & SANTOS, M. Farinha dos (1990) – Artefactos do Paleolítico superior da gruta do Escoural. *Almansor*, 8, p. 15-36. Câmara Municipal de Montemor-o-Novo.
- ZBYSZEWSKI, G. (1977) – Três ossos de vertebrados quaternários. *Comunic. Serv. Geol. Port.*, 61, p. 191-194.

Estudos Arqueológicos de Oeiras,
5, Oeiras, Câmara Municipal, 1995, pp. 199-211

**DENTES DE TUBARÕES MIOCÉNICOS EM CONTEXTOS
PRÉ-HISTÓRICOS PORTUGUESES. ESTUDO COMPARADO DOS
MATERIAIS DE LECEIA (OEIRAS)**

João Luís Cardoso⁽¹⁾ & M. Telles Antunes⁽²⁾

1 – INTRODUÇÃO

São de há muito conhecidas ocorrências de dentes de tubarões miocénicos em estações arqueológicas onde, considerando as respectivas características geológicas, tais peças não poderiam naturalmente ocorrer. As primeiras referências, em Portugal, devem-se a Estácio da VEIGA (1886), em sepulturas colectivas calcólicas do Algarve. Não obstante a antiguidade de tais referências, no decurso das décadas seguintes não houve novos desenvolvimentos da questão. Na década de 1970, foram mostrados a um de nós (M.T.A.) pelo então responsável do Museu Municipal de Pedro Nunes (Alcácer do Sal) materiais arqueológicos provenientes da necrópole do Bronze do Sudoeste de Vale de Carvalho (Santa Catarina de Sítimos) entre os quais se reconheceram diversos dentes de tubarões miocénicos pertencentes a uma única espécie, cuja presença não poderia ser considerada acidental, visto o local corresponder a afloramentos paleozóicos. Mantiveram-se inéditos. Enfim, no decurso das escavações

⁽¹⁾ *Professor da Universidade Nova de Lisboa. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras. Sócio efectivo da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Associação Profissional de Arqueólogos.*

⁽²⁾ *Academia das Ciências de Lisboa. Director do Centro de Estudos Geológicos da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa.*

realizadas no povoado pré-histórico fortificado de Leceia (Oeiras) foram recolhidos três dentes de tubarões miocénicos, respectivamente em 1987, 1991 e 1994. As considerações que tais peças poderiam proporcionar foram a causa próxima da preparação deste estudo de conjunto sobre os dentes de tubarões miocénicos até ao presente recolhidos em Portugal em estações arqueológicas.

2 – ESTUDO DOS MATERIAIS

2.1 – Materiais recolhidos nas explorações de Estácio da Veiga no Algarve

Caverna da Sincera (Aljezur) – Trata-se de cavidade natural, de grandes dimensões, onde se recolheu “um grande dente de forma triangular com fina serrilha nos bordos lateraes” (VEIGA, 1886, p. 55). Não havendo referência a despojos humanos ou arqueológicos, persiste a dúvida deste dente fazer, de facto, parte dos terrenos miocénicos onde se abre a gruta. Tal hipótese é admitida por Estácio da Veiga; dentes idênticos, de depósitos arqueológicos das proximidades, poderiam ter esta origem. É o caso da necrópole de Aljezur, constituída por diversos poços escavados nos xistos paleozóicos, a seguir referida.

Necrópole de Aljezur – Em local adjacente à igreja matriz da Senhora da Alva (Aljezur), foram identificados os restos de uma necrópole neolítica, constituída por nove poços, verticais, abertos nos xistos carboníferos, com abundante espólio antropológico e arqueológico. Entre este, “dois pequenos dentes cuneiformes, sendo um d’elles serrilhado nas extremidades lateraes, os quaes represento na estampa D, sob os n.^{os} 15 e 16, e alguns de *Carcharodon megalodon*, reunidos ao empilhamento dos machados de pedra...” (VEIGA, 1886, p. 151). Os dentes representados na estampa referida suscitaram as seguintes observações:

N.^o 15 (Fig. 1, n.^o 1) – Fragmento de dente reduzido à cúspide e porção do talão distal e da parte mesial da coroa, tendo perdido a maior parte da raiz. A morfologia é típica do tubarão-tigre e, mais exactamente, da espécie muito comum no Miocénico: *Galeocерdo aduncus* Agassiz, 1843. Dada a estreita semelhança entre os dentes dos maxilares e da mandíbula, não é possível saber se a peça é superior ou inferior. Contudo, é possível afirmar que se trata de um dente lateral anterior (mesial). Na região de Lisboa – Setúbal, *G. aduncus* não parece comprovadamente assinalado no Aquitaniano, mas está presente desde o início da transgressão do Burdigaliano até o Tortoniano, inclusivé (parece mais escasso no Miocénico superior, sendo raríssimo no Messiniano da bacia de Alvalade (Sado) – dado inédito, Ausenda Balbino). Ocorre no Neogénico do Algarve e, em particular, em Olhos de Água (ANTUNES, 1979/80). A peça pode ter sido encontrada no Miocénico de Aljezur, como Estácio da VEIGA (1886, p. 153) sugere.

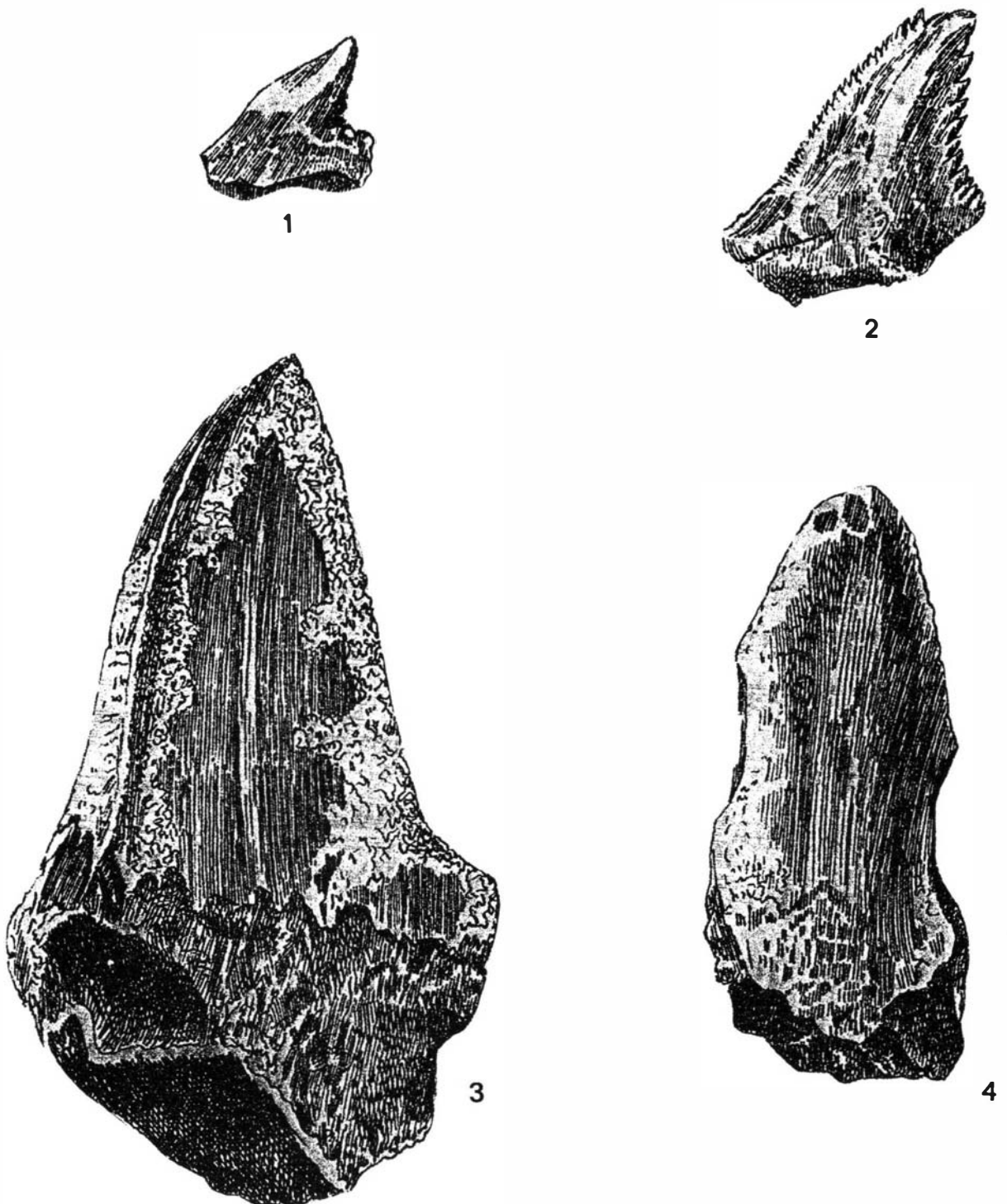


Fig. 1 – Dentes de tubarões miocénicos da necrópole pré-histórica de Aljezur (seg. E. da VEIGA, 1886, Est. D, n.º 15 a 18). 1 - Dente lateral anterior de *Galeocерdo aduncus* Agassiz; 2 - dente lateral superior esquerdo de *Hemipristis serra* Agassiz; 3 e 4 - dentes incompletos, talvez inferiores, de *Carcharocles megalodon* Agassiz. Todas à mesma escala (cerca de x2).

N.º 16 (Fig. 1, n.º 2) – Dente incompleto, mas inconfundível: lateral (afastado da comissura) superior, esquerdo, de *Hemipristis serra* Agassiz, 1843, espécie com repartição mundial no Miocénico, tornando-se muito rara, mas citada, no Pliocénico da Europa; comum no Pliocénico (e Miocénico) de Angola (cf. ANTUNES, 1978). São tubarões de água quente, ainda representados no Oceano Índico, mais estenotérmicos do que *Galeocерdo*. Representados no Miocénico de Lisboa – Península de Setúbal desde o Burdigaliano III até o Tortoniano (raramente) ou seja, como *Galeocерdo*. Idem nas jazigas algarvias indicadas. Ausente no Messiniano da bacia de Alvalade (Sado).

N.ºs 17 e 18 (Fig. 1, n.ºs 3 e 4) – 2 dentes muito mutilados de *Carcharocles megalodon* (Agassiz), talvez inferiores (pela coroa estreita, mas sem certeza alguma dada a má conservação), aparentemente corroídos, fracturados e (talvez) rolados. Não parece provável a utilização como serra ou, em geral, para cortar, pelo homem. Podem provir do Miocénico de Aljezur.

Com efeito, julga-se despropositada a atribuição a instrumentos de tais peças, feita por Estácio da Veiga; o estado de desgaste das serrilhas dentárias, que sugeria a referida utilização, dever-se-á a rolamento natural, tal como foi observado no exemplar da Fig. 3, n.º 3, de Leceia. Do mesmo modo, o aproveitamento como polidor, de exemplar de *Carcharocles megalodon* (VEIGA, 1886, Est. D, n.º 18), sugerido por dois entalhes laterais “para mór segurança dos dedos” (p. 152) é contrariada pela própria natureza da superfície do esmalte dentário, a qual não ostenta o mínimo sinal de tais acções; outrossim, é lícito ver-se nos afeiçoamentos, embora sumários, referidos por Estácio da Veiga, a preocupação de assegurar a fixação de tais peças a um suporte (colar, cinto), como elementos de adorno, à semelhança do verificado em dois exemplares de Leceia (Est. 3, n.ºs 3 e 5). A utilização de tais peças como elementos de adorno na indumentária não exclui, porém, uma função como amuleto ou na prevenção da doença (VEIGA, 1886, p. 153).

Monumento megalítico de Nora (Cacela) – Este megálito, explorado por Estácio da Veiga, integra-se também pelo espólio, no Neolítico final; nele se recolheram dois dentes de tubarões miocénicos, atribuídos pelo autor a *Carcharodon megalodon*. Não se localizaram (1994, Dezembro), nas colecções conservadas no Museu Nacional de Arqueologia, para onde foram transferidas todas as peças das explorações algarvias de Estácio da Veiga, no tempo de Leite de Vasconcelos.

Tholos de Marcela (Cacela) – Este monumento funerário calcolítico continha, entre o espólio exumado por Estácio da Veiga, ao menos um dente de tubarão miocénico, a crer no registo da peça com o número de inventário MARC.985.48.2 conservada no Museu Nacional de Arqueologia. É de admitir, porém, que se trate de um dos exemplares não localizados do monumento de Nora; assim se explicaria, também, o

facto de Estácio da Veiga não ter feito qualquer referência à ocorrência de tal peça neste *tholos*, o que contrasta singularmente com o cuidado com que descreve os exemplares de outras estações algarvias.

Trata-se de dente lateral superior direito de tubarão-anequim, *Isurus hastalis* (Agassiz). A espécie, essencialmente miocénica e com repartição mundial, atingiu o Pliocénico. No Miocénico de Lisboa – Península de Setúbal é desconhecida no Aquitaniano, raríssima até o Serravaliano, quando se torna comum, persistindo no Tortoniano. Espécie de águas temperadas a moderadamente quentes, a julgar pelas formas actuais afins e pelos contextos em que ocorre no estado fóssil. Indivíduos enormes em Olhos de Água (Alvor) e Santa Maria (Açores). Pode, igualmente, provir dos arredores de Cacela.

Esta espécie coexiste com *Isurus desori*, este próximo (ou difícil de distinguir pela dentição) do anequim actual, *I. oxyrinchus*. Com efeito, a possibilidade de observar a dentição de espécimes actuais de grande porte (comprimento \approx 3.30 m), raros nos mares de hoje, deixa a dúvida sobre se *I. hastalis* não corresponderá apenas aos maiores *I. desori* / *I. oxyrinchus*. Na actualidade, a escassez de recursos alimentares em mares submetidos a sobre-pesca e a captura e morte nas grandes redes para atuns, devem praticamente eliminar a possibilidade de atingirem tamanho tão grande: morrem antes disso.

2.2 – Necrópole de cistas do Bronze do Sudoeste de Vale de Carvalho (Santa Catarina de Sítimos)

O espólio exumado nesta necrópole mostra que se trata de estação pertencente ao Bronze I do Sudoeste (ARRUDA *et al.*, 1980). O estudo dos materiais desta estação foi efectuado por SCHUBART (1975); posteriormente, na sequência de outros achados fortuitos, que revelaram quatro núcleos sepulcrais, publicaram-se novos materiais (ARRUDA *et al.*, 1980). Porém, em nenhum daqueles trabalhos é referida a existência de dentes de tubarão, ali recolhidos e conservados no Museu Municipal de Pedro Nunes, em Alcácer do Sal. Trata-se de um conjunto de cinco dentes de *Carcharias taurus* Rafinesque, de tamanho e formato análogo, todos anteriores (mesiais) e, provavelmente, inferiores (Fig. 3, n.º 1). Nenhum ostenta afeiçãoamento; porém, dos cinco, apenas um possui a zona de inserção conservada o que sugere que tal volume teria sido intencionalmente eliminado, por forma a facilitar a fixação, engaste ou encastoamento de tais peças em elemento de adorno (colar, pulseira, ou outro), à semelhança de exemplares de Leceia.

Desta forma, encontra-se comprovado o aproveitamento, na Idade do Bronze, deste tipo de peças, na indumentária ou em quaisquer outros fins, já apontados. Como em outros casos, os dentes miocénicos recolhidos na necrópole de Vale de

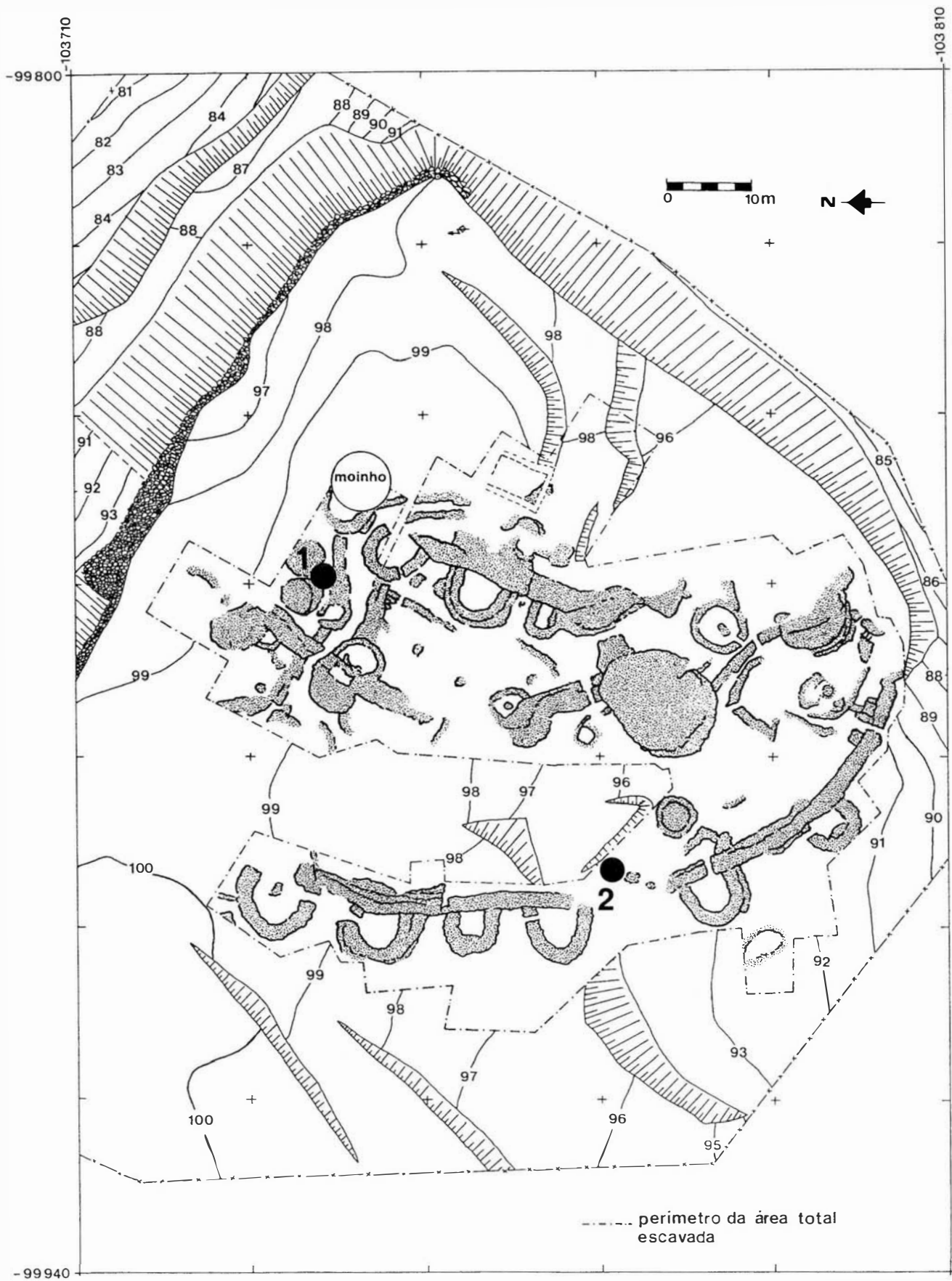


Fig. 2 – Leceia 1983-1995. Planta geral esquemática das principais estruturas, com localização dos dentes de tubarões miocénicos estudados.

Carvalho devem provir dos afloramentos miocénicos existentes nas proximidades (ANTUNES, 1983), mas não no local onde se situa a necrópole. Não deixa de ser curioso que na formação geológica donde provavelmente provêm – Formação de Alcácer do Sal – do Serravaliano superior, não tenha sido identificado qualquer dente desta espécie (*idem*, p. 18).

2.3 – Povoado pré-histórico fortificado de Leceia (Oeiras)

Os três dentes de tubarões miocénicos recolhidos cuja localização consta da Fig. 2, pertencem a três espécies diferentes, a saber:

2.3.1 – *Carcharocles megalodon* (Agassiz) (Fig. 2, n.º 1; Fig. 3, n.º 3)

Dente superior lateral esquerdo, incompleto na extremidade mesial. Exibe ligeiro rolamento e conserva polimento em áreas muito limitadas, assinaladas com setas na figura. Tal polimento teve por objectivo a regularização do bordo superior do dente, talvez para melhor fixação deste a um suporte, de natureza desconhecida.

Esta espécie de tubarão não é conhecida na região de Lisboa no Aquitaniano. Sendo escassa no Burdigaliano inferior, parece ser mais frequente no superior e no Langhiano, persistindo no Tortoniano. Como superpredador, a frequência é muito baixa relativamente a outras espécies, o que é compatível com vasta distribuição geográfica.

O exemplar em causa (Lc/87, QIV, C3) foi recolhido na Camada 3, atribuível ao Calcolítico inicial da Estremadura (CARDOSO, 1994).

2.3.2 – *Isurus hastalis* (Agassiz) (Fig. 3, n.º 4).

Dente anterior, inferior, mutilado na zona da raiz. Não exhibe afeiçãoamento.

Isurus hastalis é espécie aparentemente própria de águas moderadamente quentes a temperadas. Apresenta-se muito mal representada no Burdigaliano (raríssima no Burdigaliano terminal), tornando-se frequente no Serravaliano e no Tortoniano da região de Lisboa.

A peça provém, provavelmente, da Camada 2, pertencente ao Calcolítico pleno da Estremadura (CARDOSO, 1994). Com efeito, embora recolhida fora de contexto, a coloração negra do material terroso ainda aderente, dá credibilidade à referida atribuição estratigráfica.

2.3.3 – *Hemipristis serra* Agassiz (Fig. 2, n.º 2; Fig. 3, n.º 5; Fig. 4, n.ºs 1 a 4).

Dente superior esquerdo lateral, com a base eliminada por serragem, com polimento ulterior, assinalado por setas na Fig. 3, n.º 5 e vestígios de um furo, não concluído em uma das faces, assinalado por seta.

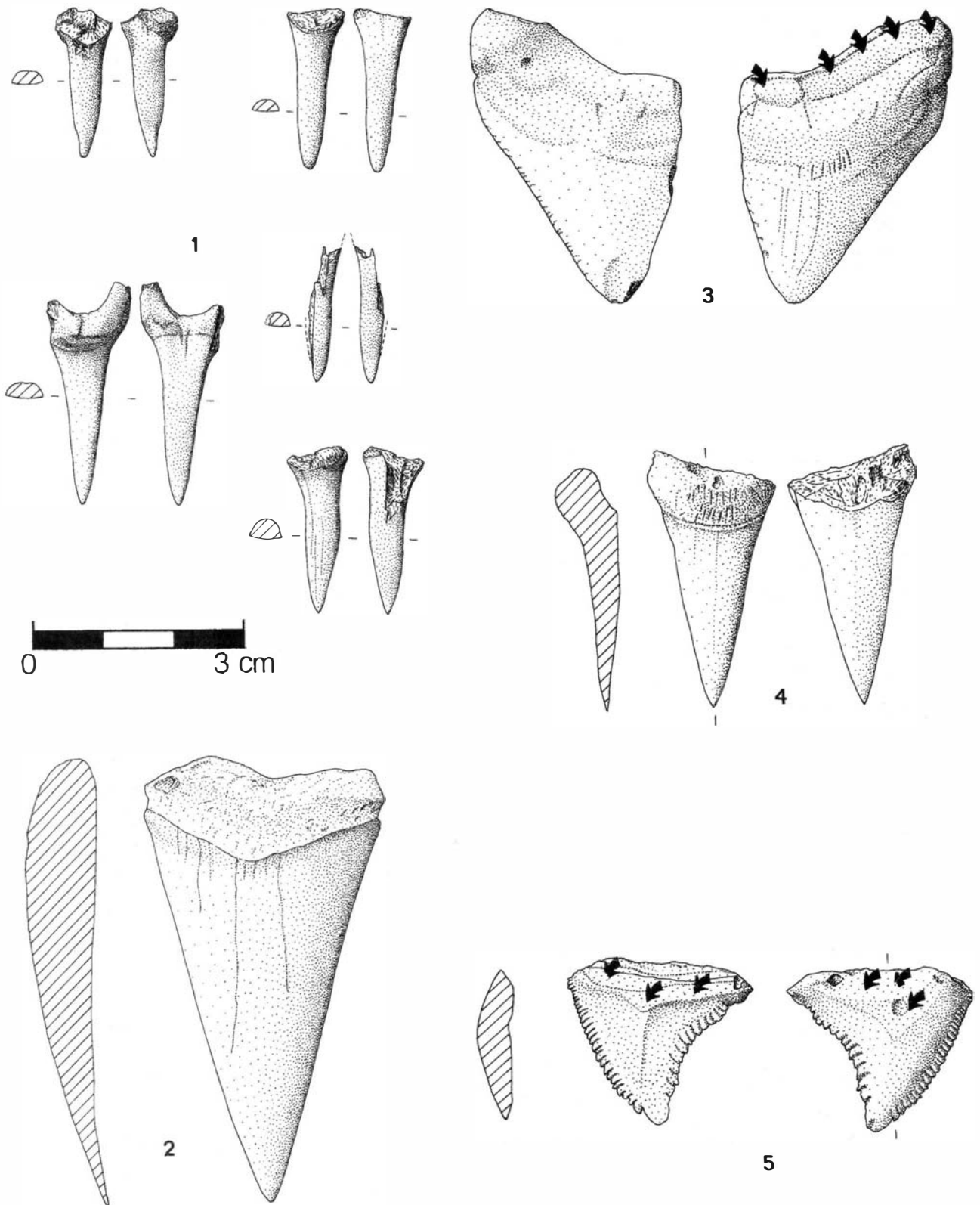


Fig. 3 – Dentes de tubarões miocénicos de estações pré-históricas portuguesas: 1 - conjunto de cinco exemplares mesiais e provavelmente inferiores de *Carcharias taurus* da necrópole do Bronze do Sudoeste de Vale de Carvalho, Santa Catarina de Sítimos; 2 - dente lateral superior direito de *Isurus hastalis* do tholos de Marcela, Cacela; 3 - dente superior lateral esquerdo de *Carcharocles megalodon* de Leceia (Lc/87, Q IV, C 3, Fig. 2, n.º 1). Assinalam-se com setas as áreas de polimento e desgaste intencionais; 4 - dente anterior inferior de *Isurus hastalis* de Leceia (Lc/94, C 2 [?]); 5 - dente superior esquerdo lateral de *Hemipristis serra* de Leceia (Lc/91, A Norte E L, C 4, Fig. 2, n.º 2). As áreas serradas e polidas encontram-se indicadas por setas.

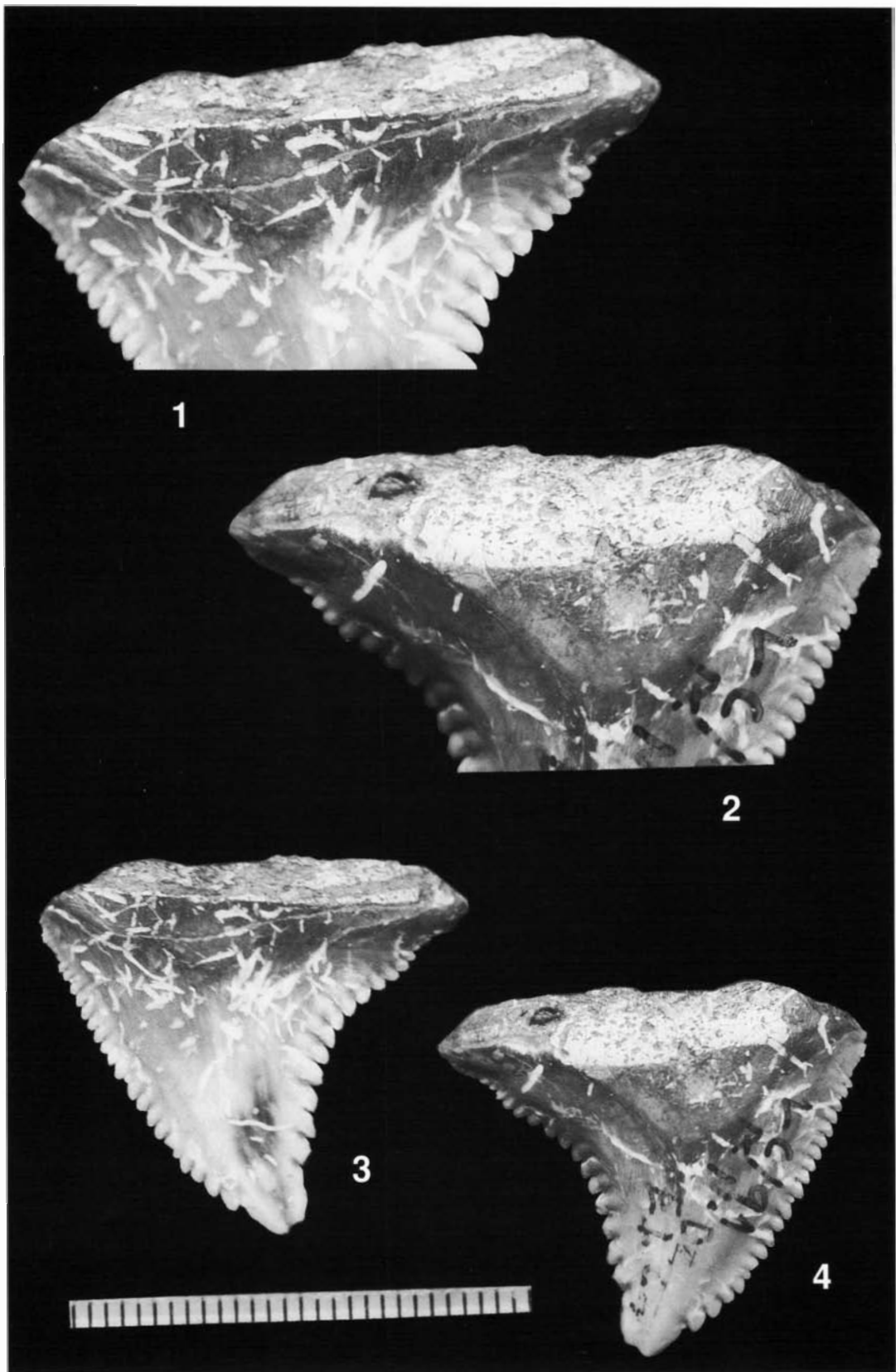


Fig. 4 – Dente superior esquerdo lateral de *Hemipristis serra*, com a base eliminada e regularizada por serragem, com polimento ulterior. Exemplar recolhido na Camada 4 (Neolítico final), a Norte de ER, em 1991 (para localização do achado, ver CARDOSO, 1994). Fotos de J. L. Cardoso. Escala em mm.

Hemipristis serra é espécie que é lícito supor característica de águas tropicais, por comparação com a distribuição dos representantes actuais.

Na região de Lisboa é desconhecida no Aquitaniano, tornando-se progressivamente frequente no decurso do Burdigaliano; no final deste andar é muito frequente. No Langhiano mantém a frequência, declinando fortemente a sua presença no Serravaliano; é rara no Tortoniano inferior.

O intenso afeiçoamento que este exemplar denota na base (Fig. 4, n.^{os} 1 a 4), explica-se, tal como no exemplar da Fig. 3, n.º 3, pelo facto de integrar elemento de adorno ou adereço no qual se encontrava incorporado.

A peça (Lc/91, A Norte de ER, C4) provém da Camada 4, integrável no Neolítico final (CARDOSO, 1994).

3 – DISCUSSÃO

3.1 – Proveniência dos exemplares

No Algarve, os afloramentos do Miocénico da região de Aljezur poderiam ter proporcionado a recolha dos exemplares noticiados por Estácio da Veiga, provenientes das sepulturas do tipo silo existentes junto da povoação. A mesma explicação poderia também justificar a ocorrência dos restantes exemplares mencionados por aquele autor no Algarve oriental. Os exemplares da necrópole da Idade do Bronze de Vale de Carvalho provêm, forçosamente, de outro local (existente nas proximidades), visto a necrópole se implantar em zona de afloramentos paleozóicos.

No que a Leceia diz respeito, os três dentes de tubarões miocénicos ali encontrados, também provenientes de outro local, visto o substrato geológico ali aflorante corresponder a calcários duros, sub-cristalinos, do Cretácico (Cenomaniano) – denunciam origens ou, pelo menos, níveis estratigráficos diferentes, por distintas serem, também, as características ecológicas preferenciais das respectivas espécies. Assim, enquanto *Hemipristis* é típico de águas tropicais quentes, *Isurus* ocorre em águas mais temperadas.

Considerando a distribuição dos afloramentos miocénicos na região ribeirinha do Tejo, verifica-se que a zona de Oeiras – Carcavelos, onde predominam afloramentos do Burdigaliano médio recolhe mais possibilidades de ser aquela de onde provêm, em conjunto, os exemplares em estudo, abarcando a zona da Estação Agronómica Nacional, para Sul, até S. Julião da Barra e, para Norte, até à povoação de Arneiro (distância média de 5 km da estação arqueológica, perfeitamente aceitável no âmbito do território de captação de recursos respectivo).

3.2 – Utilização dos exemplares

A atribuição a serras, que Estácio da Veiga propôs para os exemplares de dentes de tubarão miocénicos algarvios, exumados em diversos monumentos sepulcrais pré-históricos, não é defensável à luz dos critérios actuais. É provável que o pretendo desgaste, observado por aquele arqueólogo em alguns exemplares, se deva, antes, a rolamento marinho. O aproveitamento pelo homem pré-histórico destas peças, através de afeiçãoamento, por serragem e polimento, só ficou plenamente demonstrado através de dois dos três exemplares recolhidos em Leceia. Exemplares desprovidos de afeiçãoamento poderiam, sem embargo, ser utilizados para fim idêntico ao daqueles. Com efeito, pela forma bizarra, e aspecto particular, conferido pelo esmalte dentário, e ainda pelas colorações atractivas que possuem, tais peças teriam, naturalmente, despertado o interesse do homem pré-histórico, justificando a sua procura e colheita nas áreas adjacentes aos locais onde habitava ou sepultava os seus mortos.

É, pois, provável, que fossem essencialmente utilizados como adereços, isoladamente ou integrando peças mais complexas, como braceletes, colares, ou cintos; nesse sentido, a serragem ou polimento, sempre na base, ou, simplesmente, a ablação desta, por fractura, como se observa em um exemplar de Leceia e em quatro dos cinco da necrópole de Vale de Carvalho, destinar-se-ia a facilitar a referida fixação ou encastamento, em suporte de madeira, de osso, ou de couro. Neste âmbito, a comparação com exemplares usados em colares e braceletes, como os expostos na secção etnográfica do Museu da Périgueux (observados por J.L.C. em Abril de 1995), provenientes da Oceania, reveste-se de evidente interesse e significado. O aproveitamento destas peças em adereços não exclui, porém, a sua utilização isolada. Nesta medida, pode aceitar-se que valeriam *per si*; como objectos exóticos e raros que eram, poderiam ser usadas como amuletos ou simples peças de colecção, como um exemplar de *Carcharocles megalodon* recolhido em um contexto paleolítico na gruta de Gerde, Hautes - Pyrénées, França (IMBERT, 1987), ou dois outros, provenientes da gruta de Duruthy, Landes, França, de época magdalenense (LARTET & DUPARC, 1874).

4 – CONCLUSÕES

Este trabalho conduziu às seguintes conclusões gerais:

1 – Os dentes de tubarões miocénicos encontrados desde o século passado em necrópoles neolíticas, calcolíticas e da Idade do Bronze do Sul do País, aparentemente desprovidos de afeiçãoamento, sem prejuízo de valerem, por si só, como objectos de carácter mágico-simbólico, atendendo às suas características peculiares, poderiam ser utilizados como elementos de adorno. Porém, a indefinição do seu uso manteve-se até ao presente. O achado de três exemplares em Leceia, dois deles pos-

suindo afeiçãoamento na base, vem demonstrar o encastoamento ou fixação a suportes de couro, madeira ou outro material, transformando-os, deste modo, em adereços ou elementos de indumentária (braceletes, colares). Cada um deles provém, respectivamente, das três fases culturais identificadas na estação: Neolítico final; Calcolítico inicial; e, embora com reservas, Calcolítico pleno.

2 – A ocorrência de tais peças nas estações arqueológicas inventariadas é explicada por recolhas feitas local ou regionalmente pelo Homem pré-histórico. Com efeito, os exemplares dados a conhecer por Estácio da Veiga (de Aljezur ou da região de Cacela) provém, naturalmente, de afloramentos situados nas proximidades imediatas das necrópoles onde foram encontrados. As três peças recolhidas em Leceia, tal como as cinco da necrópole de Vale de Carvalho teriam, no entanto, de ser procuradas a maiores distâncias, visto que, no local de implantação daqueles dois arqueossítios afloram unidades geológicas mais antigas que as correspondentes à ocorrência de tais fósseis. Assim, enquanto que, em Vale de Carvalho, a Formação de Alcácer do Sal, do Serravaliano superior apenas se encontra bem exposta na região da vila do mesmo nome, o que não significa, forçosamente, que tenha sido ali local de recolha das peças em causa, no caso de Leceia são várias as possibilidades. A que se afigura mais provável corresponde à zona que, tendo como centro os terrenos da Estação Agronómica Nacional (cerca de 5 Km de Leceia), se estende para Sul e para Norte, respectivamente até o litoral (S. Julião da Barra) e à povoação do Arneiro. Note-se que, embora não incompatíveis com o mesmo local de recolha, os dentes pertencem a espécies de paleoecologia diversa, sugerindo colheitas a níveis estratigráficos distintos.

AGRADECIMENTOS

Ao Director do Museu Nacional de Arqueologia, Dr. Francisco Alves, e à Dra. Olinda Sardinha, por terem autorizado e facilitado a observação (a J.L.C.) do exemplar do *tholos* de Marcela, ali conservado.

Ao Director do Museu Municipal de Pedro Nunes, de Alcácer do Sal, Dr. João Carlos Faria, pelas facilidades concedidas aos autores no acesso e estudo dos exemplares da necrópole de Vale de Carvalho, outrora observados por um de nós (M.T.A.): ao antigo responsável daquele Museu, Sr. Fernando Gomes, endereçam-se, por isso, idênticos agradecimentos.

Ao Senhor Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, Dr. Isaltino Morais, pelos inequívocos apoios que têm permitido a um de nós (J.L.C.) publicar os materiais do povoado pré-histórico de Leceia, em cuja linha de trabalhos este estudo se insere.

BIBLIOGRAFIA

- ANTUNES, M. Telles (1978) – Faunes ichthyologiques du Neogène supérieur d'Angola, leur âge, remarques sur le Pliocène marin en Afrique australe. *Ciências da Terra (UNL)*, 4, p. 59-90.
- ANTUNES, M. Telles (1979/80) – Vertebrados miocénicos de Olhos de Água (Algarve), interesse estratigráfico. *Bol. Mus. Lab. Min. Geol. Fac. Ciênc. Lisboa*, 16, p. 343-352.
- ANTUNES, M. Telles; BIZON, G.; NASCIMENTO, J. & PAIS, J. (1981) – Nouvelles données sur la datation des dépôts miocènes de l'Algarve (Portugal), et l'évolution géologique régionale. *Ciências da Terra (UNL)*, 6, p. 153-168.
- ANTUNES, M. Telles, Coordenação de (1983) – *Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50000. Notícia explicativa da Folha 39-C (Alcácer do Sal)*. Serviços Geológicos de Portugal. Lisboa.
- ANTUNES, M. Telles & JONET, S. (1973) – Requins de l'Helvétien supérieur et du Tortonien de Lisbonne. *Rev. Fac. Ciências Lisboa*, 2.^a Série, C, 16 (1), p. 119-280.
- ARRUDA, A. M.; GONÇALVES, V.; GIL, F. Bragança & FERREIRA, G. (1980) – A necrópole da Idade do Bronze do monte de Vale de Carvalho (Sítimos). *CLIO – Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*, 2, p. 59-66.
- CARDOSO, J. L. (1994) – *Leceia 1983-1993. Escavações no povoado pré-histórico. Estudos Arqueológicos de Oeiras*, número especial, 164 p.
- IMBERT, A. (1987) – Une curieuse énigme : une dent de requin tertiaire dans la grotte de la Carrière à Gerde. In *La grotte de Gerde (Hautes - Pyrénées) site préhistorique et paléontologique* (A. Clot, dir.), p. 170-171. Société Ramond. Bagnères-de-Bigorre.
- LARTET, L. & DUPARC, C. (1874) – Sur une sépulture des anciens troglodytes des Pyrénées, superposée à un foyer contenant des débris humains associés à des dents sculptées de Lion et d'Ours. *Matériaux pour l'histoire primitive et naturelle de l'Homme*, 10 (5), p. 101-167.
- SCHUBART, H. (1975) – *Die Kultur der Bronzezeit in Sudwesten der Iberischen Halbinsel*. Madrider Forschungen, 9. Walter de Gruyter & Co.. Berlin.
- VEIGA, S. P. M. Estácio da (1886) – *Antiguidades monumentaes do Algarve. Tempos prehistóricos*, 1, 305 p., Imprensa Nacional. Lisboa.

Estudos Arqueológicos de Oeiras,
5, Oeiras, Câmara Municipal, 1995, pp. 213-232

OS ÍDOLOS FALANGE DO POVOADO PRÉ-HISTÓRICO DE LECEIA (OEIRAS). ESTUDO COMPARADO

João Luís Cardoso⁽¹⁾

1 – INTRODUÇÃO

As escavações arqueológicas realizadas desde 1983 no povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras) conduziram à recolha de importante conjunto de ideobjectos, de osso e de pedra os quais, quando exaustivamente publicados, constituirão uma importante fonte documental a nível do Neolítico e Calcolítico peninsulares.

O presente trabalho refere-se a uma categoria de tais objectos, já bem documentada noutros arqueossítios do Centro e Sul de Portugal: os “ídolos-falange”, representados em Leceia por três exemplares; as comparações que possibilitaram com outros, bem como as conclusões delas decorrentes, estão na origem da sua apresentação monográfica.

2 – CONDIÇÕES DE JAZIDA

As três peças foram recolhidas na Camada 2, integrável no Calcolítico pleno da Estremadura (CARDOSO, 1994). No contexto da área escavada, provêm dos seguintes locais (indicados na Fig. 1):

⁽¹⁾ *Professor da Universidade Nova de Lisboa e Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras. Sócio efectivo da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Associação Profissional de Arqueólogos.*

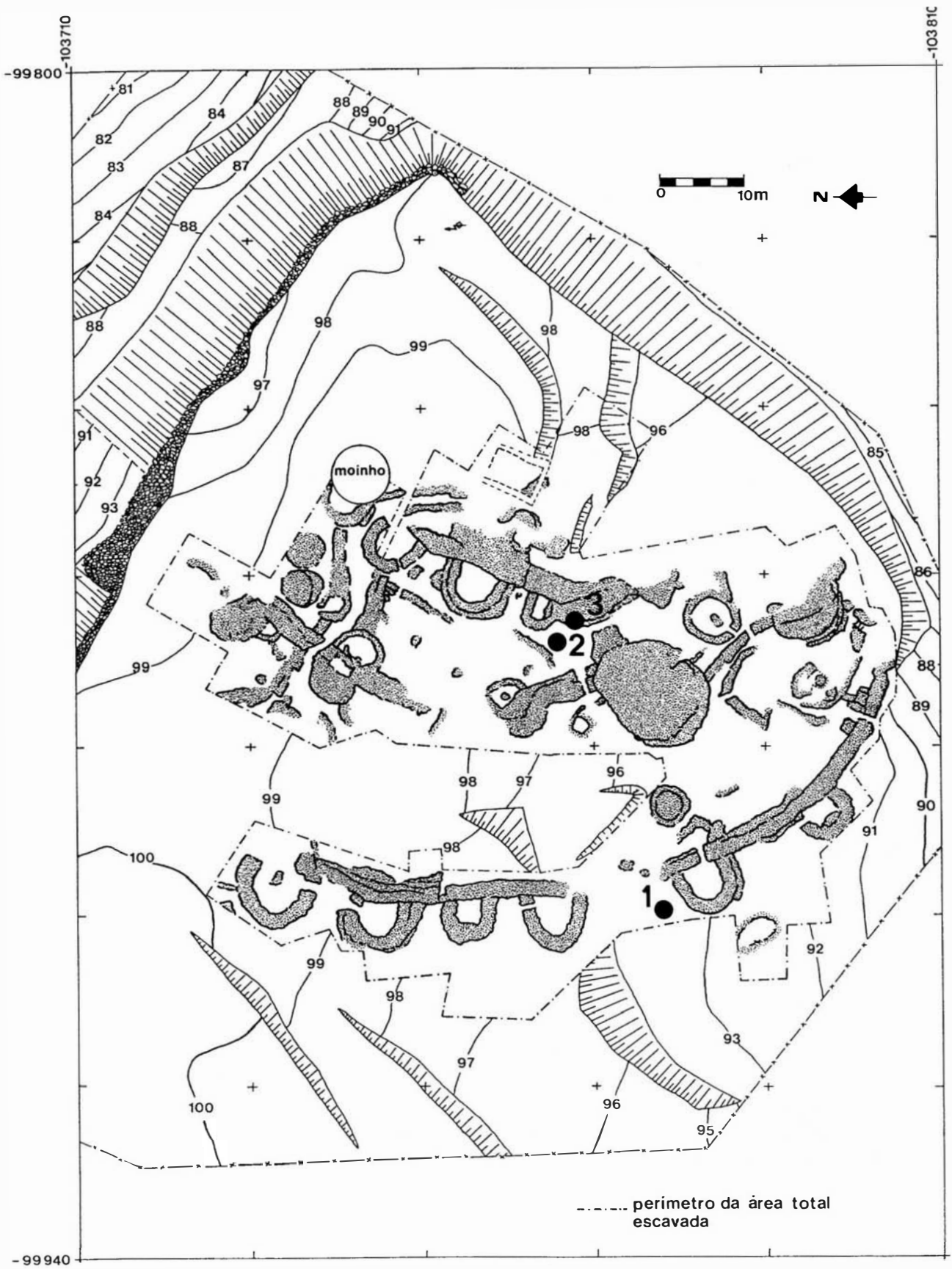


Fig. 1 – Leceia 1983-1995. Planta geral esquemática das principais estruturas, com localização da proveniência das peças estudadas, todas do Calcolítico pleno (C.2). 1 - Lc/91, EO, C2; 2 - Lc/89, TT, C2; 3 - Lc/87, CC1, C2.

Exemplar n.º 1 (Fig. 2, n.º 3) – recolhido em 1987 junto ao Reforço CC1, integrado na 3.ª linha defensiva, delimitando a Entrada CC2.

Exemplar n.º 2 (Fig. 2, n.º 2) – recolhido em 1989 sobre o Lageado TT, o qual se desenvolve em zona adjacente de CC1.

Exemplar n.º 3 (Fig. 2, n.º 1) – recolhido junto do Bastião EO, adossado à Muralha EH, da 1.ª linha defensiva, em 1991.

3 – DESCRIÇÃO DE PEÇAS

Exemplar n.º 1 (Fig. 2, n.º 3) – falange posterior de cavalo (*Equus caballus*) sumariamente afeiçãoada, por polimento, na face posterior da superfície articular distal e nas extremidades proximais da mesma face (superfícies aplanadas por polimento), bem como na zona mesial da diáfise, de forma mais discreta (apenas ligeiro brilho) na face anterior da peça.

Exemplar n.º 2 (Fig. 2, n.º 2) – falange de cavalo (*Equus caballus*), intensamente polida em toda a superfície, especialmente nos bordos lateral e mesial da diáfise, tendo em vista o seu adelgaçamento (acentuando a forma antropomórfica), e nas duas extremidades, em particular na superfície articular distal (face posterior) e em todo o bordo da superfície articular proximal, por forma a obter a sua regularização, talvez para aumentar a estabilidade da peça, quando assente por tal superfície.

Exemplar n.º 3 (Fig. 2, n.º 1) – pequeno fragmento da falange de cavalo (metade da extremidade articular distal), decorada por linhas incisivas correspondendo ao prolongamento das “tatuagens faciais” que teriam existido na face anterior, em falta.

4 – COMPARAÇÃO E DISCUSSÃO

Os exemplares de Leceia integram ambos os grupos mais gerais de “ídolos-falange”, estando, com efeito, ali presentes, um exemplar com ornatos gravados e outro liso, apenas afeiçãoado por desgaste e polimento. Porém, antes de entrarmos em análise tipológica mais fina, justificam-se algumas considerações sobre a forma, que é idêntica em ambos os grupos referidos.

A escolha de primeiras falanges de grandes mamíferos para uso como suporte de ideoartefactos deve-se, no essencial, à forma antropomórfica que naturalmente possuem e que se poderá encontrar em exemplares de diversas espécies, especialmente daquelas que, pela sua abundância, maior probabilidade de aproveitamento ofereciam. Assim, seriam passíveis de utilização primeiras falanges de suídeos, bovídeos, cervídeos e equídeos; de todas as famílias referidas, aquele segmento anatómico

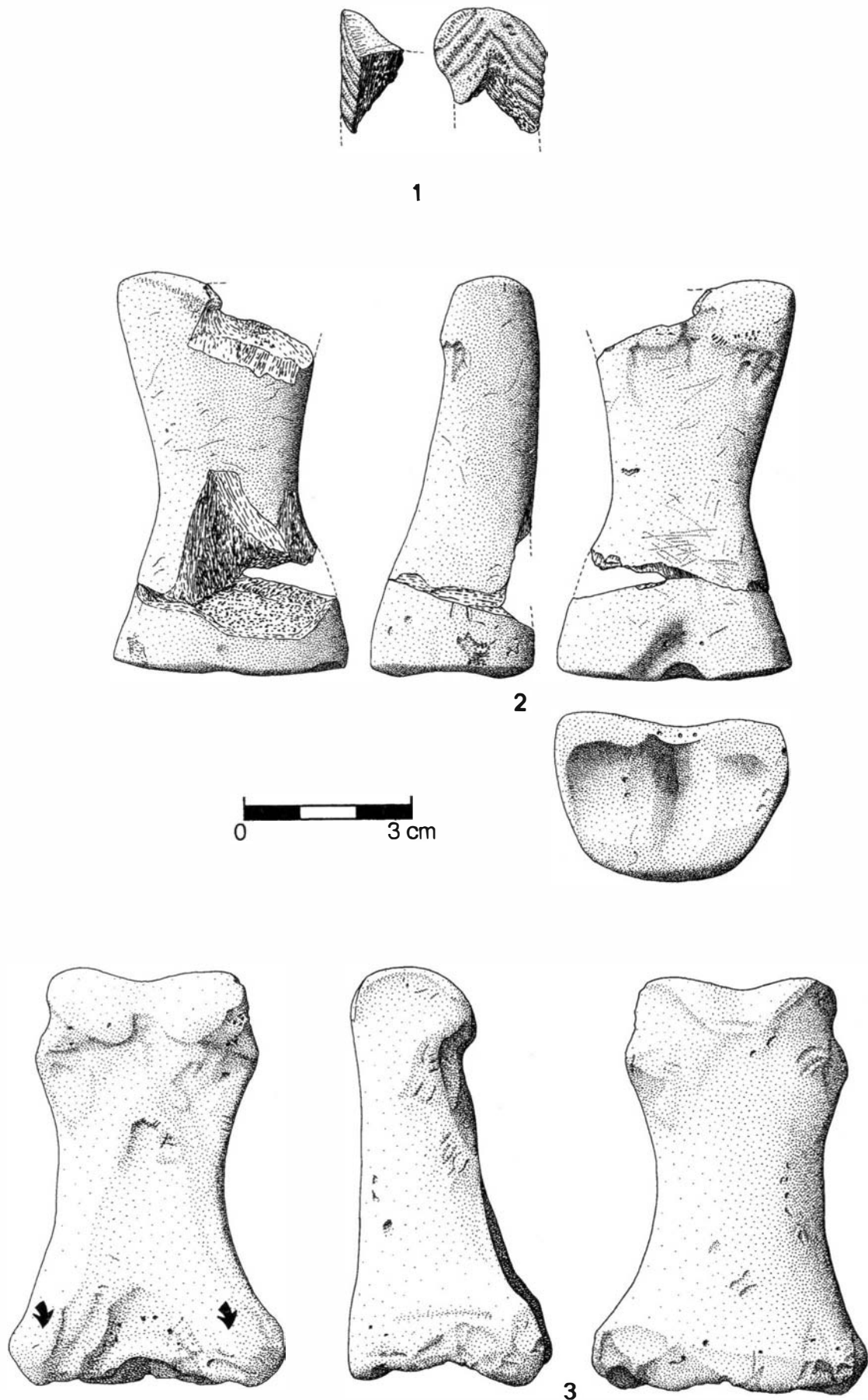


Fig. 2 – Falanges afeiçoadas por desgaste e polimento de Leceia, sendo uma gravada (1) e as restantes lisas (2 e 3). 1 - Lc/91, EO, C2; 2 - Lc/89, TT, C2; 3 - Lc/87, CC1, C2. A última é apenas sumariamente polida, especialmente nas zonas assinaladas por setas.

reveste-se de forma mais acentuadamente antropomórfica na última. Talvez por isso, não obstante a acentuada raridade de restos de equídeos no conjunto das jazidas neolíticas e calcolíticas portuguesas comparativamente aos dos outros grupos citados, tenham sido primeiras falanges daqueles animais as preferidas para a confecção de ideoartefactos. No concernente aos exemplares com afeiçoamento, foi considerada a seguinte subdivisão geral:

- exemplares, lisos, com ou sem pintura;
- exemplares gravados, com ou sem pintura.

A presença da pintura, valorizada por ALMAGRO-GORBEA (1973), não deve ser considerada na classificação, atendendo a que a sua conservação, sendo problemática e dependendo de factores exógenos, não poderá constituir elemento discriminante válido.

Nas comparações que se seguem, consideram-se, apenas, os exemplares executados, como os de Leceia, sobre primeiras falanges de equídeo.

O exemplar liso profundamente afeiçoado por polimento tem, até ao presente, nos oito da necrópole da Lapa da Bugalheira (Torres Novas), o paralelo mais expressivo (CARDOSO *et al.*, em publicação).

Este conjunto, encontrado “à esquerda da entrada da gruta” (PAÇO *et al.*, 1942, 1971, p. 36) ao qual haverá a acrescentar outras duas, “mais imperfeitas” (*op. cit.*, 1971, p. 35) constituirá muito provavelmente um pequeno altar, de finalidade comparável ao que foi identificado na gruta do Correio-Mor (Loures) (CARDOSO *et al.*, 1995).

Outros paralelos para as peças lisas de Leceia, afeiçoadas por polimento registaram-se nos seguintes arqueossítios:

– *Tholos* da Serra da Vila (Torres Vedras) – um exemplar pouco ou nada afeiçoado (LEISNER, 1965, Est. 3, n.º 8);

– *Tholos* 4 de Trigaches (Loures) – um exemplar afeiçoado por polimento (LEISNER, 1965, Est. 18, n.º 28);

– Anta Grande do Olival da Pega (Reguengos de Monsaraz) – um exemplar afeiçoado por polimento (LEISNER & LEISNER, 1951, Est. 62, n.º 5);

– Gruta do Escoural (Montemor-o-Novo) – um exemplar polido (SANTOS *et al.*, 1991, Fig. 1), representado na Fig. 3, n.º 1; GOMES (1995) rebate a afirmação de outrém em trabalho recentemente publicado, que dava tal artefacto como desprovido de afeiçoamento, afirmação que facilmente se comprova ser infundada, em presença do exemplar em causa.

– Anta da Pedra Branca – Montum (Melides) – um exemplar liso, quase despro-

vido de afeiçoamento (FERREIRA *et al.*, 1975, Est. 3, n.º 51), representado na Fig. 4, n.º 3;

– *Tholos* 8 de Alcalar (Portimão) – um exemplar liso, aparentemente polido (LEISNER & LEISNER, 1943, Est. 77, n.º 9);

– Outro, da Penha Verde (Sintra); trata-se de peça lisa, sumariamente polida, recolhida na Casa 1 (ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1958, Est. 4, n.º 1), representado na Fig. 4, n.º 4.

No Zambujal (Torres Vedras) e Vila Nova de S. Pedro (Azambuja) é de aceitar que parte do material osteológico de *Equus caballus* (PAÇO, 1958, 1970), cuja percentagem não conhecemos, se possa reportar a falanges não afeiçoadas, o mesmo sucedendo com o espólio de *Equus caballus* do Zambujal (DRIESCH & BOESSNECK, 1976). Relativamente a Vila Nova de S. Pedro, PAÇO, (1960, p. 116) declara que “há muitas dezenas destas falanges, sem o menor indício de trabalho intencional”; provavelmente, boa parte será de boi (*Bos taurus*), considerando a raridade do cavalo em contextos homólogos, como Leceia; obviamente, não poderão ser consideradas como ideo-artefactos.

Para o pequeno fragmento de exemplar polido e gravado por linhas incisais, obtiveram-se, em Portugal, os seguintes paralelos:

– Lapa da Bugalheira – dois exemplares polidos e gravados (PAÇO *et al.*, 1942, Fig. 2), representadas na Fig. 5, n.ºs 5 e 6;

– *Tholos* de S. Martinho (Sintra) – um exemplar polido e gravado (APOLINÁRIO, 1896, Fig. 6), representado na Fig. 5, n.º 2;

– Hipogeus de Vila Chã – Carenque (Amadora) – um exemplar polido e gravado (HELENO, 1933, Est. 8), representado na Fig. 5, n.º 4.

– Vila Nova de S. Pedro (Azambuja) – um exemplar polido e gravado (PAÇO, 1960, Fig. 4, n.º 30) representado na Fig. 4, n.º 5. O mesmo autor (PAÇO & JALHAY, 1939), refere-se a exemplar “com linhas onduladas pintadas a vermelho, e parecido com os de Carenque, S. Martinho de Sintra, Alcalar e Palmela” (p. 258), que foi recolhido por Hipólito da Costa Cabaço em 1936. Trata-se da mesma peça reproduzida por PAÇO (1960), embora o autor refira, para o exemplar em causa, apenas “restos de desenhos”, sem especificar se se trata de pinturas ou de gravuras. Pela representação de LEISNER (1965, Tf. 167), não restam dúvidas sobre a natureza gravada da decoração.

– Olelas (Sintra) – um exemplar polido e gravado (SERRÃO & VICENTE, 1958, Est. 9, n.º 3), representado na Fig. 5, n.º 3.

– *Tholos* 8 de Alcalar (Portimão) – um exemplar polido e gravado (GUERRA & FERREIRA, 1971, Est. 1).

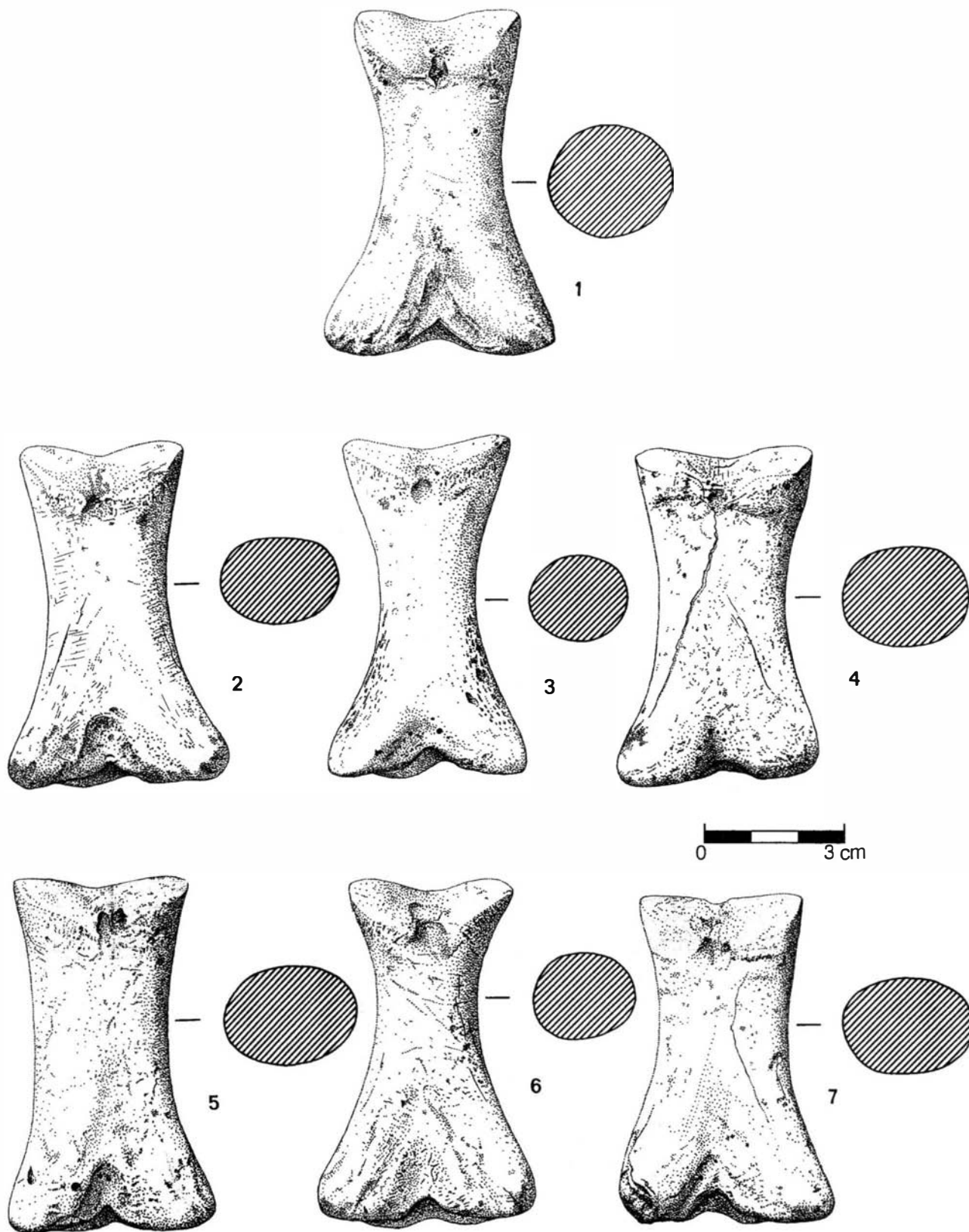


Fig. 3 – Em cima: falange de equídeo afeiçãoada por desgaste e polimento da gruta do Escoural (seg. SANTOS *et al.*, 1991). Ao centro e em baixo: falanges de equídeo afeiçãoadas por desgaste e polimento da lapa da Bugalheira (seg. CARDOSO *et al.*, em publicação, desenhos de C. Gaspar).

Os exemplares lisos nem sempre possuem afeição importante: as falanges dos sepulcros da Serra da Vila, de Conchadas e de Montum, bem como uma (Fig. 2, n.º 3) do povoado de Leceia, conservam as superfícies originais do osso em quase toda a sua extensão. Tal facto, poderia, até, justificar a sua exclusão do grupo dos ideoartefactos. Porém, os contextos, de carácter sepulcral, em que foram recolhidos os três primeiros, afastam tal hipótese. Já no respeitante ao último, as características habitacionais do contexto de que provêm, com abundantes restos faunísticos de grandes mamíferos utilizados na alimentação, impediria uma maior certeza, não fosse o ligeiro polimento que ostenta, a par da extrema raridade de equídeos na estação. Para esta peça, poder-se-ia aceitar a designação de “peças seleccionadas”, pela sua específica aparência antropomórfica, no sentido que GONÇALVES (1991) conferiu a tal expressão, e como tal aproveitadas, sendo eventualmente enriquecidas por pinturas, que não se conservaram.

Os exemplares lisos que ostentam maior trabalho possuem formas mais acentuadamente antropomórficas que as peças originais, obtidas por adelgaçamento da parte média (diáfise) das falanges, através de polimento, o qual se pode estender a ambas as extremidades.

Os exemplares decorados respeitam sempre uma temática decorativa uniforme e globalmente homogénea. Na face posterior da falange (anterior do ídolo) possuem, frequentemente, a representação de um par de “olhos solares”, por vezes encimados por “sobrancelhas”, mais frequentemente circundadas, lateral e inferiormente, por linhas onduladas e angulosas, paralelas – as “tatuagens faciais” – que se prolongam pela face anterior das falanges (posterior do ídolo), ocupando toda a metade superior desta, correspondente à “cabeça” do ídolo. Tal posição justificou a sua atribuição a cabelos ondulantes estilizados (ÅBERG, 1921, p. 42). A base é frequentemente desprovida de decoração.

O pequeno fragmento decorado de Leceia (Fig. 2, n.º 1) pertence à extremidade superior, conservando dela o côndilo articular distal esquerdo da falange respectiva. A superfície encontra-se sulcada por linhas incisivas, paralelas, correspondentes ao prolongamento lateral das “sobrancelhas” e das “tatuagens faciais” do ídolo, como acontece nos casos supra descritos; porém, a pequenez da peça impede maior rigor, mormente quanto à atribuição a equídeo. Com efeito, no território português está documentado o aproveitamento de primeiras e, até, de segundas falanges de outros animais, para a confecção de “ídolos-falange”.

Dentre as lisas, é de mencionar uma primeira falange de ovino ou caprino, afeiçãoada por polimento, recolhida por E.C. Serrão na Lapa do Fumo (Sesimbra), e conservada no Museu Municipal de Arqueologia de Sesimbra, onde a observámos.

Dentre as decoradas, destacam-se dois exemplares – uma primeira e uma segunda falanges – de *Bos taurus*, ambas de indivíduos subadultos (falta a epífise proximal) e

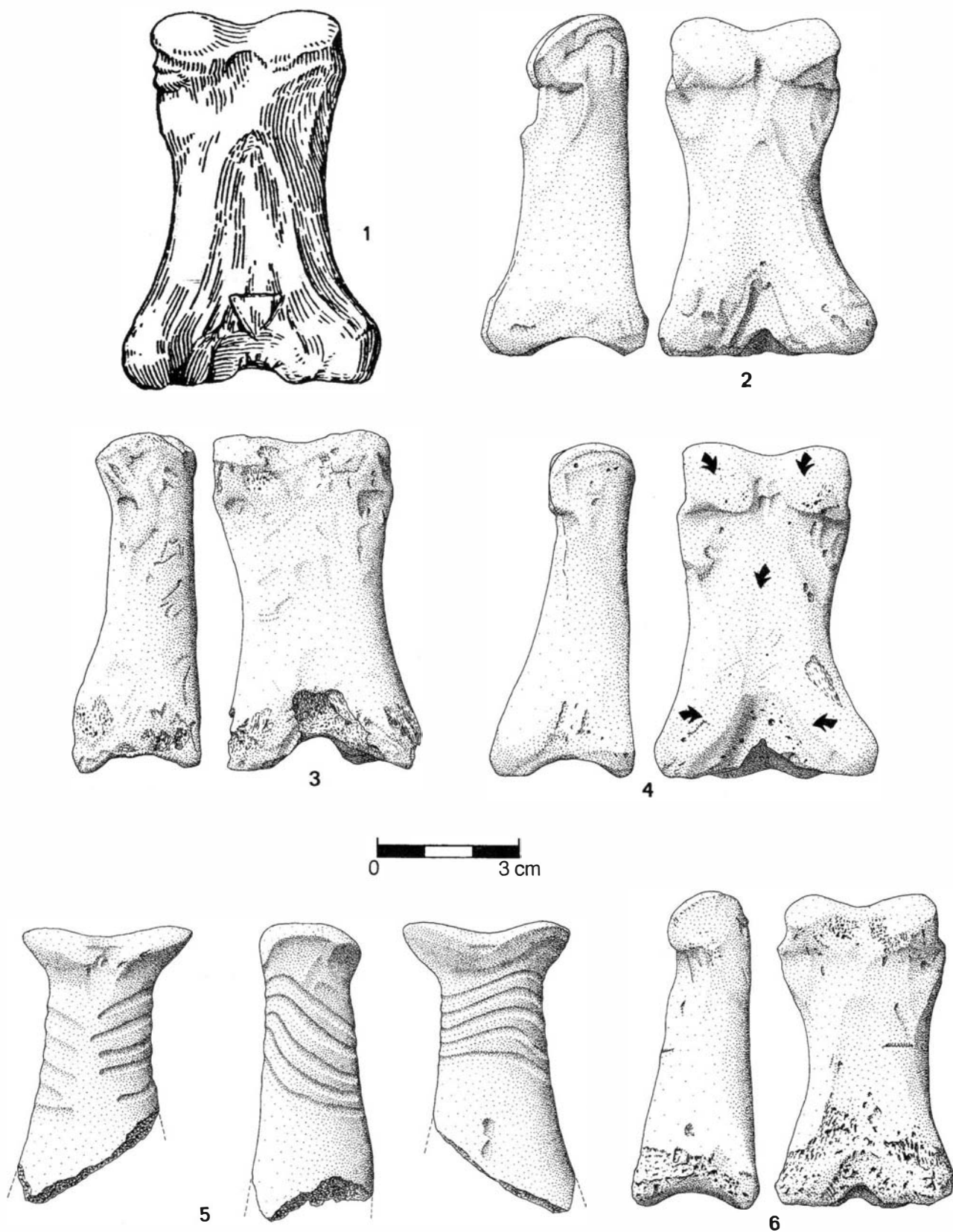


Fig. 4 – Falanges de equídeo de estações pré-históricas peninsulares. 1 - do *tholos* de Cabecito de Aguilar, com um triângulo invertido inciso (seg. LEISNER & LEISNER, 1943, Tf. 29); 2 - do concheiro mesolítico do Roquete, Salvaterra de Magos (inérito, col. IGM); 3 - do dolmen de Montum, Melides (desenho inérito, col. IGM); 4 - do povoado calcolítico da Penha Verde, Sintra (desenho inérito, col. IGM); 5 - do Castro de Vila Nova de São Pedro, Azambuja (desenho inérito, feito sobre reprodução de LEISNER, 1965, Tf. 167); 6 - do dolmen de Conchadas, Loures (desenho inérito, col. IGM). O ex. de Montum apresenta-se muito erodido; no da Penha Verde, assina-se o intenso polimento da face anterior; enfim, o de Conchadas, não é afeiçoado, mas a sua origem sepulcral não deixa dúvidas quanto à natureza ritual respectiva.

cuja origem foi atribuída a Leceia: o facto de serem exemplares isolados de uma colecção particular (a de Maxime Vaultier) impede, no entanto, quaisquer certezas quanto à aludida proveniência (ZBYSZEWSKI *et al.*, 1974). Na Lapa da Bugalheira exumou-se, em aparente associação com o conjunto referido, uma primeira falange de *Bos taurus*, igualmente afeiçãoada por polimento (PAÇO *et al.*, 1971, Est. X, n.º 133).

De diversas primeiras falanges de ovinos e/ou caprinos do Castelo de Santa Justa (Alcoutim), afeiçãoadas por polimento (GONÇALVES, 1991, Est. 105), uma exhibe, na superfície articular distal, um “olho solar” obtido por gravação. Fragmentos de duas outras primeiras falanges recolhidas naquele povoado fortificado do Algarve, de maiores dimensões, talvez de cervídeo (*Cervus elaphus*) exibem “sobrancelhas”, “olhos solares” e “tatuagens faciais” gravadas e, ainda, a novidade de, em uma delas, se poderem observar dois seios em baixo-relevo (GONÇALVES, 1991, Est. 106 e 223).

O atributo sexual referido permite, assim, relacionar estes ideofalanges antropomórficos com a omnipresente divindade feminina calcolítica, época à qual pertencem. Sob este aspecto, merece especial destaque uma falange de equídeo ostentando, na base, um triângulo invertido. Trata-se da representação do órgão sexual feminino, o que reforça a referida atribuição (Fig. 4, n.º 1). Os restantes atributos – “olhos solares”, “sobrancelhas”, “tatuagens faciais” – estão também associadas à Deusa, em outros tipos de suportes e de matérias-primas – dos vasos cerâmicos, e placas de xisto, aos cilindros de calcário.

Os “ídolos-falange” integram, geograficamente, os conjuntos calcolíticos da Estremadura, do Baixo Alentejo e do Algarve, estendendo-se à Estremadura espanhola e à Andaluzia. Falanges de equídeo afeiçãoadas foram encontradas nas sepulturas colectivas da região de Badajoz, em La Pijotilla (HURTADO, 1986, p. 99) e Huerta Montero (BLASCO & ORTIZ, 1991), na qual se recolheu, também uma falange de *Ovis* ou *Capra* com a gravação de “olhos solares” e “tatuagens faciais”. Na Andaluzia, estão presentes em Almizaraque e em Los Castellones (ALMAGRO-GORBEA, 1973, p. 157).

A concentração de “ídolos-falange” de equídeo na Estremadura portuguesa revela, por um lado, a pujante ocupação calcolítica desta região, com identidade cultural própria – o Calcólítico da Estremadura – e, por outro, a presença de equídeos, que a povoavam. Tem-se discutido se tais animais seriam selvagens ou já domésticos, optando alguns autores pela indefinição (DRIESCH, *in* ARNAUD, 1993, p. 44). A nossa opinião é a de que se trata de animais selvagens; de facto, não são conhecidos registos seguros de equídeos domésticos na Europa Ocidental antes do final do Calcólítico; acresce que a extrema raridade deste táxon nos inventários faunísticos calcolíticos estremenhos contradiz a hipótese de corresponder a animais domésticos. Tal escassez revelará, antes, as dificuldades de captura de tais animais, mais do que condições adversas à sua existência no estado selvagem. Com efeito, na Estremadura, no decurso do Plistocénico, o cavalo constituía uma espécie abundante (CARDOSO,

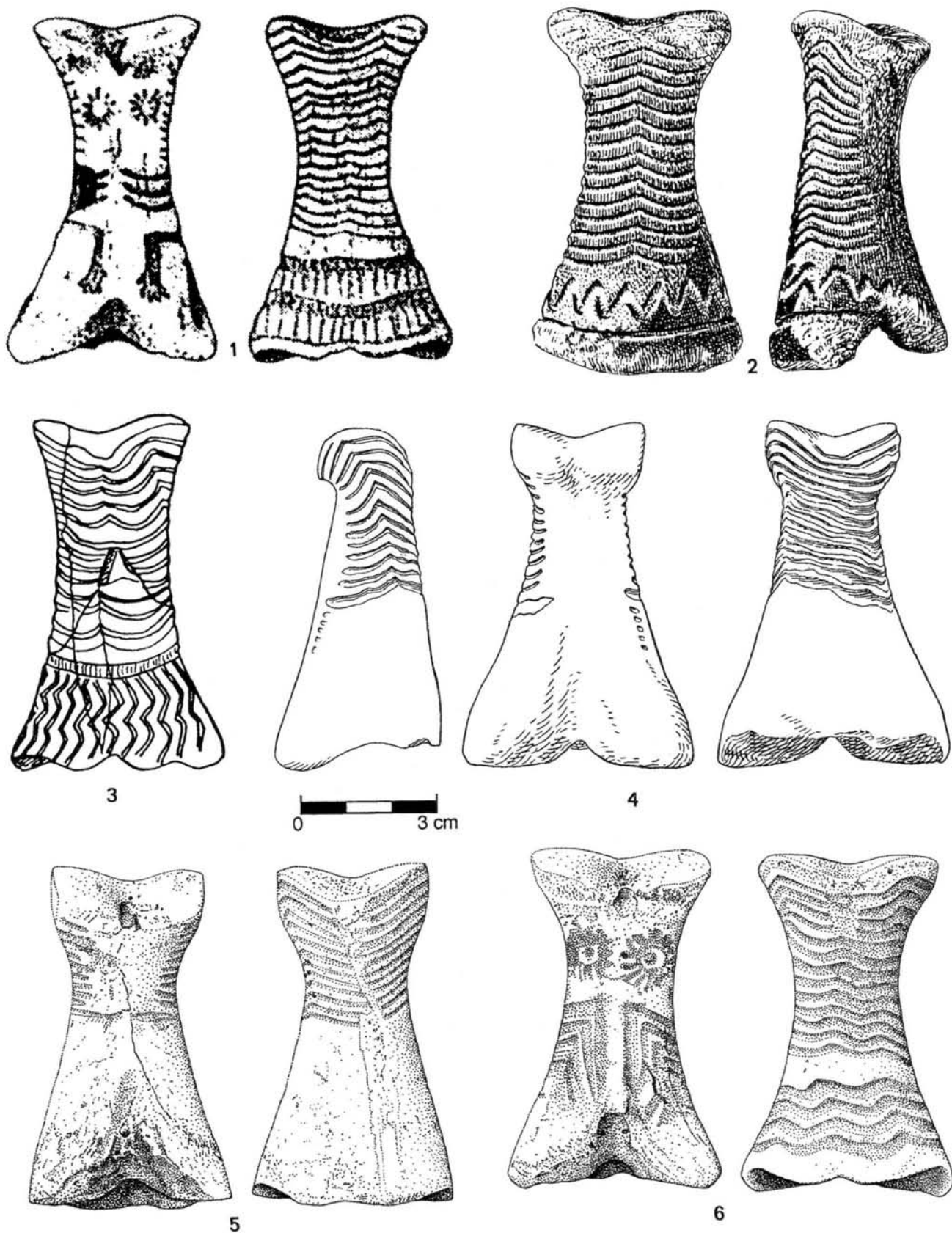


Fig. 5 – Falanges de equídeo afeiçoadas por desgaste e polimento e ulteriormente gravadas. 1 - da sepultura circular de La Pijotilha, Badajoz (seg. HURTADO, 1986); 2 - do *tholos* de S. Martinho, Sintra (seg. LEISNER, 1965, Tf. 30); 3 - do Castro de Olelas, Sintra (seg. GUERRA & FERREIRA, 1971); 4 - das grutas artificiais de Carenque, Amadora (seg. HELENO, 1933); 5 e 6 - da lapa da Bugalheira, Torres Novas (seg. CARDOSO *et al.*, em publicação, desenhos de C. Gaspar).

1993), não havendo razões para que, com o aquecimento do clima no pós-glaciário, tal situação se alterasse.

O recurso a falanges de outros animais – menos antropomórficas – como as do boi, veado, ovelhas, e cabras, tanto na Estremadura (apenas dois casos seguramente conhecidos, um, na gruta da Bugalheira, de *Bos*, outro na Lapa do Fumo, de ovino ou caprino) como no Alto Alentejo (povoado da Sala n.º 1, GONÇALVES, 1987, Fig. 6), no Algarve (GONÇALVES, 1991) e na Andaluzia, nas províncias de Almería e de Granada, documentados por abundantes exemplos (LEISNER & LEISNER, 1943), poderá indiciar a crescente raridade de equídeos naquelas regiões. Uma questão, não menos importante, se coloca, para a cabal compreensão destes materiais, a saber: que espécie (ou espécies) e subespécies de equídeos poderão ser-lhes atribuídas?

Se é certa a grande rarefacção (quase extinção) que o cavalo (*Equus caballus*) conheceu no Holocénico, além Pirinéus, a sua sobrevivência na Península Ibérica, ao menos nos seus domínios mais ocidentais e meridionais foi uma realidade. Tal facto poderá explicar-se pelo papel de área-refúgio oferecido por tais territórios a diversas espécies, bem conhecido no decurso do Plistocénico, onde sobreviveram muito depois de terem quase desaparecido noutras regiões (CARDOSO, 1993).

Com efeito, além da gravura integrada na fase epipaleolítica da arte rupestre do vale do Tejo (GOMES & CARDOSO, 1989), a presença do cavalo encontra-se documentada no Mesolítico do vale do Tejo (concheiros do Cabeço da Arruda (COSTA, 1865, Est. 6, n.º 6), do Cabeço da Amoreira (CORRÊA, 1933) e do Paúl de Magos (iné-dito, uma primeira falange representada, para efeitos comparativos na Fig. 4, n.º 2) e do Vale do Sado, no concheiro do Cabeço do Pez (ARNAUD, 1987, p. 61). No Neolítico e no Calcolítico há, igualmente, registo desta espécie em contextos habitacionais da Estremadura, do Alto e do Baixo Alentejo:

Na Estremadura – povoados de Vila Nova de S. Pedro (PAÇO, 1958, p. 75; 1970, p. 323); do Zambujal (DRIESCH & BOESSNECK, 1976); e de Leceia (escavações de J.L. Cardoso, resultados não publicados);

No Alto Alentejo – povoado dos Perdigões, Reguengos de Monsaraz (escavações de Mário Varela Gomes, resultados não publicados);

No Baixo Alentejo – povoados do Porto Torrão, Ferreira do Alentejo (ARNAUD, 1993), e do Monte da Tumba, Alcácer do Sal (ANTUNES, 1987, p. 132).

Para além do cavalo, há indicação da existência no Calcolítico de um pequeno equídeo, provavelmente um asinino, muito mais raro, cuja presença foi documentada apenas em Vila Nova de S. Pedro e no Monte da Tumba. Tratar-se-á de *Equus hydruntinus*, espécie actualmente extinta mas ainda sobrevivente no Holocénico, no Sul da Península Ibérica (UERPMANN, 1976), e aí presente até meados do século XVI (NORES & LIESAU, 1992). Para responder a tal questão, impunha-se estudo biométrico comparado.

QUADRO 1 – Medidas comparadas de primeiras falanges de equídeos de jazidas pré-históricas portuguesas

	(1) Comprimento máximo	(2) DT proximal	(3) DAP proximal	(4) DT diáfise	(5) DAP diáfise	(6) DT distal	(7) DAP distal	ÍNDICES		
								4/1x100	2/1x100	6/1x100
Pleistocénico (1)										
X (n=8/10)	82,6	52,1	35,6	33,4	–	42,0	–	40,4	63,1	50,8
Máx.	89,0	54,0	38,5	34,5	–	43,0	–			
Mín.	78,5	50,0	34,5	31,8	–	41,0	–			
Mesolítico (2) Paul de Magos (posterior)	73,5	46,5	35,0	28,0	24,0	36,0	22,0	38,1	63,3	49,0
Calcolítico (3)										
Montum (anterior?)	72,0	40,0	–	30,0	–	38,0	–	41,7	55,6	52,8
Trigaches (subadulto) (anterior)	68,0	39,5	29,0	25,0	19,0	33,0	17,5	36,8	58,0	48,5
Penha Verde (posterior)	72,5	47,0	32,5	29,0	22,0	35,5	–	40,0	64,8	49,0
Leceia (posterior)	72,5	52,0	37,0	30,0	23,5	36,5	22,5	41,4	71,7	50,3
<i>Equus caballus gallicus</i> (4)										
anteriores X (n=27)	85,7	57,6	37,8	37,5	–	47,0	25,7	43,7	67,2	54,8
Máx.	92,0	65,0	43,0	42,5	–	50,0	29,0			
Mín.	82,0	54,0	35,0	35,0	–	45,0	24,0			
posteriores X, (n=24)	83,2	58,8	40,8	36,7	–	45,7	26,0	49,0	70,7	54,9
Máx.	89,0	65,0	45,0	41,0	–	49,0	28,2			
Mín.	80,0	55,0	38,0	34,0	–	43,0	24,0			
<i>Equus przewalskii</i> (5)										
anteriores X (n=27)	78,2	49,6	33,9	32,6	–	40,8	–	41,7	63,4	52,2
Máx.	82,0	55,0	37,0	37,0	–	43,0	–			
Mín.	74,0	46,0	31,5	29,0	–	37,0	–			
posteriores X (n=27)	73,7	49,9	35,8	31,6	–	38,9	–	42,9	67,7	52,8
Máx.	81,5	53,0	38,5	36,0	–	42,0	–			
Mín.	68,0	47,0	33,0	27,5	–	37,0	–			
<i>Equus asinus</i> (6)										
anteriores X (n=11)	72,2	38,0	28,3	23,9	–	33,6	–	33,1	52,6	46,5
Máx.	82,0	41,1	32,5	26,0	–	36,2	–			
Mín.	64,0	35,0	26,1	22,0	–	31,0	–			
posteriores X (n=10)	67,5	40,0	28,4	23,2	–	31,2	–	34,4	59,2	46,2
Máx.	76,0	43,2	32,3	25,6	–	35,0	–			
Mín.	61,0	35,0	27,0	22,0	–	29,0	–			
<i>Equus hemionus onager</i> (7)										
anteriores X (n=15)	76,5	41,1	30,8	24,6	–	35,6	–32,2	53,7	46,5	
Máx.	82,0	44,0	34,0	26,0	–	38,5	–			
Mín.	73,3	38,5	28,5	23,0	–	33,3	–			
posteriores X (n=14/15)	71,2	42,4	30,9	24,3	–33,3	–34,1	59,6	46,8		
Máx.	78,0	45,0	32,5	26,5	–	36,0	–			
Mín.	66,5	39,0	29,0	23,0	–	31,0	–			
<i>Equus hydruntinus</i> (8)										
anteriores X (n=2)	(69,6)	(35,8)	(24,8)	(22,2)	(19,6)	(33,0)	(15,1)	31,9	51,2	47,4
Máx.	(70,3)	(36,2)	(27,6)	(23,0)	(19,8)	(34,0)	(15,2)			
Mín.	(68,8)	(35,4)	(22,0)	(21,4)	(19,5)	(31,9)	(15,0)			
posteriores X (n=3/8)	72,2 (63,9)	39,8 (37,1)	24,8 (24,8)	22,7 (21,8)	20,4 (19,5)	32,4 (30,8)	14,8 (15,1)	31,4 (34,1)	55,1 (58,0)	44,9 (48,2)
Máx.	76,5	42,0	29,4	27,5	20,6	34,5	17,0			
Mín.	69,0	36,0	22,0	19,1	20,0	27,5	10,0			

DT – diâmetro transversal; DAP – diâmetro antero-posterior; X – média

No QUADRO 1, comparam-se as medidas de exemplares não afeiçãoados de primeiras falanges, recolhidos em contextos paleolíticos, mesolíticos e calcolíticos portugueses, com exemplares homólogos de diversas espécies de equídeos, cujas dimensões foram obtidas por DIVE & EISENMANN (1991):

Notas ao QUADRO 1:

- (1) – segundo CARDOSO & EISENMANN (1989), *E. caballus antunesi*.
- (2) – medidas pessoais, inéditas.
- (3) – medidas pessoais, inéditas.
- (4) – segundo DIVE & EISENMANN (1991).
- (5) – idem.
- (6) – idem.
- (7) – idem.
- (8) – segundo BONIFAY (1963, 1965). Para os números entre parêntesis, ver BONIFAY (1991), *E. hydruntinus minor*.

As falanges de equídeo utilizadas como ídolos antropomórficos calcolíticos são aproveitáveis para comparações biométricas, tendo em vista a respectiva determinação específica, desde que pouco alteradas pelo afeiçãoamento. Tal situação é especialmente observável nos exemplares pouco polidos e não decorados. Entre estes, seleccionaram-se três onde aquelas alterações são menos relevantes; trata-se dos exemplares de Conchadas, Loures (LEISNER, 1965, Est. 18, n.º 28), Penha Verde, Sintra ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1958, Est. 4, n.º 1) e o exemplar de Leceia inteiro apenas muito levemente polido, neste trabalho representados, respectivamente na Fig. 4, n.º 6, Fig. 4, n.º 4 e Fig. 2, n.º 3.

O comprimento destas três peças, que constituem um grupo homogéneo com o exemplar mesolítico do concheiro de Salvaterra de Magos, é nitidamente inferior aos conjuntos do Plistocénico superior final considerados, a saber, o dos exemplares de jazidas portuguesas do Würm recente, pertencente à subespécie *Equus caballus antunesi* e o constituído por peças da subespécie *Equus caballus gallicus*, sua contemporânea, do território francês. A situação altera-se quando se consideram outros conjuntos de equídeos selvagens: os constituídos por exemplares de *Equus przewalskii* e *Equus hydruntinus*, que possuem comprimentos médios próximos dos exemplares calcolíticos e mesolíticos das estações portuguesas. Quanto aos dois restantes táxones considerados no QUADRO 1, *Equus asinus* e *Equus hemionus onager*, às respectivas falanges posteriores – a que pertencem todos os nossos exemplares, excepto o de Trigaches que, por ser de subadulto, não será considerado – correspondem intervalos de variação do comprimento máximo que integram todos os nossos exemplares, conquanto a média seja inferior à destes.

Verifica-se, pois, que apenas com o recurso a outras dimensões, e aos índices susceptíveis de as relacionar com o comprimento máximo, se poderá obter elementos de diagnose mais conclusivos. Deste modo, consideraram-se as dimensões transversais tomadas em ambas as extremidades articulares, bem como no meio da diáfise, as quais constam também do QUADRO 1.

Considerando os valores absolutos obtidos para aqueles três parâmetros, verifica-se que são invariavelmente inferiores aos conjuntos plistocénicos utilizados para comparação, bem como à média de *E. przewalskii*. Ao contrário, tais valores apresentam-se sempre superiores aos homólogos dos três equídeos não cabalinos considerados: *E. asinus*; *E. heminus onager*; e *E. hydruntinus*. Tais diferenças são ainda mais nítidas, se considerarmos os índices que relacionam as dimensões transversais nos três sectores referidos com o comprimento máximo; através dos valores obtidos, verifica-se que os exemplares mesolítico e calcolíticos das nossas estações arqueológicas se afastam de qualquer dos três conjuntos considerados, pelo facto das dimensões transversais serem, proporcionalmente ao respectivo comprimento máximo, invariavelmente mais desenvolvidas; por outras palavras, as falanges em causa, apresentam-se mais robustas que as de burro, onagro ou *E. hydruntinus*, o que permite afastar a hipótese de pertencerem a quaisquer destas espécies. Por outro lado, embora as dimensões absolutas sejam, como salientámos, em geral inferiores às dos cavalos plistocénicos, as proporções relativas são idênticas, conforme transparece dos valores obtidos para os três índices considerados. Podemos, pois, concluir que o único equídeo até agora seguramente documentado nas estações mesolíticas e calcolíticas do território português é o cavalo (*Equus caballus*), por certo descendente das derradeiras populações plistocénicas. A redução do tamanho que, comparativamente àquelas se evidencia, é fenómeno observado em outras espécies selvagens na transição do Plistocénico para o Holocénico. Em conclusão: o cavalo ter-se-ia mantido no estado selvagem até ao fim do Calcolítico. Com efeito, a sua domesticação, a aceitar os elementos actualmente disponíveis, verifica-se muito tardiamente, por comparação com outras espécies domésticas, tendo, segundo GIMBUTAS (1977, 1979) atingido a Europa Ocidental apenas na passagem do 3.º para o 2.º milénio a.C., talvez relacionada com a chegada dos portadores de vasos campaniformes, que ilustram marcado quanto rápido difusionismo, proporcionado por meio de transporte terrestre eficiente, como o cavalo.

4 – CONCLUSÕES

Neste trabalho apresentam-se três falanges de equídeo recolhidas no povoado pré-histórico de Leceia, utilizadas, após afeiçoamento, como ideoartefactos. Eis as principais conclusões que tal estudo proporcionou:

1 – A forma, notavelmente antropomórfica, que as primeiras falanges de equídeo exibem, justifica que tenham sido, preferencialmente, as escolhidas, em detrimento das homólogas de bóvidos e cervídeos, embora estas também tenham sido utilizadas, na falta das primeiras. Dentre as primeiras falanges de equídeo, são as posteriores que acusam forma antropomórfica mais acentuada; talvez nisso resida a sua maior ocorrência, face às anteriores.

2 – Em Leceia encontram-se documentados os dois grupos, vulgarmente considerados: falanges apenas com desgaste e polimento; e falanges polidas e gravadas.

O primeiro grupo integra todos os exemplares não decorados. O polimento, que pode ser vestigial, como em um dos exemplares de Leceia (Fig. 2, n.º 3), conduziu a uma acentuação da morfologia antropomórfica das peças, por adelgaçamento da sua parte média (diáfise).

Os exemplares que hoje se apresentam apenas polidos poderiam, originalmente, ser também pintados, reproduzindo os motivos que se conservaram apenas nos gravados. A temática decorativa patente nestes – que constituem o segundo grupo da classificação – é uniforme. trata-se da representação da deusa calcolítica, com grandes olhos radiados, sobrancelhas, nariz, tatuagens faciais, excepcionalmente com braços e possuindo ainda a representação do sexo feminino, na base da face anterior, como o exemplar da Fig. 4, n.º 1.

3 – A distribuição geográfica destes ideoartefactos evidencia uma concentração nítida na Estremadura, com rarefacção para o Alentejo e Algarve, no território português e para a Estremadura espanhola e Andaluzia, no que concerne ao país vizinho. Tal concentração poderá denunciar não apenas uma maior expressão populacional e, por conseguinte, maior número de estações; porventura, será o reflexo da maior ou menor abundância de equídeos no estado selvagem; tal hipótese explicaria a aludida substituição de falanges de equídeos por outras, de ovinos, caprinos, bovinos e cervídeos, especialmente nas zonas do Sul peninsular (Algarve e Almería). Relembrem-se, a propósito, os testemunhos de autores clássicos (Varrão, Plínio), de que as éguas da Lusitânia, por serem tão velozes, conceberiam do vento... alusão às boas condições para a criação de tais animais, tanto no estado doméstico como selvagem.

No que respeita a tipos de estações, os ídolos-falange de equídeos estão presentes, além de povoados, em monumentos megalíticos, *tholoi*, grutas naturais e hipogeus, documentando a sua participação em rituais e oferendas; a ocorrência em contextos habitacionais explica-se, não apenas porque seriam os locais onde eram confeccionados, mas também por poderem integrar pequenos altares domésticos, a par doutros ideoartefactos (cilindros de calcário, designadamente).

4 – Sempre que se dispõe de indicações cronológicas seguras, estas peças integram o Calcolítico pleno ou final. Tal situação, porém, é excepcional: além das três peças de Leceia, todas elas recolhidas na Camada 2, correspondente àquela fase cultural, apenas os exemplares da Penha Verde e de Olelas corroboram tal asserção, e estes, ainda assim, mais por exclusão de outras hipóteses, designadamente a ausência de materiais atribuíveis ao Calcolítico inicial, em ambos os contextos. Para os restantes, a idade calcolítica é a única certeza.

5 – A biometria das primeiras falanges em que foi possível obter medidas, pelo facto de se apresentarem quase inalteradas na sua morfologia primitiva, exclui a hipótese de pertencerem a qualquer espécie de equídeo que não *Equus caballus*, sem dúvida representado por populações descendentes das que, no final do Plistocénico, habitaram intensamente o nosso território.

AGRADECIMENTOS

Ao Senhor Presidente da Câmara Municipal de Oeiras pelo inequívoco apoio que, desde sempre, tem prestado aos estudos arqueológicos sobre Leceia.

À Dr.^a Ph. Kalb, do Instituto Arqueológico Alemão (delegação de Lisboa), pela tradução do estudo de H.-P. Verpmann.

BIBLIOGRAFIA

- ÅBERG, N. (1921) – *La civilisation énéolithique dans la Péninsule Ibérique*. Vilhelm Ekmans Universitetsfond, 25, 204 p. Uppsala.
- ALMAGRO-GORBEA, M.J. (1973) – *Los idolos del Bronce I Hispano*. Bibliotheca Praehistorica Hispana, 12, 354 p. Madrid.
- ANTUNES, M.T. (1987) – O povoado fortificado calcolítico do Monte da Tumba. IV - Mamíferos (nota preliminar). *Setúbal Arqueológica*, 8, p. 103-144.
- APOLLINARIO, M (1896) – Necrópole neolítica do valle de S. Martinho. *O Archeologo Português*, 2, p. 210-221.
- ARNAUD, J.M. (1987) – Os concheiros mesolíticos dos vales do Tejo e do Sado: semelhanças e diferenças. *Arqueologia*, 15, p. 53-64.
- ARNAUD, J.M. (1993) – O povoado calcolítico de Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): síntese das investigações realizadas. *Vipasca*, 2, p. 41-60.

- BLASCO RODRIGUEZ, F. & ORTIZ ALESON, M. (1991) – Trabajos arqueológicos em “Huerta Montero”, Almendralejo, Badajoz. *Extremadura Arqueológica*, 2, p. 129-137.
- BONIFAY, M.F. (1963) – Présence d'*Equus hydruntinus* dans la grotte de Rigabe. *Annales de Paléontologie*, 49, p. 159-170.
- BONIFAY, M.F. (1964) – L'*Equus hydruntinus* de la Baume-Rousse (Lozère). *L'Anthropologie*, 68 (3/4), p. 387-396.
- BONIFAY, M.F. (1991) – *Equus hydruntinus* Regalia minor n. ssp. from the Caves of Lunel-Viel (Hérault, France), In *Equids in the Ancient World* (R.H. Meadow & H.-P. Uerpmann, eds.), 2, p. 178-216. Dr. Ludwig Reichert Verlag. Wiesbaden.
- CARDOSO, J.L. (1993) – *Contribuição para o conhecimento dos grandes mamíferos do Plistocénico superior de Portugal* (Dissertação de doutoramento, FCT/UNL), 567 p. Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J.L. (1994) – *Leceia 1983-1993. Escavações do povoado fortificado pré-histórico*. Estudos Arqueológicos de Oeiras (número especial), 164 p.
- CARDOSO, J.L. & EISENMANN, V. (1989) – *Equus caballus antunesi*, nouvelle sous-espèce quaternaire du Portugal. *Palaeovertebrata*, 19 (2), p. 47-72.
- CARDOSO, J.L.; LEITÃO, M.; FERREIRA, O. Veiga; NORTON, J. & NORTH, T. (1995) – O altar calcítico da gruta do Correio-Mor (Loures). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 5, p.
- CARDOSO, J.L. & GOMES, M.V. & FERREIRA, O. da Veiga (em publicação) – Os ídolos-falange da Lapa da Bugalheira (Torres Vedras).
- CORRÊA, A.A. Mendes (1933) – Les nouvelles fouilles à Muge (Portugal). *XV Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques*, p. 357-372.
- COSTA, F. A. Pereira da (1865) – *Da existência do Homem em epochas remotas no valle do Tejo. Notícia sobre os esqueletos humanos descobertos no Cabeço da Arruda*. Comissão Geológica de Portugal, 40 p. Lisboa.
- DIVE, J. & EISENMANN, V. (1991) – Identification and discrimination of firsts phalanges from Pleistocene and modern *Equus*, wild and domestic. In *Equids in the Ancient World* (R.H. Meadows & H.-P. Uerpmann, eds.), 2, p. 278-333. Dr. Ludwig Reichert Verlag. Wiesbaden.
- DRIESCH, A. von den & BOESSNECK, J. (1976) – Castro do Zambujal. Die fauna. *Studien über Tierknochenfunde von der Iberischen Halbinsel*, 1, p. 43-95. Munich.
- FERREIRA, O. da Veiga; ZBYSZEWSKI, G.; LEITÃO, M.; NORTH, T. & SOUZA, H.R. de (1975) – Le monument mégalithique de Pedra Branca auprès de Montum (Melides). *Comunic. Serv. Geol. Port.*, 49, p. 107-192.

- GIMBUTAS, M. (1977) – The first wave of eurasian steppe pastoralists into Copper Age of Europe. *The Journal of Indo-European Studies*, 5(4), p. 177-238.
- GIMBUTAS, M. (1979) – The three waves of the Kurgan People into Old Europe 4500-2500 BC. *Archives Suisses d'Anthropologie Générale*, 43(2), p. 113-137.
- GOMES, M.V. (1995) – O que é que temos que fazer? *Al-Madan*, 2.^a Série, 4, p. 150-153.
- GOMES, M.V. & CARDOSO, J.L. (1989) – A mais antiga representação de *Equus* do Vale do Tejo. *Almansor*, 7, p. 167-209.
- GONÇALVES, V.S. (1987) – O povoado pré-histórico da Sala n.º 1 (Pedrógão, Vidigueira). Notas sobre a campanha 1 (88). *Portugalia* (Nova Série), 8, p. 7-16.
- GONÇALVES, V.S. (1991) – Megalitismo e metalurgia no Alto Algarve Oriental. Uma aproximação integrada. *Uniarq, Centro de Arqueologia e História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Estudos e Memórias*, 2 (1/2-texto, 2/2 desenhos e estampas). Lisboa.
- GUERRA, V. & FERREIRA, O.V. (1971) – Notícia sobre uma falange-ídolo gravada do Museu Doutor Santos Rocha na Figueira da Foz. *Revista de Guimarães*, 81, p. 43-49.
- HELENO, M. (1933) – *Grutas artificiais do Tojal de Vila Chã (Carenque)*. Comunicação feita ao Congresso Luso-Espanhol de 1932, 25 p. Lisboa.
- HURTADO, V. (1986) – El Calcolítico en la cuenca media del Guadiana y la necropolis de la Pijotilla. *Arqueologia*, 14, p. 83-103.
- LEISNER, V. (1965) – *Die megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Madrider Forschungen, Band 1. Tafeln. Deutsches Archäologisches Institut, Abteilung Madrid. Walter de Gruyter & Co. Berlin.
- LEISNER, G. & LEISNER, V. (1943) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Süden*. Vol. 2. Römisch-Germanische Forschungen, Band 17. Tafeln. Walter de Gruyter & Co. Berlin.
- LEISNER, G. & LEISNER, V. (1951) – *Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz. Materiais para o estudo da Cultura Megalítica em Portugal*. Instituto para a Alta Cultura, 322 p. Lisboa.
- NORES QUESADA, C. & LIESAU von LETTOW-VORBECK, C. (1992) – La Zoología Historica como complemento de la Arqueozoología. El caso del zebro. *Archaeofauna*, 1, p. 61-71.
- PAÇO, A. (1958) – Castro de Vila Nova de S. Pedro. X - Campanha de escavações de 1956 (20.^a). Aditamento – Campanhas de escavações de 1952, 1953 e 1954 - 16.^a, 17.^a e 18.^a. *Anais da Academia Portuguesa da História*, S. III, 8, p. 43-91.

- PAÇO, A. (1960) – Castro de Vila Nova de S. Pedro. XII - Alguns objectos de osso e marfim. *Zephyrus*, 11, p. 105-117.
- PAÇO, A. & JALHAY, E. (1970) – A póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro. I - Escavações de 1942. Republicado em *Trabalhos de Arqueologia de Afonso do Paço*, 1, p. 307-330. Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa.
- PAÇO, A. do & JALHAY, E. (1970) – A póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro. Notas sobre a 1.^a e 2.^a Campanha de Escavações - 1937 e 1938. Republicado em *Trabalhos de Arqueologia de Afonso do Paço*, 1, p. 229-274. Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa.
- PAÇO, A.; VAULTIER, M. & ZBYSZEWSKI, G. (1942) – Nota sobre a Lapa da Bugalheira. Actas do I Congresso Nacional de Ciências Naturais (Lisboa, 1941). *Bol. Soc. Port. Ciências Naturais*, 13, Supl. 2, p. 116-119.
- PAÇO, A.; ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O.V. (1971) – Resultados das escavações na Lapa da Bugalheira (Torres Novas). *Comunic. Serv. Geol. Port.*, 55, p. 23-47.
- SANTOS, M.F.; GOMES, M.V. & CARDOSO, J.L. (1991) – Dois artefactos de osso, pós-paleolíticos, da gruta do Escoural (Montemor-o-Novo, Évora). *Almansor*, 9, p. 75-94.
- SERRÃO, E.C. & VICENTE, E.P. (1958) – O castro eneolítico de Olelas. Primeiras escavações. *Comunic. Serv. Geol. Port.*, 39, p. 87-125.
- UERPMANN, H.-P. (1976) – *Equus (Equus) caballus* und *Equus (Asinus) hydruntinus* in Postpleistozän der Iberischen Halbinsel (Perissodactyla, Mammalia). *Säugetiere Kundliche Mitteilungen*, Heft 3, p. 206-218. München.
- ZBYSZEWSKI, G. e FERREIRA, O.V. (1958) – Estação pré-histórica da Penha Verde (Sintra). *Comunic. Serv. Geol. Port.*, 39, p. 37-57.
- ZBYSZEWSKI, G.; LEITÃO, M.; NORTON, J.; NORTH, T. & FERREIRA, O.V. (1974) – Acerca de dois ídolos oculados de osso da colecção de Maxime Vaultier. *Estudos Italianos em Portugal*, 37, p. 83-88.

Estudos Arqueológicos de Oeiras,
5, Oeiras, Câmara Municipal, 1995, pp. 233-241

POSSÍVEIS PONTAS DE SETA CALCOLÍTIICAS DE OSSO DO POVOADO PRÉ-HISTÓRICO DE LECEIA (OEIRAS)

João Luís Cardoso⁽¹⁾

1 – INTRODUÇÃO

A funcionalidade de alguns artefactos de osso pré-históricos, como em outras matérias-primas, nalguns casos jamais será seguramente conhecida.

Neste trabalho discutiremos um desses grupos de artefactos ósseos, cuja tipologia tem suscitado diversas interpretações funcionais, ao longo de mais de um século, na Arqueologia portuguesa. A sua justificação imediata reside no facto de, também em Leceia, se terem recolhido dois exemplares de tais artefactos (Fig. 1), no decurso das escavações que ali têm vindo a realizar-se, sob orientação do signatário, desde 1983.

2 – DESCRIÇÃO E PROVENIÊNCIA DAS PEÇAS

Exemplar n.º 1 (Fig. 2, A) – encontra-se totalmente polido, e é de secção circular maciça. É constituído por dois corpos cónicos, mais volumoso o superior, separados por carena bem marcada. A extremidade distal mostra sinais de uso por percussão. Recolhido em 1986, na Camada 2 (Calcolítico pleno), no lado externo do *Bastião G* (Fig. 1, n.º 1).

⁽¹⁾ *Professor da Universidade Nova de Lisboa e Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras. Sócio efectivo da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Associação Profissional de Arqueólogos.*

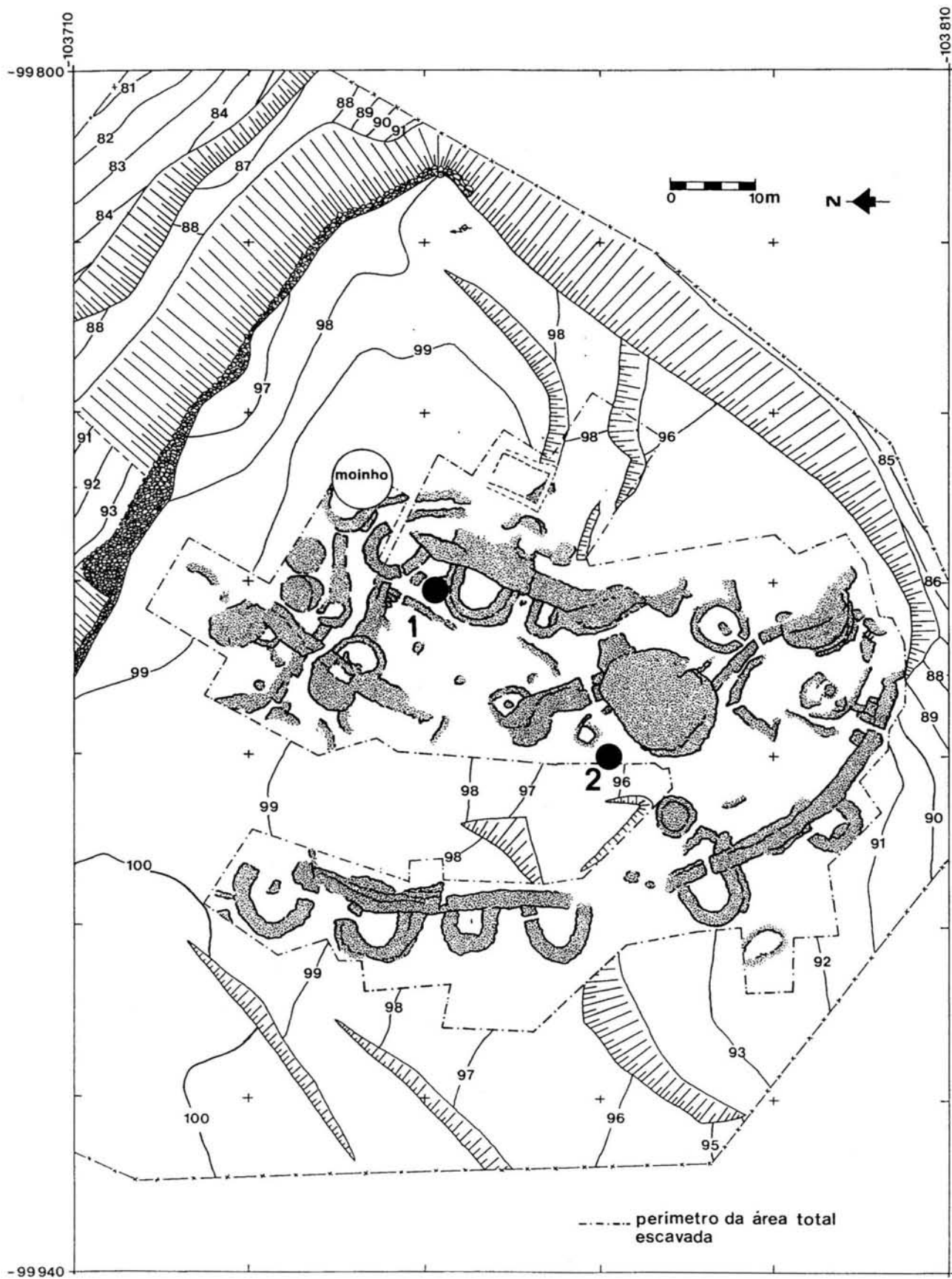


Fig. 1 - Leceia 1983-1995. Planta geral esquemática das principais estruturas, com localização das peças estudadas.

Exemplar n.º 2 (Fig. 2, B) – idêntico ao anterior, mas de maiores dimensões. O corpo cónico superior é mais esbelto, possuindo perfil ligeiramente côncavo, sendo, tal como naquele, mais volumoso que o corpo inferior, fracturado logo abaixo da carena angulosa separadora de ambos. Extremidade distal apontada, por polimento, tendo em vista a obtenção de uma ponta robusta mas penetrante. Recolhido em 1993, na Camada 2 (Calcolítico pleno), do lado externo de MM1 (Fig. 1, n.º 2).

Das descrições apresentadas, pode concluir-se que os dois artefactos se caracterizam pelos seguintes elementos:

- corpo bicónico, constituindo o volume mais importante a parte superior da peça;
- extremidade distal com marcas de percussão, num exemplar; no outro, evidencia sinais de polimento, transformando-a em ponta robusta mas penetrante;
- existência de uma carena angulosa, na zona mesial das peças, separando o volume cónico superior do inferior; este pode ser designado como “espigão”.
- secção circular maciça, de ambos os corpos cónicos.

3 – COMPARAÇÕES

As duas peças de Leceia possuem escassos paralelos em estações arqueológicas portuguesas, não obstante aqui serem de há muito conhecidas. Até ao presente, identificaram-se nos seguintes locais:

3.1 – Povoados

Vila Nova de S. Pedro (Azambuja) – deste importante povoado calcolítico da Estremadura, publicaram-se três exemplares de artefactos análogos, todos eles incompletos (PAÇO & JALHAY, 1942, Fig. 20, n.º 20; PAÇO, 1960, Fig. 3, n.ºs 16 e 17). Peças reproduzidas em SPINDLER (1981, Abb. 34) e na Fig. 2 F, n.ºs 13 a 15.

Fórnea (Torres Vedras) – neste pequeno povoado calcolítico debruçado em um esporão sobre o vale do Alcabrichel – no que se aproxima singularmente da situação de Leceia – foram recolhidos cinco exemplares, todos idênticos aos de Leceia e, tal como estes, fragmentados (SPINDLER, 1981, Abb. 34) representados na Fig. 2 F, n.ºs 1 a 5.

Zambujal (Torres Vedras) – encontrou-se exemplar com falta do espigão (SANGMEISTER & SCHUBART, 1965), representado por SPINDLER (1981, Abb. 34) e neste trabalho na Fig. 2 F, n.º 16.

Ota (Alenquer) – BARBOSA (1954, Fot. 10) apresenta exemplar com o corpo cónico inferior quase completo. Peça apresentada em SPINDLER (1981, Abb. 34) e reproduzida na Fig. 2 F, n.º 6.

Rotura (Setúbal) – nas escavações antigas realizadas neste povoado calcolítico estremenho, por iniciativa de Carlos Ribeiro, recolheram-se pelo menos dois exemplares idênticos aos de Leceia (Figs. 2D e 2E), um deles representado por SIMÕES (1878, Fig. 27) o outro referido por COSTA (1903, p. 139). As explorações dirigidas por Marques da Costa conduziram à obtenção de, pelo menos, dois outros exemplares, que figura (COSTA, 1903, Figs. 69 e 70). Em ulteriores escavações conduzidas por GONÇALVES (1971, p. 81 e Est. XIX), obtiveram-se mais três exemplares, por ele publicados, todos incompletos. Dos, pelo menos, sete exemplares exumados nesta estação, seis encontram-se reproduzidos por SPINDLER (1981, Abb. 34) e neste trabalho na Fig. 2 F, n.ºs 7 a 12. As Figs. 2D e 2E são inéditas (desenhos do século XIX).

3.2 – Necrópoles

Grutas do Poço Velho (Cascais) – nas escavações efectuadas nestas grutas naturais da área urbana da cidade de Cascais, por iniciativa de Carlos Ribeiro, recolheram-se quatro artefactos ósseos, de secção circular, afilados em ambas as extremidades e com depressão mesial, ao longo do diâmetro máximo. Não se confundem, pois, por estes caracteres, com os exemplares de Leceia, os quais possuem, como característica constante, dois volumes cónicos dissimétricos, um deles atribuível à “ponta” (em geral mais curto e volumoso) e outro ao “espigão” (em geral mais estreito e afilado). Por este motivo nos dispensamos de tecer outras considerações sobre eles.

Os exemplares das grutas de Cascais foram reproduzidos por PAÇO (1941, Est. XXI, a-e); um deles, tinha sido anteriormente publicado por CARTAILHAC (1886, Fig. 126). Poderão considerar-se sob reserva, como anzóis.

Gruta I de São Pedro do Estoril (Cascais) – nesta gruta artificial, em parte já destruída antes da sua identificação e exploração, recolheu-se o único exemplar inteiro deste tipo de artefactos. É constituído, tal como os anteriores, por dois volumes cónicos, sendo o inferior, mais estreito e curto, separado do superior por carena (LEISNER *et al.*, 1964, Est. E e Est. XIV, n.º 74; LEISNER, 1965, Tf. 87, n.º 57).

O levantamento a que procedemos conduziu, desta forma, à identificação de apenas um exemplar completo – não ocasionalmente proveniente de um contexto sepulcral – e de dezanove fragmentados, todos eles recolhidos em povoados e necrópoles calcolíticos da área estremenha.

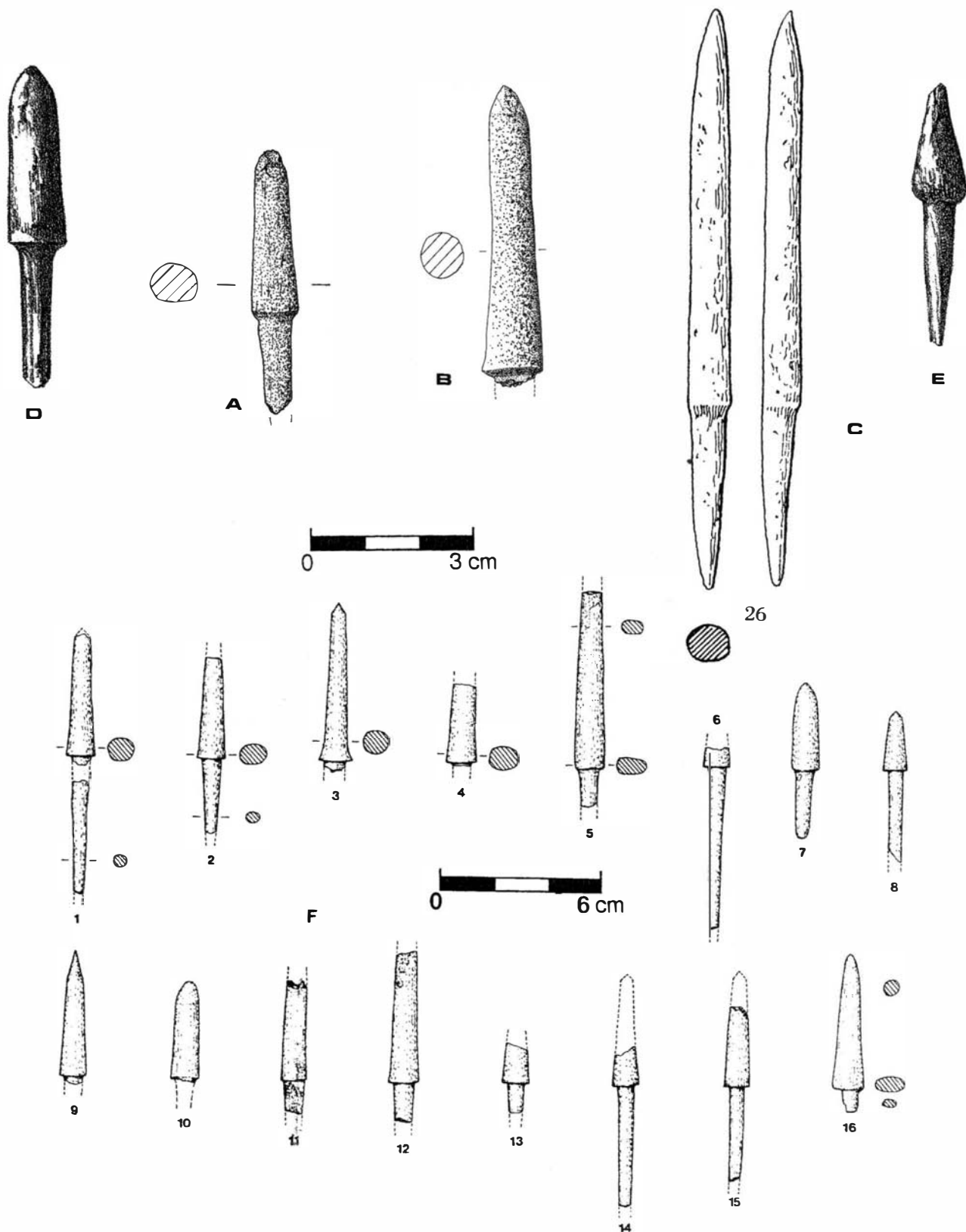


Fig. 2 – Possíveis pontas de seta calcólicas de osso de povoados estremenhos. A e B - Leceia (Lc/86, S. II, C2 e Lc/94, a Oeste de MM1, C2); C - gruta I de São Pedro do Estoril (RIBEIRO *et al.*, 1964); D e E - Rotura (desenhos inéditos do século XIX); F - 1 a 5 da Fórnea (Torres Vedras); 6 - da Ota (Alenquer); 7 a 12 - da Rotura (Setúbal), o n.º 7 é o mesmo ex. de D; 13 a 15 - de Vila Nova de São Pedro (Azambuja); 16 - do Zambujal (Torres Vedras) (SPINDLER, 1981, Abb. 34).

4 – DISCUSSÃO

A atribuição funcional de tais artefactos, não obstante a sua marcada homogeneidade morfológica, é tão díspar quantos os autores que sobre o assunto escreveram. Seguindo a sequência cronológica das respectivas observações, foram as seguintes as atribuições propostas:

– furador – Segundo SIMÕES (1878, p. 51), “deveria ter um fim certo e determinado um instrumento (...) de osso, apparecido na Fonte da Ruptura, em Setúbal, e que não consta haver-se encontrado n’outras partes. É um osso macisso de forma cylindrica, adelgado em metade do seu comprimento para se introduzir n’outro osso vasado, cuja capacidade interior corresponde àquella parte menos grossa do cylindro macisso.

O sr. Pereira da Costa julga que este instrumento servia para abrir furos em pelles. Collocadas as pelles sobre o orificio superior do cylindro vasado, facilmente se atravessariam pela parte mais delgada do cylindro macisso. Seria este ou outro o uso de tão singular objecto? Ninguém saberá dizer hoje com certeza. Acharam-se na fonte da Ruptura dois d’estes furadores. Chame-se-lhes assim interinamente” (*op. cit.*, p. 50). A referida utilização, é igualmente defendida por COSTA (1903, p. 145), ao discutir dois exemplares, por ele exumados, também na Rotura.

– alfinete – Foi esta a função atribuída aos dois exemplares de Vila Nova de S. Pedro por PAÇO (1960, Fig. 3, n.º 16 e 17), acrescentando que estes, comparativamente aos demais, “são mais espessos e terminam superiormente por uma cabeça cónica bastante alongada”.

– sovela – Ao único artefacto intacto deste tipo até ao presente publicado da Gruta I de S. Pedro do Estoril foi-lhe reportada esta finalidade (LEISNER *et al.*, 1964, Est. E. n.º 26 e Est. XIV, n.º 74). É descrito como “sovela, trabalho fino, polido. Na altura de 8 cm o cabo é adelgado por uma reentrância oblíqua. Segue a ponta com 3,5 cm de comprimento. Diâm. máx., 0,85 cm”. Verifica-se que, no conjunto, o objecto atinge o comprimento total de 11,5 cm, possuindo o volume cónico superior mais 3 cm que o de Leceia (Fig. 2, C), não obstante o diâmetro máximo ser idêntico em ambas. Terá sido, justamente, o marcado alongamento do exemplar de S. Pedro do Estoril o carácter que esteve na origem de designação adoptada pelos autores da descoberta, seguida também por GONÇALVES (1971, p. 81; 1995, p. 307; 1995, p. 307).

– pontas de seta ou de dardo – no último trabalho onde se discute a funcionalidade deste tipo de artefactos atribui-se-lhes uso diferente do proposto pelos autores anteriores: “Man könnte sic sich als Bewehrung von Pfeilen oder leichten Lanzenspitzen vorstellen, die eine spezialisierte Jagdwaffe bildeten” (SPINDLER, 1981, p. 90). Esta hipótese, de corresponderem a pontas de arremesso para actividades venatórias especializadas está de acordo com as conclusões de outro trabalho, saído na mesma altura (PAPE, 1982); trata-se de uma síntese, a escala de toda a Europa, sobre a tipologia de pontas de seta ósseas, do Calcolítico à Idade do Ferro.

O autor considera oito tipos distintos, agrupados em duas categorias mais gerais, as pontas de seta fusiformes e as pontas de seta com barbelas (ailerons), concluindo que “Les pointes de flèches en os fuséiformes représentent una rélation géographique et chronologique supplémentaire entre les nombreux groupes régionaux de l’époque chalcolithique et mériteraient, de ce fait, de retenir un peu plus notre attention” (p. 160).

Sendo conhecida a eficácia de pontas de seta de osso, como W. Pape bem salienta (p. 160), existindo documentos que atestam a sua utilização, em época histórica, por Hunos e Mongóis (p. 157), e sendo o osso uma matéria-prima intensamente utilizada no nosso país, no decurso do Neolítico e Calcolítico para o fabrico de uma diversificada panóplia instrumental, estariam reunidas as premissas para que, também em Portugal, e à semelhança doutros domínios geográficos da Europa Ocidental e Central, estivessem representados artefactos do tipo dos inventariados por aquele autor.

Considerando os dois artefactos de Leceia, é nítida a sua inclusão no Grupo E da tipologia de W. Pape, ao qual pertencem igualmente os restantes exemplares até ao presente inventariados em Portugal.

Trata-se da forma de ponta cónica ou de secção quadrangular, encontrando-se o estreitamento para a haste da seta marcada por corpo destacado, separado por aresta viva.

Este grupo mostra dispersão geográfica do Norte de Espanha à Polónia, com duas concentrações, no Norte de Itália e na Suíça. Tais concentrações podem dever-se, tão-somente, a maior intensidade de pesquisa arqueológica, conjugada com factores geoquímicos propícios à conservação de materiais ósseos.

A distribuição geográfica referida não pressupõe qualquer teoria difusionista que seja suportada por outras evidências da cultura material mais concludentes. Seria simples fenómeno de recorrência, ditado pela funcionalidade de tais artefactos. Com efeito, é nítida a diacronia adrede este grupo tipológico.

Na Península Ibérica, um exemplar de Reus provém de um contexto campani-

forme (*op. cit.*, p. 145) enquanto que outro, de Fort-Harrouard, integrar-se-á na Idade do Bronze. Outras ocorrências podem situar-se do Bronze antigo ao Bronze final e até, na I Idade do Ferro. Em Borja, Aragão, foram recolhidos diversos exemplares deste tipo, do início da Idade do Bronze, de 2300-1500 AC (HARRISON & LOPEZ, s/d.)

As peças calcolíticas estão apenas presentes em Espanha e na Suíça, parecendo que, à medida que se progride para leste, isto é, para a Europa Central e Oriental, se tornam progressivamente mais modernas (PAPE, 1982, p. 145, 146).

Tal hipótese, apenas sugerida pelo autor dada a grande quantidade de ocorrências sem idade seguramente conhecida, quadra-se bem com a cronologia das peças portuguesas. Com efeito, todas elas pertencem ao Calcolítico, e apenas a um único grupo tipológico.

5 – CONCLUSÕES

Este trabalho conduziu aos seguintes resultados:

1 – Estudou-se um tipo de artefacto ósseo, escasso em contextos pré-históricos portugueses de idade invariavelmente calcolítica (quando é susceptível de definição).

2 – O carácter marcadamente funcional e ligado ao quotidiano de tais peças é demonstrado pelo facto de, em vinte ocorrências registadas, dezanove correspondem a povoados, encontrando-se todos fragmentados, enquanto que o único recolhido em contexto sepulcral se apresenta intacto.

3 – Não obstante a sua constância morfológica – indiciando uso especializado e bem diferenciado – tal artefacto tem suscitado opiniões desencontradas acerca da sua respectiva funcionalidade (furadores, alfinetes, sovelas, etc.).

4 - A hipótese mais recente faz corresponder a tais peças a função de pontas de seta especializadas para a caça. Esta hipótese encontra-se reforçada por estudo de conjunto de pontas ósseas, à escala europeia.

5 – A funcionalidade e eficiência de pontas de seta ósseas encontra-se amplamente demonstrada pelo registo arqueológico, tendo o seu uso atingido os tempos históricos. Tais factos só reforçam a atribuição proposta, no caso pertencentes ao Calcolítico peninsular, época em que o trabalho do osso era frequente, conduzindo ao fabrico de variados e numerosos artefactos. Também a quase exclusividade deste

tipo de peças em contextos habitacionais, quase exclui outras possibilidades, designadamente a de pertencerem a alfinetes, cuja ocorrência em necrópoles é frequente, mas excepcional naqueles contextos.

BIBLIOGRAFIA

- BARBOSA, E. (1956) – O castro da Ota (Alenquer). *O Arqueólogo Português*, S. II, 3, p. 117-124.
- COSTA, A.I. Marques da (1903) – Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal. Objectos encontrados no Castro da Rotura. *O Arqueólogo Português*, 8, p. 137-148.
- GONÇALVES, V. S. (1971) – *O Castro da Rotura e o vaso campaniforme*. Junta Distrital de Setúbal, 196 p.
- GONÇALVES, V. S. (1995) – *Sítios, “horizontes” e artefactos. Leituras críticas de realidades perdidas*. Câmara Municipal de Cascais, 308 p.
- HARRISON, R.J. & LÓPEZ, G.M. (s/d) – Discovering Bronze Age Spain. Excavation report, *Minerva*, p. 14-16.
- LEISNER V. (1965) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel*. Der Westen. Tafeln. Walter de Gruyter & Co. Berlin.
- LEISNER, V.; PAÇO, A. do & RIBEIRO, L. (1964) – *Grutas artificiais de S. Pedro do Estoril*. Lisboa, 78 p.
- PAÇO, A. do (1941) – As grutas do Poço Velho ou de Cascais. *Comunic. Serv. Geol. Port.*, 22, p. 45-84.
- PAÇO, A. do (1960) – Castro de Vila Nova de S. Pedro. XII - Alguns objectos de osso e marfim. *Zephyrus*, 11, p. 105-117.
- PAÇO, A. do & JALHAY, E. (1942, 1970) – A póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro. Notas sobre a 3.^a, 4.^a e 5.^a campanhas de escavações – 1939, 1940 e 1941. Republicado em *Trabalhos de Arqueologia de Afonso do Paço*, 1, p. 275-305. Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa.
- PAPE, W. (1982) – Au sujet de quelques points de flèches en os. In *L'industrie en os et bois de cervidé durant le Néolithique et l'âge des métaux* (G. Camps-Fabrer, ed.). CNRS, Paris, p. 135-172.
- SANGMEISTER, E. & SCHUBART, H. (1965) – Grabungen in der Kupferzeitlichen Befestigung von Zambujal / Portugal 1964. *Madriider Mitteilungen*, 6, p. 39-63.
- SIMÕES, A.F. (1879) – *Introdução à Archeologia da Península Ibérica*. Livraria Ferreira, Lisboa, 177 p.
- SPINDLER, K. (1981) – *Cova da Moura. die Besiedlung des Atlantischen Küstengebietes Mittelportugals vom Neolithikum bis an das Ende der Bronzezeit*. Verlag Philipp von Zabern, Mainz am Rhein, 290 p.

Estudos Arqueológicos de Oeiras,
5, Oeiras, Câmara Municipal, 1995, pp. 243-249

CERÂMICAS DECORADAS A PENTE, DO CALCOLÍTICO PLENO DE LECEIA (OEIRAS) E DA PENHA VERDE (SINTRA)

João Luís Cardoso⁽¹⁾

1 – INTRODUÇÃO

A existência de cerâmicas decoradas com pente, não campaniformes, em povoados calcolíticos da Estremadura, é de há muito conhecida. ÅBERG (1921), representa diversos fragmentos de tais cerâmicas do Outeiro de S. Mamede (Figs. 273 a 275), de Pragança (Figs. 279, 280) e da Rotura (Fig. 118). Outros fragmentos, da gruta sepulcral da Casa da Moura (Óbidos), encontram-se reproduzidos pela 2.^a Comissão Geológica, antes de 1867, e brevemente serão dados a conhecer (CARREIRA & CARDOSO, 1996, Est. II. C, n.^{os} 11, 13 e 15).

Enquanto no Outeiro de S. Mamede e em Pragança tal tipo cerâmico se encontra representado por vários exemplares, os da Rotura, nos trabalhos ulteriores dedicados ao arqueossítio não voltam a ser referidos, nem qualquer outro do mesmo tipo (FERREIRA & SILVA, 1970; SILVA, 1971; GONÇALVES, 1971).

Talvez a raridade deste tipo cerâmico, tenha propiciado, por parte de diversos autores, a sua confusão com outros, mais abundantes. É o caso de Alberto del CASTILLO (1928, Lám. 51 e 52) que, reproduzindo alguns dos exemplares figurados por

⁽¹⁾ *Professor da Universidade Nova de Lisboa e Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras - Câmara Municipal de Oeiras. Sócio efectivo da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Associação Profissional de Arqueólogos.*

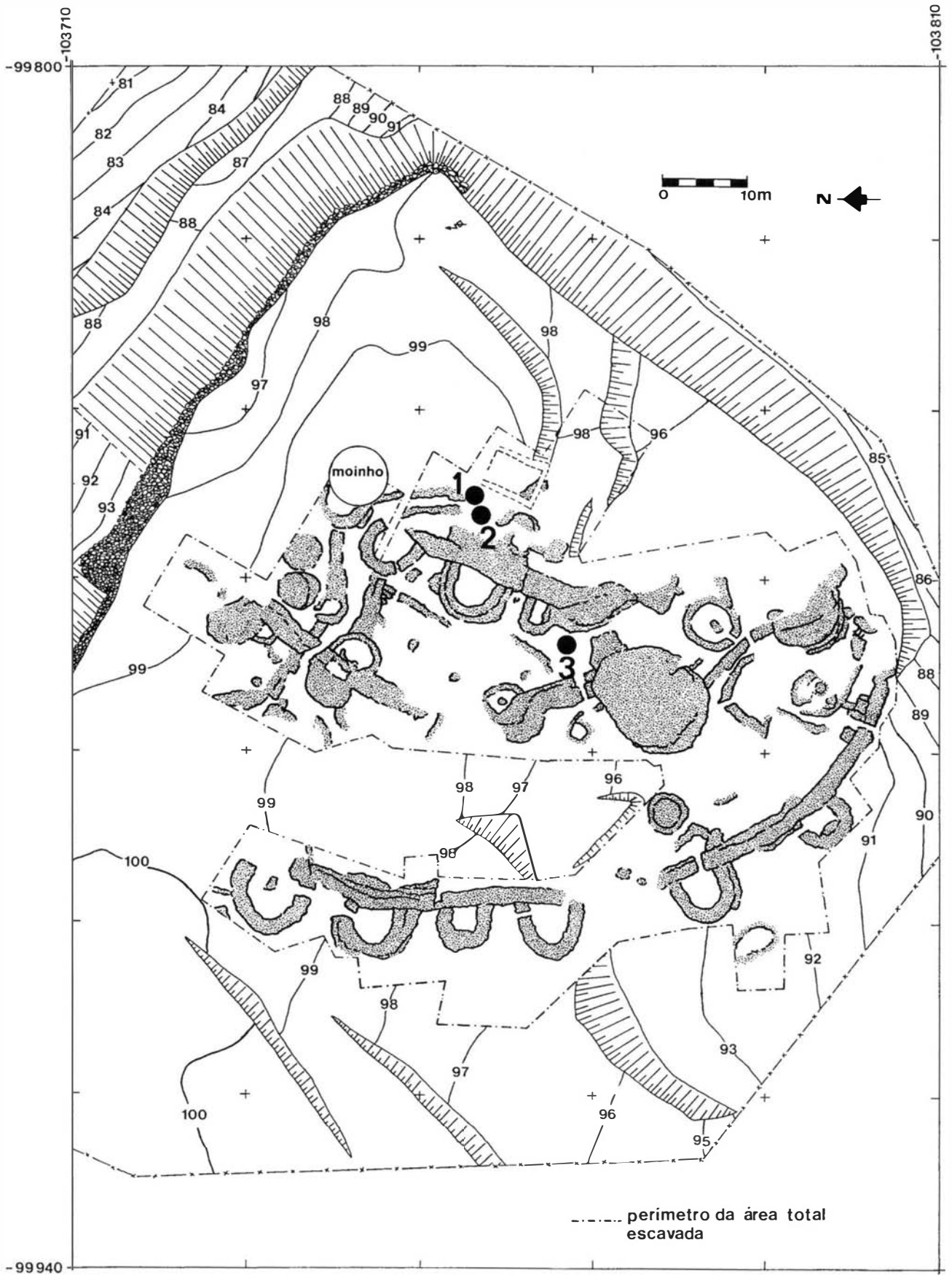


Fig. 1 – Leceia 1983-1995. Planta geral esquemática das principais estruturas, com localização das cerâmicas com decoração a pente exumadas.

ÅBERG (1921) os confunde com cerâmicas campaniformes. Os mesmos fragmentos são, por outro lado, atribuídos por SPINDLER (1981, Fig. 15) a cerâmicas cardiais do Neolítico antigo, exemplos que evidenciam as discrepâncias da sua classificação, resultante do seu quase desconhecimento.

Efectivamente, só muito recentemente foi chamada a atenção para este tipo de cerâmicas decoradas estremenhas, mediante trabalho a elas dedicado, motivado pela revisão do espólio de Pragança (GONÇALVES, 1991). O autor considera diversos tipos de recipientes, bem como várias técnicas decorativas aplicando o pente. Propõe, ainda, a atribuição destas cerâmicas – de que apresenta o respectivo inventário e distribuição geográfica – ao Calcolítico pleno, mais por exclusão de outras alternativas do que pela existência de elementos estratigráficos fiáveis, declarando que “Enquanto não houver mais dados ou enquanto as informações do Zambujal e de outras novas escavações, relativas a esta cerâmica, não vierem a público, será escusado entrar em mais conjecturas” (*op. cit.*, p. 218).

O aparecimento de alguns fragmentos de cerâmicas decoradas com pente, em Leceia, em contexto estratigráfico bem definido, além de um outro exemplar recolhido no povoado pré-histórico da Penha Verde, igualmente com contexto conhecido, estão na origem deste contributo, de evidente interesse no âmbito da caracterização geral destas cerâmicas, objecto recente de um primeiro estudo, de carácter geral, à escala peninsular (VALERA, 1993).

2 – INVENTÁRIO E CONDIÇÕES DE JAZIDA

Leceia – o local de recolha das peças, na área escavada de Leceia, indica-se na Fig. 1. As suas características são as seguintes:

1 e 2 – dois fragmentos, provavelmente de um mesmo “copo”, recolhido em 1987, em Leceia, junto da parede do lado Norte da casa de planta rectangular do século XVIII, na Camada 2 da sequência estratigráfica definida na estação, pertencente ao Calcolítico pleno da Estremadura (CARDOSO, 1994). Pasta castanho-escuro; elementos não plásticos grosseiros, de quartzo e feldspato.

Decoração obtida por finas linhas incisivas, produzidas pela passagem de um pente com cinco dentes, tantos quantos as linhas observáveis (Fig. 2, n.^{os} 1 e 3).

3 – fragmento recolhido em 1989, no lado interno da Entrada CC2, integrada na terceira linha defensiva. Provém, tal como o anterior, da Camada 2 da sequência estratigráfica geral da estação. Trata-se de vaso cilíndrico (“copo”) de grandes dimensões. A decoração foi obtida através de um pente, ora deslizando sobre a pasta mole,

produzindo linhas incisivas e paralelas, ora aplicado perpendicularmente à superfície, originando impressões punctiformes alinhadas. O padrão decorativo obtido é, desta forma, mais complexo que o do exemplar anterior. Pasta grosseira, com elementos não plásticos muito abundantes de quartzo e de feldspato, e de coloração castanho-avermelhada (Fig. 2, n.º 2).

Penha Verde – fragmento recolhido na Casa 1 do povoado pré-histórico da Penha Verde (escavações de O. da Veiga Ferreira e G. Zbyszewski).

O conjunto do espólio exumado na referida unidade habitacional e, de modo geral, neste arqueossítio, é atribuível ao Calcolítico pleno – sucedendo-se-lhes numerosas cerâmicas campaniformes. Com efeito, qualquer que seja a estrutura habitacional das diversas ali identificadas, os materiais arqueológicos respectivos são globalmente homogêneos, e compatíveis com a atribuição cultural proposta, embora a presença de materiais campaniformes introduza um factor de imprecisão não controlável. Aliás, a qualidade construtiva da referida estrutura não se confunde com a natureza precária das suas homólogas campaniformes, nos escassos exemplos conhecidos, do povoado de Leceia.

O fragmento decorado a pente corresponde a vaso esférico. A decoração, partindo de canelura a toda a volta do bordo, desenvolve-se verticalmente em extensão desconhecida, visto encontrar-se interrompida por fractura. Pasta de coloração castanho-esverdeada, de textura muito grosseira, com elementos não plásticos de feldspato (predominantes) e de quartzo (Fig. 2, n.º 4).

3 – COMPARAÇÕES

Os fragmentos de Leceia, pertencendo a formas cilíndricas, têm os seus antecedentes mais expressivos nos conhecidos “copos” com decoração canelada do Calcolítico inicial da Estremadura (Fig. 2, n.ºs 1, 2 e 3). Diferem, porém, destes, por possuírem pastas e acabamentos muito mais grosseiros, como é característico do Calcolítico pleno, onde tais recipientes ostentam as conhecidas decorações obtidas pela impressão de uma matriz oval, produzindo motivos em “folha de acácia” e em “crucífera”, que subsituem os anteriores (CARDOSO, 1994); o acabamento de tais recipientes, é idêntico ao dos dois exemplos em estudo.

No respeitante à técnica e temática decorativas, os exemplares da Fig. 2, n.º 1 e 3 ostentam apenas uma das técnicas que, com o pente, se podem produzir: por arrastamento. Têm paralelos em exemplar de Pragança, decorado por padrão idêntico de faixas horizontais (GONÇALVES, 1991, Fig. 5, n.º 2).

O outro fragmento (Fig. 2, n.º 2) é mais elaborado; a associação das duas técnicas decorativas produzidas por pente tem paralelo próximo em exemplar do Outeiro de

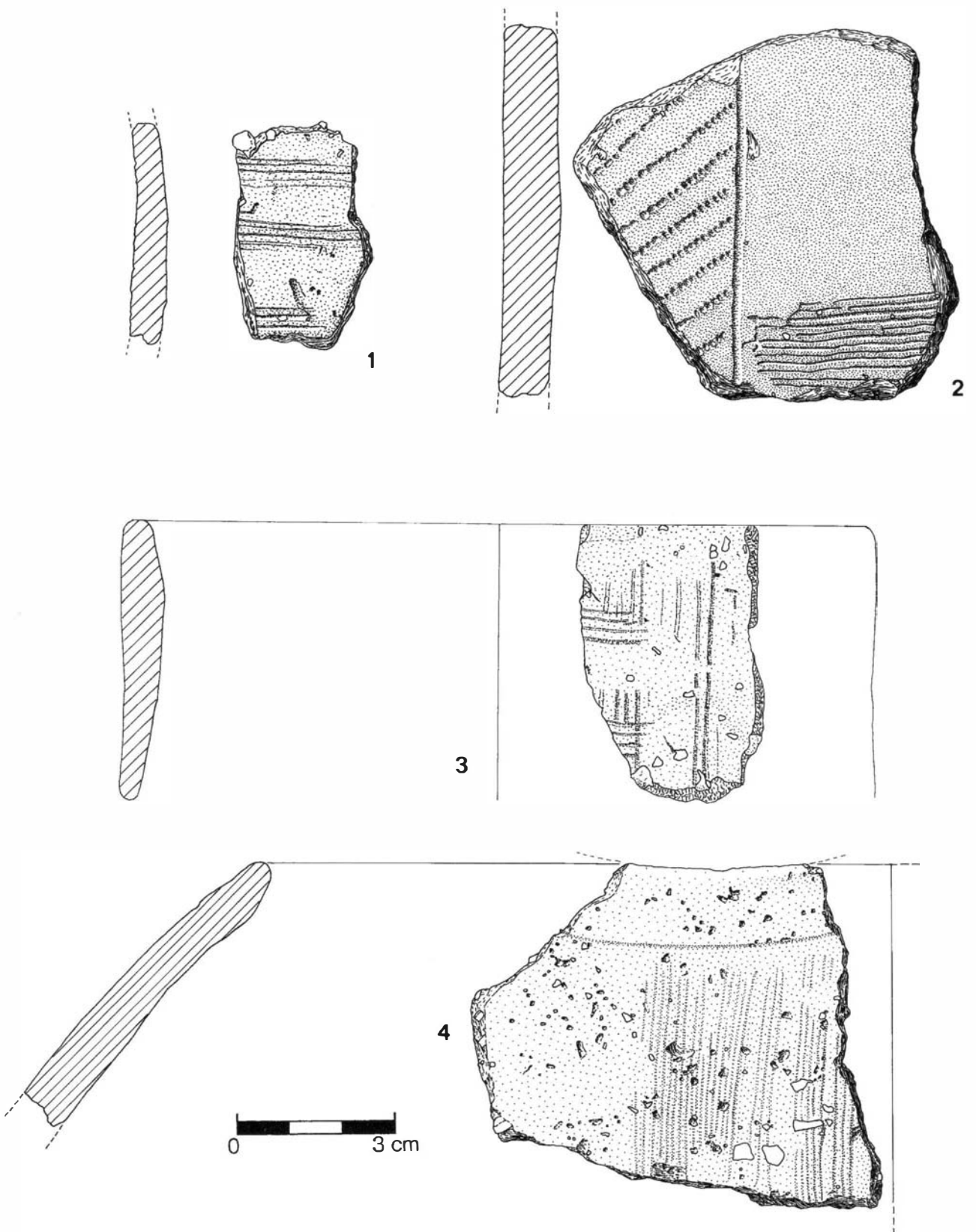


Fig. 2 – Cerâmicas decoradas com pente calcólicas de povoados da baixa Estremadura: 1 a 3 - Leceia (1 e 3 - Lc/87 a Norte da casa do século XVIII, sobre Muralha D, Camada 2; 2 - Lc/89, Lado interno de CC2, Camada 2). 4 - Penha Verde, casa 1 (ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1958).

S. Mamede-Óbidos (*op. cit.*, Fig. 6, n.º 1). Tal como neste, a organização dos dois padrões decorativos desenvolve-se na vertical, para o padrão impresso, a pontilhado, e na horizontal no concernente ao padrão inciso, obtido por arrastamento dos dentes do pente. Outro aspecto que faz aproximar singularmente os exemplares em causa é o facto de ambos pertencerem a copos, de médias e grandes dimensões, carácter que também os diferencia dos seus antecessores do Calcolítico inicial em geral menores.

Em recipiente de Pragança, observa-se, também, a associação das duas técnicas decorativas aludidas (*op. cit.*, Fig. 5, n.º 3), embora a pequenez do fragmento impeça a definição da respectiva forma.

Quanto ao fragmento de Penha Verde, a presença da técnica penteada incisa em vaso esférico, tem paralelo em exemplares da Fórnea (*op. cit.*, Fig. 2, n.º 2) e de Pragança (*op. cit.*, Fig. 3). Porém, ao contrário do exemplar da Penha Verde, nestes, o desenvolvimento da decoração faz-se na horizontal, sendo paralelo ao bordo. Aquele, constitui, deste modo, variante inédita de tal padrão decorativo, no contexto calcolítico da Estremadura.

3 – CONCLUSÕES

O estudo, agora efectuado, de exemplares de cerâmicas calcolíticas decoradas a pente, de Leceia e da Penha Verde, conduziu às seguintes conclusões:

1 – No que concerne à tipologia dos recipientes, estão presentes as formas cilíndricas – correspondente a recipientes “descendentes” dos “copos” do Calcolítico inicial – e a esférica, ambas bem conhecidas no Calcolítico pleno da Estremadura;

2 – No respeitante à técnica e temática decorativas, é nítida a semelhança dos exemplares agora estudados, da região da Baixa Estremadura, com outros, de domínios mais setentrionais (Pragança, Outeiro de São Mamede). A identidade observada, em especial, entre um exemplar de Leceia e outro do Outeiro de São Mamede, vem reforçar a existência de contactos culturais entre domínios geográficos da Estremadura, documentados por outros indícios ao nível da cultura material, como os artefactos de sílex róseo da região de Rio Maior, tão abundantes em Leceia.

3 – A atribuição ao Calcolítico pleno dos três exemplares de Leceia e do da Penha Verde – embora este possa ser mais recente – vem por ora restringir a esta fase cultural, na Estremadura, tais cerâmicas.

BIBLIOGRAFIA

- ÅBERG, N. (1921) – *La civilisation énéolithique dans le Péninsule Ibérique*. Uppsala, Akademiska Bockandeln, 204 p.
- CARDOSO, João Luís (1994) – Leceia 1983-1993. Escavações do povoado fortificado pré-histórico. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (número especial), 164 p. Câmara Municipal de Oeiras.
- CARREIRA, J.R. & CARDOSO, J.L. (1996) – Um conjunto de litografias arqueológicas inéditas da Comissão Geológica de Portugal. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 6 (no prelo).
- CASTILLO, A. del (1928) – *La cultura del Vaso Campaniforme (su origen y extension en Europa)*. Universidad de Barcelona, 216 p.
- FERREIRA, O. da Veiga & SILVA, C. Tavares da (1970) – A estratigrafia do povoado pré-histórico da Rotura (Setúbal). Nota preliminar. *Actas das I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1969), 2, p. 201-225.
- GONÇALVES J.L. Marques (1991) – Cerâmica calcolítica da Estremadura. *Actas das IV Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1990), p. 215-226.
- GONÇALVES, V. dos Santos (1971) – *O castro da Rotura e o Vaso Campaniforme*. Junta Distrital de Setúbal, 271 p.
- SILVA, C. Tavares da (1971) – O povoado pré-histórico da Rotura. Notas sobre a cerâmica. *Actas do 2.º Congresso Nacional de Arqueologia* (Coimbra, 1970), 1, p. 175-192.
- SPINDLER, K. (1981) – *Cova da Moura. Die Besiedlung des Atlantischen Küstengebietes Mittelportugals von Neolithikum bis an das Ende der Bronzezeit*. Verlag Philipp von Zabern, Mainz am Rhein, 290 p.
- VALERA, A.C. (1993) – A ocupação calcolítica da “Sala 20” do Buraco da Moura de S. Romão. *Trabalhos de Arqueologia da E AM*, 1, p. 37-53.
- ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. V. (1958) – Estação pré-histórica da Penha Verde (Sintra). *Comunic. Serv. Geol. Port.* 38, p. 37-57.

Estudos Arqueológicos de Oeiras,
5, Oeiras, Câmara Municipal, 1995, pp. 251-261

SÍMBOLOS SEXUAIS DO POVOADO PRÉ-HISTÓRICO DE LECEIA (OEIRAS)

João Luís Cardoso⁽¹⁾

1 – INTRODUÇÃO

Em 1975, ao estudarmos a colecção reunida por Álvaro de Brée na sua quinta de Barcarena, resultante de recolhas, feitas ao longo de muitos anos, no povoado pré-histórico de Leceia, deparámos com uma peça de terracota que, inquestionavelmente, correspondia à representação de um *phalus* (Fig. 1). Foi descrita mas não figurada, no trabalho que dedicámos ao estudo daquele notável conjunto (CARDOSO, 1980, 1981).

Anteriormente, tínhamos recolhido, em prospecções de superfície que, desde o início da década de 1970, vínhamos procedendo na estação, um outro exemplar de terracota, que se manteve inédito (Fig. 3, n.º 5).

Entretanto, a recolha em estratigrafia, de duas outras peças, estas com atributos sexuais femininos, no decurso das escavações que ali vimos dirigindo desde 1983, estiveram na origem próxima deste estudo, onde decidimos integrar os exemplares acima aludidos; não obstante a falta de informações estratigráficas, a raridade de tais peças e as considerações que possibilitaram, justificara tal decisão.

⁽¹⁾ Professor da Universidade Nova de Lisboa. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras. Sócio efectivo da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Associação Profissional de Arqueólogos.

2 – INVENTÁRIO

2.1 – Ídolos fálicos de terracota

– Fragmento de ídolo fálico de terracota, com engobe avermelhado. Apresenta-se fragmentado na extremidade anterior, além de mostrar pequenas fracturas e massas em falta, na parte conservada. Possui secção aproximadamente circular, com extremidade distal levemente convexa; no centro desta observa-se, duas proeminências elipsóides, paralelas, separadas por uma depressão e contornadas exteriormente por um sulco pouco profundo. Trata-se evidentemente da representação da abertura do canal uro-genital (Fig. 1, n.ºs 1, 2 e 3). Pasta de coloração castanho-avermelhada à superfície (engobe). Núcleo acinzentado. Granularidade média. Dimensões: comprimento – 75 mm; diâmetro médio – 57 mm. Colecção de Álvaro de Brée (Barcarena).

– Fragmento de ídolo fálico de terracota, erodido superficialmente e incompleto na extremidade proximal. De secção aproximadamente circular, a extremidade distal vai estreitando progressivamente, possuindo forma tronco-cónica grosseira, correspondente à glândula. No vértice, mostra uma dupla incisão em “V”, representando a abertura do canal uro-genital (Fig. 3, n.ºs 5 e 6). Pasta de coloração castanho-chocolate à superfície. Núcleo anegrado. Granularidade média a grosseira, com abundantes elementos não plásticos de quartzo e feldspato dispersos. Dimensões: comprimento – 44 mm; diâmetro médio – 35 mm. Recolha de J. L. Cardoso (anterior a 1975), de superfície.

2.2 – Representações sexuais femininas

– Cilindro de calcário sub-cristalino, branco, ostentando na metade inferior a representação da zona púbica feminina, correspondendo a um triângulo invertido percorrido por linha central vertical, obtida, como o triângulo, por incisão fina e contínua, na superfície da peça (Fig. 2 e Fig. 3, n.º 1).

O cilindro era originalmente maior; o topo corresponderá a uma fractura regularizada por polimento sumário.

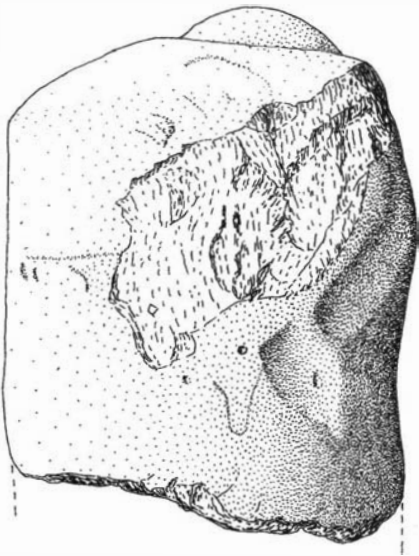
Dimensões: comprimento – 31 mm; diâmetro máximo – 15,6 mm.

Recolha de J. L. Cardoso no decurso da 5.ª campanha de escavações (1987) em local entre os Bastiões G e AA, em camada de derrubes (Camada 2, Calcólítico pleno). Para localização, ver planta publicada em CARDOSO (1994).

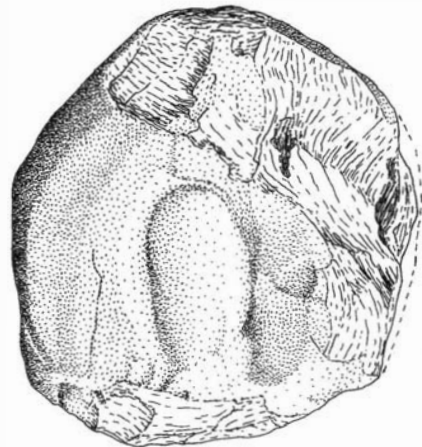
– Fragmento de taça de bordo em aba, um pouco espessado, e lábio convexo. O rebordo externo encontra-se sublinhado por um sulco irregular. Ostenta, no lábio, três sulcos abertos a punção ou buril após a cozedura, convergentes para o lado



1



2



3

Fig. 1 – *Phallos* de terracota, de Leceia (col. Álvaro de Breé). Fotos de J. L. Cardoso.

interno do recipiente (Fig. 3, n.º 2). Trata-se, tal como no artefacto anterior, da representação do órgão sexual feminino, mas de forma mais esquemática.

Recolha de J. L. Cardoso, na 7.ª campanha de escavações em local adjacente à *Estrutura MM / Camada 3*, Calcolítico inicial). Para localização, ver planta publicada em CARDOSO (1994).

3 – COMPARAÇÕES E DISCUSSÃO

3.1 – Os ídolos fálcos

Os dois ídolos fálcos de terracota de Leceia não possuem muitos paralelos pré-históricos em Portugal. O termo de comparação mais chegado que conhecemos é o exemplar de calcário recolhido em uma das grutas artificiais de Palmela (LEISNER *et al.*, 1961, Pl. II, n.º 15; LEISNER, 1965, Tf. 97, n.º 94), reproduzido na Fig. 3, n.º 3. De secção elipsoidal achatada, possui a glande muito melhor individualizada que no exemplar de Leceia, onde tal volume se encontra assinalado (Fig. 3, n.ºs 5 e 6); tal como em qualquer deles, a abertura do canal uro-genital mostra-se claramente indicada. Outro paralelo é o *phalus* cónico, de calcário, do *tholos* da Praia das Maças (LEISNER *et al.*, 1969, Pl. G) reproduzido na Fig. 3, n.º 4.

Um outro ídolo, de forma fálca, de osso ou marfim, recolhido em uma das grutas de S. Pedro do Estoril, perdeu-se no decurso da escavação; segundo o relato dos autores, “um ídolo, talvez de marfim, segundo Ribeiro o mais perfeito e de forma fálca, perdeu-se durante a escavação por ter sido roído por um cão quando estava a secar. Seria o único a comparar com o conhecido ídolo fálco de Palmela” (LEISNER, *et al.*, 1964, p. 57).

Os dois exemplares de *phalus* de terracota da sepultura 3 de Alcalar (Portimão), e assim considerados por SAVORY (1971, Fig. 47, m e n), não cremos que permitam tal atribuição.

Estes são os paralelos pré-históricos que registámos, em Portugal, para este tipo de peças. Sem embargo, poderiam mencionar-se outros, da época romana (PEREIRA, 1970) ou indeterminada, mas provavelmente também romana (FERREIRA, 1973/74).

A representação de ídolos fálcos, qualquer que seja a época a que pertençam, tem como finalidade a exaltação da fecundidade e da virilidade masculinas. Neste sentido, a existência dos exemplares de Leceia é de grande interesse por poder ilustrar o culto masculino antes de ele ser relegado pela omnipresente Deusa calcolítica, de difusão generalizada por todo o Mediterrâneo. Desconhecendo-se pormenores estratigráficos para as duas peças em apreço, esta afirmação não poderá ser cabalmente demonstrada, ao menos no respeitante a Leceia. No entanto, possuindo a estação uma importante ocupação humana do Neolítico final, é possível atribuir-se-lhe ambos os exemplares. Em que se baseia tal pressuposto? É o que procuraremos demonstrar.



Fig. 2 – Pormenor da representação do triângulo genital feminino do ídolo cilíndrico de calcário da Fig. 3, n.º 1, recolhido em Leceia, na Camada 2 (Calcolítico pleno).

1 – Como foi observado por outros autores, o santuário exterior do Escoural, vasto conjunto rupestre atribuível ao Neolítico final, onde avultam representações de bucrânios, terá sido deliberadamente ocultado e, em parte, destruído, pela construção de uma fortificação calcolítica, que ocupa a elevação, constituída por calcários cristalinos (mármore) atribuíveis ao Précambrico superior (TEIXEIRA & GONÇALVES, 1980). Os autores daquela descoberta são claros no que respeita a tal evidência: “Tivemos ocasião de referir que algumas das rochas decoradas, sobretudo as situadas no cimo do outeiro, apresentavam vestígios de cortes, suspeitando-se de que o santuário tenha perdido o seu significado ou, bem pelo contrário, tenha sido propositadamente destruído por essas populações que utilizaram as rochas decoradas como material de construção e aí se instalaram, fortificando-se sobre elas, durante o Calcolítico médio” (GOMES *et al.*, 1983, p. 303).

2 – O carácter “intencional” de tal destruição é acentuado pelos autores ulteriormente: “Durante o Calcolítico médio populações influenciadas pelas culturas do SO ocupam ostensivamente o santuário exterior que ali existia, levantando uma poderosa fortificação (...), sobrepondo-se ao santuário, destruindo propositadamente e reutilizando algumas das rochas decoradas como material de construção” (Gomes *et al.*, 1983/84).

O prosseguimento dos trabalhos de campo permitiu a alargar as observações a outros sectores da elevação, confirmando-se plenamente as anteriormente efectuadas: “(...) as conclusões que, então, tínhamos avançado no que concerne à ocupação ostensiva deste santuário, por populações do Calcolítico médio que ali se fortificaram, sobrepondo e destruindo propositadamente as rochas gravadas, saíram reforçadas” (GOMES, 1989, p. 240).

3 – A destruição intencional – a ter-se efectivado – do santuário rupestre do Escoural terá forçosamente um motivo de ordem ideológica: “O bucrânio ligado ao arado e os bucrânios associados a serpentiformes, devem constituir ideogramas conotados com aspectos míticos da fertilidade” (GOMES, 1989, p. 244); os bucrânios representariam o “princípio masculino da força fecundadora e da virilidade” (GOMES *et al.*, 1983, p. 304). Nesse sentido, a destruição ou apagamento das numerosas figuras de bucrânios pode ser interpretado como a substituição dos ritos de uma sociedade essencialmente pastoril, ligados ao culto da fecundidade masculina, pela nova ideologia calcolítica, que privilegiava o princípio feminino da fecundidade abundantemente representado no Centro e Sul de Portugal, e de que duas das peças de Leceia, agora estudadas, são exemplo.

Na óptica de M. V. GOMES (1989, 1993), a substituição do primado masculino dos ritos neolíticos, pelo feminino, dos calcolíticos, teria revestido aspectos de verdadeira

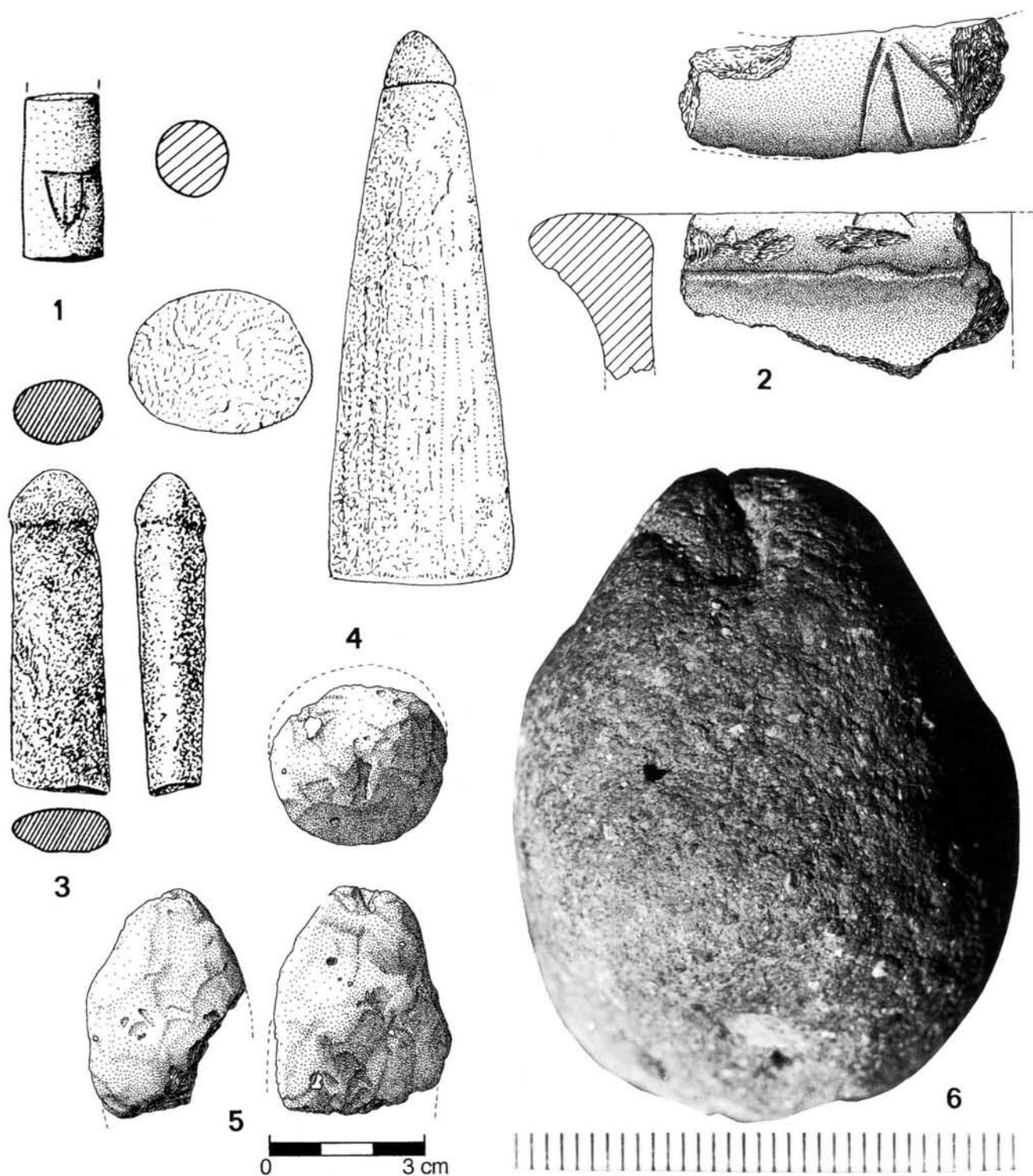


Fig. 3 – Símbolos sexuais do Neolítico e Calcolítico da Estremadura: 1 - cilindro de calcário com representação sexual feminina, de Leceia, Calcolítico pleno (Lc/87, entre G e AA, C2); 2 - representação sexual feminina obtida por gravação, após cozedura, em bordo de taça, de Leceia (Lc/89, ext. MM, C3); 3 - *phalus* de calcário polido do *tholos* da Praia das Maças (LEISNER et al., 1969, Pl. G); 4 - *phalus* de terracota, de Leceia (recolha de superfície); 6 - o mesmo exemplar do n.º 5, evidenciando-se o pormenor do canal uro-genital, em "V" (foto de J. L. Cardoso, escala em mm).

intolerância, senão de violência religiosa: alguns dos menires de Perdigões (Reguengos de Monsaraz), edificadas no Neolítico final, “serão derrubados, partidos ou destruídos” (GOMES, 1989, p. 259), pelos habitantes do sítio, no Calcolítico. O mesmo terá acontecido aos menires de Monte Novo (Sines) (GOMES, 1993).

4 – Pelo que ficou dito, poder-se-á concluir que os dois ídolos fálicos de Leceia corporizam princípios da super-estrutura mágico-religiosa neolítica; por isso, julgamos deverem integrar-se na primeira ocupação da estação, tão bem documentada pela Camada 4 (Neolítico final da Estremadura).

Aceitando tal princípio, é ainda ao Neolítico final que deverão reportar-se os dois exemplares compulsados como paralelos – um, das grutas artificiais de Palmela, outro das homólogas de S. Pedro do Estoril. Tal conclusão vem, assim, reforçar, a idade neolítica destes monumentos sepulcrais, já indicada por datação absoluta obtida (CARDOSO *et al.*, 1991; CARDOSO, 1994) e que outras, mais recentes, confirmaram (CARDOSO & SOARES, 1995).

3.2 – As representações sexuais femininas

A importância do pequeno cilindro de calcário (Fig. 3, n.º 1), com a representação do órgão sexual feminino (Fig. 2), já foi anteriormente salientada (CARDOSO, 1989, p. 114). Com efeito, trata-se da única referência explícita que conhecemos, no Calcolítico português, ao sexo destas representações antropomórficas cilindróides. Trata-se, pois, de mais uma alusão à omnipresente Deusa calcolítica, representada também em outro tipo de suportes – cerâmicos, ósseos, etc. – e configurando morfologia variada (GONÇALVES, 1993).

No mesmo sentido deverá ser entendida a figuração existente no lábio da taça de bordo espessado (Fig. 3, n.º 2). Trata-se de motivo executado por gravação após a cozedura do recipiente; poderá entender-se, deste modo, como o aproveitamento de artefacto profano, assim sacralizado, em cerimónias mágico-litúrgicas. Não lhe conhecemos paralelo.

Porém, não se poderá enfatizar demasiado a vertente sagrada do uso desta peça. Como em outro lugar referimos (CARDOSO, 1992), o carácter essencialmente prático de certos artefactos não poderá ser contrariado mesmo que exibam expressamente símbolos de evidente significado ideológico, de carácter mágico-religioso. Com efeito, em sociedades primitivas como a calcolítica, a fronteira entre o profano e o sagrado é dificilmente definível, não apenas por tal separação, na época, não ter talvez significado, mas também porque, volvidas centenas de séculos, não dispormos de meios de averiguarmos, pelos testemunhos materiais que nos chegaram, proces-

so essencialmente do foro sociológico e do comportamento, de carácter essencialmente abstracto, definitivamente inacessíveis.

Prova do que acabamos de referir é-nos oferecida pelas placas de barro rectangulares, com perfurações nos cantos, utilizadas como pesos de tear, de que se recolheram numerosos exemplares no povoado de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja). Alguns ostentam, em uma das faces, a representação sexual feminina (PAÇO & JALHAY, 1942, Fig. 25, n.º 7; PAÇO & JALHAY, 1945, Fig. 11, n.º 7; PAÇO & ARTHUR, 1952, Fig. 3, n.º 1), apesar do carácter utilitário de tais peças ser inquestionável. Outro exemplo frisante é-nos fornecido pelos suportes de lareira, de terracota (ver discussão deste assunto em CARDOSO & FERREIRA, 1990; CARDOSO, 1992; GONÇALVES, 1994; RECIO & MARTINEZ, 1994, p. 298).

4 – CONCLUSÕES

1 – Os dois ídolos fálicos de terracota recolhidos sem contexto estratigráfico em Leceia corporizam, aqui, a componente da super-estrutura mágico-religiosa de carácter pastoril, predominante até ao Neolítico final ou inícios do Calcolítico. A ocorrência destas peças, muito raras nos inventários pré-históricos portugueses – apenas dois exemplos compulsados, em Palmela e em S. Pedro do Estoril – é compatível com a importante ocupação do Neolítico final da estação.

2 – A substituição das práticas mágico-religiosas neolíticas por novas práticas, na passagem do Neolítico para o Calcolítico, tomando estas como referência primordial a figura da Deusa-Mãe, de raiz mediterrânea, fez-se bruscamente, a crer nos testemunhos de menires que, no Alentejo ocorrem mutilados; em Leceia, temos provas dessa substituição pela presença, tanto no Calcolítico inicial, como no Calcolítico pleno, de ideoartefactos contendo a representação do órgão sexual feminino, representados tanto por peças de cunho mágico-religioso, como de carácter essencialmente utilitário.

BIBLIOGRAFIA

- CARDOSO, J. L. (1980/81) – O povoado pré-histórico de Leceia (Lisboa/Portugal). Estudo da colecção do Escultor Álvaro de Brée. *Revista de Guimarães*, 90, p. 211-304 e 91, p. 190-233.
- CARDOSO, J. L. (1989) – *Leceia. Resultados das escavações realizadas 1983-1988*. Câmara Municipal de Oeiras, 146 p.

- CARDOSO, J. L. (1992) – Acerca de um suporte de lareira do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Al-Madan*, Série II, 1, p. 23-26.
- CARDOSO, J. L. (1994) – *Leceia 1983-1993. Escavações do povoado fortificado pré-histórico*. Estudos Arqueológicos de Oeiras (número especial). Câmara Municipal de Oeiras, 164 p.
- CARDOSO, J.L. & FERREIRA, O. da Veiga (1990) – Três suportes de lareira da Penha Verde (Sintra). *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa*, 1, p. 5-12.
- CARDOSO, J.L. & SOARES, A.M. Monge (1995) – Sobre a cronologia absoluta das grutas artificiais da Estremadura portuguesa. *Al-Madan*, S. II, 4, p. 10-13.
- FERREIRA, O. da Veiga (1973/74) – Notícia de algumas estações pré e proto-históricas e objectos isolados inéditos ou pouco conhecidos (2.^a Parte). *Bol. Cultural da Junta Distrital de Lisboa*, Série II, 79/80, p. 3-22.
- GOMES, M. Varela (1989) – Arte rupestre e contexto arqueológico. *Almansor – Revista de Cultura*, 7, p. 225-269.
- GOMES, M. Varela (1993) – Será que os deuses mudaram? Aspectos de intolerância religiosa e de alterações culturais, na passagem do Neolítico ao Calcolítico no Sudoeste Peninsular. *Conferência apresentada ao 1.º Simpósio Transformação e Mudança: o 4.º e o 3.º milénios no Centro/Sul de Portugal*. Museu-Biblioteca Conde de Castro Guimarães (Cascais, 1993). Centro de Arqueologia e História da Universidade de Lisboa/Câmara Municipal de Cascais. Resumo da comunicação distribuído aos participantes.
- GOMES, R. Varela; GOMES, M. Varela & SANTOS, M. Farinha dos (1983) – O santuário exterior do Escoural. Sector NE (Montemor-o-Novo, Évora). *Zephyrus*, 36, p. 287-307.
- GOMES, R. Varela; GOMES, M. Varela & SANTOS, M. Farinha dos (1983/84) – Resumos de intervenções em Escoural (Montemor-o-Novo) e Monte da Tumba (Torrão). *CLIO/Arqueologia, Revista da UNIARCH*, 1, p. 77-78.
- GONÇALVES, V. S. (1993) – Manifestações do Sagrado na Pré-história do Ocidente Peninsular. 3. A Deusa dos Olhos de Sol – um primeiro olhar. *Revista da Faculdade de Letras*, Série V, 15, p. 9-15. Lisboa.
- GONÇALVES, J.L.M. (1994) – “Ídolos de cornos” e suportes de lareira do Castro de Vila Nova de São Pedro (Azambuja). *Actas das V Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1994), 2, p. 147-162.
- LEISNER, V. (1965) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Tafeln. Deutsches Archäologisches Institut. Abteilung Madrid. Walter de Gruyter & Co. Berlin.
- LEISNER, V.; ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da Veiga (1961) – *Les grottes artificielles de Casal do Pardo (Palmela) et la Culture du Vase Campaniforme*. Memórias dos Serviços Geológicos de Portugal, 8 (N.S.) Lisboa.

- LEISNER, V.; PAÇO, A. do & RIBEIRO, L. (1964) – *Grutas artificiais de São Pedro do Estoril*. Lisboa.
- LEISNER, V; ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da Veiga (1969) – *Les monuments préhistoriques de Praia das Maçãs et de Casinhos*. Memórias dos Serviços Geológicos de Portugal, 16 (N.S.). Lisboa.
- PAÇO, A. do & JALHAY, E. (1942, 1970) – A póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro. Notas sobre a 3.^a, 4.^a e 5.^a campanhas de escavações – 1939, 1940 e 1941. *Brotéria*, 34 (6), p. 635-663. Republicado em *Trabalhos de Arqueologia de Afonso do Paço*, 1970, 1, p. 275-305. Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa.
- PAÇO, A. do & JALHAY, E. (1945, 1971) – El castro de Vilanova de San Pedro. *Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria*, 20, p. 55 e seg. Republicado em *Trabalhos de Arqueologia de Afonso do Paço*, 1971, 2, p. 185-264. Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa.
- PAÇO, A. do & ARTHUR, M. L. C. (1952) – Castro de Vila Nova de S. Pedro. 1-15.^a campanha de escavações (1951). *Brotéria*, 54 (3), p. 289-309.
- PEREIRA, M. A. HORTA (1970) – *Monumentos históricos do concelho de Mação*. Câmara Municipal de Mação.
- RECIO, J. del Val & MARTINEZ, J. Herrán (1994) – El Calcolítico precampaniforme en el Duero medio. *Trabalhos de Arqueologia*, 7, p. 293-304.
- SAVORY, H. N. (1971) – *Espanha e Portugal*. Editorial Verbo. Lisboa.

Estudos Arqueológicos de Oeiras,
5, Oeiras, Câmara Municipal, 1995, pp. 263-276

CRONOLOGIA ABSOLUTA PARA AS OCUPAÇÕES DO NEOLÍTICO FINAL E DO CALCOLÍTICO INICIAL DO POVOADO PRÉ-HISTÓRICO DE LECEIA (OEIRAS)

António Manuel Monge Soares⁽¹⁾ e João Luís Cardoso⁽²⁾

1 – INTRODUÇÃO

O povoado pré-histórico de Leceia (Concelho de Oeiras) tem sido objecto de escavações arqueológicas recentes (desde 1983) e os seus resultados motivo de ampla divulgação (CARDOSO 1989, 1991a, b, 1994, 1995; CARDOSO & CARDOSO, 1993; CARDOSO *et al.*, 1984, 1987). Uma das prioridades científicas dos trabalhos em curso é o estabelecimento de uma cronologia absoluta para as diversas fases de ocupação nele identificadas, fazendo uso da datação pelo radiocarbono a partir de diversos tipos de materiais, nomeadamente carvões, ossos e conchas marinhas encontrados em contextos bem definidos. Os resultados obtidos foram sendo publicados à medida que os laboratórios os forneciam (ver publicações acima citadas) e constituíram em 1994 um conjunto de 16 datas, abrangendo todas as fases culturais (ver lista completa em SOARES e CABRAL, 1993). Embora este número de datas fizesse

⁽¹⁾ *Laboratório de Isótopos Ambientais, Departamento de Química, ICEN/INETI, Estrada Nacional 10, 2685 Sacavém.*

⁽²⁾ *Professor da Universidade Nova de Lisboa. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras. Sócio efectivo da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Associação Profissional de Arqueólogos. Bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian.*

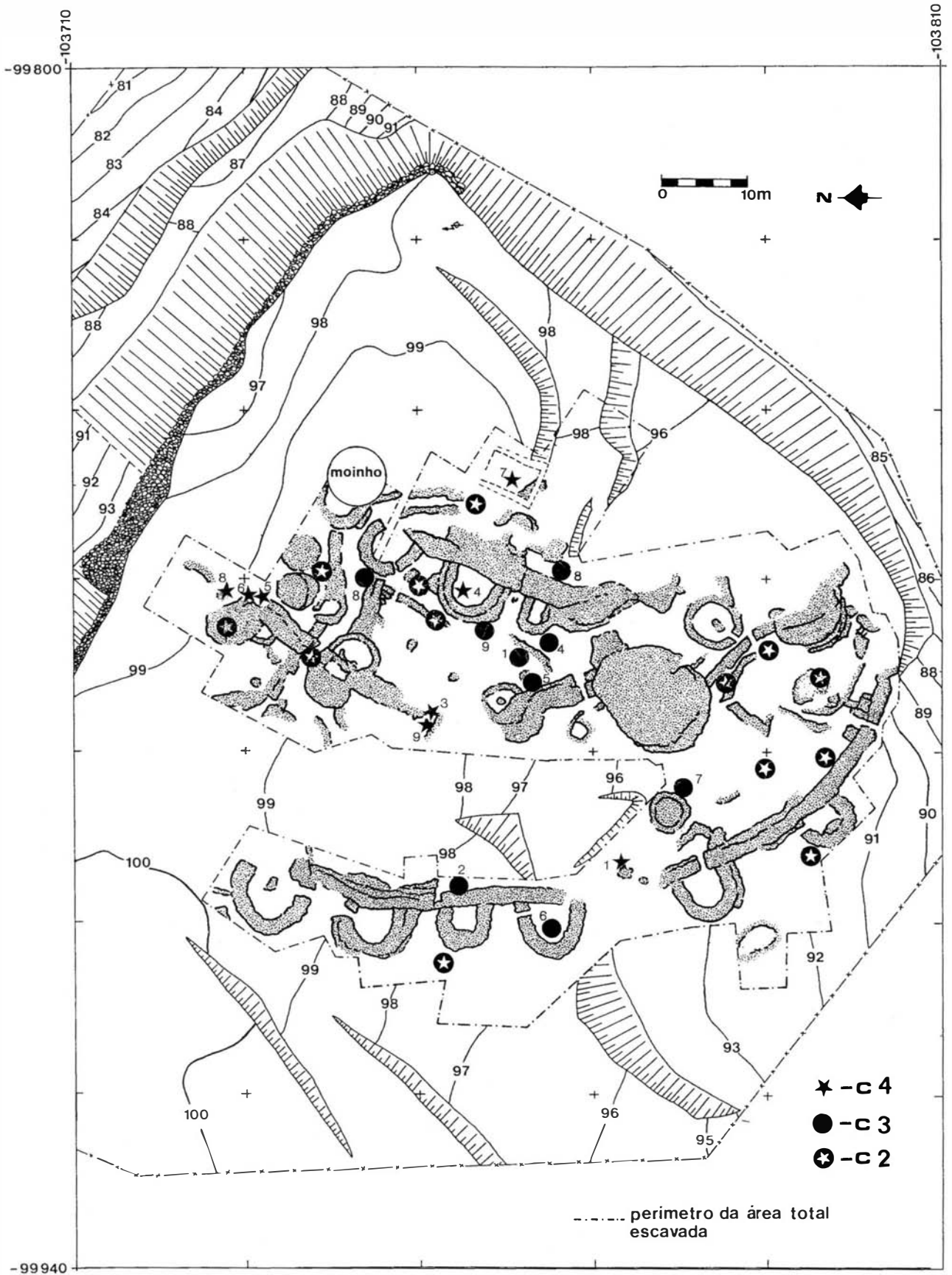


Fig. 1 – Localização, na área escavada até 1994 no povoado pré-histórico de Leceia, das colheitas de amostras de carvões, ossos e conchas marinhas para datação pelo radiocarbono. C 4 - Neolítico final; C 3 - Calcolítico inicial; C 2 - Calcolítico pleno.

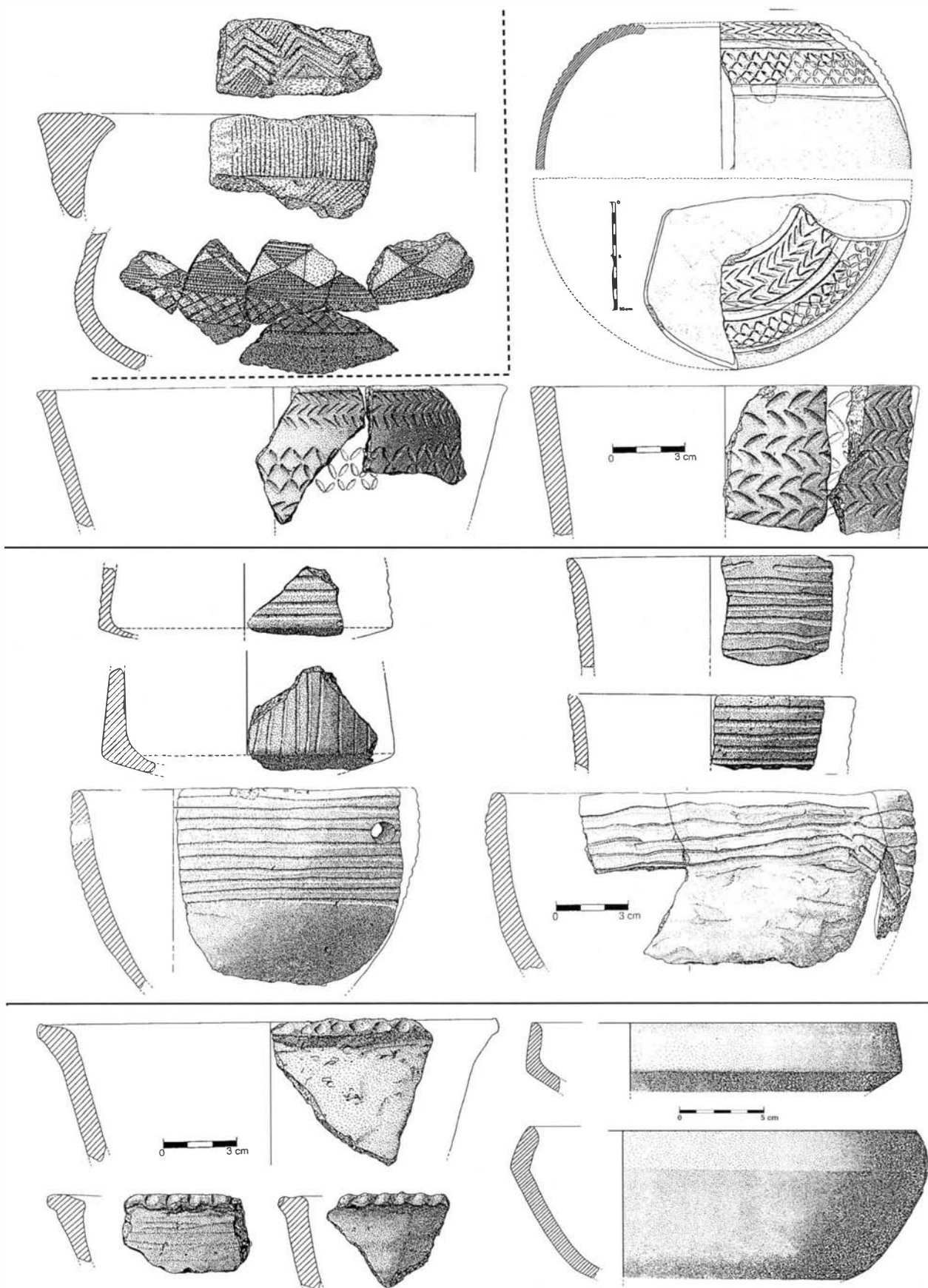


Fig. 2 – Materiais cerâmicos característicos das fases culturais identificadas em Leceia; em baixo: do Neolítico final (C4); ao centro: do Calcolítico inicial (C3); em cima, à esquerda: do Calcolítico pleno (C3); à direita: do Calcolítico final (C2, níveis superiores).

de Leceia uma das estações arqueológicas portuguesas melhor datadas, julgou-se conveniente prolongar o programa de datações encetado, dada a importância da estação, a boa definição das camadas arqueológicas, a controvérsia que tem rodeado quer a cronologia absoluta das diversas fases culturais do Calcolítico da Estremadura Portuguesa quer a relativa à transição Neolítico-Calcolítico, e que aquele conjunto de datas não permitia resolver cabalmente.

Para isso, um lote de 20 amostras, uma de carvão e as restantes de ossos de animais, provenientes das diversas camadas – 5 amostras da Camada 4 (Neolítico final), igual número da Camada 3 (Calcolítico inicial) e as restantes 10 da Camada 2 (Calcolítico pleno) – criteriosamente escolhidas em diversos pontos do povoado (Fig. 1), foram enviadas ao Laboratório de Isótopos Ambientais do ICEN para datação. A matéria orgânica (o colagénio) dos ossos conservou-se bastante bem em Leceia, o que permite a obtenção de uma gelatina muito pura (sem contaminantes) e, por conseguinte, uma grande fiabilidade para as datas obtidas. A opção por este tipo de material datável baseou-se também no facto da sua muito menor mobilidade nas camadas estratigráficas em que se encontra, comparada com a dos carvões, principalmente se se trata de pequenos fragmentos, o que muitas vezes dá origem, neste último caso, a datas aberrantes. Além disso, os ossos poderão considerar-se *grosso modo* como materiais de vida curta, o que não acontece com a maior parte do material vegetal carbonizado que se encontra vulgarmente na escavação.

Metade do lote de 20 amostras atrás citado, o referente às camadas 4 e 3 foi já datado e são estes resultados, conjuntamente com os obtidos nos anos anteriores, que serão objecto deste trabalho, por nos parecer importante, desde já, divulgar as interessantes conclusões obtidas.

2 – DATAÇÃO ABSOLUTA PARA AS CAMADAS 4 e 3

No QUADRO 1 encontra-se a listagem das datas para as duas camadas referidas. Nas Figs. 1 e 2 assinala-se, respectivamente, a proveniência das amostras e os materiais cerâmicos utilizados para a definição cultural de ambas. As Figs. 3 a 6 ilustram as características de alguns dos locais de onde provêm as amostras.

Para a Camada 4, a data ICEN-827, obtida a partir de uma amostra de carvões retirada de uma anfractuosidade do substrato rochoso, tem um valor aberrante, não compatível com a cronologia dos diversos materiais ali exumados e, por isso, não mais será aqui considerada. Indicará, porventura e simplesmente, que na primeira metade do VII Milénio a.C. havia vegetação a cobrir a plataforma rochosa, onde mais tarde se iria implantar o povoado que, por qualquer motivo, antrópico ou natural, ardeu. Por outro lado, embora não proveniente da Camada 4, consideraremos neste conjunto de datas do Neolítico final a data ICEN-738, uma vez que foi obtida a partir



Fig. 3 – Leceia 1988. A Camada 4, do Neolítico final, observada em corte sob a fundação da *Muralha O* (lado ocidental); é evidente a coloração escura que lhe corresponde, contrastando com o embasamento argiloso esbranquiçado daquela muralha. Em primeiro plano, observa-se estrutura (*Muro QQ*), do Neolítico final. Foto de G. Cardoso.



Fig. 4 – Leceia 1988. Corte executado na *Muralha O* (lado oriental); evidencia-se a sua fundação em camada escura: a Camada 4 (do Neolítico final). Em primeiro plano, vista parcial de estrutura pertencente ao Neolítico final (*Casa R*). Foto de G. Cardoso.

QUADRO 1
Datas absolutas para Leceia – Camadas 4 e 3

Ref. de Laboratório	Tipo de amostra	$\delta^{13}\text{C}$ (‰)	Data convencional (BP)	Data calibrada (cal BC)		Localização da amostra (ver Fig. 1)
				1 σ	2 σ	
CAMADA C4						
ICEN-827	carvão	- 24,08	7930 \pm 60	7000-6620	7030-6560	A NE de EM (1)
ICEN-738	ossos	- 19,77	4630 \pm 45	3497-3351	3509-3147	Gruta artificial (2)
ICEN-1160	“	- 21,81	4630 \pm 60	3500-3350	3620-3110	Sob Muralha O, lado ocidental (3)
ICEN-312	carvão	- 20,22	4530 \pm 100	3370-3040	3610-2910	Sob o Bastião G (4)
ICEN1-313	“	- 22,02	4520 \pm 130	3490-2930	3630-2880	Casa R, subjacente à Muralha O, lado oriental (5)
ICEN-316	“	- 23,39	4520 \pm 70	3350-3050	3490-2920	Lareira escavada no substrato geológico, junto à casa R (6)
ICEN-1161	ossos	- 20,00	4440 \pm 50	3293-2927	3337-2917	Interior Casa Séc. XVIII (7)
ICEN-1159	“	- 21,35	4430 \pm 50	3261-2925	3333-2915	Casa R (8)
ICEN-I 158	“	- 21,45	4320 \pm 60	3020-2880	3090-2710	Sob Muralha O, lado ocidental (9)
CAMADA C3						
ICEN-674	carvão	- 24,56	4370 \pm 60	3080-2910	3290-2880	Junto ao muro SS (1)
ICEN-I 173	ossos	- 20,50	4170 \pm 50	2878-2621	2888-2581	EH, lado norte (2)
ICEN-91	“	- 20,00	4130 \pm 60	2870-2580	2880-2490	Derrubes adjacentes ao lado externo do Bastião C (3)
ICEN-673	carvão	- 24,95	4130 \pm 100	2880-2500	2920-2460	Lageado TT (4)
ICEN-675	“	- 25,42	4100 \pm 90	2870-2490	2890-2410	Camada de derrube do lado interno da Muralha GG (5)
ICEN-1175	ossos	- 19,85	4090 \pm 80	2870-2490	2880-2460	EP (6)
ICEN-1176	“	- 20,02	4090 \pm 60	2860-2500	2880-2460	EM (7)
ICEN-1177	“	- 21,12	4050 \pm 50	2615-2485	2860-2461	Lado interior de BB (8)
ICEN-1174	“	- 21,20	3980 \pm 50	2563-2457	2587-2335	Exterior Bastião G, lado ocidental (9)

de ossos humanos encontrados numa gruta funerária artificial, a cerca de 800 m a Sul de Leceia, e que estaria muito provavelmente relacionada com a primeira ocupação daquele local (CARDOSO, 1991 b, p. 25;1994, pp. 108 e 113).

Para a Camada 3, a data ICEN-674, também obtida a partir de uma amostra de carvões, tem um valor que deverá ser encarado com cuidado. Note-se que este valor se integra facilmente no grupo correspondente à Camada 4 e não no obtido para a Camada 3. Na realidade, comparando estatisticamente ICEN-674 e ICEN-1173 (a data seguinte de maior valor médio do conjunto correspondente à Camada 3), podemos concluir que estas duas datas são estatisticamente diferentes para um nível de probabilidade de 95% – Teste $T'=6,26$, $\chi^2(0,05)=3,84$ (ver STUIVER e REIMER, 1993, p. 227).



Fig. 5 – Leceia 1990. Vista parcial da área escavada, observando-se em primeiro plano a Estrutura EM, atribuída a eira (Calcolítico inicial). Foto de G. Cardoso.



Fig. 6 – Leceia 1994. Vista geral da Estrutura EM, depois de integralmente posta a descoberto (ver Fig. 5). Foto de J. L. Cardoso.

Aliás, em Leceia verificou-se, no referente à Camada 4, que a “ausência local de tal camada, e a sua importância em outros casos, sugere um período de erosão, transporte e acumulação de materiais, correspondente, portanto, a um abandono do local, antes da construção das primeiras estruturas calcólicas” (CARDOSO, 1994, p. 32). Assim, quer por critérios estatísticos, quer arqueológicos, ICEN-674 tem de ser considerada como um “outlier” e, por conseguinte, também não será considerada nos comentários e no tratamento de dados que a seguir serão feitos.

Na Fig. 9 estão representadas graficamente as datas obtidas para as camadas 4 e 3, utilizando o programa CALIB Rev. 3.0.3 de STUIVER e REIMER, 1993. Igualmente, utilizando o referido programa, é possível construir as Figs. 10 e 11 que representam os somatórios, sob o aspecto de histogramas, das distribuições de probabilidades referentes às diferentes datas correspondentes à camada 4 e à camada 3, respectivamente.

A existência de um hiato na ocupação do local entre o Neolítico final (Camada 4) e o Calcólico inicial (Camada 3) torna-se evidente pela observação destas figuras, uma vez que as datas correspondentes a uma e outra fase cultural formam dois blocos que não se sobrepõem. Estatisticamente, poderemos por isso delimitar cronologicamente, com elevado grau de probabilidade, a duração das duas referidas fases. Assim, fazendo uso do programa CALIB atrás referido foram construídos gráficos de acumulação de probabilidade referente a cada conjunto de datas (Figs. 12 e 13) e a partir deles calculados diversos intervalos de confiança para a duração das duas fases culturais referidas. Ao mesmo tempo, tais gráficos permitiram estimar a duração do hiato. No QUADRO 2 estão indicados os intervalos de confiança para graus de probabilidade de 50%, de 68,3% (1σ) e de 95% (2σ).

Convém, talvez, recordar aqui que o intervalo de confiança de 50% representa o “floruit” dessa fase cultural, ou seja, o seu período de florescimento (ver discussão deste conceito em SOARES & CABRAL, 1993, p. 220). Perante os dados que figuram no Quadro 2, pode afirmar-se que o Neolítico final de Leceia corresponderá, essen-

QUADRO 2

Intervalos de confiança para a duração do Neolítico final e do Calcólico inicial em Leceia

Probabilidade	Neolítico final (cal BC)	Calcólico inicial (cal BC)
50%	3350-3040	2770-2550
68,3%	3420-2980	2830-2520
95%	3510-2900	2870-2400



Fig. 7 – Leceia 1991. O *Bastião EP*, ainda parcialmente coberto pela Camada 2. Calcolítico inicial. Foto de G. Cardoso.



Fig. 8 – Leceia 1992. O *Bastião EP*, depois de totalmente escavado (ver Fig. 7). Foto de G. Cardoso)

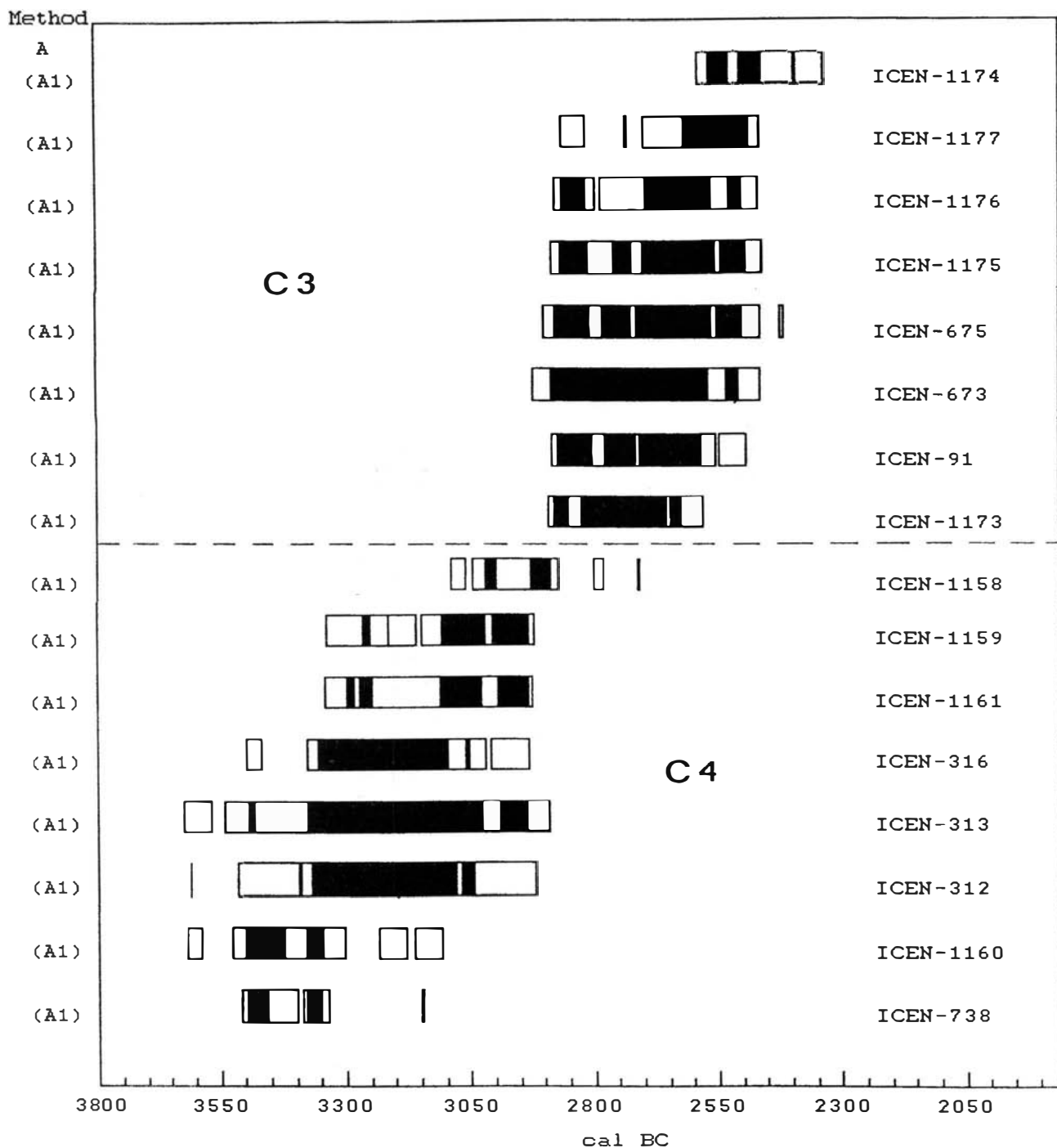


Fig. 9 – Representação gráfica das datas calibradas obtidas para as Camadas 4 e 3, fazendo uso do programa CALIB Rev.. 3.0.3 de STUIVER e REIMER (1993).

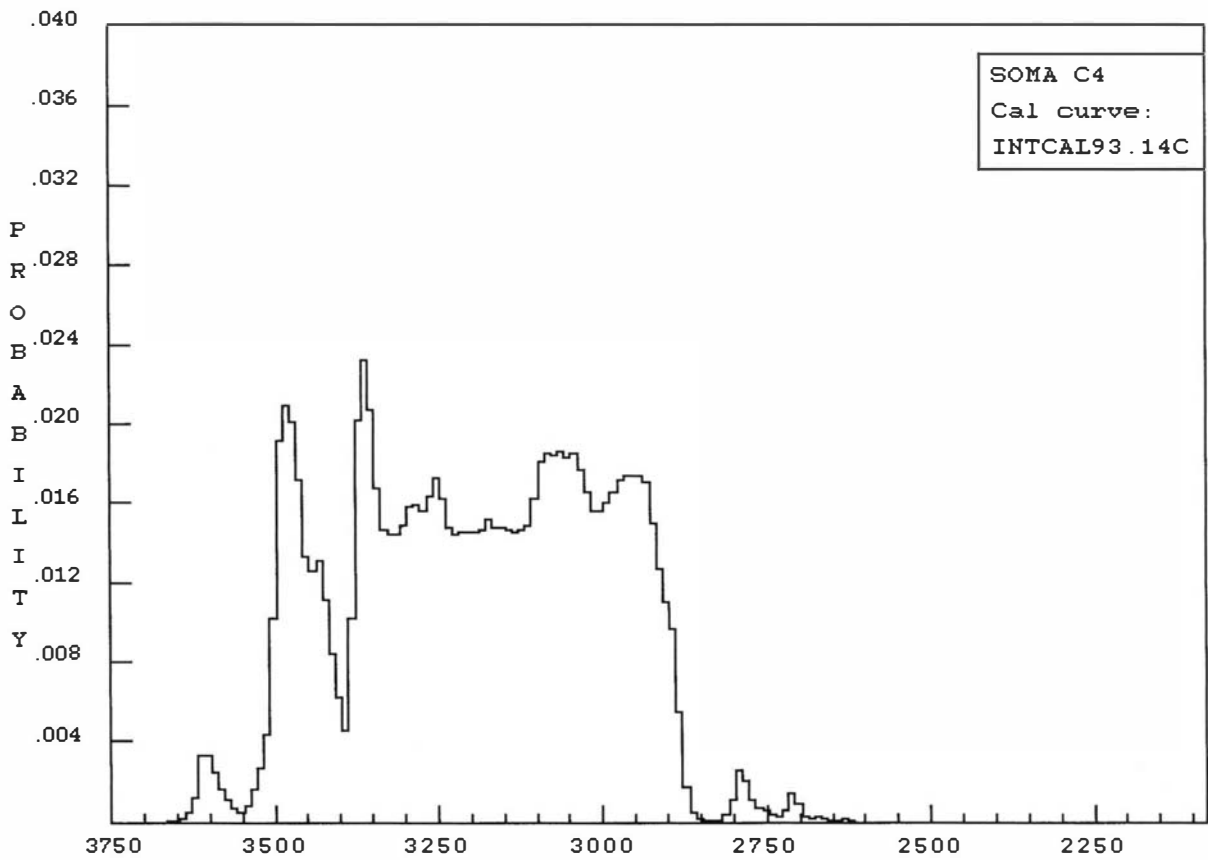


Fig. 10 – Somatório, sob o aspecto de histograma, das distribuições de probabilidade referentes às datas correspondentes à Camada 4.

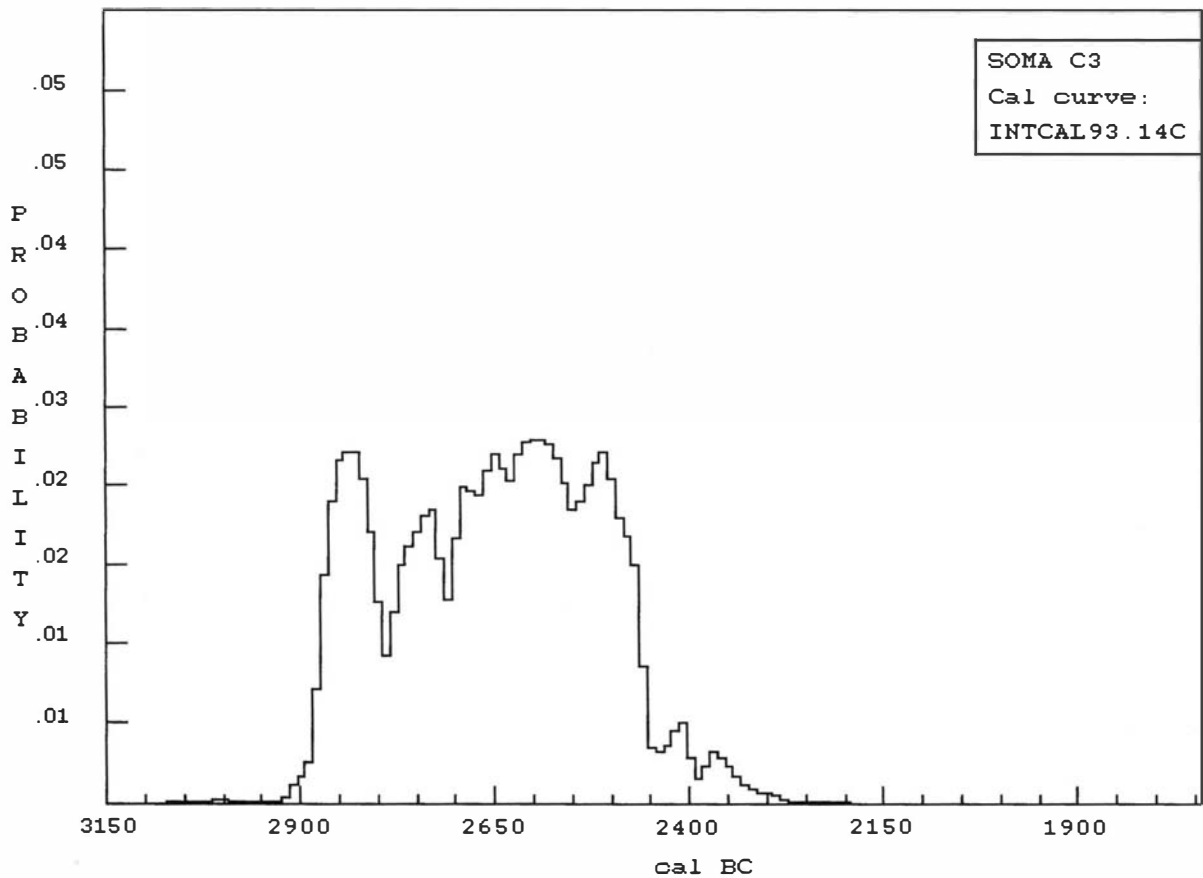


Fig. 11 – Somatório, sob o aspecto de histograma, das distribuições de probabilidade referentes às datas correspondentes à Camada 3.

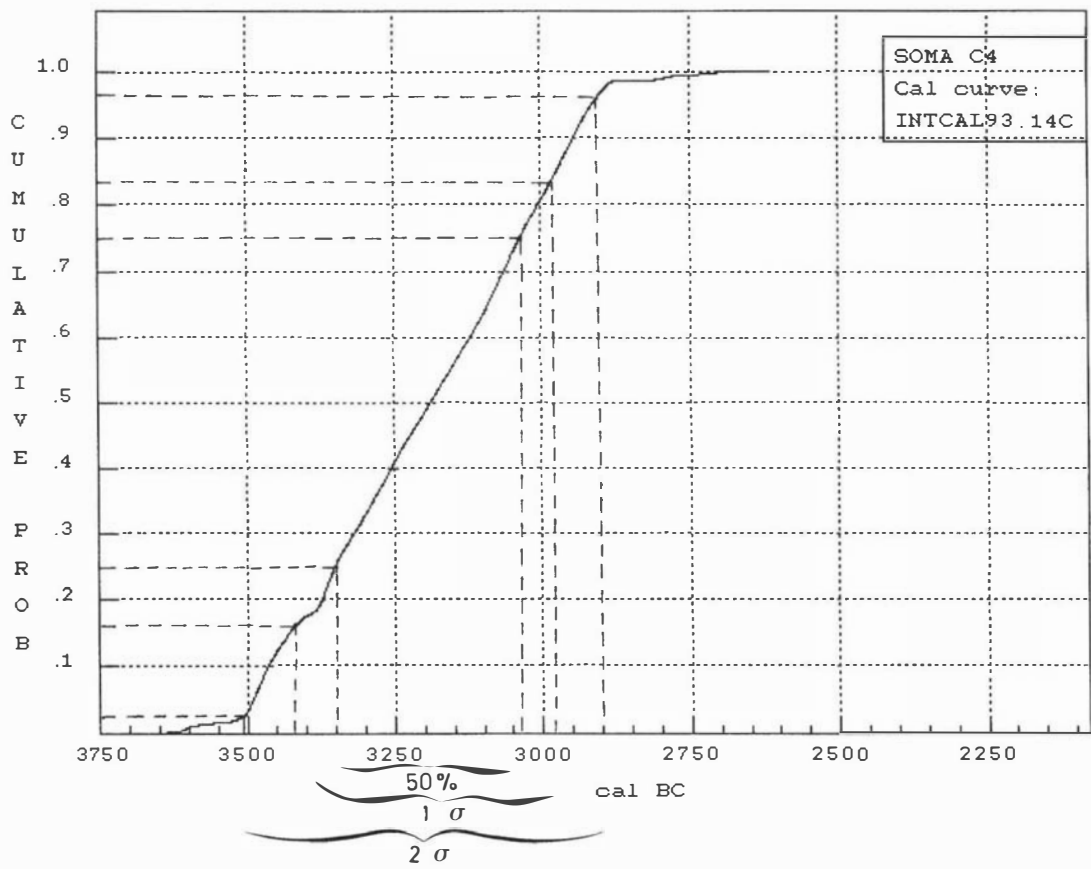


Fig. 12 – Gráfico de acumulação de probabilidade referente ao conjunto de datas da Camada 4, com representação do cálculo dos intervalos de confiança de 50%, 68,3% (σ) e 95% (2σ).

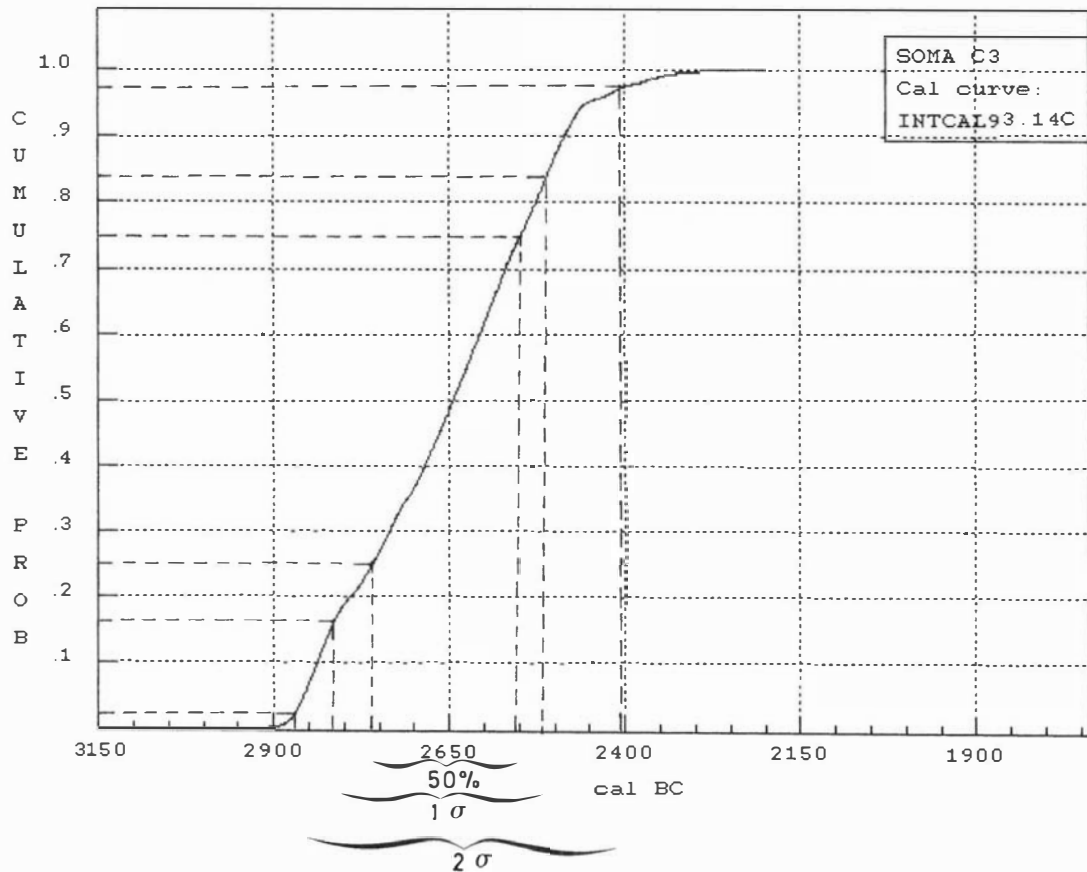


Fig. 13 – Gráfico de acumulação de probabilidade referente ao conjunto de datas da Camada 3, com representação do cálculo dos intervalos de confiança de 50%, 68,3% (σ) e 95% (2σ).

cialmente, aos quatro últimos séculos do IV Milénio a.C.. Quanto ao Calcolítico inicial terá tido uma duração inferior à do Neolítico final, correspondendo aos três séculos anteriores aos meados do III Milénio a.C.. A primeira fortificação de Leceia, correspondente ao início do Calcolítico inicial, terá sido construída cerca de 2800 a.C. ou, mais provavelmente, algumas, poucas, dezenas de anos antes. Por outro lado, o hiato existente entre o Neolítico final e o Calcolítico inicial (identificado na estratigrafia do povoado) terá tido uma duração de 30 a 150 anos. É difícil uma maior precisão, mas, sendo os valores extremos dificilmente aceitáveis, o que a análise estatística permite afirmar é que o período de abandono deve corresponder a algumas dezenas de anos entre aqueles valores extremos.

3 – COMENTÁRIOS FINAIS

Pela primeira vez o Neolítico final e a fase cultural seguinte, o Calcolítico inicial, foram datados com elevada precisão num povoado da Estremadura portuguesa. O mesmo se poderá dizer do hiato de abandono do local, evidenciado pela estratigrafia entre aquelas duas fases culturais.

Esperamos que a continuação do programa de datações para Leceia, no que concerne ao Calcolítico pleno, nos permita chegar a um resultado com precisão semelhante aos agora obtidos. De qualquer modo, programas de datação do tipo do descrito neste trabalho são necessários e urgentes para outras estações arqueológicas. Só assim as dúvidas e incertezas que, por um de nós, em trabalho anterior (SOARES e CABRAL, 1993), foram levantadas sobre a periodização do Calcolítico, poderão, em outras áreas geográficas, ser agora cabalmente esclarecidas.

Se tomarmos como representativo o povoado pré-histórico de Leceia, no que se refere ao início do Calcolítico na Estremadura portuguesa, não parecem restar dúvidas que esta fase cultural se inicia muito antes no Alentejo, quando em Leceia florescia ainda o Neolítico final (vejam-se, por exemplo, as datas dos povoados alentejanos da Sala n.º 1, de S. Brás 1 ou do Monte da Tumba, *in* SOARES e CABRAL, 1993). O mesmo se dirá da introdução da metalurgia, que em Leceia ocorre na segunda metade do III Milénio a.C., apenas no Calcolítico pleno, mas que no Alentejo está atestada em contextos datados do IV Milénio ou da primeira metade do III Milénio a.C.

AGRADECIMENTOS

À Câmara Municipal de Oeiras, e ao IPPAR, através do seu Departamento de Arqueologia, que financiaram a realização do programa de datações que esteve na base deste estudo.

BIBLIOGRAFIA

- CARDOSO, J.L. (1989) — *Leceia. Resultados das escavações realizadas (1983-1988)*. Câmara Municipal de Oeiras, 146 p.
- CARDOSO, J.L. (1991a) — A reconstrução de grandes estruturas em povoados calcólicos. O exemplo de Leceia (Oeiras). Actas das *IV Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1990), p. 139-146.
- CARDOSO, J.L. (1991b)—Ver RIBEIRO (1878)
- CARDOSO, J.L. (1994)—Leceia 1983-1993. Escavações do povoado fortificado pré-histórico. *Estudos Arqueológicos de Oeiras, Número Especial*, Oeiras, 164 p.
- CARDOSO, J.L. (1995) — O povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). Resultados das escavações efectuadas (1983-1993). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35(1), 115-129.
- CARDOSO, J.L. & CARDOSO, G. (1993) — Carta arqueológica do concelho de Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 4, 126 p. Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J.L.; SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1984) — O povoado calcólico de Leceia (Oeiras). primeira e segunda campanhas de escavação (1983-1984). *Clio/Arqueologia*, (revista da Unidade de Arqueologia do Centro de História da Universidade de Lisboa), 1: 41-68.
- CARDOSO, J.L., SOARES, J & SILVA, C. Tavares da (1987)— *Oeiras há 5000 anos, Monografia de Leceia*. Câmara Municipal de Oeiras.
- RIBEIRO, C. (1878)—*Estudos prehistoricos em Portugal. I — Notícia da estação humana de Licêa*. Academia Real das Ciências de Lisboa, 68 p. Reedição em *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, I (1991) 184 p., com notas e comentários de João Luís Cardoso. Câmara Municipal de Oeiras.
- SOARES, A.M. MONGE & CABRAL, J.M. PEIXOTO (1993) — Cronologia absoluta para o Calcólico da Estremadura e do Sul de Portugal. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 33(3-4), 217-235 .
- STUIVER, M. & REIMER, P.J. (1993) — CALIB User's Guide Rev. 3.0.3., Quaternary Isotope Laboratory, University of Washington.

Estudos Arqueológicos de Oeiras,
5, Oeiras, Câmara Municipal, 1995, pp. 277-298

O POVOADO PRÉ-HISTÓRICO DE MONTES CLAROS (LISBOA). RESULTADOS DAS ESCAVAÇÕES DE 1988 (*)

João Luís Cardoso⁽¹⁾ e Júlio Roque Carreira⁽²⁾

1 – ANTECEDENTES; JUSTIFICAÇÃO DOS TRABALHOS REALIZADOS

A estação pré-histórica de Montes Claros foi descoberta em finais de Abril de 1943 por Leonel Ribeiro, na sequência de revolvimentos de terras da abertura de arruamentos no Parque Florestal de Monsanto (Fig. 1). Investigado o local (apenas em Janeiro de 1944) pelo seu descobridor, em companhia de E. Jalhay e de A. do Paço, decorreram os trabalhos de escavação até 23 de Maio desse ano (Fig. 2). Anteriormente, tinham visitado a estação, responsáveis pela administração municipal, tendo-se obtido desta entidade os necessários apoios logísticos e financeiros. Em contrapartida, foram os materiais depositados em instalações camarárias, com o objectivo de ulteriormente serem integrados no espólio do Museu da Cidade, onde hoje se podem observar.

Foi a abertura de vala na estrada que contorna a Leste o actual abrigo para cavalos

^(*) *O presente trabalho resultou da refusão do relatório elaborado pelo primeiro signatário, e enviado ao então IPPC, na qualidade de arqueólogo responsável pelos trabalhos de escavação executados em 1988 em Montes Claros, com outros trabalhos entretanto publicados (CARREIRA & CARDOSO, 1992, 1994).*

⁽¹⁾ *Professor da Universidade de Lisboa. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras. Sócio efectivo da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Associação Profissional de Arqueólogos.*

⁽²⁾ *Rua Inácio de Sousa, n.º 5, 4.º andar. Lisboa.*

que proporcionou a identificação desta importante jazida. A área então considerada como de interesse arqueológico correspondia ao espaço delimitado pela referida estrada, o aludido abrigo “e um grande fosso que lhe fica a Norte” (JALHAY *et al.*, 1944), sem dúvida a pedreira abandonada que actualmente ali se encontra. Na opinião dos autores, a estação prolongar-se-ia, provavelmente, para o outro lado da estrada, de acordo com recolhas superficiais ali realizadas. Ainda segundo os citados autores, cartas topográficas oitocentistas, por exemplo a de J. J. F. de Sousa, de 1835 e a de F. Folque e Pereira da Silva, de 1878, indicam a existência de vários moinhos e casas, bem como de campos cultivados, na área da jazida. O “grande fosso” ainda não se encontra assinalado em 1854, na carta à escala de 1/100000. A construção do reduto de Montes Claros, no montículo sobre o qual assenta a actual pérgula e restaurante poderia justificar, pelo aproveitamento da pedra, aquela escavação. Seja como for, antes das obras do Parque Florestal, eram observáveis “paredes de casas ou muros de quintalejo” os quais, conjuntamente com as aludidas obras, que envolveram o plantio de milhares de árvores, prejudicaram severamente a conservação de estruturas arqueológicas e estratigrafia eventualmente existentes.

A segunda campanha de escavações decorreu em Abril de 1946; no entanto, “por um lado o mau tempo, e por outro a abundância verdadeiramente extraordinária de espólio arqueológico encontrado num espaço relativamente restrito” (JALHAY & PAÇO, 1948) limitaram a campanha a cinco dias úteis de trabalho. A escavação, tal como a anterior, realizou-se a Nordeste da cavaliça. Dos resultados obtidos, parece de salientar a grande abundância de indústrias microlíticas, “característica bem vinculada da estação de Montes Claros”, representadas por triângulos escalenos, alguns com “enches” laterais e crescentes. Na cerâmica, avulta a referência à sua distribuição diferencial. Já no trabalho publicado em 1944 (*op. cit.*) se fazia menção a este facto: “Nas terras até aqui peneiradas, provenientes, do que talvez se possa chamar parte ocidental da estação, os fragmentos cerâmicos são de menores dimensões, e talvez menor a percentagem dos que contêm desenho”.

Tal observação é precisada em 1948; de facto, referem que a parte ocidental da jazida forneceu “uma percentagem maior de fragmentos lisos; os ornamentos, eram na maior parte constituídos por bordos serrilhados, cordões em relevo no gargalo e no bojo; as suspensões constituídas por orifícios, botões ou mamilos perfurados ou não, asas rudimentares, etc.” (*op. cit.*). Porém, declaram não ter encontrado sobreposição estratigráfica dos dois grupos de materiais aludidos, talvez devido aos intensos revolvimentos entretanto processados. Consideram, deste modo, estarem em presença de apenas uma ocupação. Quanto às cerâmicas campaniformes, que se concentrariam na parte oriental da estação, as decorações consistiam sobretudo em linhas incisas, sendo excepcional a decoração pontilhada, “tão vulgar noutras estações relativamente próximas como Alapraia ou S. Pedro do Estoril” (*op. cit.*).

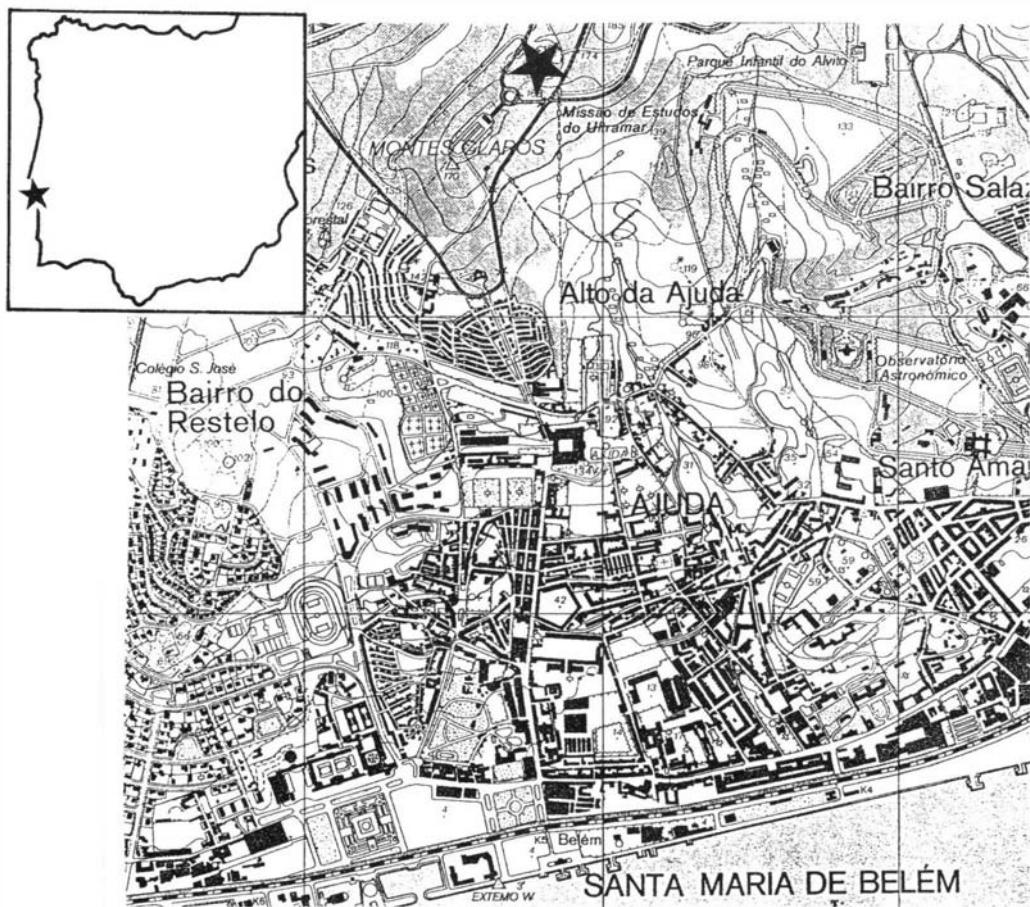


Fig. 1 – Localização geral da estação arqueológica de Montes Claros na Península Ibérica e na Carta Militar de Portugal, na escala de 1/25 000, folha 431, Serviços Cartográficos do Exército, 1971.



Fig. 2 – Montes Claros. Trabalhos de escavação de 1944. Fotografia inédita do Arquivo Fotográfico da CML.

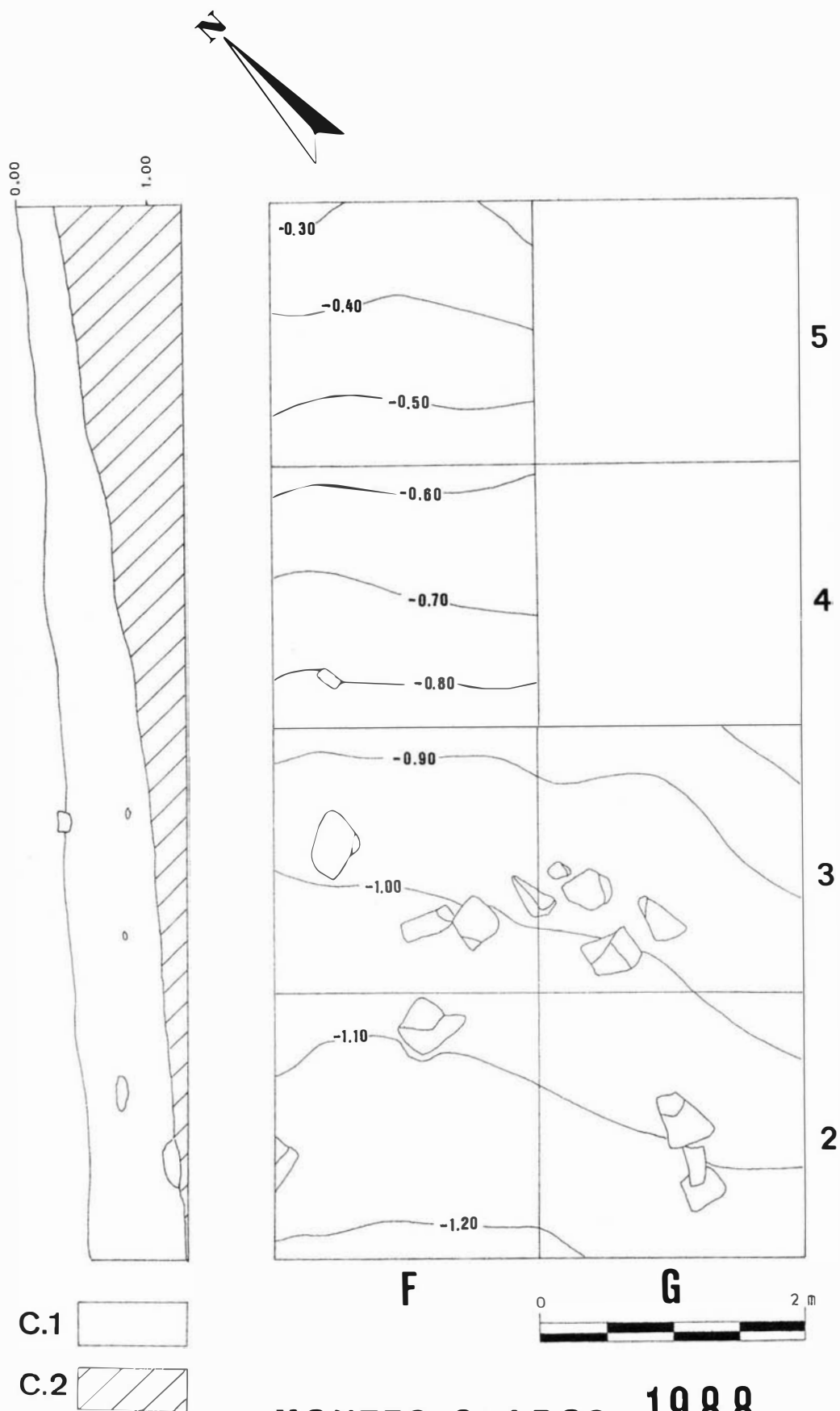


Fig. 3 – Localização da área escavada a tracejado no extracto da Planta do Parque Florestal de Monsanto, na escala de 1/1000, 1948.

As indústrias líticas constam, essencialmente, de objectos de sílex: “pequenos micrólitos, furadores obtidos por retoques nos bordos laterais, buris e microburis, lâminas, núcleos e uma imensidade de *dejects de taille...*” (PAÇO & BÁRTHOLO, 1954). Tais indústrias, em particular os micrólitos e os discos arredondados são os elementos mais característicos, conferindo a esta estação “um lugar distinto entre todas as suas congéneres campaniformes conhecidas no país”. Porém, de acordo com a sua tipologia, tais indústrias deverão remontar a época(s) pré-campaniforme(s). A esta conclusão parecem os autores chegar, em trabalho ulterior (PAÇO & BÁRTHOLO, 1957), associando em um grupo as citadas indústrias microlíticas aos recipientes de barro, na sua maioria lisos, o qual se diferenciaria de um outro, constituído pelas cerâmicas campaniformes. Esta convicção é, ainda, reforçada no último trabalho que A. do Paço, conjuntamente com M. L. Bártholo, dedicam à estação ao declararem: “Adivinha-se ali a existência de um fundo pré-campaniforme” (PAÇO & BÁRTHOLO, 1961). Tais considerações, contudo, só poderiam ser confirmadas, no entender dos referidos autores, por novas escavações, que se propunham realizar.

Porém, tal ideia tinha sido já posta em prática, desde 25 de Fevereiro de 1959, pelo descobridor da estação, L. Ribeiro. Estas escavações, de carácter muito eventual e intermitentes, tiveram o seu epílogo no dia 8 de Janeiro de 1964, quando a direcção do Parque Florestal de Monsanto, possivelmente cumprindo ordens camarárias, suspendeu os trabalhos. No decurso de quase cinco anos, apenas se efectuaram quarenta dias de trabalho de campo; a equipa, muito variável na composição e número de elementos, era constituída por alunos do Liceu de Gil Vicente, na sua maioria discípulos de L. Ribeiro, que se deslocavam ao local a suas expensas e de acordo com as suas disponibilidades, muitas vezes apenas para cumprirem escassas horas de trabalho diário. Até à suspensão das escavações – cujas razões não se encontram explicitadas no relatório publicado (RIBEIRO, 1966) – tinha-se escavado uma área de 75 m², distribuída por inúmeras pequenas valas, que possibilitaram a determinação de uma área de interesse arqueológico superior a 16000 m². A sua localização fez-se em plantas a diversas escalas. Registaram-se, ainda, a espessura da camada arqueológica, as características do substrato e a distribuição dos achados. Na altura da suspensão dos trabalhos, parecia poder identificar-se vestígios de estratigrafia. Embora o método arqueológico adoptado na abertura das “setenta covas” (*op. cit.*) tenha, sem dúvida, sido deficiente, orientado exclusivamente para a recolha de “ornamentados” (nome por que são designados, em diversas ocasiões, os fragmentos de cerâmica decorada, no citado relatório), teremos de atender à qualidade das escavações realizadas, na época, no nosso país, mesmo por arqueólogos mais conceituados ou “oficiais”. Concluir-se-á, em rigor, que os trabalhos de L. Ribeiro em Montes Claros não ficaram a dever em nada, nos seus aspectos mais negativos, aos produzidos por estes últimos...

A recuperação da informação contida nas plantas e cortes efectuados, bem como o



MONTES CLAROS 1988

Fig. 4 – Planta da área escavada e perfil estratigráfico correspondente ao seu lado noroeste. C1 – Camada superficial com materiais arqueológicos e modernos; C2 – Substrato geológico, constituído por tufos do “Complexo Basáltico de Lisboa”, de idade neocretácica.

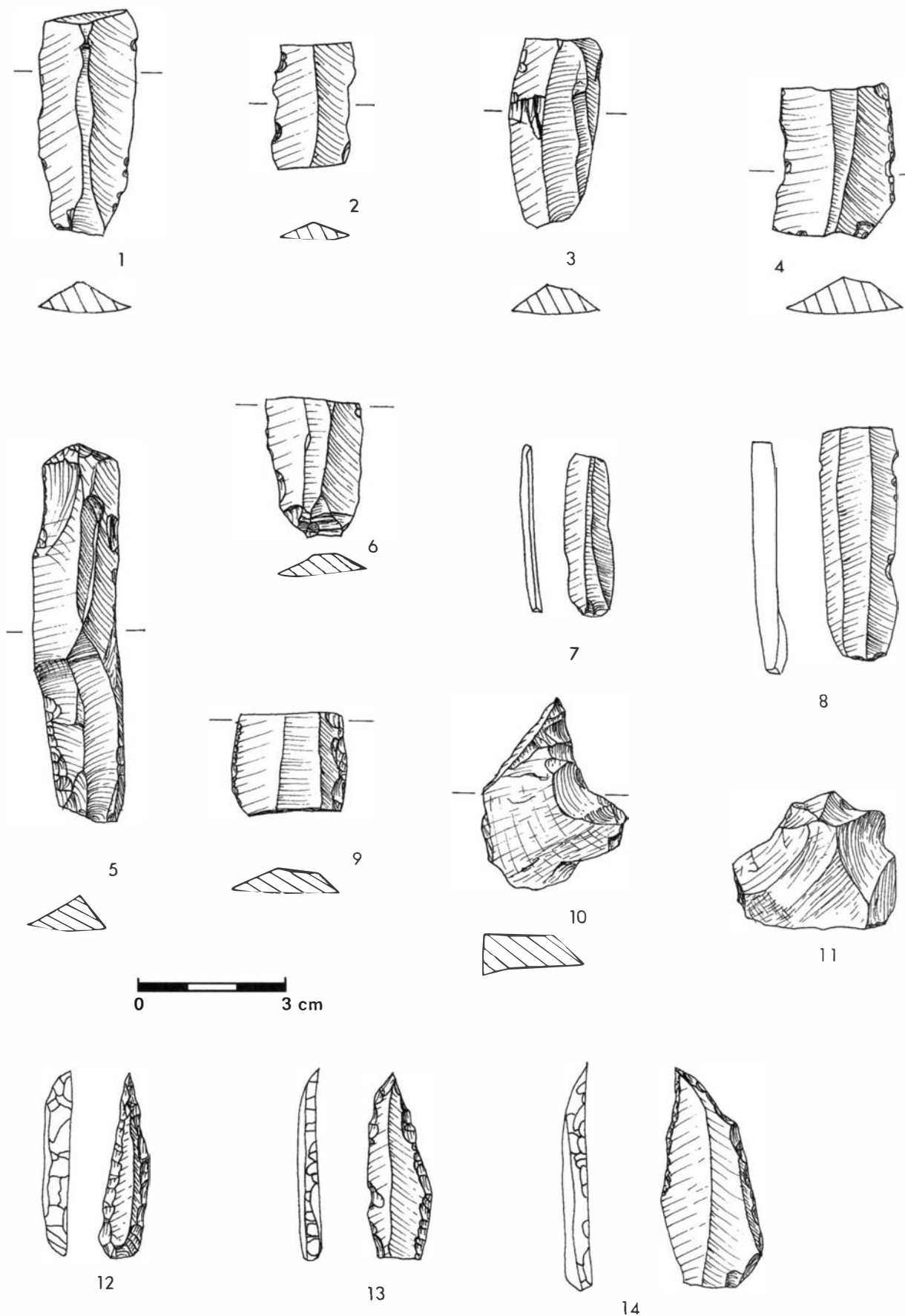


Fig. 5 – Indústria lítica recolhida na Camada 1: n.ºs 1 a 4, 6 a 9 - lâminas e fragmentos de lâminas, com e sem retoques; n.º 5 - raspadeira ("grattoir") em extremidade de lâmina; n.º 10 - raspador côncavo; n.º 11 - denticulado; n.ºs 12 a 14 - furadores sobre lâmina, de retoque abrupto.

estudo dos materiais recolhidos e jamais publicados, é tarefa que se considera prioritária à reavaliação de uma escavação em extensão na jazida, para o que muito contribuirão, por outro lado, os resultados obtidos com a escavação de 1988. Os trabalhos ali efectuados, sob a orientação científica do primeiro signatário, foram motivados, sobretudo, por três ordens de razões.

Do ponto de vista da salvaguarda e valorização patrimonial, os trabalhos justificaram-se, desde logo, pelo estado de acelerada degradação em que a jazida se encontrava aquando do levantamento arqueológico do Parque Florestal de Monsanto, efectuado em 1986 e 1987 sob a direcção de um dos signatários (J.L.C.), a pedido da respectiva administração. Por outro lado, pretendendo-se aproveitar o espaço do Parque Florestal de Monsanto como zona de lazer e cultura da população citadina, importava, se fosse o caso, valorizar devidamente o interesse arqueológico da jazida. Enfim, o pretendido aumento de uma cavalaria municipal, esteve na origem imediata dos trabalhos realizados no terreno em Setembro de 1988, após prévia autorização por parte do então IPPC.

Do ponto de vista estritamente científico, o interesse da realização dos trabalhos de escavação decorria da especial importância que teria a eventual confirmação de uma ocupação puramente neolítica, sugerida pelo espólio publicado, bem como da presença de um rico conjunto campaniforme, talvez o mais notável dos referenciados em contextos habitacionais, até hoje ainda tão mal conhecidos.

2 – TRABALHOS REALIZADOS. ESTRATIGRAFIA OBSERVADA

Pretendendo a Administração do Parque Florestal de Monsanto efectuar o alargamento, para Norte, do abrigo para cavalos já anteriormente aludido (Fig. 3), considerou-se prioritária a investigação desta área o que veio a verificar-se por convite expresso do Eng.º C. Souto Cruz, Director do Departamento do Ambiente e Espaços Verdes da CML, que assegurou os apoios logísticos indispensáveis, que muito agradecemos. Para o efeito, delimitou-se rectângulo com as dimensões de 4 x 8 metros. O eixo dos XX foi orientado segundo a parede das traseiras do referido edifício, com a direcção de N 45° Oeste. O eixo dos YY orientou-se a 90°; a área escavada foi dividida em quadrícula com 2 metros de lado (Fig. 4), com a origem situada provisoriamente no vértice do rectângulo de cota mais elevada, a que se atribuiu, arbitrariamente, o valor 00. Desta forma, obtiveram-se, sempre, cotas negativas.

Os trabalhos iniciaram-se com a escavação dos quadrados F2, F3, G2 e G3 tendo-se, depois, estendido aos quadrados F4 e F5. Os quadrados G4 e G5 não foram objecto de escavação.

A área escavada foi aprofundada até ao substrato, sem que se tenha identificado algum vestígio de estruturas arqueológicas. A estratigrafia observada foi a seguinte:

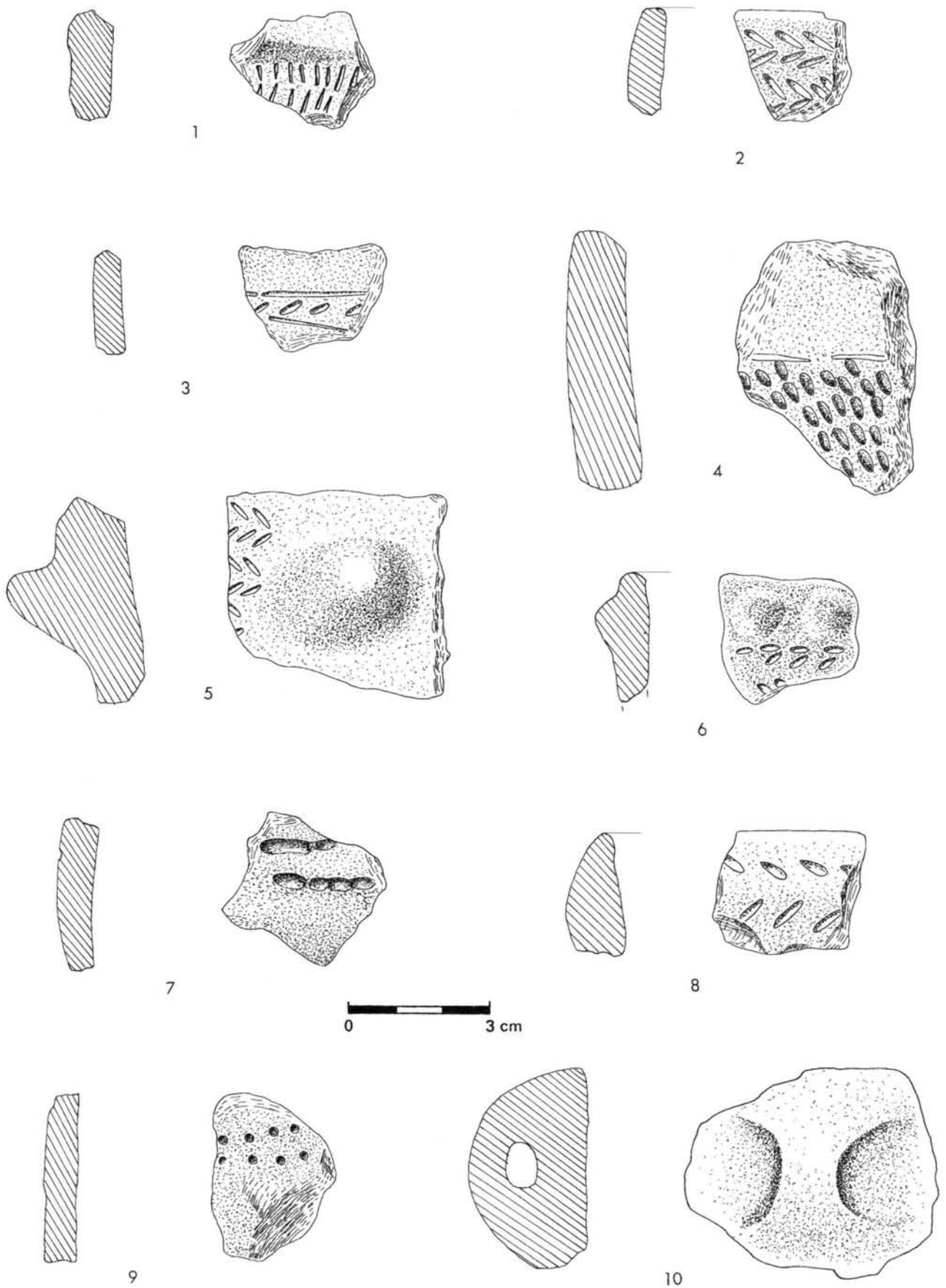


Fig. 6 – Cerâmica decorada do Neolítico final ou de tradição antiga recolhida na Camada 1: n.º 1 - cerâmica incisa; n.ºs 2, 5, 6 e 8 - cerâmica impressa, motivo “em espinha”, organizado em métopas horizontais; n.º 3 - cerâmica com decoração composta – incisa e impressa; n.ºs 4, 7 e 9 - cerâmica impressa, ponteadada e linear ponteadada (7); n.º 10 - asa. De referir o exemplar n.º 6, com dois mamilos simbólicos abaixo do bordo.

Camada 1 – terra arável, resultante da alteração das rochas pertencentes ao “Complexo Basáltico de Lisboa”, de idade neocretácica. Foram recolhidos abundantes materiais modernos em toda a espessura desta camada, que é variável: mínima no lado Nordeste da área escavada (0,25 metros), aumenta progressivamente para o lado oposto, onde atinge 0,70 metros. Contém abundantes blocos basálticos, aleatoriamente dispersos, porém mais abundantes na zona de maior potência. JALHAY *et al.* (1944) aludem a uma maior concentração de blocos na parte inferior desta camada, em consequência da limpeza da parte superior (“despedrega”), na altura em que estas eram ainda terras cultivadas.

A presença de materiais modernos em toda a espessura da Camada 1 atesta remeximentos recentes, relacionados com práticas agrícolas até à instalação do Parque Florestal.

Camada 2 – substrato geológico, constituído por tufos basálticos mais ou menos alterados.

A estratigrafia observada é, deste modo, semelhante à descrita pelos autores supra citados, com a diferença de, agora, se terem encontrado materiais modernos em toda a espessura do solo arável, facto que aqueles autores não mencionam. Ulteriormente, referem camada de cinzas de mais de um decímetro de espessura “sinal certo de ali terem existido fundos de cabana” (JALHAY & PAÇO, 1948).

O local que aqueles autores exploraram situa-se a Nordeste da cavaliça; a escavação agora efectuada interessou local situado a Oeste daquela estrutura.

No decurso da estadia da equipa no local, efectuaram-se reconhecimentos em toda a área envolvente da estação. Foi assim que, na berma do caminho aludido por JALHAY *et al.* (1944) como limite oriental da estação – facto que, mais tarde, L. Ribeiro demonstrou ser inexacto – se recolheram abundantes fragmentos de cerâmicas campaniformes, que escasseavam na área escavada. O facto de ser dali que provém a totalidade das cerâmicas pré-campaniformes, dá consistência à afirmação daqueles autores, no que se refere a uma distribuição diferenciada do material cerâmico, concentrando-se o campaniforme no lado oriental da estação.

3 – ESPÓLIO

Recolheram-se abundantes materiais arqueológicos em toda a espessura da Camada 1.

Indústrias líticas – predominam os subprodutos de talhe. Dentre os materiais tipologicamente mais importantes, salienta-se a presença dos seguintes materiais de sílex:

- núcleos sub-piramidais e sub-prismáticos; alguns revelam intensa utilização, tendo sido reaproveitados como percutores;

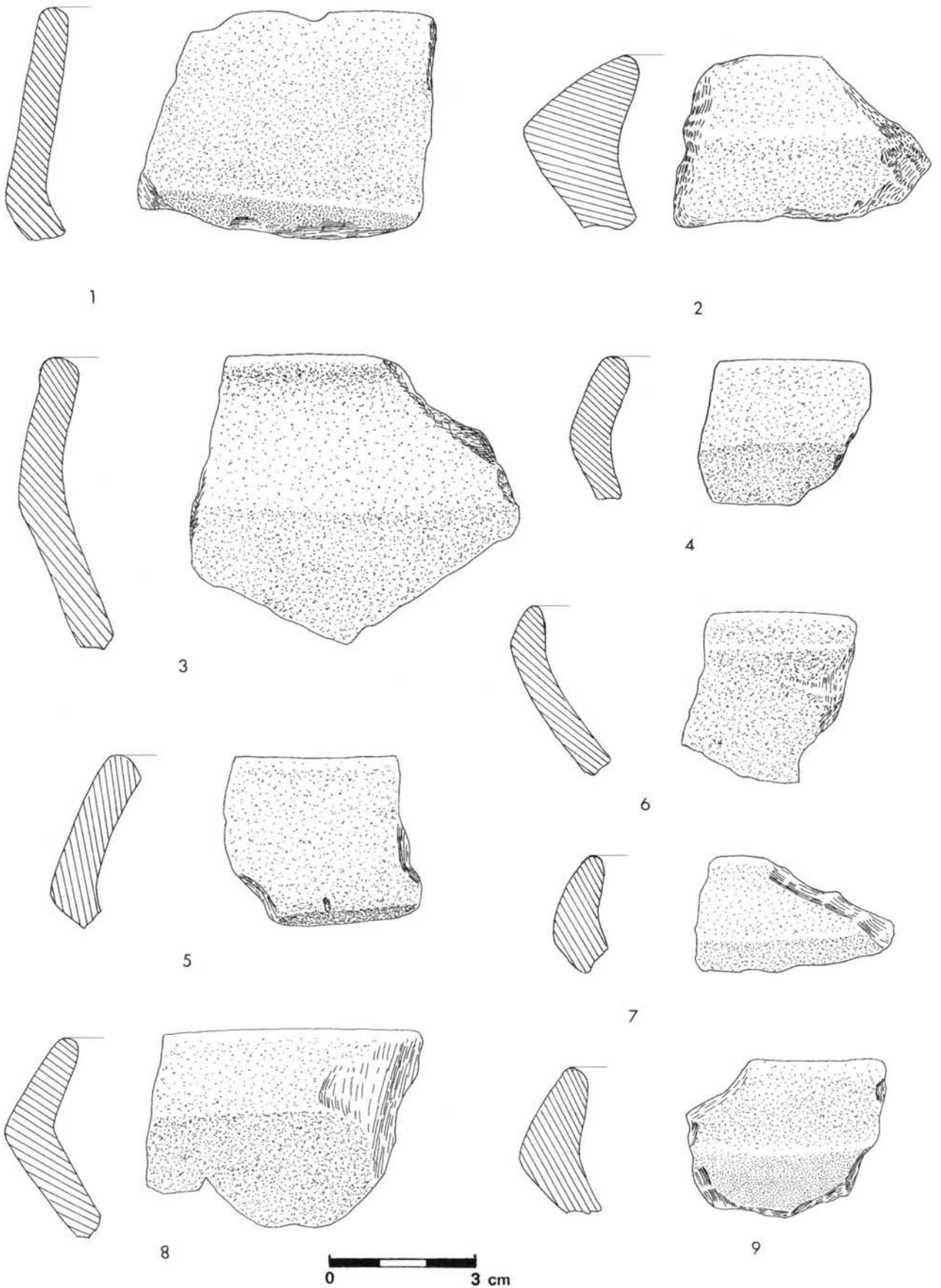


Fig. 7 – Cerâmica carenada lisa do Neolítico final da Estremadura.

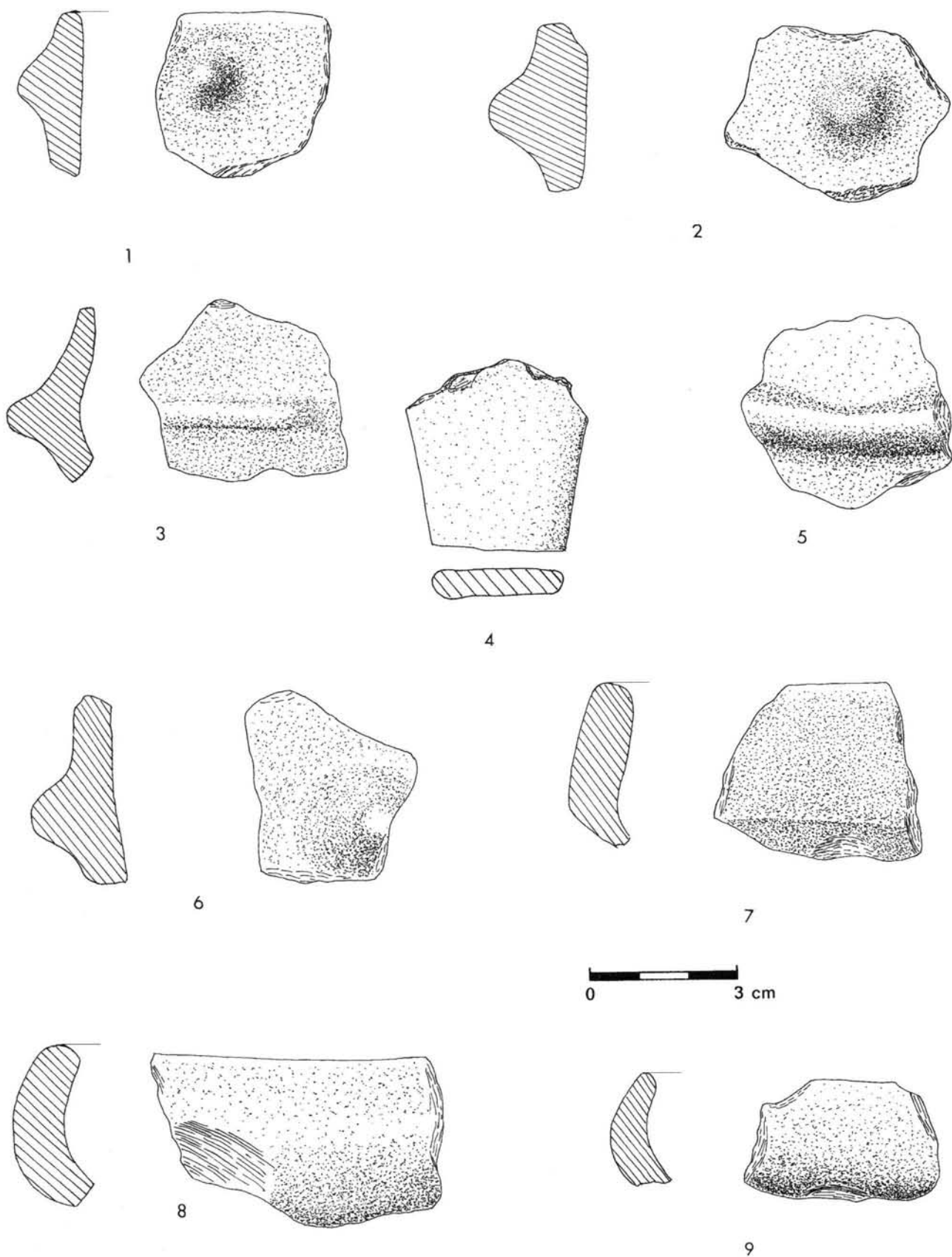


Fig. 8 – Cerâmica lisa do Neolítico final e do Bronze Final da Estremadura: n.ºs 1, 2 e 6 - recipientes mamilados; n.ºs 3 e 7 - taças carenadas, possuindo a primeira mamilo alongado na carena, semelhante aos existentes no Bronze Final; n.º 4 - fragmento de asa, provavelmente do Bronze Final; n.º 5 - taça em calote, com decoração plástica - cordão em relevo; n.ºs 8 e 9 - taças baixas.

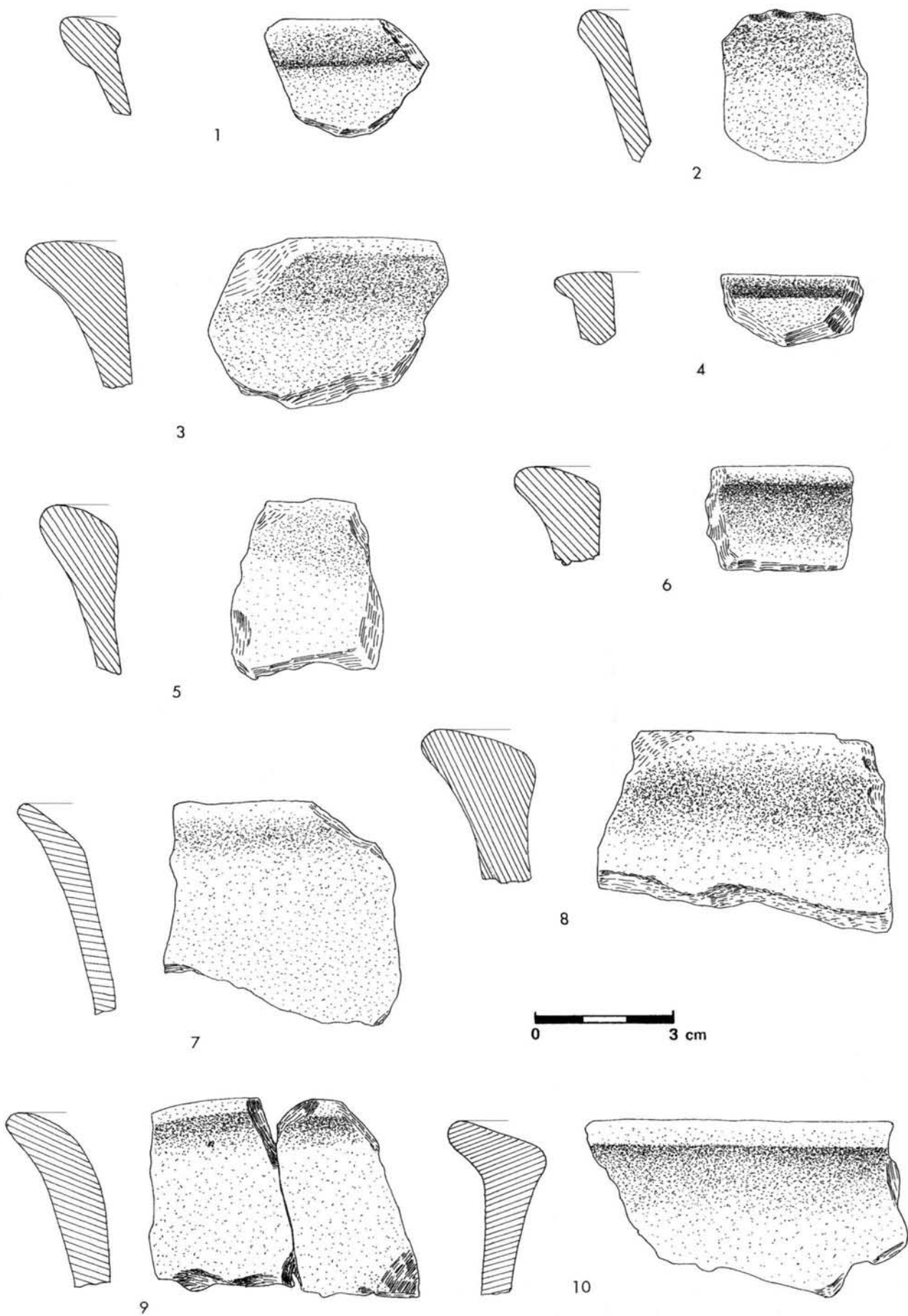


Fig. 9 – Fragmentos de vasos de bordo em aba. O n.º 2 apresenta o bordo decorado por denteado, motivo característico do Neolítico final da Estremadura.

- denticulados sobre lascas mais ou menos espessas e irregulares (Fig. 5, n.º 11);
- raspadores, de diversos tipos (Fig. 5, n.º 10);
- furadores, em geral sobre lâminas de retoque abrupto (Fig. 5, n.os 12 a 14);
- lâminas, por vezes retocadas, como as representadas (Fig. 5, n.os 1 a 4; 6 a 9);
- indústrias microlíticas, sendo abundantes as lamelas.

Uma análise preliminar da matéria-prima aponta para uma origem puramente local. Com efeito, os afloramentos calcários existentes nas proximidades são ricos em nódulos siliciosos, explorados desde a pré-história, como atestam as galerias encontradas em Campolide no decurso da abertura do túnel do Rossio (CHOFFAT, 1889).

De quartzito e quartzo, matérias-primas obtidas, igualmente, nas proximidades, em geral sob a forma de seixos mais ou menos rolados, testemunhos de antigas coberturas detriticas hoje quase totalmente desaparecidas, recolheram-se diversos exemplares intactos e outros muito sumariamente trabalhados. A sua idade poderá ser paleolítica.

Cerâmica – Consideradas isoladamente, pouco se pode adiantar quanto à cronologia relativa da maior parte das formas lisas, visto que estas, do Neolítico ao Calcolítico final, apenas variam percentualmente; todos os tipos calcolíticos eram já conhecidos no Neolítico final, de acordo com as conclusões obtidas no povoado pré-histórico de Leceia (SILVA *et al.*, 1994).

Para além de bordos sem espessamento (Fig. 10, n.os 4 a 8), são comuns as grandes taças de bordos em aba (Fig. 9, n.os 1 a 10), que apenas diferem dos bordos denticulados neolíticos por não possuírem este elemento decorativo. A única cerâmica lisa susceptível de possuir valor cronológico-cultural é a carenada, que ocorre insistentemente sob a forma de taças no Neolítico final da Estremadura, desaparecendo quase totalmente no decurso do Calcolítico inicial (*op cit.*). Na Fig. 7, n.os 1 a 9, representam-se diversos exemplares. Apenas no Bronze Final se volta a utilizar, de forma frequente, na Estremadura, tal tipo de cerâmicas.

A abundância de formas carenadas, dentre a cerâmica lisa, indica ocupação do local no Neolítico final, compatível com diversas formas decoradas a seguir descritas.

Cerâmicas decoradas (Fig. 6) – Está representada a técnica impressa (Fig. 6, n.os 2, 4 a 9); os restantes fragmentos apresentam-se decorados com incisões, em geral curtas e organizadas em motivos em espinha (os mais frequentes) ou em bandas reticuladas (Fig. 6, n.º 1); são, também, de referir as decorações plásticas, obtidas por meio de cordões em relevo (Fig. 8, n.º 5), ou de mamilos.

Na Fig. 6, n.º 6, representa-se fragmento possuindo par de mamilos associados a decoração impressa, em espinha; o significado simbólico-decorativo deste fragmento

parece evidente. Noutra caso, observa-se a associação da decoração impressa, em espinha, a elemento de prensão mamilóide perfurado (Fig. 6, n.º 5). Tal fragmento pertencia a vaso em forma de saco, com paralelos em diversas jazidas no Neolítico antigo. Quando identificável, esta parece ser a forma mais frequentemente representada em Montes Claros, a par das taças em calote ou hemisféricas.

As pastas apresentam-se, em geral, de granulometria média, com elementos não plásticos inferiores a 0,5 mm, com colorações acastanhadas, em ambas as superfícies e no interior, mais raramente anegradas. Os elementos não plásticos mais comuns são o quartzo e os feldspatos. Apenas em um fragmento com pequena asa (Fig. 6, n.º 10) – que poderia confundir-se com as asas existentes em certos recipientes do Bronze Final – se observam numerosos elementos não plásticos de minerais ferromagnesianos, que caracterizam, justamente, algumas das pastas cerâmicas pertencentes àquele período, de acordo com as observações efectuadas em jazidas das proximidades.

Cerâmicas lisas – Como atrás se disse, neste grupo cerâmico avultam as formas carenadas representadas por taças de diversos formatos, consoante a posição da carena; na Fig. 7 representam-se alguns dos exemplares recolhidos. Podem ser contemporâneos deles os recipientes de bordo em aba, de que se representam também alguns exemplares (Fig. 9, n.ºs 1 a 10); é neste tipo de recipientes que ocorre o único padrão decorativo que se pode reportar, seguramente, ao Neolítico final: trata-se do característico denteado, produzido por impressão na parte superior e/ou externa do lábio, como o exemplar da Fig. 9, n.º 2. A associação taça carenada/bordos denteados caracteriza, com efeito, o Neolítico final da Estremadura; entre outros locais, foi encontrada em contexto estratigráfico bem definido, subjacente ao Calcolítico inicial da Estremadura, em Leceia (CARDOSO *et al.*, 1987; CARDOSO, 1989, 1994). A existência em Montes Claros desta ocupação puramente neolítica, encontrava-se já indicada pela presença deste tipo de cerâmicas entre o material das antigas escavações (JALHAY *et al.*, 1944; JALHAY & PAÇO, 1948). A ela podem ainda ser reportadas outras formas de significado cronológico-cultural menos preciso, representadas na Fig. 10, bem como as já aludidas decorações incisas e impressas (Fig. 6).

As pastas apresentam em geral granulometria média, com elementos não plásticos que não ultrapassam 0,5 mm. Predominam o quartzo e os feldspatos. Num dos fragmentos, porém, ocorrem abundantes palhetas de mica (moscovite) e, noutra, avultam os elementos ferromagnesianos, como antes se referiu. Predominam as colorações acastanhadas, seguindo-se as anegradas. Interiores de fractura castanhos ou anegrados.

A associação de cerâmicas impressas, de formas e decorações na tradição do Neolítico antigo evolucionado da Estremadura, como as encontradas em Montes

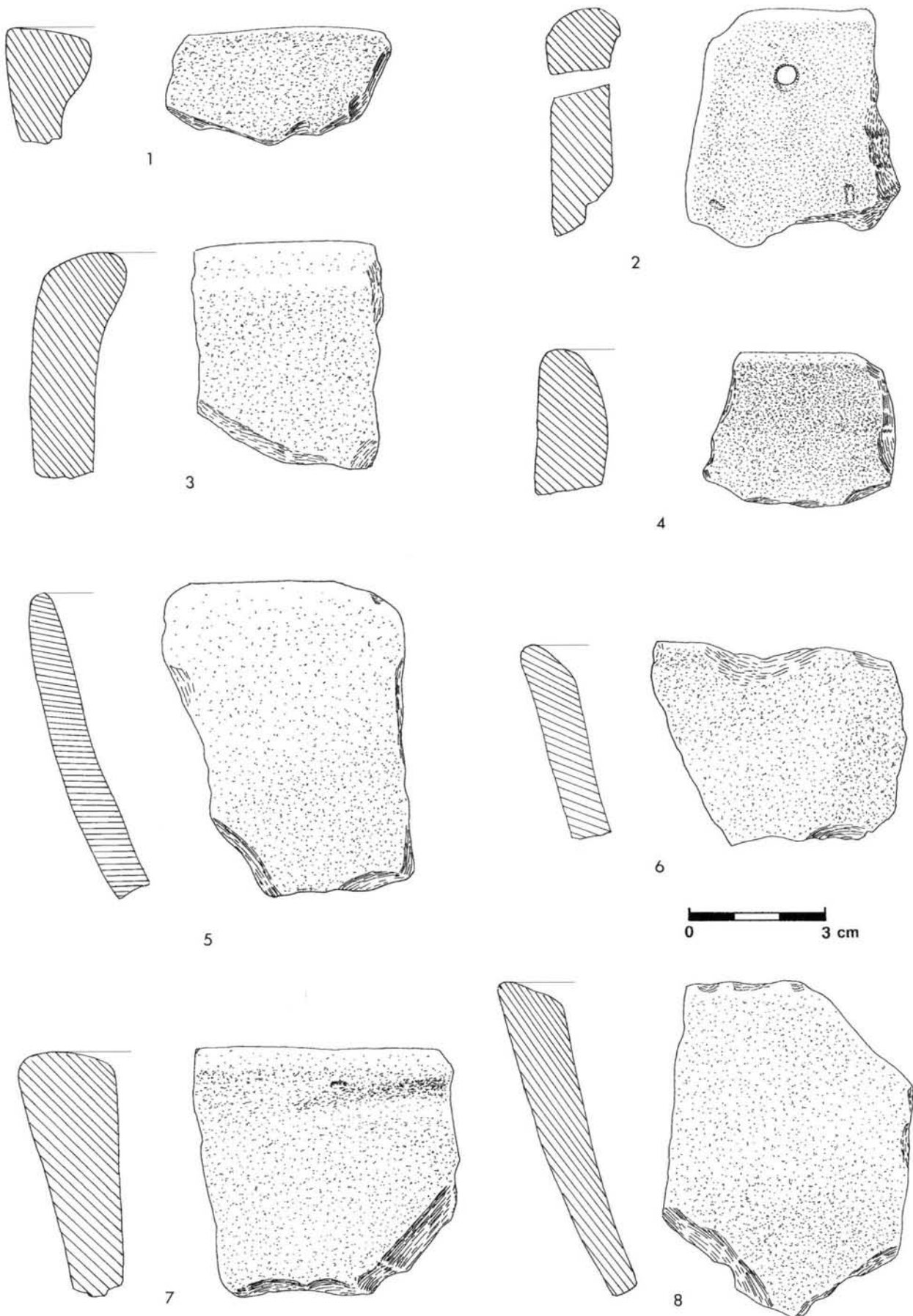


Fig. 10 – Cerâmica lisa e “industrial”: n.ºs 1 e 3 - bordos espessados interiormente; n.ºs 4 a 8 - bordos simples ou sem espessamento; n.º 2 - fragmento de peso de tear rectangular, com perfurações nos cantos.

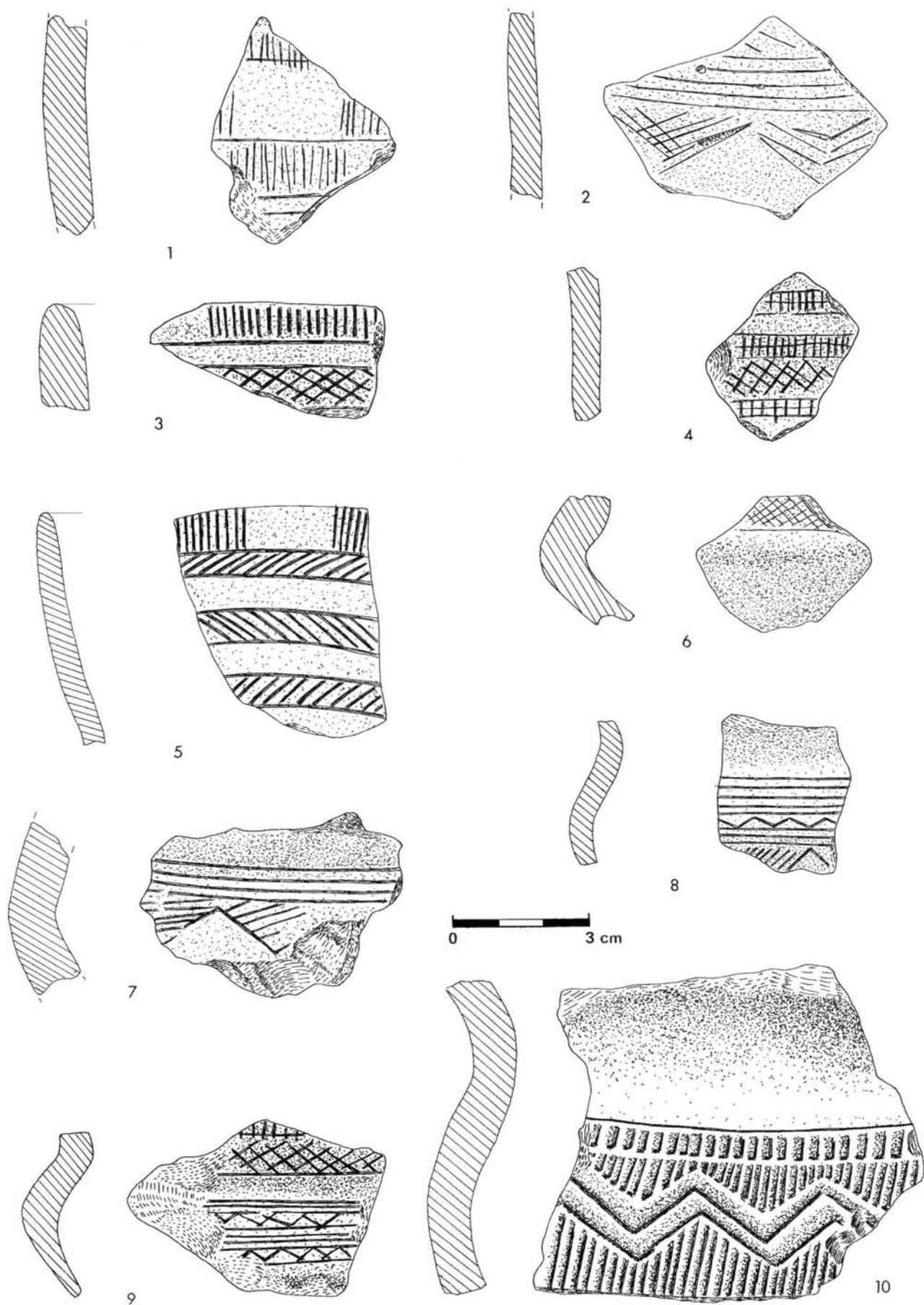


Fig. 11 – Cerâmica campaniforme incisa: n.ºs 1, 2 e 4 - de recipientes indeterminados; n.º 3 - de taça hemisférica; n.ºs 5, 6 e 9 - de “caçoi-las”; n.ºs 7 e 8 - de vasos campaniformes; n.º 10 - de “garrafa bojuda”, de grandes dimensões.

Claros, a outras, típicas do Neolítico final, foi discutida pelos autores em trabalhos anteriores (CARREIRA & CARDOSO, 1992, 1994; CARDOSO, 1994). Para eles remetemos o leitor.

Cerâmicas calcolíticas

Cerâmicas do grupo campaniforme inciso – é este o grupo – na terminologia de SOARES & SILVA (1974/77) – que foi reconhecido, e de forma exclusiva, entre os fragmentos campaniformes recolhidos em Montes Claros cerca de 50 metros a ESE, do local escavado. O facto de, na área escavada, ter sido recolhido apenas um fragmento, reforça, como se disse anteriormente, o padrão de distribuição diferenciado daquela cerâmica, concentrando-se na área oriental da jazida. A maioria dos fragmentos pertencem a recipientes cuja tipologia não foi possível definir. As únicas formas identificáveis, são:

- grandes vasos campaniformes, decorados no bojo (Fig. 11, n.º 7 e 10) e vasos campaniformes de pequenas dimensões (Fig. 11, n.º 8) igualmente decorados no bojo;
- “caçoilas” de pequenas dimensões (Fig. 11, n.º 6 e 9);
- taças em calote de bordo simples (Fig. 11, n.º 3).

Não se recolheram fragmentos de taças de tipo Palmela, tão abundantes nas escavações antigas.

Um fragmento de provável “caçoila” representado na Fig. 11, n.º 5, apresenta a particularidade de possuir perfil em calote, na parte superior do bojo, acima do colo; se não fosse ligeira inflexão da parede, renunciando este, seria confundida com uma taça em calote.

O grupo campaniforme inciso é o mais recente dos três considerados por SOARES & SILVA (1974/77). Embora nas escavações antigas se tenham recolhido alguns fragmentos decorados a pontilhado, a esmagadora predominância das cerâmicas incisas parece indicar cronologia recente, adentro deste grupo, podendo já representar o início da Idade do Bronze, na região (CARDOSO, 1995).

Tal como tinha sido já observado por JALHAY & PAÇO (1948), além das pastas médias ou mesmo grosseiras, com elementos não plásticos ultrapassando 4 mm, ocorrem pastas muito depuradas, que lembram as das cerâmicas da I Idade do Ferro da região.

Porém, as superfícies dos exemplares mais grosseiros encontram-se muito bem alisadas e, com a aplicação de uma aguada, o seu aspecto textural dificilmente se diferencia das pastas mais finas. Esta característica não se observava nas pastas neolíticas, apesar destas, em geral, se apresentarem menos grosseiras.

Os elementos não plásticos predominantes são o quartzo, seguido dos feldspatos. As micas (moscovite) ocorrem raramente e sempre em pequenas proporções; o mesmo se verifica quanto aos minerais ferromagnesianos, estes ainda mais raros.

Predominam as colorações superficiais negro-acastanhadas, seguidas pelas alaranjadas. Nestas últimas, os interiores são em geral anegrados.

Bronze Final

Já anteriormente se tinha feito referência à presença de possível ocupação da Idade do Bronze Final, a propósito de asa de recipiente cerâmico (Fig. 7, n.º 4). Neste grupo se poderão, de facto, incluir, pela sua tipologia, os seguintes exemplares cerâmicos:

- fragmento de taça carenada com mamilo alongado na carena (Fig. 7, n.º 3); trata-se de forma reconhecida na vizinha jazida do Bronze Final da Tapada da Ajuda (CARDOSO *et al.*, 1980/91; CARDOSO *et al.*, 1986).
- fragmento de vaso de grandes dimensões (vaso “de provisões”) com pega alongada no bojo.

Tal como o primeiro exemplar referido, também os dois restantes possuem abundantes paralelos naquela jazida.

As pastas apresentam-se de granularidade média, com elementos não plásticos de quartzo e felspáticos. As superfícies mostram-se castanhado-avermelhadas e os interiores de fractura anegrados.

*
* *

Para além dos diversos restos cerâmicos descritos, cuja ocorrência possibilitou a identificação provável de três ocupações principais sucessivas na área da estação arqueológica – Neolítico final, Calcolítico final / Bronze inicial e Bronze Final – deve ainda referir-se um último grupo, constituído pela chamada “cerâmica industrial”. Está representado por fragmento de peso de tear rectangular com perfurações nos cantos (Fig. 10, n.º 2). Trata-se de artefacto integrável no Calcolítico da Estremadura; no caso presente, dada a inexistência ou raridade de materiais integráveis no Calcolítico inicial ou pleno, resta a possibilidade de pertencer à sua fase final, representada pelas cerâmicas campaniformes; porém, ao contrário destas, foi recolhido na área escavada, no decurso da limpeza do terreno antes de se iniciarem os trabalhos.

4 – CONCLUSÕES

Dos trabalhos de escavação em Montes Claros realizados em 1988 resultaram as seguintes conclusões gerais:

– No Neolítico, provavelmente em fase precoce do Neolítico final (CARREIRA & CARDOSO, 1994), uma população portadora de cerâmicas com decorações incisadas e impressas, na tradição das cerâmicas do Neolítico antigo evolucionado, instala-se no planalto de Montes Claros. Esta primeira ocupação não tinha, até agora, sido referenciada na jazida; é, também, a primeira vez que é caracterizada na região de Lisboa. A estação mais próxima, na Península de Lisboa, que forneceu tais cerâmicas, é o povoado de Olelas (Sintra), como se pode concluir pelas reproduções publicadas (SERRÃO & VICENTE, 1958); no caso presente, tal ocupação era, também, sugerida por várias reproduções apresentadas no primeiro trabalho dedicado à estação.

As evidências disponíveis em Olelas (SERRÃO & VICENTE, 1958) e no Alto de S. Francisco (SILVA & SOARES, 1986), levam a incluir tais cerâmicas no Neolítico final, haja em vista a sua associação a taças carenadas e vasos de bordos denteados, conjunto que foi datado em Leceia (Oeiras) na segunda metade do IV milénio AC, após calibração (SOARES & CARDOSO, 1995); a esta fase cultural poderá reportar-se a maior parte dos materiais líticos recolhidos, entre os quais avultam certos furadores sobre lâmina e indústrias microlíticas, abundantemente documentadas nos materiais provenientes das antigas escavações.

A crescente preferência por locais elevados, com boas condições de defesa, evidencia-se, na região estremenha, a partir do Neolítico final; são estes locais que, nalguns casos, se fortificam, logo no início do Calcolítico – Leceia constitui disso frisante exemplo – a que se pode associar tanto Olelas como os sítios não fortificados do Alto de S. Francisco e de Montes Claros. Após provável hiato correspondente ao Calcolítico inicial e pleno da Estremadura, Montes Claros voltará a ser ocupado por população portadora de cerâmicas campaniformes, na sua esmagadora maioria integráveis no Grupo Inciso, o terceiro e último da periodização de SOARES & SILVA (1974/77). A grande abundância destes materiais coloca Montes Claros entre as estações portuguesas de carácter habitacional mais importantes, no contexto das suas congéneres campaniformes; os materiais recolhidos na zona escavada, muito escassos, contrastam com a abundância dos provenientes de pequeno talude natural da área oriental da jazida. Tal facto, indicando ocupação diferenciada do planalto de Montes Claros relativamente à zona anteriormente ocupada no Neolítico, confirma as observações dos antigos exploradores da jazida

A última ocupação pré-histórica de Montes Claros remonta ao Bronze Final. Trata-se de vestígios cerâmicos pouco característicos, correspondentes, provavel-

mente, a populações de carácter rural, sediadas em habitats isolados e de pequenas dimensões, semelhantes ao identificado e escavado na vizinha Tapada da Ajuda.

BIBLIOGRAFIA

- CARDOSO, J. L. (1989) – *Leceia. Resultados das escavações realizadas 1983-1988*. Câmara Municipal de Oeiras, 146 p.
- CARDOSO, J. L. (1994) – *Leceia 1983-1993. Escavações do povoado fortificado pré-histórico*. Estudos Arqueológicos de Oeiras (número especial). Câmara Municipal de Oeiras, 164 p.
- CARDOSO, J. L. (1994) – Investigação Arqueológica na área de Lisboa. Os últimos 10 anos: 1984-1993. *Al-Madan*, Série II, 3, p. 59-74.
- CARDOSO, J.L. (1995) – Ocupação campaniforme do povoado de Montes Claros. Catálogo de exposição *A Idade do Bronze em Portugal* (Lisboa, 1995), p. 35. Instituto Português de Museus. Lisboa.
- CARDOSO, J. L.; ROQUE, J.; PEIXOTO, F. & FREITAS, F. (1980/81) – Descoberta da jazida da Idade do Bronze na Tapada da Ajuda. *Setúbal Arqueológica*, 6/7, p. 117-148.
- CARDOSO, J. L.; RODRIGUES, J. A. S.; MONJARDINO, J. & CARREIRA, J. Roque (1986) – A jazida da Idade do Bronze Final da Tapada da Ajuda. Lisboa – *Revista Municipal*, Série II, 15, p. 3-18.
- CARDOSO, J. L.; SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1987) – *Oeiras há 5000 anos. Monografia de Leceia*. Câmara Municipal de Oeiras, 23 p.
- CARREIRA, J. Roque & CARDOSO, J. L. (1992) – Testemunhos da ocupação neolítica da serra de Monsanto. *Al-Madan*, Série II, 1, p. 15-18.
- CARREIRA, J. Roque & CARDOSO, J. L. (1994) – Sobre a existência de cerâmicas impressas e incisivas no Neolítico final estremenho. *Actas das V Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1993), 2, p. 69-78.
- CHOFFAT, P. (1889) – *Étude géologique du tunnel du Rocío*. Comissão dos Trabalhos Geológicos de Portugal. Lisboa.
- JALHAY, E. & PAÇO, A. do (1948) – Lisboa há 4000 anos. A estação pré-histórica de Montes Claros (Monsanto). *Lisboa e seu Termo (estudos e documentos)*, p. 51-58. Câmara Municipal de Lisboa.
- JALHAY, E.; PAÇO, A. DO & RIBEIRO, L. (1994) – Estação pré-histórica de Montes Claros – Monsanto. *Revista Municipal*, 20/21, p. 17-28. Câmara Municipal de Lisboa.

- PAÇO, A. DO & BÁRTHOLO, M. L. (1957) – Nota acerca de algumas cerâmicas da estação eneolítica de “Montes Claros” (Monsanto). 23.º Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências (Coimbra, 1956), 8, p. 365-370.
- PAÇO, A. DO & BÁRTHOLO, M. L. (1961) – Nota acerca de uma escudela do povoado do Bronze I de Montes Claros (Monsanto – Lisboa). *Zephyrus*, 12, p. 230-233.
- RIBEIRO, L. (1966) – Relatório das escavações feitas na estação neo-eneolítica de Montes Claros por alunos do Liceu de Gil Vicente, de 25 de Fevereiro de 1959 a 8 de Janeiro de 1964, sempre presenciadas e dirigidas pelo seu professor Leonel Ribeiro. *Arqueologia e História*, Série VIII, 12, p. 223-283.
- SERRÃO, E. da Cunha & VICENTE, E. Prescott (1958) – O castro eneolítico de Olelas. Primeiras escavações. *Comunic. Serv. Geol. Port.*, 39, p. 87-124.
- SILVA, C. Tavares da & SOARES, J. (1986) – *Arqueologia da Arrábida*. Coleção Parques Naturais, 15. Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza, 211 p., Lisboa.
- SOARES, A. Monge & CARDOSO, J.L. (1995) – Cronologia absoluta para as ocupações do Neolítico final e do Calcolítico inicial do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 5.
- SILVA, C. Tavares da; SOARES, J. & CARDOSO, J.L. (1994) – Os povoados fortificados do Monte da Tumba e de Leceia. Elementos para um estudo comparado. *Trabalhos de Arqueologia*, 7, p. 159-168.
- SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1974/77) – O grupo de Palmela no quadro da cerâmica campaniforme em Portugal. *O Arqueólogo Português*, Série III, 7/9, p. 101-112.

Estudos Arqueológicos de Oeiras,
5, Oeiras, Câmara Municipal, 1995, pp. 299-313

**OS MAMÍFEROS NO QUOTIDIANO ROMANO.
ALGUMAS REFLEXÕES A PROPÓSITO DOS RESTOS
DE CONIMBRIGA (*)**

João Luís Cardoso⁽¹⁾

1 – INTRODUÇÃO

Desde muito cedo os animais tiveram para o Homem um papel essencial no seu dia-a-dia, mesmo na sua sobrevivência. Desde os longínquos tempos da primeira presença humana de Olduvai, há cerca de 1,8 milhões de anos, que está documentada uma actividade de caça (a tese do hominídeo sanguinário, atacando em grupo vítimas mais indefesas chocou muitas sensibilidades, quando foi apresentada, há mais de 20 anos) ou, tão só, de aproveitamento dos despojos deixados pelos animais de maior porte, o que corresponderá melhor à realidade.

Tão indispensáveis se tornaram que, à luz dos conceitos arqueológicos do século XIX, certos animais foram considerados característicos de sucessivos estádios da evolução humana, passando estes a ser designados pelos nomes daqueles. É assim que segundo Lartet (1801-1871), a sucessão dos tempos paleolíticos seria definida pela

(*) *Texto baseado em palestra realizada no Museu Monográfico de Conimbriga, no dia 10 de Junho de 1992, por ocasião do seu 30.º aniversário.*

(1) *Professor da Universidade Nova de Lisboa. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras. Sócio efectivo da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Associação Profissional de Arqueólogos.*

presença dominante, na Europa, primeiro do Elefante, depois do Urso das Cavernas, seguida do Mamute e, finalmente, da Rena (classificação de 1861).

Sem nunca se pôr em causa o interesse do estudo dos restos animais de contextos arqueológicos, a verdade é que tais estudos, em Portugal e até época muito recente, não têm passado de meras listas faunísticas, onde não se justificam as atribuições propostas nem, muito menos, se procuram obter interpretações dos referidos resultados. Trata-se de uma situação que não é, infelizmente, única, nem decorre do atraso conhecido noutras áreas da investigação portuguesa. A verdade é que os arqueólogos não se encontravam despertos para o valor potencial de tais restos, em parte porque também não havia motivação ou interesse por parte de quem os pudesse minimamente estudar; neste, como noutros casos de colaborações científicas transdisciplinares e inter-institucionais, faltava a necessária ligação das pessoas e, talvez a disponibilidade de, sem preconceitos, iniciarem novas colaborações, efectivas e duradouras.

Com efeito, este tipo de estudos torna indispensável uma relação, próxima e constante entre quem escava e quem estuda o material ósseo (salvaguardando os casos excepcionais em que ambas as tarefas possam ser desempenhadas pelo mesmo indivíduo).

De facto, tem-se privilegiado uma *Arqueozoologia da peça*, estudo de pendor tecnicista, exclusivamente anátomo-patológico, em que a intervenção do especialista se limita à identificação do osso, não participando na escavação, nem, verdadeiramente, na síntese, onde tais resultados são incluídos. Desta forma, não se esgota toda a informação contida no material osteológico, pois nem o arqueólogo ou o arqueozoólogo se encontram despertos para as incidências culturais, económicas, sociais e outras a que o estudo destes materiais poderá conduzir não explorando, em consequência, tais vias de estudo. Resumindo, a *Arqueozoologia* pode traduzir-se, desde que se recupere a sua dimensão cultural e sócio-económica, que inquestionavelmente encerra, como contributo para o conhecimento da vida quotidiana, com base no aspecto talvez mais expressivo que a caracteriza: a alimentação.

2 – ONDE E COMO DEVE O ARQUEOZOÓLOGO INTERVIR

O campo de intervenção do arqueozoólogo incide em áreas em que o homem viveu; trata-se, portanto, de espaços humanizados. Desta forma, os despojos ósseos encontram-se directamente relacionados com a subsistência do respectivo grupo humano e conservam, tanto pela maneira como se dispõem no terreno, como pelas marcas das acções antrópicas sobre eles produzidas, a memória dos gestos que conduziram ao seu aproveitamento e ulterior abandono. Desta forma, é desejável que a

intervenção do arqueozoólogo se inicie logo no decurso da escavação, identificando anatomicamente e taxonomicamente as peças na própria área escavada, na tentativa de uma interpretação (ou “modelo”) preliminar que explique a sua distribuição pelo antigo espaço habitado (tafonomia). Esta prática torna-se particularmente importante sempre que se escavam solos de ocupação, como ficou bem demonstrado pelas escavações modelares de A. Leroi-Gourhan em Pincevent. Recorde-se o velho aforismo de que qualquer escavação é uma destruição irrecuperável; todos os elementos de observação que se possam recolher são, portanto, únicos. São inúmeras as conclusões que um estudo tafonómico da dispersão das peças ósseas poderá proporcionar, na óptica de conhecer o modelo de ocupação de um determinado espaço: área de influência de cada unidade habitacional e sua organização (ex: zona de lareiras, zona de lazer, zona de trabalho, zona de acumulação de restos), bem como a articulação de cada espaço habitado entre si, definindo-se áreas centrais e marginais da jazida, eventualmente com incidências funcionais. Porém, não nos podemos esquecer de que, para tais reconstituições serem possíveis, é necessário dispormos de restos. Ora, a conservação óssea é fenómeno raro, excepcional no nosso país em zonas de solos ácidos, que predominam ao Norte do Tejo e ocupam vastas extensões do Sul do País. Se juntarmos a esta situação desfavorável a acção antrópica e outras acções físicas naturais, como as de animais e raízes (as plantas alteram também o pH do solo) facilmente podemos concluir que as situações arqueológicas que possibilitam estudos arqueozoológicos devem ser acauteladas, e valorizadas, devendo disponibilizar-se meios técnicos, científicos e financeiros necessários à sua concretização nas melhores condições.

O trabalho do arqueozoólogo deverá prosseguir no laboratório, orientando a sua atenção em várias direcções:

- classificação definitiva do espólio encontrado por espécies, conduzindo ao conhecimento das percentagens de cada uma delas, tanto de espécies selvagens como domésticas e seu significado.
- localização das peças no esqueleto ósseo das diferentes espécies presentes dando indicações sobre a hipótese de parte da carne não ser consumida localmente e consequentemente sobre a própria natureza arqueológica da estação, bem como da economia dos seus ocupantes.
- observação de traços de consumo da carne, (marcas de corte) e identificação do tipo de instrumento responsável (faca, cutelo, machado, etc.) ou traços de carnívoros (roidelas).
- identificação das práticas culinárias (os grelhados ou churrascos deixam frequentemente os ossos queimados), incluindo o estudo dos tipos de fracturação

dos ossos, que indicam um aproveitamento sistemático da medula, para fins variados; as dimensões dos segmentos ósseos têm a ver, também, com a maneira como eram cozinhados: os ensopados, por exemplo, requeriam nacos de carne de pequeno tamanho;

- outras identificações de pormenor são possíveis, desde que se disponha de colecções de comparação: a determinação da idade (grau de desgaste dentário, de soldagem das suturas ósseas ou das extremidades dos membros) e do sexo, são aspectos com relevância para a determinação da época do ano em que o animal foi abatido (especialmente quando se trata de um estabelecimento temporário de caça), para além de darem informações sobre a própria gestão dos “stocks” (especialmente em contextos domésticos).

Este conjunto de observações permitirá conhecer, nos seus principais traços, as relações estabelecidas pelo Homem com o Meio Ambiente através da caracterização, por um lado, da economia e bases de subsistência da comunidade humana implantada em dado território e, por outro, da paleoecologia do espaço envolvente, denunciada pela fauna (e, particularmente pelos grandes e pequenos mamíferos, selvagens ou domésticos), que nele habitaram; estudos recentes (CARDOSO, 1993) sugerem que, na época romana imperial, a região litoral do Baixo Alentejo teria clima mais húmido que o actual. Será possível também, nos casos em que se disponham de sequências estratigráficas, caracterizar a evolução da relação do Homem com o meio natural envolvente em determinada região, designadamente nos seguintes aspectos:

- Degradação dos biótipos naturais (deflorestação) através da consequente redução da percentagem dos animais selvagens florestais (veado, corço e, em menor grau javali);
- Evolução paleoclimática;
- Evolução da economia baseada na sedentarização mais ou menos acentuada das populações: diminuição das espécies selvagens e variação do espectro dos animais domésticos (por exemplo, rebanhos de ovi-caprinos suportam mais facilmente deslocações temporárias do que as varas de porcos ou os rebanhos de bovinos);
- Influência que a domesticação operou em certas espécies, por exemplo, na selecção dos indivíduos maiores, conducente ao aumento do tamanho médio dos exemplares (origem do melhoramento genético numa base empírica). Não nos esqueçamos, no entanto, que o tamanho dos animais domésticos (tal como

o dos selvagens) depende fortemente de factores naturais, pelo que uma degradação das pastagens, devido a secas prolongadas, ou a deficientes técnicas agrícolas (no caso dos animais domésticos) conduzirão, inevitavelmente, a tamanhos pequenos, situação bem conhecida nos bovídeos domésticos do Neolítico à Idade Média;

- Caracterização de lesões traumáticas e adaptações funcionais dos ossos dos membros em consequência do aproveitamento da força motriz dos animais domésticos (atrelagem a carros e arados);

A situação económico-social de um grupo humano pode encontrar-se expressa pela idade de abate de certos animais domésticos (o que só poderá determinar-se, rigorosamente, com o recurso a colecções de comparação numerosas). Por exemplo, o aproveitamento do leite e da lã, no caso dos ovi-caprinos, terá retardado a altura do abate dos animais, ao contrário do verificado noutras espécies, como os porcos domésticos em que seria anti-económico manter os animais vivos para além destes terem atingido o seu peso adulto. Inversamente, o abate de animais jovens, antes de tal peso ter sido atingido por também ser anti-económico, poderá revelar comunidade já com o indispensável sobreproduto de produção susceptível de viabilizar tais práticas. Também o já referido aproveitamento da força motriz animal, demonstrada em Portugal, pelo menos, a partir do Neolítico Final (santuário rupestre exterior do Escoural)² terá condicionado a idade de abate dos bovinos, o grupo com maiores potencialidades e interesse deste ponto de vista.

- Por último, de referir que os ossos de numerosos animais constituem matéria-prima para peças de adorno e de carácter utilitário, situação tão bem documentada em Conimbriga.

Em resumo, qualquer conjunto osteológico, desde que devidamente referenciado e datado (tarefa que compete essencialmente ao arqueólogo) poderá constituir uma fonte de informações para o conhecimento tão completo quanto possível da natureza da jazida, da economia e evolução social e cultural da respectiva comunidade numa perspectiva diacrónica e, até, das características paleoecológicas do biótipo envolvente.

² O santuário rupestre exterior do Escoural estende-se pelos afloramentos de calcários cristalinos (mármore), do Precâmbrico superior, adjacentes à importante gruta do Escoural, local onde foi identificada arte rupestre do Paleolítico superior. Porém, o santuário rupestre exterior é mais recente; remonta provavelmente ao Neolítico final. Entre as numerosas figuras, avultam bucrânios, associados num caso à representação de um possível carro e arado (GOMES et al., 1983).

3 – ASPECTOS METODOLÓGICOS

Para que as conclusões obtidas dos estudos arqueológicos sejam representativas, alcançando significado as considerações de carácter económico, social ou mesmo cultural a que possam conduzir, é indispensável assegurar, antes de mais, a própria qualidade dos elementos disponíveis para estudo. Tal desiderato depende não só das condições geoquímicas do meio natural (mais ou menos propícias à conservação dos restos, como atrás se referiu), mas também da técnica utilizada pelos escavadores.

Exemplificando: os pequenos restos de anfíbios, répteis, peixes e pequenos mamíferos (especialmente roedores e insectívoros), não são susceptíveis de recolha manual, por crivagem a seco, recorrendo aos crivos usualmente utilizados no campo, em geral de malhas não inferiores a 0,5 cm.

Isto significa que, só a recolha de elevados volumes de terras e o seu ulterior tratamento laboratorial, incluindo a triagem à lupa binocular, poderá conduzir à recolha de restos dos referidos grupos.

Mesmo em escavações cuidadas e admitindo recolhas exaustivas, nem assim a associação faunística obtida se poderá considerar completa: ela representa apenas, uma ínfima parte da totalidade dos restos que se produziram, por vezes durante centenas de anos, em continuidade, no mesmo local (um grande povoado calcolítico, por exemplo). Tal situação é explicável por várias causas, entre elas a própria limpeza das zonas habitadas, no decurso da sua utilização, a acção destruidora de carnívoros domésticos (especialmente o cão), e a própria evolução tafonómica das acumulações produzidas: os ossos que não sofreram um rápido recobrimento acabam por desaparecer, no máximo em poucas dezenas de anos, mesmo em ambientes geoquímicos propícios. Tais factos conduzem a considerar a dificuldade de elaborar reconstituições demasiado precisas, por serem ilusórias, designadamente através da quantificação do “**número mínimo de indivíduos**” (NMI) correspondente a dado conjunto osteológico. Tal parâmetro, salvo situações excepcionais, pode não ter nada a ver com o número de indivíduos **realmente** mortos e consumidos, em dado intervalo de tempo, em determinado contexto habitacional, pelas razões acima expostas. Consideramos, como outros (GAUTIER, 1983) antes de nós, ser preferível a utilização do “**número total de restos**” (NTR), que julgamos distorcer menos os resultados (Ducos, in DELPECH, 1973), critério que seguimos em trabalhos desta índole (CARDOSO, 1993 a, b, c; CARDOSO, 1994 a, b).

4 – RESTOS FAUNÍSTICOS DE CONIMBRIGA

Em Conimbriga, os restos faunísticos provêm essencialmente do “bico”, na extremidade da cidade romana, e de local(is) indeterminado(s), designados como “escavações antigas”, investigados por Virgílio Correia. Desconhecem-se condições de jazida, cronologia e estratigrafia, mas as peças denotam pátina idêntica; por outro lado, podem faltar as peças mais pequenas, que na altura não despertariam o interesse dos achadores. Admitindo que aquelas estão ausentes, uniformemente, dos dois conjuntos, são legítimas as comparações entre ambos, verificando-se as seguintes percentagens baseadas no número de restos identificáveis: (QUADRO 1)

QUADRO 1

Espécies	Bico da muralha		Locais diversos	
	n.º de restos	%	n.º de restos	%
<i>Cervus elaphus</i> Veado	15	19,5	7	11,3
<i>Capreolus capreolus</i> Corço			2	3,2
<i>Sus scrofa</i> Javali	2	2,6	3	4,8
<i>Sus domesticus</i> Porco	5	6,4	1	1,6
<i>Bos taurus</i> Boi	35	45,4	30	47,6
<i>Ovis/capra</i> Ovelha/Cabra	16	20,8	16	25,4
<i>Camelus dromedarius</i> Dromedário	1	1,3		
<i>Equus caballus</i> Cavalo	2	2,6	2	3,2
<i>Equus asinus</i> Burro	1	1,3	1	1,6
<i>Oryctolagus cuniculus</i> Coelho			1	1,6
TOTAL	77		62	

Globalmente, o boi doméstico predomina largamente nos dois conjuntos, predominância que ainda se torna mais notória se atendermos à maior corpulência deste animal, face à dos restantes (1 exemplar de raça não melhorada, de pequenas dimensões como a mertolenga, ainda frequente há cerca de 30 anos, equivaleria ao peso de 7 ovelhas e 9 cabras, segundo ANTUNES, 1991).

Os pequenos exemplares que caracterizam as populações de Conimbriga, correspondem a uma raça não melhorada, de tamanho idêntico à existente no Neolítico, a menos que tal facto se fique a dever à escassez de bons pastos – que ainda hoje

parece ser uma realidade – explicação que justificaria o maior tamanho dos exemplares reconhecidos na Rocha Branca (Silves)³, pertencentes aos séculos VII a V a.C.

O segundo lugar quanto à importância na alimentação pertence, nos dois conjuntos, aos ovinos e caprinos, considerados em conjunto. É certo que, em ambos, a ovelha (*Ovis aries*) predomina sobre a cabra (*Capra hircus*), como indica a maioria das peças ósseas e dentárias com valor discriminante.

O terceiro lugar pertence ao veado, embora a importância desta espécie possa estar um pouco sobrevalorizada – sobretudo no conjunto recolhido no “Bico” – devido à presença de extremidades de armações, que seriam recolhidas após a sua queda (“bois de clinte”), todos os outonos para o fabrico de diversos artefactos, não correspondendo, portanto, a animais caçados. Os suídeos (porco doméstico e javali) teriam um papel muito discreto na alimentação, a par do corço, pequeno cervídeo que só ocorre num dos lotes (escavações antigas) e dos equídeos (cavalo e burro) cujos restos não temos a certeza de pertencerem a animais consumidos, especialmente o último. O único resto de camélídeo (do lote das “escavações antigas”) deverá ser considerado como de animal exótico, trazido para Conimbriga como curiosidade e, obviamente, fora da dieta alimentar da população. Estudo comparativo detalhado permitiu atribuí-lo a dromedário (CARDOSO, 1992).

Por último, a escassez de coelho, que constituiria, sem dúvida, então como hoje, animal comum e apreciado, poderá explicar-se por subrepresentação, já antes referida, atendendo à pequenez das respectivas peças ósseas.

De maior interesse, não pela quantidade, mas por provirem de local bem conhecido e cronologicamente datável, são os restos recolhidos recentemente na zona da Casa dos Repuxos. O espectro faunístico respectivo expressa-se no QUADRO 2:

Os resultados confirmam os obtidos anteriormente, evidenciando a larga predominância dos bovinos, seguidos dos ovinos e caprinos (sobrepondo-se, em quantidade, a ovelha à cabra). Volta a ocorrer, vestigialmente o cavalo, e o veado diminui de importância, pela menor ocorrência de fragmentos de hastes com aproveitamento artesanal. A percentagem determinada na Casa dos Repuxos – 5,6% corresponde mais de perto à efectiva importância desta espécie caçada na dieta dos habitantes de Conimbriga face aos 19,5% e 11,3% determinados, respectivamente no “bico” e no conjunto das “escavações antigas”. O javali é outra espécie caçada, cuja importância

³ A Rocha Branca é uma elevação junto a Silves, sobranceira ao rio Arade. Na Idade do Ferro, teria constituído uma pequena península fluvial, na qual os navios encontrariam boas condições para fundear. As escavações ali realizadas, antes da destruição total da jazida, permitem aceitar a hipótese de um estabelecimento fenício ou de forte influência fenícia, de carácter comercial, entre os séculos VIII e V a.C.; tal ocupação está documentada por importantes estruturas (casas e armazéns defendidos por muralhas) e materiais cerâmicos importados (GOMES, 1993). Os restos faunísticos estudados provêm dos níveis mais antigos da sucessão estratigráfica (CARDOSO, 1993 a).

é muito diminuta, inferior à do veado, tal como já anteriormente se tinha verificado naqueles dois lotes de peças, completando o espectro faunístico do conjunto proveniente da Casa dos Repuxos, conjuntamente com o porco doméstico.

QUADRO 2

Casa dos Repuxos			
Espécies		n.º de restos	%
<i>Cervus elaphus</i>	Veado	3	5,6
<i>Sus srofa</i>	Javali	1	1,8
<i>Sus domesticus/Sus scrofa</i>	Porco	6	11,1
<i>Bos taurus</i>	Boi	24	44,4
<i>Ovis/capra</i>	Ovelha/Cabra	18	33,3
<i>Equus caballus</i>	Cavalo	2	3,7
TOTAL		54	

Em síntese, as principais espécies de grandes mamíferos representados em Conimbriga, são por ordem decrescente: boi – ovinos e caprinos – porco doméstico – veado – javali/cavalo – corço – burro – dromedário; as duas últimas espécies não deveriam, por cenrto, fazer parte da dieta alimentar tal como o cavalo, que não era consumido (TOYNBEE, 1973, p. 185). A nítida dominância das espécies domésticas é concordante com o carácter urbano e permanente do sítio.

5 – INFORMAÇÕES PRESTADAS PELAS FONTES CLÁSSICAS

Os textos e representações clássicas fornecem um excelente conjunto de elementos, desde que devidamente interpretados, não só sobre as características e distribuição geográfica dos animais, mas também acerca da sua utilização em rituais, situação que escapa, quase completamente, ao arqueólogo se baseado apenas nos testemunhos materiais resultantes das escavações. Um dos conjuntos rituais mais interessantes da época galo-romana foi estudado por CAILLAT (1981).

Bos taurus (touro, boi) – Sobre o boi doméstico, Columela (Livro VI, *Da Agricultura*) oferece uma detalhada descrição de tamanhos e coloração das pelagens, em diferentes regiões do Império Romano. Na sua História Natural, Plínio o Velho insiste, sobretudo, nas diferenças de tamanho. Tais diferenças de tamanho têm sido confirmadas pelo material recuperado nas escavações.

As fontes iconográficas permitem apreciar as formas dos animais e as suas proporções, bem como comparar o tamanho absoluto; a questão é, porém, mais delicada do que parece, pois não sabemos até que ponto o artista representou animais reais e não imaginários ou mais ou menos distorcidos por convenções estéticas ou artísticas. Documentando esta realidade, temos, como exemplo mais flagrante, o arco de Augusto em Susa, no qual é representado um bovídeo gigantesco, explicável pela importância que se pretendia dar ao acto sacrificial, dando deste modo um lugar de destaque à vítima. Trata-se, portanto, de uma representação cujo critério não é naturalista, mas simbólico.

Pelo contrário, há outros monumentos romanos em que o boi nos parece de dimensões muito mais modestas. Cabe ao arqueozoólogo estabelecer relação entre textos escritos e a iconografia disponível: por ex., haverá relação entre o bovídeo figurado no altar dito de Domitius Ahenobarbus e os grandes bois da Umbria de que nos fala Columela? Ou, por outro lado, os pequenos bovídeos recolhidos frequentemente nas jazidas arqueológicas da época romana terão expressão no exemplar representado na base dita “Decennia dos Tetrarcas”, onde se observa uma procissão de tais animais conduzidos para o sacrifício?

Com efeito, o boi assume, no contexto dos animais sacrificiais, o lugar cimeiro como nos informa Plínio. Estrabão (III, 3, 7) diz, também que os Lusitanos sacrificavam bodes, os prisioneiros de guerra e os cavalos, e faziam hecatombes destas três espécies de vítimas, imolando 100 de cada uma delas.

Haveria, também, de procurar diferenciar o touro selvagem do boi, embora devamos reconhecer a dificuldade de tal tarefa, ao nível arqueozoológico.

As manadas de bois mantidas pelos Romanos em Itália como nas províncias teriam três finalidades principais (TOYNBEE, 1973, p.151): como animais de tiro, em quintas ou no exército; como animais sacrificiais; e como fornecedores de carne, tanto em contextos militares como civis, papel mais importante do que geralmente lhe tem sido atribuído.

Tal situação resume, afinal, o que anteriormente dissemos sobre esta espécie.

Sus scrofa, *Sus domesticus* (javali, porco) – Apicius na sua *Arte Culinária*, dá-nos mais de 27 receitas para suídeos, 10 para o javali e 17 para o porco/leitão, enquanto as dos bovídeos são apenas 4 e as relativas aos ovicaprinos 11.

A predilecção pela carne de porco é-nos também, atestada por Plínio o Velho (*História Natural*, VIII, 77, 209): “Nenhum outro animal fornece tanto alimento à gulodice: a sua carne possui cerca de 50 sabores, enquanto que a dos outros tem apenas um. Daí, tantos artigos e leis censoriais interditando nas refeições os buchos, as tripas, os testículos, as glândulas e as cabeças de porco”.

São frequentes no Mundo Romano, as representações da caça ao javali, como desporto e também como complemento da dieta alimentar.

Número de restos

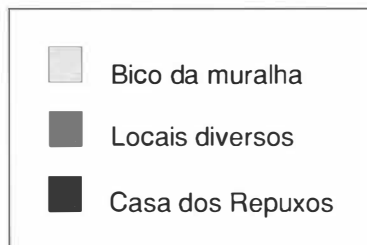
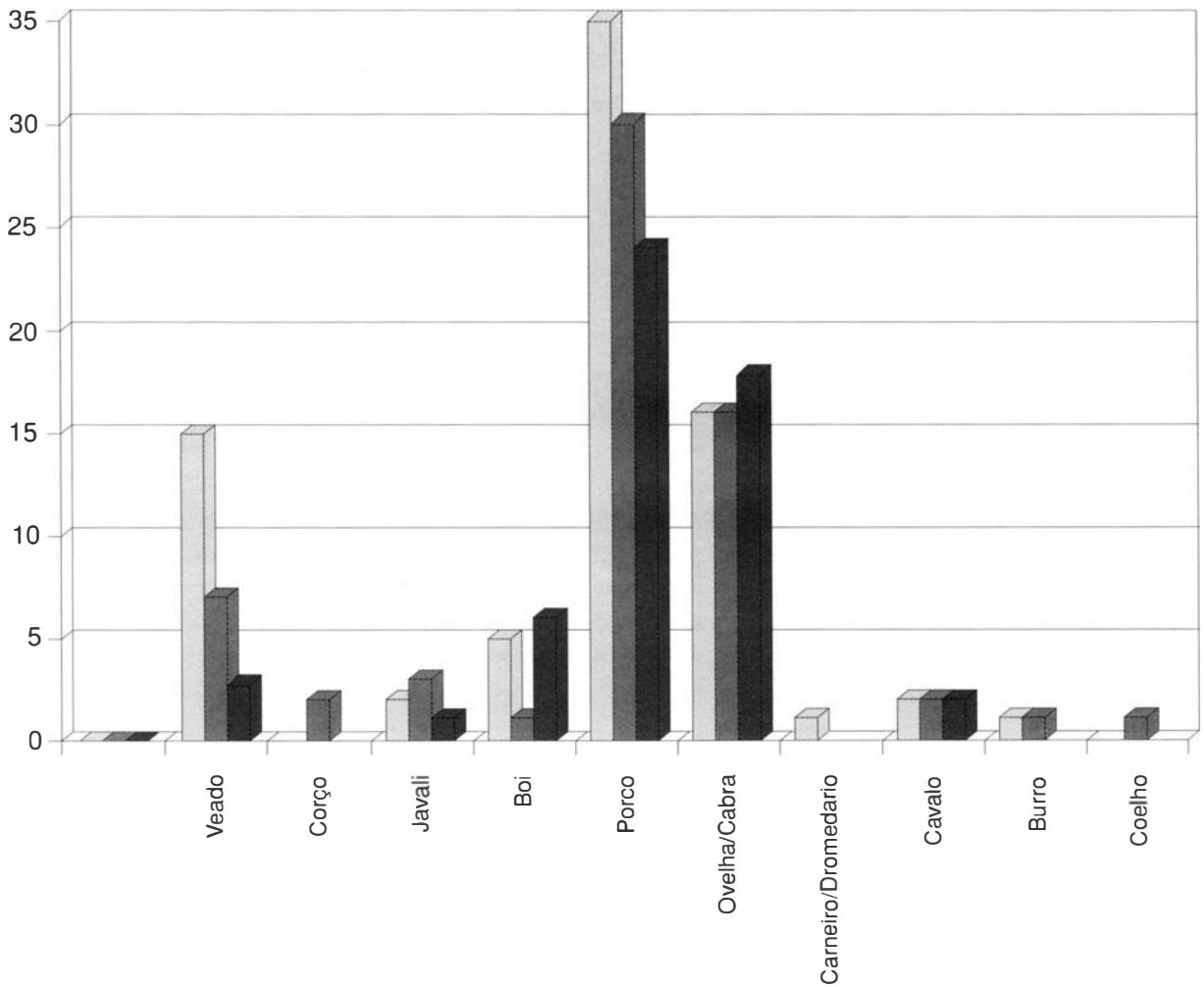


Fig. 1 – Conimbriga. Distribuição pelos três locais do número de restos classificáveis.

O javali era também um dos animais sacrificiais, conjuntamente com a ovelha e o touro (*suovetaurilia*). Porém, a maioria dos suídeos utilizados em tais práticas era de origem doméstica.

O javali era também utilizado em corridas.

Uma gema conservada em Cambridge, mostra um destes animais, com o seu nome inscrito: CERTVS (TOYNBEE, 1973, p. 135).

Ovis aries, *Capra hircus* (ovelha, cabra) – Para a ovelha e a cabra, os textos são mais ricos em referência quanto ao fabrico de queijos do que no concernente ao consumo de carne (Varrão, *Da Agricultura*, VII, 8).

Um dos interesses económicos maiores dos rebanhos de ovi-caprinos, era, porém, o aproveitamento da lã. A Hispânia era célebre pela qualidade da lã de ovelha ali produzida (TOYNBEE, 1973, p.163). Como já referimos, a ovelha era também uma das vítimas dos *suovetaurilia*. Também as cabras eram usadas para fins sacrificiais, o que era justificado pelo seu relativo baixo custo.

Enfim, esta espécie era também útil como animal de tracção, especialmente em pequenas atrelagens usadas pelas crianças (TOYNBEE, 1973, p. 166).

Equus caballus, *Equus asinus* (cavalo, burro) – Varrão (*De Re Rustica* II, 7, 15) evidencia bem o fim que os Romanos davam aos cavalos, indicando a sua utilização na guerra, transporte, incluindo a caça a cavalo, cerimónias religiosas e corridas no circo.

Vegitius (*Ars Mulomedicina* III, 6, 2) indica para o cavalo os três seguintes usos mais importantes: na guerra, no transporte e nas corridas, e, ocasionalmente trabalhos agrícolas ou industriais, utilizando a força de tracção ((in TOYNBEE, 1973, p. 168). Como refere esta autora, o consumo de carne de cavalo era abjecto aos Romanos (*op. cit.*, p.185).

Quanto ao burro, a sua presença está documentada também em Conimbriga; a sua resistência e frugalidade faziam-no animal muito utilizado no transporte e, por vezes, em trabalhos agrícolas, como na Bética (TOYNBEE, 1973, p. 194), ou em moinhos, por vezes conjuntamente com cavalos. Com efeito, em mosaico de Conimbriga, representa-se a sua utilização no transporte de Sileno. Tal como a carne do cavalo, apenas os pobres a aproveitariam (Apulius, *Metamorphoses*, VII, 22).

Oryctolagus cuniculus (coelho) – A abundância em toda a Hispânia de coelhos foi bem frisada pelos Romanos, não apenas em textos (Estrabão) mas na numismática: em bronzes de Hadrianus representa-se a Hispânia reclinada, tendo junto um coelho; para Plínio, o coelho peninsular era extremamente prolífico tendo ficado registado como carácter emblemático de toda a Península Ibérica. Compreende-se assim, com dificuldade a escassez de referências ao aproveitamento culinário de tal animal – que parece confirmar-se em Conimbriga – a menos que não fosse, de facto, especial objecto de caça e muito menos de criação doméstica.

6 – CONCLUSÃO

Os testemunhos faunísticos encontrados numa determinada jazida dependem estreitamente da natureza da jazida ou da área da jazida em que foi encontrada, sua importância e/ou finalidade, para além das condições geoquímicas dos solos, mais ou menos propícios à sua conservação. Os materiais faunísticos recolhidos em Conimbriga não fogem à regra. É, pois, muito delicado estabelecer conclusões com base nas distribuições faunísticas de diversas jazidas ou lugares diferentes da mesma jazida, mesmo que coevos: os gostos alimentares regionais, a riqueza de uma dada região face à de outra (aptidão para a caça ou o pastoreio), as poses dos respectivos proprietários, entre outras variedades condicionam fortemente os espectros faunísticos correspondentes. Haverá, ainda, a considerar a hipótese da interferência de restos animais oferecidos em sacrifício, que perturbará as pretendidas comparações pela introdução de elementos não relacionados com a alimentação. Será que em Conimbriga estamos perante conjuntos de carácter exclusivamente doméstico, apenas de carácter alimentar, como sugerem as abundantes marcas de corte nos ossos? (recorde-se que os animais sacrificiais seriam, sobretudo enterrados inteiros).

Como explicar a total ausência do cão, apenas inferida pelas marcas deixadas pelos seus dentes em certas peças ósseas? Ainda estará por descobrir a principal lixeira de Conimbriga? E os restos dos animais sacrificados? E como se articulará a natureza arquitectónica das construções urbanas com os espectros faunísticos correspondentes aos achados osteológicos das suas imediações? Por outras palavras, as diferenças de classe manifestar-se-iam, também, nas espécies consumidas e, particularmente na idade destas? E quanto às áreas funcionais e de serviços, poderá alguma vez ser inferida a finalidade de algumas através da presença diferenciada de peças ósseas? (por exemplo a acumulação de partes das carcaças menos “nobres”, de diminuto valor económico ou alimentar poderá sugerir zonas de abate ou de venda de carne).

Terminamos esta série de interrogações, por ora sem resposta com uma outra, talvez a merecer a atenção, pois integra, a um tempo, matéria do foro arqueozoológico e do estritamente arqueológico: será viável a correlação entre tamanho de recipientes e dos nacos de carne originais – determinados pela localização das marcas de corte que segmentaram as peças ósseas originais? O corte dos ossicones das cabeças de bovino, prática tão corrente em Conimbriga poderá ser consequência do diâmetro dos caldeiros em que seriam cozidas? Eis mais uma das múltiplas possibilidades de colaboração entre o arqueólogo – neste caso o ceramólogo – e o arqueozoólogo.

Por último, seria interessante conhecer a evolução da dieta alimentar dos habitantes de Conimbriga ao longo dos séculos: tendo presentes os fortes condicionais atrás expostos é, não obstante, provável, que os períodos de agitação e instabili-

dade tenham deixado, também, as suas marcas ao nível das espécies consumidas, designadamente na relação entre animais domésticos – selvagens consumidos.

Assim, o interesse fundamental que possui o material osteológico agora apresentado, é o de dar lugar à reflexão – para além das pistas e informações que já oferece – potenciando no futuro uma estreita colaboração que resultará num efectivo progresso de conhecimentos sobre as práticas alimentares, a economia, os ritos sacrificiais e, até, os tempos de lazer e de guerra, de fartura ou de dificuldades, dos habitantes desta cidade da Lusitânia.

AGRADECIMENTOS

À Dr.^a Adília Alarcão, pela ajuda amiga, e cedência de materiais e sugestões que muito beneficiaram o texto. Idênticos agradecimentos são extensivos aos Drs. Miguel Pessoa e Virgílio Hipólito Correia, do Museu Monográfico de Conimbriga.

À Dr.^a Conceição André, nossa colaboradora no Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras, pela ajuda dispensada no respeitado inventário faunístico de Conimbriga, e ao Dr. José Diogo, da Liga das Amigas do Museu Monográfico de Conimbriga, pela passagem do texto manuscrito.

Ao Senhor Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, Dr. Isaltino de Moraes, que proporcionou meios logísticos para que este trabalho se efectuasse, no quadro da profícua colaboração desenvolvida com o Museu Monográfico de Conimbriga.

BIBLIOGRAFIA

- ANTUNES, M.T. (1991) – Restos de animais no castelo de Silves (séculos VIII-X). Contribuição para o conhecimento da alimentação em contexto islâmico. *Estudos Orientais*, 2, p. 41-74.
- CAILLAT, P. (1981) – *La faune dans l'Antiquité: identification, utilisation, consommation: exemples saintais*. Travail d'Études et de Recherches (dir. Prof. R. Etienne), 2 vol. Universidade de Bordeaux I (não publicado).
- CARDOSO, J.L. (1992) – Um camelídeo de Conimbriga. *Conimbriga*, 31, p. 181-187.
- CARDOSO, J.L. (1993 a) – Contribuição para o conhecimento da alimentação em contexto fenício. Estudo dos restos da Rocha Branca (Silves). *Estudos Orientais*, 4, p. 109-126.
- CARDOSO, J.L. (1993 b) – Contribuição para o conhecimento da alimentação em contexto islâmico: estudo dos restos mamalógicos e malacológicos das Mesas do Castelinho (Almodôvar). *Arqueologia Medieval*, 2, p. 103-106. Edições Afrontamento. Porto.
- CARDOSO, J.L. (1993 c) – Restos de grandes mamíferos da Ilha do Pessegueiro. Contribuição para o conhecimento da alimentação na época romana. In *Ilha do Pessegueiro. Porto romano da costa alentejana* (C.T. Silva, J. Soares, editores), p. 205-215. Instituto da Conservação da Natureza. Lisboa.
- CARDOSO, J.L. (1994 a) – Os restos de grandes mamíferos do povoado neolítico da igreja de S. Jorge (Vila Verde de Ficalho). *Vipasca – Arqueologia e História*, 3, p. 51-55. Câmara Municipal de Aljustrel.
- CARDOSO, J.L. (1994 b) – A fauna de mamíferos da época muçulmana das Mesas do Castelinho (Almodôvar). Materiais das campanhas de 1989-1992. *Arqueologia Medieval*, 3, p. 201-220. Edições Afrontamento. Porto.
- GAUTIER, A. (1983) – L'apport de l'étude des vestiges animaux à la reconstitution archéologique: une introduction à l'Archéozoologie. *Vie Archéologique*, 11, p. 27-46. Namur.
- GOMES, M.V. (1993) – O estabelecimento fenício púnico do cerro da Rocha Branca (Silves). *Estudos Orientais*, 4, p. 73-107.
- GOMES, R.V. ; GOMES, M.V. & SANTOS, M.F. (1983) – O santuário exterior do Escoural. Sector NE (Montemor-o-Novo, Évora). *Zephyrus*, 26, p. 287-307.
- TOYNBEE, J.M.C. (1973) – *Animals in roman life and art*. Thames and Hudson. Londres.

Estudos Arqueológicos de Oeiras,
5, Oeiras, Câmara Municipal, 1995, pp. 315-339

**A NECRÓPOLE TARDO-ROMANA E MEDIEVAL DE TALAÍDE
(CASCAIS). CARACTERIZAÇÃO E INTEGRAÇÃO CULTURAL. ANÁLISES
NÃO DESTRUTIVAS DO ESPÓLIO METÁLICO**

J.L. Cardoso⁽¹⁾, G. Cardoso⁽²⁾ e M.F. Guerra⁽³⁾

1 – INTRODUÇÃO

Em Maio de 1975, no decurso da prospecção da área nordeste do concelho de Cascais, na periferia da povoação de Talaíde, um de nós (G.C.) detectou vestígios de uma antiga necrópole (Figs. 1 a 4), constituídos por restos humanos numerosos, que se dispersavam em área em curso de urbanização. Foi, aliás, a abertura de diversos arruamentos que esteve na origem daquela descoberta acidental.

A situação impunha rapidez de actuação. Alertadas a comissão administrativa da Câmara Municipal de Cascais e a Junta Nacional de Educação, iniciaram-se as escavações, sob responsabilidade dos dois primeiros signatários, com o acompanhamento de O. da Veiga Ferreira, nesse mesmo mês de Maio de 1975.

Uma primeira notícia sobre o arqueossítio foi já apresentada (CARDOSO & CARDOSO, 1992), incluindo-se, no trabalho agora elaborado, os resultados das análises

⁽¹⁾ *Professor da Universidade Nova de Lisboa e Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras. Sócio efectivo da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Associação Profissional de Arqueólogos.*

⁽²⁾ *Associação Cultural de Cascais.*

⁽³⁾ *Centre Ernest Babelon, CNRS, Orléans.*

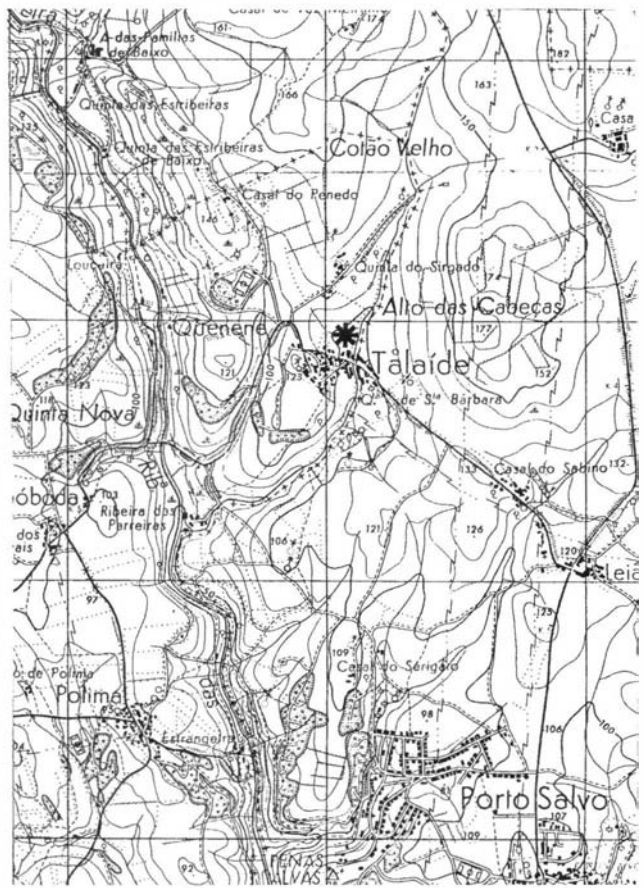


Fig. 1 – Localização da necrópole de Talaide. À esquerda, na Península Ibérica; à direita, na Carta Militar de Portugal, à escala de 1/25 000, folha 430 (Oeiras), 1970, com as seguintes coordenadas: Q 975 974.



Fig. 2 – Necrópole de Talaide. Ao centro, a pulseira de bronze da sepultura 4, no momento da descoberta, no talude executado pelas obras de urbanização da zona, antes da exploração sistemática da necrópole. Foto de G. Cardoso.



Fig. 3 – Necrópole de Talaíde. Vista parcial da escavação, integrada na paisagem circundante, de encostas suaves, ocupadas quase exclusivamente por culturas cerealíferas. Foto de J. L. Cardoso.



Fig. 4 – Necrópole de Talaíde. Vista das três primeiras sepulturas descobertas, seccionadas por talude de um arruamento da urbanização (sepulturas 2, 3 e 4). Foto de G. Cardoso.

às ligas metálicas dos materiais exumados, de evidente interesse para o conhecimento da paleometalurgia do Baixo Império e Alta Idade Média do território português. Os primeiros resultados de tais estudos foram já apresentados (GUERRA *et al.*, 1992), tendo o assunto sido ulteriormente desenvolvido pela primeira signatária daquele trabalho (M.F.G.) no Centre Ernest Babelon (Centre National de la Recherche Scientifique, CNRS), Orléans.

2 – RESULTADOS OBTIDOS

2.1 – As sepulturas

A escavação das 29 sepulturas identificadas – correspondentes a cerca de 1/3 da necrópole – abertas em margas esbranquiçadas do Cenomaniano superior, permitiram individualizar os seguintes tipos (Fig. 5):

Tipo 1 – Sepulturas do tipo “caixa”, de planta rectangular ou trapezoidal, delimitadas por ortóstatos, cobertas por lajes dispostas transversalmente (n.ºs 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 19, 20, 22, 23, 24, 26, 28 e 29); reconheceram-se duas variantes:

- Variante A – com fundo forrado de lajes (n.º 24),
- Variante B – com o espaço sepulcral incompletamente delimitado por ortóstatos (n.º 9 e 18).

Tipo 2 – Sepultura do tipo “covacho” desprovida de ostóstatos laterais, cobertas por lajes dispostas transversalmente (n.ºs 1, 10, 15, 21, 25 e 27).

Tipo 3 – Sarcófago aparelhado em monólito de arenito, apenas representado por um exemplar, já destruído, existente na zona oriental da necrópole (s/ n.º), que não chegou a ser escavada.

A petrografia dos ostóstatos documenta o aproveitamento de materiais locais: calcários e, muito esporadicamente, basaltos, não aparelhados. É excepção a ocorrência de dois blocos aparelhados, um de arenito (sepultura 7), outro de mármore: trata-se de fragmento de placa serrada (sepultura 28).

Por sua vez, o emprego de telhas (imbrices) e tijolos, normalmente fragmentados, é, também, excepcional. Tal como os elementos anteriores, documentam a reutilização de materiais de construção romanos, normalmente para a colmatação de fendas ou juntas das tampas e esteios. Assim se explica, também, a ocorrência excepcional

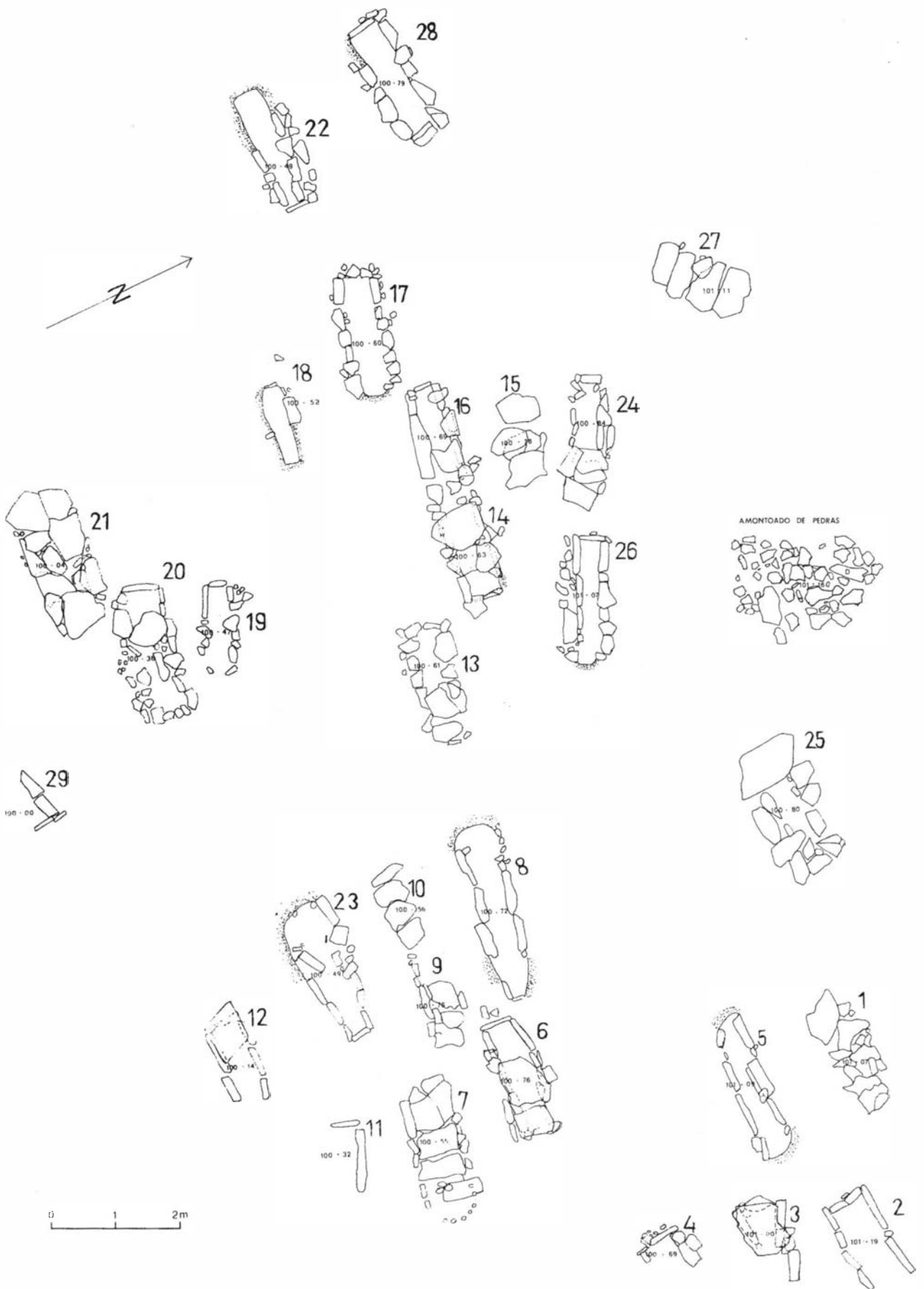


Fig. 5 – Necrópole de Talaíde. Planta da área escavada.

de bloco de *opus signinum*, preenchendo a junta dos dois esteios conservados da sepultura 11, após o seu corte pelo arruamento.

O sarcófago de arenito, cujos fragmentos se recolheram no Museu Conde de Castro Guimarães, onde se conservam conjuntamente com a totalidade do espólio arqueológico e osteológico exumado nas escavações, tem paralelos em necrópole perto de Zaragoza, da época visigótica (ARGENTE-OLIVER, 1975, Fig. 7).

3.2 – Ritos funerários

Na parte escavada, trata-se de uma necrópole exclusivamente de inumação. Os mortos eram depositados no interior das sepulturas na posição de decúbito dorsal.

Uma mesma sepultura serviu, frequentemente, a mais deposições, com excepção das do tipo 2. Porém, apenas em um caso os corpos se encontravam sobrepostos: trata-se da sepultura 6, que denunciava dois momentos construtivos. Do mais antigo, apenas se conservava a metade superior de dois esqueletos, depositados ao mesmo tempo.

Em geral, os restos ósseos dos esqueletos pré-existentes eram removidos conservando-se, porém, os crânios e, por vezes, alguns ossos longos; noutras casos, os ossos eram colocados no exterior das sepulturas, lateralmente; excepcionalmente, na sepultura 7, constituíram um amontoado circular aos pés e no exterior da caixa mortuária, delimitado por pequenas pedras, sobre as lajes da cobertura.

Os corpos normalmente não seriam cobertos de terra, como sugere a cuidadosa colmatação das fendas das estruturas tumulares. Tal hipótese é confirmada no caso da sepultura 7, que, por se encontrar a uma maior profundidade, não fora afectada no decurso das lavras pelo arado. O seu interior ainda se encontrava isento de terras, que colmataram o de outras.

A existência de caixões de madeira é demonstrada pela ocorrência de pregos de ferro (sepulturas 22 e 28) e também pela própria geometria das sepulturas do tipo 2: as lajes de cobertura encontravam-se abatidas para o interior dos covachos, o que teria acontecido em consequência do apodrecimento da madeira do ataúde (pregos de ferro são frequentes em necrópoles visigóticas, como a de La Varella-Castellar (ARGENTE-OLIVER, 1975, Fig. 23).

O espaço ocupado pela necrópole seria objecto de permanente cuidado: as sucessivas deposições de corpos, bem como a limpeza as áreas envolventes geraram detritos que eram amontoados em local periférico da necrópole (Fig. 5). Trata-se de um “moledo”, constituído por materiais heterogéneos: fragmentos de telhas e tijolos, *opus signinum* e pedras.

A observação da Fig. 5 evidencia diversos agrupamentos de sepulturas, provavel-

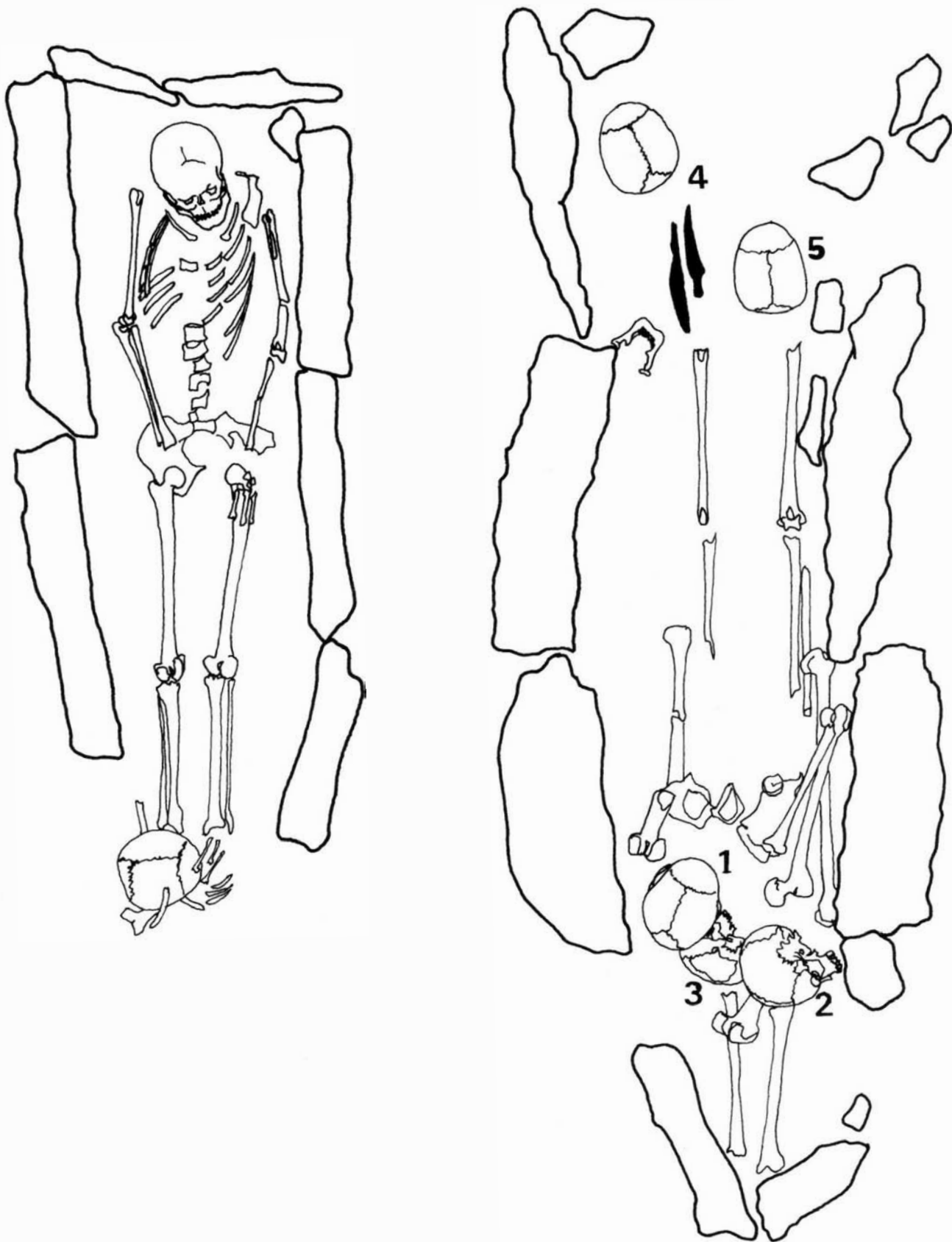


Fig. 6 – Necrópole de Talaíde. À esquerda: sepultura 12; à direita: sepultura 8, com a localização do achado de duas facas de ferro (desenhos de J. Amoedo Pereira).

mente de carácter familiar. A mesma figura mostra que há quase uniformidade na respectiva orientação, com a cabeceira voltada a poente; esta regra tem, contudo, excepções (sepultura 27, com a cabeceira do lado norte). Em trabalho que temos em preparação será discutida esta questão, nomeadamente quanto às pequenas variações observáveis na orientação das sepulturas, que poderão relacionar-se com a variação anual do azimute do nascimento do sol.

3.3 – Artefactos

Os artefactos foram recolhidos no interior das sepulturas, fazendo parte de oferendas funerárias ou da própria indumentária dos indivíduos, ou, mais raramente, no exterior daquelas, junto da antiga superfície do terreno. Neste caso integra-se apenas a lâmina de uma foice de ferro, de gume liso, recolhida entre duas lajes da sepultura 14 (Fig. 8 e Fig. 10, n.º 12). Poderia ter sido utilizada na limpeza de ervas da área do cemitério, visto ser do tipo descrito para a época romana, de Conimbriga (ALARCÃO *et al.*, 1979).

No grupo de objectos metálicos, incluem-se brincos, braceletes ou pulseiras, fivelas e placas zoomórficas de decoração, todas de bronze, excepcionalmente de latão e de prata (anéis) (Fig. 10 e 11). Várias contas de colar, recolhidas na sepultura 2, são de âmbar e de vidro.

Três moedas do Baixo Império (séculos IV-V d.C.), da sepultura 12, atestam a sobrevivência do pagamento do óbulo a Caronte.

Duas facas de ferro, associadas em posição inversa, foram encontradas na sepultura 8 (Fig. 9 e 10). Recolheram-se, igualmente duas fivelas de ferro, de sapato ou bota (Fig. 11, n.º 5).

4 – CRONOLOGIA

Com o apoio do IPPAR, submeteram-se a análise, no ITN – INETI, restos ósseos humanos de 4 conjuntos. Os resultados obtidos são os seguintes, comunicadas pelos Eng.^{os} A. Monge Soares e J. Peixoto Cabral, a quem se agradece:

1 – Materiais de superfície recolhidos nas terras de remeximento

ICEN-94 – 1730 ± 80 BP; ao calibrar a data obtida utilizando a curva de Stuiver e Pearson (Radiocarbon, 28 (2B), 1986, pp. 839-862) obtêm-se intercepções em 261, 288 e 327 cal DC e os seguintes intervalos:

Para 1 sigma – 220-406 cal DC.

Para 2 sigma – 110-450 cal DC.



Fig. 7 – Necrópole de Talaíde. Vista da sepultura 14, em primeiro plano, depois de escavada, coalescente com a sepultura 16. Em segundo plano, à direita, a sepultura 17. Foto de G. Cardoso.

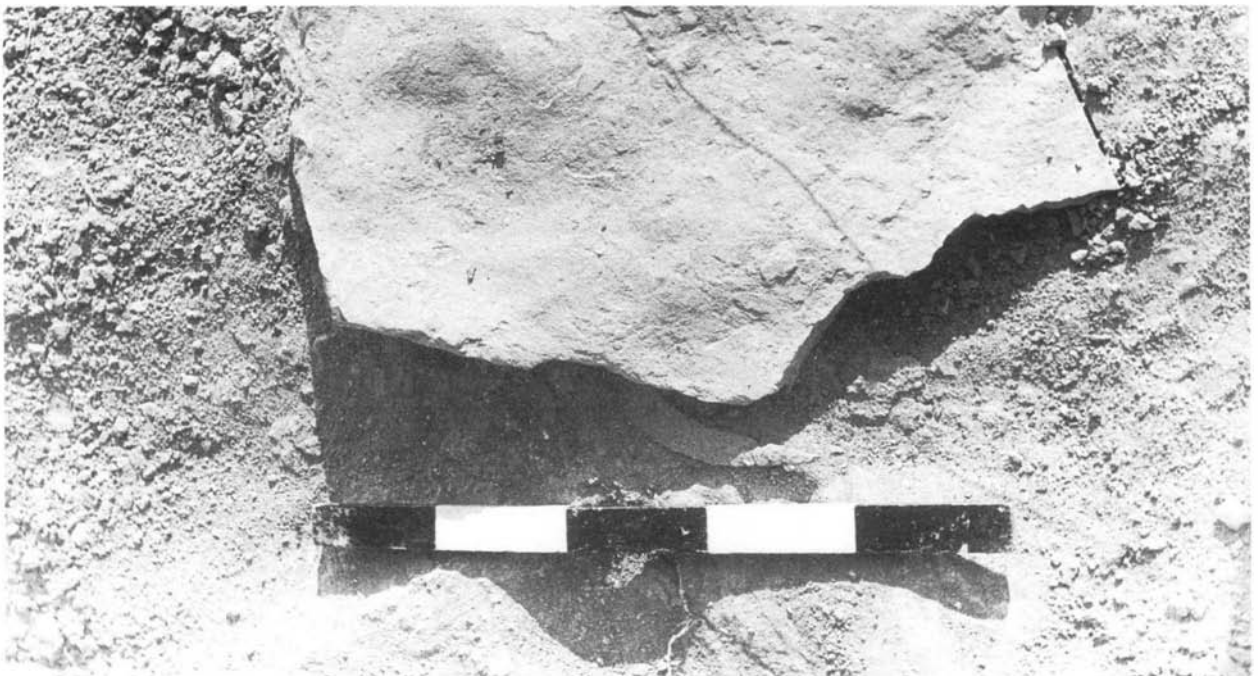


Fig. 8 – Necrópole de Talaíde. Em primeiro plano, a folha de ferro da foice encontrada sob uma das lajes de cobertura da sepultura 14. Foto de G. Cardoso.

2 – Sepultura 8 (Fig. 6)

ICEN-971 – 1770 ± 60 BP; ao calibrar a data obtida pelo método referido, obtem-se intercepção em 244 cal DC e os seguintes intervalos:

Para 1 sigma – 145-166 cal DC; 183-269 cal DC; 272-338 cal DC.

Para 2 sigma – 440-680 cal DC.

3 – Sepultura 12 (Fig. 6)

ICEN-729 – 1440 ± 70 BP; data calibrada pelo método anterior: 621 cal DC, com os seguintes intervalos:

Para 1 sigma – 553-658 cal DC.

Para 2 sigma – 440-680 cal DC.

4 – Sepultura 14 (Fig. 7)

ICEN-793 – 1130 ± 90 BP; data calibrada pelo método anteriormente referido: 894 cal DC, a que corresponde os seguintes intervalos:

Para 1 sigma – 785-1000 cal DC.

Para 2 sigma – 680-1040 cal DC.

Os critérios que conduziram à escolha das referidas sepulturas basearam-se na presença de materiais arqueológicos. Assim, da sepultura 8 provêm os materiais da Fig. 10, n.º 1 a 5; da sepultura 12 os representados na Fig. 10, n.º 7 a 10; e, por último, da sepultura 14 os da Fig. 10, n.º 11 e, talvez, 14.

Estamos, portanto, perante uma cronologia lata, para a utilização desta necrópole.

A data mais recuada – 244 cal DC, obtida para a sepultura 8 – pode ser estendida, considerando um intervalo de 2 sigma, do princípio do século II aos começos do século V d.C. Considerando o espólio arqueológico respectivo, verifica-se a existência de um elemento dissonante a esta cronologia; trata-se da aplicação da aljava das facas ali recolhidas (Fig. 10, n.º 5 e Fig. 11, n.º 2), figurando um elefante recortado em placa metálica decorada a punção, característico da arte decorativa germânica. A validade desta conclusão encontra-se, porém, limitada pelo facto de não dispormos de elementos de comparação suficientes para Portugal. O único artefacto comparável provém da vizinha necrópole de Casais Velhos (Cascais), de cronologia mal conhecida.

A tipologia da fivela dali proveniente, segundo ZEISS (1934) integra-se no período tardo-romano, portanto, em sintonia com a datação obtida.

Quanto às duas facas, SANTA OLALLA (1934) considera que é no período visigótico que, nas necrópoles, mais armas aparecem. Em Duratón, peças análogas foram situadas no século VI d.C. MOLINERO (1948).

O espólio da sepultura 12, a mais rica das exploradas (Fig. 10, n.º 7 a 10), indica o século VII d.C., portanto em sintonia com a intercepção obtida, 621 cal DC. Com



Fig. 9 – Necrópole de Talaíde. Pormenor da sepultura 8, no momento do achado da primeira faca de ferro, associada a “applique” em bronze com o contorno de elefante, pertencente à aljava da faca, tal como a pequena fivela, também visível (em cima); em baixo, momento do achado da segunda faca de ferro, subjacente ao anterior conjunto (ver Figs. 6 e 10). Fotos de G. Cardoso.

efeito, brincos encontrados na necrópole de Segóbriga, do mesmo tipo, foram situados no século VII d.C. por ALMAGRO (1975): na necrópole de Duratón, a sua associação a uma fíbula do tipo 2 de Zeiss, indica um intervalo da segunda metade do século VI ao início do VIII d.C. (MOLINERO, 1948).

No espólio da sepultura 14, avulta a fivela (Fig. 10, n.º 11), cuja tipologia SANTA-OLALLA (1934) situa entre o início do século VII d.C. e o início do seguinte. A datação, embora sugerindo época mais tardia, abarca aquele período, considerando o intervalo máximo de 2 sigma.

Em conclusão, estamos em presença de uma necrópole que poderá situar-se entre os séculos III e o VIII d.C., tanto pela tipologia das peças mais importantes, como pelas datações radiométricas efectuadas.

5 – ANÁLISES NÃO DESTRUTIVAS DAS LIGAS METÁLICAS

Em conclusão do capítulo anterior, pode afirmar-se que as diferenças observadas, tanto na tipologia dos sepulcros, como no respectivo conteúdo arqueológico, têm incidências cronológicas.

Sendo ainda muito incompleto o nosso conhecimento acerca da tipologia dos materiais metálicos (incluindo adornos) em uso nestas regiões pelas populações tardo-romanas e germânicas, ainda mais restrita é a informação disponível sobre as técnicas de fabrico de tais artefactos e respectiva composição elementar. Assumia pois interesse, a tentativa de caracterização das ligas metálicas, que a riqueza relativa do espólio exumado em Talaíde permitia e justificava.

5.1 – O método de análise

As análises do espólio metálico foram efectuadas por fluorescência de raios X excitada por radiação γ proveniente de uma fonte anelar de ^{241}Am de 100 mCi (FERREIRA & GIL, 1980), que toma em consideração os efeitos de matriz e, no caso das matrizes em estudo, os efeitos cruzados de fluorescência sobre o cobre devidos ao estanho e ao zinco (GUERRA, 1990).

Este método, vulgarmente designado por XRF (de X-ray fluorescence), é utilizado na determinação dos elementos maioritários e minoritários que entram na composição da liga. No caso particular das ligas em estudo, podemos dizer que os limites de detecção dos elementos doseados são os seguintes (em cerca de 10 horas de aquisição):

BRONZE: Sn=0,005 Pb=0,1(6) Ag=0,01 Sb=0,003 As=0,1(6) Au=0,270 (em %)

LATÃO: Zn=0,1(3) Pb=0,1(6) Ag=0,01 Sb=0,005 As=0,1(5) Au=0,3(1) (em %)

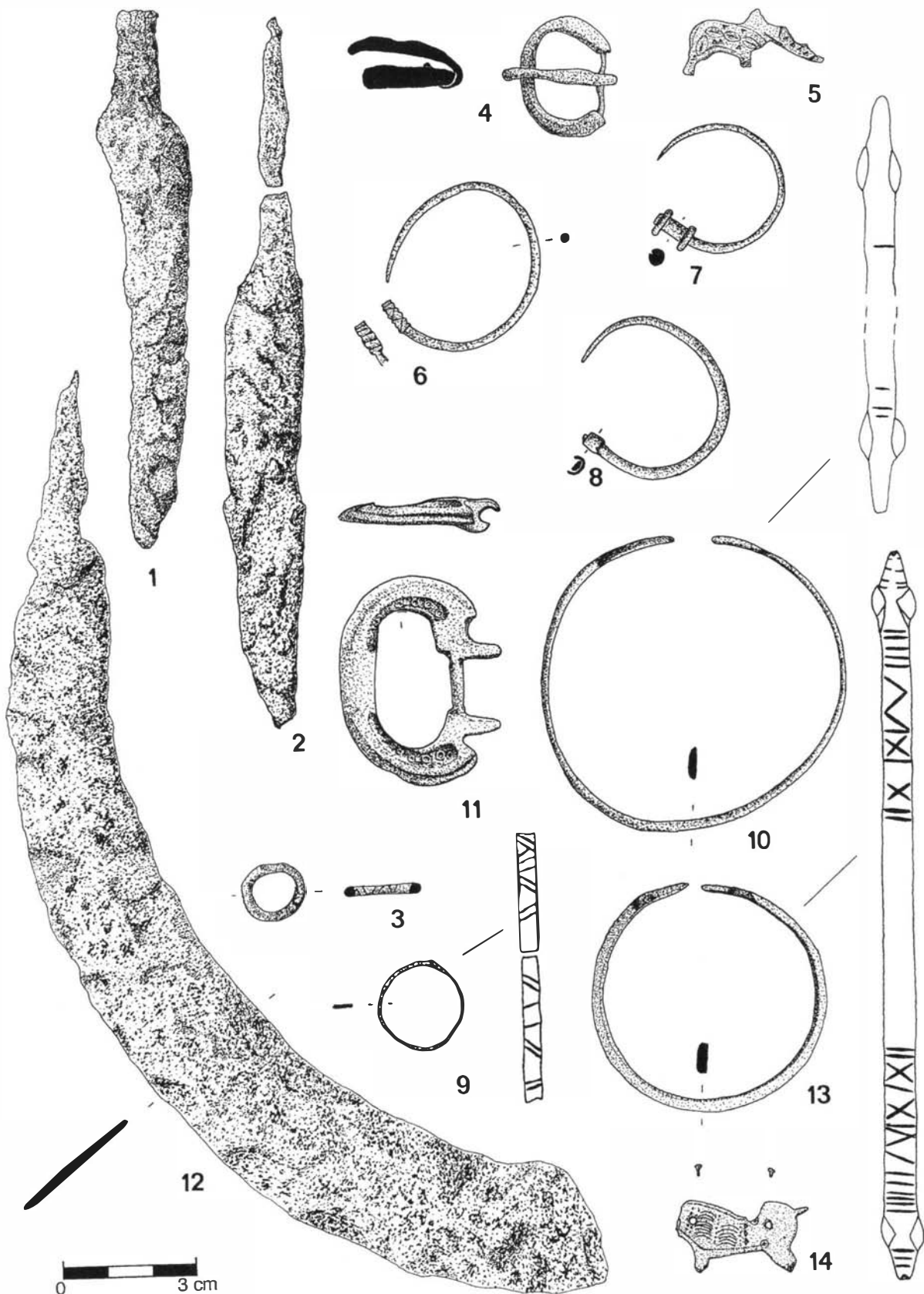


Fig. 10 – Necrópole de Talaíde. Artefactos metálicos: 1 e 2 - facas de ferro, jazendo em posição inversa, associadas ao “applique” com contorno de elefante (n.º 5) e à fivela (n.º 4) e provavelmente embainhadas numa única aljava de couro (sep. 8); 3 - pequena argola decorada por linhas incisadas (sep. 8); brincos: o n.º 6, da sep. 6; os n.ºs 7 e 8, com extremidade amovível, da sep. 12; 9 - anel de latão da sep. 12; pulseiras ou braceletes: o n.º 10 da sep. 12; o n.º 13 da sep. 4; 11 - fragmento de fivela da sep. 14; 12 - fragmento de foice de ferro da sep. 14; 14 - “applique” com contorno de leão da sep. 14 (?) superfície. Nota: sempre que a natureza da liga não é referida, entenda-se que é de bronze (desenhos de J. A. Severino Rodrigues).

O XRF é um dos métodos de análise classificado como não destrutivo e de superfície. Isto é, a análise é realizada directamente sobre o objecto sem que haja necessidade de fazer uma amostragem e sem que seja alterado o seu estado de conservação, mas os resultados obtidos correspondem apenas à composição dos primeiros μm do objecto ($1 \mu\text{m} = 10^{-6} \text{ m}$). No caso de uma matriz típica de bronze – por exemplo, 90% de cobre, 5% de chumbo e 5% de estanho – a profundidade da análise é de cerca de 25 μm para o cobre, 15 μm para o chumbo e 120 μm para o estanho (TATE, 1986).

Assim, para objectos que apresentem uma grande camada de corrosão ou de oxidação, isto é, quando a espessura da patina do objecto é importante relativamente à espessura analisada por XRF (quando não se efectua uma abrasão mecânica da zona de análise, como propõe CARTER (1965), os resultados podem ser aleatórios, visto que apenas se observam os óxidos que se formaram à superfície.

Outras alterações podem ser sofridas pela superfície do objecto, de modo a falsear os resultados de análise. Há, assim, que tomar em consideração os elementos pouco miscíveis como o chumbo que, quando presente numa liga de cobre a partir de uma certa concentração, pode provocar zonas onde se formaram precipitados daquele elemento, que se designam por “grãos” de chumbo (HALL, 1961). O mesmo fenómeno se observa para o estanho (BEAUCHESNE *et al.*, 1988).

Um trabalho recente em que colaborámos (M.F.G.), permitiu comparar os resultados obtidos para a composição de várias moedas romanas em liga de cobre (bronzes, latões, bronzes pesados, etc.) utilizando métodos globais, semi-globais e de superfície (BEAUCHESNE *et al.*, 1988), que são totalmente não destrutivos quando utilizados em rotina. Este trabalho permitiu comparar os resultados obtidos por PIXE (análise dos primeiros μm com os obtidos por activação com protões de 11 MeV (PAA, análise dos primeiros 300 μm , cf. BARRANDON (1986) e com neutrões rápidos de energia centrada a 6-7 MeV /FNAA, análise global do objecto, cf. BEAUCHESNE & BARRANDON (1986), observando-se a diferença de composição determinada em função da espessura analisada. Porém, é suficiente realizar os perfis de concentração dos elementos em questão por microscopia electrónica de varrimento para observar que, quando o chumbo e o estanho se encontram presentes na liga, formam precipitados tais que a concentração de cobre nos primeiros 50 a 100 μm pode descer de um valor de 85% a 5%, com o aumento relativo da concentração de estanho e de chumbo, sendo estes precipitados observados até 300 μm de espessura.

A Fig. 12, além da composição e espessura da patina, exemplifica o caso dos precipitados de estanho e chumbo numa moeda constituída por 4,5% de Sn e 12,6% de Pb. Veja-se na Fig. 13 o perfil da concentração realizados para o zinco e para o cobre sobre uma moeda romana de latão, com 12,6% de zinco (BEAUCHESNE *et al.*, 1986, Fig. 6 e 4, respectivamente).

Devemos ainda considerar o enriquecimento à superfície de determinados ele-

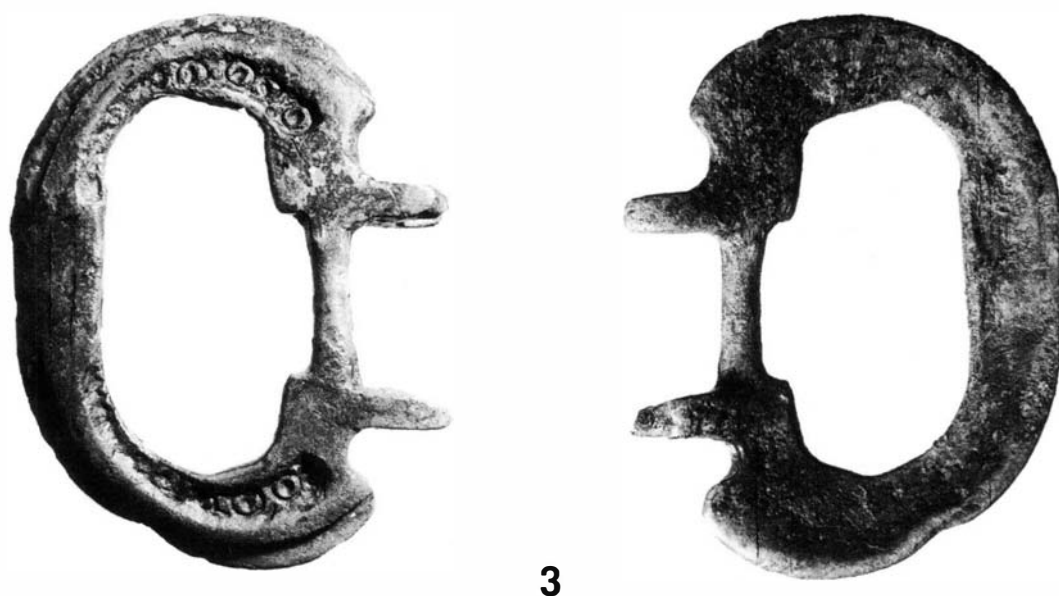


Fig. 11 – Necrópole de Talaíde. Espólio metálico (todas as peças estão ampliadas): 1 - argola da aljava das duas facas de ferro da sep. 14, de bronze; 2 - “applique” de bronze com o contorno de elefante da mesma aljava; 3 - fragmento de fivela de bronze da sep. 14; 4 - fivela de bronze, da sep. 8; 5 - fivela de ferro, de bota ou sapato da sep. 28 (ver Fig. 10). Fotos de G. Cardoso.

mentos devido ao fenómeno de migração, como é o caso do arsénio no cobre. Este fenómeno está relacionado quer com o tipo de solo em que os objectos se encontraram enterrados quer com temperatura de fusão utilizada pelo artesão, assim como com a velocidade de arrefecimento do artefacto. Neste último caso, podemos ainda observar uma desigualdade de composição nos dois lados do objecto (um lado arrefece ao ar e o outro em contacto com uma superfície), visto cada elemento possuir um ponto de fusão bem definido e diferenciado.

Sendo uma técnica de análise que permite apenas dosear os elementos maioritários e minoritários, o XRF não possibilita tratar problemas de fabrico e de proveniência, pois para este efeito é necessário obter a concentração dos elementos ditos em estado de “traço”, ou vestigiais. No entanto, ele permite reconhecer facilmente as ligas de base e, nalguns casos, diferenciar as técnicas de fabrico. Note-se que, devido aos fenómenos já referidos, os resultados obtidos para a composição das ligas devem aqui ser considerados como relativos.

No caso particular deste trabalho em que são analisados bronzes e latões, devemos ainda tomar em consideração o facto do zinco sofrer uma interferência com o cobre (a risca $K\beta$ do cobre interfere com a $K\alpha$ do zinco); no entanto, a análise de padrões daquelas ligas com uma concentração de zinco da ordem de 5% permite-nos afirmar que o erro introduzido na sua determinação é inferior a 10% (GUERRA, 1990) isto é, pode considerar-se desprezável.

5.2 – Resultados analíticos

Para melhor compreendermos o que acabámos de expor no parágrafo anterior e para o caso específico das matrizes que são aqui tratadas, sacrificámos um “pataco”, moeda do século XIX portuguesa, cuja composição se aproxima da dos objectos de Talaíde. Deste modo, foi possível analisar de duas formas a moeda pelas três técnicas já citadas: XRF, PAA e FNAA. Os resultados constam do QUADRO 1.

A moeda foi cortada em seis; três pedaços foram decapados quimicamente, até ao desaparecimento da pátina e à aparição de uma superfície brilhante, e os três restantes foram conservados sem alteração da superfície.

Os resultados obtidos pelas três técnicas de análise evidenciam que, além da maior sensibilidade do FNAA para este tipo de matriz, elementos como o Sn, o Zn, o Fe e o Pb se distribuem de forma não uniforme. Os resultados obtidos por intermédio das técnicas semi-global PAA e de superfície XRF, apresentam valores diferentes entre si e entre os resultados obtidos pela técnica global FNAA.

É de realçar que a composição obtida por FNAA para o pedaço em que se conservou a pátina e para o que foi submetido à decapagem, é (dentro de uma margem de

QUADRO 1 – Resultados obtidos pelas três técnicas de análise (XRF, PAA e FNA) para o “pataco” com e sem decapagem química (n.d. = não detectado)

Elemento	FNA	PAA	XRF	FNA	PAA	XRF
Ni	0,06%	n.d.	n.d.	0,06%	n.d.	n.d.
Sn	3,67%	4,15%	5,1%	3,42%	3,70%	5,7%
Zn	4,19%	3,17%	3,3%	4,21%	4,01%	3,1%
Sb	862 ppm	0,12%	0,1%	840 ppm	0,11%	1,0%
Pb	2,22%	1,85%	3,0%	1,96%	2,90%	3,5%
Au	10 ppm	n.d.	n.d.	10 ppm	n.d.	n.d.
Ag	652 ppm	n.d.	0,1%	630 ppm	n.d.	0,1%
As	0,23%	0,34%	n.d.	0,22%	0,31%	n.d.
Fe	0,38%	0,42%	0,5%	0,36%	0,37%	0,6%
Cu	89,10%	89,04%	87,9%	89,61%	88,58%	86,0%
	Decapado			Não decapado		

erro de 5%) a mesma. As outras técnicas mostram bem o enriquecimento à superfície do Sb, do Sn, do Fe e do Pb. A ordem de grandeza das variações que podem ser observadas entre os resultados obtidos por XRF e a composição real da peça não parece muito importante para o estudo que se pretende aqui fazer: observar se existem vários tipos de liga de base, se há variações nessa liga de base entre as várias partes que compõem o objecto, etc. Outros problemas de tecnologia de fabrico, definição de lotes e determinação de proveniências não podem ser, evidentemente, aqui abordados.

Várias análises foram realizadas sobre cada um dos objectos de Talaíde, de modo a minimizar os erros já citados: enriquecimentos à superfície, não miscibilidade de alguns elementos na liga, patina e inhomogeneidades de composição. Apenas nalguns casos, executou-se uma pequena abrasão numa região pouco visível do objecto de modo a eliminar a camada de oxidação e analisar a liga sob a sua forma metálica.

Os pontos de análise em cada objecto assinalam-se na Fig. 14. No QUADRO 2 apresenta-se a composição média obtida para a concentração de cada um dos elementos detectados. No caso das peças n.ºs 11, 14, 18, 19 e 24, em que existem grandes variações de composição, não é possível calcular um valor médio total. Assim, são indicados valores médios para fragmentos que apresentam concentrações coerentes, ou para os diferentes constituintes do objecto (note-se o caso da fivela n.º 14, constituída por duas peças de ligas diferentes).

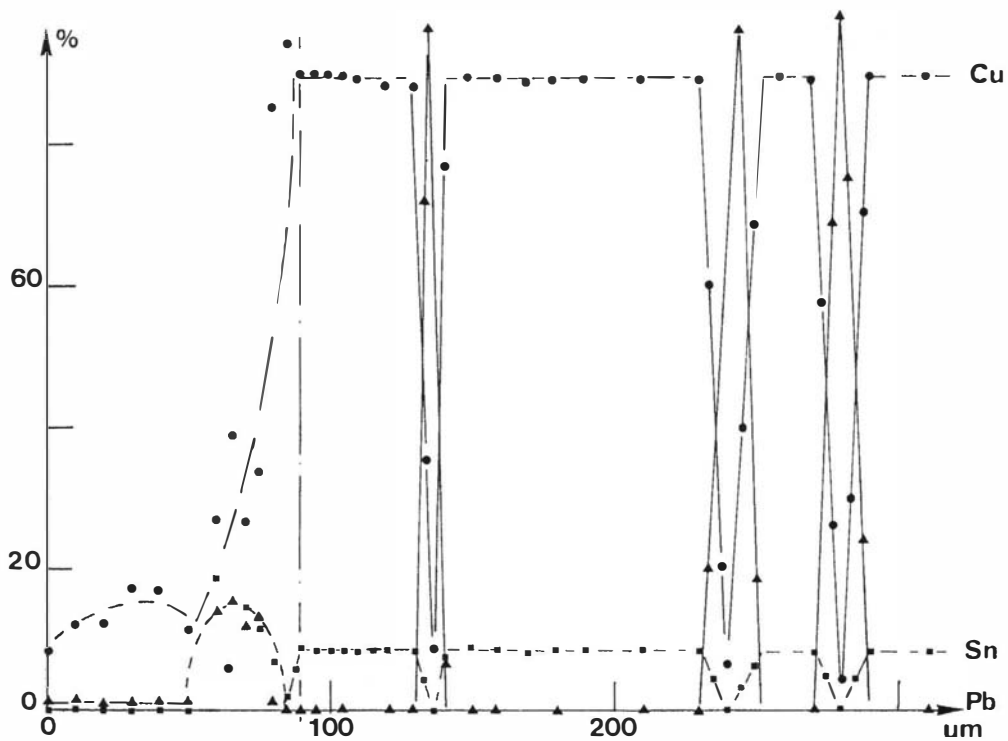


Fig. 12 - Variação em profundidade dos teores de Cu, Sn e Pb, em uma moeda de bronze (BEAUCHESNE *et. al.*, 1986, Fig. 6).

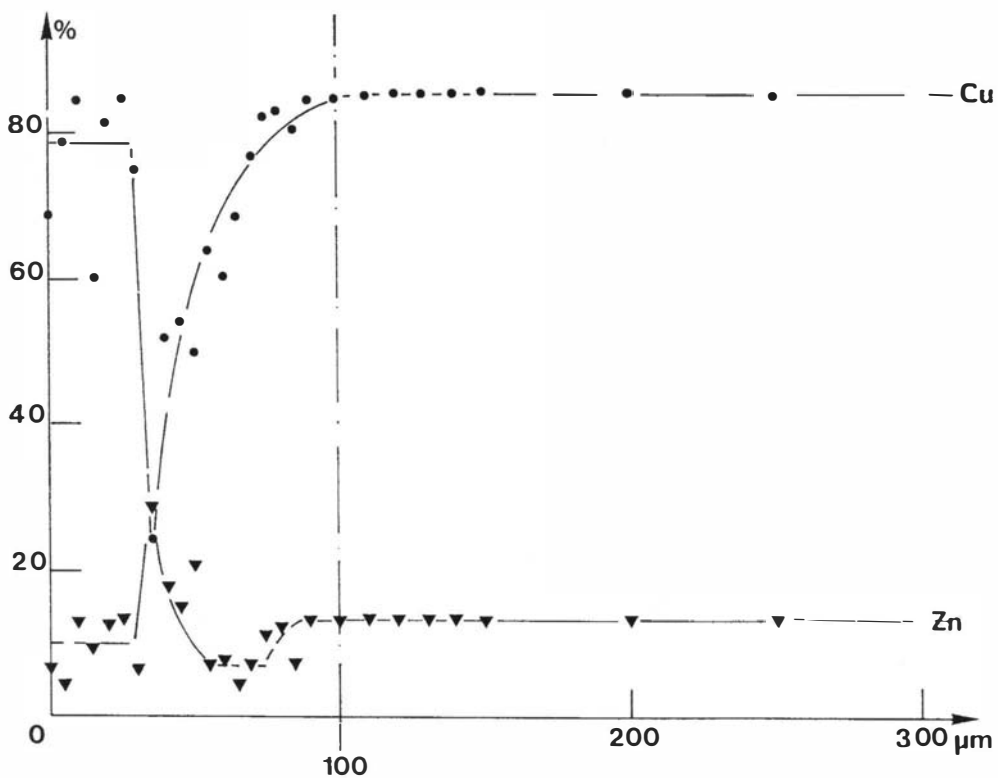


Fig. 13 - Variação em profundidade dos teores de Cu e Zn, em uma moeda de oricalco (BEAUCHESNE *et. al.*, 1986, Fig. 4).

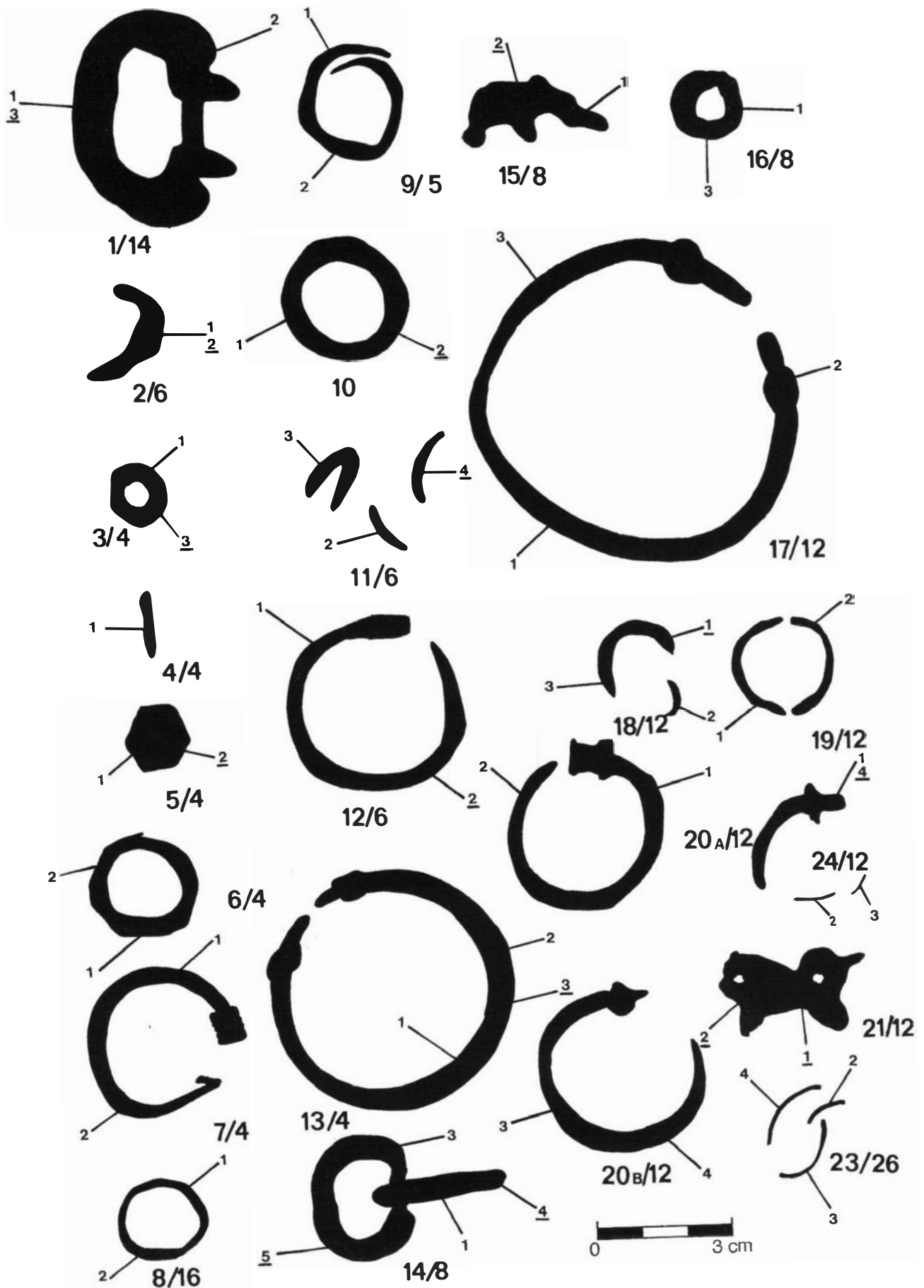


Fig. 14 – Necrópole de Talaíde. Desenhos esquemáticos das peças metálicas com indicação dos locais analisados. Os números sublinhados correspondem a locais da peça analisados depois de raspados. O segundo número refere-se à sepultura.

Ainda no QUADRO 2 apresenta-se alguns valores de concentração sem cálculo do desvio padrão, pois só foi realizada uma análise no objecto, ou o elemento apenas foi encontrado numa das regiões de análise (a precisão da análise varia com o tempo de aquisição).

6 – CONCLUSÕES

6.1 – Integração cultural

Demonstrada a amplitude cronológica da utilização da necrópole, há que aceitar uma maior longevidade dos ritos e práticas funerárias, apesar da homogeneidade dos espólios e características das sepulturas. As representações de cabeças de ofídeos dos braceletes das sepulturas 4 e 12 atestam a sobrevivência de cultos orientais de Isis e Serápis. Ainda hoje, no nosso país, se comercializam cabeças de víbora, para dar sorte e protecção contra o mau olhado. O óbolo a Caronte, documentado na sepultura 12, é outra evidência da manutenção de tais tradições.

A necrópole de Talaíde é, pois, um exemplo da marcada continuidade de costumes: ao longo de cerca de 500 anos, as alterações introduzidas ao nível das práticas funerárias pelo cristianismo ou pela chegada de população exógena, não se reflectiram nesta necrópole. Ao contrário do observado noutras necrópoles do início do cristianismo, situadas no interior das urbes, na periferia ou mesmo dentro de templos, em Talaíde continuou-se a sepultar os mortos fora da antiga povoação (embora também tenhamos conhecimento da existência de sepulturas na área desta, presumivelmente da mesma época, pelos testemunhos orais recolhidos).

A procura incessante que fizemos, a partir da data da escavação, de paralelos para os objectos recolhidos, tem colocado problemas de carácter cronológico que não eram sequer suspeitados de início. Tais dificuldades ficaram a dever-se, em parte, à raridade de trabalhos sobre este período conturbado da História da Europa. Faltam monografias sistemáticas locais, salvo raras excepções, o que dificulta o estudo comparativo.

6.2 – Composição das ligas metálicas

Exceptuando as peças de prata (n.º 8 e n.º 22), podemos considerar que o conjunto exumado em Talaíde é composto basicamente de peças de bronze e de latão, apresentando a sua maioria uma elevada concentração de chumbo. A introdução de chumbo neste tipo de artefactos pensa-se ter sido feita para permitir uma maior maleabilidade, do ponto de vista do trabalho do artesão, quando da manufactura do objecto.

QUADRO 2 – Composição percentual das peças metálicas

N.º de ordem (Fig. 14)	Cu	Sn	Pb	Zn	Ag	Sb	As
1	54,1±1,5	15,3±3,4	29,8±3,6		0,22±0,07	0,10±0,02	1,17
2	56,5±1,3	11,7±0,5	26,9±0,6	3,7±0,7	0,20±0,04	0,61±0,49	
3	70,4±4,48	21,4±3,0	8,0±1,5		0,15±0,04	0,08±0,03	
4	86,6	12,7				0,34	
5	60,3±10,5	25,5±1,0	6,7±3,8		0,14±0,01	0,12±0,01	
6	88,5±0,3	11,3±0,2				0,17±0,10	
7	78,2±1,1	18,0±2,9	5,31		0,29	1,09±0,03	Au
8	4,0	2,7			97,2	0,23	2,3
9	96,8±0,4	0,76±0,69	1,8			1,53±0,18	
10	60,8±0,7	11,3±1,9	26,7±3,5		0,21	1,15±0,8	
11 (2+3)	69,6±4,2	20,8±6,5	8,0±6,1		0,23±0,03	1,34±0,44	
(4)	96,5	0,27	1,8			1,40	
12	83,0±1,0	5,8±1,0	4,2±1,1	4,9±0,6	0,17±0,07	1,45±1,06	
13	92,4±0,7	6,5±0,8			0,10±0,02	0,12±0,03	
14 (1+4)	99,5±0,04	0,28±0,08			0,08±0,001	0,10±0,04	
(3+5)	53,7±6,9	17,7±0,4	28,0±7,3		0,32±0,04	0,26±0,09	
15	64,5±3,6	4,7±0,9	11,8±1,7	10,2±3,9	0,26±0,03	0,37±0,07	
16	74,8±1,6	20,4±5,4	4,13	5,7	0,12	0,18±0,02	
17	92,1±1,4	5,3±0,7	2,22±0,6		0,22±0,03	0,07±0,02	
18 (1+3)	88,4±1,2	10,7±2,5			0,08	1,78	
(2)	80,2	2,3	4,1	7,6		5,7	
19	90,2±1,0	3,0±0,9	1,42	4,9±0,2	0,08±0,03	0,89±0,81	
20 A (1+2)	93,8±0,32	0,68±0,03		5,8±0,1		0,1±0,07	
20 B (3+4)	91,4±0,2	0,58±0,09		7,7±0,28		0,22±0,11	Au
21	77,2±4,4	2,4±0,1	8,5±1,9	10,0±0,1	0,21±0,01	0,12±0,01	0,66
22		2,8±0,6			97,2±0,6	0,07	
23	88,8±0,9	2,3±0,6		6,8±1,6	0,05	2,12±1,42	
24 (1+4)	78,0±3,0	8,8±0,07	6,3±0,2	7,0±2,7			
(2+3)	91,9±1,9	1,5±0,1	1,5	5,8±0,8			

As peças n.ºs 2, 12, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 23 e 24, em cuja composição entra o estanho, contêm uma percentagem de zinco que, em alguns casos, é elevada: refira-se as peças n.º 15 e n.º 21, onde o zinco atinge cerca de 10% e, contrariamente, as peças n.º 20 A, B, onde o estanho não atinge 1%. Este facto leva-nos a avançar a hipótese do artesão querer alterar a cor da liga. Tratando-se de objectos de adorno, sabemos

que as ligas de latão têm reflexos dourados que se assemelham aos reflexos do ouro, contrariamente às peças de bronze. De facto, podemos aceitar que aquelas peças são de oricalco. Refira-se o estudo feito no Centre Ernest-Babelon sobre um tesouro de moedas romanas em oricalco (BRENOT & BARRANDON, 1984), onde a análise permitiu observar a evolução cronológica das ligas que consiste na substituição, na liga de base em oricalco, do zinco pelo estanho devido à grande volatibilidade daquele durante as refundições. Como curiosidade refira-se ainda que naquele texto se pode ler (segundo R. Halleux): “a palavra oricalco, empregue a propósito de operações metalúrgicas precisas, designa em alguns casos, de modo inequívoco, o latão, que, na maioria dos textos literários, evoca um corpo brilhante e precioso *semelhante ao ouro* mas valendo mil vezes menos”.

O conjunto de peças estudado, parece, do ponto de vista analítico, ser bastante coerente com tecnologia de fabrico bem definida e evoluída. Algumas daquelas peças são suficientemente curiosas para merecerem um comentário separado:

Peça n.º 1 – o aparecimento, num dos pontos da peça, de arsénio, não deve ser considerado representativo da concentração real. Uma análise global da peça poderia resolver esta questão.

Peça n.º 11 – as análises efectuadas sobre 3 dos 4 fragmentos (o 4.º é de dimensões muito reduzidas) mostram que 2 deles são semelhantes, de bronze com chumbo, mas muito diferentes do 3.º, que é apenas de cobre. Os resultados poderão ser devidos ao facto deste não pertencer ao anel.

Peça n.º 14 – a análise desta fivela mostra bem o conhecimento de uma tecnologia avançada de fabrico. Enquanto o aro é de um bronze pesado, mais fácil de trabalhar e podendo assim apresentar um pormenor de realização mais requintado, a ponta é constituída apenas por cobre, visto tratar-se de um objecto meramente funcional.

Peça n.º 18 – o problema é análogo ao da peça n.º 11. O fragmento de menor dimensão apresenta uma composição bastante diferente do maior. De facto, enquanto o primeiro é um latão com algum estanho o segundo corresponde a um bronze. Fica aqui a mesma questão: os dois fragmentos não pertencerão ao mesmo anel.

Peças n.ºs 12, 15, 19 e 23 – estas peças, respectivamente brincos, aplique em forma de elefante e anéis, apresentam um elevado teor de zinco. As peças n.º 12 e n.º 15, sendo ornamentos mais trabalhados, possuem uma elevada concentração de chumbo, o que não se verifica para os anéis n.º 19 e n.º 23, talvez de mais fácil realização. Mais uma vez, parece ficar evidenciada a nossa hipótese sobre a tecnologia de fabrico.

Peças n.ºs 8 e 22 – trata-se de anéis de prata de composição normal, não pertencendo ao mesmo tipo de fabrico. Na peça n.º 22, não tendo sido detectado cobre, tal ausência significará que a sua concentração deverá situar-se dentro dos limites de

deteção do método, isto é, inferior a 0,1%. No entanto, a elevada concentração de ouro deve-se à não correcção dos efeitos cruzados de fluorescência da prata sobre aquele elemento.

Peça n.º 9 – trata-se de um anel, o único em aro aberto; é a única peça do espólio (se eliminarmos os fragmentos e partes de peças já referidos) que é feito apenas de cobre; isto é, corresponde a uma tecnologia de fabrico diferente da utilizada nos outros adornos. Talvez de outra proveniência, de um fabricante diferente, ou de uma época diferente.

Peça n.º 20 – é interessante verificar a diferença sistemática da concentração de zinco de um brinco para o outro. Apesar de serem latões tecnologicamente semelhantes (note-se que as ligas são semelhantes até no teor de estanho que aqui é irrelevante), este facto faz pensar na hipótese dos brincos não terem sido fabricados na mesma fornaça. No entanto, note-se que a diferença de composição pode ser apenas devida aos problemas citados no parágrafo 2.

Peça n.º 21 – este pequeno aplique em forma de leão é a única peça que apresenta na sua composição a presença de ouro. Sabemos que certos minérios de cobre contêm este elemento e que a pequena quantidade (note-se que, devido a problemas analíticos, para estes valores de concentração o teor obtido é muito sobrestimado, ver comentários à peça n.º 8) encontrada não pode corresponder a uma adição voluntária. Esta peça é feita num latão com uma concentração elevada de chumbo, o que parece mais uma vez mostrar a vontade de fazer adornos dourados que pudessem ser facilmente trabalháveis pelo artesão.

Peça n.º 24 – este brinco em pedaços faz-nos pensar que os pequenos fragmentos não correspondem ao grande; enquanto este é constituído por um bronze com chumbo e com zinco ou um latão com chumbo e com estanho, aqueles correspondem apenas a latões. Neste caso parece-nos mais válida a hipótese de corrosão e de precipitados de chumbo e estanho que influenciam bastante os resultados analíticos, visto o grande fragmento ter sofrido uma pequena abrasão nas regiões de análise.

Parece, ainda, interessante, procurar estabelecer relações entre a ocorrência de peças metálicas e a cronologia das respectivas sepulturas. Desta forma, entre parêntesis, na fig. 12, indica-se o número das sepulturas de onde provêm as diferentes peças analisadas. Verifica-se que foram as sepulturas 4 (6 peças) e 12 (7 peças) que maior número de peças metálicas ofereceram. Seguem-se as sepulturas 6 e 8, ambas com 3 peças. Considerando a disposição no terreno (Fig. 5), verifica-se que todas elas se situam na zona mais oriental da necrópole, que consideramos como a mais antiga; com efeito, dispomos para essa zona de duas estações: uma, para a sepultura 12 e outra, para a sepultura 8, correspondendo-lhes o mesmo intervalo cronológico, a 2 sigma: 440-680 cal DC, anterior ao obtido para a sepultura 14, situada na zona central da área escavada (680-1040 cal DC).

Podemos, pois, concluir, que a prática de inumação dos cadáveres com objectos metálicos (quase sempre de adorno) entrou em declínio com a progressiva afirmação do cristianismo, tendência que persistiu no período de dominação muçulmana, a aceitarmos os resultados cronométricos obtidos pelo radiocarbono.

AGRADECIMENTOS

M.F. Guerra agradece ao Eng.º F. Magro, da Academia Portuguesa da História a cedência do pataco português sacrificado para análise complementar.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J.; ÉTIENNE, R.; ALARCÃO, A. Moutinho de & PONTE, S. da (1979) – *Fouilles de Conimbriga*, 7, p. 162, n.ºs 72-81. Diffusion de Boccard. Paris.
- ALMAGRO-BASCH, M. (1975) – La necropolis hispano-visigoda de Segobriga, Salelices (Cuenca). *Excavaciones Arqueológicas en España*, 84, p. 18.
- ARGENTE-OLIVER, J.L. (1975) – La necropolis visigoda del lugar La Varella-Castellar (Codo, Zaragoza). *Excavaciones Arqueológicas en España*, 87, 41 p.
- BEAUCHESNE, F. & BARRANDON, J. – N. (1986) – Analyse globale et non destructive des objets archéologiques cuivreux par activation des neutrons rapides de cyclotron. *Rev. d'Archéométrie*, 10, p. 75-85.
- BEAUCHESNE, F.; BARRANDON, J.-N.; ALVES, L.; GIL, F. Bragança & GUERRA, M.F. (1988) – Ion beam analysis of copper and copper alloy coins. *Archaeometry*, 7, p. 106-113.
- BRENOT, C. & BARRANDON, J.-N. (1984) – In *Le trésor de la Garonne* (R. Étienne et M. Rachet, ed.), Fédération Historique du sud-Onest, Institut d'Histoire, Université de Bordeaux III, France.
- CARDOSO, G. (1991) – *Carta Arqueológica do Concelho de Cascais*. Câmara Municipal de Cascais, 111 p.
- CARDOSO, G. & CARDOSO, J.L. (1992) – A necrópole tardo-romana e medieval de Talaíde (Cascais). Estudo preliminar. *Comunicação apresentada à IV Reunião de Arqueologia Cristã Hispânica* (Lisboa, 1992). Resumo publicado no livro respectivo, p. 155-157. Comunicação no prelo, no volume das actas.
- CARTER, G.F. (1965) – Preparation of ancient coins for accurate X-ray fluorescence analysis. *Archaeometry*, 7, p. 106-113.

- CONDAMIN, J. & PICON, M. (1982) – Changes suffered by coins in the course of time and the influence of these on the results of different methods of analysis. *In Methods of chemical and metallurgical investigation of ancient coinage*. Royal Numismatic Society, 8, p. 49-66. London.
- FERREIRA, G. & GIL, F. Bragança (1980) – A fluorescência de raios X e o método PIXE como técnica não destrutiva em Arqueologia. *Arqueologia*, 4, p. 12-26.
- GIL, F. Bragança; BARREIRA, G.; GUERRA, M.F. & ALVES, L.C. (1989) – Quantitative elemental analysis of thick samples by XRF and PIXE. *X-ray Spectrom*, 18, p. 157-164.
- GUERRA, F. (1990) – *Da caracterização dos arqueometais. Análise quantitativa por métodos nucleares e perinucleares*. Dissertação de doutoramento em Física, Universidade Nova de Lisboa, 425 p.
- GUERRA, M.F.; SERUYA, A.I.; CARDOSO, G. & CARDOSO, J.L. (1992) – Análise por fluorescência de Raios X do espólio metálico do cemitério visigótico de Talaíde (Cascais). *Comunicação e resumo apresentados ao 8.º Congresso de Física – “Física/92”*. Vila Real, 15-18 de Setembro de 1992.
- HALL, E.T. (1961) – Surface-enrichment of buried metals. *Archaeometry*, 4, p. 62-66.
- MOLINERO, A. Pérez (1948) – *La necropolis visigoda de Duratón* (Segovia). Excavaciones del Plan Nacional de 1942 y 1943. *Acta Arqueologica Hispanica*, 4, 178 p. Madrid.
- SANTA-OLALLA, J. M. (1934) – Esquema de la Arqueología Visigoda. *Investigación Y Progreso*, 8. Madrid.
- TATE, J. (1986) – Some problems in analysing museum material by nondestructive surface sensitive techniques. *NIM B* 14, p. 20-25.
- ZEISS, H. (1934) – *Die grabfunde aus dem Spanisachen Westgotenreich*. Berlin.

Estudos Arqueológicos de Oeiras,
5, Oeiras, Câmara Municipal, 1995, pp. 341-347

ARQUEOLOGIA, TURISMO E PODER LOCAL: O EXEMPLO DO CONCELHO DE OEIRAS

João Luís Cardoso⁽¹⁾

«Um monumento recomendável como objecto de arte, é um capital produtivo. Calcule quantos viajantes terão atravessado Portugal durante um século. Certo que não é para correrem nas nossas estradas... certo que não é para aprenderem agricultura com os nossos agricultores... mas para admirarem o mosteiro da Batalha, o templo romano de Évora, o castelo da Feira, o convento de Belém, e enfim, tantas obras primas... que encerra este cantinho do mundo.

E dissei-nos: credes que o estrangeiro alcança o fim da sua peregrinação sem dispende muito oiro? Ignorais que este oiro se derrama por mãos de portugueses?»

Alexandre Herculano, in REAL, 1989.

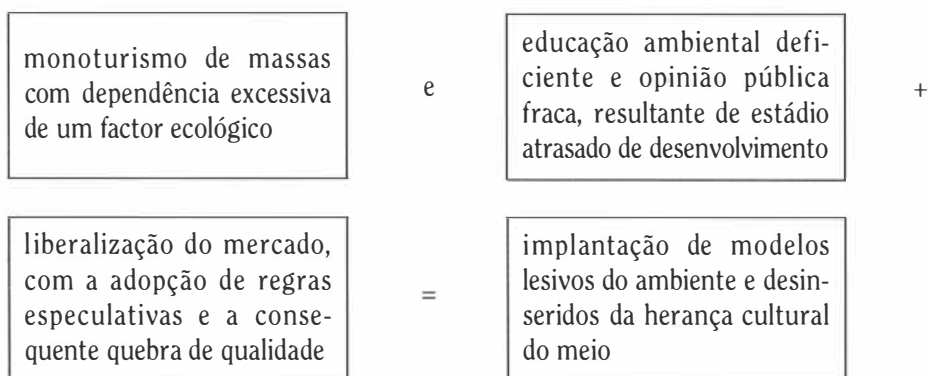
O turismo é uma realidade recente; ele deverá ser entendido como um reflexo das sociedades industrializadas e altamente competitivas, sendo um recurso para os cidadãos encontrarem a calma e o equilíbrio perdidos. O seu crescimento exponencial deve-se ao encorajamento da sua prática (existência de férias obrigatórias e pagas) e à própria melhoria do nível de vida das populações, acrescida aos notáveis progressos verificados nos meios de transporte e facilidades de circulação de pessoas. Nesta

⁽¹⁾ Professor da Universidade Nova de Lisboa e Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras - Câmara Municipal de Oeiras. Sócio efectivo da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Associação Profissional de Arqueólogos.

perspectiva, não admira que o turismo se tenha massificado, sendo actualmente praticado por vastas camadas da população. De facto, esta actividade representa na CE cerca de 5,5% do PIB, 6,0% de empregos e 8,0% do consumo privado (doc. C/2 - 181/88 da Comissão das Comunidades Europeias). Porém, a extensão da sua prática não correspondeu à melhoria da qualidade com que é praticado, bem pelo contrário. A opção pelo lucro rápido, incentivada directa ou indirectamente pelo próprio Estado, tem levado empresários a investimentos tantas vezes especulativos, valorizando aspectos de mais fácil e rápido aproveitamento (o sol, as praias...). Tais opções conduziram a assimetrias graves, em consequência da excessiva ocupação sazonal da faixa litoral, para a qual esta não se encontrava capacitada, atendendo à fragilidade ecológica que a caracteriza. Com a mega-dimensão de certos empreendimentos turísticos, não é apenas o ambiente que fica prejudicado: a deficiente qualidade dos serviços, conjugada com a ausência de infra-estruturas básicas, leva a uma real degradação da qualidade de vida dos que vieram à procura de descanso, agravada pela poluição e ruído permanentes: o que conduz a uma inevitável regressão na procura. Desta forma, gigantescos empreendimentos, apenas satisfatoriamente ocupados numa pequena fracção do ano, correm o risco de se encontrarem ainda mais subaproveitados, acentuando, ainda mais, a degradação existente.

Também a oferta de bens culturais deixa a desejar; para além de um “folclore” descaracterizado, resta um artesanato artificialmente mantido, tal como a gastronomia dita regional; e se, para certos estratos das populações locais, o contacto com novas formas de estar pode ser enriquecedor, e até gerador de novos empregos (embora em boa parte de carácter precário), para outros estratos cava-se uma separação intransponível, com a criação de extensas áreas reservadas e a criação de bens e serviços, a cujo usufruto não têm direito.

O processo que explica a implantação do modelo turístico – que tem entre nós a sua expressão mais acabada no litoral algarvio – pode apresentar-se, esquematicamente, do seguinte modo.



Como resposta ao quadro negativo sumariamente delineado parece verificar-se, mais recentemente, uma reacção, procurando-se alternativas num turismo mais diversificado (ecoturismo, agroturismo, turismo rural), incentivada pelo próprio Plano Nacional de Turismo. Porém, trata-se, na maioria dos casos, de projectos de aplicação prática ainda embrionária e que não tem sido fácil, facto resultante, em parte, da pouca apetência dos investidores. O reforço de uma componente ambiental e cultural na formação dos agentes e operadores turísticos poderia, em parte, desbloquear tal situação, pois que, ao nível dos cidadãos, se verifica uma crescente apetência pelo contacto com a Natureza, no seu sentido mais lato. Com efeito, por Património Natural dever ser entendido, não apenas a parcela territorial protegida por lei (parques nacionais e naturais), mas também as extensas áreas do interior do País, ainda caracterizadas por uma relação equilibrada e ancestral do Homem com o meio natural. São, precisamente, estas áreas, aquelas que se mostram mais sensíveis ao progresso económico e aquelas que mais acentuadamente sofrerão a descaracterização cultural a que aquele, se conduzido de forma desregrada, forçosamente, conduzirá; o progresso, porém, não é incompatível com a preservação da individualidade cultural de uma dada região; para o seu desenvolvimento harmonioso, poderá concorrer, de forma marcante, o turismo.

Este é, também, um sector cada vez mais carenciado de informação de base cartográfica actualizada, susceptível de informar a tomada de decisões quanto ao modelo de implantação turística mais adequado a uma dada região, garantindo os requisitos necessários à mobilização de apoios e incentivos comunitários – através dos múltiplos programas disponíveis para o efeito, por exemplo. Assim se chegaria a um desenvolvimento integrado, com respeito pelos valores culturais e ambientais, tendo como um dos principais esteios o turismo, potenciado pela indispensável articulação ao mercado comunitário.

*

* *

Na procura de novos valores para o turismo cultural, assume particular importância o património arqueológico, quase por aproveitar no nosso país, salvas honrosas excepções.

Uma escavação arqueológica é, quando efectuada em uma grande estação, tarefa árdua, morosa e difícil, e também onerosa, ao exigir prolongados trabalhos de campo, ao longo de vários anos; não raro, a expectativa criada junto da população local é idêntica à existente nos meios científicos ou à dos próprios patrocinadores e responsáveis. A questão que então deverá ser colocada é a de saber como rentabilizar o investimento humano e financeiro efectuado, já que a questão que naturalmente a

deveria anteceder, a saber, quais os critérios que poderão justificar, à partida, o investimento em determinado sítio arqueológico, em detrimento de outro, nem sempre se podem aferir, sobretudo se se trata de locais por explorar, ou insuficientemente conhecidos à partida.

Para que um determinado sítio arqueológico possa ser encarado como potencialmente interessante do ponto de vista turístico, deverão conjugar-se diversos requisitos, os quais são independentes do seu valor científico intrínseco. De facto, casos há de locais de elevado interesse científico, porém desprovidos de características susceptíveis de valorização turística. Tais características, ou requisitos, podem reduzir-se a três ou quatro essenciais:

- a existência de um conjunto patrimonial visível e suficientemente explícito, de molde a ser apreendido/compreendido pelo visitante comum;
- a existência de uma área legalmente e fisicamente protegida;
- fácil acesso, pedestre e automóvel, e possibilidade de estacionamento.

O estado de conservação e raridade de um determinado monumento, a nível local ou regional, pode ser decisivo para eleição como local de valorização prioritária.

Em alguns casos conhecidos – como o povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras) – o valioso conjunto arqueológico só se revelou após o início dos trabalhos de campo, dirigidos pelo signatário, em 1983, os quais foram motivados por razões estritamente científicas.

A valorização de determinado sítio arqueológico, decidida desde que se verifiquem os pressupostos apresentados, passa por um conjunto de acções que, resumidamente, se podem apresentar do seguinte modo:

- sinalização rodoviária adequada;
- restauro e consolidação das estruturas arqueológicas postas a descoberto, com a dupla finalidade de protecção e como forma de as tornar mais evidentes e aliciantes (didácticas);
- definição de circuitos de visita; a concepção simultânea de dois circuitos, com durações diferentes, respondendo às necessidades/interesse dos diversos visitantes é aconselhável, bem como a legendagem, através de painéis explicativos, dos principais pontos de interesse observáveis ao longo daqueles;
- publicação de roteiros e desdobráveis das ruínas, que complementarão aquela informação;
- existência de responsável técnico-científico, bem como de corpo permanente que assegure a protecção e limpeza do local;
- existência de pequeno bar ou restaurante, ou, pelo menos, de zona de recepção e de venda de publicações;

- uma estação arqueológica deverá ser, também, zona de lazer e de recreio; além de dever possuir um parque arborizado, um bom enquadramento paisagístico convidará à permanência no local, podendo o visitante ocasional tornar-se num seu frequentador assíduo.

Estas preocupações, que são válidas para qualquer conjunto patrimonial ou monumento isolado, correspondem integralmente às medidas adoptadas na valorização do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras), actualmente em curso, patrocinadas pela Câmara Municipal de Oeiras, através do seu Centro de Estudos Arqueológicos, com o apoio do IPPAR.

Em alguns casos de grandes escavações realizadas em Portugal – Conimbriga é disso exemplo paradigmático – a solução encontrada para a exposição permanente do espólio, foi a criação de um museu monográfico. Tal situação, que exigirá a permanência de pessoal tecnicamente preparado e é, por isso, dispendiosa, justificar-se-á apenas nos casos:

- em que se disponha de espólio suficientemente numeroso e estética, visual e cientificamente importante;
- quando a própria área arqueológica é susceptível de tratamento museológico;
- quando não haja alternativa suficientemente próxima de museu não monográfico que responda às necessidades ou solicitações da população residente na zona, especialmente da em idade escolar;
- e, finalmente, quando haja a garantia de público razoavelmente numeroso, ao longo de todo o ano.

Reunidas estas condições, no caso de Leceia o “museu de sítio”, actualmente em fase de projecto, que poderá integrar materiais provenientes de outras estações arqueológicas do Concelho de Oeiras, passará a constituir, conjuntamente com a área arqueológica onde está inserido, um conjunto único, em articulação com outros pólos de elevado potencial museológico, como a Fábrica da Pólvora de Barcarena, cuja importância ultrapassará os limites locais, para se transformar em importante pólo de atracção a nível nacional.

É fundamental o investimento em iniciativas inovadoras, que constituam alternativa a um turismo massificador e não diversificado. Neste sentido, a valorização do património cultural, e particularmente, da sua componente arqueológica, bem como o seu entrosamento com a vertente ambiental, num sentido mais lato daquele em que é usualmente considerada, são domínios quase inteiramente por explorar, embora cheios de potencialidades. Também neste aspecto se poderá reforçar a ligação da estação arqueológica ao belo vale da ribeira de Barcarena, espaço natural que

importa valoriar e preservar. Com efeito, a relação entre o Património Cultural e o Património Natural é estreita e indissociável: fazem parte de uma mesma e única realidade, por ambas mutuamente enriquecida; não faz, pois, sentido, entender os dois os conceitos de forma não integrada.

Convém, no entanto desfazer à partida, um possível equívoco: o investimento turístico no património arqueológico dificilmente é rentável a curto prazo – situação que, para a maioria dos actuais empresários não é aliciante – exigindo, por isso, uma forte participação técnico-financeira do Poder Central e/ou Local ou, ainda, através de verbas comunitárias, bem como a criação de uma nova mentalidade dos promotores e operadores turísticos, visto que os potenciais consumidores desse “novo turismo” já existem. Que o exemplo dado a este propósito em Leceia pela Câmara Municipal de Oeiras, bem como pelo IPPAR, viabilizado ao fim de treze porfiados anos de escavações arqueológicas, frutifique, e possa ser seguido por outras autarquias, na qualidade de primeiras interessadas na defesa e valorização dos bens arqueológicos situados nos respectivos territórios. É que as acções de preservação e consequente valorização do património arqueológico, quando correctamente projectadas e levadas à prática, têm (ou devem ter) reflexos imediatos benéficos na própria vivência socio-económica das populações locais: é o conceito de Património como recurso, gerador de desenvolvimento. A este propósito, são de recordar as considerações pioneiras feitas, a tal propósito, por E. SERRÃO (1967, p. 53): os monumentos arqueológicos “são mais do que valiosos motivos de sentimentalismo e cultura; são verdadeiras riquezas de ordem económica; podem valer tanto, ou mais, do que alguns ramos da actividade agrícola, pecuária e industrial, e os investimentos que a sua conservação e valorização exigem, não representam despesas sumptuárias, ou para satisfazer saudosismos decadentes, mas podem licitamente (...) integrar-se nos planos nacionais de desenvolvimento”.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, A. (1987) – Arqueologia e turismo. *Actas das Primeiras Jornadas Arqueologia do Nordeste Alentejano* (Castelo de Vide, 1985), p. 9-11.
- ALARCÃO, A. (1988) – Os museus monográficos e os sítios arqueológicos – uma opinião. *Arquivo de Cascais*, 7, p. 269-274.
- CABRAL, F. Caldeira (1988) – O Turismo, a Cultura e os Recursos Naturais. *Correio da Natureza*, 3, p. 1, 2.
- CANINAS, J. C. (1995) – Um futuro comum para o Património Natural e o Património Cultural. *Fórum Ambiente*, 11, p. 11.

- CARDOSO, J.L. (1990) – A reconstrução de grandes estruturas em povoados calcolíticos – algumas considerações a propósito do exemplo de Leceia. *Actas das Quartas Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1990), p. 139-146.
- GONÇALVES, E. Osório (1988) – Salvaguarda do Património. Uma estratégia de desenvolvimento regional nas áreas protegidas. *Correio da Natureza*, 2, p. 2-6.
- REAL, F. (1989) – Conservação, reabilitação e valorização de monumentos e sítios arqueológicos. Comunicação às Segundas Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano (Monforte, 1989). Não publicadas.
- ROSMANINHO, L. coordenador (1990) – Mesa Redonda – O ambiente e o mercado único – Turismo. *O Verde*, 18, p. 7-18. Grupo de Estudos do Ordenamento do Território e Ambiente.
- ROSMANINHO, L.; CANINAS, J. e COITO, C. (1990) – Turismo Global. *O Verde*, 18, p. 19-23. Grupo de Estudos do Ordenamento do Território e Ambiente.
- SERRÃO, E. da Cunha (1967) – Turismo cultural. *Boletim do Centro de Estudos do Museu Arqueológico de Sesimbra*, 1, p. 46-53.

Estudos Arqueológicos de Oeiras,
5, Oeiras, Câmara Municipal, 1995, pp. 349-372

RELATÓRIO DAS ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS NO DECURSO DE 1993, 1994 e 1995.

1 – INTRODUÇÃO

Este relatório diz respeito às actividades desenvolvidas pelo Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (CEACO) no decurso dos anos de 1993, 1994 e 1995.

As acções efectuadas podem agrupar-se em duas grandes áreas:

- Acções de Inventariação, Investigação, e Valorização do Património Arqueológico;
- Acções de Divulgação do Património Arqueológico. Apoio a outras entidades.

2 – ACÇÕES DE INVENTARIAÇÃO, INVESTIGAÇÃO E VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO ARQUEOLÓGICO

2.1. – Inventariação

Realizou-se o inventário, incluindo lavagem, marcação e arquivo de cerca de sessenta mil peças recolhidas nas campanhas de escavação do povoado pré-histórico de Leceia nos anos de 1991, 1992, 1993, 1994 e 1995.

Deu-se, deste modo, seguimento, ao inventário sistemático dos materiais ali recolhidos, indispensável aos estudos que ulteriormente serão efectuados.

É de salientar que à data deste relatório encontra-se completamente concluído o inventário de todas as peças recolhidas naquele povoado desde o início das escavações sistemáticas do mesmo, de 1983 a 1995, incluindo a inventariação das peças obtidas na última campanha de escavações, que teve lugar em Agosto do corrente ano. Foram, de igual modo, inventariados os materiais recolhidos no decurso da realização da Carta Arqueológica do Concelho de Oeiras.

2.2 – Investigação

2.2.1 – Trabalhos de Campo

2.2.1.1 – Escavações Arqueológicas

- Prosseguiu a escavação sistemática do povoado pré-histórico de Leceia, iniciada em 1983 através da realização de três campanhas anuais de escavação, em 1993, 1994 e 1995. No final da última campanha, cerca de 70% da área primitivamente ocupada pela estação encontrava-se escavada, correspondendo a cerca de 7.000 m². Tal área faz de Leceia o povoado pré-histórico existente no território português até ao presente escavado em maior extensão, conferindo-lhe importância ímpar, reconhecida internacionalmente.
- Em Setembro de 1993 realizou-se a escavação da gruta de Ponte da Lage (perto da povoação da Lage), importante necrópole do Neolítico e do período campaniforme.
- Em Outubro de 1994 efectuou-se a escavação da caldeira de um dos fornos do complexo de produção de cal de Paço de Arcos. O objectivo de tal intervenção visava o fornecimento de elementos acerca da estrutura e arquitectura do forno, não observáveis, bem como caracterizar as principais fases conhecidas pela estrutura ulteriormente ao abandono da produção de cal.

2.2.1.2 – Prospecções e reconhecimentos arqueológicos

- Em 1993, concluíram-se os trabalhos de campo respeitantes à Carta Arqueológica do Concelho de Oeiras, publicada em 1994.

A pedido de diversas entidades, foram efectuados diversos reconhecimentos arqueológicos:

- Em Junho e Julho de 1993, para a observação de locais de potencial interesse arqueológico em Valejas e Carnaxide, respectivamente. O segundo proporcionou a recolha de espólio osteológico humano, actualmente em estudo, relacionado com a existência de sepulturas em torno da igreja-matriz daquela povoação;
- Em Agosto de 1993, a pedido da BRISA, por motivo de realização de obras da CREL, na zona da estação paleolítica de Tercena;
- Em Setembro de 1993, a pedido da BRISA, para acompanhamento da construção da CREL na zona do moinho dos Quartos (freguesia de Barcarena), designadamente para observação e parecer acerca das camadas subjacentes à fundação do moinho;
- Em Outubro de 1993, a pedido do IPPAR (ofício DA 7. 2.3/23-(10) 1), para o reconhecimento da zona do povoado pré-histórico do Alto do Dafundo (Linda-a-Velha) o que motivou o ofício 83/93/CEACO ;
- Em Novembro de 1993, o INAG (Instituto Nacional da Água) solicitou colaboração no estudo do impacto ambiental das obras da 2.ª fase do Saneamento da Costa do Estoril, no respeitante ao Património Arqueológico;
- Em Maio de 1994, foi reconhecido o terreno e efectuado parecer sobre as antigas pedreiras de Leceia (inf. n.º 18/94/CEACO), a pedido do GPE/CMO;
- Em Junho de 1994, foram reconhecidas diversas estruturas de alvenaria, alegadamente antigas, nas proximidades de Carnaxide;
- Em Agosto de 1994, foi reconhecida a zona envolvente da gruta da Ponte da Lage, no que respeita a eventuais interferências com a futura ligação viária Porto Salvo – Lage, a pedido da DGU (inf. n.º 730/94/DGU), o que motivou a inf. n.º 41/94/ CEACO;
- Em Dezembro de 1994, foi reconhecido o terreno na zona do moinho do Serigato e do caminho antigo adjacente , a pedido do GPE/CMO, no âmbito do Projecto de Recuperação do Casal das Chocas ;
- Em Julho de 1995, a pedido do GTL de Oeiras, foi efectuado reconhecimento e dado parecer (inf. n.º 33/95/CEACO) sobre cisterna antiga existente sob o antigo cine – teatro de Oeiras.

2.2.1.3 – *Outros trabalhos*

De 1992 a 1994 foi executado o desenho integral, à escala de 1/1, do mosaico romano sito na rua das Alcássimas, destinado a publicação.

2.2.2 – *Trabalho de gabinete e laboratoriais*

Procedeu-se à triagem de sedimentos obtidos no povoado pré-histórico de Leceia através da utilização de lupa binocular tendo em vista a obtenção de restos de microvertebrados (especialmente roedores e insectívoros) que permitiram, pela primeira vez em Portugal, a caracterização da pequena fauna comensal, bem como daquela que seria capturada com fins alimentares no decurso do Calcolítico. Estes trabalhos têm sido em grande parte desenvolvidos por jovens do Programa OTL que, desde o início do referido Programa, coordenado pelo Gabinete da Juventude/CMO, têm prestado excelente colaboração.

No âmbito desta rubrica, avultam ainda os estudos laboratoriais realizados sobre materiais arqueológicos de diferentes épocas e proveniências, os quais deram ou darão origem a publicações patrocinadas pelas entidades ou investigadores que ao CEACO solicitaram colaboração científica:

- 1993** – estudo dos adobes romanos provenientes das escavações efectuadas na ilha do Pessegueiro, publicado na respectiva monografia, editada pelo Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza;
- 1994** – estudo ceramológico das ânforas romanas recolhidas em villae do Alentejo, publicado na revista *Conimbriga*, do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra;
- 1995** – estudos de sedimentos e dos constituintes de materiais cerâmicos recuperados nos níveis da Idade do Ferro explorados por técnicos do IPPAR no subsolo da Baixa lisboeta; aguardam publicação.
 - Prosseguiu durante os anos de 1993 a 1995 o desenho de materiais arqueológicos, destinados a ilustrar trabalhos de investigação ou de divulgação, realizados no CEACO por desenhador especialista.
 - Em 1995 foi executada a versão definitiva da planta, a cores, do mosaico romano da rua das Alcássimas, referido em 2.2.1.3, a ser publicado no vol. 6 dos “Estudos Arqueológicos de Oeiras”.
 - Manteve-se a colaboração solicitada, a nível da investigação de espólio arqueológico, com outros arqueólogos destacando-se os seguintes:
 - Em Agosto de 1994 foi efectuada a triagem de restos de avi-fauna provenientes do povoado pré-histórico de Leceia, pelo Dr. L. Gourichon da Universidade Claude – Bernard – Lyon I, França, cuja estadia foi custeada pela CMO. O estudo, feito com o signatário, encontra-se em curso de publicação no vol. 5 dos “Estudos Arqueológicos de Oeiras”.

- No decurso de 1993 e 1994 o Dr. Tavares da Silva e a Dr.^a J. Soares, Directora do Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal, procedeu ao estudo, com o signatário, do espólio arqueológico da camada 4 (Neolítico final) de Leceia, o qual se encontra em curso de publicação no vol. 6 dos “Estudos Arqueológicos de Oeiras”.

2.3 – Permutas

Mantém-se a permuta com diversas Instituições e Museus Nacionais e Estrangeiros. Em Dezembro do corrente ano, a revista “Estudos Arqueológicos de Oeiras” permutava com 18 revistas periódicas nacionais e 17 internacionais todas de carácter arqueológico, assim distribuídas por Países:

Alemanha – 1; Espanha – 14; França – 1; Inglaterra – 1.

Coforme despacho presidencial, estas publicações conservam-se no CEACO, podendo porém qualquer artigo delas constante ser fornecido por fotocópia, mediante solicitação de eventuais interessados, designadamente através da rede Bibliotecas Municipais, a quem foi fornecida a respectiva listagem.

2.4 – Oferta de materiais arqueológicos

- Em 1993 foram oferecidos por Guilherme Cardoso (Associação Cultural de Cascais) os materiais arqueológicos recolhidos em vinte anos de prospecções, no Concelho de Oeiras, que detinha em seu poder, a maioria feitas em companhia do signatário. Tais materiais foram incluídos na Carta Arqueológica do Concelho de Oeiras.
- Em Junho de 1994 foi oferecido pela Associação de Arqueologia da Amadora, numeroso espólio arqueológico proveniente de diversas estações da área do Concelho de Oeiras, recolhido por elementos daquela Associação anteriormente à constituição do Concelho da Amadora. Tal oferta foi oficialmente agradecida pelo Senhor Presidente da Câmara Municipal de Oeiras.
- Ainda em 1994 foram oferecidos pelo Dr. J. Norton diversos materiais campaniformes provenientes do Monte do Castelo (Leceia) e de Carnaxide; da mesma forma, deram entrada materiais campaniformes e da Idade do Bronze de Barronhos, oferecidos por Júlio Roque Carreira e Fernando Peixoto Lopes.

2.5 – Projectos de investigação

As acções de escavação descritas anteriormente foram, até 1995 apoiadas por um Projecto de Investigação superiormente aprovado pelo então IPPC, em 1983, dirigido pelo signatário. Porém, a diversidade cronológica das estações a que, no âmbito da

sua actividade, o CEACO passou a ser, crescentemente, chamado a intervir, levou o signatário à elaboração de novo Projecto de Investigação, melhor adaptado à realidade referida, o qual foi enviado pelo Senhor Presidente da CMO ao Presidente do IPPAR em 21 de Julho de 1994 e mereceu superior aprovação desta entidade em 12/4/95 (ofício n.º DA 94/1 (174)). Ficaram desta forma salvaguardados, os requisitos legais, que deverão presidir à solicitação de autorização para a realização de escavações arqueológicas.

2.6 – Valorização do património arqueológico

- Em 1993 e 1994 deu-se continuidade aos trabalhos de restauro de estruturas arqueológicas no povoado pré-histórico de Leceia, a cargo de firma da especialidade, sob orientação do signatário; o programa foi dado por concluído em Dezembro de 1994, tendo-se recuperado, na sua totalidade, as estruturas arqueológicas exumadas, com uma dupla finalidade: conservação e valorização.
- Procedeu-se na Zona Non Aedificandi do povoado pré-histórico de Leceia ao plantio de espécimes arbóreos diversos, (carvalhos, oliveiras, ciprestes) em colaboração com a DEV/CMO. Trata-se de trabalho preliminar que antecedeu o projecto de arranjo paisagístico daquela zona, efectuado pelo GPE/CMO, com o acompanhamento do CEACO.
- Projecto do Museu de Sítio do povoado pré-histórico de Leceia, já concluído, em colaboração com o GPE/CMO. Em apreciação pelo IPPAR.
- Instalação em 1995 de nova vedação cobrindo todo o perímetro da Zona Non Aedificandi do povoado pré-histórico de Leceia, em substituição de vedação já existente em avançado estado de degradação, (inaugurada a 10 de Junho p.p.). Acção desenvolvida pela DAD/CMO.
- Foi definido em projecto um circuito de visita no povoado pré-histórico de Leceia, prevendo-se em 1996 a execução das passadeiras de madeira que constituirão o referido circuito. Em colaboração com a DAD/CMO.

2.7 – Outros pareceres

1993

Janeiro

- Por solicitação do Sr. António Mário Assis, veio o signatário pedir a anulação de multa aplicada ao mesmo pelo vazamento de terras em terreno da zona de protecção especial do povoado pré-histórico de Leceia. (Inf. n.º 9/93/CEACO).

- Contacto do Sr. João Miguel Martins, familiar de proprietário de terreno na zona do povoado pré-histórico de Leceia, sobre assunto relacionado com o respectivo processo de expropriação (pedido de informações sobre o mesmo).
- Parecer sobre projecto de Arqueologia Subaquática no Forte de S. Julião da Barra (Inf. 25 e 80 /93/CEACO), a ser promovido pela Associação Arqueonáutica – Centro de Estudos.
- Parecer solicitado ao CEACO, pelo Sector do Património Construído (Departamento de Planeamento e Gestão Urbanística – CMO – Inf. n.º 569/93, SPC), sobre a existência na área do Concelho de Oeiras de elementos esculturais do Período Romano, na sequência de Inventário do Património Cultural Móvel, efectuado pelo Instituto Português de Museus. Este parecer foi formalizado através da Inf. n.º 63/93/CEACO.

1994

Maio

- Foi instruído no CEACO, parte do processo de expropriação dos terrenos situados na zona Non Aedificandi do povoado pré-histórico de Leceia. (Inf.º 13/94/CEACO) no respeitante às áreas e localização das parcelas a expropriar e respectivos proprietários.

Junho

- Foi solicitado ao CEACO pelo sr. Carlos Milhais do GRP/CMO, parecer sobre alguma espécie de animal que fizesse parte do habitat envolvente do povoado pré-histórico de Leceia, em relação directa com os habitantes do mesmo e que pudesse servir como possível símbolo no âmbito de um projecto de B.D. sobre o Concelho de Oeiras. Foi-lhe sugerida com o apoio de documentação o auroque (boi selvagem).

Agosto

- Foram solicitados pelo DASC, no âmbito do projecto “Carta da Cultura, Desporto e Turismo”, informações sobre o povoado pré-histórico de Leceia e caracterização do habitat envolvente – povoado e zonas adjacentes –, contidas na Inf. n.º 43/94/CEACO.

1995

Junho

- No âmbito do encontro da Associação Europeia de Arqueólogos que teve lugar em Santiago de Compostela de 20 a 24 de Setembro de 1995, e por iniciativa do Gabinete de Arqueologia Urbana do Porto foi realizado um Inquérito sobre as actividades desenvolvidas pelos Municípios Portugueses no âmbito da Arqueologia. Resposta – ofício n.º 32/95/CEACO, de 20/6/95.
- Reunião com Direcção da Associação de Arqueologia Industrial, por solicitação desta, em 20/6/95 sobre a Fábrica da Pólvora de Barcarena.
- Resposta ao inquérito promovido pela Associação Nacional dos Municípios Portugueses “Municípios e Património Arqueológico”, sobre as actividades arqueológicas desenvolvidas neste e por este Município (resposta – ofício n.º 31/95/CEACO, de 20/6/95.

3 – ACÇÕES DE DIVULGAÇÃO DO PATRIMÓNIO ARQUEOLÓGICO. APOIO A OUTRAS ENTIDADES

3.1 – Nesta rubrica inscrevem-se as seguintes acções, de índole e objectivos muito diversos que, no decurso do triénio em apreço foram os seguintes:

1993

Março

- Solicitada autorização por parte do Director do M.N.A., para a realização de fotografias aos peitorais do séc. XVII. Estas peças de armaria foram cedidas ao M.N.A. para a Exposição “Lisboa Subterrânea”.
- Foi solicitado ao CEACO o apoio a alunos do curso de técnico de museologia e património cultural do Instituto Rainha Dona Leonor, por parte da Direcção do referido Instituto.
- O jornal “Diário de Notícias” insere extensa reportagem sobre o povoado pré-histórico de Leceia (25/3/95), efectuada pelo Dr. Rodrigues da Silva.

Abril

- Reportagem efectuada pela jornalista Rita Duarte do Jornal “A Linha” a 6/4/93.
- Texto e fotografia do povoado pré-histórico de Leceia no folheto “Oeiras em Revista”, distribuído com o jornal Público de 25/4/93.

- Entrevista para a Rádio “Gesto de Lisboa”, pela jornalista D. Sónia Pires, a 93/4/6.
- Foi prestado apoio ao Sr. Victor Nunes, aluno do 1.º ano do curso de História da Universidade Lusíada de Lisboa em trabalho de estudo sobre o General Carlos Ribeiro.
- Notícia sobre o povoado pré-histórico de Leceia na Revista Municipal (25/4/93).

Maio

- Foi noticiado no jornal “A Capital” (5/5/93), o lançamento do vol. 3 da série “Estudos Arqueológicos de Oeiras”.

Agosto

- Realização de programa para a TVI – “FÓRUM ESTUDANTE” sobre as escavações no povoado pré-histórico de Leceia.
- a 27 de Agosto foi realizada uma reportagem da RTP para o TELEJORNAL de dia 29 sobre as mesmas escavações, sendo de novo apresentada no programa CADERNO DIÁRIO, dia 30 do mesmo mês.

Novembro

- Sandra Abreu, aluna do 12.º ano, solicitou apoio bibliográfico na execução de trabalho escolar sobre o povoado pré-histórico de Leceia, no âmbito de disciplina de História de Arte.
- Foi solicitada autorização para a realização de videograma no povoado pré-histórico de Leceia, pela Universidade Aberta, no âmbito da disciplina de Pré-história de Portugal. Este programa foi teledifundido pelo Canal 2 da RTP e editado em vídeo-cassete.

1994

Janeiro

- Solicitação de Paula Cristina Alves, aluna do 1.º ano de História da Universidade Lusíada, para apoio bibliográfico em trabalho de estudo.
- Foi solicitada pelo Dr. Celestino Coutinho a cedência de peças para a Exposição “A História da Terra”, realizada na Escola Preparatória de Paço de Arcos.

Fevereiro

- Cedência de peças para a exposição “Lisboa Subterrânea”, patente no Museu Nacional de Arqueologia de 25 de Fevereiro de 1994 a 29 de Janeiro de 1995, do

povoado pré-histórico de Leceia, do povoado da Idade do Ferro de Outurela e da estação da Idade do Bronze da Tapada da Ajuda, em depósito no CEACO.

Março/Junho

- Foi noticiado na revista SINCAS (n.º 13/16), o lançamento da Carta Arqueológica do Concelho de Oeiras e do vol. monográfico dedicado ao povoado pré-histórico de Leceia.

Maiο

- Solicitação de Susana Cristina Quintino, aluna do 4.º ano de Arquitectura, para apoio bibliográfico em trabalho sobre o povoado pré-histórico de Leceia. Trabalho efectuado no âmbito da participação num concurso a nível europeu, com sede na Escócia, subordinado ao tema “At the Edge”.
- Extensa reportagem no “Diário de Notícias” do dia 9/6/94 da autoria do Dr. Luís Raposo, intitulada : “A propósito do «Castro» de Leceia : ensinamentos ao pé da porta”.
- Foi prestado apoio ao projecto didáctico “Simulação de uma escavação arqueológica” para a Escola Secundária de S. João da Talha, por solicitação do Dr. Francisco Negalha.

Junho

- Entrevista com o Sr. Victor Figueiredo da Rádio Marginal para informações sobre a Carta Arqueológica do Concelho de Oeiras.

Agosto

- Reportagem da RTP – Canal 1 das escavações arqueológicas no povoado pré-histórico de Leceia, teledifundida no Jornal da Noite de Domingo, 28 de Agosto.

1995

Março

- Foram cedidas peças da estação da Idade do Bronze da Tapada da Ajuda para a Exposição “A Idade do Bronze em Portugal – Discursos de Poder”, no Museu Nacional de Arqueologia, promovida pelo Conselho da Europa (ainda em exibição).
- Foi prestado apoio ao Sr. Pedro Lobo das Publicações DSA na publicação da obra “Retratos de Oeiras”, mediante cedência de um texto do signatário apresentado ao I Encontro de História Local (Oeiras, 1991), alterado e aumentado.

- Ana Cristina Lima aluna do 1.º ano do Curso de História, solicitou apoio bibliográfico para execução de trabalho de estudo sobre a Carta Arqueológica do Concelho de Oeiras.
- Foi solicitada pelo Dr. Celestino Coutinho, a cedência de peças para a Exposição “A História da Terra” realizada na Escola Preparatória de Paço de Arcos.
- Foi prestado apoio bibliográfico em trabalho escolar, a Susana Tibúrcio e a Cristina Levy Lima, alunas do 1.º ano do curso de História da Universidade Lusíada em Lisboa.

Abril

- Foi superiormente autorizada e realizada reportagem videográfica para uma série televisiva dedicada à Arqueologia pré e proto-histórica de Portugal, produzida pela Graficine – Produtora de Filmes Lda. , em Leceia e nas instalações do CEACO (filmagem de peças arqueológicas).

Junho

- Por iniciativa do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, foi a CMO convidada a participar com as suas publicações de índole arqueológica, na Mini-Feira do Livro Arqueológico, o que foi concretizado em colaboração com o GRP/CMO.
- No âmbito do programa de Comemorações do Dia Nacional dos Centros Históricos e por solicitação do Sr. Vereador do Pelouro dos Centros Históricos, foi realizada uma visita guiada ao Mosaico Romano de Oeiras em que participaram outros Vereadores da Câmara.

Agosto

- Resposta a novo Inquérito da Associação Nacional dos Municípios Portugueses, visando a obtenção de informações sobre as actividades desenvolvidas em cada Município no que respeita ao tipo de actividades, equipamentos, tipo de gabinetes e outros. Ficha da ANMP preenchida e enviada ao Sector de Acção Cultural/CMO em 22/8/95;
- Foi solicitado pela jornalista Adília Godinho, texto sobre o povoado pré-histórico de Leceia para a realização de reportagem da R.T.P.

Setembro

- Foi prestado apoio bibliográfico ao Sr. João Casa, residente na Amadora, no âmbito da preparação de estudo sobre Arqueologia.

3.2 – Visitas guiadas

Durante os anos de 1993, 1994 e 1995 realizaram-se 65 visitas guiadas ao povoado pré-histórico de Leceia, a pedido de diversos estabelecimentos de ensino (preparatório, secundário e universitário) da área da Grande Lisboa, de Organismos oficiais ou no âmbito de visitas ao Concelho organizadas pelo Município.

O número total aproximado de visitantes foi de cerca de 3.524 pessoas assim distribuídas:

1993

Janeiro

- visita de grupo de alunos do 7.º ano da Escola Secundária de Santo António dos Cavaleiros (cerca de 60 alunos);
- visita de grupo de alunos do 7.º ano da Escola Secundária de Santo António dos Cavaleiros (cerca de 90 alunos);
- visita de grupo de alunos do 4.º ano da Escola Primária, n.º 2 de Oeiras (cerca de 60 alunos);

Fevereiro

- visita do GRESBASE – Grupo de Estudo das Bacias Sedimentares, da Sociedade Geológica de Portugal (cerca de 15 pessoas);

Março

- visita de grupo de alunos do 9.º e 11.º anos da Escola Secundária de Carnaxide e do Collège de la Providence de Poitiers (no âmbito de intercâmbio entre as duas Escolas), (cerca de 30 alunos);
- visita de grupo de alunos do 5.º ano do Colégio Portugal da Parede (cerca de 30 alunos);
- visita de grupo da Associação Portuguesa para o Estudo do Quaternário (cerca de 20 pessoas);
- visita de grupo de alunos do 7.º ano da Escola Secundária de Carnaxide (cerca de 25 alunos);
- visita de grupo de alunos do 6.º ano da Escola Preparatória de Algés (cerca de 25 alunos);
- visita de grupo de projectistas, de um bairro na Quinta da Politeira em Leceia com trabalho com a Divisão de Gestão Urbanística da CMO (cerca de 10 pessoas);

Abril

- visita dos participantes no Simpósio “O 4.º e 3.º Milénio no Centro/Sul de Portugal”. (cerca de 50 pessoas);

Maio

- visita de alunos do 4.º ano da Escola Primária n.º 2 de Caxias (cerca de 60 alunos);
- visita de alunos do 7.º ano da Escola Preparatória de Oeiras (cerca de 30 alunos);
- visita de alunos do 5.º ano da Escola Preparatória de Oeiras (cerca de 25 alunos);
- visita dos participantes nas conferências da Biblioteca Operária Oeirense, integrados nos “Encontro com a História”. (cerca de 20 pessoas);

Junho

- visita de um grupo de sócios da Associação Portuguesa de Estomatologia Arqueológica (cerca de 20 pessoas);
- visita de alunos do 5.º ano da Escola Preparatória de Paço de Arcos (cerca de 28 alunos);
- visita de grupo de pessoas de Almendralejo (cerca de 30 pessoas) ;

Julho

- visita de jovens dos 10 aos 13 anos, no âmbito do programa do GAJ da CMO: “Quero Conhecer o Concelho de Oeiras” (cerca de 40 jovens);
- visita de alunos do 4.º ano da Cooperativa de Ensino “A Torre”, do Restelo (cerca de 20 alunos);

Setembro

- visita de membros da Associação Cultural e Recreativa do Alto do Lagoal (cerca de 70 pessoas);

Outubro

- visita de membros do Centro Nacional de Cultura no âmbito de visita ao Concelho (cerca de 50 pessoas);

Novembro

- visita de alunos da licenciatura em Antropologia do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa (cerca de 20 pessoas);

- visita de estudo de formandos do Curso de Conservação e Restauro do Instituto Rainha Dona Leonor (15 pessoas);

Dezembro

- visita de alunos do 6.º ano da Escola Secundária Conde de Oeiras (cerca de 20 alunos);
- visita de alunos do Curso de Técnicos do Património Cultural – Museologia – (cerca de 20 pessoas);

1994

Janeiro

- visita de membros do Grupo Cultural e Desportivo do Crédito Predial Português (cerca de 50 pessoas);

Fevereiro

- visita de alunos do 3.º ano da Escola Primária de Queluz de Baixo (cerca de 30 alunos);
- visita de membros do Grupo “Relembrar a História” (cerca de 40 pessoas);

Abril

- visita de grupo de idosos do programa “Reencontro com o Concelho – 94” (cerca de 50 pessoas);

Maiο

- visita de membros do “Bronze Age Group” (cerca de 15 pessoas);
- visita de grupo de alunos do 4.º ano da Escola do 1.º ciclo do Ensino Básico, de Cruz Quebrada (cerca de 25 alunos);

Junho

- visita de participantes dos 1.ºs Cursos Internacionais de Verão de Cascais (cerca de 60 pessoas);

Julho

- visita de grupo de idosos da Academia de Idosos de Oeiras, organizado pelo grupo de alunos do 11.º ano, membros do “Clube Africano”, da Escola Secundária de Sebastião e Silva em Oeiras (cerca de 25 pessoas);
- visita de jovens dos 10 aos 13 anos do programa do GAJ da CMO: “Quero Conhecer o Concelho de Oeiras” (cerca de 50 jovens);
- visita de alunos da Escola n.º 2 de Barcarena (cerca de 40 alunos);

Novembro

- duas visitas de alunos do 12.º ano da Escola Secundária de Porto Salvo (cerca de 50 alunos);
- visita de alunos do 4.º ano do Externato “As Descobertas” (cerca de 20 alunos);
- visita de professores e alunos da Licenciatura em Arqueologia da Faculdade de Letras de Lisboa (cerca de 15 pessoas);

Dezembro

- visita de grupo de alunos do 1.º ano de História da Universidade Autónoma de Lisboa, Luís de Camões (cerca de 20 pessoas).

1995**Janeiro**

- visita de membros do Grupo de Animação do GEOTA (cerca de 15 pessoas);
- visita de um grupo de alunos da Licenciatura em História da Faculdade de Letras de Lisboa (15 pessoas);
- visita de alunos dos 2.º, 3.º e 4.º anos da Escola Primária de Tercena (cerca de 90 alunos);
- visita de alunos do 10.º ano da Escola Secundária da Amadora (cerca de 60 alunos);

Fevereiro

- visita de alunos dos 2.º, 3.º e 4.º anos da Escola n.º 4 de Paço de Arcos (cerca de 50 alunos);
- visita de alunos do 3.º e 4.º anos da Escola n.º 4 de Paço de Arcos (cerca de 36 alunos);
- visita de alunos do 4.º ano da Escola n.º 4 de Oeiras (cerca de 45 alunos);

Março

- visita de dois grupos dos “Amigos de Lisboa”, no âmbito de visita ao Concelho (cerca de 50 pessoas);
- visita de alunos do 7.º ano da Escola Secundária de Santo António dos Cavaleiros (cerca de 60 pessoas);

Abril

- visita de grupo de alunos do 10.º ano da Escola Secundária de Belém-Algés (cerca de 30 pessoas);
- visita de grupo familiar (cerca de 20 pessoas);

- visita de jovens, filhos de emigrantes portugueses, do 11.º ano de Escolas de Lyon em França, no âmbito de intercâmbio com o GAJ da CMO (cerca de 20 pessoas);
- visita de funcionários dos Serviços Sociais da Presidência do Conselho de Ministros (cerca de 30 pessoas);

Maio

- grupo de alunos do 11.º ano da Escola Secundária Aquilino Ribeiro de Porto Salvo (cerca de 25 alunos);
- visita de alunos da Cadeira de Antropobiologia do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa (cerca de 25 alunos);
- visita de dois grupos de alunos dos 2.º, 3.º e 4.º anos da Escola n.º 3 de Linda-a-Pastora (cerca de 80 alunos);
- visita de alunos do 1.º e 4.º anos da Cadeira de Arqueologia da Licenciatura de História da Faculdade de Letras de Lisboa (cerca de 25 alunos);

Junho

- visita de participantes dos 2.ºs Cursos Internacionais de Verão de Cascais (cerca de 80 pessoas);

Julho

- visita de jovens dos 10 aos 13 anos do programa do GAJ da CMO: “Quero Conhecer Oeiras” (cerca de 70 jovens);
- visita de participantes dos 2.ºs Cursos Internacionais de Verão de Cascais (cerca de 120 pessoas);
- visita de estudantes espanhóis do 11.º ano em intercâmbio com o GAJ (cerca de 20 pessoas);

Agosto

- visita no âmbito do projecto “Conhecer a Amadora” do Sector de Juventude da Câmara Municipal da Amadora (cerca de 50 pessoas);

Outubro

- visita de grupo de alunos do 10.º ano da Escola Profissional de Artes e Ofícios do Espectáculo – Chapitô. (cerca de 20 alunos);
- visita de alunos do 1.º ao 4.º ano do Colégio Charlot de Tercena (cerca de 43 alunos);

Novembro

- visita de alunos do 10.º ano, disciplina de História de Arte, da Escola Secundária da Amadora (cerca de 52 alunos);

Dezembro

- visita de membros do Escuteiros de Oeiras (cerca de 15 pessoas).

3.3 – CONFERÊNCIAS, PALESTRAS E COMUNICAÇÕES A REUNIÕES CIENTÍFICAS

Além das palestras proferidas usualmente em todas as visitas guiadas ao povoado pré-histórico de Leceia, são de referir as seguintes, da autoria do signatário:

1993

- “O povoado pré-histórico de Leceia e sua integração no Neolítico e Calcolítico da Estremadura”. Palestra proferida pelo signatário no âmbito da disciplina “Megalitismo em Portugal”, do Mestrado de Arqueologia da Faculdade de Letras do Porto.
- “O Calcolítico da Baixa Estremadura. Doze notas para um ensaio”. Palestra proferida pelo signatário no I Simpósio Transformação e Mudança no IV e III Milénios AC, Faculdade de Letras de Lisboa / Câmara Municipal de Cascais.
- “As faunas pré-históricas e as grutas”. Palestra proferida pelo signatário no III Encontro Nacional de Espeleologia (Palácio Valenças, Sintra).
- “Para o conhecimento da agricultura no Concelho de Oeiras, do Paleolítico ao Período Romano”. Comunicação apresentada pelo signatário ao 2.º Encontro de História Local do Concelho de Oeiras (Oeiras).
- “O povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). Resultados das escavações efectuadas”. Comunicação apresentada ao I Congresso de Arqueologia Peninsular (Porto).
- “Sobre a existência de cerâmicas impressas e incisas no Neolítico final estremeño”. Comunicação às V Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses (Lisboa).
- “O impacte de grandes obras públicas no património arqueológico. Algumas considerações sobre a sua quantificação “. Comunicação às V Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses (Lisboa).

1994

- “Arqueologia na região de Lisboa. Os últimos 10 anos – balanço e perspectivas”. Palestra proferida no Centro de Arqueologia de Almada (Almada).
- “As mais antigas presenças humanas na Estremadura”. Palestra proferida pelo signatário nos 1.ºs Cursos Internacionais de Verão de Cascais. Faculdade de Letras de Lisboa / Câmara Municipal de Cascais (Cascais).
- “A exploração do povoado pré-histórico de Leceia: resultados e perspectivas”. Palestra proferida pelo signatário na Biblioteca Operária Oeirense.

1995

- “Arqueologia no Concelho de Oeiras”. Ciclo de palestras efectuado pelo signatário nas Bibliotecas Municipais de Carnaxide, Oeiras e Algés e destinadas a alunos do Ensino Secundário.

3.4 – Participação em grandes exposições

1994

- O Catálogo da exposição “Lisboa Subterrânea”, organizada pelo Instituto Português de Museus no âmbito das manifestações de “Lisboa/94 – Capital Europeia da Cultura” no Museu Nacional de Arqueologia, integrou, para além de fichas do espólio arqueológico em depósito no CEACO, diversos textos de autoria do signatário alusivos aos respectivos locais de proveniência:
 - “Comentário ao sítio arqueológico de Leceia (Oeiras)”, p. 172-173;
 - “Comentário ao sítio arqueológico da Tapada da Ajuda”, p. 192-193;
 - “Comentário ao sítio arqueológico de Outurela (Oeiras)”, p. 206.

1995

- O Catálogo da exposição “A Idade do Bronze em Portugal – discursos de Poder”, organizado pelo Instituto Português de Museus no âmbito do Conselho da Europa, no Museu Nacional de Arqueologia integrou, além das fichas descritivas dos materiais cedidos pelo CMO, diversos textos da autoria do signatário, alusivos aos respectivos locais de proveniência, a saber:
 - “O povoado do Bronze Final da Tapada da Ajuda”, p. 48;
 - “Os povoados do Bronze Final a Norte do estuário do Tejo”, p. 126 e ainda os seguintes textos alusivos a estações fora da área concelhia:
 - “Ocupação campaniforme do povoado de Montes Claros”, p. 35;
 - “As cerâmicas de ornatos brunidos da Lapa do Fumo”, p. 88.

3.5 – Publicações

Nesta rubrica avulta a série “Estudos Arqueológicos de Oeiras” dedicada à publicação de trabalhos de índole arqueológica sobre a região da Grande Lisboa e, especialmente, da área ocupada pelo Concelho de Oeiras. Foram editadas, no triénio em apreço, as seguintes monografias:

1993

- “Carta Arqueológica do Concelho de Oeiras”. Estudos Arqueológicos de Oeiras, vol.4, 126 p. Da autoria do signatário e de Guilherme Cardoso. Câmara Municipal de Oeiras. Lançado no dia 25 de Maio de 1994.
- “Contribuição para o conhecimento dos grandes mamíferos do Plistocénico superior de Portugal”. Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade Nova de Lisboa, 568 p. Câmara Municipal de Oeiras. Lançado no dia 7 de Junho.

Estes dois estudos de índole monográfica mereceram recensão bibliográfica em revistas da especialidade, uma nacional, outra estrangeira:

“Carta Arqueológica de Oeiras”, *Al-Madan*, S. II, vol. 3, p. 137. Assinado Ana Luísa Duarte.

“Contribuição para o conhecimento dos grandes mamíferos do Plistocénico superior de Portugal”, *Journal de l’Association Paléontologique Française*, n.º 27 (Novembre 1993), p. 47- 48. Assinado Claude Guérin.

1994

- “Leceia 1983-1993. Escavações do povoado fortificado pré-histórico”, Estudos Arqueológicos de Oeiras, número especial, 164 p. Câmara Municipal de Oeiras. Lançado no dia 25 de Maio.

Outro estudo monográfico que mereceu a atenção da crítica, pelo seguinte artigo: “Escavações no povoado fortificado de Leceia – um caso exemplar”. *Al-Madan*, S.II, vol. 3, p. 136. Assinado C. Tavares da Silva.

1995

- “A fábrica da pólvora de Barcarena e os seus sistemas hidráulicos”, 217 p. Da autoria de A. C. Quintela, J. L. Cardoso, J. M. Mascarenhas e M. C. André. Publicação promovida pelo Gabinete de Desenvolvimento Municipal/CMO. Lançada no dia 7 de Junho, por ocasião da inauguração da 1.ª fase da recuperação da Fábrica da Pólvora de Barcarena.

A projecção que as publicações editadas pela CMO no âmbito da Arqueologia através do CEACO, fazem desta autarquia uma das mais actuautes, se não a mais activa, nesta área, a nível do País, repercutindo-se a sua actividade além fronteiras, como explicitamente documenta a vasta lista de permutas dos “Estudos Arqueológicos de Oeiras” com publicações congéneres.

Encontra-se presentemente no prelo o vol. 5, contendo 22 artigos científicos sobre temática diversa e em preparação, o vol. 6.

Além das publicações referidas, e embora com especial incidência no território concelhio, a acção do CEACO têm-se projectado além dos limites geográficos referidos, através de trabalhos de investigação científica no domínio da Arqueologia, dos quais o signatário é autor ou co-autor. Citam-se aqueles em que, no decurso do triénio em apreço foi expressa a menção ao CEACO:

1993

- “Le Bronze Final et le début de l’Âge du Fer dans la région riveraine de l’estuaire du Tage”. *Mediterrâneo*, Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Instituto Mediterrâneo, 2: 193-206. O signatário de col. com J.R. Carreira.
- “Fenícios na margem sul do Tejo. Economia e integração cultural do povoado do Almaraz – Almada”. Actas do Encontro de Estudos “Os Fenícios no Território Português” (Lisboa, 1992). *Estudos Orientais*, Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Instituto Oriental, 4: 143-181. O signatário de col. com L. de Barros e A. Sabrosa.
- “Cerâmicas unguladas do povoado calcolítico da Penha Verde”. *Al-Madan*, Centro de Arqueologia de Almada, Série 2, 2: 35-38. O signatário de col. com J. R. Carreira e O. da Veiga Ferreira.
- “Nota sobre a constituição da taipa romana da ilha do Pessegueiro”. In, Silva, C. Tavares & Soares, J. (edts.) – *Ilha do Pessegueiro. Porto Romano da costa alentejana*. Lisboa, Instituto da Conservação da Natureza, p. 223-226. De col. com C. Serra.
- “Estratégias de ocupação do espaço na área do Concelho de Oeiras, do Paleolítico ao Período Romano: um ensaio”. *Actas do I Encontro de História Local do Concelho de Oeiras* (Oeiras, 1991), p. 17-24. Câmara Municipal de Oeiras.

1993/94

- “Presas dos Mouros – uma barragem romana inédita do Algarve (Lagoa)”. *Conimbriga*, 32/33, p. 137-144. O signatário, de col. com M. Varela Gomes.



Fig. 1 – Cerimónia de lançamento do vol. 3 de “Estudos Arqueológicos de Oeiras”, no restaurante “Pérgula”, Santo Amaro de Oeiras (24/4/93).



Fig. 2 – Cerimónia de lançamento do vol. 4 de “Estudos Arqueológicos de Oeiras”, e do primeiro número especial da série (Leceia 1983-1993. Escavações do povoado fortificado pré-histórico) no restaurante “Rota de Colombo”, Algés (25/5/94).

Revista do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

- “Instalação romana de captação, elevação e armazenamento de água em Tróia (Grândola, Portugal)”. *Conimbriga*, 32/33, p. 157-169. O signatário, de col. com A. de Carvalho Quintela e J. M. Mascarenhas. Revista do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- “Ânforas da villa romana de Vilares de Alfundão (Ferreira do Alentejo)”. *Conimbriga*, 32/33, p. 181-190. O signatário, de col. com José Norton, M. H. Carrilho e C. Tavares da Silva. Revista do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

1994

- “Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras. Caracterização de actividades e objectivos.” *Al-Madan*, S. 2, 3: 117-119.
- “L’habitat chalcolithique fortifié de Leceia”. *Les dossiers de l’Archéologie*, 198:10-15. Faton, Quétigny.
- “Sobre a existência de cerâmicas impressas e incisas no Neolítico final estreme-nho”. *Actas das V Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1993), 2: 69-78. O signatário, de col. com J. R. Carreira.
- “O impacte de grandes obras públicas no património arqueológico. Algumas considerações sobre a sua quantificação”. *Actas das V Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1993), 1, p. 101-104.
- “Cerâmicas da necrópole da Idade do Bronze de Alfarrobeira (Silves). Análises macro e microscópicas “. *Xelb*, 2, p. 141-145. De col. com A. V. Pinto Coelho, Câmara Municipal de Silves.
- “Viagem ao Passado”. *In Retratos de Oeiras*, Publicações DSA, Oeiras, p. 160-170.
- “Leceia” *Informação Arqueológica*, 9, p. 63-64. Lisboa, IPPAR, Dep. de Arqueologia.

1995

- “O povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). Resultados das escavações efectua-das (1983-1993)”. *Actas do I Congresso de Arqueologia Peninsular* (Porto, 1993), 5: 115-129.
- “Faunas pliocénicas do concelho de Cascais”. *Arquivo de Cascais*, 11 (1992/94), p. 13-30. Câmara Municipal de Cascais.

- “Do Paleolítico ao Romano. Investigação arqueológica na área de Lisboa. Os últimos 10 anos: 1984-1993”. *Al-Madan*, S. 2.3: 59-74.
- “Os povoados fortificados do Monte da Tumba e de Leceia. Elementos para um estudo comparado”. *In Origens, Estruturas e Relações das Culturas Calcolíticas da Península Ibérica*. Actas das I Jornadas Arqueológicas de Torres Vedras (Abril de 1987). *Trabalhos de Arqueologia*, 7 (1995), p. 159-168. De col. com J. Soares e C. Tavares da Silva.
- “As mais antigas presenças humanas na Estremadura”. *In Portugal e o Mundo*. Actas dos 1.ºs Cursos Internacionais de Verão de Cascais (Cascais, Julho de 1994), p. 85-117. Câmara Municipal de Cascais.
- “Sobre a cronologia absoluta das grutas artificiais da Estremadura portuguesa” *Al-Madan*, S. II, 4, p. 10-13. De col. com A. M. Monge Soares.

4 – PRÉMIOS E DISTINÇÕES

1995

- O signatário foi agraciado com a medalha de Ouro de Mérito Municipal, por unanimidade, da Câmara Municipal de Oeiras, no decurso de cerimónia havida no dia do Município (7 de Junho);
- A obra “Contribuição para o conhecimento dos grandes mamíferos do Plistocénico superior de Portugal”, editada pela Câmara Municipal de Oeiras em 1993 obteve o prémio Professor Carlos Teixeira da Academia das Ciências de Lisboa. Trata-se da primeira vez que tal prémio foi concedido.

5 – CONCLUSÃO

A enumeração das actividades desenvolvidas no CEACO, no decurso do triénio de 1993-1995 evidencia um equilibrado desenvolvimento das áreas consideradas prioritárias: a investigação, a valorização e a divulgação do Património Arqueológico.

Assim, se as acções de investigação, foram consubstanciadas por escavações arqueológicas e publicação atempada dos respectivos resultados, em revistas promovidas ou não pelo Município, as numerosas visitas guiadas à estação que bem pode ser considerada o ex – libris do município – o povoado pré-histórico de Leceia – e as palestras realizadas, constituíram o seu equivalente no âmbito de divulgação dos resultados obtidos. Por outro lado, a valorização dos imóveis de interesse arqueoló-

gico tiveram, também, expressão, através dos restauros efectuados no povoado pré-histórico de Leceia renunciando o futuro Museu de Sítio cujo Projecto se encontra concluído.

Parece, pois, cabalmente atingido o objectivo que norteou a acção no decurso deste triénio, por forma a alicerçar o CEACO de forma sólida, através da sua intervenção activa, atempada e consequente, tornando-se interlocutor insubstituível na área da sua competência e jurisdição, com entidades exteriores e no seio da própria autarquia a que pertence.

Disso é prova não apenas a diversificação de acções que protagonizou, a variedade de serviços da autarquia e entidades externas com os quais estabeleceu frutuosas relações de trabalho e de colaboração e, sobretudo, o volume e qualidade da obra feita, afirmando-se, à escala nacional, como um exemplo .

Crê-se que o sucesso das iniciativas protagonizadas pelo CEACO se terá consubstanciado na medalha de Ouro de Mérito Municipal, conferida por unanimidade ao signatário pela Câmara Municipal de Oeiras, em 7 de Junho de 1995. Tal distinção constituirá incentivo para prosseguir no rumo traçado com empenho acrescidos.

Paço de Arcos, 11 de Dezembro de 1995

O Coordenador do Centro de Estudos
Arqueológicos do Concelho de Oeiras

Prof. Doutor João Luís Cardoso

NOTA – este Relatório foi apresentado pelo Senhor Presidente em Reunião de Câmara, havida em Dezembro de 1995.

Dos Jornais...

De diversas reportagens e notícias publicadas na Imprensa Regional e Nacional, entre 1993 e 1995, merece destaque o artigo assinado pelo arqueólogo Dr. Luís Raposo, do Museu Nacional de Arqueologia *Diário de Notícias*, de 9 de Junho de 1994, p. 15). Por isso se transcreverá, na íntegra. Ao Autor, e ao Jornal, endereçam-se os devidos agradecimentos.

A PROPÓSITO DO «CASTRO» DE LECEIA

Ensinamentos ao pé da porta

Perdoe o leitor que, em jornal de expansão nacional, sejam dedicadas algumas palavras às experiências e emoções que um lisboeta convicto não pode deixar de sentir em face daquilo que na última década deverá ter sido o melhor monumento que, em prol da Arqueologia, se ergueu na periferia de uma capital em grande medida desumanizada e convertida em bode expiatório de todas as impotências alheias, mas onde os que ainda a amam continuam a ter na memória as hortas e azinhagas que longamente percorrem na juventude. Afinal, a Arqueologia também é isto: o romantismo que leva, normalmente sem mestres, porque os não há ou eles envelheceram e deixaram prender-se pelo sistema, a passar uma boa parte da juventude em passeios de fim-de-semana nos campos de ao pé da porta, repetindo, muitas vezes sem o saber, itinerários que jovens de gerações anteriores já desbravaram, passando pelas mesmas experiências, bebendo nas mesmas fontes, enfim, desenvolvendo as mesmas cumplicidades com o passado. Os arredores de Lisboa são ricos destas memórias. E basta ler as pitorescas páginas de Luís Chaves, Joaquim Fontes, Félix Alves Pereira ou Vergílio Correia para nos darmos conta de como nas primeiras décadas deste século se obtinham preciosas informações de pastores que vigiavam o seu armento nas quintas do Lumiar; ou de como na Portela, a caminho de Alfragide, depois de fatigante caminhada a pé desde o alto de Monsanto, se podia, próximo do local onde hoje existem hipermercados, matar a sede em desejada fonte, aproveitando também para entabular conversa de circunstância com saloias que igualmente davam a conhecer novos locais arqueológicos.

Algumas gerações volvidas, também nós repetimos idênticos percursos, na companhia de companheiros do liceu ou de centros juvenis de Arqueologia. Leceia, que em 1878 Carlos Ribeiro tinha descoberto para a Arqueologia, era ponto obrigatório dos nossos fins-de-semana arqueológicos. Desconhecíamos então que outros, por vias diferentes, também percorriam o mesmo ideal juvenil, sentiam as mesmas fadigas, carregavam os mesmos bornais, bebiam dos mesmos cantis. Por isso nos reve-

mos inteiramente, e com alguma emoção, nas impressões que João Luís Cardoso diz ter sentido quando começou a frequentar o local, em Outubro de 1970: «comprazia-me com os humildes vestígios deixados no solo por aqueles longínquos e ignotos habitantes de há muitos milénios, e emocionava-me, apenas, a ideia de um dia poder ali, dar o melhor do meu esforço...». Só que, contrariamente a todos nós, que demasiado depressa deixámos sair Leceia do nosso coração, em nome da pesquisa em sítios «mais prometedores», João Cardoso porfiou, até ao ponto de nos mostrar que afinal o sonho podia mesmo existir ao pé da porta. Leceia, onde num dado momento nos pareceram um tanto pueris as horas que passámos a recolher à superfície fragmentos de cerâmica e a «esgravatar» (inconscientemente) o solo, numa profundidade que já nos consumia debaixo dos calores de Agosto, mas nunca passou dos 30 cm, continha afinal no subsolo um imenso livro por abrir. Daí que, antes do mais, a lição de Leceia seja hoje um dos melhores exemplos que podemos oferecer aos jovens que agora vivem com intensidade e singeleza iguais às nossas a paixão da Arqueologia de fim-de-semana.

Começando por estudar colecções reunidas durante as férias pelo escultor Álvaro de Brée e seu filho Gui de Brée, solicitado depois pelos poderes públicos para a realização de sondagens susceptíveis de precisar os limites do povoado (classificando como “imóvel de interesse público” desde 1963), de forma a poder apreciar um projecto de urbanização que ao início dos anos 80 a Câmara Municipal de Oeiras preparava para o local, João Cardoso depressa demonstrou que em Leceia o mais importante estava ainda por fazer. Das suas campanhas de escavações tem sido publicada abundante bibliografia, entre a qual uma primeira monografia (em 1989), há muito esgotada, e uma segunda que agora acaba de ser dada à estampa (*Leceia 1983-1993. Escavações do povoado fortificado pré-histórico*, edição da CMO). Em dez anos, Leceia converteu-se numa espécie de «jóia da coroa» do concelho de Oeiras, possuindo um pequeno núcleo expositivo (em moinho existente no local, devidamente adaptado) e sendo visitado regularmente por especialistas, estudantes e gente culta de muitos países. E conseguiu constituir-se, com o inteligente e persistente apoio de um executivo camarário que compreendeu a importância do local, em pólo dinamizador da criação de estruturas autárquicas (em 1988 foi criado o Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras), que passaram a ter uma actividade científica interdisciplinar, para além de alargar a sua atenção ao conjunto dos bens arqueológicos do concelho, mesmo aos menos vistosos, como o prova a «Carta Arqueológica» lançada em simultâneo com a monografia acima citada.

Claro que, para além dos aspectos emotivos que nos levaram nesta oportunidade a recordar o exemplo de Leceia, muito mais haveria a dizer no plano científico. Em termos gerais, Leceia coloca problemas similares aos de outros povoados fortificados do Calcolítico estremenho, tal como o do Zambujal, a que nos referimos em anterio-

res crónicas (v. *DN-Cultura*, 31 de Março e 7 de Abril último). Mas permite ser muito mais preciso, tanto pela minúcia das observações estratigráficas feitas e pela abundância das datações absolutas obtidas, como pela própria espantosa área escavada até hoje (5000 m) – a maior de povoados do género em todo o País. A análise destes elementos, assim como dos materiais móveis descobertos, permitiu verificar que Leceia começou por ser ocupada nos finais do 4.º milénio a.C., durante o Neolítico Final, por populações de que se vieram a encontrar restos físicos num sepulcro de falsa cúpula situado a cerca de 800 m do povoado. Nesta fase inicial, quando surgem as cerâmicas carenadas e os bordos denteados, a plataforma de Leceia foi ocupada extensivamente, sem a construção de quaisquer estruturas defensivas. Abandonado durante algum tempo (dois, três séculos?), o local conheceu depois a sua mais expressiva ocupação durante a primeira metade do 3.º milénio a.C. (Calcolítico Inicial), quando se utilizaram as taças e «copos» canelados. É nesta época que se iniciou a construção de fortificação, a qual parece ter sido concebida desde o início, «de uma só vez», dando origem a um complexo sistema defensivo, com três ordens de muralhas, que ao longo de três fases sucessivas vai sendo «retocado» e reparado, aparentemente de forma cada vez mais empobrecedora. Abandonado novamente, por período mais curto do que o anterior, o povoado entrou em declínio na 2.ª metade do mesmo milénio (Calcolítico Pleno), quando os recipientes cerâmicos surgem muitas vezes decorados com a forma da «folha de acácia». É nesta época que o espaço definido se reduz e se degrada a qualidade das fortificações. Finalmente, já no Calcolítico Final, na passagem para o 2.º milénio a.C., o local deverá ter sido abandonado em definitivo ou apenas frequentado esporadicamente, como o provam alguns restos insignificantes de cerâmica campaniforme.

Em muitos aspectos, mesmo sem se pretender que tenha um valor normativo global e duvidando até de algumas apreciações nele feitas (como as de um pretense proto-urbanismo, que julgamos audacioso considerar nos povoados do Calcolítico português), Leceia constitui a primeira prova documental da existência de um escalonamento cronológico no Calcolítico Inicial e Médio estremenho, que numerosos autores tinham posto em dúvida nas últimas décadas. Razão suplementar para que um destes dias, com a monografia na mão, o leitor se disponha a também folhear no local o livro que as muralhas e bastiões, os pavimentos e recintos lageados, as lareiras e as estruturas de acumulação de detritos, enfim, as portas e as casas de Leceia lhe têm para oferecer. Vale bem a pena. Basta dispôr-se a subir em passeio a «fértil e bucólica região que ainda hoje é o vale da ribeira de Barcarena», óptima via de penetração fluvial, que tanto era utilizada há 5 mil anos pelos frequentadores do povoado de Leceia, como desde o séc. XV serviu às ferrarias e fábricas de pólvora que ali se foram sucedendo, até há pouco.

LUÍS RAPOSO

Das Revistas...

Nesta pequena rubrica pretende-se dar a conhecer recensões bibliográficas sobre edições da Câmara Municipal de Oeiras no âmbito da Arqueologia. No triénio de 1993-1995, destaca-se a publicada na revista *Al-Madan*, 2.ª Série, n.º 3, 1994, p. 15, do Centro de Arqueologia de Almada, assinada pelo arqueólogo Dr. Carlos Tavares da Silva, do Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal. Foi dedicada ao livro “Leceia 1983-1993 – Escavações no povoado pré-histórico”, da autoria de J. L. Cardoso e que constitui o primeiro número especial da série “Estudos Arqueológicos de Oeiras”, datado de 1994. Com os agradecimentos ao Autor e à Revista, apresenta-se na íntegra a referida recensão.

escavações no **POVOADO FORTIFICADO DE LECEIA** um caso exemplar

Leceia é um “caso” ímpar no panorama da Arqueologia portuguesa: sobre este arqueossítio publicou Carlos Ribeiro, em 1878, a primeira monografia dedicada a um povoado pré-histórico português; desde 1983, João Luís Cardoso dirige aí, tenaz e sistematicamente, escavações em extensão que, distribuídas por onze campanhas anuais, deram a conhecer, numa área de 5000 m², um complexo sistema edificado de carácter habitacional e defensivo. João L. Cardoso tem vindo a publicar, sozinho ou contando com a colaboração de outros investigadores, sucessivos estudos sobre os resultados dessas campanhas. É no âmbito deste esforço, altamente meritório e também não muito frequente entre nós, de informar rapidamente a comunidade científica, que se insere a edição, em 1994, pela Câmara Municipal de Oeiras, do livro *Leceia 1983-1993. Escavações do Povoado Fortificado Pré-histórico*. Trata-se de obra de síntese que procede ao balanço geral dos principais resultados obtidos no decurso das referidas onze campanhas de escavação. Excelentemente ilustrada através de plantas e alçados de estruturas, desenhos de artefactos e numerosas fotografias a cores, mostrando aspectos da área escavada, oferece-nos um texto fluente e elegante, valorizado por resumos em inglês e francês.

As contribuições científicas que resultam deste(s) estudo(s) para a compreensão do processo de calcolitização da Estremadura portuguesa, em particular, e da Península Ibérica, em geral, são imensas.

Uma vez mais, e de forma agora indiscutível, dada a clareza da estratigrafia e a extensão da área escavada, se verifica que da segunda metade do IV milénio a.C. (em anos de calendário) aos finais do III milénio a.C. se assiste a uma evolução sócio-cul-

tural que assenta na dinâmica do processo histórico autóctone impulsionado pelo desenvolvimento das forças produtivas ligadas à agricultura e criação de gado (Revolução dos Produtos Secundários).

Leceia representa o mais evidente testemunho da complexidade social que emerge na passagem do Neolítico para o Calcolítico e se desenvolve ao longo deste período.

A mais antiga ocupação de Leceia remonta ao que temos vindo a designar por Neolítico final. Foi datada (em anos de calendário e para um intervalo de confiança de 2 sigma) da segunda metade do IV milénio a.C. aos inícios do milénio seguinte. Está representada pela Camada 4 (na qual se destaca, no que se refere à cerâmica, a taça carenada e o vaso de bordo em aba com decoração denteada) e pela Primeira Fase Construtiva caracterizada por estruturas exclusivamente habitacionais. Embora ainda sem estruturas defensivas, esta primeira ocupação tem lugar sobre uma plataforma rochosa provida de boas condições naturais de defesa, facto que contrasta com o observado para períodos anteriores do Neolítico em que são escolhidos, para a implantação do *habitat*, locais planos, abertos e arenosos, sem condições naturais de defesa. Esta alteração na macro-estratégia de povoamento (que se relaciona directamente com o respectivo modo de produção) pode revelar a necessidade, sentida pela primeira vez nos finais do Neolítico, de se defender um sobreproduto económico. É este sobreproduto económico que irá criar as condições materiais para a emergência de um novo modo de produção, o qual encontra a sua melhor expressão na Segunda Fase Cultural de Leceia (Camada 3), do Calcolítico Antigo da Estremadura, datada do 1.º quartel do III milénio a.C. (para um intervalo de confiança de 2 sigma). Durante esta fase cultural – com cerâmica caracterizada pelo quase desaparecimento da taça carenada, abundância de vasos de provisões (esféricos de bordo espessado) e de vasos de bordo em aba, agora desprovidos de decoração denteada, e aparecimento e desenvolvimento da decoração canelada aplicada a taças em calote e a copos – verifica-se a edificação (Segunda Fase Construtiva), com diversas modificações subsequentes (Terceira e Quarta Fases Construtivas), de uma complexa fortificação organizada em três linhas de muralhas guarnecidas por bastiões semi-circulares. Trata-se de um conjunto com características sem dúvida proto-urbanas, onde estão presentes áreas de circulação (e de reunião?) lajeadas e casas de planta circular. A diferenciação social é sugerida *“por diferenças de qualidade e de situação detectadas entre as diversas estruturas habitacionais. Com efeito, a mais expressiva destas estruturas – uma cabana circular com 7 metros de diâmetro – situa-se na zona melhor defendida [...] Sem dúvida que a grande maioria da população – a menos diferenciada socialmente – teria vivido em zonas menos privilegiadas, à sombra da protecção das muralhas, como é indicado não somente pelo registo arqueológico, mas também pela nítida desproporção entre a superfície ocupada pelas estruturas defensivas e a pequena plataforma que elas defendiam”* (p. 155). De notar que em toda esta longa

Segunda Fase Cultural, o cobre (instrumentos e resíduos de fundição) se encontra ausente, vindo só a surgir na terceira Fase Cultural, ou seja, na Camada 2, integrável no Horizonte de Cerâmica de Folha de Acácia (Calcolítico pleno da Estremadura), quando, como sublinha o autor, *“todo o dispositivo defensivo se encontrava já desativado, e, em parte, arruinado, mostrando a independência das duas realidades: metalurgia e fortificação”*.

A situação de intensa conflitualidade social resultante, por um lado, da emergência de formas de desigualdade social (não só inter, mas também, e ao contrário do que defendemos recentemente, intra-comunitárias) e, por outro, da ausência de um poder centralizado, está bem patente em Leceia através quer do poderoso sistema defensivo da Segunda Fase Cultural (Calcolítico Antigo), quer ainda da descoberta de ossos humanos no interior de uma estrutura de acumulação de detritos. Dispersos e incompletos e misturados com abundantes restos domésticos, esses ossos pertenciam a, pelo menos, três indivíduos, adultos e do sexo masculino. Tudo isto permite admitir a hipótese de se tratar *“dos restos mortais de um grupo de atacantes que, após terem sido dizimados, não teriam merecido sepultura”* (p. 156).

Resolvido, como parece estar, o problema da periodização do Calcolítico da Estremadura que, durante as últimas décadas, representou uma das principais preocupações dos nossos arqueólogos, importa agora incrementar a investigação paleo-social. E esta só será credível se assentar em escavações como a realizada em Leceia: organizada em extensão, está já a permitir, pela análise espacial intra-*habitat*, aproximarmo-nos, de modo integrado, da formação económico-social correspondente ao Calcolítico da Estremadura.

CARLOS TAVARES DA SILVA